

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO



Ademilson Tadeu Quirino

TEOLOGIA DA ESCUTA

Palavra e rito na experiência litúrgico-cristã

Tese de Doutorado

Tese apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Teologia do Departamento de Teologia da PUC-Rio.

Orientador: Prof. Luiz Fernando Ribeiro Santana

Rio de Janeiro
Janeiro de 2022



Ademilson Tadeu Quirino

TEOLOGIA DA ESCUTA

Palavra e rito na experiência litúrgico-cristã

Tese apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Teologia do Departamento de Teologia do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Luiz Fernando Ribeiro Santana

Orientador
PUC-Rio

Abimar Oliveira de Moraes

PUC-RIO

Maria Teresa de Freitas Cardoso

PUC-Rio

Marcelo Furlin

UMESP

Paulo Sérgio Carrara

ITESP

Rio de Janeiro, 23 de fevereiro de 2022.

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem a autorização da universidade, do autor e do orientador.

Ademilson Tadeu Quirino

Graduado em Filosofia (1996) e Teologia (2000) pelo Seminário Diocesano Nossa Senhora do Rosário, Caratinga-MG. Bacharel em Teologia pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (2006). Pós-Graduado *Lato Sensu* em “Cultura e meios de comunicação: uma abordagem teórico-prática”, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2009), e em “Especialização em liturgia, ciência e cultura”, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2015). Mestre em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2017). Tem livros publicados pelas editoras A Partilha, Credo Ediciones e Dom Carloto, além de capítulos de livros publicados pela editora Paulus, coleção “Atualização Litúrgica”, e pela editora Atenas. É membro da Associação dos Liturgistas do Brasil (ASLI). Atualmente é pároco na Paróquia Nossa Senhora Aparecida; professor no Seminário Diocesano Nossa Senhora do Rosário, em Caratinga-MG, no Seminário Propedêutico São José, em Ubaporanga-MG, e no Instituto Teológico São José, em Mariana-MG; membro da equipe editorial do Semanário litúrgico-catequético “O Semeador”, da Diocese de Caratinga-MG; e presbítero do clero da Diocese de Caratinga-MG, desde 2002.

Ficha catalográfica

Quirino, Ademilson Tadeu

Teologia da escuta : palavra e rito na experiência litúrgico-cristã / Ademilson Tadeu Quirino ; orientador: Luiz Fernando Ribeiro Santana. – 2022.

387 f. ; 30 cm

Tese (doutorado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Teologia, 2022.

Inclui bibliografia

1. Teologia – Teses. 2. Teologia da escuta. 3. Palavra de Deus. 4. Liturgia. 5. Conversão pastoral. 6. Iniciação à vida cristã. I. Santana, Luiz Fernando Ribeiro. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Teologia. III. Título.

CDD: 200

Agradecimentos

A Deus, em primeiro lugar, pelo dom da vida.

A meus pais, mestres na capacidade da escuta.

A meu orientador, prof. Luiz Fernando Ribeiro Santana, gratidão pela paciência, pela dedicação, pela motivação, pelo incentivo e pelo apoio nos momentos em que mais precisei. Sua presença serena e encantada me fez olhar para frente e aguçar meus ouvidos para aquilo que deveria ser o essencial em minha trajetória acadêmica. Com seu sorriso largo e suas palavras tão comoventes, pude chegar até aqui. Sou-lhe eternamente grato por tudo.

Ao CAPES/PROSUC/BOLSA e TAXAS e à Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, pelos auxílios concedidos, sem os quais este trabalho não poderia ser realizado.

À diocese de Caratinga, na pessoa de Dom Emanuel Messias de Oliveira, bispo diocesano, pelo incentivo, pelo investimento e pela oportunidade.

A meus irmãos do presbitério, pela motivação e pelo apoio.

Ao Seminário Diocesano de Caratinga e ao Seminário Propedêutico São José de Uaporanga; aos formadores e formandos, minha profunda gratidão.

Às paróquias onde exerci e exerço o ministério presbiteral, meu muito obrigado.

Ao amigo e irmão de presbitério, Pe. Sebastião Caetano Dias, que vem me auxiliando na paróquia como vigário paroquial, minha eterna gratidão.

À Arquidiocese de São Sebastião do Rio de Janeiro, na pessoa do senhor cardeal Dom Orani João Tempesta, gratidão pela acolhida em sua Igreja particular e pelo uso de ordem durante o tempo que aí residi.

À Paróquia Nossa Senhora da Glória, no largo do Machado, Rio de Janeiro, na pessoa de Pe. Geovane Ferreira da Silva, pároco, minha gratidão pela acolhida, pela hospedagem e pela amizade.

Ao Mons. João Alves Guedes e ao Pe. André Luiz Bordignon Meira, muito obrigado pela amizade, pela fraternidade, pelo companheirismo e pela motivação nesta árdua jornada acadêmica.

Ao Instituto Teológico Franciscano (ITF) de Petrópolis, na pessoa do Frei Fábio César Gomes, guardião da fraternidade São Francisco de Assis dos frades Franciscanos, muito obrigado pela acolhida calorosa, pela hospedagem durante minha pesquisa na biblioteca do ITF.

Aos oblatos beneditinos do núcleo de Caratinga, muito obrigado pelo carinho da amizade, pelo incentivo, pelas contribuições e orações durante este tempo de pesquisa.

Enfim, agradeço a todos meus amigos e amigas pelo incentivo, pelo apoio e pelo estímulo nos momentos de que mais precisei.

Deus os recompense!

Resumo

Quirino, Ademilson Tadeu; Santana, Luiz Fernando Ribeiro. **Teologia da escuta**: Palavra e rito na experiência litúrgico-cristã. Rio de Janeiro, 2022. 387p. Tese de Doutorado – Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

A presente pesquisa sobre a escuta na experiência litúrgico-cristã é um diálogo entre a ciência teológica e outras áreas das ciências humanas, perfazendo um caminho interdisciplinar. O texto foi construído a partir do binômio “Palavra-rito” e intuído com base na celebração do culto cristão. A questão levantada como hipótese para este trabalho é: se a Escritura tem seu primado no culto cristão, por que se constata tantos obstáculos em escutá-la e compreendê-la nas celebrações litúrgicas? E quais são as consequências disso para o processo de iniciação e amadurecimento dos cristãos, no que se refere à experiência de fé e, por conseguinte, ao seu testemunho? Indagações e inquietações como estas marcaram profundamente o percurso desta pesquisa de reflexão teológico-litúrgica e pastoral. O cenário apresentado a partir das questões elencadas revela como a Igreja do século anterior se viu provocada pelos movimentos de renovação bíblica e litúrgica, os quais desaguaram no Concílio Ecumênico Vaticano II e, particularmente, nas constituições *Sacrosanctum Concilium* e *Dei Verbum*, marcadamente por propostas teológico-pastorais. Nelas percebemos como os Padres conciliares viram a urgência de considerar a excelência da escuta e da resposta da Escritura na liturgia e na vida cristã. Portanto, a Igreja, provocada a educar-se à escuta, é incentivada a um permanente e constante processo de conversão pastoral, pois esse novo cenário requer dela novos métodos. Um deles é o processo de iniciação à Escritura e à liturgia, em vista do itinerário à vida cristã. Esse caminho tão urgente e necessário para a Igreja hoje potencializa a via possível para a pessoa chegar ao encontro pessoal e comunitário com Jesus Cristo. Esse encontro é vivenciado mediante uma consistente experiência de fé conduzida pelo itinerário catequético, o qual orienta e conduz o iniciante a testemunhar Cristo no seu cotidiano. Assim, a pesquisa parte da fundamentação antropológica e bíblica da escuta, com o objetivo de preparar o alicerce para a compreensão da escuta litúrgica da Escritura, à luz da *Sacrosanctum Concilium*, para depois trabalhar as perspectivas pastorais em vista de uma renovada expressão da escuta litúrgica da Escritura.

Palavras-chave

Teologia da Escuta; Palavra de Deus; Liturgia; Conversão pastoral; Iniciação à vida cristã; Mistagogia.

Abstract

Quirino, Ademilson Tadeu; Santana, Luiz Fernando Ribeiro (Advisor).
Theology of listening: Word and rite in the liturgical-Christian experience.
Rio de Janeiro, 2021. 387p. Doctoral thesis – Department of Theology,
Pontifical Catholic University of Rio de Janeiro.

The present research on listening in the liturgical-Christian experience is a dialogue between theological science and other areas of the human sciences, making an interdisciplinary path. The text was constructed from the binomial “Spirit-Word” and intituted on the basis of the celebration of Christian worship. The question raised as a hypothesis for this work is: if Scripture has its primacy in Christian worship, why are there so many obstacles in listening to it and understanding it in liturgical celebrations? And what are the consequences of this for the process of initiation and maturation of Christians, with regard to the experience of faith and, therefore, their witness? Questions and concerns such as these have deeply marked the course of this research of theological-liturgical and pastoral reflection. The scenario presented from the questions listed reveals how the Church of the previous century was provoked by the movements of biblical and liturgical renewal, which came at the Second Vatican Ecumenical Council and, particularly, in the constitutions *Sacrosanctum Concilium* and *Dei Verbum*, marked by theological-pastoral proposals. In them we perceive how the Council Fathers saw the urgency of considering the excellence of listening and the response of Scripture in the liturgy and in Christian life. Therefore, the Church, provoked to educate oneself to listen, is encouraged to a permanent and constant process of pastoral conversion, because this new scenario requires new methods from her. One of them is the process of initiation into Scripture and the liturgy, in view of the journey to Christian life. This urgent and necessary path for the Church today enhances the possible way for the person to reach a personal and community encounter with Jesus Christ. This encounter is experienced through a consistent experience of faith conducted by the catechetical itinerary, which guides and leads the beginner to witness to Christ in his daily life. Thus, the research is based on the anthropological and biblical foundation of listening, with the aim of laying the foundation for the understanding of the liturgical listening of Scripture, in the light of the *Sacrosanctum Concilium*, and then working on pastoral perspectives in view of a renewed expression of the liturgical listening of Scripture.

Keywords

Listening Theology; Word of God; Liturgy; Pastoral conversion; Initiation to Christian life; Mystagogy.

Sumário

Lista de siglas	10
1. Introdução.....	12
2. Fundamentação antropológica e bíblica da escuta.....	19
2.1 A antropologia da escuta.....	20
2.1.1 Antropologia da escuta: a fisiologia e o córtex auditivo cerebral	22
2.1.1.1 As orelhas humanas e sua importância na escuta	22
2.1.1.2 A importância anatomofisiológica do córtex auditivo para a escuta ..	27
2.1.1.3 O sentido antropológico da escuta humana	29
2.1.2 A antropologia da escuta nas relações humanas.....	36
2.1.2.1 Alteridade e empatia na escuta	37
2.1.2.2 Educar-se para a escuta	40
2.1.2.3 A escuta na cultura digital	44
2.1.2.4 A escuta nas redes sociais é possível?	50
2.1.3 Antropologia da escuta: relação do ser humano com Deus	54
2.1.3.1 Palavra de Deus e palavra humana	56
2.1.3.2 Como Deus fala ao ser humano?	59
2.1.3.3 A Palavra de Deus na vida do ser humano	62
2.1.3.4 A escuta entre Deus e o ser humano	64
2.2 Fundamentação bíblica da escuta no Antigo e no Novo Testamento	69
2.2.1 A importância da escuta na literatura do Antigo Testamento	70
2.2.1.1 A escuta na literatura do Pentateuco.....	71
2.2.1.2 A escuta na literatura dos livros históricos	77
2.2.1.3 A escuta na literatura sapiencial e profética	83
2.2.2 A escuta na literatura do Novo Testamento.....	87
2.2.2.1 A escuta na narrativa do evangelho de Marcos e Mateus.....	89
2.2.2.2 A escuta na narrativa do evangelho de Lucas.....	95
2.2.2.3 A escuta na narrativa do evangelho de João	105
2.2.2.4 A escuta da Escritura nas comunidades pós-pascuais	111
2.2.2.5 A escuta na literatura dos Atos dos Apóstolos	111
2.2.2.6 A escuta na literatura paulina	118
2.2.2.7 A escuta na literatura das Cartas Católicas e Apocalipse	122

3. A escuta litúrgica da Escritura à luz da <i>Sacrosanctum Concilium</i>	133
3.1 O retorno às fontes.....	135
3.1.1 A escuta litúrgica da Escritura nos primeiros séculos da era cristã	140
3.1.1.1 A escuta da Escritura na preparação dos catecúmenos	147
3.1.2 Os movimentos de renovação na Igreja	154
3.1.2.1 O movimento bíblico.....	157
3.1.2.2 O movimento litúrgico.....	165
3.2 A escuta da Escritura na liturgia à luz da <i>Sacrosanctum Concilium</i> . 178	
3.2.1 Escritura e liturgia.....	182
3.2.2 Palavra e rito na escuta da Escritura	190
3.2.3 A relação entre Escritura e sacramento.....	194
3.2.4 A escuta da Escritura na celebração eucarística.....	198
3.2.4.1 A proclamação da Escritura na liturgia da missa.....	204
3.2.4.2 Os Salmos na liturgia	211
3.2.4.3 A escuta mistagógica na proclamação do Evangelho	216
3.2.4.4 A homilia: suscita fé, alimenta a esperança e conduz à prática .	222
3.2.5 Como promover a escuta litúrgica da Escritura.....	226
3.2.5.1 Promover a celebração dominical da Palavra de Deus	228
3.2.5.2 Promover a celebração da Liturgia das Horas na comunidade ..	230
3.2.5.3 A escuta da Escritura alimentada pela <i>Lectio Divina</i>	233
4. Perspectivas teológico-pastorais para a escuta litúrgica da Escritura ..	241
4.1 Igreja: casa da escuta da Palavra	242
4.1.1 Lugar do encontro, do culto e da mística	245
4.1.2 A mistagogia da casa da Palavra.....	251
4.1.2.1 O espaço externo	256
4.1.2.2 O espaço interno	258
4.2 O ser humano: casa da Palavra	267
4.2.1 Casa da Palavra e da escuta	275
4.2.2 Casa da conversão	281
4.2.3 Casa da iniciação à vida cristã	290
4.2.4 Casa do testemunho.....	296
4.3 Educar-se à escuta litúrgica da Escritura	303
4.3.1 O Espírito Santo: pedagogo da escuta bíblica	304

4.3.2 Iniciação bíblico-litúrgica.....	309
4.3.1.1 Na Igreja doméstica e paroquial.....	312
4.3.1.2 Dos pastores e fiéis.....	318
4.3.1.3 Experiências mistagógicas.....	324
4.4 Perspectivas para a pastoral litúrgica.....	330
4.4.1 Sensibilidade cósmica da escuta.....	331
4.4.2 Sinodalidade da escuta da Escritura na liturgia.....	338
4.4.3 A escuta litúrgica na pós-pandemia.....	345
5. Conclusão.....	354
Referências bibliográficas.....	361

Lista de siglas

AG	<i>Ad Gentes</i>
AI	<i>Aperuit Illis</i>
AL	<i>Amoris Laetitia</i>
ALB	Associação dos Liturgistas do Brasil
CB	Cerimonial dos Bispos
CC	Congregação para o Clero
CCDDS	Congregação do Culto Divino e Disciplina dos Sacramentos
CEC	Catecismo da Igreja Católica
CEPABC	Comissão Episcopal para a Animação Bíblico-Catequética
CfL	<i>Christifideles Laici</i>
CIC	<i>Codex Iuris Canonici</i>
CLV	Centro Litúrgico <i>Vincenziano</i>
CNBB	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil.
CT	<i>Catechesi Tradendae</i>
DAp	Documento de Aparecida
DAS	<i>Divino Afflante Spiritu</i>
DC	Diretório para a Catequese
DCe	<i>Dominicae Cenaе</i>
DE	<i>Domus Ecclesiae</i>
DP	Documento Preparatório
DV	<i>Dei Verbum</i>
DVi	<i>Dominum et Vivificantem</i>
EDREL	Enquirídio dos Documentos da Reforma Litúrgica.
EG	<i>Evangelii Gaudium</i>
EN	<i>Evangelii Nuntiandi</i>
FC	<i>Familiares Consortio</i>
FT	<i>Fratelli Tutti</i>
GS	<i>Gaudium et Spes</i>
IGLH	Instrução Geral sobre a Liturgia das Horas
IGMR	Instrução Geral do Missal Romano
LC	<i>Laudis Canticum</i>
LG	<i>Lumen Gentium</i>

LS	<i>Laudato Si'</i>
MND	<i>Mane Nobiscum Domine</i>
MQ	<i>Ministeria Quaedam</i>
MR	Missal Romano
MS	<i>Musicam Sacram</i>
OL	<i>Orientale Lumen</i>
OLM	Ordinário das Leituras da Missa
PCB	Pontifícia Comissão Bíblica
PCCS	Pontifício Conselho para as Comunicações Sociais
PD	<i>Providentissimus Deus</i>
PF	<i>Porta Fidei</i>
PO	<i>Presbyterorum Ordinis</i>
RB	Ritual de Bênçãos
RBC	Ritual de Batismo de Crianças
RICA	Ritual de Iniciação Cristã de Adultos
RDIA	Ritual da Dedicção de Igreja e de Altar
RH	<i>Redemptor Hominis</i>
RM	Ritual do Matrimônio
RO	Ritual de Ordenação
SaCa	<i>Sacramentum Caritates</i>
SC	<i>Sacrosanctum Concilium</i>
SCR	Sagrada Congregação dos Ritos
SF	<i>Sensus Fidei</i>
SGSB	Secretaria Geral do Sínodo dos Bispos
SNL	Secretaria Nacional de Liturgia
SP	<i>Spiritus Paraclitus</i>
SS	<i>Spiritus et Sponsa</i>
UR	<i>Unitatis Redintegratio</i>
VD	<i>Verbum Domini</i>
VQA	<i>Vincessimus Quintus Annus</i>

1. Introdução

O Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965) aconteceu em um momento de grandes mudanças no pensamento eclesial, sociológico, político e econômico mundial. Tais mudanças começaram a acontecer com a Revolução Industrial, iniciada na Inglaterra na segunda metade do século XVIII, quando as máquinas passaram a substituir a mão de obra humana, como a máquina a vapor na indústria têxtil e a locomotiva. No século XIX, o capitalismo tornou-se cada vez mais competitivo e monopolista, e poucas empresas dominavam o comércio mundial. Já na segunda metade do século XX, após a Segunda Guerra Mundial, surge a revolução técnico-científica, com o desenvolvimento eletrônico, a informática e a automação das indústrias. Hoje, a era digital domina o mundo. Com isso, muda de forma abrupta a relação e interação humanas. As distâncias entre as pessoas se encurtaram, pelo “ser” *online*. O ambiente digital está presente na educação, nos cultos religiosos, na catequese e nas diversas áreas de atuação pastoral da Igreja.

A Igreja do antes, durante e pós-Vaticano II está inserida nesse processo de mudança social e constantemente está sendo convocada a renovar seu método querigmático de anúncio e testemunho da Palavra de Deus, pela escuta desses acontecimentos na sociedade como um todo.

Recentemente, com a pandemia da Covid-19, a Igreja precisou rever sua metodologia, entrando totalmente nas redes sociais, mesmo que de forma amadora, para continuar conectada com seus fiéis. Os templos vazios, devido às orientações da vigilância sanitária, têm sido um apelo à conversão eclesial sobre o cuidado com o próximo. Nesse sentido, o ambiente digital vem sendo um aliado no anúncio e na escuta da Palavra de Deus. Pelas redes sociais, os fiéis acompanham as atividades religiosas da comunidade: celebrações, reuniões, formações, retiros etc.

A ciência teológica, nesse sentido, também está sendo constantemente convocada a escutar esses sinais dos tempos para poder ressignificar a sua ação pastoral, principalmente no campo da liturgia, pois esta é a fonte e o cume de toda ação da Igreja. Nela, os fiéis abraçam a fé em Cristo, renovam e aprofundam sua

Aliança com o Senhor. Além de a liturgia ser uma fonte de graças na vida dos fiéis, ela faz brotar com eficácia a santidade em Cristo e a glória de Deus.¹

Assim, alinhados ao espírito e ao método assumido pelo Concílio Ecumênico Vaticano II, sobretudo nas constituições *Sacrosanctum Concilium* e *Dei Verbum*, pretendemos abordar a teologia da escuta² na liturgia como processo de iniciação e maturação da fé na Igreja dos fiéis. A teologia da escuta será fundamental para nossa reflexão, por ser ela condição essencial para nossa adesão à pessoa de Jesus Cristo e à comunidade de fé. Como afirma o apóstolo Paulo, a fé vem pelo ato de escutar (Rm 10,17),³ sendo que a primeira escuta é a de Deus (Ex 3,7). Ele é quem convoca o povo a escutá-lo (Dt 6,4), e aqueles que procuram escutar o Senhor estabelecem com ele a Aliança, prometendo praticar e obedecer a seus mandamentos (Ex 19,4-6; 24,7). Dessa forma, o resultado da Aliança no Sinai entre Deus e Israel originou-se da escuta obediente.

Com efeito, a estrutura interna e decisiva da teologia da escuta é a Palavra de Deus na liturgia. Pela escuta, a comunidade se conecta integralmente ao mistério de Cristo celebrado na liturgia. Essa conexão é articulada pelo silêncio acolhedor de cada fiel que se coloca inteiramente à escuta do Senhor, que fala não de forma passiva, mas ativa, isto é, operacional-cognitiva. E, quando falamos de processo operacional-cognitivo, referimo-nos à memória operativa que pode ser definida como o conjunto de um processo que nos permite armazenar e manipular informações temporárias e realizar tarefas cognitivas mais complexas. Dessa forma, os fiéis reunidos para escutar a Escritura se conectam ao mistério de Cristo celebrado na liturgia, a tal ponto que tornam viva e eficaz a Palavra escutada (Hb 4,12).

Para favorecer e aprofundar a compreensão da teologia da escuta da Escritura na liturgia, recorreremos a outras ciências humanas, para depois falar da escuta da Palavra de Deus. Fazer essa passagem com um diálogo interdisciplinar ou

¹ SC 10.

² A escuta em nossa pesquisa será compreendida como processo operacional teológico-litúrgico, sem deixar de considerar a dimensão fisiológica e metafórica no campo cognitivo da audição. Ressaltamos que a reflexão sobre a escuta não se reduz ao campo da audição, mas também se relaciona à teologia da escuta, que convoca a constituir a Igreja dos fiéis. Portanto, mesmo fazendo recurso das outras áreas das ciências humanas, o escopo de nossa pesquisa é sempre fazer teologia.

³ A versão bíblica utilizada aqui será a *Bíblia Sagrada*, tradução oficial da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. Contudo, outras versões bíblicas serão usadas, quando se tratar de comentários e notas de pé.

transdisciplinar será necessário para atingir o objeto de nossa pesquisa, que é a “teologia da escuta” na liturgia. Assim, o discurso teológico abrangerá um horizonte hermenêutico mais amplo, a ponto de interpretar e contemplar, em viva articulação, as capacidades históricas e transcendentais do viver a fé.

A escuta, nesse sentido, será tomada para além da dimensão exclusivamente sociocultural da comunidade de fé, ultrapassando a fenomenologia pura e simples da adesão comunitária, enquanto conexão coletiva auditiva das ações litúrgicas. Sua base é a “teologia da escuta”. Quer dizer, mediante a realidade operacional cognitiva da escuta, a comunidade dos fiéis, convocada pela Palavra, faz sua experiência profunda da fé. Bento XVI afirma que a fé cresce em nós quando vivemos a experiência do amor a Deus e ao próximo. Segundo ele, a fé alarga o nosso coração e nos permite abrir a mente para escutar, acolher e aderir à Palavra de Deus.⁴

Nesse sentido, a hipótese que levantamos é a seguinte: se a Escritura tem a primazia na liturgia e é tão importante para a iniciação dos fiéis à vida cristã e à maturação da fé, como se constata na Tradição e no Magistério da Igreja, por que razão a maioria dos fiéis encontra dificuldades para escutar e compreender a Palavra de Deus nas celebrações litúrgicas? De que forma a teologia da escuta pode contribuir para a escuta na liturgia? Portanto, nossa hipótese tem por objetivo aprofundar a teologia da escuta como acontecimento salvífico, em diálogo com o processo que alimenta o dinamismo mistagógico-celebrativo entre Palavra e rito, próprio da fé cristã na liturgia. Para nós, o processo mistagógico será um recurso indispensável para que a Palavra de Deus seja escutada e acolhida pela Igreja dos fiéis, de forma concreta e histórica, vivenciando o que se celebra em plenitude.

Daí a necessidade de criar estratégias que viabilizem a escuta da Palavra de Deus na liturgia. Sabemos que uma boa iniciação bíblica, litúrgico-mistagógica, espiritual e técnica aos fiéis será de suma importância. Também é perceptível a necessidade de educar para a escuta na liturgia. A escuta solidifica nosso encontro com Deus e com o outro. Por outro lado, pode ser que não falte apenas formação, instrução, mas uma experiência litúrgico-ritual e mistagógica na escuta da Escritura, para a vivência da fé em Cristo.

⁴ PF 7 e 195.

Ademais, passados quase sessenta anos do Concílio Vaticano II, ainda sentimos necessidade de iniciação bíblica e litúrgica dos fiéis de forma intensa e permanente. Uma comunidade iniciada na fé por meio da escuta da Escritura e da liturgia participa melhor das ações sagradas e compreende com mais facilidade o rito da Palavra de Deus expresso na liturgia. A dignidade da Palavra e do rito pede, para tal ofício, uma formação bíblica, litúrgica, espiritual e técnica.⁵

Quanto mais os fiéis forem iniciados na Escritura e na liturgia, melhor será a sua participação nas celebrações litúrgicas, e mais significativo ainda será o desempenho ritual deles nas funções ministeriais. Para tanto, a formação permanente faz-se essencial, pois os que desempenham funções na liturgia exercem verdadeiro ministério litúrgico e devem fazê-lo com devoção e ordem. Além do mais, desde cedo, precisam estar imbuídos do espírito da liturgia e devidamente iniciados no correto desempenho de seus respectivos papéis.⁶

Aliás, a reflexão sobre a escuta da Palavra de Deus e a participação ativa dos fiéis na liturgia, como salienta a constituição *Sacrosanctum Concilium*, ainda estão em aberto. Por isso, deve-se redescobrir a importância que a Escritura tem na liturgia, pois o Concílio afirma que ela é “anúncio das maravilhas de Deus na história da salvação e do mistério de Cristo, que está sempre presente de maneira ativa, especialmente nas ações litúrgicas”.⁷ E a liturgia é o lugar privilegiado para os fiéis escutarem a Escritura e, por meio dela, alimentarem sua fé.

Em tempos de “liquidez”,⁸ a reflexão teológica da escuta torna-se oportuna para nova apreciação da Escritura na liturgia. A temática da “teologia da escuta”, em relação à “Palavra e rito” na vivência litúrgico-cristã, torna-se atual. No âmbito teológico, a novidade deste nosso trabalho inscreve-se no esforço de reconhecer e apresentar o conteúdo da teologia da escuta na liturgia, de tal forma que inspire sua equivalência ritual-mistagógica, conforme a ciência da teologia litúrgica.

Assim, a pertinência de nossa pesquisa se baseia na natureza e na importância da escuta da Sagrada Escritura na vida litúrgica da Igreja, que perpassa uma subjacente teologia litúrgica da escuta da Escritura por parte da comunidade cristã. Dando realce ao aspecto teológico, espiritual e pastoral, sem deixar de contemplar

⁵ OLM 55.

⁶ SC 28-29.

⁷ SC 35.

⁸ BAUMAN, Z., *Modernidade líquida*, p. 7.

o contexto histórico da Igreja hoje, o estudo propõe uma perspectiva pedagógica sobre a escuta da Escritura nas ações litúrgicas, como preceitua o Concílio Vaticano II nas constituições *Sacrosanctum Concilium* e *Dei Verbum*. Desse modo, a teologia bíblica, litúrgica, patrística, aliadas ao Magistério, serão partes necessárias à elaboração da presente pesquisa.

Contudo, a teologia, como núcleo em torno do qual se configura a forma mais abrangente e penetrante de aproximação da realidade, exprime que não é a identidade coletiva de um agrupamento humano ou sua coesão psicológica e afetiva que garante, isoladamente, relevância teológica para a escuta, mas sim a disposição ao intercâmbio ritual-operativo, próprio de uma relação que constitui algo como “teologia”.

Desse modo, os aspectos integrantes da identidade teológica da escuta serão o eixo comunitário do *shemá Israel* (Dt 4,6) e do *fides ex auditu* paulino (Rm 10,17), que perpassam toda a economia da salvação, configurando um *modus operandi* de expressão e vivência da Aliança; ou mesmo o verdadeiro alcance da relação entre escuta e vivência litúrgico-cristã, a partir de considerações sobre a “eclesiologia da Palavra”, muito comum nos Padres da Igreja e resgatada pelo Concílio Vaticano II.⁹

Propomo-nos, portanto, a tarefa de adentrar, com senso histórico-salvífico e teológico, o campo da investigação da escuta da Palavra de Deus na liturgia, atingindo, posteriormente, as perspectivas pastorais para uma renovada expressão e experiência da teologia da escuta na liturgia. Esta segunda parte, de caráter mais aplicativo e pastoral, é impostada pela metodologia ritual-mistagógica, de inspiração catecumenal,¹⁰ antigo recurso eclesial redescoberto nos últimos anos por sua excelente capacidade pedagógico-espiritual.¹¹ A ritualidade mistagógica da escuta da Palavra na liturgia encarregar-se-á, assim, de traduzir para as realidades envolvidas na celebração da fé (ritos, preces, participação, ministérios, tempos, espaços e lugares) as contribuições assimiladas na pesquisa teológica.

Tendo em vista que é nossa intenção assumir a impostação da teologia em todo o trabalho, tanto em conteúdo quanto estilo, adotaremos o viés ritual-mistagógico no encaminhamento de considerações teológico-pastorais, que se

⁹ SC 35.

¹⁰ CNBB, n. 43-44 (Est. 97).

¹¹ MURONI, P. A., *La mistagogia ritrovata*, p. 75.

desenvolvem dentro da dinâmica da revelação. Isso sugere, ainda, tanto um processo de conscientização sobre a história da salvação quanto a profundidade de apreensão de sua verdade na ação litúrgica.¹²

É claro que, introdutoriamente, a questão da escuta será apresentada por meio de um percurso operacional-cognitivo de “faro” teológico, para que todo esse itinerário formal de reflexão se assente sobre sua necessária contextualização. Para a ciência litúrgica, um dado que sobressai é o viver a ação ritual como fonte espiritual, superando o divórcio entre Palavra e rito, agravado ao longo dos séculos. A escuta na *ars celebrandi*, certamente, contribui para a inseparabilidade da experiência religiosa, de forma corpórea e integral.

Sendo assim, percorreremos as seguintes etapas: a introdução geral será considerada como capítulo primeiro da tese, depois vem o corpo da tese, desenvolvido nos capítulos segundo, terceiro e quarto. O quinto capítulo, isto é, o item cinco, será considerado a conclusão da tese. No corpo da tese, a partir do segundo capítulo, trataremos da fundamentação antropológica e bíblica da escuta, sendo que, no campo antropológico, trataremos da importância da escuta humana relacionada ao âmbito fisioanatômico e auditivo do córtex cerebral. Avançaremos para a importância da escuta da pessoa humana nas relações pessoais e interpessoais, para depois nos aventurarmos a mostrar a relação de escuta entre Deus e a pessoa humana. Essa primeira parte nos preparará para a fundamentação bíblica da teologia da escuta no Antigo e no Novo Testamento, a partir do *shemá Israel* (Dt 6,4) e do *fides ex auditu* paulino (Rm 10,17).

No terceiro capítulo, abordaremos a escuta litúrgica da Escritura à luz da *Sacrosanctum Concilium*, tendo como aliada a *Dei Verbum*. Primeiramente revisitaremos algumas fontes patrísticas, os movimentos de renovação da Igreja, com destaque para o movimento bíblico e litúrgico, e a seguir veremos a escuta da Escritura na liturgia à luz da *Sacrosanctum Concilium*, quando aprofundaremos a escuta litúrgica da Escritura na dimensão sacramental e celebrativa da Palavra de Deus.

Por fim, no quarto capítulo, apresentaremos as perspectivas teológico-pastorais para uma renovada expressão da escuta da Escritura na liturgia.

¹² COSTA, R. F., *Mistagogia hoje*, p. 77-81.

Começaremos pelo conceito de Igreja enquanto casa da escuta e da iniciação à Escritura, com ênfase no aspecto mistagógico da Igreja como corpo místico de Cristo e como espaço físico-mistagógico do encontro entre Cristo e a comunidade dos fiéis. Em seguida, mostraremos a necessidade de educar para uma profunda conversão à escuta pastoral, a fim de uma renovada experiência do mistério celebrado. Assim, propomos alguns pontos que serão desenvolvidos neste capítulo: como nos educar para a escuta hoje? Como nos educar para a escuta da Escritura na liturgia? Essas questões terão como fundamentação a sensibilidade cósmica e sinodal da escuta litúrgica na Escritura, em uma Igreja em saída e que “primeira”.

Enfim, nossa pesquisa poderá ser uma grande contribuição, já neste tempo – e ainda não – de pós-pandemia, tanto para a reflexão teológica quanto para a prática pastoral, já que a tarefa de ambas deve ser a renovação profunda da experiência da linguagem eclesial quanto à escuta da Escritura. Essa renovação pode irromper de uma lógica diversa, ajudando a conduzir a Igreja, hoje, na direção de uma nova e desejada experiência da verdade e do mistério contidos na Palavra escutada, celebrada e vivida pelos cristãos, em uma Igreja em permanente saída.

Contudo, sem a pretensão de esgotar essa reflexão, deixamos aberto o caminho a ser percorrido, augurando – quem dera! – uma leitura de todo o complexo litúrgico que procede de todas as partes que compõem o ser humano, tendo como ponto inicial não um ser idealizado, instrumentalizado, mas um ser que participe ativamente e integre a grande escola de escuta da *ars celebrandi*, aquela arte que aprende e ensina, desde sempre, em uma Igreja, a escuta às normas da *ars credendi*.

2. Fundamentação antropológica e bíblica da escuta

A escuta¹³ é essencial para a relação com o eu interior, com o outro, com o cosmos e com Deus. Ela é integradora: o corpo e todos os sentidos participam do processo da escuta humana. O corpo escuta de forma integrada, e a arte da escuta está na empatia. Com uma escuta empática, o ser humano fortalece vínculos, promove encontros e derruba obstáculos, tornando o convívio mais leve e comprometido. Portanto, a acolhida de si e do outro pressupõe primeiramente a escuta.

O Papa Francisco afirma que a acolhida é, acima de tudo, teologia da escuta que se abre ao encontro e ao diálogo com as diversas religiões, culturas e etnias, em uma realidade multicultural e pluricultural das relações. Contudo, segundo ele, isso só será possível a partir de uma hermenêutica teológica que pressuponha e comporte a escuta consciente.¹⁴

O objetivo da fundamentação antropológica e bíblica da escuta é compreender o ser humano como ser da escuta de si e do outro para somente depois compreendê-lo como escutador da Palavra de Deus. Portanto, será relevante o diálogo em interface com outras áreas das ciências humanas para entender a importância da escuta litúrgica hoje. Ressaltamos que nossa pesquisa teológica terá como fio condutor o *shemá Israel* (Dt 6,4)¹⁵ e o *fides ex auditu* paulino (Rm 10,17).

Dessa forma, nossa meta neste capítulo é ressaltar a escuta enquanto processo antropológico e bíblico. No contexto antropológico, vamos abordar, primeiramente, o aspecto fisiológico e antropológico da escuta humana em diálogo com outras ciências e, depois, a escuta no contexto bíblico.

O pressuposto da escuta teológica é o próprio Deus. Ele é o primeiro escutador. A teologia da escuta embrenha-se na relação do ser humano com Deus e de Deus com o ser humano. Nesse sentido, algumas questões serão levantadas: o

¹³ A escuta, em nossa pesquisa, será compreendida como processo operacional teológico-litúrgico, sem deixar de considerar a dimensão fisiológica e metafórica no campo cognitivo da audição. Ressaltamos que a reflexão sobre a escuta não se reduz ao campo da audição, mas estende-se à teologia da escuta, que convoca a constituir a *ekklesia* dos fiéis. Portanto, mesmo recorrendo a outras áreas das ciências humanas, o nosso escopo será a “teologia da escuta litúrgica”.

¹⁴ FRANCISCO, PP, A Teologia depois da *Veritatis Gaudium* no contexto do mediterrâneo, p. 1.

¹⁵ A versão bíblica utilizada nesta pesquisa será a Bíblia Sagrada – Tradução oficial da CNBB.

que é escuta humana e o que é escuta divina? Como Deus fala? Essas e outras perguntas aparecerão neste capítulo para a fundamentação teológica da escuta.

2.1

A antropologia da escuta

A integridade anatomofisiológica do ser humano, tanto em sua porção periférica quanto central, permite aos ouvidos receber, analisar e organizar as informações acústicas do ambiente. O ser humano é capaz de prestar atenção, detectar, discriminar e localizar sons, além de memorizar e integrar experiências auditiva para atingir o reconhecimento e a compreensão da fala.

A experiência sensível e racional do ser humano passa pelo processo fisiológico da audição, que, por meio do ouvido, responde à vibração mecânica das ondas sonoras, recebendo também estímulos provocados por alterações da posição da cabeça no espaço e pela percepção do movimento.¹⁶ Dessa forma, o som necessita de um ambiente que permita sua propagação. T. Zarantin, ao falar sobre a importância dos sons para o ser humano, descreve:

Os sons sempre exerceram um fascínio irresistível sobre os homens. Assim é que o homem pré-histórico, ao descobrir o som de sua própria voz, percebeu que podia produzir sons diferentes, de diversas maneiras: soprando um canudo de osso ou madeira; batendo em objetos; vibrando a corda de um arco [...]. Os instrumentos musicais foram criados, portanto, com base na observação dos sons da natureza e, principalmente, na imitação da voz humana. Aperfeiçoados ao longo do tempo, resultaram no que são hoje, e foram organizados em famílias.¹⁷

A estrutura anatômica do ouvido humano é composta de órgãos sensoriais da audição, da codificação e decodificação dos sons, transformados em palavra falada. Segundo A. Márquez-Fernández, a palavra nunca é única, absoluta ou abstrata, ainda que, às vezes, no seu silêncio pareça ausente. Ela sempre é um sulco que se abre para a vida do sentido. Aprender a escutar é aprender a viver “de” e “com” a(s) palavra(s), que é a que nos fala com todas as razões dos sentidos.¹⁸

O vestíbulo-coclear é o órgão da audição e do equilíbrio que capta as vibrações dos sons e as transforma em impulsos nervosos que o cérebro codifica. Tais processos têm lugar no sistema auditivo periférico e no sistema auditivo

¹⁶ DANGELO, J. G.; FATTINI, C. A., Anatomia humana básica, p. 167.

¹⁷ ZARANTIN, T. N., Comunicação verbal. Educação vocal, p. 18-19.

¹⁸ MÁRQUEZ-FERNÁNDEZ, A. B., Pensar com os sentimentos, p. 61.

central, podendo envolver também as áreas não auditivas centrais. As atividades periféricas referem-se ao processamento periférico central, às áreas auditivas de reconhecimento de fala e ao armazenamento dos códigos da chamada “memória sensorial”.

Por meio da atividade central, realiza-se a integração das informações de diferentes modalidades sensoriais. Ao escutar um sinal acústico, o ser humano realiza a análise auditiva da escuta seletiva em termos fonológico, lexical e semântico, a produção motora e a articulação.

Segundo E. Simões e K. Tiedemann, a fisiologia do ouvido requer uma ginástica permanente para se afinar como instrumento musical. O importante é dispor dos sentidos físicos do corpo com um nível de destreza e domínio para valer-se deles e sentir a manifestação natural e cultural do mundo. Para tanto, a fisiologia dos aparatos auditivos a fim de escutar o que é sonoro no mundo é fundamental. O ouvido humano não é igualmente sensível a todos os tons. Ele é mais sensível a tons cuja frequência oscila em torno de 20 mil ciclos por segundo. As ondas sonoras penetram pelo canal auditivo e atingem a membrana timpânica, que passa a vibrar na mesma frequência que a fonte sonora.¹⁹

Muitos objetos podem ser identificados por meio do sistema auditivo. O cérebro extrai informações sobre a localização da fonte sonora no espaço, por meio dos órgãos sensoriais da visão e da audição, que captam as informações simétricas localizadas na cabeça. Quando olhamos uma pessoa que está falando, a discrepância de ver com os olhos e ouvir com os ouvidos é mínima. E a intensidade do som fornece a informação sobre a distância que se encontra uma fonte sonora conhecida. Portanto, a audição é um aspecto da complexa percepção espacial do ser humano.²⁰

Pensar a escuta humana enquanto corpo integrado é importante para a teologia, e isso requer uma compreensão apurada de como funciona a fisiologia da audição, pois o conhecimento da mecânica auditiva faz-se necessário para entender a diferença entre ouvir e escutar.

¹⁹ SIMÕES, E. A. Q.; TIEDEMANN, K. B., Psicologia da percepção, p. 22.

²⁰ SIMÕES, E. A. Q.; TIEDEMANN, K. B., Psicologia da percepção, p. 98-99.

2.1.1

Antropologia da escuta: a fisiologia e o córtex auditivo cerebral

A estrutura que compõe o sistema auditivo localiza-se na região temporal do crânio, formada pelas “orelhas externa, média e interna”, responsáveis pela função auditiva e pelo equilíbrio.²¹ Compreender a fisiologia e as suas funções será relevante para o entendimento da escuta humana. Contudo, antes de falarmos sobre cada uma delas, vale conhecer o ponto de vista bem detalhado de E. Miranda sobre o assunto:

O corpo da cabeça começa nas orelhas, seus verdadeiros pés, bases de sua verticalização e orientação. As orelhas e os ouvidos são como antenas táteis e representam mais do que a capacidade de ouvir e perceber sons. O sistema auditivo, dois conjuntos de formações anatômicas situados nas partes laterais da cabeça, responde fisicamente pelo sentido da audição. Ele cumpre, também, uma importante função na manutenção do equilíbrio e no sentido espacial da pessoa.²²

2.1.1.1

As orelhas humanas e sua importância na escuta

No sistema auditivo, a “orelha externa” é a responsável pela captação dos sons. As ondas sonoras são direcionadas pelo meato acústico externo até a membrana do tímpano, situada entre a orelha externa e a média. Elas estabelecem a comunicação entre o mecanismo auditivo.²³ “A membrana timpânica é a estrutura que transmite as ondas sonoras para os ossículos da ‘orelha média’.”²⁴ G. Dangelo e C. Fattini dizem que a orelha externa compreende o pavilhão e o meato acústico externo.²⁵

Outra função da “orelha externa”, além de captar e canalizar o som, conduzindo-o como ondas sonoras para a “orelha média”,²⁶ é amplificar e auxiliar a localização da fonte sonora, bem como proteger as “orelhas média e interna” e a membrana timpânica. Ela mantém o equilíbrio de temperatura e umidade necessário à preservação da elasticidade da membrana. Contribuem para essas funções as

²¹ VARELLA, D., Orelha externa, p. 1.

²² MIRANDA, E. E., Corpo, território do Sagrado, p. 209.

²³ RUSSO, I. C. P.; DOS SANTOS, T. M. M., A prática da audiologia clínica, p. 16-17.

²⁴ MELDAU, D. C., Ouvido, p. 1.

²⁵ DANGELO, J. G.; FATTINI, C. A., Anatomia humana básica, p. 167.

²⁶ VARELLA, D., Orelha externa, p. 1.

glândulas produtoras de cerúmen e os pelos, além da migração epitelial da região interna para a externa.²⁷

Santo Ambrósio de Milão escreve, de forma tipológica, sobre as orelhas externas e sobre a audição humana em geral. Segundo ele, a audição exerce uma função tão importante que quase iguala-se à visão. As orelhas são salientes para captar a voz repercutida em suas cavidades internas sem perturbação. Se fosse o contrário, afirma Ambrósio, ficaríamos atordoados ou até ensurdecidos com qualquer som de voz mais forte. A sinuosidade interna das orelhas, de certo modo, é responsável por certa medida e disciplina musical, pois através da curvatura das orelhas é produzido certo ritmo e o som da voz é transformado em melodias.²⁸

Sendo assim, a “orelha externa” funciona como um pré-amplificador natural e, quanto maior sua área, maior energia mecânica capta. O ser humano com deficiência auditiva, por exemplo, coloca a mão em forma de concha atrás da orelha para aumentar a área efetiva do pavilhão auricular e aperfeiçoar a captação do som. O meato da “orelha externa”, por sua vez, trabalha como um tubo ressonador para sons da fala humana (2,5 a 5 KHz). Quando a onda sonora chega à membrana timpânica, ela ressoa e transfere a energia mecânica para a orelha média.²⁹

Para concluir, vejamos o que diz H. Williams sobre a orelha externa, a qual, segundo ele, tem outra função importante, além de captar os sons. Citando P. Nogier (1950), que viu na orelha externa a semelhança de um feto humano enrodilhado, ela é também vista na medicina alternativa (auriculoterapia) como um homúnculo ou um mapa do corpo inteiro, com a estimulação de pontos diferentes para tratar perturbações em partes correspondentes do corpo. Para ele, a ideia talvez não difira muito da crença dos gregos antigos de que a orelha proporcionava um canal, através da boca e da garganta, para chegar ao cerne do corpo; e apresenta ecos da cauterização usada no passado como tratamento para fortes dores corporais, como a dor ciática, em que parte da carne da orelha podia ser extirpada com um ferro em brasa.³⁰

²⁷ PAULUCCI, B. P., *Fisiologia da audição*, p. 1.

²⁸ SANTO AMBRÓSIO, *Exameron*, p. 270-271.

²⁹ TROL, J., *Produção e utilização de material didático sobre fisiologia da audição e neurofisiologia*, p. 15-16.

³⁰ WILLIAMS, H. A., *Anatomias*, p. 207.

Passando agora a falar da “orelha média”, trata-se de uma bolsa preenchida por ar que possui uma cadeia ossicular composta de martelo, estribo e bigorna. O papel mais importante desses ossículos é a equalização das impedâncias do “ouvido médio” e do “ouvido interno”, ou seja, as vibrações aéreas invadem a membrana timpânica, produzindo variações de pressão nos compartimentos líquidos da “orelha interna”.

O impacto sucessivo de ondas sonoras na membrana timpânica produz vibrações, deslocando a membrana para dentro e para fora da “orelha média” (fases de compressão e rarefação), como um pistão, o cabo de martelo, ao qual está intimamente fixado. O deslocamento da membrana timpânica apresenta a capacidade de variar de amplitude em cada zona dela, de acordo com a frequência sonora, e ocorre na região póstero-superior. À medida que a frequência aumenta, esse deslocamento é cada vez mais complexo. A cadeia ossicular, então, transmite a vibração acústica desde a membrana até a base do estribo, passando pelo martelo e a bigorna.³¹ Essa vibração é modulada por ligamentos e músculos, de forma a amplificar a pressão da onda sonora que incide no tímpano até 22 vezes sobre o líquido coclear.³²

A tensão da cadeia de ossículos da “orelha média” é controlada por dois músculos: o músculo tensor do tímpano e o estapédio. A “orelha média” comunica-se com a faringe através da tuba auditiva, o que permite estabelecer igualdade de pressão atmosférica em ambas as faces da membrana do tímpano, condição essencial para seu bom funcionamento.³³

A tensão da pressão atmosférica pode ser aumentada, produzindo uma situação de rigidez do sistema ossicular que diminui a transmissão dos sons, em uma condição fisiológica denominada “reflexo de atenuação”. Isso acontece nas seguintes situações: a) para proteger a cóclea de lesões por ruídos excessivamente altos; b) para mascarar os sons de baixa frequência em lugares muito barulhentos; c) para diminuir a sensibilidade auditiva da pessoa à própria voz. Esse efeito é ativado por sinais transmitidos a esses músculos no mesmo momento em que o encéfalo ativa o mecanismo da voz.³⁴

³¹ PAULUCCI, B. P., Fisiologia da audição, p. 2-3.

³² GUYTON, A. C.; HALL, J. E., Tratado de fisiologia médica, p. 671.

³³ DANGELO, J. G.; FATTINI, C. A., Anatomia humana básica, p. 167-168.

³⁴ GUYTON, A. C.; HALL, J. E., Tratado de fisiologia médica, p. 672.

A função da “orelha média”, portanto, é transformar a energia vibratória aérea sem perder suas características e qualidades. A vibração da cadeia ossicular permite o deslocamento de ondas mecânicas dentro dos líquidos da “orelha interna”. Esse deslocamento provoca a movimentação de todo o ducto coclear. O estímulo do ouvido interno pode ser feito por meio das vibrações que a energia sonora provoca nos ossos do crânio.³⁵

Por fim, com relação à “orelha interna”, situa-se no osso temporal, onde se localiza o labirinto. O labirinto compõe-se de três partes:

- *cóclea*: apresenta-se como uma espiral em torno de um eixo;
- *vestíbulo*: cavidade oval situada entre a cóclea e os canais semicirculares, e apresenta duas vesículas membranosas, o sáculo e o utrículo;
- *canais semicirculares*: três tubos ósseos interconectados e cheios de líquidos, que ocupam planos geométricos e formam entre si ângulos de cerca de 90°.

As vibrações transmitidas pelos ossículos propagam-se pelo labirinto e movimentam as células ciliares (órgão de Corti), as quais geram impulsos nervosos. Esses impulsos nervosos passam pelo gânglio espiral e são conduzidos pelo nervo coclear em direção aos núcleos por cadeias de neurônios até chegar ao córtex auditivo do cérebro, localizado no lobo temporal.³⁶

Na “orelha interna”, o responsável por registrar o movimento do corpo e manter seu equilíbrio é o chamado “sistema vestibular”. Ele tem o formato de um anel com três partes diferentes, com superfícies cheias de um líquido, que se move conforme os movimentos do corpo, e com milhares de fibras ciliadas, as quais reagem ao movimento do líquido, enviando pequenos impulsos para o cérebro. Pelo equilíbrio da “orelha interna”, os impulsos são decodificados para conservar o equilíbrio do corpo.³⁷

Como se pode perceber, a fisiologia da audição depende da adequada conversão da atividade vibratória do som no ar, em atividade dinâmica nos núcleos cocleares. Segundo I. Russo e T. Santos, estudos na área da fonoaudiologia apontam que o pavilhão auricular tem papel importante na localização da fonte sonora. Ele

³⁵ RUSSO, I. C. P.; DOS SANTOS, T. M. M., A prática da audiologia clínica, p. 37-41.

³⁶ DANGELO, J. G.; FATTINI, C. A., Anatomia humana básica, p. 168.

³⁷ HEAR IT, O ouvido interno, p. 1.

capta as ondas sonoras que serão conduzidas para o conduto auditivo externo. Quando o fluxo de energia sonora incide sobre a membrana timpânica, faz com que esta vibre com o mesmo padrão de vibração do estímulo sonoro. Com a saída da membrana timpânica de sua posição de equilíbrio, ocorre a movimentação da cadeia ossicular, que está ligada a ela pelo cabo do martelo. Esse movimento vibratório é idêntico ao do estímulo sonoro.³⁸

Também para H. Williams, ouvir sons depende da cóclea, que funciona como uma concha invertida com minúsculas células capilares ao longo de todo esse tubo, que vai se afinando como as cordas do piano. Elas vibram em resposta a diferentes frequências de som transmitidas para o interior da cóclea pela ação do tímpano sobre os três ossículos da “orelha média”. Essas vibrações acionam sinais nervosos na direção do cérebro, onde milhares de cílios transformam estímulo mecânico (sonoro) em estímulo nervoso; elas cumprem a função de escutar e distinguir cada instrumento que está sendo tocado por seu tom e seu timbre individual.³⁹

Portanto, as orelhas conduzem os sons que captam para o córtex auditivo cerebral, responsável por processamento, entendimento, armazenamento e associações sonoras da escuta humana. Para melhor compreensão do “processo auditivo”, vamos descrever tal processamento no córtex auditivo do cérebro humano, primeiramente, com o conceito de B. Ramos et al.: o processo auditivo é um conjunto de habilidades específicas das quais a pessoa humana depende para compreender o que se ouve. É uma função mental (cerebral) que deve ser estudada como uma resposta multidimensional aos estímulos recebidos por meio da audição. São mecanismos e processos do sistema auditivo que incluem várias habilidades, tais como: detecção do som, localização e laterização do som, discriminação auditiva, reconhecimento de aspectos temporais da audição, incluindo resolução, integração, ordenação temporal e percepção de intervalos; interação bilateral; fechamento auditivo; separação/integração bilateral. As habilidades do processamento auditivo central (atenção, memória, detecção, sensação sonora, discriminação, localização, reconhecimento e compreensão) precedem de forma

³⁸ RUSSO, I. C. P.; DOS SANTOS, T. M. M., A prática da audiologia clínica, p. 36-37.

³⁹ WILLIAMS, H. A., Anatomias, p. 206-207.

simultânea uma à outra. No que se refere ao processamento da informação auditiva, todas essas habilidades têm papel fundamental para a escuta humana.⁴⁰

2.1.1.2

A importância anatomofisiológica do córtex auditivo para a escuta

O córtex cerebral, formado por cerca de 20 bilhões de neurônios,⁴¹ é uma fina camada de substância cinzenta que pode variar de 1 a 4 mm (contém o corpo celular do neurônio) e recobre todo o cérebro. Como local de processamento neural mais sofisticado e distinto, é uma das partes mais importantes do sistema nervoso, sendo o centro do entendimento e da razão, e o responsável pela memória, percepção e linguagem. Ali chegam os impulsos nervosos produzidos pelas vias das sensibilidades locais, onde são interpretadas, e iniciam-se os comandos dos movimentos voluntários. Diversos tipos de neurônios estão localizados em diferentes partes do córtex cerebral. Essas diferentes localizações caracterizam as várias áreas dos hemisférios (as envolvidas nos processos de visão, audição, tato, movimentos, olfato, e as responsáveis por pensamento e raciocínio).

Quanto ao córtex auditivo do ser humano, ele ocupa a região superior do lobo temporal, oculto no sulco lateral. Ele está localizado na parte supratemporal e oculto por fissura silviana (fissura de *Sylvius* ou lateral). É uma das mais proeminentes estruturas do cérebro humano. O campo auditivo do córtex cerebral humano ocupa o giro transversal (giro de *Heschl*), região variável do plano temporal, caudalmente situado nas áreas 41 (área sensorial auditiva, primária, responsável por detectar o nível e a qualidade dos sons) e 42 (área de reconhecimento auditivo) de *Brodman*. As áreas corticais auditivas recebem fibras do corpo geniculado medial⁴² (tálamo auditivo – estrutura composta de vários núcleos, com um papel funcional muito complexo e importante).

A audição humana é composta de centros nervosos primários (núcleos), chamados de “via reticular sensitiva”, para os quais convergem todos os tipos de modalidades sensoriais.⁴³ É o local da sensação e da percepção auditiva. O córtex auditivo primário está cercado pelo córtex auditivo secundário e pela área auditiva

⁴⁰ RAMOS, B. D.; ALVAREZ, A. M.; SANCHEZ, M. L., Neurologia e processamento auditivo, p. 3.

⁴¹ REZENDE, R. C., Córtex cerebral, p. 1.

⁴² PEREIRA, L. D.; SCHOCHAT, E., Processamento auditivo central, p. 25.

⁴³ PUJOL, R.; CUNHA, N. T., Cérebro auditivo, p. 1.

associativa, que cobrem a parte lateral do giro temporal transversal e se estendem ao plano temporal superior.⁴⁴ Ele retém a organização tonotópica da cóclea, analisa os sons complexos, inibe respostas inapropriadas, analisa o estímulo auditivo dentro de um só contexto temporal e é responsável pela atenção seletiva e pela orientação espacial do estímulo auditivo, durante a localização sonora.

A via auditiva primária é curta (3 ou 4 núcleos), rápida (fibras grossas e mielinizadas) e termina no córtex auditivo primário. Essa via veicula informação codificada pela cóclea, e cada núcleo efetua um trabalho específico de decodificação e interpretação de tal informação, seguidamente transmitida aos núcleos superiores. No ser humano, o córtex auditivo localiza-se na parte pósterosuperior do lobo temporal, no interior do sulco lateral.⁴⁵

Segundo J. Hall e A. Guyton, foram encontrados no córtex auditivo primário e nas áreas de associação auditiva da percepção das frequências sonoras, pelo menos, seis mapas tonotópicos. Em cada um desses mapas, sons de alta frequência excitam neurônios em uma extremidade do mapa, enquanto sons com baixa frequência excitam neurônios na extremidade oposta. Sendo que, na maioria, os sons com baixa frequência estão localizados na frente e os sons com alta frequência, na parte posterior. Contudo, isso não acontece em todos os mapas.⁴⁶

Os mesmos autores, ao se perguntarem por que o córtex cerebral tem tantos mapas tonotópicos diferentes, chegaram à conclusão de que cada uma das áreas distintas diseca alguma característica específica dos sons. A faixa de frequências, à qual cada neurônio individual responde no córtex auditivo, é muito mais estreita do que nos núcleos cocleares e de retransmissão no tronco cerebral. A membrana basilar, perto da cóclea, é estimulada por sons de todas as frequências, e nos núcleos cocleares encontra-se essa mesma gama de representação sonora. No momento em que a excitação chega ao córtex cerebral, a maioria dos neurônios que respondem ao som responde a apenas à faixa estreita de frequências, e não à faixa ampla.⁴⁷

O córtex auditivo primário é o responsável pela decodificação das mensagens dos núcleos inferiores, sendo reconhecidas, memorizadas e possivelmente integradas em uma resposta motora. O quarto e último centro integrador é o corpo

⁴⁴ PEREIRA, K. H., Manual de orientação, p. 18.

⁴⁵ PUJOL, R.; CUNHA, N. T., Cérebro auditivo, p. 1.

⁴⁶ GUYTON, A. C.; HALL, J. E., Tratado de fisiologia médica, p. 678.

⁴⁷ GUYTON, A. C.; HALL, J. E., Tratado de fisiologia médica, p. 678-679.

geniculado medial, que se localiza no tálamo. Nele se realiza um importante trabalho de integração: preparação das respostas motoras (a vocal é uma delas). O terceiro centro integrador é o colículo inferior, localizado no mesencéfalo. O colículo inferior e o complexo olivar desempenham papel fundamental na localização do som. O segundo centro integrador é o complexo olivar superior, também localizado no bulbo raquidiano; a maior parte das fibras auditivas faz sinapse com esse nível, após cruzar a linha média.⁴⁸

Se houver destruição dos córtices auditivos primários, a sensibilidade será reduzida, assim como a audição. Essa redução auditiva não causa surdez, devido às muitas conexões cruzadas na via neural auditiva, porém a capacidade de localizar a fonte sonora fica comprometida, porque, para a função de localização do som, são necessários sinais comparativos em ambos os córtices auditivos.⁴⁹

A capacidade do cérebro de distinguir os sons se deve ao processo mecânico da audição, que funciona de forma dinâmica e processual. Esse processo acontece desde a captação dos sons até sua codificação e decodificação. Cabe ao córtex auditivo do cérebro decodificar os códigos sonoros, e isso se pode comparar a uma peça musical, em que a harmonia e a sinergia dos sons dos diversos instrumentos executados pelos músicos nos colocam em êxtase diante da beleza ritualizada pela sintonia dos sons. Nesse contexto, a compreensão da fisiologia das orelhas e do córtex cerebral auditivo da pessoa humana é muito importante para o processo da escuta.

2.1.1.3

O sentido antropológico da escuta humana

O diretor do Instituto Cultural da Alemanha, T. Pinto, ao falar sobre som, música e questões de antropologia sonora, acredita que, na concepção ocidental, o som sempre teve algo de misterioso. Onipresente e, ao mesmo tempo, evanescente, o som não se rende facilmente a um raciocínio acostumado com coisas, locais e configurações estáveis. Durante séculos, a sensação de ouvir foi dominada pela percepção visual. Segundo T. Pinto, mesmo que pesquisas científicas mais recentes tenham recuperado esse sentido enquanto seus aspectos físicos, cultural e mesmo social, discursos analíticos no campo da antropologia permanecem centrados no

⁴⁸ PUJOL, R.; CUNHA, N. T., Cérebro auditivo, p. 1.

⁴⁹ GUYTON, A. C.; HALL, J. E., Tratado de fisiologia médica, p. 679.

imagético, e são poucos aqueles que contrapõem a discussão sobre o som à predominância da visualidade nas ciências humanas e sociais.⁵⁰

Por meio do sistema auditivo, os objetos e os elementos que se encontram ao redor do ser humano são identificados. O cérebro extrai as informações sobre a localização da fonte sonora, e os órgãos sensoriais da visão e audição as captam. A intensidade desse som fornece informação sobre a distância a que se encontra uma fonte sonora conhecida. Portanto, a audição é um aspecto da complexa percepção espacial do ser humano.⁵¹

O ser humano, quando emite sons, se abre para a sonoridade do mundo. Com seus ouvidos abertos a isso, ele passa a escutar e aprender lições, tornando-se escutador em posição de acolhida ou recusa. O som que nos chega é muito mais enigmático que a imagem, uma vez que ele se dá no tempo. Para identificá-lo, é necessário permanecer à escuta. D. Le Breton diz que o pensamento encontra sua maior forma de expressão no som, isto é, na palavra. O ouvido é o sentido unificador do vínculo social, pois, enquanto ouve a voz humana, recolhe a palavra do outro. Ele é o depositário da linguagem. Ser escutado significa ser compreendido.⁵²

Audição e visão são sentidos que se conectam. Um cego, por exemplo, constrói sua representação espacial a partir da sonoridade. Ele, para determinar sua localização, escuta os ruídos de seus passos no chão e as repercussões na parede, ou o som da voz ecoando no ambiente. Para avaliar melhor o espaço onde está ele localizado, produz sons com os pés e com as mãos. O som produzido desnuda o ambiente. É o que nos descreve P. Henri:

Objetivando obter uma resposta audível, às vezes [o cego] se obriga a provocá-lo [o som] emitindo ele mesmo algum ruído que, por ressonância, lhe fornece uma ambiência sonora dos locais [...]. Objetivando situar-se num corredor que leva à calçada, ou para fazer-se uma ideia das dimensões de uma sala, de uma galeria, não é incomum que um cego arraste intencionalmente seus pés ou, ao contrário, caminhe de um modo mais marcado, ou ainda tussa levemente ou pigarreie a garganta.⁵³

Contudo, se o sentido da visão é uma sujeição ao ambiente, o da audição desconhece essa fronteira: seu limite é o audível. Ela introduz ritmo, abre espaço à

⁵⁰ PINTO, T. O., Som e música, p. 223-225.

⁵¹ SIMÕES, E. A. Q.; TIEDEMANN, K. B., Psicologia da percepção, p. 98-99.

⁵² LE BRETON, D., Antropologia dos sentidos, p. 129-130.

⁵³ HENRI, P., Les aveugles et la société, p. 274.

expectativa. Ao mesmo tempo em que o som se faz ouvir, ele se apaga. Uma vez ouvido, ele desaparece. Não se trata de uma escuta provisória, mas de algo que está sempre disponível. Como recorda D. Le Breton,

a sonoridade do mundo lembra sua contingência, sua falta de mestria lá onde os outros sentidos são dóceis a novas solicitações: rever uma paisagem de outono ou um pôr do sol sobre a colina, degustar hoje e amanhã o sabor de um prato ou de um vinho, recorrer ao mesmo perfume, acariciar novamente a face da pessoa amada. O som se perde e foge ao controle do homem, bem como à sua vontade de ouvi-lo novamente, salvo através do recurso a instrumentos técnicos que o controlam e o difundem à vontade, restabelecendo a soberania do homem. Ele impõe um corte ao antes e ao depois. A escuta das sonoridades do mundo força a sentir o escoamento do tempo.⁵⁴

A nossa afetividade está associada aos sons que ouvimos. Ao filtrarmos esses sons, privilegiamos uns e descartamos outros. Uma pessoa caminhando concentrada ou distraída no centro movimentado de uma cidade, ao ouvir uma voz familiar que ressurgue repentinamente, tem a atenção logo despertada. O mesmo vale para o choro de uma criança à noite, pois, ainda que a mãe esteja dormindo, é despertada de seu sono, porque o som que chega aos seus ouvidos lhe é conhecido. Também, quando pronunciamos o nome de uma pessoa que está dormindo, ela pode imediatamente despertar, enquanto a pronúncia do nome de outras pessoas pode não a acordar. O sentido da audição é o da interioridade, trazendo o mundo para o centro do indivíduo.

A pessoa que desenvolve a capacidade da escuta, mesmo vivendo em ambientes profundamente ruidosos, não se desconecta daquilo que é essencial no mundo. A matéria da linguagem é o som, e a voz é um acompanhamento incansável da existência humana que garante sua inserção na sociedade. Como diz C. Wulf: “A audição é um sentido eminentemente social”.⁵⁵

A voz da mãe é o primeiro som a introduzir a criança, ainda no útero materno, no universo humano, carregado de afetividade e de significação. O feto envolvido pelo líquido amniótico é capaz de sentir os odores da mãe, provar-lhe os movimentos, ouvir permanentemente seu coração e, igualmente, ouvir-lhe a voz e a dos que estão próximos a ela. O ouvido é essencial e decisivo no desenvolvimento moral e intelectual infantil.

⁵⁴ LE BRETON, D., *Antropologia dos sentidos*, p. 134.

⁵⁵ WULF, C., *Traité d’anthropologie historique*, 457.

Segundo D. Le Breton, estudos americanos mostram que, em crianças prematuras, a escuta da gravação dos batimentos do coração da mãe diminui a taxa de mortalidade infantil. O batimento do coração da mãe exerce uma função de apaziguamento. Mas sua voz, sobretudo, está sempre em um processo de comunicação; ela convida lentamente ao vínculo social, ela é o fio condutor que leva a criança à sua humanidade, fazendo-a passar do grito à palavra, à sua própria voz. A criança sabe que a sua palavra ou seus gritos mobilizam os que estão ao seu redor, ela toma consciência de seu poder e lentamente aprende a responder à voz dos que o cercam. Ela constrói seu narcisismo no invólucro materno que a carrega. Ela faz uma experiência de júbilo ao emitir sons e ao ouvi-los, sobretudo se eles provocam uma resposta de seu entorno.⁵⁶

O sentido da interioridade humana é o da audição, e o da exterioridade é o da visão. Os outros sentidos podem expressar a soberania do ser humano, mas audição, sem dúvida, é a defesa e a instrução da sonoridade insuportável do mundo exterior. O barulho de som alto é patológico. Ele se impõe de maneira tão agressiva que a pessoa é incapaz de se defender. A sensação de barulho expulsa o indivíduo de seu aconchego e gera desconforto. Por outro lado, tal sensibilidade é uma questão de circunstâncias e de significações que a pessoa dá aos sons que ouve. A pessoa pode estar em um ambiente de intenso barulho e não se sentir violentada pelos sons que ouve, ou estar bem tranquila em sua casa e, de repente, ouvir sons de rajadas de fogos artificiais que lhe convidam a sair para ver aquele espetáculo da janela de casa.

O barulho é uma questão de ouvido, de sentido. O som aconchegante traz tranquilidade e paz às pessoas que estão ao seu redor, mas o barulho irritante pode ser um alerta sofrível, causando cansaço, estresse, mal-estar, constrangimento e, principalmente, passa a ser um sofrimento doloroso que impede as pessoas de se comunicarem. A harmonia, no sentido próprio e figurado, sempre é entrecortada pelos sons fortes.

J. Brosse tem uma opinião particular sobre o assunto, ao afirmar que na natureza existem sons e não barulho. Nenhuma discordância, nenhuma anarquia. Mesmo o estrondo do trovão, o zunido de uma avalanche ou a queda de uma árvore

⁵⁶ LE BRETON, D., Antropologia dos sentidos, p. 141.

na floresta, todos eles respondem às leis acústicas sem transgredi-las. Somente o ser humano e o mundo criado por ele rompem e destroem brutalmente a trama da unidade harmônica da natureza.⁵⁷

Com o crescimento e a expansão da tecnologia, aumentou o barulho no cotidiano das pessoas, trazendo consequências ruins para a saúde da audição humana, principalmente sons muito altos.

E, ainda que algumas pessoas consigam conviver sem problemas com o barulho, como os adolescentes acostumados a sons elevados, futuramente terão diminuída sua capacidade auditiva, semelhantemente a de pessoas que beiram os 60 anos, culminando muitas vezes em surdez. O barulho neutraliza a atenção, a concentração e destrói a interioridade das pessoas, fechando-as em si mesmas, aguçando a agressividade e desativando moralmente a atenção devida ao outro, além de dificultar a integração social.⁵⁸

N. Junior destaca que, na cultura do ouvir, considerando as características físicas do som, a recepção se dá não apenas via tímpano, mas por todo o corpo. A audição humana é uma operação corporal, e não apenas pontual. Som é vibração, e a vibração opera sobre a pele (corpo), a voz soa como massagem, uma estimulação tátil, uma sutil forma de toque. N. Junior salienta também “a necessidade de uma nova cultura do ouvir e de um novo desenvolvimento da percepção humana para relações e nexos mais profundos, para os sentidos e para o sentir”.⁵⁹

O barulho nos grandes centros é intenso e crescente. Pesquisas com seres humanos apontam as consequências dessa poluição sonora para a saúde física – como distúrbios circulatórios, gástricos, da voz e perda da audição – e mental, quando o indivíduo não consegue dormir ou raciocinar, dificultando a execução de tarefas que exijam concentração. Disso pode resultar um elevado grau de ansiedade, que dificulta o ajustamento do sujeito ao seu ambiente.⁶⁰

Ressaltamos que a compreensão da fisiologia auditiva e do córtex auditivo cerebral, como já mencionamos anteriormente, nos ajuda a conceituar a diferença entre o ouvir e o escutar. Para M. Rodriguez, “o ouvir está mais ligado às orelhas e o escutar está ligado à mente humana, com seus afetos e com tudo que a pessoa é

⁵⁷ BROSSE, J., *Inventaire des sens*, p. 295-296.

⁵⁸ MILLER, J. D., *Effects of noise on people*, p. 609-612.

⁵⁹ JUNIOR, N. B., *A era da iconofagia*, p. 142.146.

⁶⁰ SIMÕES, E. A. Q.; TIEDEMANN, K. B., *Psicologia da percepção*, p. 24.

em sua profundidade”.⁶¹ E, do ponto de vista de T. Cerqueira, existe uma diferença relevante. Ouvir, segundo ela, está relacionado aos cinco sentidos: audição, tato, paladar, visão e olfato, e restringe-se ao que é dito, à simples audição do que é falado. Escutar, por sua vez, exige percepção, sensibilidade de compreensão para aquilo que fica no íntimo do sujeito. Enquanto o ouvir se refere à captação dos sons, a escuta diz respeito à captação das sensações do outro, realizando a integração ouvir-ver-sentir.⁶²

Quando nos referimos à ação de ouvir sons, estamos falando dos sentidos da audição. A pessoa até consegue ouvir vários sons simultâneos sem estar atenta a eles, o que é muito comum em palestras, salas de aulas, conversas etc. Ela está ouvindo, entendendo, mas não compreendendo. Existe uma diferença entre entender e compreender. Uma pessoa pode até entender algo que está ouvindo, mas não compreender. O entendimento está ligado à forma daquilo que se ouve. Por exemplo, posso entender bem a estrutura de um ritual religioso: decorei o início, meio e fim da estrutura ritual, mas não sei explicá-lo, por faltar-me a compreensão do seu significado. Há um entendimento da estrutura ritual, mas não há compreensão real de seu significado, o que é importante no campo da escuta litúrgica.

A compreensão daquilo que se ouve faz toda a diferença na vida do ser humano. Quando ele compreende o que é dito, sabe questionar e encontrar a resposta de suas indagações. A dúvida e a busca de resposta fazem parte da razão humana, do ser racional. O ser humano por natureza é questionador. O ato de entender completa definitivamente o ato de compreender. Aquele que compreende o significado de um rito religioso entende sua mensagem.

A distinção entre entender e compreender leva-nos ao aprofundamento do sentido do ouvir e do escutar. O ato de ouvir está ligado à percepção dos sons; já a escuta requer a compreensão daquilo que se ouve, prestar atenção ao que está sendo dito, perceber, sentir as palavras, memorizar o assunto, acolher, dialogar, estabelecer conexões, gerar empatia etc.

⁶¹ RODRIGUEZ, R. M. M., *La escucha desde la psicoterapia*, p. 15.

⁶² CERQUEIRA, T. C. S.; SOUSA, E. M., *Escuta sensível. O que é?*, p. 17.

M. Merleau-Ponty afirma que a ciência falha quando tenta entender a percepção: “Ela introduz sensações que são coisas ali onde a experiência mostra que já existem conjuntos significativos”. Segundo ele,

o percebido comporta lacunas que não são simples impercepções [...]. Posso estar familiarizado com uma fisionomia sem nunca ter percebido, por ela mesma, a cor dos olhos [...]. A teoria da sensação, que compõe todo saber com qualidades determinadas, nos constrói objetos limpos de todo equívoco, puros, absolutos, que são antes o ideal do conhecimento do que seus temas efetivos; ela só se adapta à superestrutura tardia da consciência.⁶³

Já J. James propõe uma teoria da informação-estímulo, com argumentos bastante próximos de Merleau-Ponty, mas rejeita a teoria do estímulo. Segundo ele, “a percepção não é uma resposta a um estímulo, mas um ato de captar informação presente no contexto e ambiente onde cada pessoa está localizada”.⁶⁴

Portanto, a escuta ajuda a pessoa a tomar consciência daquilo que ela está ouvindo. Ouvir é perceber a voz e escutar, estar consciente do que se ouve.

Escutar não é ouvir sons. Por exemplo: Beethoven, quando compôs a “Nona Sinfonia”, já estava surdo. Quando sua peça musical foi apresentada pela primeira vez, em 1824, há relatos de que ele teria continuado a conduzir a sinfonia mesmo depois de ela ter acabado, sem ao menos ter ouvido os aplausos. Todos os seus trabalhos posteriores à data de 1815, como a “Nona Sinfonia” e a “Missa em Ré Maior”, foram compostos por ele apenas com o som que ouvia dentro de sua cabeça.⁶⁵

Quando compreendemos o que significa ouvir e escutar, torna-se mais clara a importância da escuta humana. O ser humano é constituído de consciência, pensamento e corpo, e através dos sentidos do corpo ele consegue perceber o que está a sua volta, e isso o transforma. A correlação dos sentidos com a experiência da vida é essencial à vida humana. A percepção da realidade é uma experiência produzida pela consciência, por meio dos sentidos, e incide sobre o pensamento reflexivo. É uma experiência subjetiva, que resulta dos atos intencionais do ser humano, com a finalidade de dotá-lo de conhecimento a partir das práticas linguísticas.

⁶³ MERLEAU-PONTY, M., Fenomenologia da Percepção, p. 33.

⁶⁴ JAMES, J. G., The Ecological Approach to Visual Perception, p. 56.

⁶⁵ VALENTE, G. R. A., Dez fatos e mistérios em torno de Ludwig van Beethoven, p. 1.

A partir dos conceitos básicos da função mecânica da audição humana, elencados acima, queremos ressaltar, a seguir, a importância da escuta nas relações humanas. Interessa-nos compreender tal processo em vista da teologia, da escuta litúrgica, porque, na liturgia, para haver a compreensão da Palavra proclamada e ritualizada, todos os sentidos, necessariamente, precisam estar em perfeita sintonia uns com os outros, inclusive, o sentido da audição.

2.1.2

A antropologia da escuta nas relações humanas

A escuta como processo na relação humana permite que o ser humano aprenda a interagir e a dialogar com seu interlocutor de forma madura e comprometida. Aquele que fala e aquele que escuta interagem de forma tão próxima que não há passividade no diálogo, mas interatividade. O diálogo é fruto de uma escuta ativa, e não passiva.

A escuta ativa nas relações humanas é essencial para o processo de comunicação e interação. Para M. Fachada, a escuta ativa requer atenção daqueles que se colocam em atitude de diálogo. É uma interação recíproca, tanto do emissor quanto do receptor. Segundo ela, a escuta ativa envolve sentimentos e emoções verbais e não verbais no contexto em que a mensagem é proferida.⁶⁶ É um processo de interação tal que o emissor sente-se acolhido pela atenção do receptor. A escuta ativa estimula as pessoas a ouvir mais o outro, provoca emoção, facilita o entendimento, ameniza conflitos, gera reciprocidade e comprometimento.

Na interação humana, a escuta ativa se desenvolve de duas formas: escuta e atitude. As duas geram uma comunicação clara, cuidadosa e acolhedora, além de criar vínculos de proximidade e confiança entre as pessoas. Essa forma de escuta medeia conflitos, gera atenção e compreensão entre os dialogantes. Saber escutar desenvolve empatia e facilita o encontro entre os indivíduos que estão em conflito. Ressaltamos que emoções, sentimentos e atitudes são envolvidos nesse processo de escuta ativa para que o diálogo possa fluir com tranquilidade.⁶⁷

Nas relações conflitantes, a pessoa que está em uma situação de mediação entre as partes, necessariamente, vai necessitar da escuta ativa, peça fundamental que facilitará uma relação de diálogo respeitoso entre os envolvidos, ajudando-os a

⁶⁶ FACHADA, M. O., *Psicologia das relações interpessoais*, p. 323.

⁶⁷ DEMARCHI, J., *Técnicas de conciliação e mediação*, p. 57.

perceber os pontos comuns favoráveis a ambos. E discurso do mediador será sempre imparcial.⁶⁸ Neste ponto, salienta L. Sales:

O caminho da pacificação remete, necessariamente, à valorização do ser humano, concedendo-lhe formas e oportunidade de dialogar e participar da transformação de sua vida e de sua comunidade, o que, por conseguinte, gera nas pessoas o sentimento de inclusão e responsabilidade social.⁶⁹

Na comunicação humana, a melhor forma de se expressar é aquela que reconhece a necessidade do outro. Os conselhos são substituídos pela escuta ativa, permitindo ao outro dizer o que sente. Com essa atitude, o escutador valoriza o interlocutor, deixando-o expressar seus sentimentos, acolhendo-o e compreendendo-o. Escutar é a melhor maneira de ajudar alguém.⁷⁰ A escuta ativa envolve capacidade, vontade e compreensão da mensagem. A comunicação eficaz entre as pessoas compreende ir além das palavras e dos sentimentos. Dessa forma, a escuta ativa estará a serviço de uma cultura de pacificação e de comunicação não violenta, potencializando a mediação de conflitos nas relações sociais.⁷¹ Quando compreendemos a importância da escuta ativa, geramos veículos de alteridade em nossas relações humanas.

2.1.2.1 Alteridade e empatia na escuta

A alteridade no processo de escuta nas relações humanas é primordial para o nascimento de um diálogo humanizador. Ela nos coloca no lugar do outro com responsabilidade e ética. Ao mesmo tempo, abrem-se caminhos para repensar novas relações. No entanto, isso exigirá abertura do coração, a partir do nosso interior subjetivo,⁷² porque é daí que nasce a promoção humana, a reciprocidade, o perdão, a paz e o amor. Trazer o outro para nosso interior possibilita existir nele e encarar a vida com mais humanidade. Portanto, escutar com alteridade nos leva a sentir o outro com mais ternura e compaixão.

⁶⁸ VEZZULLA, J. C., A mediação para uma análise da abordagem dos conflitos à luz dos direitos humanos, p. 78.

⁶⁹ SALES, L. M. M., Mediare: um guia prático para mediadores, p. 9.

⁷⁰ VASCONCELOS, C. E., Mediação de conflitos e práticas restaurativas, p. 65-66.

⁷¹ GIMENEZ, C. P. C.; TABORDA, A. B. S., A Escuta ativa e alteridade como pressupostos para a liberação do perdão pela mediação, p. 209-212.

⁷² WARAT, L. A., Surfando na pororoca, p. 110.

A alteridade na escuta também envolve acolhimento, conexão, interação com o outro por inteiro, sem julgamentos, o que exige do ouvinte um exercício profundo de escuta a fim de não fazer interpretações errôneas. O ato de escutar com alteridade o outro é processo “kenótico”, isto é, de esvaziamento de si mesmo para poder conhecer o outro na sua singularidade. O escutador faz a experiência do esvaziar-se para ter condição de compreender o outro na condição em que se encontra. Assim, ele se conecta com o outro e procura compreendê-lo sem aderir ou identificar-se com o que é dito ou feito. É um ato complexo, generoso e compassivo que gera abertura e comprometimento com o outro, e não bloqueio dos ouvidos.

Quando falamos de escuta ativa e de alteridade nas relações humanas, compreendemos que a ligação de ambas é possibilitada pela escuta sensível do outro. Dar oportunidade à pessoa de falar, sem julgá-la, significa estar em contato e conhecer sua realidade. O escutador aprecia o outro tal como ele é: com seus sentimentos e suas ideias. Aquele que está falando sente-se acolhido, valorizado, reconhecido e compreendido. Os efeitos benéficos dessa ação sensível podem ser a cura de uma ferida emocional, melhoria do autoconhecimento, crescimento pessoal, abertura para escutar o outro, enriquecimento nas relações, redução de tensões, solução de problemas, desenvolvimento do conhecimento humano. Na escuta sensível, tanto o que escuta quanto o que fala são provocados por efeitos positivos.⁷³

A escuta como processo de diálogo sensível, se apoia na empatia, que reconhece e aceita o outro com seus defeitos e qualidades, complexidades e simplicidades. Segundo E. Falcone, o termo “empatia” originou-se do vocábulo alemão *Einfühlung*, e foi utilizado pela primeira vez por Robert Vischer, em 1873, em seu tratado de psicologia da estética e da percepção formal. Mais tarde, E. Titchener (1909, citado em Wispé, 1992) criou o termo “empatia” como uma versão de *Einfühlung*, pensando que seria possível conhecer a consciência de outra pessoa através da imitação interior ou do esforço da mente. Desde então a empatia tem sido objeto de estudo da psicologia nas áreas evolutiva, social, da personalidade e clínica.⁷⁴

Portanto, a empatia não é mera interpretação de fatos e situações; ao contrário, é busca de compreensão do outro para poder imaginar a situação pela qual ele passa

⁷³ FALCONE, E., *Empatia*, p. 279.

⁷⁴ FALCONE, E., *Empatia*, p. 276.

e, assim, aproximar-se dele de forma amorosa e compassiva. A proximidade do outro na escuta pode gerar aliança. Na psicoterapia, a ideia de aliança entre terapeuta e paciente é um aspecto fundamental para a obtenção de melhores resultados. Embora uma aliança positiva não aconteça no início da terapia, especialistas afirmam que, quanto mais cedo esse vínculo de aliança acontecer no processo terapêutico, melhor será o resultado.⁷⁵

Para R. Rodriguez a escuta empática tem o poder de acompanhar o outro em seus momentos de grande felicidade, angústia, desafios e com o desejo de que ele continue firme em seu caminho. Quando escutamos uma pessoa de forma empática, desejamos saber como ela está, acompanhamos sua trajetória, compartilhamos de coisas superficiais e profundas, falamos de ideais. Não competimos com nosso interlocutor, mas nos colocamos presentes na vida dele, animando-o e acompanhando-o. Ainda segundo R. Rodriguez, a empatia na escuta é uma habilidade que vamos adquirindo, e, quando a adquirimos, devemos nos exercitar o tempo que for necessário para pô-la em prática. É inconcebível falar em escuta empática em tempos de tanta correria. Empatia requer atenção, tempo desacelerado e foco no nosso interlocutor. Escuta empática é um processo que não tem atalhos. Escutar o outro é escutar a si mesmo.⁷⁶

E. Falcone, ao escrever sobre empatia no acompanhamento terapêutico, aponta duas etapas no comportamento empático:

Na primeira etapa, o indivíduo que empatiza está envolvido em compreender os sentimentos e as perspectivas da outra pessoa e, de algum modo, experienciar o que está acontecendo com ela naquele momento. A segunda etapa consiste em comunicar esse entendimento de forma sensível. A compreensão empática inclui prestar atenção e ouvir sensivelmente, enquanto a expressão empática inclui verbalizar sensivelmente.⁷⁷

Na escuta empática, entendemos e compreendemos o outro por meio de percepções e de sentimentos, reconhecemos seus medos e suas fragilidades, suas capacidades e suas limitações. Esse processo é que nos leva à aceitação incondicional do outro. A escuta exige humanização das relações. Este é um princípio fundamental para o escutador. Quem tem uma prática humanizada,

⁷⁵ ABREU, C. N., A pessoa do terapeuta e o processo de mudança em psicoterapia, p. 325-326.

⁷⁶ RODRIGUEZ, R. M. M., La escucha desde la psicoterapia, p. 15-16.

⁷⁷ FALCONE, E., Empatia, p. 278.

difícilmente vai ter uma postura insensível e intempestiva. Isso facilita o espaço para as ações solidárias, o espaço para estar disponível ao outro em um simples gesto de escutar, o que, conseqüentemente, ocasiona uma prática diferenciada, proporcionando a sensação de acolhimento.⁷⁸

2.1.2.2 Educar-se para a escuta

Aquele que escuta não perde o direito de discordar do outro, mas exercita a capacidade de respeitar a opinião daquele que pensa e se expressa diferente. Faz uso de uma escuta positiva, no sentido de não impor uma opinião ou postura autoritária em relação ao interlocutor. É tarefa difícil compreender o outro dentro do seu contexto, sem impor interpretação pessoal. Portanto, o silêncio será sempre uma prioridade para aquele que se coloca à escuta do outro, uma condição necessária para estabelecer a interação dialógica.

Nesse sentido, R. Alves, parafraseando A. Caeiro, escreve: “Não é bastante ter ouvidos para se ouvir o que é dito. É preciso também que haja silêncio dentro da alma”. Para Alves, a dificuldade está na capacidade de silenciar a alma. Não é possível escutar o que o outro diz sem logo dar um palpite melhor, sem misturar o que ele diz com aquilo que queremos dizer. Como se aquilo que ele diz não fosse digno de descansada consideração e precisasse ser complementado por aquilo que a gente tem a dizer, que é muito melhor.⁷⁹

O modo como a pessoa se expressa é variado. Ela pode ser entendida até por meio do silêncio. Cabe ao escutador a sensível percepção para compreendê-lo na sua complexidade. O silêncio é uma grande ferramenta para quem está na condição de escuta. A linguagem silenciosa possibilita a percepção das ações subjetivas do indivíduo, o qual é composto de características objetivas e subjetivas. As objetivas são fáceis de ser identificadas e reconhecidas, enquanto as subjetivas têm traços que necessitam de maior sensibilidade para que possam ser descobertos.

Em uma de suas obras, R. Nichol escreveu uma espécie de decálogo como proposta para a formação do escutador/comunicador. Segundo ele, para escutar é necessário conservar a mente aberta, porque somos uma realidade multidimensional com pontos desconhecidos. Quando em determinadas situações alguém fala uma

⁷⁸ CERQUEIRA, T. C. S.; SOUSA, E. M., Escuta sensível. O que é?, p. 23-23.

⁷⁹ ALVES, R., O amor que acende a lua, p. 67.

frase ou palavra errada, a reação de alguns ao redor é, às vezes, tão negativa a ponto de ser primitiva. Essa reação negativa das pessoas é porque, em nosso inconsciente, existe uma necessidade de defender o nosso território emocional a que pertencem as realidades sensíveis do intelecto, no campo das emoções.⁸⁰

Mas como podemos controlar nossas emoções? De acordo com D. Goleman, para saber controlar nossas emoções, em primeiro lugar, precisamos saber nomeá-las e distinguir nossos sentimentos para depois podermos agir com mais liberdade e inteligência racional. Para ele, nossas reações se devem ao fato de que ler o que passa dentro de nós é muito difícil, e muitas vezes vêm à tona realidades de nossa vida que aparentemente estavam adormecidas. Quando alguma coisa ultrapassa nossa zona de conforto, o impulso vem antes no coração do que na mente. E quando temos sentimentos muito intensos, estes reagem naturalmente, porque estão ligados às emoções. Quanto mais forte a emoção, mais nossa mente racional é enganada e colocada a serviço da mente emocional.⁸¹

O ser humano, como ser da escuta e da comunicação, permanecerá para sempre um ser de profunda relação entre o silêncio e a palavra. O Papa Bento XVI, em sua mensagem para o Dia Mundial das Comunicações Sociais, em 2012, convidou-nos a pensar o silêncio e a palavra como pontos de equilíbrio da comunicação para um diálogo autêntico e para uma união profunda entre as pessoas.

Segundo Bento XVI, quando palavra e silêncio se integram reciprocamente, a comunicação ganha valor e significado. No silêncio se escuta e se conhece melhor a si mesmo, compreende-se com maior clareza aquilo que se ouve do outro. Silenciando-se, permite-se que o outro fale e exprima a si mesmo. Dessa forma, torna-se possível uma relação plena. Pelo silêncio podemos identificar a autêntica comunicação entre os que se amam. Dele brota a comunicação mais exigente, que é capacidade de escutar. Bento XVI salienta ainda que é necessário criar um ambiente propício, quase uma espécie de “ecossistema” capaz de equilibrar silêncio, palavra, imagens e sons.⁸²

Atualmente a rede social vai-se tornando o lugar das perguntas e respostas. Somos bombardeados de respostas a questões que não propusemos e a necessidades

⁸⁰ NICHOLS, R., *Listening*, p. 12.

⁸¹ GOLEMAN, D., *Intelligenza emotiva*, p. 336-341.

⁸² BENTO XVI, PP., *Silêncio e palavra*, p. 5-6.

de coisas que não temos. Portanto, urge educar-se ao aprendizado da escuta, da contemplação, para além do falar, o que é muito importante para os agentes da evangelização. Silêncio e palavra são elementos essenciais e integrantes da ação da Igreja para um renovado anúncio de Jesus Cristo no mundo contemporâneo.⁸³

Dessa forma, somente a escuta silenciosa poderá penetrar e captar os significados do não dito. Será necessário que o escutador silencie sua alma para perceber aquilo que não foi dito em palavras, mas em gestos ou outra forma de expressão. A escuta é um processo fundamental nas relações interpessoais. Ela propicia maior aproximação dos sujeitos que se relacionam e o reconhecimento do outro, a aceitação e a confiança entre os dialogantes.⁸⁴

A escuta de si mesmo, no contexto das relações humanas, requer sinceridade, verdade e consciência dos próprios limites e fragilidades; o contrário levará a atitudes de bloqueio na escuta do outro.⁸⁵ Nesse sentido, a pessoa precisa entrar constantemente em contato com as diversas realidades que existem dentro dela para poder escutar as pessoas e o mundo. Escutar a si mesmo está estreitamente ligado à escuta do outro.⁸⁶

R. Alves relata que via muitos anúncios de cursos de oratória e que nunca tinha visto um anúncio de curso de “escutatória”. Ele pensou em oferecer tal curso, mas desistiu, achando que ninguém ia querer se matricular, porque, segundo ele, ninguém quer aprender a ouvir. Escutar é complicado e sutil. Para ele, nossa incapacidade de ouvir é a manifestação mais constante e sutil de nossa arrogância e vaidade.⁸⁷

Aquele que se educa para a escuta abre a porta de sua casa interior para o outro se hospedar. Estabelece com ele vínculos profundos de intimidade e encontro. Nesse sentido, a metáfora do útero materno nos ajuda a compreender que escutar o outro é oferecer um útero psicológico, capaz de ajudá-lo a sair da prisão de seus conceitos e ideias negativas. O interlocutor, quando se sente acolhido e amado pelo outro, encontra força para expressar suas emoções (alegrias, tristezas, esperanças, medos, dor e sofrimento).⁸⁸

⁸³ BENTO XVI, PP., Silêncio e palavra, p. 7-9.

⁸⁴ CERQUEIRA, T. C. S.; SOUSA, E. M., Escuta sensível. O que é?, p. 18-21.

⁸⁵ CASTELLAZZI, V. L., Ascoltarsi, ascoltare, p. 29-31.

⁸⁶ CASTELLAZZI, V. L., Ascoltarsi, ascoltare, p. 25.

⁸⁷ ALVES, R., O amor que acende a lua, p. 65.67.

⁸⁸ CASTELLAZZI, V. L., Ascoltarsi, ascoltare, p. 44.

A necessidade de se educar para a escuta faz-se urgente nos dias de hoje. Bento XVI afirma que “educar-se em comunicação quer dizer aprender a escutar, a contemplar, para além do falar”.⁸⁹

Aquele que aprende a escutar derruba muros e constrói pontes nas relações humanas. Consegue ir ao encontro do outro, ganha tempo com ele, respeita-o e acolhe-o com humanidade. Podemos ter, muitas vezes, sentenças de ideias preconcebidas para tentar entender o contexto do nosso interlocutor. O outro, esse desconhecido tão diferente do nosso espelho, pode nos refletir e recriar. A escuta é fundamental na vida das pessoas a quem estamos servindo. Escutar o outro é preocupar-se com seu bem-estar. Quando essa conexão acontece, aquele a quem estamos escutando permite tocar em realidades mais profundas que a ninguém foi permitido ter acesso.

Portanto, escutar o outro significa amá-lo com bondade, ternura e compaixão. A colhida e a valorização da pessoa humana a encorajam a expor suas dores e sofrimentos com mais tranquilidade. Os interlocutores se sentem parte um do outro e encontram coragem para enfrentar os desafios do dia a dia.⁹⁰ No processo de escuta, entram em jogo outras características importantíssimas para a relação da comunicação humana: as paralinguísticas e as extralinguísticas (a voz, a tonalidade, os estados de ânimo e a comunicação não verbal). Essas características também ajudam no reconhecimento e na transmissão de significados para além das palavras, em uma relação de escuta.⁹¹

A nobreza e a beleza da aproximação do eu com o outro se mostram na capacidade de escuta. Aquele que está dialogando conosco quer ser escutado. O desafio de educar para a escuta está ligado ao individualismo do ser humano, que o impede de interagir com outro na sua singularidade. Esquece-se de que a pessoa humana é formada por partes de um todo. Querer compreender apenas parte do outro é o mesmo que dizer que ele não é sujeito de seu contexto. Aquele que está à escuta do outro é receptivo e está disposto a acolhê-lo na sua inteireza. É um processo de relação interpessoal que propicia a aproximação daquele que escuta com o outro que está falando. Essa sintonia estabelece uma relação de reciprocidade

⁸⁹ BENTO XVI, PP., *Silêncio e palavra*, p. 9.

⁹⁰ ROGERS, C. R., *Un modo di essere*, p. 118-122.

⁹¹ ANNOLI, L., *Psicologia della comunicazione*, p. 210-211.

entre os dialogantes, uma conexão tão forte que gera confiança e comprometimento entre ambos.

A velocidade com que as coisas acontecem hoje produz a cultura da pressa, do aceleração do ser humano, que não tem tempo nem para respirar, impedindo-o, muitas vezes, de estar com o outro. As exigências cotidianas acabam fazendo com que as conversas se resumam a comentários rápidos, sem muito nexos, na hora do almoço, isso quando não se fala dos estresses do dia a dia. O espaço para relações interpessoais perde prioridade. Os mais idosos são os que mais sofrem por não terem com quem conversar. Nesse sentido, associações como o *Telefono amico*, na Itália, nasceram para dar suporte às pessoas que moram sozinhas e que necessitam de alguém que as escute.

O Papa Francisco, por ocasião dos 50 anos de atividades dessa associação, em audiência com os voluntários, destacou em seu discurso que o serviço prestado por eles é muito importante, especialmente no hodierno contexto social, marcado por múltiplas dificuldades causadas pelo isolamento e pela falta de diálogo. Para ele, é indispensável o favorecimento do diálogo e da escuta, e afirma que a condição do diálogo é a escuta, que infelizmente não é muito comum. Escuta exige paciência e atenção. Não se escuta falando. Para escutar Deus e o outro é necessário silenciar. Deus é o exemplo mais sublime de escuta: todas as vezes que se reza, Ele escuta aquele que reza sem pedir nada e até precede na tomada de iniciativa, atendendo à nossa oração. A capacidade de escuta da qual Deus é modelo nos encoraja a criar pontes de diálogos, superando o isolamento e o fechamento no pequeno mundo. A edificação de um mundo melhor só será possível por meio do diálogo e da escuta.⁹²

Sendo assim, o Papa encoraja-nos a trabalharmos com entusiasmo no precioso serviço de não permitir que ninguém permaneça isolado, a fim de que não se cortem os laços do diálogo e para que nunca venha a faltar a escuta, que é a manifestação mais simples de caridade em relação aos irmãos.

2.1.2.3 A escuta na cultura digital

Tarefa difícil em meio às novidades do século XXI, com as inovações tecnológicas e com as grandes cidades superpovoadas, que são o retrato de um estilo

⁹² FRANCISCO, PP., Discurso aos voluntários do *Telefono amico*, p. 1.

de vida pouco humano, com o qual os indivíduos estão se acostumando: a indiferença generalizada, a comunicação cada vez mais virtual e menos pessoal, a falta de valores firmes, sobre os quais se funda a cultura do ter e do aparecer.

Nesse contexto, o novo tipo de relacionamento é o virtual, como resultado da expansão da *internet*, essa fantástica invenção humana que traz um novo modelo de viver em sociedade. Pode-se falar até de uma “cultura virtual”, na qual nos conectamos em tempo real com quem está distante, com pessoas que conhecemos e que não conhecemos. São interações rápidas e instantâneas, as quais acontecem por meio de computadores e, recentemente, por celulares, *smartphones*, que se tornaram praticamente uma necessidade básica para essa nova cultura. Em tais interações, os distantes ficam tão próximos que cabem na palma da mão, e a boca são também os dedos.

As vantagens dessa nova cultura são inúmeras, como tornar possível que resolvamos a maioria de nossos problemas e tarefas sem sair de casa. Entretanto, ainda que entre os conectados virtuais ninguém esteja escondido e aquele que quer ter visibilidade pode se mostrar, nunca se esteve tão sozinho e nunca tantos se perderam nessas redes. A praça, os lugares públicos de encontro, próprios para fazer amizades, foram deixados de lado pelos relacionamentos virtuais.

É difícil e complicado desconectar-se hoje. Conexão é uma necessidade quase vital para o ser humano. Quando recebemos amigos e parentes em nossas casas, a primeira pergunta que nos fazem é “Qual a senha do *wi-fi*?”! À mesa, cada um com seu *smartphone*, conversa com os distantes, bloqueando a escuta dos mais próximos.

Segundo Z. Bauman e E. Mauro, na era do *Google* e da *Wikipédia*, olhamos para a tecnologia não apenas à procura de uma solução, mas para ficar livres de fardos complicados. Para eles, o ato de livrar-se dos fardos é exatamente o que torna a tecnologia tão sedutora e admirável. Nós deixamos até de enxergar o processo, nós não enxergamos o conceito, cegados que estamos pela celeridade da solução. Contudo, no pequeno espaço da rapidez invisível e abençoada da seleção, extravai-se um fragmento da nossa responsabilidade, ou pelo menos do seu mecanismo, que consiste na capacidade de analisar, na inteligência de discernir, na vontade de opinar

por uma escolha específica. Extraviam-se, portanto, um fragmento da estrutura que dá forma à opinião pública.⁹³

O Papa Francisco, em um encontro com crianças e adolescentes da catequese, ao falar sobre o uso de *smartphones*, disse que o diálogo com o celular é virtual e líquido. Não é concreto e não nos permite o apostolado do ouvido de que hoje tanto necessitamos, já que a falta de escuta é uma das piores doenças da atualidade. Sugere, então, às crianças e aos adolescentes imaginar,

na mesa, um pai, uma mãe, um menino e uma menina, cada um com seu celular, todos falam com outros, mas não dialogam entre si, e isso é um problema. Então eu digo a vocês, jovens, como podemos começar? Desbloqueando os ouvidos. Por exemplo, quando você vai visitar um doente, primeiro fique calado, dê um abraço, um afago, depois faça uma pergunta e deixe que a pessoa fale, ela precisa desabafar, ou talvez não falar nada, mas ter alguém por perto. Em primeiro lugar está o coração e apenas em segundo lugar a palavra.⁹⁴

Trata-se, então, de desbloquear os ouvidos para poder escutar e sentir com amor o outro que está comigo. O processo da escuta de si na dinâmica emocional é muito importante. Primeiro sinto, depois explico a mim mesmo o que sinto.

Para H. Silva, citando A. Damásio, a distinção entre sentimento e emoção é muito importante. Segundo ele, a “emoção” pode ser definida como um conjunto de reações corporais, já o “sentimento” pode ser considerado a experiência mental privada da emoção. E conclui dizendo que a emoção não necessita de uma consciência para existir ou ser acionada. A emoção e o sentimento estão em constante relacionamento.⁹⁵

Entretanto, no relacionamento virtual, as pessoas encontram muita dificuldade para escutar o outro e estabelecer um diálogo profundo com ele. E, quando estão presentes fisicamente, a mente, os ouvidos e o coração encontram-se bloqueados para os que estão próximos. O tempo para escutar é escasso, pois a pressa e a conexão virtual o devoram; passam a ser doentios.

⁹³ BAUMAN, Z.; MAURO, E., Babel: entre a incerteza e a esperança, p. 79.

⁹⁴ FRANCISCO, PP., Eu não temo as bruxas, mas as fofocas, p. 1.

⁹⁵ SILVA, H. A., Verdade, conhecimento e emoção nas abordagens cognitivas, p. 25.

Hoje, para aqueles que não conseguem se desconectar, há inúmeras clínicas especializadas para poder ajudar a pessoa a se conectar consigo mesma e com os outros. Inclusive, crianças e adolescentes, intoxicados com o vício do celular.⁹⁶

Uma reportagem publicada pela BBC BRASIL, em 2108, confirma que nos últimos cinco anos cresceu o número de pessoas que acessam a *internet* pelo celular. Por esse motivo, dezenas de clínicas de reabilitação surgiram nos arredores de megaempresas como *Facebook*, *Twitter*, *Apple* e *Google* no Vale do Silício, oferecendo tratamentos específicos para jovens que passam até 20 horas por dia no celular. É o caso da *Paradigm*, uma clínica no centro de San Francisco que atende crianças e adolescentes entre 12 e 18 anos. Eles são internados pelos pais para tratar o vício da internet. Apenas 8 pessoas ficam internadas simultaneamente por uma média de 45 dias, podendo chegar a até 60 dias, dependendo do grau de dependência. O valor das diárias é de US\$ 1.633 dólares.

Dentro da clínica, celulares, *laptops* e *tablets* são proibidos e o acesso a computadores é limitado apenas a aulas de reforço escolar. Tudo é monitorado por professores e psicólogos. Os internos têm hora para acordar, estudar, fazer refeições e participar de uma bateria de terapias coletivas e individuais. A promessa da clínica é “reprogramar” os jovens para que eles reconstruam a sua relação com a tecnologia e se reaproximem de seus familiares, amigos e se dediquem aos estudos e às tarefas de forma saudável.

Nesse sentido, uma das ciências que mais se tem dedicado e aprofundado à temática da escuta na cultura digital, hoje, tem sido a psicologia da comunicação. Ela busca compreender o desenvolvimento das doenças psicológicas (depressão, estresse, alto índice de suicídio, insatisfação e perda do sentido da vida), com a preocupação de entender as aparições desses desequilíbrios a partir das mudanças tecnológicas digitais. Dessa forma, a psicologia da comunicação está buscando aprofundar quais são as lacunas da relação humana que geram essas patologias.

Pesquisadores da psicologia da comunicação constatam que um dos fatores de doenças psíquico-emocionais está ligado ao modo de escutar do ser humano hodierno, subjogado a um ambiente de intensa poluição sonora e visual. O silêncio é um desafio para essa nova cultura, em que barulhos intensos chegam aos ouvidos

⁹⁶ SENRA, R., A clínica nos EUA onde milionários “desconectam” filhos viciados em celulares e internet, p. 1.

das pessoas constantemente. Talvez por isso que muitos preferam colocar seu fone de ouvido para escutar somente aquilo que lhes interessam, sem se importar com os ruídos que estão a sua volta. Segundo M. Castell, a relação com o tempo é definida pelo uso de tecnologias de informação e comunicação em seu esforço implacável para aniquilar o tempo pela negação do sequenciamento: por um lado, comprimindo o tempo (como nas transações financeiras globais de frações de segundo ou na prática generalizada da multitarefa, que comprime mais atividade numa só); por outro lado, a sequência toldada de práticas sociais, incluindo passado, presente e futuro em ordem aleatória, como no hipertexto eletrônico da *Web 2.0* ou na diluição dos ciclos de vida tanto no trabalho quanto nos cuidados parentais.⁹⁷

Z. Bauman também opina sobre isso e diz que olhamos para a tecnologia à procura de soluções, e na maior parte do tempo, pelo menos em algumas ocasiões, almejamos compreender e encontrar o que Wittgenstein deslindou como conhecimento. Para Bauman, a rede é uma réplica ampliada daquele que a teceu, povoada exclusivamente por pessoas de mesma opinião que se aplaudem. Ela é também uma réplica eletrônica de um “condomínio fechado” que o separa do “mundo lá de fora”, e é assustador para a população que se aventure em uma viagem de descobertas.

Em entrevista à revista *Istoé*, na edição de janeiro de 2016, Z. Bauman, ao ser perguntado se as pessoas conectadas ao mundo pela internet estariam se desconectando da sua própria realidade, responde:

Os contatos *online* têm uma vantagem sobre os *offline*: são mais fáceis e menos arriscados – o que muita gente acha atraente. Eles tornam mais fácil se conectar e se desconectar. Caso as coisas fiquem “quentes” demais para o conforto, você pode simplesmente desligar, sem necessidade de explicações complexas, sem inventar desculpas, sem censuras ou culpa. Atrás do seu *laptop* ou *iPhone*, com fones no ouvido, você pode se cortar fora dos desconfortos do mundo *offline*. Mas não há almoços grátis, como diz um provérbio inglês: se você ganha algo, perde alguma coisa. Entre as coisas perdidas estão as habilidades necessárias para estabelecer relações de confiança, as para o que der e vier, na saúde ou na tristeza, com outras pessoas. Relações cujos encantos você nunca conhecerá a menos que pratique. O problema é que, quanto mais você busca fugir dos inconvenientes da vida *offline*, maior será a tendência a se desconectar.⁹⁸

⁹⁷ CASTELLS, M., *Communication Power*, p. 55.

⁹⁸ PRADO, A., *Vivemos tempos líquidos*, p.1.

Se por um lado a rede é um abrigo *online* da “zona de conforto”, por outro, ela é um abrigo inadequado para realidades da existência heterogêneas *offline*, repleta de choques de interesses, confrontos, incompreensões, disputas de interesses, sendo, na verdade, um monólogo de ego rigorosamente isolado.⁹⁹

Na antiguidade, entre os gregos, a cultura oral era uma espécie de enciclopédia confiada a quem escutava. As pessoas conservavam as palavras recebidas de seus mestres como um patrimônio escrito na alma. O ensinamento do mestre gerava ressonâncias tão profundas que eram transmitidas para as futuras gerações. Platão dizia que os discursos das coisas “justas, belas e boas” deveriam ser entregues diretamente pelo mestre ao seu discípulo como “palavras vivas”, escritas diretamente na alma, e não como uma escritura estática.¹⁰⁰ Na cultura digital podemos encontrar uma enxurrada de conteúdos e informações, mas os esquecemos com muita facilidade. Hoje, é muito mais fácil e rápido consultar o *Google* com palavras-chave que confiar na nossa própria capacidade de memorização e elaboração de discursos mais complexos.

Um dos expoentes “das ciências contemporâneas da escuta”, R. Nichols, em uma conferência em Atlanta, afirmou que temos a urgência de aprender a resolver os conflitos por meio da escuta. Segundo ele, “compreender e ser compreendido” é essencial, não só para solucionar os conflitos internos e externos, mas para tornar-se mais humano.¹⁰¹ Em uma sociedade hiperdigitalizada, escutar torna-se uma necessidade básica para a sobrevivência humana.

Para A. Spadaro, todas as plataformas de redes sociais são, em seu conjunto, uma ajuda potencial para as relações, mas também uma ameaça. Ele afirma que seria muito triste se o desejo de sustentar e desenvolver amizades *online* se desse à custa da disponibilidade para as relações cara a cara no dia a dia, composto de encontros no contexto da vida “real”. Desse modo, as redes sociais podem ser um perigo e interromper a interação social real, tornando-se sempre um desafio para as relações humanas. Isso exige de cada pessoa um amadurecimento para uma integração salutar entre a vida cotidiana e as potencialidades proporcionadas pelo ambiente “virtual”. Sem maturidade antropológica e afetiva não haverá

⁹⁹ BAUMAN, Z.; MAURO, E., Babel: entre a incerteza e a esperança, p. 84-88.

¹⁰⁰ MURA, G., Pensare la parola, p. 231-232.

¹⁰¹ NICHOLS, R. G., The struggle to be human, p. 1.

comunicação real entre as pessoas e as redes serão uma fuga para o vazio existencial. Spadaro afirma também que a “*internet* não deve ser configurada como um substituto alienante da realidade, mas como um local capaz de incrementar a vida comum com potencialidade de relacionamentos”.¹⁰²

2.1.2.4

A escuta nas redes sociais é possível?

Os desafios dessa cultura virtual despertam algumas preocupações no contexto da escuta humana. Se escutar exige sensibilidade, acolhida, diálogo e comprometimento, o que dizer das relações virtuais? Dessas não podemos dizer o mesmo. Em muitos casos, o outro virtual é um desconhecido que pode se passar por conhecido. A relação, nesse caso, é muito superficial, apesar de alguns vínculos surgirem via internet, como namoro e casamento.

Por outro lado, podemos nos perguntar: é possível falar de escuta nas redes sociais? Essa questão leva-nos a pensar nas inúmeras possibilidades da era virtual, mas não vem ao caso escrever sobre isso, porquanto o que ora nos interessa é se se pode falar em escuta pelas redes sociais. Não é fácil responder a essa questão, por se tratar de algo muito recente em nossos tempos. Há vários pesquisadores no campo das ciências humanas buscando trabalhar essa questão, como a psicóloga norte-americana P. Rutledge, diretora do *Media Psychology Research Center*, que defende a educação e “etiqueta digital” para uma convivência melhor e mais polarizada nas redes sociais. Segundo ela, a era virtual não tornou as pessoas mais agressivas, apenas trouxe à tona comportamentos que não víamos antes. Afirma também que nas redes sociais fala-se muito, mas pouco se escuta.¹⁰³

A questão apresentada leva-nos a pontuar alguns elementos importantes nas relações humanas, antes de responder a questão. Assim como o ser humano necessita se educar para a escuta no contato direto e físico com o seu interlocutor, também é necessária uma educação humana na relação de escuta nas redes sociais. Nossa relação com o outro está mediada pelo digital, mas ela é real, virtual. Existe uma pessoa conectada comigo. Nessa conexão podemos interagir de forma intensa e respeitosa, falar de assuntos variados, dos mais relevantes aos mais superficiais. O novo areópago digital me dá a possibilidade de fazer consultorias e apresentar

¹⁰² SPADARO, A., *Web 2.0: redes sociais*, 2013, p. 8.

¹⁰³ GAUCHAZH COMPORTAMENTO, Entrevista com Pamela Rutledge, p. 1.

projetos, reuniões e conferências *online*. Posso me conectar com pessoas em vários locais mediado por essa nova tecnologia.

Por ocasião do 47º Dia Mundial das Comunicações Sociais, Bento XVI escreveu que as redes sociais são portais de verdade e de fé com novos espaços de evangelização. Elas são uma realidade cada vez mais importante para os dias de hoje e dizem respeito à maneira como as pessoas se comunicam atualmente entre si. Segundo ele, as redes sociais digitais estão contribuindo para a aparição de uma nova ágora, de uma praça pública e aberta onde as pessoas partilham ideias, informações, opiniões e podem ainda ganhar vida, novas relações e formas de comunidade.

Bento XVI, afirma ainda que no ambiente digital existem redes sociais que oferecem ao ser humano atual oportunidades de oração, meditação e partilha da Palavra de Deus. Mas essas redes podem também abrir as portas a outras dimensões da fé. Na realidade, muitas pessoas estão descobrindo graças ao contato inicial feito *online* comunidades que propiciam elementos importantes no caminho da fé. Procurando tornar o Evangelho presente no ambiente digital, convidando os interlocutores *online* a viverem encontros de oração ou celebrações litúrgicas em lugares concretos como igrejas ou capelas. O que não deve haver, segundo Bento XVI, é falta de coerência ou unidade entre a expressão da fé e o testemunho do Evangelho onde somos chamados a viver, seja no ambiente digital, seja fora dele.¹⁰⁴

Em tempos de pandemia da Covid-19, com as igrejas fechadas e vazias, os padres passaram a fazer a transmissão das missas pelo *Facebook* e *YouTube*. Os fiéis estavam lá acompanhando assiduamente. Houve uma conexão real e verdadeira com o mistério celebrado. Pode-se, portanto, falar de uma “assembleia real virtual” naquele momento ao vivo da transmissão da missa, mesmo sabendo que a presença física no templo é importante para a vivência da fé. Mas nesse tempo em que ficar em casa era essencial, a comunidade de fé estava presente escutando a Palavra de Deus e a homilia do sacerdote.

Em 2009, Bento XVI, por ocasião do Dia Mundial das Comunicações Sociais, se manifestou no sentido de que a escuta virtual é fundamental. Segundo ele, as novas tecnologias geram novas relações com o dever de promover uma cultura de

¹⁰⁴ BENTO XVI, PP., *Redes sociais: portais de verdade e de fé*, p. 1.

respeito, de diálogo e de amizade. Elas provocam mudanças fundamentais no modelo de comunicação e nas relações humanas. Mudanças que são mais evidentes entre os jovens, por terem mais facilidades para manusear essa nova tecnologia e por se sentirem à vontade no mundo digital. O extraordinário potencial das novas tecnologias, quando bem usadas, favorecem a compreensão e a solidariedade humana. Elas são um verdadeiro dom para a humanidade. Com a missão de estar a serviço do bem dos indivíduos e da sociedade. Nessa nova arena digital, o ser humano pode encontrar-se e conhecer os valores e as tradições alheias. Contudo, tais encontros, para serem fecundos, requerem formas honestas e corretas de expressão associadas a uma escuta atenciosa e respeitosa.¹⁰⁵

Já o Papa Francisco, também na mensagem para o Dia Mundial das Comunicações de 2019, pontuou que, com o surgimento da *internet*, a Igreja tem insistido que o seu uso sirva para o encontro das pessoas e para a solidariedade entre todos. Como ser-em-relação, somos chamados, nos vastos desafios do atual panorama, a descobrir o desejo que o ser humano tem de não ficar encerrado na própria solidão. Com vantagens e riscos, a *internet* constitui uma possibilidade extraordinária de acesso ao saber, como também um dos locais mais expostos à informação e à distorção consciente e pilotada dos fatos e relações interpessoais. Francisco pontua também que,

se, por um lado, as redes sociais servem para nos conectar, por outro, prestam-se para o uso manipulador dos dados pessoais, visando obter vantagens no plano político ou econômico, sem o devido respeito pela pessoa e seus direitos. As estatísticas relativas aos mais jovens revelam que um em cada quatro adolescentes está envolvido em episódios de *cyberbullying*. Precisamos abrir o caminho para o diálogo, o encontro, o sorriso, o carinho [...], nas redes sociais. Não queremos uma rede feita para capturar o ser humano, mas para libertar, para reservar uma comunhão de pessoas livres [...]; a Igreja é uma rede tecida pela Comunhão Eucarística, onde a união não se baseia nos gostos [*likes*], mas na verdade, no “amém” com que cada um adere ao Corpo de Cristo, acolhendo os outros.¹⁰⁶

Tanto a mensagem de Bento XVI quanto a do Papa Francisco elencam assuntos relevantes e contribuem para a escuta que gera encontro, diálogo, acolhida e promoção do outro nas redes sociais. Ambiente de encontro com pessoas reais, em ambiente virtual, com a missão de gerar relações de amizade fecundas e

¹⁰⁵ BENTO XVI, PP., Novas tecnologias, novas relações, p. 1.

¹⁰⁶ FRANCISCO, PP., Somos membros uns dos outros (Ef 4,25), p. 1.

respeitosas. Daí a necessidade de educar para se navegar nesses novos meios sociais; educar pessoas em suas diversas etapas, formando cidadãos conscientes para conviver e se relacionar com respeito e responsabilidade. A honesta consciência na relação com o outro nas redes sociais é expressão do meu eu. Ele é meu próximo, por isso, devo respeitá-lo e escutá-lo com atenção, respeito e amor. Com as devidas ressalvas ao que significa “escuta” e mediante a complexidade dessa nova tecnologia, podemos considerar que existe escuta nas redes sociais.

Mesmo assim e com tantas possibilidades virtuais, a comunicação humana, no tocante à escuta, passa pelo outro que está próximo. As tecnologias podem possibilitar inúmeras formas de nos conectar ao outro, mas nunca vai substituir um abraço, um aperto de mão e um ombro amigo, ou melhor, a pessoa concreta, real que está a nossa frente.

A conexão física desde nosso nascimento é necessária para a formação do sentido de conexão e pertencimento, essencial para nossa sobrevivência enquanto seres humanos.¹⁰⁷ Nesse sentido, com ressalvas, ainda não é possível falar em relação de afeto e alteridade na rede virtual. A escuta humana, por mais que possa acontecer pela rede, acontece mesmo é no corpo a corpo, de forma integradora, sem dualismos. E a mediação virtual, mesmo sendo importante nos dias de hoje, ainda é um veículo enigmático na relação de escuta do outro.

Percebemos, com essa atitude comportamental do ser humano contemporâneo, que a qualidade de vida depende muito da qualidade das paisagens sonoras e visuais que ele consegue criar a sua volta. Segundo F. Pasqualette, o ser humano hodierno precisa de uma “ecologia sonora” para melhorar a qualidade de vida na sua comunicação,¹⁰⁸ isto é, educar o ouvido para percebê-la e sentir os sons que estão surgindo no seu ambiente cotidiano; aprender a silenciar para escutar as mudanças que estão acontecendo no seu entorno e atribuir a elas um significado coerente à sua percepção.

A escuta humana promove um clima de graça entre os dialogantes e os envolve em um processo amoroso e vital. Podemos constatar, hoje, a necessidade de repensar o processo de escuta pessoal por meio do processo de escuta do outro,

¹⁰⁷ GOMES, A. A.; MELCHIORI, L. E., A teoria do apego no contexto da produção científica contemporânea, p. 41.

¹⁰⁸ PASQUALETTI, F., Suono, p. 1106.

olhando primeiro para a escuta a si mesmo. Esse exercício da escuta de si pode trazer à memória a voz de Deus que fala, consola, confronta e nos encoraja. O escutador passa a ser intérprete da voz de Deus, que fala ao coração do outro. Essa é uma missão árdua e profunda.

2.1.3

Antropologia da escuta: relação do ser humano com Deus

Ao aprofundar a antropologia da escuta nas relações humanas, vimos como ela é dinâmica e envolve todos os sentidos do corpo de forma integral e humanizada. Quando falamos de escuta humana, nos referimos ao ser humano integrado consigo mesmo, com o outro, com o cosmo e com Deus. Enquanto processo antropológico, a escuta humana conduz à escuta divina. Seria muito complexo falar que escuto Deus se não consigo me escutar e escutar o outro. “Pela escuta, a pessoa se constrói em seu caráter e maturidade.”¹⁰⁹ Quando falo da escuta do outro, estou falando da escuta do meu eu interior também. É uma escuta dialógica e interativa. Ao mesmo tempo que ela me coloca em harmonia com meu interior, ela também me coloca em sintonia com meu exterior.

Nesse sentido, o termo “escuta” está ligado às pessoas que têm a capacidade de escutar a Palavra da verdade que vem de Deus. O ser humano, desde a sua origem, foi chamado a ser interlocutor entre si e o universo, e também a ter uma relação de amizade com o próprio Deus, seu Criador. Nós nos conhecemos escutando as palavras uns dos outros. Nessa lei antropológica, Deus se insere esperando que o escutemos. Na Bíblia podemos ler que Deus fala pelos profetas e, no tempo previsto, falou-nos por meio de seu Filho, Jesus Cristo (Hb 1,1). Em Jesus, a Palavra Encarnada, Deus falou a nós de modo humano, falando nossa língua. Nesse sentido, podemos chamar Jesus de “Verbo humanado”. Em Jesus, Deus definitivamente se abaixa e nos acolhe para eternizar em nós, de forma mais plena, o seu amor. A Palavra Encarnada, prefigurada no Antigo Testamento e conservada no Novo Testamento, é experimentada pela consciência do ser humano crente, na livre e amorosa relação com Jesus e seu Espírito. Aqui manifesta o poder da escuta divino-humana.

¹⁰⁹ NAZINI, G., A arte da escuta no serviço pastoral, p. 74.

Entretanto, o ser humano, no seu processo de escuta da voz de Deus, precisa aprender a silenciar-se. Segundo G. Turner, “o silêncio é parte de nossa natureza, um aspecto essencial do ser humano. Sem ele, qualquer tipo de desenvolvimento humano seria impossível. Tudo vem do silêncio, inclusive Deus. O silêncio é a casa na qual vivemos sem limites e sem fronteiras”.¹¹⁰ Sendo assim, ficar em silêncio é o primeiro passo para a escuta; porém, não é um silêncio passivo, mas sim ativo, um silêncio de abertura, que dá prioridade ao outro, estabelecendo vínculo, interlocução, diálogo e comunhão.¹¹¹ Tal vínculo, então, traz harmonia e conexão com o cosmo, e passo a sintonizar-me com toda a criação. Segundo A. Giabbani,

a Palavra de Deus abrange toda a revelação e é o centro de todo o conhecível cósmico, uma vez que a palavra subsistente é o centro e a origem de todas as palavras lidas ou pronunciadas. É só pela escuta inteligente, amorosa e penetrante que entramos no mistério de Deus, envoltos lentamente na sua luz depois da morte corporal, na plenitude da luz divina.¹¹²

Portanto, quando estabeleço essa relação harmoniosa com o todo, sinto-me integrado, e a partir daí posso estabelecer uma relação de escuta prazerosa com o divino. Para escutar Deus não há outro caminho a não ser a conexão com meu mundo interior e exterior. Preciso estar em harmonia, em paz com o todo que está em mim e fora de mim. É necessário que as minhas inquietações sejam acolhidas por mim. A acolhida do meu eu interior e exterior me leva ao equilíbrio, à harmonia. Isso não é fácil, mas é possível. Por isso requer de mim conexão interior, consciência de minhas fraquezas e do meu potencial. Quando me compreendo, me surpreendo, e portas se abrem para novas relações.

Abrir portas para novas relações significa abrir os ouvidos, o coração e a mente para a escuta divina. Mas como podemos escutar a Deus? Como Deus nos fala e quando fala? O que é Palavra de Deus¹¹³ e o que é palavra humana? Essas e outras questões que poderão aparecer requerem um aprofundamento teológico no dado da revelação divina; mesmo assim, não é fácil responder essas questões, porque, para escutar Deus, é necessário priorizar a sua Palavra. Quando Ele fala, as

¹¹⁰ TURNER, G., Silêncio interior, p. 126.

¹¹¹ PAULA, B., A arte da escuta, p. 15-17.

¹¹² GIABBANI, A., Escuta, p. 370-371.

¹¹³ Chamaremos de Palavra de Deus, Palavra do Senhor, Palavra de Cristo, Sagrada Escritura ou Escritura os livros da Bíblia, como aparece nos textos Patrísticos, nos documentos do Magistério da Igreja, nos documentos conciliares e pós-conciliares.

múltiplas palavras humanas necessitam ser silenciadas para que possamos escutá-lo e pôr em prática sua Palavra. Portanto, antes de responder as questões apresentadas, precisamos compreender primeiro como a Igreja interpreta as Escrituras como Palavra de Deus revelada. A partir daí, as outras questões serão respondidas paulatinamente.

2.1.3.1

Palavra de Deus e palavra humana

O verdadeiro diálogo entre Deus e o ser humano acontece por meio da escuta das Escrituras, a qual nos conduz à fé em Cristo. Sem fé é impossível falar da Palavra de Deus. Paulo escrevendo a Timóteo, afirma que as Escrituras têm o poder de comunicar a sabedoria que conduz à salvação pela fé em Cristo Jesus. Segundo o apóstolo, toda a Escritura é inspirada por Deus, sendo útil para ensinar, para argumentar, para corrigir e para educar na justiça, a fim de que o ser humano seja perfeito e qualificado para toda boa obra (2Tm 3,16-17).

O Concílio Ecumênico Vaticano II, na Constituição Dogmática *Dei Verbum*, afirma que a Escritura, enquanto escrito inspirado pelo Espírito Santo, é Palavra de Deus. Nesse sentido, L. Alonso Schökel, afirma que

a inspiração é um “carisma” com consequências importantes: a presença da Escritura na Igreja é uma presença do Espírito e, portanto, uma atividade; é um dos caminhos institucionais da ação do Espírito; ao mesmo tempo, a Igreja permanece aberta e disponível a novas ações inesperadas do Espírito [...]. Por outro lado, a leitura e a interpretação da Sagrada Escritura penetram a esfera dos carismas: há uma interpretação infalível e de autoridade, há uma interpretação inspirada e espiritual; e é ao serviço delas que se dispõe o humilde trabalho humano de investigar, trabalho que também pode ser tocado pelo Espírito. Tudo isso é elemento constitutivo da tradição, animada pelo Espírito também através da Escritura inspirada.¹¹⁴

Desse modo, a Palavra de Deus foi confiada por Cristo aos apóstolos, que, por meio da Sagrada Tradição, foram os responsáveis por transmiti-la integralmente aos seus sucessores, os quais, por sua vez, com a força e a luz do Espírito Santo, a conservaram, a puseram por escrito e a anunciaram fielmente. À vista disso, a Igreja tira das Escrituras e da Tradição sua certeza a respeito das coisas reveladas; assim,

¹¹⁴ ALONSO SCHÖKEL, L., *A Palavra Inspirada*, p. 18-19.

ambas não devem ser compreendidas separadamente, mas recebidas e veneradas por toda a Igreja com igual afeto e piedade.¹¹⁵

Por isso, a Escritura como Palavra de Deus só pode ser compreendida a partir da fé, pois para o ser humano crente, a Escritura é Palavra de Deus que chegou até nós por meio da Tradição. Essa verdade de fé, na cultura judaico-cristã, primeiro foi transmitida oralmente de pai para filho, depois foi escrita por inspiração divina. Para J. Briend,

segundo modalidades diversas, a Palavra de Deus se inscreveu na história. Paulo, na Carta aos Hebreus, escreve: “Depois de ter, por muitas vezes e de muitos modos, falado outrora aos Pais, nos profetas, Deus, no período final em que estamos, falou-nos a nós num Filho a quem estabeleceu herdeiro de tudo, por quem outrossim criou os mundos”. Do início ao fim, portanto, repercute esta Palavra, que passa por enviados que podemos globalmente designar como profetas.¹¹⁶

A Tradição e a Escritura, portanto, constituem o mesmo depósito sagrado da Palavra de Deus, confiado à Igreja. A fidelidade às Escrituras deve manter a unidade do povo de Deus com seus Pastores, de tal modo que persevere na doutrina dos apóstolos, na união fraterna, na fração do pão e nas orações (At 2,42). Pastores e fiéis são chamados a conservar, praticar e professar a fé transmitida. Todos devem primar pela unidade de espírito; porém, cabe ao Magistério da Igreja interpretar autenticamente a Palavra de Deus escrita ou contida na Tradição. O Magistério não está acima da Palavra de Deus, mas a seu serviço, ensinando somente o que foi transmitido por mandato divino com assistência do Espírito Santo. Ao escutar com amor a Palavra de Deus, o Magistério da Igreja deve conservá-la com cuidado e expor fielmente este único tesouro da fé a todos os que querem crer como divinamente revelado. Desse modo, Tradição, Escritura e Magistério da Igreja estão tão ligados entre si que um sem o outro não se mantém, mas unidos, cada um a seu modo, sob a ação do Espírito Santo, colabora com eficácia para a Salvação do mundo.¹¹⁷

O Papa João Paulo II, no discurso para cardeais, chefes de missões diplomáticas, membros da Pontifícia Comissão Bíblica e aos professores do Pontifício Instituto Bíblico, por ocasião do Centenário da Encíclica de Leão XIII,

¹¹⁵ DV 9.

¹¹⁶ BRIEND, J., Palavra de Deus, p. 1328.

¹¹⁷ DV 10.

Providentissimus Deus, e do Cinquentenário da *Divino Afflante Spiritu*, de Pio XII, afirmou que

a Escritura é de importância capital para a fé cristã e para a vida da Igreja. “Com efeito, nos livros Sagrados – como justamente no-lo recordou o Concílio – o Pai que está nos céus vem amorosamente ao encontro dos seus filhos e conversa com eles; e é tanta a força e a virtude que se encerra na Palavra de Deus, que é, na verdade, apoio e vigor para a Igreja, e, para seus filhos, firmeza da fé, alimento da alma, fonte pura e perene da vida espiritual” (*Dei Verbum*, 21). O modo de interpretar os textos bíblicos para os homens e as mulheres de hoje tem consequências diretas sobre a relação pessoal e comunitária dos mesmos com Deus, e está também estreitamente ligado à missão da Igreja.¹¹⁸

A pregação da Igreja e a religião cristã têm como alimento as Escrituras. A Igreja nunca deixou de venerar as Escrituras como o Corpo de Cristo, sobretudo na liturgia. Sempre alimentou os fiéis da mesa, tanto da Palavra quanto do Corpo de Cristo, o Pão da Vida eterna. De igual modo, a Igreja considera as Escrituras e a Tradição como regra suprema da fé. Inspiradas por Deus e escritas por mãos humanas, uma vez para sempre, a sua Palavra faz escutar a voz do Espírito Santo, por meio dos profetas e dos apóstolos. Acreditamos que Deus sempre vem ao nosso encontro para conversar conosco. A sua Palavra nos dá apoio e vigor, torna a nossa fé mais sólida e alimenta nossa vida espiritual com sua eficácia. Ela tem o poder de edificar e santificar a humanidade inteira (At 20,32; 1Ts 2,13).¹¹⁹

A Palavra de Deus é a mensagem escutada, compreendida e colocada em prática por aquele que acreditou (Dt 30,9-10; Mc 3,31-35; Ap 1,3), gerando adesão e compromisso com Deus. Deus quis revelar-se a nós falando por meio de palavras humanas, inspirando seres humanos à escrita dos livros sagrados:

Na redação dos livros sagrados, Deus escolheu homens, dos quais se serviu, fazendo-os usar suas próprias faculdades e capacidades, a fim de que, agindo ele próprio neles e por meio deles, escrevessem, como verdadeiros autores, tudo e só aquilo que ele próprio queria. Os livros inspirados ensinam a verdade. Portanto, já que tudo o que os autores inspirados (ou hagiógrafos) afirmam deve ser tido como afirmado pelo Espírito Santo, deve-se professar que os livros da Escritura ensinam com certeza, fielmente e sem erro a verdade que Deus, em vista de nossa salvação, quis que fosse consignada nas Sagradas Escrituras.¹²⁰

¹¹⁸ PCB, A interpretação da Bíblia na Igreja, p. 5-6.

¹¹⁹ DV 21.

¹²⁰ CEC, 106-17; DV 11.

Em suma, a Palavra de Deus é a palavra revelada por inspiração do Espírito Santo, como nos ensina a Tradição e o Magistério da Igreja. Como verdade revelada, a Palavra foi transmitida de geração em geração e, enquanto verdade de fé, tanto a respeito de Deus como a respeito da salvação dos seres humanos, manifesta-se a toda a humanidade por meio da revelação do Verbo encarnado, o Cristo Senhor, que é, simultaneamente, o mediador e a plenitude de toda a Revelação (Mt 11,27; Jo 1,14.17; 14,6; 17,1-3; 2Cor 3,16; 4,6; Ef 1,1-14).¹²¹

2.1.3.2 Como Deus fala ao ser humano?

E como Deus se comunica com o ser humano? Como já dissemos, partindo da Tradição judaico-cristã, Deus se revela e se comunica com as pessoas por meio da Palavra, projetando-se para além de si mesmo em atos sucessivos de comunicação.

Para Silva, os capítulos I-II da Constituição dogmática *Dei Verbum* apresentam a relação entre Revelação, Tradição e Escritura, adotando um conceito novo de revelação, não mais como “depósito de verdades”, mas como ato comunicativo de Deus. Dessa forma, o autor define que o objetivo final da Revelação não é apresentar verdades dogmáticas, mas estabelecer a comunicação e a comunhão entre Deus e os seres humanos. Segundo ele, esse conceito de Revelação provocou um efeito positivo e rompeu muitas barreiras. Mas só esse conceito não bastava, era necessário também redefinir “Tradição”.¹²²

O Concílio Vaticano II, nesse caso, adotou um conceito mais amplo do que o normalmente usado antes, quando afirma que a Igreja, na sua doutrina, vida e culto, perpetua e transmite a todas as gerações tudo aquilo que ela é e tudo quanto acredita.¹²³ O Concílio estabelece com clareza a distinção e o vínculo inquebrantável entre Tradição e Sagrada Escritura. Elas estão intimamente unidas e compenetradas entre si, ambas derivando da mesma fonte divina e tendem para o mesmo fim.

Do ponto de vista de C. Silva, os Padres conciliares definem a Sagrada Escritura como “a Palavra de Deus posta por escrito” e Tradição como aquela que

¹²¹ DV 2.

¹²² SILVA, C. M. D., O impulso bíblico no Concílio, p. 25-53.

¹²³ DV 8-9.

transmite “a Palavra de Deus confiada por Cristo Senhor e pelo Espírito Santo aos apóstolos”. São, portanto, dois momentos inseparáveis da mesma Revelação, sob a ação do mesmo Espírito.¹²⁴ Dito de outro modo, Tradição e Escritura constituem um só depósito sagrado da Palavra de Deus, confiado a Igreja.¹²⁵

Já L. Alonso Schökel, por sua vez, afirma que ninguém como Deus se possui em seu conhecimento e liberdade: A plenitude de Deus só pode ser possuída por Deus. Segundo ele, o Pai possui a plenitude de Deus, que é possuir a si mesmo; mas ele não reserva exclusivamente para si essa posse, comunicando em uma Palavra, misteriosa e total, a sua plenitude divina à pessoa do Filho, que, dessa maneira, possui a divindade integral, a mesma do Pai: o Filho é a imagem, a Palavra do Pai. A plenitude de divindade, que o Pai e o Filho possuem de forma compartilhada, é comunicada por eles em nome do amor ao Espírito Santo, de tal sorte que a terceira pessoa também possui a plenitude da divindade.¹²⁶

O primeiro ato exteriorizado da Palavra de Deus é o da criação (Gn 1,1-31). Segundo L. Alonso Schökel, esse relato é uma verdadeira “cosmogonia”. Pretende oferecer uma visão completa da origem dos seres segundo um plano refletido. Tudo vem à existência sob ordem de Deus e tudo é criado segundo uma ordem crescente de dignidade. Ele é anterior à criação, e toda a criação recebe Dele o dom da vida.¹²⁷

Na criação, Deus esconde em si a origem de tudo e ao mesmo tempo a revela. Ele se relaciona de forma amorosa e permanente com o ser humano,¹²⁸ criando vínculos e estabelecendo alianças com o ser humano. A Palavra é Deus e por meio dela tudo foi criado (Jo 1,1-3).

Mas como Deus fala ao se comunicar com o ser humano? Essa é uma pergunta importantíssima para compreender tal comunicação. Deus não costuma falar aos seres humanos com palavras humanas. Ele se dirige a Israel, a sua Igreja, a cada um de nós, por meio dos acontecimentos da história manifestados pela ação do Espírito Santo. “Ele fala ao ser humano e o convida a uma relação de comunhão e de vida para responder às exigências mais profundas da psique humana”.¹²⁹ Deus sempre falou diretamente ao ser humano nos diversos acontecimentos de sua história: na

¹²⁴ SILVA, C. M. D., O impulso bíblico no Concílio, p. 25-53.

¹²⁵ DV 10.

¹²⁶ ALONSO SCHÖKEL, L. A., A palavra inspirada, p. 21-22.

¹²⁷ BÍBLIA DE JERUSALÉM, A obra da Criação em seis dias. Nota de rodapé, letra “a”, p. 32.

¹²⁸ Díez, F. M., Teologia da comunicação, p. 147-149.

¹²⁹ GIABBANI, A., Escuta, p. 370-371.

saída do Egito, durante a travessia do êxodo e pela voz dos profetas. O ser humano de Israel foi reconhecendo a graça, o poder e as exigências do Senhor seu Deus nestes acontecimentos concretos em sua vida.¹³⁰

É na travessia do êxodo humano que Deus fala ao coração do ser humano (2Cr 32,6). Quando a Palavra de Deus atinge o coração do ser humano, a vida deste é transformada. O apóstolo Paulo afirma que a Palavra do Senhor “é viva, eficaz e mais penetrante que qualquer espada de gumes” (Hb 4,12). Ela alcança o ser humano de tal forma que toda a sua vida é iluminada, edificando e encorajando sua caminhada. Nesse diálogo entre Deus e o ser humano, Deus é quem primeiro toma a iniciativa, tanto na escuta quanto na fala (Ex 3,7).

A faculdade da fala é, sem dúvida, o traço mais característico da comunicação verbal humana. A fala indica a ação da palavra proclamada, expressa o pensamento da pessoa. A palavra é dom que só o ser humano possui e exprime um pensamento que antecede sua verbalização. A criança, quando balbucia suas primeiras palavras, revela algo que está dentro dela. Todos temos a necessidade de falar. Nossas palavras podem curar ou ferir, ser boas ou ruins, justificar ou condenar, dar vida ou matar. A Palavra de Deus, ao contrário, edifica e constrói a civilização do amor. Ela assume a nossa carne, tornando-se o Deus Palavra, e ecoa por todo o mundo, libertando e salvando a humanidade inteira.¹³¹

Deus pode falar ao ser humano por meio de palavras ou linguagem humana? Ele não só pode como quis falar aos seres humanos por meio de palavras rigorosamente humanas, proferidas pelos profetas, com toda sua alma, em uma linguagem concreta (hebraico e grego), mas na verdade quem está falando é Deus. Falou também através dos apóstolos, com toda sua paixão, e continuam falando a nós até hoje por meio de muitos homens e mulheres inspirados pelo Espírito Santo.

Tal como uma barca empurrada pelo vento, que traça o rastro de sua viagem, os autores bíblicos falavam, em nome de Deus, pela ação do Espírito. Damos a essa ação do Espírito o nome de “inspiração”, pela qual Deus fala por meio de palavras humanas.¹³²

¹³⁰ GEORGE, A., *A l'écoute de la parole de Dieu*, p. 21.

¹³¹ LOPES, G., *Dei Verbum: texto e comentário*, p. 9-10.

¹³² ALONSO SCHÖKEL, L. A., *A palavra inspirada*, p. 35.

2.1.3.3

A Palavra de Deus na vida do ser humano

Mas qual é a importância da Palavra de Deus na vida humana? A palavra, como comunicação humana, passa a ser uma das capacidades essenciais do ser humano,¹³³ seja ela verbal ou não. O ato criador de Deus acontece por meio da Palavra. A Palavra de Deus é força e onipotência e, por meio dela, vê-se o paradigma de toda palavra: ser uma Palavra eficaz. Não há diferença entre o dizer e o fazer; é o *dabar* de Deus, faz o que diz. Pode-se dizer que não há diferença entre Deus e sua Palavra.

O ser humano moderno, quase sempre, faz uma avaliação negativa da “palavra”, em contraposição com os “fatos”. Isso dificulta a compreensão da função e da importância que a palavra tem na Bíblia. É conveniente, portanto, recuperar uma concepção vital e dinâmica da Palavra, que é aquela própria da Escritura. Na língua hebraica, no Antigo Testamento, o termo técnico por excelência com o qual se designa a palavra *dabar* é muito diferente do *logos* grego no Novo Testamento.¹³⁴ Enquanto o *logos* é uma palavra portadora e mediadora de significado (elemento noético da palavra), o *dabar* era considerado, em todo o antigo Oriente, como um poder atuante em palavras mágicas e imprecatórias, em bênçãos e maldições, entendida como uma palavra que salva ou arruína, que penetra naquele que é atingido como uma substância substitutiva, que opera partindo de dentro.

Em Israel, a palavra, purificada de qualquer conotação mágica ou emanativa, é considerada como Palavra do Senhor, que plasma a história com seu conforto, suas exigências e suas promessas.¹³⁵ A expressão *dabar YHVH* (Palavra do Senhor) significa tanto o agir como o comando de Deus. A Palavra de Deus é como um mensageiro que executa pontualmente sua missão: assim como a chuva e a neve que caem do céu para fecundar a terra e germinar as sementes, e para lá não voltam sem ter cumprido sua missão. O mesmo acontece com a Palavra que sai da boca do Senhor, a qual não retorna sem resultado, sem ter executado aquilo que Ele desejou e sem ter cumprido a missão para a qual a enviou (Is 55,10-11). Essa é a função do *dabar* do Senhor. Ela poderia ser traduzida em muitos casos como “acontecimento”.

¹³³ ARGÁRATE, P., A Igreja celebra Jesus Cristo, p. 91-92.

¹³⁴ *Logos* é o mesmo que “palavra, afirmação, promessa, pacto” (RUSCONI, C., Dicionário grego do Novo Testamento, p. 288-289).

¹³⁵ AUGÉ, M., Liturgia, p. 140.

A Palavra do Senhor está na origem da criação e da vida humana; está na conservação da vida. O Novo Testamento herda do Antigo uma concepção semelhante da Palavra, de que é “viva e eficaz” (Hb 4,12) e opera, sobretudo nos crentes, a sua força (1Ts 2,13). Podemos dizer que a concepção ativa e concreta da Palavra como acontecimento é própria do espírito semítico e que a concepção grega e helenística de um *logos*, puramente representativo, constitui um progresso de análise filosófica, com o risco, porém, de perder a força inerente ao hebraico *dabar*.

A compreensão da palavra, tanto na concepção grega quanto na hebraica, pode manifestar aquilo que uma pessoa é; eis a importância da Palavra de Deus na vida do ser humano! A palavra está na origem do pensamento antes de ser dita. Ela é autoadoção. Dirigir a palavra já é sair de si, é entregar-se ao outro, crer no outro. A força da Palavra de Deus é tal que chega a criar o outro, o ouvinte. Desse modo, toda palavra é criadora. A palavra humana também cria naquele que a escuta uma realidade nova.¹³⁶ Pela palavra, o ser humano procura redimir o murmúrio original do dizer.

O ser humano aparece nas Escrituras como aquele que é capaz de nomear, de dizer as coisas. Nas culturas antigas e, de modo especial, na hebraica, o nomear, dar nome a algo, é possuir de algum modo seu ser mais profundo, seu mistério. Nomear é também autoafirmar-se. O ser humano não é só o que dá nome às coisas, mas também o ouvinte da Palavra. “Ele é o interlocutor de Deus, aquele a quem Deus se mostra tal como é”.¹³⁷ O sentido da existência humana está exatamente em auscultar Deus, ser faminto de sua Palavra. O ser humano deve deixar que a Palavra do Senhor penetre seu coração, sedimente-se e dê frutos.

Quando o ser humano se faz surdo à Palavra de Deus, isto é, desobediente, ele foge, esconde-se e fecha-se à escuta. Para compreender e praticar a Palavra de Deus, é necessária uma abertura do coração e da mente, ou seja, uma capacidade de escuta. Podemos dizer que a imagem mais perfeita da escuta divino-humana se dá no seu Filho encarnado. O modelo de escuta divino-humana é, com efeito, o próprio Cristo. O que Ele fala é de acordo com o que escutou do Pai. Assim testemunha o apóstolo Paulo na Carta aos Hebreus:

¹³⁶ ARGÁRATE, P., A Igreja celebra Jesus Cristo, p. 92.

¹³⁷ ARGÁRATE, P., A Igreja celebra Jesus Cristo, p. 92.

Muitas vezes e de muitos modos, Deus falou outrora aos nossos pais, pelos profetas. Nestes dias, que são os últimos, falou-nos por meio do Filho, a quem constituiu herdeiro de todas as coisas e pelo qual também criou o universo. Ele é o resplendor da glória do Pai, a expressão do seu ser. Ele sustenta todas as coisas com a sua palavra poderosa. Tendo feito a purificação dos pecados, sentou-se à direita da majestade, nas alturas, elevado tão acima dos anjos quanto o nome que ele herdou supera o deles (Hb 1,1-3).

Deus sempre falou na história. Antes falava de modo indireto, através dos profetas. Hoje fala de modo direto, através do Filho. Deus fala de muitos modos, de muitas formas e em muitos lugares. O que os profetas anunciavam não eram palavras deles, mas de Deus. Em virtude de sua revelação, Deus invisível, no seu imenso amor, falou e fala aos seres humanos como a amigos e conversa com eles. Em Cristo convida e admite a humanidade a participarem de sua comunhão.¹³⁸

Depois de tentar responder o que é a Palavra de Deus, somos interpelados sobre a palavra humana: o que é a palavra humana? A palavra humana é a palavra da inteligência, da razão, da aprendizagem especulativa. Paulo, escrevendo aos Coríntios, afirma que quando estava entre eles para apresentar-lhes o Evangelho, não usou da retórica, da sabedoria, da filosofia ou de outros critérios humanos. Ele não tentou convencê-los a partir da linguagem humana (1Cor 2,1-7). Os discursos da sabedoria humana esperam os frutos próprios, suscitam adesão com finalidade humana e dispensam a ação do Espírito. A palavra humana tem como apoio os próprios títulos, rótulos e prestígios para impor aos outros seu pensamento e sua verdade, sem mesmo levar em conta as consequências daquilo que fala. O apóstolo Paulo, quando escreve à comunidade de Corinto, rejeita com veemência qualquer palavra humana no anúncio do Evangelho (2Cor 11,1-14).´

2.1.3.4 **A escuta entre Deus e o ser humano**

Como Deus escuta o ser humano? Essa interrogação é muito propícia nesta altura da pesquisa. Ela é uma questão ligada à essência da espiritualidade do cristão. De forma alguma a escuta de Deus pode ser comparada com a escuta humana. A maneira de Deus escutar é completamente diferente da escuta do ser humano. Segundo Sivatte, o que leva Deus à escuta do ser humano é a sua compaixão, sua

¹³⁸ DV 2.

misericórdia.¹³⁹ Ele se compadece escutando a necessidade do ser humano. Ao escutar a dor humana e o seu grito, Deus é o primeiro a tomar a iniciativa de libertar o ser humano concedendo-lhe a vida. O agir de Deus parte da escuta compassiva pelo ser humano. Sua misericórdia chega a tal ponto que Ele abaixa-se para resgatar a humanidade ferida de morte.

Como primeiro escutador, Deus toma a iniciativa de escutar porque se compadece do sofrimento humano.¹⁴⁰ Para F. Rodrigues, a compaixão é “contorcer-se nas entranhas”, sendo esta o núcleo mais profundo e íntimo do ser humano, conforme a mentalidade hebraica; mais profundo até do que o coração. É a expressão máxima da misericórdia de Deus, o que o leva, conseqüentemente, a uma atitude transformadora.¹⁴¹

Dessa forma, o mais importante para o ser humano é compreender por meio de sua fé que Deus escuta o seu grito, o seu sofrimento. Rodrigues recorda que a decisão de Moisés gritar ao Senhor causa esperança no povo de Israel, pois dá origem ao projeto do êxodo.¹⁴² Já L. Fernandes e M. Grenzer, afirmam que o cultivo da esperança do povo de Israel está em compreender que o Senhor escuta seu grito e seu sofrimento. Por isso, a comunidade do êxodo faz a experiência de transformação e de superação dos obstáculos para continuar seu caminho rumo à terra da liberdade, por meio da fé no único Senhor.¹⁴³

Segundo K. Rahner, a relação do ser humano como escutador da Palavra se entrelaça com a mensagem cristã. Quando entendemos bem essa relação da escuta com a Palavra, constatamos que existe uma circulação inevitável entre os seus horizontes de compreensão e o que se diz, se escuta e se entende. Ele afirma também que essas duas realidades se pressupõem reciprocamente, entrelaçam-se, como fundamento último e necessário à existência humana. Sendo assim, a mensagem cristã age no ser humano no sentido de situá-lo perante a verdade real e profunda do seu ser; verdade a que permanece inevitavelmente preso, ainda que tal prisão seja, em última análise, a infinita amplidão do incompreensível mistério de Deus.¹⁴⁴

¹³⁹ SIVATTE, R., Un Dios con entrañas de misericordia que escucha el clamor de su Pueblo, p. 39.

¹⁴⁰ GRENZER, M., O projeto do Êxodo, p. 176.

¹⁴¹ RODRIGUES, F. C. F., Da compaixão nasce a missão, p. 56-59.

¹⁴² RODRIGUES, F. C. F., Da compaixão nasce a missão, p. 90-91.

¹⁴³ FERNANDES, L. A.; GRENZER, M., Êxodo 15,22-18,27, p. 24.

¹⁴⁴ RAHNER, K., O ouvinte da Palavra, p. 37.

Nessa perspectiva, podemos perguntar: como o ser humano escuta Deus? Esta pergunta é fundamental para a compreensão judaico-cristã na perspectiva antropológica do “*shemá*, Israel” (Dt 6,4). É fundamental que o ser humano crente escute o que o Senhor ordena. Obedecer significa ter os ouvidos voltados para o Senhor como Único em sua vida (lembrando que as Escrituras originaram-se da escuta).

Escutar é compreender, obedecer e praticar. A escuta da Palavra de Deus leva o ser humano a uma permanente conversão. A escuta está ligada à prática de vida; o contrário não é escuta, mas ensurdecimento, fechamento do coração e da mente à voz do Senhor.

O ser humano, para escutar a Palavra de Deus, necessita abrir-se para Deus, colocando-se inteiramente à sua disposição de forma atenta e devota. A Tradição cristã definiu a palavra “atenção”, do greco *prosoché*, como a atitude de “concentração”, “tensão interior” e “fixação da mente”. Já as expressões *attentio* e *attendere*, do latim, têm uma conotação dinâmica, em que, quem presta atenção, é aquele que está atento a alguma coisa. A atenção não é uma faculdade humana particular, mas um movimento integral do ser humano, entre corpo, mente e espírito. Compreender o significado e a importância da atenção humana é crescer na capacidade de unificação pessoal da escuta.

Para Bianchi, o ser humano cristão tem plena consciência de que sua capacidade de falar com Deus, ele não pode ver, depende de escuta. Como afirma o apóstolo Paulo, a fé nasce da escuta: *Fides ex auditu* (Rm 10,17), e o nosso diálogo orante com Deus é antes de tudo escuta, mediada pelo sacramento da sua Palavra, que são as Escrituras. É a escuta de Deus na nossa história, no nosso cotidiano, a qual requer frequente contato com o Evangelho, que nos educa na fé. Ainda segundo E. Bianchi,

o cristão encontra, de fato, a fonte de sua visão ao escutar. Não surpreende, portanto, que o cristianismo seja antes de tudo uma ascese da escuta, uma arte da escuta. O Novo Testamento pede para se prestar atenção a quem se escuta, o que se escuta e como se escuta. O que implica um contínuo discernimento entre a Palavra e as palavras, uma fadigosa obra de reconhecimento da Palavra de Deus nas palavras humanas, da sua vontade nos eventos históricos, e a disposição global de toda pessoa humana. Na vida espiritual se cresce à medida que se entra na profundidade da

escuta. Escutar, de fato, significa não só confessar a presença do outro, mas aceitar e criar espaço em si mesmo a tal presença, até se tornar morada do outro.¹⁴⁵

De acordo com esse pensamento, entendemos que a escuta define a identidade da pessoa humana segundo o paradigma daquilo que ela está escutando. Escutar é também amar; o amor nasce da escuta, amor *ex auditu*. Escutar “a Deus” requer conexão interior em todas as suas dimensões: física, emocional, mental e racional; atitude que exige do escutador: silêncio, atenção, interiorização, esforço espiritual para reter o que ouviu, descentralização de si mesmo e recentralização no Outro. Daí nasce a acolhida do eu interior, revelando em si mesmo uma presença mais íntima para o nós, mais do que para nosso próprio “eu”.

A escuta leva o ser humano de fé a repetir a experiência de Jacó, quando o patriarca exclamou: “O Senhor está aqui e eu não sabia” (Gn 28,16). Mas o lugar de Deus não é outro senão a pessoa humana. Na linguagem bíblica, Deus é “Aquele que é”, “Aquele que fala” e que se relaciona com o ser humano, despertando nele sua liberdade. A Palavra é um dom, e como dom ela pode ser aceita ou rejeitada pelo ser humano. Este último, no seu relacionamento crente e fiel com Deus, está sempre em um movimento de saída de si para o encontro pessoal com Aquele que fala por meio das Escrituras. Cada encontro com o Senhor nas Escrituras é, para o ser humano de fé, o início de mais um êxodo interior para encontrar o Outro. Esse êxodo interior acontece essencialmente na escuta.

A resposta do ser humano a uma convocação divina também vem da escuta. Foi assim com o profeta Samuel quando o Senhor o chamou. Foi necessário tempo para que ele pudesse responder positivamente ao Senhor. Ele obteve a ajuda de Eli para responder: “Fala, teu servo te escuta!” (1Sm 3,10). Não bastou Samuel ouvir a voz, foi necessário saber quem é que o estava chamando. O discernimento para responder ao chamado divino é muito necessário, e ele nasce da escuta. A resposta de Samuel expressa bem o que significa escutar a Deus. A escuta do ser humano a Deus é orante.

Do ponto de vista de E. Bianchi, o emblemático encontro de Deus com Moisés na sarça ardente (Ex 3,1-14) também revela bem esse dado da fala de Deus e a escuta do ser humano. Moisés se aproxima da sarça ardente, e Deus vendo que

¹⁴⁵ BIANCHI, E., *Lexico della vita interiore*, p. 32.

ele se aproxima, chama-o e interrompe a sua aproximação. Segundo Bianchi, o método da visão é o da iniciativa humana que leva o ser humano a reduzir a distância entre ele e Deus, é o regime do protagonismo humano, da escalada do ser humano para Deus, enquanto o Deus que se revela quer que Moisés entre em uma atitude de escuta. Na escuta, Deus se revela como presença que antecipa nosso esforço de compreensão e de assimilação. Assim, o verdadeiro orante é aquele que escuta. Se a oração é um diálogo que exprime a relação entre Deus e o ser humano, a escuta é o que coloca o ser humano na relação, na aliança, na recíproca pertença: “Ouvi a minha voz, e Eu serei o vosso Deus, e vós sereis o meu povo” (Jr 7,23).¹⁴⁶

Portanto, como já citado, a Tradição judaico-cristã nos ensina que a oração é antes de tudo escuta. Muitas vezes queremos silenciar Deus para que ele nos escute e nos esquecemos de que somos nós que devemos nos silenciar para escutá-lo. Nas Escrituras, Deus é definido como aquele que se relaciona e dialoga: Ele fala e o ser humano escuta, porque, graças a essa recomendação de escuta, entramos na intimidade de Deus; porém, antes, consentimos que Deus entre na nossa intimidade, isto é, participe de nossa vida.

A escuta gesta o ser humano de fé. Nós nascemos da escuta amorosa de Deus, e é ela que nos introduz na relação de filiação com o Pai. Não é por acaso que as Escrituras afirmam que é Jesus, o Filho, a Palavra feita carne, que deve ser escutado: “Escutai-o!”, diz a voz que vem da nuvem, no monte da Transfiguração, apontando para Jesus (Mc 9,7). Escutando o Filho, conectamo-nos com o Pai e podemos, na fé, falar com Ele, chamando-O de *Abbá*, Pai (Rm 8,15; Gl 4,6), “Pai nosso” (Mt 6,9).

A escuta exige do ser humano crente disposição autêntica e sincera; requer empenho existencial e envolvimento em todas as suas potencialidades humanas, uma vez que é Deus quem age no ser humano e com o ser humano. A escuta da Palavra de Deus difere da escuta das palavras humanas. A Palavra Deus escutada exige mudança de vida porque tende à cristificação, transformando o ser humano cristão em Cristo. A seriedade, autenticidade e empenho do ser humano, ao escutar a Palavra de Deus, torna-o capaz de se deixar conduzir pelo desejo do infinito. A compreensão da Palavra conduz o ser humano ao diálogo orante com o Senhor. Na

¹⁴⁶ BIANCHI, E., *Lexico della vita interiore*, p. 47.

oração, Deus fala ao coração do ser humano e o ser humano, na sua entrega a Deus pela escuta orante e dialogante, é transformado e santificado.

Nossa missão, no próximo item, será compreender a escuta a partir da fundamentação bíblica: no Antigo Testamento e no Novo Testamento. A partir daí, procuraremos entender como se dava o processo de iniciação da Palavra de Deus na comunidade cristã primitiva. Sem perder de vista que nosso objetivo no campo da teologia da escuta é fazer teologia litúrgica. Portanto, nosso foco será sempre este: compreender a escuta nas Escrituras a partir da Palavra e do rito na na experiência litúrgico-cristã.

2.2 Fundamentação bíblica da escuta no Antigo e no Novo Testamento

O nosso objetivo neste tópico é fundamentar a teologia da escuta litúrgica a partir da Escritura. O ponto relevante será compreender a escuta da Palavra de Deus como acontecimento salvífico à humanidade. Por isso, consideraremos o *Shemá Israel* e o *Fides ex auditu* paulino como base fundamental para nossa reflexão. Nesse sentido, daremos destaque para a assembleia do Sinai, de Siquém e de Esdras, pelo fato de elas traduzirem de forma expressiva o pensamento da teologia da escuta na liturgia. Aprofundaremos também o sentido da escuta a partir do mundo hebraico e grego, no Antigo e Novo Testamento, uma vez que esta é a base da teologia da escuta no contexto judaico-cristão.

Alonso Schökel afirma que o termo *shemá* é uma palavra polissêmica que aparece em diversas construções literárias e raramente coincide com a mudança de significado. Segundo ele, *shemá* significa “ouvir, escutar, atender, prestar atenção, aquiescer, obedecer”.¹⁴⁷ Já para Yarden, *shemá* quer dizer “acatar, observar, saber, conhecer, compreender, entender, aceitar e receber”;¹⁴⁸ enquanto nos textos gregos dos LXX (Septuaginta) foi traduzido por *akouo*, verbo no imperativo: “Ouve, escuta, fica sabendo”.¹⁴⁹ Nesse sentido, é importante salientar que, tanto no texto massorético quanto no texto da Septuaginta, o verbo “escutar” foi empregado no

¹⁴⁷ SCHÖKEL, L. A., Dicionário Bíblico Hebraico-Português, p. 681.

¹⁴⁸ YARDEN, D. A., Diccionario Hebreo Español, p. 549.

¹⁴⁹ BALZ, H.; SCHNEIDER, G., Dizionario Esetico del Nuovo Testamento, p. 139-140.

imperativo a fim de sinalizar que, para Israel, escutar é uma ordem, não simplesmente um convite. Portanto, é imperativo que Israel escute.¹⁵⁰

A fé nasce da escuta e a escuta é primordial para a pessoa de fé, pois esta, antes de crer, necessita conhecer o Senhor e compreender sua Palavra. Isso se dá pela escuta da Palavra, que leva a pessoa a abrir-se à fé e a comprometer-se com o Senhor, praticando seus mandamentos.

Nos relatos bíblicos, o Senhor sempre toma a iniciativa de falar e de escutar, desde a criação, quando estabeleceu com o ser humano uma relação de amor, ao dar-lhe inteligência, dons e carisma. Por esse motivo, ele é o único ser capaz de discernir e escolher o que deseja para sua vida. O ser humano, então, ao escutar, tem a liberdade de escolher o bem ou o mal e de arcar com as consequências de tal escolha.

Nesse sentido, a observância dos mandamentos é a manifestação de uma relação exclusiva de amor e de dedicação a Deus. Daí a importância da compreensão da escuta enquanto fundamento para quem quer estabelecer uma Aliança com o Senhor; a única exigência é escutá-lo, obedecendo, assim, à sua Lei. Sem isso, não se pode amá-lo com todo o coração, alma e força. Portanto, é essencial a fundamentação bíblica da escuta (*shemá* e *akouo*) do Antigo e do Novo Testamento para entendermos sua relevância na história da salvação de ontem e aplicá-la na nossa história atual.¹⁵¹

2.2.1

A importância da escuta na literatura do Antigo Testamento

Neste item, que versa sobre fundamentação bíblica da escuta, temos como escopo apresentar de forma geral e objetiva a importância do *Shemá* na constituição do povo de Israel, denominado como povo de Deus ou povo da Aliança no Antigo Testamento. Nesse sentido, serão contemplados alguns livros do Antigo Testamento para fundamentar a teologia da escuta em vista da escuta litúrgica.

¹⁵⁰ No Antigo Testamento, a palavra “escuta” no sentido de *shemá* aparece 1.191 vezes em 1.050 versículos. Já no Novo Testamento, o termo “escutar” enquanto *akouo* aparece 428 vezes (BibleWorks 10).

¹⁵¹ O uso teológico do *shemá* nos escritos de *Qumran* corresponde ao seu uso no Antigo Testamento, como, por exemplo, obediência a Deus, percepção espiritual e clamor do povo ouvido por Deus. Além de *akouo*, *shemá* é também traduzido na Septuaginta por seus compostos, especialmente *hypakouo*, com significado de “dar atenção”, “obedecer”, e *epakouo*, no sentido de “ouvir”, “conceder” (pedido de oração). *Shemá*, portanto, que dizer “escutar”, “ouvir”, “compreender”, “atender”, “obedecer” (AITKEN, K., *Shemá*, p. 174).

Destacaremos a escuta nos livros do Pentateuco, Históricos, Sapienciais e Proféticos. Essa divisão nos ajudará na compreensão do *Shemá* na qualidade de mandamento primeiro para que o pacto de celebração da Aliança do Senhor com Israel aconteça. O aprofundamento deste tema nos levará a entender por que o Deuteronômio se impôs como referência na teologia cristã, sendo o *Shemá* Israel o maior mandamento. Pouco importa se é uma proclamação monoteísta ou monolátrica. O que importa é que Israel terá de adorar o Senhor com exclusividade e fidelidade absoluta, escutando, no sentido da obediência para executar os seus mandamentos.¹⁵²

2.2.1.1 A escuta na literatura do Pentateuco

No Gênesis, o termo *shemá* aparece 62 vezes,¹⁵³ e a primeira vez é para acentuar a não escuta do ser humano a uma ordem do Senhor (Gn 2,16-17). Tal ordem é justamente para proteger o ser humano do desejo de querer ser igual a Deus. O limite humano está justamente em compreender a ordem divina e, escutando-a, aceitar a própria condição humana de criatura. Por isso, a não escuta gera morte, rompimento com a ordem divina.

Adão e Eva, por não resistirem à tentação de igualar-se a Deus, se fecham à escuta, desobedecendo à ordem do Criador (Gn 3,6). A desobediência os coloca diante de sua condição humana, pois ao despertarem a consciência da própria nudez, já manifestam a desordem que a não escuta causou (Gn 3,7). O pecado é fruto da não escuta humana a Deus, causando desarmonia à criação.

Nesse sentido, o aspecto fundamental de Gn 3,8 é o *shemá*. A presença do Senhor no jardim do Éden faz com que o homem e a mulher percebam a própria condição adâmica, e, ao escutarem a voz do Senhor (o *shemá*), se escondem (Gn 3,8). O termo *shemá* significa também “escutar sons com o ouvido”. Portanto, nos casos em que são ouvidas as palavras, fica implícito o envolvimento da mente, passando a ter o sentido de “escutar”.¹⁵⁴

Dessa forma, no contexto das Escrituras, a escuta é experiência salvífica e acolhedora do amor misericordioso do Criador pela criatura, tão intenso a ponto de

¹⁵² KONINGS, J., Deuteronômio, p. 13-23.

¹⁵³ BibleWorks 10.

¹⁵⁴ AITKEN, K., *Shemá*, p. 164-175.

levá-lo a sair ao encontro da criatura desobediente para salvá-la e para resgatar para Si a sua fragilidade adâmica, transformando-a em nova criatura. Nesse resgate, a voz do Criador ressoa tão forte que atinge o coração e a mente da criatura, envolvendo-a em amor e misericórdia, sem jamais ser violento. O *shemá*, é, pois, a expressão da presença do Deus que fala, e sua Palavra desperta a consciência de quem escuta.

O contraponto dessa não escuta é Abraão, que escutou o chamado de Deus e pôs-se a caminho. Com isso, Deus selou uma Aliança com ele e com toda sua descendência (Gn 12,1-5; 17,1-10). Abraão é o protótipo do ser humano temente a Deus. Ele escuta e ama a ponto de aceitar sacrificar o seu único filho para demonstrar amor a Deus.

Em toda a narrativa do Gênesis, a escuta é fundamental. Se escutar o Senhor, a pessoa poderá amá-lo. Já a não escuta vem da serpente: ela induz e seduz à morte; provoca o espírito de grandeza e de autossuficiência; representa a morte e a autodestruição humana. Se a escuta transforma a pessoa, a não escuta a deforma e a destrói. A escuta é fundamental para que a pessoa viva e ame seu Criador com tudo que possui: alma, coração e força. Deus viu que era muito bom tudo o que criara. Ele escutou toda a sua criação e amou tudo que criou.

No livro do Êxodo, o termo *shemá* aparece 50 vezes,¹⁵⁵ e seu núcleo é a celebração da Aliança entre Deus e o povo. A iniciativa da Aliança parte de Deus; de Israel há o compromisso de cumprir a Lei dada pelo Senhor. À medida que Israel progride na escuta e na aprendizagem da Lei, esta passa a ser seu conteúdo principal. O livro começa com a chegada ao poder de um novo faraó que “não conheceu José” (Ex 1,8) e que oprime os “filhos de Israel” com trabalhos forçados e genocídios (Ex 1,1-12). Os israelitas estavam nessa situação porque haviam desobedecido à ordem do Senhor ao não escutar nem praticar sua Lei, rompendo com a primeira Aliança estabelecida entre Deus e Abraão (Gn 17,1-10). Portanto, o que resta a Israel é gritar por socorro ao Senhor, que escuta o lamento dos descendentes de Abraão e se lembra da Aliança estabelecida com Abraão, Isaac e Jacó (Ex 2,24). Deus, então, mais uma vez toma a iniciativa e vai ao encontro de Moisés no monte Horeb e, chamando-o do meio da sarça ardente, o convoca para

¹⁵⁵ BibleWorks 10.

ser o libertador (Ex 2–3). Envia-o para convencer o faraó a deixar os hebreus partirem, respaldando-lhe a palavra com “sinais”, isto é, com as pragas do Egito (Ex 4–11), as quais acabam dando resultado, e os hebreus são libertados enquanto celebram a Páscoa (Ex 12–13). Quando, depois, o faraó muda de ideia e manda persegui-los, seu exército é afogado no mar Vermelho, o mesmo que os israelitas haviam atravessado a pé enxuto, graças à mão poderosa do Senhor (Ex 14–15). Em meio a tantas lutas, o povo inicia a viagem pelo deserto até o monte Sinai (Ex 16–18), onde Deus celebra a Aliança com o povo de Israel (Ex 19–24) e lhe entrega a Lei (Ex 25–40).¹⁵⁶

Em Ex 3,1-12, a chave de leitura da teologia da escuta ajuda-nos a compreender que Deus é o escutador por excelência. Ele tem a primazia da escuta. Ao ver a humilhação do povo, Deus escuta o seu grito, pois conhece o seu sofrimento e desce para libertá-lo (Ex 3,7-8). O grito do povo implorando o socorro de Deus é de suma importância na narrativa bíblica, pois o mais importante na Escritura é saber que o ato de gritar aproxima o leitor do mistério da religião do povo da Bíblia. Assim, Deus escuta o grito daquele que implora por seu auxílio (Ex 2,24; 3,7; 22,22-26). Aliás, o credo israelita é centrado no grito dos oprimidos. O grito causa esperança, pois foi o grito escutado por Deus que deu origem ao êxodo.¹⁵⁷

O mistério mais profundo da fé do povo de Israel é compreender que Deus escuta o seu grito e participa de seu sofrimento. Foi Ele quem o libertou e o conduziu com braço forte pelo deserto, escutou suas murmurações (Ex 16,7-9.12) e o alimentou com o maná vindo do céu e com as codornizes (Ex 16,13-17). Ao chegar ao deserto do Sinai, o povo acampa e Moisés vai ao encontro do Senhor na Montanha (Ex 19,1-3). A teologia da escuta, enquanto escuta litúrgica, compreende o relato da renovação da Aliança de Deus com os israelitas (Ex 19–24).

Os israelitas são herdeiros da promessa que o Senhor fez a Abraão e a sua descendência (Gn 12,2-3). Portanto, a Assembleia do Sinai está inserida no contexto dessa promessa de que Ele é Deus de Abraão, Isaac e Jacó.

A tradição bíblica chama a assembleia do Sinai de “assembleia de Javé”, que foi a primeira e maior realizada aos pés do Sinai pelos hebreus, logo depois da

¹⁵⁶ BÍBLIA SAGRADA, Introdução ao Livro do Êxodo, p. 85.

¹⁵⁷ FERNANDES, L. A.; GRENZER, M., Êxodo 15,22–18,27, p. 16.

libertação do Egito, ocupando lugar especial na história de Israel; recebeu, por isso, o nome de “o dia da assembleia”.¹⁵⁸ Tal assembleia foi celebrada em um contexto profundamente orante e litúrgico,¹⁵⁹ em que os israelitas, convocados para a celebração da Aliança, se reúnem para escutar a Palavra do Senhor e renovar a Aliança com Ele, que constitui e forma seu povo ao revelar-lhe a sua Lei e seus desígnios (Ex 19,5-6).

Portanto, a assembleia dos israelitas ao pé do Monte Sinai é a celebração de todo o processo de saída da escravidão. Dos que saíram do Egito, muitos não conseguiram chegar ao Sinai. Por isso, o encontro de Moisés com Deus na montanha do Sinai revela a dinâmica da ação divina em libertar e salvar o povo. Ele sobe a montanha para se encontrar com Deus, que o chama e ordena que transmita aos israelitas a sua Palavra (Ex 19,3-7).

A proposta do Senhor a Israel é de que seu povo o escute e seja fiel à Aliança, a fim de ser um povo entre os povos. Então, depois de Moisés descer da montanha e transmitir aos israelitas tudo o que havia escutado, estes aceitam tal pacto de fé e de primeira Aliança com Deus e respondem: “Poremos em prática tudo o que o Senhor falou” (Ex 19,8). Assim sendo, em Êxodo 19–24 está o início e a conclusão do compromisso do povo de Israel com o Senhor, de escutar e obedecer a tudo o que está no livro da Aliança proclamado por Moisés. Esse compromisso é celebrado em um contexto litúrgico, em que Moisés toma o livro da Aliança e o lê para o povo. Este, por sua vez, escuta e promete praticar o que o Senhor falou (Ex 24,7).

A escuta atenta da Palavra do Senhor faz com que Israel obedeça a seus mandamentos, e o pacto celebrado com o Senhor se expressa no gesto de Moisés. Ele pega o sangue dos novilhos, como sacrifício de comunhão, e asperge o altar e o povo, dizendo: “Eis o sangue da Aliança que o Senhor fez convosco, confirmando todas estas palavras” (Ex 24,8). O rito da renovação da Aliança no Sinai sela o acordo entre os contraentes: Deus, representado pelo altar, e o povo, representado pelo sangue, símbolo da vida.¹⁶⁰ Sem a escuta da proclamação da Palavra do Senhor, a Aliança ratificada com sangue não teria sentido.

¹⁵⁸ CUVA, A., Assembleia, p. 94-103.

¹⁵⁹ GELINEAU, J., A celebração da Aliança, p. 41.

¹⁶⁰ Nota de rodapé da Bíblia Pastoral, p. 97.

Dessa forma, a resposta dos israelitas à Palavra do Senhor no monte Sinai é um acontecimento fundante, ligado à escuta da Lei e à sua prática.¹⁶¹ O Senhor cria em Israel um coração novo para escutá-lo.¹⁶² Contudo, os israelitas, em seu itinerário pedagógico-espiritual, passaram por muitas provações. Muitas vezes não conseguiram resistir às tentações do deserto e, com isso, romperam a Aliança pactuada com o Senhor na assembleia do Sinai.

Enfim, a escuta do livro do Êxodo, contextualizada em um ambiente celebrativo, faz-nos compreender o seguinte: a) é Deus quem convoca seu povo e renova a Aliança com ele b) Ele está sempre presente no meio do seu povo através de Moisés e de seus mediadores c) ao povo cabe escutar e obedecer à Lei do Senhor d) o sacrifício de conclusão da Aliança feita entre Deus e Israel é sempre a manifestação de seu amor (Ex 19–24).¹⁶³

Tratando agora do livro do Levítico, lembramos que contém a “Instrução” (*Torah*) a respeito dos sacrifícios, dos sacerdotes, da pureza e das relações comunitárias, bem como o ensinamento da santidade de vida dos israelitas em vista da comunhão com o Deus vivo. São três blocos de leis propriamente rituais: a) Ritual dos sacrifícios, que culmina com a festa da Expição, ou Dia do Grande Perdão (Lv 1–16) b) “Lei da Santidade”, de caráter ético, mostrando que a santidade ritual é a expressão da dedicação a Deus e a sua vontade (Lv 17–26) c) um apêndice com tarifas e avaliações (Lv 27).

Nesse sentido, o conceito central do Levítico é a santidade, pois, assim como Deus é santo, seu povo é convocado à escuta da ordem divina (*shemá*).¹⁶⁴ Enquanto a santidade de Deus nos faz pensar em sua transcendência, por ser Ele totalmente outro e distinto do ser humano, a santidade do ser humano se manifesta na ética, da qual a integridade do culto é o símbolo. Isso transparece, sobretudo, na Lei da Santidade (Lv 17–26): diante da grandeza e da perfeição de seu Deus, Israel procura honrá-lo com o culto mais perfeito possível (pureza ritual) e servi-lo com a máxima fidelidade (pureza moral). Portanto, o aspecto cultural do Levítico é relativo, pois

¹⁶¹ SKA, J. L., O canteiro do Pentateuco, p. 205.

¹⁶² DEISS, L., A Palavra de Deus celebrada, p. 34.

¹⁶³ CUVA, A., Assembleia, p. 94-103.

¹⁶⁴ O termo *shemá* aparece sete vezes no livro do Levítico: 5,1; 10,20; 24,14; 26,14.18.21.27 (BibleWorks 10).

ensina a adequar-se, no culto, à santidade de Deus (Lv 19,2) e, na ética, a amar o próximo como a si mesmo (Lv 19,18).

Já em Números,¹⁶⁵ existe uma ponte entre Êxodo, Levítico e Deuteronômio, no sentido de que recorda a partida do Sinai até a chegada a Moab. O livro incorpora textos legislativos na narrativa, pois é mais fácil gravar as leis e seu significado quando enquadrados em uma história.¹⁶⁶ Então, como o povo, depois da Aliança no Sinai e da instrução aos sacerdotes levíticos, aprende na prática a servir o Deus único e verdadeiro, ao compreender que Ele escuta seu grito (Nm 11,3; 20,16). Portanto, a escuta para Israel é uma ordem divina e, por meio dela, ele compreende o que significa amar a Deus e ao próximo. Números 15,37-41 forma a última parte da oração do *shemá* (Dt 6,4), em que o Senhor manda os israelitas prenderem borlas às extremidades de suas vestes, com um cordão de púrpura, para lembrá-los sempre da Aliança firmada entre eles, escutando seus preceitos e observando suas leis.¹⁶⁷

Quanto ao livro do Deuteronômio, esse divide-se em três grandes discursos que arquetizam simetricamente o “Código deuteronômico”: o primeiro apresenta a rememoração da história anterior (Dt 1,1–4,43); o segundo relata a proclamação da Lei deuteronômica (Dt 4,44–28,68); e o terceiro descreve a sanção da Lei e a exortação final (Dt 28,69–34,12).¹⁶⁸ O Deuteronômio forma uma encruzilhada, na qual deságuam as tradições primitivas dos quatro primeiros livros da Bíblia hebraica, e dele partem as tradições mais recentes dos livros seguintes (de Josué a Reis).

Na trama do Deuteronômio há cinco pontos de capital importância (um Deus, um povo, uma terra, um santuário e uma Lei), entrelaçados com outros fios (eleição, aliança, bênção, maldição etc.).¹⁶⁹ A unidade de Deus, proclamada no começo do Livro da Lei, determina a unidade do santuário e do culto de todo o povo de Israel. Pela eleição e Aliança, Israel se torna o povo de Deus. A terra prometida, por sua vez, ainda que representasse dom de Deus, também poderia significar apego a bens terrestres e esquecimento de seu doador (Dt 8,7ss). E, por fim, a Lei era expressão da vontade de Deus a seu povo, o qual deveria observar seus mandamentos, ser-lhe

¹⁶⁵ O termo “escuta” no sentido de *shemá* aparece 31 vezes no livro dos Números (BibleWorks 10).

¹⁶⁶ BÍBLIA SAGRADA, Introdução ao Livro dos Números, p. 171.

¹⁶⁷ BÍBLIA DE JERUSALÉM, Livro dos Números 15,37-41 (letra c da nota de rodapé), p. 226.

¹⁶⁸ BÍBLIA SACRADA, Introdução ao Livro de Deuteronômio, p. 219.

¹⁶⁹ LOPEZ, F. G., O deuteronômio: uma lei pregada, p. 8.

fiel e, como dogma fundamental, amá-lo como Deus único, sem divisão nem fissura (Dt 6,4-5).¹⁷⁰

O Deuteronômio sempre foi muito importante para os judeus, e também para os cristãos, porque nele se encontra o primeiro e mais importante mandamento da Lei, o *shemá* (6,4),¹⁷¹ recitado todos os dias pela manhã e à tarde.¹⁷² Traduzido por “Escuta, Israel!”, ou “Ouve, Israel, Iahweh é nosso Deus, Iahweh somente”, o *shemá* contém a proclamação da fé por excelência: “O Senhor é Uno”.¹⁷³ Ao estabelecer sua fé em um Deus único, Israel se destaca como povo da Aliança.¹⁷⁴

O ato físico de ouvir Deus falar é tema de reflexão teológica em Deuteronômio 4–5. O Senhor falou a Israel do meio do fogo e revelou-lhes a Aliança, isto é, os Dez Mandamentos (Dt 4,10-13.36; 5,22). O objetivo dessa experiência é ensinar a Israel que o Senhor é o único Deus (Dt 4,35.39) e que Ele se dirige a Israel como sinal de sua eleição (Dt 4,37).¹⁷⁵ Os israelitas, ao ouvirem a voz de Deus, ficam tomados de espanto, pois acreditavam que, se ouvissem Deus falar, não sobreviveriam (Dt 4,33; 5,24-26; cf. Gn 32,31; Ex 33,20). Contudo, Israel pôde, mediado por Moisés (Dt 5,27), escutar a voz do Deus vivo (Dt 5,26).

Outro aspecto importante em Deuteronômio 6,4 é a compreensão do imperativo *shemá*: “Escuta!”. Como ele vem seguido do vocativo “Israel”, em vez de chamado passa a ter o sentido de convite. Israel é convocado a compreender que o “Senhor é uno” (Dt 6,4b) e que deve amar o Senhor com todo coração, alma e força (Dt 6,5ss).¹⁷⁶

2.2.1.2

A escuta na literatura dos livros históricos

Com relação à escuta (*shemá*) nos livros históricos,¹⁷⁷ daremos ênfase aos livros de Josué e Neemias 8,1-12, por serem os livros que trabalham com mais ênfase as grandes assembleias do povo de Israel, além da assembleia do Sinai, como

¹⁷⁰ LOPEZ, F. G., O deuteronômio: uma lei pregada, p. 9.

¹⁷¹ Não é à toa que o termo *shemá* apareça 101 vezes no livro de Deuteronômio (BibleWorks 10).

¹⁷² STORNILOLO, I., Como ler o livro do Deuteronômio, p. 7.

¹⁷³ LOPES, F. G., O deuteronômio: uma lei pregada, p. 26-27.

¹⁷⁴ BÍBLIA SACRADA, nota de rodapé de Dt 6,4 letra c, p. 267.

¹⁷⁵ AITKEN, K., *Shemá*, p. 175.

¹⁷⁶ LOPEZ, F. G., O Deuteronômio: uma lei pregada, p. 28.

¹⁷⁷ O termo “escuta” aparece pelo menos 367 vezes nos livros históricos: Josué (31), Juízes (24), Rute (2), 1Samuel (66), 2Samuel (66), 1 Reis (61), 2 Reis (44), 1 Crônicas (19), 2 Crônicas (49), Esdras (3), Neemias (29), Ester (5) (BibleWorks 10).

vimos no livro do Êxodo. Assim, acreditamos que podemos aprofundar mais ainda a teologia da escuta na liturgia.

A grande assembleia de Siquém é retratada em Josué 24,1-28. Logo na introdução, o texto apresenta Josué reunindo as tribos de Israel em Siquém (Js 24,1) e o corpo narrativo pode ser assim identificado: primeiro, pela recomposição histórica do que Deus realizou em favor de Israel desde o tempo dos patriarcas até a chegada na terra prometida (Js 24,1-13); segundo, Josué exorta os israelitas a aderirem ao Senhor, e eles bradam querer servi-Lo (Js 24,14-24); terceiro, Josué celebra a Aliança com o povo e, como testemunho, levanta uma grande pedra (Js 24,25-27). A conclusão, por fim, apresenta Josué despedindo o povo (Js 24,28).¹⁷⁸ Esta é uma possível moldura da assembleia de Siquém.

A narrativa de celebração da Aliança em Josué 24,1-28, para J. Konings, insere-se em um clima de opção. Depois que os israelitas tomaram posse da terra prometida, Josué organizou a renovação da Aliança e pronunciou um discurso em que começa recordando os grandes feitos do Senhor a favor das tribos de Israel. O Senhor chamou Abraão e, tempos depois, tirou Israel do Egito (Js 24,1-13). A memória desses grandes feitos exige uma opção. Será que Israel prefere esquecer seu passado e seu Salvador, como fazem tantos outros? Preferirá os “deuses da terra”, que se estima serem capazes de dar bem-estar e progresso – os ídolos de sempre? Josué opta pela fidelidade ao Deus da Aliança. E o povo se une a ele, respondendo: “Longe de nós abandonarmos o Senhor para servirmos a outros deuses; nós também serviremos ao Senhor, pois ele é o nosso Deus” (24,17-18).¹⁷⁹

Já M. Googan e J. McKenzie escrevem que o texto de Js 24,1-8, dentro de uma narrativa de celebração da Aliança, apresenta Josué cumprindo as ordens de Moisés, como se pode ler nos capítulos 11, 27 e 31 de Deuteronômio. A estrutura do discurso divino, seguido pela exortação de Josué, se conecta com a unidade dos capítulos 1 e 23. A forma narrativa serve como uma conclusão apropriada para Josué. O que podemos verificar, nesse caso, é que em tal assembleia cúltrica a Deus, presidida por Josué, Israel é unido da mesma forma que estiveram unidos na batalha. Aliás, Siquém retrata um dos mais importantes centros cúltricos e políticos dos israelitas. O que leva a pensar na importância da assembleia em Siquém para

¹⁷⁸ CROCETTI, G., Josué, Juízes, Rute, p. 105.

¹⁷⁹ KONINGS, J., Opção por Jesus, p. 62-64.

Israel. O texto destaca que Josué reúne todas as tribos de Israel e convoca os anciãos, os chefes, os juízes e os escribas para a celebração de renovação da Aliança. Todos se apresentam diante de Deus (Js 24,1), e essa presença implica estar na presença da arca, embora não esteja explicitamente mencionada no texto.¹⁸⁰

À medida que Josué transmite a Palavra do Senhor, ele recorda aos israelitas o que Deus fez por eles desde a saída do Egito até a chegada à terra prometida (Js 24,13). Depois, exorta-os a temer o Senhor e servi-lo na perfeição e na fidelidade. Israel é também exortado a abandonar os deuses que eles e seus pais serviram no Egito, e a servir a Deus (Js 24,14). Podemos constatar, aqui, uma síntese de Dt 6,10-11, a qual é também uma citação literal de Gn 35,2.14. Para J. McKenzi, Siquém era o centro do culto israelita no período primitivo, e seus habitantes podem ter fundido as próprias tradições com as de Jacó e de Israel. Desse modo, podemos dizer que Siquém possui um cenário importante para a celebração de renovação da Aliança descrita em Dt 27.¹⁸¹

Na assembleia de Siquém, Josué proclama as grandes maravilhas que Deus fez na libertação dos israelitas, quando escravos no Egito. Em resposta, Israel é convocado a servir e a obedecer somente a Deus. Josué exorta Israel a decidir entre servir a Deus ou aos deuses do Egito, pois¹⁸² ele e sua família já haviam tomado a decisão: “Eu e minha casa serviremos ao Senhor” (Js 24,15). Cabe então a Israel decidir quem quer servir. Se decidir servir e obedecer a Deus, deverá abandonar a origem pagã¹⁸³ e inclinar o coração para Deus (Js 24,15.23). A opção deverá ser acompanhada pela fidelidade à aliança estabelecida pelo Senhor, a qual tem como finalidade a formação de um só povo e de uma só nação.¹⁸⁴

Depois de Israel ter sido exortado a reconhecer a fidelidade do Senhor, pela Aliança firmada com Abraão e renovada pela primeira vez no Sinai, decide servir e obedecer à voz do Senhor (Js 24,24). Essa decisão é de todo o povo de Israel e de todos os tempos. Desse modo, a aliança de Siquém torna-se oficial e perene. Podemos concluir, então, que a opção em servir e obedecer a Deus deve ser renovada continuamente.¹⁸⁵

¹⁸⁰ COOGAN, M. D., Josué, p. 291-292; MCKENZIE, J. L., Dicionário bíblico, p. 890-891.

¹⁸¹ MCKENZIE, J. L., Siquém, p. 891.

¹⁸² COOGAN, M. D., Josué, p. 292.

¹⁸³ DEISS, L., A Palavra de Deus celebrada, p. 49.

¹⁸⁴ DAVIDSON, R., Ideologia da Aliança no Israel Antigo, p. 328-329.

¹⁸⁵ CROSETTI, G., Josué, Juízes, Rute, p. 108-109.

A celebração da Aliança entre Deus e Israel é documentada por escrito por Josué (Js 24,26).¹⁸⁶ Ele fixa um estatuto e um direito em Siquém erguendo uma grande pedra, ao pé do carvalho, diante do santuário do Senhor. Essa pedra deverá servir de testemunho contra todos os presentes naquela assembleia, porque ela ouviu todas as palavras que o Senhor falou. Será um testemunho contra todos que renegam a Deus (Js 24,27). Aliás, a elevação dessa pedra pode ocultar o lugar reservado à imolação das vítimas animais. O objetivo será o de materializar a Aliança estabelecida verbalmente na celebração memorial das ações divinas e o de revelar as intenções inscritas no coração.¹⁸⁷

A conclusão da celebração da Aliança acontece quando Josué despede o povo israelita e cada um volta para sua casa (Js 24,28).¹⁸⁸ Israel retorna para sua casa com o compromisso de servir e obedecer ao Senhor e de viver o *shemá*, isto é, observar na prática a Aliança, independentemente da flexibilidade dos ritos e da diversidade histórica do povo, há sempre nas celebrações da Aliança um coração que pulsa no centro do rito, o qual é essencial para a compreensão das fontes bíblicas da Lei do Senhor, que se resume no imperativo: “Escuta, Israel!”.¹⁸⁹ A assembleia do Sinai, embora seja um acontecimento único e irreversível, é também original, pois cada renovação da Aliança forma uma unidade interna na sua assembleia de origem.¹⁹⁰ Desse modo, podemos dizer que o fio condutor de todas as assembleias de Israel é o *shemá*, e a aliança celebrada pelos israelitas no Sinai será para sempre com todo o Israel.¹⁹¹

Portanto, a narrativa de Js 24,1-28, no que refere à teologia da escuta, como Palavra e rito, se entrelaça na dinâmica celebrativa da assembleia de Siquém. Deus é quem convoca Israel, e Josué é o mediador entre Deus e Israel. Por isso, ele preside a assembleia da Aliança e Israel participa dela de forma ativa. Toda ação cültica acontece em função da escuta da Palavra do Senhor e se confirma com o pacto da Aliança. Josué é o primeiro a pactuar com o Senhor no serviço e na obediência. Ele é o primeiro escutador e testemunhador da Aliança com o Senhor.

¹⁸⁶ MCKENZIE, J. L., Aliança, p. 26.

¹⁸⁷ COLA, G. C., O sacramento-assembleia, p. 34.

¹⁸⁸ CROSETTI, G., Josué, Juizes, Rute, p. 105.

¹⁸⁹ DEISS, L., A Palavra de Deus Celebrada, p. 50.

¹⁹⁰ ARENS, A., Die Psalmen im Gottesdienst des Alten Bundes, p. 27.

¹⁹¹ DEISS, L., A Palavra de Deus Celebrada, p. 50.

Já na assembleia de Esdras, na narrativa de Ne 8,1-12, destaca-se a convocação dos israelitas para escutar a Palavra de Deus, presente na Lei de Moisés. Todo o povo se reúne na praça, à frente da porta das Águas, à sudeste do Templo – território não sagrado, ao ar livre, em que mais tarde surgiriam as sinagogas –, e pede ao sacerdote Esdras que traga o livro da Lei de Moisés, prescrito pelo Senhor. Desse modo, diante do sacerdote Esdras, acontece a primeira assembleia de Israel após o retorno do exílio babilônico (Ne 8,1-2).¹⁹²

O texto de Neemias quer salientar a inteireza e a pluralidade de tal assembleia como lugar hermenêutico e originário das Escrituras: ao se reunir para escutar a proclamação litúrgica, o povo se compreende como epifania de toda a comunidade dos repatriados do cativeiro (Ne 8,17).¹⁹³ Quanto à questão cronológica, no que se refere à teologia, primeiro existe a experiência de fé do povo, depois as Escrituras. Nesse sentido, a confissão de fé torna-se o testemunho escrito, instituído, normativo para a própria comunidade, que reconhece a Palavra de Deus contida no livro da Lei como norma da sua fé, à qual ela se submete. Pela fé, a comunidade celebra as obras salvíficas de Deus.

A expressão de que “todo o povo se reuniu como um só homem” (Ne 8,1), no texto massorético¹⁹⁴ e na Septuaginta,¹⁹⁵ compreende o desejo do Senhor de integrar e unir Israel de novo no caminho da vida. A ideia de “um só homem” está ligada à unidade de um povo que estava disperso.

Quando os israelitas pedem para o sacerdote Esdras trazer o livro da Lei, deduzem que, para ser uma assembleia santa, é preciso estar diante da Lei do Senhor. Esdras realiza-lhes o desejo, apresentando o livro da Lei. A cena apresenta os parceiros da Aliança frente a frente com o Senhor.¹⁹⁶ Deus, pela sua Palavra, é quem ordena e o ser humano, por sua vez, é aquele que O escuta e executa o que Ele ordena.¹⁹⁷

Já o segundo aspecto da assembleia de Esdras destaca a epifania da Palavra de Deus: dia solene, o primeiro do sétimo mês, em que o povo se reúne para escutar avidamente a proclamação da Lei mosaica. Esdras, então, em pé sobre um estrado

¹⁹² BOSELLI, G., O sentido espiritual da liturgia, p. 59-61.

¹⁹³ BOSELLI, G., O sentido espiritual da liturgia, p. 61.

¹⁹⁴ BÍBLIA HEBRAICA, Stuttgartensia, p. 1444.

¹⁹⁵ BÍBLIA SEPTUAGINTA, p. 936.

¹⁹⁶ BOSELLI, G., O sentido espiritual da liturgia, p. 63-64.

¹⁹⁷ SANTE, C., Liturgia judaica: fontes, estrutura, orações e festas, p. 66.

de madeira, para que todos possam vê-lo e escutá-lo, abre o livro da Lei diante de todo o povo e passa a traduzi-lo e explicá-lo. Para ajudar na instrução, a seu lado estão assessores leigos notáveis, bem como levitas que leem trechos do texto hebraico e imediatamente explicavam seu sentido (Ne 8,7-9). Em contrapartida, a assembleia toda também se põe de pé para escutar a proclamação, desde o amanhecer até o meio-dia, e aclama de mãos erguidas: “Amém, Amém” (Ne 8,2-8).

A organização do espaço para a proclamação da leitura do livro da Lei demonstra o apreço pela Palavra do Senhor. Esdras é um conhecedor da Lei. O que lê ao povo se aplica primeiro a ele. Como leitor, Esdras exerce um ministério importante perante a assembleia de Israel, que é o de mediador. Na pessoa dele, o Senhor fala ao povo reunido.

Essa assembleia talvez tenha acontecido em uma festa de Ano-Novo (Ex 23,16), e Esdras, depois do exílio babilônico, passa a ler a Lei de Javé para reavivar a fé (Esd 7,25-26). O cronista, provavelmente, esteja descrevendo uma celebração sinagoga solene que lhe era contemporânea e retroprojetando-a para o tempo de Esdras e de Neemias. Sucessivamente origina o culto sabático sinagoga.¹⁹⁸

Quanto ao terceiro aspecto da assembleia, destacamos a adesão do povo à Palavra do Senhor (Ne 8,8-9; 9,1-3.5-37). A resposta, porém, à Palavra de Deus proclamada se manifesta no sacrifício interior de expiação e de louvor, que se concretiza no jejum, na confissão dos pecados e na longa oração de bênção. O ritual de penitência acontece durante a reunião solene do oitavo dia, com uma oração de ação de graças lembrando as maravilhas do Senhor e tirando as lições da história (Ne 9).¹⁹⁹

O Senhor, presente, fala com os israelitas, que se comovem (Ne 8,9), talvez por estarem na presença do Senhor ou até por reconhecerem o pecado de não tê-lo escutado anteriormente. Na liturgia penitencial, eles relembram a Aliança que o Senhor fez com Abraão, seus descendentes e todas as gerações, e compreendem que Ele cumpriu sua promessa e nunca os abandonou (Ne 9,7-15). Essa memória faz com que reconheçam os próprios pecados e os de seus pais (Ne 9,16-17a). Desse modo, fazem uma revisão de vida, pedem perdão e imploram ao Senhor que olhe

¹⁹⁸ DE ZAN, R., Os múltiplos tesouros da única Palavra, p. 25-26.

¹⁹⁹ GELINEAU, J. A., Celebração da Aliança, p. 42.

para os seus sofrimentos e tenha misericórdia deles em sua grande aflição. Para isso, comprometem-se a escutar o Senhor, renovando a Aliança e pondo em prática a sua Lei.

Por fim, o quarto aspecto da assembleia de Esdras é o gesto que sela o pacto da Aliança dos israelitas com o Senhor. Após ter escutado a Palavra de Deus, eles foram instruídos por Neemias, Esdras e os levitas sobre o dia consagrado ao Senhor (Ne 8,9). Portanto, devem celebrar com alegria, preparando uma festa em que comem, bebem e repartem porções com os que nada prepararam, porque é um dia santo para o Senhor (Ne 8,10). Dessa forma, a escuta da Palavra de Deus levou os israelitas à compreensão do que significa amar, pois são chamados a desenvolver a cada dia a capacidade de escutar e viver a Lei do Senhor no amor ao próximo, ou seja, cumprir o *shemá*, a via segura de felicidade aos israelitas.

Repartir com os que não nada têm é proporcionar alegria aos órfãos, às viúvas e aos mais necessitados, como parte integrante de uma festa religiosa. Os pobres são os prediletos de Deus. Onde ressoa a voz de gratidão e júbilo do pobre, reina a verdadeira alegria no Senhor.²⁰⁰

2.2.1.3

A escuta na literatura sapiencial e profética

Como vimos na literatura do Pentateuco e dos livros históricos, o *shemá* era fundamental não só para o cumprimento da Aliança celebrada e renovada entre Deus e os israelitas, como também era uma questão de vida para Israel, que tem diante de seus olhos duas situações: a vida e a morte; o bem e o mal. A escuta gera a vida, o bem; a ante-escuta causa escravidão e morte.

Também na literatura sapiencial o *shemá* é de suma importância,²⁰¹ pois, apesar de possuir gêneros diversos, cada livro tem relevância quanto ao compromisso de Israel com a escuta da Palavra do Senhor: nos Salmos, encontramos uma literatura mais centralizada na vida litúrgica de Israel no Templo; os livros de Jó e Eclesiastes são escritos “quase filosóficos”, ainda que a narrativa de Jó seja mais dramática e a de Eclesiastes, mais poético-didática; a literatura de

²⁰⁰ SKRZYPCZAK, O., Esdras e Neemias, p. 88.

²⁰¹ O termo *shemá*, com suas variantes, aparece pelo menos 164 vezes em alguns livros da literatura sapiencial: Jó (42), Salmos (81), Provérbios (30), Eclesiastes (8) e Cântico dos Cânticos (3) (BibleWorks 10).

Provérbios e Sirácida tem cunho pedagógico, ao apresentar a sabedoria e as sentenças dos sábios populares; e o livro do Cântico dos cânticos traz uma coleção de poesias que retratam o amor romântico e misterioso entre o Senhor e Israel.

Os Salmos recordam toda a ação salvífica de Deus na história dos israelitas. Desse modo, tanto nas alegrias quanto nos sofrimentos, o povo canta louvores a Deus, que escuta seus apelos, o socorre e o salva. Muitas vezes tais apelos são acompanhados de louvores e de ação de graças a Deus por escutar seu clamor, como testemunho para que outros aprendam a temer e a confiar nele (Sl 34,2-19; 40,2-4; 66,20).²⁰² Contudo, muitos salmos se referem ao rompimento de Israel com a Aliança, quando o salmista, de maneira didática, narra que na história de Israel houve desobediência e ingratidão pela não escuta, levando o povo a desviar sua atenção da Palavra de Deus (Sl 81,12). Nessa situação, o próprio Deus admoesta à escuta.²⁰³

O livro de Jó, por sua vez, apresenta uma escuta resiliente e dramática. Toda a sua narrativa leva-nos a compreender que Jó resistiu às adversidades, recuperou e se converteu em uma pessoa nova, madura, confiante, estável e consciente de seu propósito na vida.²⁰⁴ Deus escuta aquele que grita por Ele, socorrendo-o e salvando-o (Jó 34,28). Jó baseia toda a sua esperança no que ele próprio escuta. Pela fé em Deus, Jó se apresenta como grande conhecedor da teologia da criação.²⁰⁵

O *shemá* na literatura dos livros proféticos aparece com a mesma força semântica e é de suma importância para a vida dos israelitas.²⁰⁶ Os profetas, ocupando lugar privilegiado como ouvintes e mediadores da Palavra de Deus, anunciam com veemência a Israel que escute e cumpra os mandamentos. Israel, por não dar atenção ao *shemá*, sofre as consequências. Então, os profetas aparecem justamente como guardiões da Aliança e intermediários entre os israelitas e Deus, para denunciar as injustiças, exortá-los à conversão, mas também para anunciar a salvação, estimulando-os a desbloquear os ouvidos para escutar a Palavra do Senhor

²⁰² AITKEN, K., *Shemá*, p. 179.

²⁰³ MURPHY, R. E., *Jó e Salmos*, 23.

²⁰⁴ OLIVO, J. R., *A resiliência de Jó*, p. 10.

²⁰⁵ MURPHY, R. E., *Jó e Salmos*, p. 112.

²⁰⁶ O termo *shemá*, na literatura dos livros proféticos, é tão importante que aparece pelo menos 508 vezes: Isaías (109), Jeremias (189), Lamentações (5), Ezequiel (51), Daniel (15), Oseias (4), Joel (1), Amós (10), Abdias (1), Jonas (1), Miqueias (9), Naum (4), Habacuc (4), Sofonias (2), Agel (1), Zacarias (10) e Malaquias (2) (BibleWorks 10).

e a Ele converter o coração. Tal profetismo não é exercido somente por palavras, mas, em muitas situações, por visões ou gestos proféticos que podem ter a aparência de transe ou de êxtase.

A narrativa do livro de Ezequiel apresenta o profeta recebendo uma ordem de Deus para advertir os israelitas (Ez 3,17). Ele não poupa nem o trabalho dos falsos profetas que profetizam conforme interesses próprios, chamando-os de “raposas no meio de ruínas”.²⁰⁷ Por isso, apela à conversão do coração, à conduta responsável, por meio da escuta dos mandamentos do Senhor, e à prática do direito e da justiça. Os israelitas se rebelam contra Deus e, apesar de terem os órgãos da visão e da audição perfeitos, não funcionam para aquilo que é o principal em sua vida.²⁰⁸ Ezequiel profetiza que as súplicas do povo serão inúteis, e que o Senhor não vai escutá-lo, porque pratica injustiça e não age com misericórdia, além de prestar culto a outros deuses (Ez 8,18). E K. Aitken lembra o caráter extremo do julgamento retratado pelo profeta, no sentido de que a não escuta trará grandes consequências; nem o som das cítaras será ouvido pelo Senhor (Ez 26,13).²⁰⁹ A todo custo, o profeta quer sensibilizar Israel para que se volte para o Senhor, escute a sua Palavra e se converta, conquistando, assim, coração e espírito novos (Ez 36,26-28).

O profeta Jeremias, outrossim, é defensor da fidelidade radical à Aliança e da confiança absoluta no Senhor, Deus de Israel, pregando comportamentos totalmente relacionados à escuta e, como consequência, à obediência a Deus (Jr 7,23). Todavia, o que acontece com Israel é o contrário: o povo tem os ouvidos e o coração fechados, incircuncisos à Palavra de Deus mediada pelo profeta (Jr 4,4; 6,10). Com veemência o profeta condena a inutilidade da circuncisão dos judeus e afirma que é necessário circuncidar o coração e tirar dele a maldade.²¹⁰ Havia, então, um mal-estar entre Israel e Jeremias. Entretanto, mesmo sabendo que não devia interceder pelo povo, o profeta carrega na alma a justiça e a verdade. Por isso, ele tem como missão arrancar e destruir para depois plantar e edificar. Jeremias apela ao imperativo “Escutai a Palavra do Senhor, vós todos de Judá!” (Jr 7,2), para levar à compreensão do amor total e sem reserva como referencial do máximo respeito ao próximo. Desse modo, interpela Israel a escutar para se converter no conhecimento

²⁰⁷ MAZZAROLO, I., O clamor dos profetas ao Deus da justiça e misericórdia, p. 38.

²⁰⁸ LOPEZ, F. G., O Deuteronomio: uma lei pregada, p. 140.

²⁰⁹ AITKEN, K., *Shemá*, p. 175.

²¹⁰ MAZZAROLO, I., O clamor dos profetas ao Deus da justiça e misericórdia, p. 36.

a Deus, que se traduz na prática da justiça e do direito (Jr 22,15), para que assim possa adquirir o bem-estar e a posse da terra.

Com relação à escuta, Isaías caminha na mesma direção dos outros profetas. Ele exorta Israel a escutar a Palavra do Senhor (Is 1,10), usando o imperativo “Escuta, Israel!” de modo contundente. Condena Israel por ter os ouvidos bloqueados e por não praticar a justiça e o direito, e alerta que o Senhor recrimina essa atitude e não está disposto a receber os seus sacrifícios e holocaustos. Mostra que Deus não é surdo, mas as iniquidades do povo o separaram dele, de modo a não “poder ouvir” (Is 59,1-2; 58,4).²¹¹ Contudo, Isaías também é consolador, dizendo que, se os israelitas escutarem a Palavra e se converterem a ela, praticando a justiça e o direito, o Senhor estará pronto a receber seus sacrifícios, a esquecer o passado e a transformar o sangue dos pecados em brancura de neve. Essa “restauração” de Israel será a glória de Deus que se levanta em Jerusalém, podendo tratar-se de um novo Israel (Is 60). O profeta acredita que, com a transformação interior de Israel, Deus, assim como o coração de cada israelita, se alegrará e criará uma cidade nova, trazendo salvação, paz e justiça a sua população, que, por sua vez, irá expressar e celebrar essa alegria fazendo festa. Se não houver o que temer, a mudança será radical. As muralhas e portas trocarão o nome para “salvação e louvor”.²¹²

Por sua vez, com estilo apocalíptico e visão ampla e penetrante da teologia de Israel, o profeta Daniel ensina que os israelitas perseguidos aprendem a se firmar na resistência e a interpretar a história com esperança. Portanto, todo seu livro traz uma profecia voltada à confiança no Senhor e à fidelidade à Aliança firmada com Ele. A primeira comunicação entre Deus e o profeta foi por meio uma linguagem teofânica, e só depois a Palavra começou a ser pronunciada e ouvida. Da mesma forma, o ato de escutar foi tomando espaço na consciência do povo. Aos poucos, as visões, os sonhos e as manifestações de Deus (Dn 7,7; 8,16), dentro de um contexto apocalíptico, passaram a ter menos importância que o *shemá Israel*.²¹³

Na profecia de Daniel, Deus é capaz de escutar e agir. Várias vezes o profeta apela para o perdão de Deus em favor de Israel (Dn 9,19). E tais apelos são acompanhados de declarações de confiança a Deus por escutá-lo. A profecia de

²¹¹ AITKEN, K., *Shemá*, p. 179.

²¹² ALONSO SCHÖKEL, L.; DIAZ, J. L., *Profetas I: Isaías e Jeremias*, p. 379.

²¹³ MAZZAROLO, I., *A Eucaristia*, p. 139.

Daniel demonstra que a justiça de Deus vence a hipocrisia, como se constata na história de Suzana (Dn 13). Deus age na história e no cotidiano de cada pessoa. Assim como Deus chamou Daniel para desvendar a hipocrisia dos anciãos que assediavam a casta Suzana, ele também continua convocando as nações para que escutem a sua Palavra e sejam fiéis à prática de seus mandamentos.

A chave de leitura para estabelecer a Aliança de Deus com Israel é a escuta, isto é, o *shemá*. Da parte de Deus, a fidelidade é perfeita. Por isso, a dobradiça da passagem do Antigo para o Novo Testamento é a personificação da escuta de Deus na encarnação do Verbo. Deus, ao escutar o grito de seu povo, envia o próprio Filho para libertar Israel definitivamente da escravidão e conduzi-lo à nova Jerusalém. Jesus é o escutador por excelência do Pai e, escutando-o, humaniza todos os povos com sua Palavra.

2.2.2

A escuta na literatura do Novo Testamento

A escuta enquanto imperativo para o povo de Israel está presente em quase todos os livros do Antigo Testamento, como já mencionamos. Pela escuta, Deus estabelece Aliança com todas as gerações. A humanidade inteira é convocada para escutar a Palavra do Senhor e praticá-la. Assim como Deus convocou todo o povo de Israel a escutá-lo, pelo imperativo: “*shemá Israel*”, em Jesus todas as gerações também são convocadas a viver o *shemá*, como primeiro mandamento. A escuta é o caminho da vida, do amor, da justiça e da misericórdia. Aquele que cumpre o *shemá* passa ter a mesma atitude do Senhor na prática da justiça e do direito, do amor e da misericórdia (Os 6,6; Mt 12,7) porque Deus é Palavra e escuta.

A palavra *shemá* no Novo Testamento foi substituída pela palavra *akouo* (escutar), termo grego que aparece pelo menos 428 vezes em quase todos os livros do Novo Testamento.²¹⁴ Daí sua importância para a comunidade dos seguidores de Cristo, pois, em Jesus, o Pai estabelece para sempre a Nova e eterna Aliança.

Nesse sentido, Jesus, a Palavra encarnada, vem fazer morada no meio de nós. A vinda de Jesus a este mundo, no ato da encarnação, concretiza e solidifica a

²¹⁴ Mt (63), Mc (44), Lc (65), Jo (59), At (89), Rm (5), 1Cor (4), 2Cor (2), Gl (3), Ef (5), Fl (4), Cl (4) 2Ts (1), 1Tm (1), 2Tm (4), Fm (1), Hb (8), Tg (3), 2Pd (1), 1Jo (14), 2Jo (1), 3Jo (1) e Ap (46) (BibleWorks 10).

realidade de Deus para sempre sobre a casa de Jacó (Lc 1,31-33). Escutando o Filho, a humanidade inteira viverá eternamente (Jo 5,24).

O Filho do Deus vivo desceu do céu para elevar o *húmus* adâmico, humanizado, redimido e vivificado (Jo 10,10). Ele desce para salvar todos que o Pai lhe deu. E o desejo do Pai é que nenhum se perca (Jo 6,38-39), porque Ele é a Palavra de vida eterna (Jo 6,68). Pela sua morte e ressurreição, fomos atraídos por Cristo para o céu (Jo 12,32). O Cristo, levantado na cruz, eleva a humanidade inteira. Quando olhamos para a cruz, não vemos a morte, mas a vida.

Na cruz, “a árvore da vida”, vemos Cristo, o *Dabar*, o *Logos* de Deus. Em Cristo origina-se a nova criação, pois Ele restaura e estabelece para sempre, com a humanidade inteira, uma aliança de amor, justiça e misericórdia. Portanto, a moldura desta nova e eterna Aliança está configurada na pessoa do Cristo Jesus que se encarnou, morreu, ressuscitou e enviou o Espírito Santo. Com o derramamento do Espírito Santo sobre os apóstolos em Pentecostes, Jesus cumpre a promessa que fez aos seus discípulos (Jo 16,7-8).

Desse modo, nosso objetivo em relação a alguns livros do Novo Testamento é o de buscar compreender a teologia da escuta, a partir da pessoa de Jesus Cristo, como protótipo da escuta humana. Assim, procuremos entender por que o ensinamento Jesus é uma convocação para a escuta. Portanto o nosso interesse, com relação ao Novo Testamento, é destacar apenas alguns versículos mais relevante sobre escuta no campo teológico-bíblico-litúrgico.

Desde já, destacamos que, no Novo Testamento, o termo *akouo* aparece com a mesma intensidade que o termo hebraico *shemá*. *Akouo* significa “captar, perceber com os ouvidos, conhecer, dar atenção, prestar atenção, escutar, compreender, apreender”.²¹⁵ A força semântica desse termo é essencial para compreendermos a importância da escuta no Novo Testamento.

Como já mencionamos, o israelita considera o ouvido um órgão privilegiado para a relação humana e divina. O caminho da comunicação humana é o da fala e da escuta, do encontro e do diálogo. O ouvido e a boca são por excelência órgãos sociais e religiosos. Na Escritura, encontramos o termo “circuncidar” os ouvidos e os lábios (Jr 6,10; Ex 6,12.30). Fala-se também de “circuncidar o coração” (Dt 4,4;

²¹⁵ RUSCONI, C., Dicionário grego do Novo Testamento, 2003, p. 30.

10,16; Rm 2,29), porque o coração é a sede da inteligência. Deus ouve e escuta: dele nasce a Palavra. Nesse contexto, ouvir é escutar, compreender, acolher e aquiescer.²¹⁶

2.2.2.1

A escuta na narrativa do evangelho de Marcos e Mateus

O evangelho de Marcos tem a intenção de apresentar Cristo e o anúncio da chegada do Reino de Deus. O evangelista tem também a intenção de apresenta o querigma da morte e ressurreição de Jesus. Nesse sentido, a chave de leitura para compreender a escuta no evangelho de Marcos está em responder a seguinte questão: quem é Jesus?

No quarto capítulo do evangelho de Marcos, sobre a parábola do semeador, encontramos uma narrativa de convocação para a escuta. Nessa parábola, Jesus convoca as multidões para ouvir o ensinamento sobre o Reino de Deus, com um imperativo: “Ouvi!” (Mc 4,3), que tem a mesma força semântica de “Escuta!”. Na parábola, Jesus ensina que quem acolhe a Palavra está dentro da dinâmica do Reino de Deus e recebe o conhecimento; quem não a acolhe, porém, está fora dessa dinâmica (Mc 4,3-12).²¹⁷ A semente é a Palavra de Deus e o terreno, o coração humano. A finalidade da boa semente é a produção de bons frutos, mas, para isso, o solo precisa ser bom e bem preparado para acolher tal semente.²¹⁸

Jesus contou essa parábola para revelar o Reino e facilitar sua compreensão. O centro dessa revelação é a vontade de Deus de entrar totalmente em comunhão com as pessoas. E somente quem tem fé pode atingir essa realidade que ultrapassa o conhecimento humano.²¹⁹ A produção de frutos no Reino de Deus depende da qualidade da escuta de cada um, isto é, da sua conversão. Por isso, Jesus ordena escutar o seu ensinamento: “Quem tem ouvidos para ouvir, ouça!” (Mc 4,12). Na parábola do semeador, todos são chamados a escutar Jesus, a superar o invólucro exterior da trama narrativa e a penetrar em seu significado profundo. Aquele que escuta a palavra de Jesus é convocado a decidir pela causa do Reino.²²⁰

²¹⁶ MONLOUBOU, L.; DU BUIT, F. M., Dicionário Bíblico Universal, p. 575-576.

²¹⁷ FERNANDES, L. A.; GRENZE, M., Evangelho segundo Marcos, p. 62.

²¹⁸ MAZZAROLO, I., Evangelho de Marcos, p. 137.

²¹⁹ SLOYAN, G. S., O evangelho de Marcos, p. 36.

²²⁰ FABRIS, R., O evangelho de Marco, p. 461.

Os escutadores de Jesus se encantam com seu ensinamento e ficam admirados (Mc 6,2), porque Ele ensina com autoridade, por meio de sua atitude. “Ele ensina com a autoridade de quem é a sabedoria”.²²¹ Contudo, mesmo assim Jesus é rejeitado pelos seus compatriotas, por ser filho de um carpinteiro. O “preconceito” com relação à origem humilde de Jesus leva os nazarenos a não darem crédito ao seu ensinamento. Eles o rejeitam e não querem escutar a sua palavra.

Outro aspecto é a cena da transfiguração, narrada por Marcos, assim como por Mateus e Lucas. No contexto de Marcos, Jesus revela a Pedro, Tiago e João o seu destino e a sua identidade: morte e glorificação. Jesus se revela como o cumpridor da promessa do Pai. Jesus revela a sua identidade. A voz que se ouve da nuvem é uma revelação e ao mesmo tempo uma ordem a escutar Jesus (Mc 9,7). A revelação da identidade de Jesus indica que a missão dos discípulos é adesão plena e comprometida com seu ensinamento. Trata-se de acolher a palavra de Jesus no caminho da cruz e segui-lo.²²²

Marcos salienta também a importância e o fundamento de toda a Lei. Jesus, ao ser interrogado por um escriba sobre o primeiro de todos os mandamentos, responde: “Escuta, Israel! O Senhor nosso Deus é o único Senhor. Amarás o Senhor teu Deus, de todo o teu coração, com toda a tua alma, com todo o teu entendimento e com toda a tua força!” E o segundo é: ‘Amarás teu próximo como a ti mesmo!’” (Mc 12,29-31). A resposta de Jesus revela o sentido da Lei e da religião do Antigo Israel.²²³

A questão suscitada pelo escriba acerca do primeiro mandamento era de extrema importância para o ambiente judaico do tempo de Jesus. O bom judeu se preocupava seriamente em fazer cumprir a vontade de Deus expressa na Lei. Na época, eram 613 mandamentos. Segundo alguns mestres da Lei, o amor ao próximo e as obras de caridade expressavam o valor supremo da Lei. A novidade que Jesus traz está em salientar a profissão de fé no Deus único. O imperativo “Escuta, Israel!” acarreta um compromisso operativo e prático, isto é, a pessoa se liga a Deus por um pacto de obediência, de dedicação e de fidelidade. Esse compromisso é resumido

²²¹ SLOYAN, G. S., O evangelho de Marcos, p. 45.

²²² FABRIS, R., O evangelho de Marcos, p. 520.

²²³ FERNANDES, L. A.; GRENZE, M., Evangelho segundo Marcos, p. 1331-132.149.

na palavra “amar”. Jesus acrescenta um segundo mandamento, com base nos textos de conclusão da Aliança (Lv 19,1-8), que é amar ao próximo com a si mesmo.

A novidade de Jesus está em ressaltar que o amor a Deus se concretiza no amor ao próximo. No encontro com Jesus, o escriba fez a experiência da proximidade de Deus, do Reino próximo e da justiça de Deus. A síntese dos mandamentos é a nova possibilidade oferecida à pessoa no encontro com aquele que torna visível e acessível o amor de Deus. Em Jesus, amar a Deus e ao próximo é um dom, um dinamismo infuso naquele que se abre à fé.²²⁴ Dentro dessa novidade evangélica, está em primeiro lugar a escuta. Sem ela será impossível amar a Deus e ao próximo.

A resposta de Jesus para o escriba, em Marcos, parte da convocação que Deus faz a todo israelita: “Escuta, Israel!”. O escriba conhece a Lei, sabe perfeitamente que o Senhor o convoca para interpretar que Deus é único e que deve ser amado com todo coração, com toda alma, com toda força (posses) e com todo entendimento. E que deve amar o próximo como a si mesmo. Para Jesus, conhecer a Lei implica amar o próximo de forma justa, o que exige integridade, doação, entrega, confiança e seguimento a Jesus. Por isso, para entrar na vida eterna, Jesus exige desapegar-se dos bens deste mundo (Mc 10,17-21). O escriba, por sua vez, embora estivesse bem próximo do Reino, porque compreendia que o amor valia mais que sacrifícios e holocaustos (Mc 12,34), estava ainda apegado à Lei e não totalmente preparado para escutar e acolher o ensinamento de Jesus e segui-lo.²²⁵

Já a literatura do evangelho de Mateus tem caráter catequético e ganha destaque entre os demais evangelhos. O seu conteúdo é de instrução à comunidade dos discípulos de Cristo, com cunho eclesial e didático por excelência. Destaca o Messias servo. A justiça apresentada em Mateus está em procurar fazer a vontade do Pai, escutar sua Palavra e pô-la em prática. A pessoa de Jesus define o modelo de escuta para o discípulo. O que Jesus escuta do Pai, Ele faz. Nele se cumpre concretamente o imperativo “Escuta, Israel!”.

O conteúdo mateano referente ao ensino de Jesus sobre a compreensão da Lei tem implicações práticas na vida de seus discípulos. Mateus oferece uma significativa exemplificação da superação da Lei divina e da nova obediência ao

²²⁴ FABRIS, R., O evangelho de Marcos, p. 566-567.

²²⁵ FARIAS, J. F., A releitura do Deuteronômio nos Evangelhos, p. 197.

querer de Deus.²²⁶ A nova Lei vai superar a antiga. A releitura da Lei feita por Jesus, em Mateus é um pequeno tratado para a entrada no Reino dos céus.²²⁷ O evangelista mostra a soberania e a superioridade de Jesus em relação ao que foi dito aos antigos (Mt 5,21-47). E Jesus conclui esses seus ensinamentos com uma ordem: “Sede, portanto, perfeitos como vosso Pai celeste é perfeito” (Mt 5,48).

Portanto, Jesus, no exercício pleno do cumprimento da Lei, ensina que a sua prática está em fazer justiça ao próximo. Jesus atualiza a Lei mosaica e proíbe todo tipo de cólera e palavras ofensivas contra o próximo. E explica como agir em determinadas situações: quem pratica o mal deve ser curado do mal que praticou; quanto ao adultério, ampliando tal conceito, diz que os desejos sensuais devem ser evitados; quanto à Lei de não jurar, mostra que a sinceridade e a verdade absoluta são necessárias às relações humanas; ao se referir à Lei de Talião, afirma que o amor aos inimigos define as relações humanas. Ou seja, o modo de viver do discípulo de Jesus se governa pelo amor, pela generosidade e pelo bem ao próximo.²²⁸ Os escutadores de Jesus são convocados a ser perfeitos como Deus é perfeito no amor, na justiça e na misericórdia.

Jesus, no evangelho de Mateus, ensina também que aquele que escuta a sua palavra e a põe em prática é como uma casa construída sobre a rocha. Pois a solidez dos alicerces desta casa está no modo como os discípulos escutam a sua palavra. A construção sobre a rocha refere-se à casa humana. A palavra de Jesus é a base dessa casa. Nela, a vida humana ganha raízes e se converte em um lar de recordações, confiança e esperança. Pela palavra de Jesus, os embates da ira e da vingança são superados. Nessa metáfora, habita o futuro do Reino ensinado por Jesus.²²⁹ Praticar a palavra de Jesus é sinal de que o discípulo escutou o seu ensinamento, pois identificar-se com Ele é praticar a justiça e promover a vida.

Mateus insiste na necessidade de escutar e compreender a mensagem de Jesus: “Quem tem ouvidos, ouça” (Mt 13,9.43)! A frase exorta aos ouvintes de Jesus a procurarem o verdadeiro sentido de sua palavra. Para Mazzarolo, alguns manuscritos acrescentam o verbo ouvir no infinitivo (Aquele que tem ouvidos para ouvir, ouça). Os ouvidos são para ouvir, mas o verbo *akouo* significa ouvir e

²²⁶ BARBAGLIO, G., O evangelho de Mateus, p. 120.

²²⁷ MAZZAROLO, I., Evangelho de São Mateus, p. 87.

²²⁸ STANLEY, D. M., Evangelho de Mateus, p. 49-52.

²²⁹ PIKAZA, J., A teologia de Mateus, p. 53.

entender o que escutou, isto é, discernir o que passou pelo ouvido.²³⁰ Na parábola do semeador (Mt 13,1-23), Jesus ensina que aquele que ouve sua palavra e a compreende é considerado discípulo autêntico, que acolhe a palavra e a deixa frutificar em sua vida.²³¹

Mateus, em seu evangelho, sabe unir o velho e o novo; as perguntas de Jesus e a experiência da comunidade; a esperança de Israel e o grande futuro da terra. O evangelista, ao narrar as parábolas de Jesus, apresenta o valor do Reino que cresce dentro de cada pessoa e a transforma. Por isso, cabe ao escutador tomar uma decisão de viver a dinâmica do Reino. Os que compreendem as parábolas são todos aqueles que aceitam e acolhem a palavra de Jesus. Por isso são capazes de produzirem frutos porque acolheram com a própria vida o Reino dos céus. O sermão das parábolas apresenta de forma clara quem são os ouvintes de Jesus e quem não o são, além de revelar que o verdadeiro sentido da mensagem de Jesus está na sua prática, que é seu ensinamento.²³²

Com relação à Lei divina e à tradição humana referente ao puro e impuro, no evangelho de Mateus, Jesus convoca a multidão e ensina: “Ouvi e compreendei. Não é aquilo que entra pela boca que torna alguém impuro, mas o que sai da boca” (Mt 15,10-11). Os escribas e fariseus em vez de se dedicarem a alimentar o povo espiritualmente, buscavam a glória dos seres humanos e a sórdida ganância. Ao verem, então, que as multidões acorriam a Jesus, buscavam matá-lo. Nessa insana tentativa, criticam Jesus sobre o rito de purificação das mãos.²³³

Jesus está, em um primeiro momento, voltado para os discípulos que parecem carecer de entendimento, incapazes de avançar naquilo que receberam de seus antepassados, isto é, não conseguem transcender a mentalidade judaica para compreender a pedagogia do Evangelho. A atitude de Jesus com relação à multidão é libertá-la dos preceitos rabínicos, que se perdiam em discussões antigas e esqueciam a justiça e a misericórdia. O termo “compreendei” significa atribuir à impureza o seu devido valor. Isso nos leva a compreender que as impurezas são consequências daquilo que cada um arquiteta em seu coração: maldade, corrupção, injustiça e adultérios. O que impede uma pessoa de estar em comunhão com Deus

²³⁰ MAZZAROLO, I., Evangelho de São Mateus, p. 175.

²³¹ LANCELLOTTI, A., Comentário ao evangelho de São Mateus, p. 130.

²³² PIKAZA, J., A teologia de Mateus, p. 77-80.

²³³ BOYER, O., Mateus: o evangelho do Rei, p. 173.

é o pecado que nasce do coração humano, e não o contato com pessoas de impureza ritual.²³⁴

Seguindo a ótica do texto mateano, de cunho catequético, Jesus, pedagogicamente, revela aos seus discípulos quem realmente Ele é, para que eles não se escandalizem com a sua cruz. O relato da transfiguração marca esse momento do ensinamento de Jesus (Mt 17,1-9). Na cena da transfiguração, Mateus manifesta e revela a epifania da Palavra encarnada.

A voz que se ouve do céu é o desvelamento do mistério mais profundo do ser de Jesus, o Filho amado do Pai. Nele, o Pai cumpre a promessa de estabelecer uma Aliança para sempre com toda a humanidade. A cena teofânica evidencia a revelação do ser misterioso de Jesus. Ele é o Filho do ser humano envolvido com a glória divina, o Senhor a quem tudo está submetido. Ele, o Filho amado, é o anúncio da Palavra definitiva e última de Deus para a humanidade. O escândalo da morte trágica é superado. O que significa o abaixamento do Filho do ser humano, que virá na plenitude da sua glória, como Senhor do mundo. A ressurreição de Jesus é a garantia de tudo isso.²³⁵

Outro aspecto importante na cena teofânica da transfiguração é o diálogo de Jesus com Moisés e Elias. Esse diálogo assinala dois aspectos: continuidade e superação. A continuidade revela que Jesus veio para dar pleno cumprimento à Lei e à profecia, representadas por Moisés e Elias. Jesus é o sinal de Deus Pai para o povo, mas é também sinal de solidariedade no sofrimento, na dor e na doação radical para o resgate de muitos. A superação revela que Jesus é maior que Elias e Moisés. Ele não é apenas servo a serviço do povo, mas o Filho do ser humano que veio do Pai.²³⁶

O ambiente teofânico da nuvem e os fenômenos cósmicos, narrados por Mateus, manifestam a transcendência de Jesus. A voz que se faz ouvir revela e plenifica o que fora dito no passado: Deus suscitaria um profeta que precisaria ser ouvido. O ouvir se torna o verbo principal de toda tradição oral na proclamação da Lei (“Escuta, Israel!”). A voz que se ouve revela que Jesus não é apenas um profeta, mas o Filho de Deus; por isso, o imperativo afetivo: “Escutai-o!”.²³⁷

²³⁴ MAZZAROLO, I., Evangelho de São Mateus, p. 235-236.

²³⁵ BARBAGLIO, G., O evangelho de Mateus, p. 263-265.

²³⁶ MAZZAROLO, I., O evangelho de São Mateus, p. 260.

²³⁷ MAZZAROLO, I., O evangelho de São Mateus, p. 261.

2.2.2.2

A escuta na narrativa do evangelho de Lucas

Na literatura do evangelho de Lucas, temos um conteúdo pautado na teologia histórica da pessoa de Jesus. Ao narrar a história da salvação, Lucas contempla três períodos que marcam a caminhada do povo de Deus: o tempo da promessa, o tempo do cumprimento da promessa e o tempo do anúncio, descritos em Atos dos Apóstolos. Nesses três períodos da história da salvação, no contexto lucano, o Espírito Santo é quem age, seja inspirando os antigos profetas, seja impulsionando Jesus a cumprir a promessa do Pai, seja ainda iluminando a Igreja na sua ação missionária.²³⁸ O Espírito Santo é o facilitador e o iluminador da compreensão das Escrituras. Em Lucas, o Espírito Santo age do princípio ao fim para esclarecer aos discípulos de Jesus o que significa o hoje de Deus na história.

Aliás, Lucas inicia sua narrativa com a cena da anunciação de Maria, enfatizando que ela foi fecundada pela ação do Espírito Santo. “O Espírito Santo descenderá sobre ti, e o poder do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra. Por isso, aquele que vai nascer é santo e será chamado Filho de Deus” (Lc 1,35). Essa linguagem bíblica se refere ao mistério da presença de Deus no santuário do deserto, para dizer que a “nuvem cobria com a sua sombra” (Ex 40,35) o tabernáculo. A literatura lucana quer mostrar que a iniciativa desse nascimento pertence ao querer de Deus manifestado pela noção de Palavra eficaz.²³⁹

A ação do Espírito Santo é potência criadora e salvadora de Deus no evangelho de Lucas. A potência divina dá origem a um tempo novo, impulsionando os acontecimentos históricos salvíficos que se fazem presentes de maneira ímpar em Maria. “O poder do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra” evoca a presença misteriosa de Deus nos lugares a Ele consagrados, como a tenda do deserto e o Templo de Jerusalém (Ex 40,34-35; 1Rs 8,10). Lucas quer esclarecer que o ser de Jesus é uma iniciativa divina. Ele é o santo, o Filho de Deus.²⁴⁰

A concepção de Maria como obra do Espírito Santo passa pela via da escuta. Santo Agostinho escreve que Maria escuta, crê e concebe. Na mente, a fé; no ventre, Cristo.²⁴¹ Ela escuta para compreender o querer de Deus. Crê porque compreende

²³⁸ CONZELMANN, H., El centro del tiempo: la teología de Lucas, p. 32.

²³⁹ L'EPLATTENIER, C., Leitura do evangelho de Lucas, p. 22.

²⁴⁰ FABRIS, R., O evangelho de Lucas, p. 32-33.

²⁴¹ SANTO AGOSTINHO, A Virgem Maria, p. 107.

o mistério revelado. Concebe acolhendo a Palavra envolvida pela força do Espírito Santo. Maria acolhe a Palavra na escuta atenta, embalada pela ação do Espírito Santo. Ela, envolvida pela força do Espírito e grávida da Palavra, é impelida a sair ao encontro de Isabel que também está grávida do Precursor, aquele que será a voz da Palavra.

Isabel, ao escutar a saudação de Maria, fica também repleta do Espírito Santo, e a criança que está em seu ventre dá pulos de alegria (Lc 1,41). A saudação de Maria comunica o Espírito Santo a Isabel e ao menino. A conexão entre Isabel e Maria põe em comunicação o Precursor com o Messias. A alegria do Precursor é sinal de que ele também ficou repleto do Espírito Santo.²⁴²

Somente no evangelho de Lucas, o Espírito pode operar o conhecimento de Jesus como o Filho de Deus, por meio do movimento extraordinariamente forte produzido em Isabel a partir da saudação de Maria: começa com a alegria do filho no ventre de Isabel e termina com a veneração à Mãe do Messias. O movimento repentino do filho que Isabel gerava é uma iluminação coextensiva do Espírito de Deus, que sinaliza e certifica que ela está diante da Mãe do Salvador e do fruto bendito de quem seu filho será o precursor. As palavras de Maria como resposta à saudação de Isabel, no *Magnificat*, ressaltam e expressam sua certeza jubilosa: “Meu Filho é a Promessa!”²⁴³

Lucas, ao narrar o nascimento de João Batista, escreve que o motivo de tamanha alegria entre parentes e vizinhos de Isabel e Zacarias foi eles terem escutado e compreendido a total demonstração de misericórdia do Senhor para com o casal de idade avançada (Lc 1,57). O temor do Senhor apoderou-se deles, que guardavam em seu coração tudo que escutaram sobre o menino e reconhecem que a mão do Senhor estava com ele (Lc 1,66).

Lucas conta ainda que Zacarias fica repleto do Espírito Santo (Lc 1,67), do mesmo modo que Maria, Isabel e João Batista. Tanto Maria (Lc 1,45-55) quanto Zacarias (Lc 1,68-79) cantam as maravilhas de Deus na história de Israel. O cântico de Zacarias é uma remodelação do poema de louvor da tradição judaico-cristã.²⁴⁴

²⁴² RIUS-CAMPS, J., O evangelho de Lucas: o êxodo do homem livre, 32-33.

²⁴³ RENGSTORF, K. H., Nuovo Testamento: il vangelo secondo Luca, p. 59.

²⁴⁴ BOVON, F., El evangelio según San Lucas, p. 145.

Zacarias, repleto do Espírito Santo, recorda os grandes passos da história da salvação, quando canta que “Deus visitou o seu povo e o libertou” (Lc 1,68).

Maria, abrasada pela ação do Espírito, canta a misericórdia divina e reconhece sua absoluta dependência de Deus e fraqueza, por meio da qual Deus manifesta a própria força. Deus cumpre em Maria o que prometeu a Abraão e a sua descendência.²⁴⁵ Maria, a filha de Sião, canta que a misericórdia do Senhor se estende de geração em geração sobre todos que o temem. Ele amparou Israel lembrando-se de sua misericórdia, como prometera a Abraão e a sua descendência para sempre (Lc 1,50.54-55). Toda a humanidade, pelo sim de Maria, será salva. Em seu ventre está Aquele que “vem procurar e salvar o que estava perdido” (Lc 19,10).

Pleno do Espírito Santo, Zacarias também cantou que o Deus de Israel o visitara e libertara o seu povo. Ele fez surgir para nós uma força de salvação. O Senhor vai salvar e livrar-nos dos inimigos com a mesma misericórdia com que tratou nossos pais, porque Ele não se esqueceu da Aliança e do juramento feito a Abraão. Zacarias recorda que o Senhor nos trata com justiça e livra-nos dos inimigos para que possamos agir com justiça e santidade diante de Deus. Ele proclama que João será chamado profeta do altíssimo e que preparará os caminhos do Senhor, pois, graças às entranhas de misericórdia de Deus, o Sol nascente nos vem visitar para iluminar os que estão nas trevas e na sombra da morte e dirigir nossos pés no caminho da paz. Enfim, Maria e Zacarias, ambos compreenderam, pela escuta da Palavra do Senhor, que a promessa feita a Abraão e a todos as gerações se cumpriu.

Quanto ao nascimento de Jesus, Lucas narra que todos os que viam e escutavam falar a respeito de Jesus ficavam admirados. Maria, porém, guardava e meditava todos esses acontecimentos em seu coração. Isso a faz ser chamada “bem-aventurada” (Lc 11,27-28). Maria, ao se colocar inteiramente à disposição da Palavra do Senhor, figura o Israel fiel, que escutou o Senhor e amou com todo o coração, alma e força. Nesse sentido, ela é a discípula fiel do Filho de Deus. A escuta de Maria gera fidelidade e discipulado.

²⁴⁵ STUHLMUELLER, C., Evangelho de Lucas, p. 38-39.

Na narrativa lucana, o ministério de Jesus é movido pela ação do Espírito. Enquanto Jesus orava, o céu se abriu e o Espírito Santo desceu sobre Ele, em figura corpórea, como pomba. E do céu saiu uma voz: “Tu és meu Filho amado, em ti eu me agrado” (Lc 3,21-22). A cena da oração de Jesus evidenciada por Lucas é a porta para Deus, fechada em Adão. O batismo de Jesus revela sua comunhão com o Pai (o filho amado) e a homologação para a missão a qual foi destinado. Na cena do batismo de Jesus, o céu se abre para que todos possam ver a justiça de Deus. Os presentes podem ver e ouvir a voz que declara ser Jesus, o filho amado, sinal de paz e de aliança entre Deus e o povo.²⁴⁶

Após o batismo no Jordão, impelido pelo Espírito, Jesus inicia sua missão passando pela experiência do deserto (Lc 4,1). Ali, enfrenta e vence as tentações pela força da Palavra de Deus, expressa nas Escrituras. Jesus é modelo para os cristãos ameaçados. O Espírito dado a Jesus em seu batismo é poder que o sustenta durante a tentação.²⁴⁷ Jesus nos ensina, com sua atitude, a vencer as tentações deste mundo. Como rezamos no prefácio do primeiro domingo da Quaresma: “Desarmando as ciladas do antigo inimigo, ensinou-nos a vencer o fermento da maldade”.²⁴⁸

O jejum de Jesus sinaliza a plenitude do Espírito, e de seu desamparo, contingência e auto-humilhação diante de um Deus que generosamente doou a sua vida. Ele cumpre o plano de Deus na criação e na história de Israel, é fiel ao Pai, ao passo que tanto Adão quanto Israel fracassaram. A narrativa lucana apresenta três tentações: a do ter, do poder e do ser (Lc 4, 1-13). À primeira tentação, Jesus responde ao tentador com a arma da Palavra de Deus que se encontra na madura reflexão de Israel sobre a sua experiência no êxodo (Dt 6,13.16). O alimento de Jesus é a escuta obediente ao Pai, que o sustenta nas provações e aflições (Dt 8,3.8.12). A segunda tentação, Jesus vence ao ataque do tentador citando Dt 6,13, que diz: “Teu Deus temerás, a ele servirás e por seu nome jurarás”. E, à terceira tentação, Jesus, obediente à vontade de Deus, responde: “Não tentareis o Senhor, vosso Deus” (Dt 6,16).²⁴⁹

²⁴⁶ MAZZAROLO, I., Lucas: a antropologia da salvação, p. 78.

²⁴⁷ KARRIS, R. J., O Evangelho de Lucas, p. 242.

²⁴⁸ MR, Prefácio do 1º Domingo da Quaresma, p. 181.

²⁴⁹ KARRIS, R. J., O Evangelho de Lucas, p. 243-244.

Jesus vence a tentação do Diabo pondo em prática o imperativo: “Escuta Israel! O Senhor é nosso Deus, o Senhor é um. Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e com toda a tua força” (Dt 6,4-5). Jesus em seu ministério continuará confrontando-se com os poderes do Diabo, o qual sabe quem ele é (Lc 4,41; 8,29), e o derrotará. Portanto, Lc 4, 1-13, ao descrever Jesus, Filho e Servo, supera toda humilhação pela fé escutada. E libertará a humanidade inteira das ciladas do Diabo.²⁵⁰

Terminado o tempo do deserto, Jesus, impulsionado pela força do Espírito, retorna à Galileia junto dos conterrâneos. A narrativa lucana inaugura e marca de forma extraordinária a novidade da sua mensagem. Era normal que todo judeu adulto lesse e comentasse livremente as Escrituras, mas o que surpreendeu os ouvintes da sinagoga foi que Jesus proclamou o cumprimento das Escrituras no próprio momento em que falava: “Hoje se cumpriu esta passagem da Escritura que acabais de ouvir” (Lc 4,21).²⁵¹

Com esta afirmação, Jesus define seu programa salvífico: “O Espírito do Senhor está sobre mim, pois ele me ungiu para anunciar o Evangelho aos pobres: enviou-me para proclamar a liberdade aos presos e, aos cegos, a visão; para pôr em liberdade os oprimidos e proclamar um ano do agrado do Senhor” (Lc 4,18). Jesus, além de se declarar o enviado de Deus, o Ungido, apresenta também seu programa de ação a partir de dois elementos fundamentais: mensagem e libertação.²⁵² A mensagem é Ele mesmo, Verbo encarnado e a sua missão neste mundo é a libertação integral do ser humano.

A assembleia litúrgica de Nazaré escuta Jesus proclamar em alta voz o texto da profecia de Isaías (Is 61,1). Com este ato ministerial, de leitor da Palavra, Jesus inicia o seu ministério de pregação. De modo que o ato ministerial é um ato cultural, isto é, um gesto público e litúrgico. O início da leitura profética é o começo da apresentação de Jesus aos seus conterrâneos como profeta, que por sua vez, deixa-os surpresos e incrédulos ao escutá-lo. O princípio da perícopa é a manifestação de Jesus como Messias. Desse modo, o que acontece na celebração litúrgica na sinagoga de Nazaré é epifania e teofania ao mesmo tempo, porque nesse ato cúl-

²⁵⁰ KARRIS, R. J., O Evangelho de Lucas, p. 244.

²⁵¹ L'EPLATTENIER, C., Leitura do evangelho de Lucas, p. 52.

²⁵² L'EPLATTENIER, C., Leitura do evangelho de Lucas, p. 52-53.

Jesus confessa ser ele, o Messias. Ele, o Cristo, é o livro que teve como escritura o Verbo do Pai. Neste sentido a Palavra leu as Escrituras.²⁵³

Os conterrâneos de Jesus ficaram admirados com sua sabedoria, com as palavras que saíam de sua boca, mas não quiseram escutá-lo, por ser o filho de José, o carpinteiro. Eles não conseguem dar crédito a um futuro novo. O estereótipo social que está na mente dos nazarenos não permite inovação. A reação de Jesus contra eles é imediata, a ponto recordá-los de um antigo provérbio: “Médico, cura-te a ti mesmo! Tudo que ouvimos dizer que fizeste em Cafarnaum, faça-o aqui também” (Lc 4,23). Os que estavam na sinagoga reagiram furiosos à fala de Jesus e querem matá-lo. Esse primeiro atentado contra Jesus é só uma advertência acerca do que virá pela frente. O caminho de Jesus está claramente marcado: a Boa-Nova da salvação passa pela fidelidade de Jesus e sua vitória sobre a morte.²⁵⁴

Se na sinagoga de Nazaré Jesus é criticado, à margem do lago de Genesaré, Ele é compreendido e acolhido pela multidão que se comprime ao seu redor para escutar a Palavra de Deus (Lc 5,1). Muitos estavam ansiosos por ouvi-lo, especialmente os estrangeiros e gregos. Lucas evidencia que os discípulos e a multidão que veio da Judeia, de Jerusalém, do litoral de Tiro e Sidônia foi até Jesus para escutá-lo e ser curada de suas doenças (Lc 5,15; 6,18), pois sua palavra é viva e eficaz para os que o escutam.

Jesus vem trazer a salvação e a libertação para todos. E ao mesmo tempo ensinar o amor ao próximo, mesmo que seja um inimigo: “Amai os vossos inimigos e fazei o bem aos que vos odeiam” (Lc 6,27). Segundo C. Stuhlmüller, “a caridade que Jesus exige de seus discípulos é um dos mais profundos mistérios do cristianismo”,²⁵⁵ tal caridade exige mudança, conversão. Aquele que escuta Jesus e pratica os seus ensinamentos é comparado à pessoa que construiu a casa com o alicerce sobre a rocha (Lc 6,40.46-47). Quem não pratica a palavra de Jesus é semelhante à pessoa que construiu a casa sem alicerce (Lc 6,49). Escutar a palavra de Jesus implica praticar o que se aprendeu. O modo de agir revela o interior da casa humana e também quais são os seus alicerces. A não escuta da palavra de Jesus revela cegueira, destruição e morte.

²⁵³ BOSELLI, G., O sentido espiritual da liturgia, p. 53-54.

²⁵⁴ FABRIS, R., O evangelho de Lucas, p. 60; PORTE, L. E., Lucas, p. 1653-1655.

²⁵⁵ STUHLMUELLER, C., Evangelho de Lucas, p. 98.

A casa edificada sobre a rocha implica fé, adesão pessoal a Jesus e a seu programa de vida. Quem escuta e pratica a palavra de Jesus encontra forças para enfrentar as enxurradas, terremotos e furacões em tempo de crise, acontecimentos esses, tão cíclicos quanto os fenômenos atmosféricos. Nada pode abalar os que escutam e praticam a palavra de Jesus. O que não escuta nem pratica a palavra de Jesus, não constrói alicerce, não cria vínculo e muito menos se compromete com a pessoa de Jesus. A consequência é trágica, isto é, afunda-se e morre.²⁵⁶

Todos os que ouvem falar a respeito de Jesus querem conhecê-lo e pedir auxílio nas suas necessidades. Como o centurião que, tendo ouvido falar de Jesus, mandou pedir a Ele que fosse curar seu servo (Lc 7,3). Esse episódio acentua a força da palavra de Jesus, tão eficaz que ganha a confiança desse pagão. O centurião, por sua vez, também surpreende Jesus com sua atitude de fé. Por isso, Jesus afirma que nem mesmo em Israel encontrou tamanha fé (Lc 7,9).

Assim como em Marcos e Mateus, Lucas também narra a parábola do semeador e a explica aos discípulos (Lc 8,4-15). A semente que cai à beira do caminho são os que ouvem a palavra, mas o Diabo a arranca do coração para que não creiam nem se salvem. As que caem sobre a rocha são os que ouvem e acolhem a palavra com alegria, mas não têm raiz. A semente que cai entre os espinhos são os que escutam a palavra, mas vivendo em meio às inquietações, riquezas e prazeres da vida, são sufocados e não chegam a dar fruto. Já a semente que cai em terra boa, são os que têm um coração bom e generoso, escutam, retêm a Palavra e dão fruto pela perseverança. O resultado da semente que cai no coração bom e generoso é de constância e firmeza. Nesse sentido, é uma terra boa e fértil.²⁵⁷

Aquele que acolhe a palavra de Jesus, além de produzir frutos, também participa da sua família, como está em Lucas: “Minha mãe e meus irmãos são todos os que ouvem a Palavra de Deus e a põem em prática” (Lc 8,21). Compreender esse processo de pertença à família de Jesus pela escuta e pela prática de sua palavra significa entender que o Evangelho não entra na cabeça nem no coração do ser humano por osmose, mas exige de cada pessoa esforço, consciência da missão e decisão.²⁵⁸ Jesus ratifica que a autoridade de seus discípulos está em fazer o que Ele

²⁵⁶ RIUS-CAMPS, J., O evangelho de Lucas, p. 103.

²⁵⁷ RIUS-CAMPS, J., O evangelho de Lucas, p. 130.

²⁵⁸ MAZZAROLO, I., Lucas: A antropologia da salvação, p. 129.

faz. O comprometimento com a pessoa de Jesus credencia os discípulos e os revestem do mesmo poder para anunciar a sua palavra: “Quem vos ouve, a mim ouve; e quem vos rejeita, a mim rejeita; quem me rejeita, rejeita aquele que me enviou” (Lc 10,16).

Outros setenta e dois discípulos que Jesus enviou em missão (Lc 10,1) são revestidos da mesma autoridade de quem os envia. Eles são enviados pelo próprio Deus, representado de maneira exclusiva por Jesus. O retorno alegre da missão e a avaliação do trabalho missionário são sinais de que eles escutaram a ordem de Jesus e colocaram em prática o que aprenderam. Eles partilham com Jesus o sucesso missionário e Jesus acompanha o testemunho de cada um, afirmando que eles são bem-aventurados porque muitos profetas e reis não puderam ver e ouvir o que eles viram e ouviram (Lc 10,23-24). O poder carismático que os discípulos receberam não é privilégio, mas deve ser visto como reconhecimento e gratidão pelo dom que receberam de Deus.

Os discípulos reunidos ao redor de Jesus pertencem à categoria dos pequenos. Eles entram em uma nova relação com Deus porque participam da condição de Jesus, no conhecimento do Pai. A felicidade deles está na virada histórica que marca a realização das expectativas e esperanças messiânicas dos antigos profetas de Israel. Mas a posição dos discípulos como pequenos do Reino vai depender da livre e gratuita iniciativa do Pai, que se concretiza no estilo e nas opções de Jesus. Tudo isso está ligado a uma única condição do Evangelho: o encontro salvífico com Deus só poderá acontecer no encontro vital com o ser humano Jesus, o Filho único que o Pai revela.²⁵⁹

O encontro vital com Jesus depende do imperativo: “Escuta, Israel!”. O texto lucano mostra um legista querendo saber de Jesus o que devia fazer para herdar a vida eterna. Jesus responde ao seu interlocutor com outra pergunta: “Conhece os mandamentos?” (Lc 10,20), e o legista responde com o imperativo: “Escuta, Israel!”. Jesus, exorta o legista a partilhar tudo que tem com os pobres, isso significa cumprir o *shemá*. Se ele o fizer, viverá. O legista fica triste com tal proposta e vai embora, porque era muito rico (Lc 10,22-23). Como vimos, esse imperativo é essencial para quem quer viver a vida que Deus oferece.²⁶⁰

²⁵⁹ FABRIS, R., O evangelho de Lucas, p. 124.

²⁶⁰ FARIA, J. F., A releitura do Deuteronômio nos evangelhos, p. 211.

Jesus no caminho para Jerusalém ensina aos discípulos o que significa na prática, a vida eterna e a participação de seu reinado. Mas isso nem sempre estava claro para os discípulos. Enquanto Jesus ensinava que o poder é servir o próximo com amor, os discípulos, porém, estavam preocupados com prestígio, *status* e poder, o que os impedia de escutar Jesus verdadeiramente.

Chegando a Jerusalém, Jesus reúne os discípulos na última ceia, entrega-lhes o seu testamento (Lc 22,14-20). Jesus manifesta, com este gesto, o desejo ardente de estar com seus discípulos e revisar toda a sua missão, desde a Galileia até Jerusalém, onde encontrará a cruz: “Tenho desejado ardentemente comer convosco esta ceia pascal, antes de padecer; pois eu vos digo que não mais a comerei até seu pleno cumprimento no Reino de Deus” (Lc 22,15-16). Jesus, além de confirmar com precisão o dia dos ázimos, confirma também a chegada da “hora” da ceia derradeira e da sua paixão.²⁶¹ Ele cumpre a Lei, sendo a nova Lei a nova e eterna aliança.

Portanto, esse gesto de Jesus à mesa, ensina que a ceia pascal só tem sentido quando a vida dos discípulos for a sua missão na ação. E o cordeiro da ceia pascal for a vida deles, como oferta de libertação, de resgate e de salvação. À mesa com Jesus, todos estão em um mesmo plano, superando as indiferenças e tornando a fraternidade o palco da última lição.

A ceia passa a ser o lugar em que Jesus inicia a sua paixão, sendo o Cordeiro da Nova Aliança. Ele faz a passagem do memorial antigo para uma nova dimensão profético-escatológica. Nesse sentido, eles serão conhecidos como amigos de Jesus, ao fazer de sua páscoa cultural e profética, a libertação individual e comunitária no altar do mundo como Ele mesmo o fez.²⁶² Na liturgia da ceia pascal de Lucas, “Palavra e rito” se conectam. A nova Lei entregue aos amigos à mesa reforça o que significa amar com todo o coração, alma, entendimento e força. Os amigos de Jesus devem escutar e praticar o testamento que lhes foi entregue.

Merece, também, nossa atenção, na literatura lucana, a narrativa do caminho para Emaús (Lc 24, 13-35). O discurso apresentado é um dos mais importantes do Novo Testamento, pois destaca o que Jesus ensinou sobre a sua vida e missão, sua

²⁶¹ GRUNDMANN, W., *Das Evangelium nach Lukas*, p. 392.

²⁶² MAZZAROLO, I., *Lucas: a antropologia da salvação*, p. 266.

morte e ressurreição. Todo esse contexto deve ser visto a partir da autorrevelação de Deus nos escritos do Antigo Testamento e na exposição apostólica.²⁶³

A narrativa destaca a missão de Jesus, a fé como visão e a hospitalidade. Os dois discípulos abandonaram o caminho de Jesus, pois ele não havia atendido às suas expectativas (Lc 24,21). À infidelidade deles, contrapõe-se a fidelidade das mulheres (Lc 23,49–24,12). A narrativa nos leva a compreender como Jesus ressuscitado reconcilia o coração dos dois discípulos, que depois de perdoados e iluminados regressam felizes para Jerusalém. Jesus ressuscitado abriu os olhos deles para que pudessem ver o significado de Jesus no plano de Deus. Lucas narra que os olhos dos discípulos são plenamente abertos quando eles demonstram hospitalidade para com Jesus ressuscitado.²⁶⁴

O caminho para Emaús segue uma estrutura de parábola. Apresenta os dois discípulos saindo de Jerusalém tristes e decepcionados e retornando comovidos e entusiasmados. O centro da narrativa é o encontro com o peregrino desconhecido, que será a origem da mudança da mente e do coração dos dois discípulos. O desafio para enxergar Jesus está na preguiça dos corações e na lentidão da fé. Para reconhecê-lo, devemos nos deixar guiar pela releitura da Palavra de Deus, promessa de salvação. Precisamos partilhar a mesa e o pão com Jesus. Lucas retoma as reuniões primitivas da Igreja, nas quais a escuta e a meditação da Escritura, junto com as palavras de Jesus, eram sumamente importantes no contexto da refeição fraterna.²⁶⁵

Portanto a narrativa lucana, no que se refere ao caminho de Emaús, nos ajuda a compreender que o mais importante é percorrer o caminho até o fim, pois o caminho que leva a reconhecer Jesus é o da escuta da Escritura que converte o coração e o do partir o pão em comunidade. Assim, a fé no ressuscitado para ser completa deve confrontar e expressar na comum profissão junto de Simão e os Onze. Pois a Escritura, o pão e a profissão de fé são os três sinais de reconhecimento do Senhor e as três etapas com que toda a comunidade cristã deve se confrontar.²⁶⁶

²⁶³ PORTER, L. E., Lucas, p. 1699-1700.

²⁶⁴ KARRIS, R. J., O Evangelho segundo Lucas, p. 306.

²⁶⁵ FABRIS, R., O evangelho de Lucas, p. 243-244.

²⁶⁶ FABRIS, R., O evangelho de Lucas, p. 244.

2.2.2.3

A escuta na narrativa do evangelho de João

Com relação à teologia da escuta no evangelho de João, seu conteúdo pode ser chamado de místico, espiritual e, sobretudo, teológico. Ela está inserida no contexto histórico do Quarto Evangelho em que Jesus, por suas palavras e obras, revela o Pai. A primeira vez que aparece o termo “escuta” no evangelho de João é para mostrar João Batista direcionando insistentemente dois de seus discípulos ao “Cordeiro de Deus”. Com esse gesto, João Batista sinaliza a realização da promessa e encaminha persistentemente os seus discípulos para Cristo,²⁶⁷ que, por sua vez, passaram a seguir Jesus (Jo 1,37.40). João apresenta a Palavra (*Dabar/Logos*) de Deus encarnada, “o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo” (Jo 1,29). Essa é a chave de leitura para a escuta do novo povo de Israel.

O evangelista apresenta João Batista comunicando aos seus discípulos o conteúdo inteiro da promessa de Deus: Aquele que veio inaugurar a nova páscoa e a nova aliança, realizando a libertação definitiva da humanidade; Ele é o Filho de Deus, o portador do Espírito Santo; é o novo êxodo, o Cordeiro da libertação; é a Palavra que se fez carne e veio morar entre nós (Jo 1,14); que alimenta seu povo com a Palavra de vida eterna. Ele é “o Cordeiro de Deus!”.

Os dois discípulos, quando escutam a palavra de João Batista, sem vacilar seguem imediatamente Jesus, porque compreenderam a mensagem do Precursor e encontraram quem esperavam.²⁶⁸ Aquele que escuta a “Palavra”, como João Batista, deixa seus discípulos seguirem Jesus, porque sabe que Ele é o Esposo que levará consigo a esposa, a Igreja; é o Messias a quem compete salvar o povo. Portanto, o primeiro passo para seguir Jesus é o da escuta e segui-lo indica o desejo de viver com Ele, adotar seus objetivos, colaborar em sua missão, caminhar com Ele em seus caminhos.²⁶⁹

A escuta é fruto da ação do Espírito Santo. O seguidor de Jesus é aquele que não teme nascer do Espírito. O redator do Quarto Evangelho narra o encontro de Nicodemos com Jesus, e a temática fundamental desse encontro é o novo nascimento, ou melhor, nascer de novo, nascer do Espírito. Nicodemos era fariseu,

²⁶⁷ NICCACI, A.; BATAGLIA, O., Comentário ao evangelho de João, p. 52.

²⁶⁸ MATEOS, J.; BARRETO, J., O evangelho de João, p. 104.

²⁶⁹ João corrobora com a missão confiada aos discípulos em Mc 3,13-14: “Chamou os que ele quis para estar com ele”.

chefe dos judeus, membro do Conselho. Ele admirava Jesus por causa dos sinais que realizava, pois entendia que significavam que Deus estava com Ele. Jesus fala a Nicodemos que só poderá ver o reino de Deus quem nascer de novo. Nicodemos questiona: “Como posso nascer de novo, se já sou velho?”. Jesus responde a ele: “Não te admires porque eu te disse que vós deveis nascer de novo. O vento sopra aonde quer e ouves a sua voz, mas não sabe de onde vem nem para onde vai. Assim acontece com aquele que nasceu do Espírito” (Jo 3,7-8).

Nicodemos procura viver o imperativo “Escuta, Israel!”, amando Jesus com coração, alma e força. Com o coração, ama quando reconhece Jesus como Mestre, demonstra-lhe sentimento de pertença, mas ainda tem medo de declarar seu amor a Deus com o coração, não quer se expor. Jesus mostra-lhe o caminho: “Nascer de novo”, o faz pensar nessas palavras. Nicodemos procura amar Jesus com a alma quando o defende diante dos chefes dos fariseus e sacerdotes (Jo 7,40-52), arriscando a própria vida. Quanto a amar com força (posses), ele gasta cem libras de mistura de mirra e aloés, o equivalente a 35 quilos, para embalsamar o corpo de Jesus antes de levá-lo ao túmulo (Jo 19,38-42). Era muito dinheiro, usado somente em funerais de reis. Com esse gesto, demonstra que aprendeu com o Mestre a amar com suas posses.²⁷⁰ Portanto, Nicodemos é chamado “discípulo de Jesus” porque demonstrou amor pelo Mestre ao compreender o que é escutar e o que significa nascer do Espírito pela escuta.

Também a samaritana no poço de Sicar, no encontro surpreendente com Jesus, torna-se discípula e mensageira dele junto aos samaritanos. Os samaritanos foram a primeira comunidade a reconhecê-lo como Salvador do mundo; não porque escutaram a samaritana, mas porque escutaram Jesus (Jo 4,42). São os primeiros frutos da sua colheita mundial.²⁷¹

O funcionário real é outro a procurar Jesus por escutar, durante as festas da Páscoa, sobre os sinais que realizava (Jo 4,45). Ele escuta e crê na sua palavra. Então, segundo narra o evangelista João, ele, que estava com o filho enfermo em Cafarnaum, quando fica sabendo que Jesus se encontrava em Caná da Galileia, vai ao seu encontro para pedir a cura do filho moribundo (Jo 4,46-47). À primeira vista, o funcionário real se preocupava apenas em curar o filho. Jesus, ao perceber que ele

²⁷⁰ FARIAS, J. F., A releitura do Deuteronômio nos Evangelhos, p. 226-228.

²⁷¹ KONINGS, J., Evangelho segundo João: amor e fidelidade, p. 146.

pensava como os de sua classe, o provoca: “Se não virdes sinais e prodígios, não creereis” (Jo 4,48). Mas o funcionário real insiste com Jesus para que vá curar seu filho antes que ele morra. A palavra de ordem de Jesus àquele pai aflito é: “Vai, teu filho vive”. Ele creu na palavra de Jesus e partiu. Quando estava a caminho, recebeu a notícia de que o filho estava vivo e tinha melhorado, no mesmo instante que Jesus disse: “Teu filho vive”. Ao confirmar o sinal de Jesus na vida de seu filho, o alto funcionário real e toda a sua casa passaram a crer Nele.

Jesus afirma que quem escuta a sua palavra e crê naquele que o enviou possui a vida eterna e não vai a julgamento, mas passa da morte à vida (Jo 5,24). O evangelista, João, apresenta o duplo mistério de Cristo: Filho de Deus e Salvação para a humanidade. Para B. Maggioni, “na experiência e na atitude de Jesus não se manifesta apenas a natureza pessoal do Filho, mas também a verdade do ser humano, o projeto que o ser humano deve fazer de si próprio para ter a salvação”.²⁷²

A expressão “escutar a minha palavra e crer naquele que me enviou” atinge o ponto culminante da revelação de Jesus, isto é, a vida eterna. A palavra da criação (*dabar*) que trazia a criatura à existência, tanto no Antigo quanto no Novo Testamento, oferta-se à escuta e requer acolhimento para cumprir-se. Jesus é a palavra que seus interlocutores devem escutar. Tal escuta vem acompanhada, também, do verbo “crer” naquele que enviou Jesus para ter a vida eterna.²⁷³

Um só pronome rege os participios *akouon* e *pisteuon* (“quem escuta”, “quem crê”). Nesse contexto, escutar a palavra de Jesus é o mesmo que confiar no Pai, que o enviou. O vínculo imediato entre Jesus e o Pai se expressa por meio da experiência do discípulo. Jesus garante que, quem escuta a sua palavra, tem a vida eterna, no sentido de ser admitido à comunhão divina, passando da morte à vida. Essa passagem acontece no momento em que a palavra é acolhida na fé. Fé que é acolhimento e seguimento à pessoa de Jesus. Para o evangelista João, a fé é uma realidade nova desde o momento em que a pessoa nasce para a vida de Deus. Por isso, quem crê não é julgado (Jo 3,18).²⁷⁴

Quem escuta o Pai e aprende o seu ensinamento, aproxima-se de Jesus. O Pai ensina a fidelidade à Lei mosaica, e Jesus dá a essa Lei uma interpretação nova. O

²⁷² MAGGIONI, B., O evangelho de João, p. 333.

²⁷³ LÉON-DUFOUR, X., Leitura do Evangelho segundo João II, p. 43-44.

²⁷⁴ LÉON-DUFOUR, X., Leitura do Evangelho segundo João II, p. 44-45.

ensino do Pai é a adesão a Ele, por isso a expressão de Jesus: “Todo aquele que ouviu o Pai e dele aprendeu, vem a mim” (Jo 6,45). Nesse contexto, vemos o universalismo do anúncio da palavra de Jesus expresso na nova comunidade inaugurada por Ele, aberta a todos que o escutarem e aprenderem do Pai a sua palavra.²⁷⁵

Jesus escuta o Pai, dá testemunho do Pai e faz as suas obras. O que Jesus fala ao mundo é o que escutou do Pai (Jo 8,26). Aquele que não escuta a palavra de Jesus e muito menos a compreende, procura matá-Lo, porque Ele fala o que escutou do Pai (Jo 8,40). Os escribas e fariseus não conseguem compreender o ensinamento de Jesus, porque escutam a si próprios, negam-se ao novo, ao diferente, faltando a eles a “circuncisão do coração” (Dt 30,6). Por isso, não são capazes de escutar a palavra de Jesus (Jo 8,43). Contudo, aquele que é de Deus escuta a Palavra de Deus. Jesus afirma que seus interlocutores não escutam a sua palavra, porque não são de Deus (Jo 8,47).

A não escuta gera morte, porque bloqueia o encontro e o acolhimento da palavra de Jesus, além de interromper o diálogo. O que o autor do Quarto Evangelho indica é que, para seguir Jesus, será necessário ver nele o cumprimento da Palavra do Pai. A perfeita comunhão com o Pai é a comunhão com o Filho. Pelo Filho, todos têm acesso ao Pai. Portanto, escutar a palavra do Filho de Deus é possuir a vida eterna.

Jesus é a figura do Bom Pastor que ensina às ovelhas o caminho da vida, conduz às pastagens fartas e conhece cada uma pelo nome. Essas ovelhas escutam a voz do Pastor e estão seguras. A parábola do Bom Pastor e do rebanho evoca o contraste entre os fariseus que expulsam os fiéis e Jesus que vai ao encontro de quem confia nEle. Tal contraste chama a atenção dos líderes de Israel, tradicionalmente chamados de pastores. Jesus, ao contar essa parábola, lança uma profunda crítica aos fariseus, advertindo que eles, além de não entrarem pela porta principal, que é Jesus, ainda impedem os que querem entrar. “O porteiro abre, as ovelhas escutam a sua voz, ele chama cada uma pelo nome e as leva para fora” (Jo 10,3).

²⁷⁵ MATEOS, J.; BARRETO, J., O evangelho de São João, p. 317.

Jesus explica que tanto a porta quanto o pastor são Ele mesmo, que, como Pai, cuida com carinho das ovelhas, as protege e as alimenta. Elas, por sua vez, não escutam outra voz a não ser a dele. Quanto aos interlocutores que Jesus critica, são chamados de ladrões e assaltantes (Jo 10,8), que exploram e matam as ovelhas, não cuidam delas nem as alimentam. Jesus, o Bom Pastor, além de cuidar e de proteger suas ovelhas, as alimenta. O seu pastoreio é universal. Ele tem ovelhas em outro redil e elas escutarão a sua voz, porque haverá um só rebanho e um só pastor (Jo 10,16). Os incrédulos não pertencem ao redil de Jesus, visto que não há uma identificação na sua voz, pois esse reconhecimento se dá quando há sintonia, entendimento, interesse, escuta. As ovelhas não seguem os maus pastores. Jesus, ao contrário, dá a elas a vida eterna, e ninguém vai arrancá-las de sua mão (Jo 10,28). Portanto, mais uma vez o evangelista apresenta Jesus como o único a cumprir o imperativo: “Escuta, Israel!”²⁷⁶

Após longas críticas aos interlocutores adversários, Jesus se dirige aos discípulos e continua a ensiná-los que o amor está acima de tudo. A cena do lava-pés inaugura e celebra o pacto do amor a Cristo e aos irmãos. À mesa do lava-pés, o Senhor dá o exemplo para que os seus seguidores façam o mesmo. Só pode ter parte com Jesus à mesa quem se compromete com Ele. A palavra de Jesus e o gesto ritual ensinam que o amor a Deus se concretiza no amor-serviço dedicado ao próximo. Essa é a liturgia rezada, celebrada, vivida e praticada. O Liturgo por excelência dá este ensinamento: “Se eu, o Senhor e Mestre, vos lavei os pés, também vós deveis lavar os pés uns dos outros [...]. Eu vos dou um novo mandamento: que vos ameis uns aos outros. Como eu vos amei, assim também deveis amar-vos uns aos outros” (Jo 13,14.34).

O discípulo que não consegue amar Jesus jamais guardará sua palavra. E a palavra que eles escutam não é de Jesus, mas do Pai que o enviou (Jo 14,24). Nessa altura da narrativa joanina, Jesus prepara seus seguidores para o que vai acontecer com Ele. Seu discurso tem como objetivo ajudar os discípulos a reconhecer os motivos de sua fé e a coragem na decisão de seguir Jesus, fazendo o que Ele fez e ensinou. O tema central do discurso de Jesus no contexto joanino é narrar a situação dos discípulos que querem ficar com Ele. A cena é a da despedida de Jesus, que

²⁷⁶ KONINGS, J., Evangelho segundo João: amor e fidelidade, p. 231-245.

começa com o quadro do lava-pés, mas o tema é o seu retorno na parusia (Jo 14,3.18-19.23.28). Essa temática acontece não só na parusia esperada como também hoje, na experiência da fé vivida no amor, no dom do Espírito, na oração eficaz e na paz (Jo 14,13-14.16-17.21). Aquele que ama experimenta que a realidade da volta de Jesus está em sua partida.²⁷⁷

O amor exprime o dom da vida e comunica também o segredo da intimidade humana. Jesus revela o segredo da sua intimidade aos amigos: “Eu vos chamo de amigos, porque vos dei a conhecer tudo o que ouvi de meu Pai” (Jo 15,15). Essa afirmação de Jesus recapitula o que Ele continuamente falou a respeito de sua revelação, dirigindo-se ao Pai.²⁷⁸

O acento do amor a Jesus implica guardar sua palavra. A palavra que os discípulos de Jesus escutam é a Palavra do Pai. Guardar a palavra que Jesus comunicou expressa a acolhida da Palavra de Deus. Em Jesus está o destino de toda pessoa humana.²⁷⁹ Guardar a palavra implica o amor a Ele. Manifesta-se, então, um sentido novo da morada que Jesus quer preparar em cada um. A vivência do amor a Deus e ao próximo revela que Deus mora em nós. Quanto mais unidos a Jesus e ao Pai estivermos, na fidelidade e na prática do mandamento do amor, mais ainda esse sentido novo da morada do Pai e do Filho será evidente em nós, seguidores de Cristo.²⁸⁰

Desse modo, o amor que brota da escuta do Evangelho gera a comunidade dos seguidores de Jesus. A comunidade cristã nasceu e cresceu a partir da escuta da palavra Cristo morto e ressuscitado. Jesus Cristo amou até o fim para continuar amando naqueles que se tornaram casa da sua palavra, a qual se torna plenamente conhecida e assimilada pelo ser humano a partir da escuta. O Espírito Santo ilumina e esclarece os escutadores da Palavra. Os que escutam a Palavra de Cristo anunciarão plenos do Espírito. O que os discípulos escutaram do ensinamento do Cristo Senhor, eles ensinam. O Senhor Ressuscitado continua presente na vida de seus seguidores pela palavra acolhida e anunciada, primeiro pelo testemunho e depois pela pregação.

²⁷⁷ MAGGIONI, B., O evangelho de João, p. 421.424.

²⁷⁸ LÉON-DUFOUR, X., Leitura do Evangelho segundo João III, p. 129-130.

²⁷⁹ BEUTLER, J., Evangelho segundo João: comentário, p. 352.

²⁸⁰ KONINGS, J., Evangelho segundo João: amor e fidelidade, p. 319.

2.2.2.4

A escuta da Escritura nas comunidades pós-pascais

Nos evangelhos, Jesus é a Palavra personificada do Pai, que necessita da escuta para ser identificada e decodificada como Revelação do amor do Pai aos filhos. Jesus é o *shemá* por excelência. Nele, o Pai cumpriu sua promessa. Nesse sentido, o objetivo aqui é verificar a importância da escuta da Escritura nas comunidades pós-pascais e compreender como os primeiros cristãos viviam o imperativo: “Escuta, Israel!”. Portanto, o foco principal será o livro dos Atos dos Apóstolos, a Epístola aos Romanos e o livro do Apocalipse de João, os quais, além de narrar o crescimento das primeiras comunidades cristãs, testemunham também como os primeiros cristãos viviam e celebravam a sua fé no Cristo Ressuscitado. Todavia, consideraremos ainda as demais Cartas do *Corpus Paulinum* e as Cartas Católicas.

2.2.2.5

A escuta na literatura dos Atos dos Apóstolos

A escuta das Escrituras e o anúncio querigmático dos apóstolos, aliadas ao testemunho de vida, fizeram com que pessoas vindas do judaísmo e do paganismo abraçassem a fé cristã. As primeiras comunidades cristãs cresceram movidas por duas forças: a força do Espírito Santo, que dá coragem e confiança aos apóstolos; e a força da palavra anunciada com toda a liberdade e retidão. Os apóstolos foram conquistando homens e mulheres para Cristo no mundo inteiro. Eles são também portadores da palavra do Senhor Ressuscitado. Com o mesmo poder e autoridade de Cristo, anunciavam as Escrituras e, a partir dela, davam testemunho da sua ressurreição.

O anúncio missionário dos apóstolos se transforma em catequese e testemunho. No ambiente judaico, o impacto é grande, pois suscita duas reações: de um lado, a simpatia e o consenso do povo, que admira e preza o grupo de cristãos; de outro, a reação de suspeita e de violência das autoridades representantes da classe sacerdotal e da aristocracia leiga, adepta do movimento dos saduceus. O conflito com a autoridade judaica estimula os cristãos a saírem de Jerusalém rumo às regiões da Palestina a fim de anunciar a Palavra de Deus.²⁸¹

²⁸¹ FABRIS, R., Os Atos dos Apóstolos, p. 45-46.

Lucas, logo no início de Atos, se dirige a Teófilo afirmando que no seu primeiro livro já havia tratado de tudo o que Jesus fizera e ensinara até o dia em que fora elevado ao céu, depois de ter instruído, pelo Espírito Santo, os apóstolos (At 1,1-2). Nessa narrativa, o Espírito Santo é quem movimenta e impulsiona a vida missionária dos apóstolos, acende o fogo do amor divino no coração deles e os ilumina para que, ao escutar as Escrituras, compreendam e a anunciem com toda eficácia.

Jesus, depois de sua morte e ressurreição, apareceu aos apóstolos, tomou refeição com eles, falou do Reino de Deus e ordenou-lhes que não saíssem de Jerusalém enquanto não se realizasse a promessa do Pai, de que seriam batizados, dentro de poucos dias, com o Espírito Santo (At 1,3-5). Os ensinamentos de Jesus só foram compreendidos pelos apóstolos quando aconteceu o derramamento do Espírito Santo sobre eles. Ao receberem a força do alto, se tornam testemunhas de Jesus Ressuscitado em Jerusalém, na Judeia, na Samaria e até nos confins do mundo (At 1,8). Depois da ressurreição, Jesus instruiu e motivou os apóstolos a serem suas testemunhas no mundo. A ascensão de Jesus ao céu pontua e determina historicamente uma reviravolta entre a história de Jesus e da comunidade pós-pascal: a comunidade cristã inicia o caminho histórico sem saudade e sem fugas apocalípticas.²⁸²

Convictos de tudo o que escutaram de Jesus, os apóstolos anunciam sua palavra com a força do Espírito. A Palavra do ressuscitado vive eternamente no coração de todo crente que abraçou a fé em Cristo. A pessoa de fé torna-se casa da Palavra de vida eterna, a qual faz morada no coração de quem escuta Jesus. O Espírito Santo é o protagonista principal no anúncio da Palavra, atuando o tempo todo na vida dos apóstolos e da comunidade pós-pascal.

O derramamento do Espírito Santo sobre os apóstolos, no dia de Pentecostes, em Jerusalém, os habilita para a missão. Todos os que estavam reunidos no cenáculo ficaram repletos do Espírito Santo e passaram a falar em outras línguas, conforme o Espírito lhes concedia expressar-se (At 2,1-4). Em Pentecostes, os apóstolos, movidos pela força do Espírito Santo, se tornam testemunhas da ressurreição. A Igreja-comunhão começa a sua missão ecumênica e espalha-se pelo

²⁸² FABRIS, R., Os Atos dos Apóstolos, p. 46-47.

mundo com seus dons e carismas.²⁸³ O Espírito de Jesus invadiu aqueles homens e mulheres com sua presença. Eles não se tornaram um grupo de crentes, mas uma comunhão nova. De pescadores, tornam-se “teólogos”.²⁸⁴

A literatura lucana, retomando fragmentos das antigas tradições da comunidade judaico-cristã, faz uma releitura teológica para narrar a expansão histórica da Igreja cristã primitiva. Ao apresentar um cenário teofânico do Espírito pelo símbolo do vento e do fogo, Lucas narra a primeira ação do Espírito de modo universal, em que apresenta a reação de espanto e de admiração das pessoas que se reúnem na praça, após escutarem a manifestação divina e os discípulos falando em “outras línguas”, ainda que os entendam na própria língua. Lucas narra a universalidade dos povos e o ecumenismo acontecendo pela ação e pelo testemunho do Espírito. A nova humanidade se reúne pela força de coesão e de comunicação, cuja fonte é o Espírito Santo.²⁸⁵

O *ex opere operato* do Espírito Santo na vida dos apóstolos coloca-os na dinâmica do Reino instaurado por Jesus. Na Igreja apostólica, parece acontecer uma viva consciência de que cada crente e o corpo eclesial deveriam se relacionar com a pessoa do Espírito Santo. Nenhum batizado poderia sustentar sua fé sem experienciar efetivamente a ação do Espírito e a compreensão das Escrituras. A partir da experiência de Pentecostes, a Igreja toma consciência de ter sido gerada maternalmente por Deus na fecundidade de seu Espírito.²⁸⁶

O que acontece no dia de Pentecostes é um novo começo. A partir dali, o Espírito é difundido pelo Pai e pelo seu Cristo como um rio de Vida que jorra do trono de Deus e do Cordeiro. O Espírito Santo deu à luz o Corpo virginal de Cristo, tecido com nossa humanidade: a Igreja. O Espírito prometido pelo Pai foi derramado pelo Cordeiro imolado. A liturgia eterna penetra no nosso mundo e surge uma nova criação; o Corpo de Cristo começa a recapitular em si todas as pessoas.²⁸⁷

Pedro, repleto do Espírito Santo e com o coração abrasado pela Palavra do Ressuscitado, proclama seu primeiro querigma, de modo solene, sobre as maravilhas de Deus e faz um convite entusiasta a todos que estão em Jerusalém a

²⁸³ SANTANA, L. F. R., Liturgia no Espírito, p. 118.

²⁸⁴ CORBON, J., A fonte da liturgia, p. 53.

²⁸⁵ FABRIS, R., Os Atos dos Apóstolos, p. 60-61.

²⁸⁶ SANTANA, L. F. R., Liturgia no Espírito, p. 119.

²⁸⁷ CORBON, J., A fonte da liturgia, p. 51-53.

se colocarem à escuta do que ele tem a dizer. Começa afirmando que eles não estão embriagados (At 2,14-15) e o que está acontecendo é o cumprimento da profecia de Joel: “Nos últimos dias, diz o Senhor, derramarei o meu Espírito sobre todos, [...] e todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo” (At 2,16-21).

Pedro, no seu primeiro querigma, ao citar a profecia de Joel, interrompe a citação para anunciar aos ouvintes a mensagem de Jesus Ressuscitado. O seu discurso termina com uma convocação ao batismo: “Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo, para o perdão dos vossos pecados e recebereis o Espírito Santo” (At 3,38). Os cristãos entendiam ser a palavra “Senhor” aplicável a Jesus.²⁸⁸

Chama a atenção a expressão de Pedro no seu primeiro querigma: “Escutai-me com toda a atenção” (At 2,14) e, depois, “Homens de Israel, escutai estas palavras” (At 2,22). Pedro recordou o ensinamento de Jesus, quando os havia enviado em missão: “Quem escuta a mim, escuta...” (Lc 10,16). Pedro, ao convidar Israel a escutá-lo, tinha consciência de que a Palavra anunciada não era dele, mas do próprio Cristo; daquele que foi morto, mas ressuscitou. Pedro, ao convocar Israel a escutá-lo, convoca-o a uma vida nova em Cristo, a uma nova mentalidade, a uma vida moldada pelo Espírito, a fim de participar do novo povo de Deus. Pedro ajuda Israel a recordar as Escrituras e a compreender que Deus cumpriu a promessa de restaurar Israel. Convida-o, então, a escutar e a reconhecer que Deus constituiu o Crucificado, Jesus de Nazaré, em Senhor e Cristo.

A pregação de Pedro suscitou muitas conversões. Cerca de três mil pessoas abraçaram a fé em Cristo (At 2,42-47). “Desde então, a Igreja nunca deixou de se reunir para celebrar o mistério pascal”.²⁸⁹ A escuta das Escrituras, na celebração do mistério pascal de Cristo e da Igreja (Ef 5,32), e a perseverança no ensinamento dos apóstolos marcam pontualmente o início da fé dos primeiros cristãos da comunidade pós-pascal, levando-os a uma prática de comunhão de vida fraterna.

Os três componentes essenciais da experiência ideal da nova comunidade eclesial narrada por Lucas são: a força do Espírito Santo, o testemunho e a abertura universal. A promessa de Jesus indica uma nova tarefa, impulsionada pela força do Espírito Santo, que não pode ser confundida com triunfalismo religioso ou político,

²⁸⁸ DUPONT, J., Estudos sobre os Atos dos Apóstolos, p. 378.

²⁸⁹ SC 6.

mas que torna os apóstolos testemunhas do Senhor Ressuscitado pelo mundo inteiro.²⁹⁰ Eles deverão agir com a força do Espírito, como constatamos no discurso de Pedro: “Disso nós todos somos testemunhas” (At 2,32; 3,15; 10,41).

O Espírito Santo habilita os discípulos a terem a mesma autoridade de Cristo, liberta-os do provincianismo judaico e das limitações étnico-culturais da época, abre novos percursos para o caminho da salvação, até alcançar dimensões que coincidem com as da humanidade. Essa é a realização das promessas proféticas: “De Sião sairá a Lei, e de Jerusalém, a palavra do Senhor” (Is 2,3).²⁹¹ Enquanto os evangelistas apresentavam o comportamento dos discípulos ao redor do Senhor Ressuscitado, as primeiras comunidades cristãs se esforçavam para observar, em meio às dificuldades, o ensinamento dos apóstolos.

A comunidade pós-pascal nasce e cresce por meio escuta da Palavra de Deus anunciada pelos apóstolos. Lucas narra como a comunidade cristã cresce ao escutar a palavra. Segundo ele, os que abraçaram a fé em Cristo totalizavam um número de uns cinco mil fiéis (At 4,4). Em meio à alegria dos proclamadores da palavra e da conversão dos escutadores da palavra, soma-se também a perseguição dos apóstolos. Pedro e João são chamados a comparecer diante dos chefes de Jerusalém para ser interrogados sobre a doutrina que ensinavam e sobre os prodígios que o Senhor realizava por meio deles. Os chefes queriam saber quem os autorizara ou lhes dera o poder de fazer tais coisas (At 4,5-6). Pedro e João tinham curado, em nome de Jesus, um coxo de nascença no Templo (At 3,1-11). Cheios do Espírito Santo e com muita coragem, Pedro e João explicam que a cura foi em nome de Jesus Cristo, o Nazareno, que eles crucificaram e que Deus ressuscitou dos mortos. Eles queriam intimidar Pedro e João, proibindo-os de falar ou ensinar em nome de Jesus; porém, estes responderam: “Julgai vós mesmos se é justo, diante de Deus, que obedeçamos antes a vós do que a Deus! Quanto a nós não podemos deixar de anunciar o que vimos e ouvimos” (At 4,19-20).

A reação de Pedro e João é grave e séria. Eles, diante do sinédrio, apelam para a consciência de cada um que está para julgá-los, pedindo que julguem perante Deus, isto é, com uma consciência justa e honesta, a quem devem obedecer.²⁹² Os

²⁹⁰ FABRIS, R., Os Atos dos Apóstolos, p. 51-52.

²⁹¹ FABRIS, R., Os Atos dos Apóstolos, p. 52.

²⁹² DATTLER, F., A Igreja dos primórdios, p. 47-48.

apóstolos estavam conscientes de que deviam anunciar Jesus Cristo, vivo e ressuscitado, pois, o que viram, ouviram e experimentaram, tinham convicção de que devia ser anunciado.

Eles estavam prontos a dar a vida pelo Mestre, porque tinham compreendido o que significa: “Escuta, Israel, o Senhor é Um, ame-o com todo coração, alma e força!” (Dt 6,4). O que o Mestre ensinou, eles aprenderam e passaram a ensinar com o testemunho de vida. Por isso, o número dos cristãos crescia a cada dia; eles se uniram ao sofrimento dos apóstolos e buscavam força na oração. Quando Pedro e João estavam sendo julgados, a Igreja permaneceu em oração. A oração fortalece a comunidade que está sofrendo ameaças das autoridades da época (At 12,12).

Tão logo postos em liberdade, Pedro e João saem ao encontro dos irmãos e contam tudo o que os sumos sacerdotes e os anciãos haviam dito. Ao escutar o relato, todos juntos, em alta voz, pedem ao Senhor que olhe as ameaças que fazem a seus servos e que lhes conceda coragem para o anúncio da Palavra. Após a oração, todos ficaram cheios do Espírito Santo e corajosamente começaram a anunciar a Palavra de Deus (At 4,23-31).

O anúncio da Palavra de Deus exige a escuta da comunidade. A acolhida e a escuta da Palavra de Deus geram no coração da comunidade cristã uma relação de vida com o Senhor. Os cristãos são Igreja graças à Palavra que os reúne para fazer deles um só coração e uma só alma (At 4,32).²⁹³ Além disso, são fortalecidos pela partilha dos bens que possuem. A escuta das Escrituras e do ensinamento dos apóstolos transforma a vida da comunidade dos primeiros cristãos. Pela escuta, eles procuram viver com alegria e singeleza de coração o mandamento do Senhor, que é, “Escuta, Israel!”. A compreensão e a prática desse mandamento os levam à vivência do amor a Deus e aos irmãos, visibilizado pela alegria e pela singeleza de coração (At 2,46).

Em contrapartida, a perseguição aos cristãos aumentava a cada dia. O diácono Estêvão, homem sábio, de boa reputação e cheio do Espírito Santo, fazia prodígios entre o povo. Os que discutiam com ele não conseguiam resistir à sua sabedoria, porque o Espírito do Senhor o acompanhava. Já os que tinham os ouvidos bloqueados à Palavra de Deus acusavam Estêvão de blasfêmia; por esse motivo,

²⁹³ BUCCIOL, A., *Tua Palavra é a luz da vida*, p. 45.

levaram-no à prisão e o condenaram (At 6,7-14). Em seu discurso, no sinédrio, Estêvão convoca todos a escutá-lo: “Irmãos e pais, escutai!” (At 7,2). Tal convocação é uma retomada da história do povo no Antigo Testamento e uma hermenêutica à graça de Deus que atuou no passado e que atua no presente, quando os pecados do passado se repetem.²⁹⁴ Estêvão recorda que todos devem estar com o coração e os ouvidos abertos para compreender as Escrituras e chama seus opositores de “homens de cabeça dura, incircuncisos de coração e de ouvidos! Sempre resistes ao Espírito Santo, tanto vós quanto vossos pais” (At 7,51). Estêvão os acusa de terem recebido a Lei e de não a cumprirem, tornando-se traidores e assassinos dos que anunciam a vinda do Justo, assim como seus antepassados (At 7,52-53). Movidos pela fúria, mataram Estêvão.

Todavia, quanto mais a comunidade pós-pascal é perseguida, mais ela cresce na escuta da Palavra de Deus, no anúncio e no testemunho de vida. “Unânimes, escutavam Filipe, vendo os sinais que fazia” (At 8,6). O anúncio da Palavra, centrado em Jesus, pela atividade missionária de Filipe, na Samaria, encontra acolhida entre os samaritanos e obtém sucesso imediato e clamoroso. A alegria messiânica que nasce da experiência e do contato com o Evangelho caracteriza o clima espiritual dos novos cristãos na Samaria, como aconteceu em Jerusalém.²⁹⁵

Também Paulo, logo depois de sua conversão a Cristo, sofre constantes ameaças de morte por seus correligionários de Damasco (At 9,23). Ele se esforça para convencer seus irmãos judeus, mas eles não recuam, querem acabar com ele diante do Templo de Jerusalém (At 21,27-36).²⁹⁶ Por causa das perseguições, os apóstolos se espalharam para anunciar a Palavra de Deus tanto a judeus quanto a pagãos. A motivação de cada um deles era o amor a Jesus, que ressuscitou dos mortos. O Espírito Santo os impulsionava e encorajava a viver o imperativo “Escuta, Israel!” e a anunciar o amor, a ponto de perder a própria vida. Eles, empoderados pela força de Cristo e cheios do Espírito Santo, anunciavam a Palavra de Deus e realizavam prodígios. Todos viveram com alegria a fé em Cristo, até o ponto do martírio, porque escutaram e compreenderam o que significa amar com todo o coração, com toda a alma e com toda a força a Deus e ao próximo.

²⁹⁴ MAZZAROLO, I., *Atos dos Apóstolos ou Evangelho do Espírito Santo*, p. 114.

²⁹⁵ FABRIS, R., *Os Atos dos Apóstolos*, p. 160.

²⁹⁶ MARGUERAT, D., *A primeira história do cristianismo*, p. 155.

2.2.2.6

A escuta na literatura paulina

Nas Cartas Paulinas, a escuta das Escrituras e do ensinamento dos apóstolos é fundamental para a iniciação à vida cristã na comunidade pós-pascal. A fé nasce da escuta, vem da audição (Rm 10,17), o que gera entendimento, compreensão e compromisso (Gl 1,6-10; 3,1-3). Nesse sentido, ressaltamos que, nessas Cartas, será dada a maior ênfase aos Romanos 10,14-18, pelo fato de incidir diretamente em nossa pesquisa, o que não exclui o mérito das outras cartas.

Na Carta aos Romanos, Paulo narra a importância da escuta do Evangelho para quem quer abraçar a fé em Cristo. Tal processo de audição era muito valorizado nos ambientes das comunidades pós-pascais. Portanto, como vimos, tanto no Antigo quanto no Novo Testamento, a escuta das Escrituras foi e continua sendo fundamental para a compreensão da Lei do Senhor e para toda e qualquer decisão da pessoa humana.

Paulo acentua as etapas do processo da fé destacando os requisitos necessários para que uma pessoa possa aderir na vida e invocar no culto o Senhor Jesus. O ponto de chegada àquele que professa a fé em Cristo está estreitamente coligado: invocação-fé-audição-anúncio-missão divina. O apóstolo recorda aos judeus de seu tempo que o ponto fundamental para ingressar na comunidade cristã é a fé em Cristo. Ao recordar Isaías 52,7, que prenuncia a chegada a Jerusalém dos portadores de “boas notícias”, afirma que a palavra profética realizou-se na pessoa dos missionários cristãos, que proclamaram o alegre anúncio do Cristo morto e ressuscitado. Portanto, Paulo salienta que os israelitas incrédulos não podem se valer da desculpa de que o Senhor não lhes enviou pregadores.²⁹⁷

O tom apologético de Paulo é uma constante em suas cartas. A atitude de não escuta da pregação do Evangelho impedia tanto judeus quanto pagãos de crer e de se comprometer com Cristo. Além disso, gerou resistência, oposição, perseguição e difamação dos pregadores. O próprio Paulo encontrou experiências amargas durante seu apostolado em lugares como Filipos, Tessalônica e Bereia (At 16-17).²⁹⁸

²⁹⁷ BARBAGLIO, G., *As Cartas de Paulo II*, p. 281.

²⁹⁸ MAZZAROLO, I., *Carta de Paulo aos Romanos*, p. 132.

A Carta aos Romanos 10,14s, para atingir a mensagem apostólica, parte da invocação a Cristo por meio de uma sucessão de verbos: invocar, crer e ouvir, proclamar e enviar, aos quais a ordem inversa corresponderia: mensagem, audição material, audição formal, fé, invocação do Senhor. A quantidade de vocabulário revela a importância da mensagem e da fé na síntese paulina.²⁹⁹ A fé depende da escuta e, por sua vez, a escuta depende do anúncio e o anúncio, do envio.³⁰⁰

Na Epístola aos Romanos 10,14-17, há uma relação intrínseca entre: a) invocar e crer; b) crer e conhecer (ouvir/falar); c) ouvir e pregar. Pela escuta do ensinamento das Escrituras, a pessoa conhece Jesus, pode invocá-lo, declarar-se e comprometer-se. O imperativo “crer para poder invocar” condiciona a invocação. Aquele que não crê não pode invocá-lo. O ato de crer e invocar implica escuta, compreensão das Escrituras. Como conhecer as Escrituras se aquele que recebe o anúncio não escuta os pregadores? Como alguém pode escutar a Boa-Nova se o missionário foi morto e impedido de pregar? O Espírito Santo e a comunidade é que constituem o missionário como pregador do Evangelho de Cristo. É o Espírito que o impulsiona à missão. Paulo condena os perseguidores dos cristãos afirmando que os pés dos que anunciam a justiça e a paz são belos, limpos e puros. Entende-se que quem escuta de maneira profética evangeliza de modo cristão.³⁰¹

Entretanto, o que está em questão são a descrença e a resistência dos judeus em escutar o Evangelho de Cristo. Visibilizamos aí um contraste inicial entre a fé dos pagãos e a descrença dos judeus. Eles tiveram a oportunidade de escutar amplamente as Escrituras, ou seja, estava-lhes aberta a possibilidade de abraçarem a fé em Cristo, mas nem todos escutaram Evangelho de Cristo e obedeceram-no. O Evangelho foi anunciado com suficiente clareza aos judeus, mas eles não deram ouvidos e permaneceram na desobediência. Já os outros escutaram o anúncio do Evangelho e responderam positivamente à fé em Cristo.³⁰²

Quanto mais Israel tiver o ouvido desbloqueado para a escuta das Escrituras, melhor será o acolhimento da pregação dos apóstolos e a adesão à fé cristã. Assim como no Deuteronômio (4,1; 5,1; 6,4), o imperativo “Escuta, Israel!” significa um apelo em relação à palavra. Paulo trabalha o sentido do ouvir e do pregar como dois

²⁹⁹ CERFAUX, L., O cristão na teologia de São Paulo, p. 133-134.

³⁰⁰ BORTOLINI, J., Como ler a Carta aos Romanos, p. 72.

³⁰¹ MAZZAROLO, I., Carta de Paulo aos Romanos, p. 133.

³⁰² DUNN, J. D. G., A teologia do apóstolo Paulo, p. 586-587.

passos importantes à relação do crer que suscita a fé.³⁰³ O passo inicial em toda fé é ouvir a mensagem proposta por Paulo.³⁰⁴

Sobre Romanos 10,17, que diz que a fé vem da escuta, a escuta é possível na medida em que na história aconteceu o evento da Palavra. A obediência da fé é a escuta mais profunda daquilo que está sob e além do dito em relação à palavra ouvida. O acolhimento da palavra, a sua escuta e a obediência levam-nos a uma relação tão profunda de abertura e escondimento da palavra que corresponde ao movimento de transcendência próprio da obediência da fé. O que está além da Palavra, o Verbo, chamamos de Silêncio. Por isso, a verdadeira acolhida da Palavra do Cristo é a escuta do silêncio.³⁰⁵

A mística profética é a audição da palavra que floresce no terreno da Palavra de Deus, ouvida e obedecida (Rm 10,17-18), e cresce até alcançar o caminho mais perfeito, que dá realidade e consistência a todos os outros caminhos, isto é, o caminho do amor. A articulação entre fé e Palavra é fundamental na estrutura da mística profética. A Palavra é a vertente objetiva na estrutura da experiência. A escuta e a meditação das Escrituras desabrocham na contemplação. Esta, porém, nunca vai além do campo das Escrituras. A fé, por sua vez, como vertente subjetiva na estrutura da experiência mística, consiste essencialmente na audição da Palavra. Os eixos interiores de audição se multiplicam e se desdobram em meditação e contemplação.³⁰⁶

A audição, na realidade subjetiva, é, pois, um ato total do ouvinte. Todo o seu ser se abre para a recepção da Palavra. O ato inicial da audição dá origem ao fundamento antropológico da experiência mística, que pode adquirir significação especificamente cristã. Na mística profética, o modelo antropológico define o ser humano como “ouvinte da Palavra”. Nesse sentido, a determinação das possibilidades de “ouvir a Palavra” propõe-se como tarefa precípua para uma antropologia cristã da teologia da escuta mística.³⁰⁷

A eficácia da palavra exige escuta atenta que supere a mentalidade factual e intelectualista, destinada a favorecer o saber gnosiológico; e tal escuta deve

³⁰³ MAZZAROLO, I., Carta de Paulo aos Romanos, p. 133-134.

³⁰⁴ FITZMYER, J. A., Carta aos Romanos, p. 573.

³⁰⁵ FORTE, B., À escuta do outro, p. 51-52.

³⁰⁶ VAZ, H. C. L., Experiência mística e filosofia na tradição ocidental, p. 69-77.

³⁰⁷ VAZ, H. C. L., Experiência mística e filosofia na tradição ocidental, p. 77-78.

acontecer no nível de fé e com as devidas disposições pessoais. A revelação de Deus, antes de ser “palavra” perceptível, é uma realidade que interpela o ser humano por inteiro ao se colocar na condição de escutador. Com essa disposição, a Palavra de Deus escutada envolve e penetra o ser humano.³⁰⁸

A fé nasce da escuta: “A fé vem pelo ouvir; e o ouvir, pela palavra de Cristo” (Rm 10,17). A fé procede da obediência do ouvido ligado à palavra de Cristo; então, a escuta das Escrituras conduz o ser humano à fé. A fé é fruto de um ouvido domesticado pela escuta da Palavra de Cristo. A escuta das Escrituras e a adesão da fé em Cristo levam o ser humano à obediência e à prática de vida. O que ele aprendeu das Escrituras põe em prática. A pregação da Palavra divina faz brotar a fé, que nos leva a aderir de coração à verdade que nos foi revelada e nos entregar a Cristo por inteiro. A história da salvação mostra de forma progressiva a íntima ligação entre a Palavra de Deus e a fé que se realiza no encontro com Cristo.³⁰⁹

A escuta exige bem querer, atitude de afeto. Quando uma pessoa inclina o ouvido para escutar a Palavra de Deus, nasce em seu coração a justiça divina. Tanto o ato de crer quanto o ato de escutar é pedagógico e comprometedor. Paulo criticava, duramente o legalismo farisaico, quem dispensava Deus e buscava a própria justiça, isto é, não se preocupava com a justiça divina. O apóstolo, então, afirma de maneira categórica que é inútil tentar buscar a Deus com argumentos religiosos, litúrgicos, sacrificialistas ou pietistas sem escutá-lo. Essa atitude jamais será uma expressão da justiça divina (Fl 3,1-9).³¹⁰

Paulo debate-se com a qualificação dos pregadores. O evangelizador não só deve anunciar a palavra como também sustentá-la por seu testemunho (1Cor 4,9-13). O apóstolo tinha consciência também dos perigos da manipulação da palavra, que podia ser falsificada ou adulterada (2Cor 2,17).

O grande perigo para quem não discerne e não escuta é ser manipulado (Gl 3,1-5). Logo, para que isso não aconteça, é bom saber a quem se escuta.³¹¹ Aquele que escutou a palavra está comprometido com ela para anunciá-la. E a assimilação da palavra, além do seu testemunho, possui diferentes vertentes, compromissos, como: insistir, refutar, ameaçar e exortar com a sã doutrina (2Tm 4,1-5). Aqui

³⁰⁸ AUGÉ, M., Liturgia, p. 141.

³⁰⁹ VD 25.

³¹⁰ MAZZAROLO, I., Carta de Paulo aos Romanos, p. 126.

³¹¹ MAZZAROLO, I., Carta de Paulo aos Gálatas, p. 79-83.

também a escuta exige obediência e resistência no sofrimento e nas adversidades, porque nem todos ouvirão e muitos farão oposição.

Em uma sociedade líquida, conforme afirma Z. Bauman, que caminha na contramão da proposta anunciada por Cristo, o evangelizador é chamado a resistir e a discernir contra a propaganda enganosa e sedutora das doutrinas sem fundamento anunciadas por falsos mestres. O evangelizador carece de cuidados para não se cansar e, ao mesmo tempo, exige-se dele competência para defender a sã doutrina. Como exorta Paulo a Timóteo, é necessário ter certeza do que se acredita (2Tm 1,12), não titubear e tomar como norma as palavras que ouviu sobre a fé e o amor de Cristo Jesus. Ele é convocado a guardar o precioso bem que lhe foi confiado, com a ajuda do Espírito Santo (2Tm 1,13), isto é, o Evangelho. A transmissão do Evangelho, segundo Paulo, deve ser de pessoa a pessoa, sem interrupção. O que se ouviu na fé e no amor deve ser transmitido à geração seguinte, pois a interrupção da palavra pode adulterá-la. Por isso, o Evangelho vivo e vivificado no testemunho torna-se fidedigno de transmissão para o futuro.³¹²

A Palavra de Deus, escutada e celebrada na liturgia, é uma convocação à missionariedade e ao profetismo. Prestando sempre atenção na forma de linguagem dos antigos e na forma de linguagem atual, para renovar a fé professada pela palavra escutada e para viver o novo *aggiornamento* da evangelização, sempre atual. Assim como Deus falou outrora aos pais pelos profetas, hoje nos fala por meio de seu Filho Jesus (Hb 1,1-2). Escreve o apóstolo: “Devemos dar maior atenção à mensagem que ouvimos, para não nos desviarmos [...]. De fato, esta salvação foi anunciada, no início pelo Senhor, e depois confirmada no meio de nós por aqueles que a tinham ouvido” (Hb 2,1-2).

2.2.2.7

A escuta na literatura das Cartas Católicas e Apocalipse

Nas Cartas Católicas, os autores estimulam as comunidades cristãs a viver os mandamentos e o ensinamento de Cristo a partir da escuta das Escrituras. Tiago, Pedro e João, em suas cartas, exortam as comunidades cristãs sobre a importância da escuta das Escrituras e sobre viver a fé em Cristo pelo testemunho de vida. Esse testemunho é a práxis da Palavra de Deus no dia a dia. Tiago exorta os judeus

³¹² MAZZAROLO, I., Primeira e segunda carta a Timóteo e Tito, p. 180-181.

cristãos a estarem prontos para escutar, mas lentos para falar e irar-se (Tg 1,19). A escuta da Palavra de Deus é imprescindível para a superação dos obstáculos e a sua prática.³¹³ O cristão é convocado a ser praticante da Palavra, e não mero ouvinte. O imperativo na Epístola de Tiago é prontidão para escutar a Palavra de Deus, como atitude de quem atendeu à convocação divina e se dispôs a compreender com a mente e o coração aquilo que ouviu, para depois colocar em prática.

O perigo que ameaça a vida cristã é falar muito e agir pouco. Tiago se opõe à verborreia e adverte que a escuta da Palavra de Deus gera ação. Por isso, alerta a quem exerce o ministério da pregação da Palavra que domine a língua, para que sua fala esteja em sintonia com a prática e para evitar o risco de difamar o próximo e se colocar no lugar de Deus.³¹⁴ A comunidade é exortada a não discriminar nem julgar o próximo. Ela deve escutar a Palavra de Deus de forma a afirmar que sua Lei é o amor que liberta, não escraviza nem discrimina, tampouco julga o próximo com olhos humanos, mas prefere os pobres para serem ricos na fé e herdeiros do Reino (Tg 2,4-5). Esse texto de Tiago ajuda a comunidade a compreender que a gênese da Lei de Deus é para a liberdade, não para a escravidão.³¹⁵ Nesse sentido, a paciência é muito importante à perseverança cristã, pois se baseia na convicção da misericórdia divina e na esperança da vinda do Senhor.³¹⁶ Aqui temos a importância da escuta paciente como atitude escatológica do Reino.

Já o autor da Segunda Carta de Pedro, depois de admoestar a comunidade à fidelidade a Cristo, mostra que a tradição de Pedro é garantida por este ser testemunha ocular da glória de Cristo: “Esta voz, nós a ouvimos, vinda do céu, quando estávamos com ele no santo monte” (2Pd 1,18). O que Pedro quer sublinhar é que é necessário escutar os apóstolos para escutar Cristo.³¹⁷ Por isso, toda profecia das Escrituras jamais foi proferida por vontade humana, mas, impulsionados pelo Espírito Santo, alguns falaram da parte de Deus (2Pd 1,21).

Nas cartas de João, por sua vez, os cristãos são animados a viver a fé a partir do que escutaram dos apóstolos, os primeiros a escutar o Senhor e a viver em comunhão com o Pai e o Filho, em plena alegria (1Jo 1,1.3-4). O testemunho dado

³¹³ LEAHY, T. E., Epístola de Tiago, p. 671.

³¹⁴ CARREZ, M. et al., As Cartas de Paulo, Tiago, Pedro e Judas, p. 300-301.

³¹⁵ BECQUET, G. et al., A Carta de Tiago, p. 40.

³¹⁶ LEAHY, T. E., Epístola de Tiago, p. 679.

³¹⁷ COTHENET, E., As epístolas de Pedro, p. 67.

pelo apóstolo interrompe as afirmações sobre o que “era desde o princípio”. A epístola joanina enfatiza o caráter físico da revelação que a comunidade recebeu dos apóstolos e valoriza o aspecto da *koinonia* entre o autor e os ouvintes, de modo que eles possam entrar na salvação, na *koinonia* compartilhada com o Pai e o Filho.³¹⁸

O autor da Primeira Carta Joanina ensina que Deus é luz e não trevas (1Jo 1,5), e insiste com os cristãos a praticar o que escutaram no mandamento do Senhor, pois essa fidelidade os ajudará a permanecerem unidos no Filho e no Pai (1Jo 2,24). Essa palavra de vida eterna deve ser vivida no amor ao outro. Aquele que conhece Deus escuta os ensinamentos dos apóstolos, mas, os que não vêm de Deus, não o escutam. Portanto, os que confiam no Senhor podem pedir o que quiser, e Ele vai escutar e atender. E se Deus escuta os seus pedidos é porque cada um já possui dentro de si o que necessita (1Jo 5,14-15). O verbo “pedir” dá um tom incisivo à oração, porque existe uma interação segura e certa entre a comunidade dos que creem e Cristo, no sentido de que, pela fé em Deus, os seus pedidos serão ouvidos. E o autor da primeira carta joanina não duvida de que, se na oração o crente se colocar diante de Deus com segurança, o Senhor o escutará segundo a sua vontade, pois concede vida àquele que suplica.³¹⁹

Já a Segunda Carta de João é um pequeno bilhete endereçado a outra comunidade, que o autor chama de “Senhora Eleita” (2Jo 1,1), a quem manifesta seu amor e sua alegria, por estar caminhando de acordo com a verdade, e insiste que viva no amor e que siga firme na observância dos mandamentos escutados desde o princípio (2Jo 4-6). O mandamento novo é o amor de uns para com os outros como o Senhor nos ama. Essa atitude qualifica o cristão diante do outro. A prática desse mandamento constitui um processo de libertação da pessoa humana. Assim como o processo do Êxodo constituiu um ensaio de libertação para o amor a Deus, também o mandamento ensinado por Cristo se fundamenta no amor a Deus e ao próximo.³²⁰ Portanto, a compreensão do mandamento novo pela comunidade cristã carece de escuta profunda e devota das Escrituras, senão, terá uma vida anticristã e causará a morte da comunidade.

³¹⁸ PERKINS, P., As epístolas joaninas, p. 822.

³¹⁹ MORGAN, M., As epístolas de João, 89.

³²⁰ MAZZAROLO, I., As três cartas de São João, p. 25.

A Terceira Carta de João, por sua vez, é um bilhete para Gaio, um influente animador da comunidade, a quem diz que sua maior alegria é escutar que a comunidade caminha na verdade (3Jo 4), e o encoraja a continuar em comunhão com ele para prosperar na fé e no amor a Cristo e aos irmãos.³²¹

Por fim, a escuta no livro do Apocalipse de João acontece em ambiente litúrgico e de prece.³²² No período em que o livro foi escrito, o contexto das comunidades pós-pascais era de muito sofrimento e perseguições por parte do Império Romano. Entretanto, as comunidades cristãs precisavam ser fortalecidas na fé para enfrentar corajosamente os desafios e até mesmo o martírio por causa do Cristo Senhor. Então, o local das assembleias litúrgicas dessas comunidades, no livro do Apocalipse, torna-se área de engajamento a serviço da liberdade.³²³

João, a quem é atribuído o livro do Apocalipse, exilado na Ilha de Patmos, tem profunda experiência de escuta da Palavra de Deus por meio de uma visão. A partir dessa visão, ele escreve aos cristãos das sete igrejas que estão na Ásia – Éfeso, Esmirna, Pérgamo, Tiatira, Sardes, Filadélfia e Laodiceia – e os exorta a escutar o que o Espírito diz a elas. É nesse contexto apocalíptico de João que desenvolveremos nossa reflexão sobre a escuta teológico-litúrgica. Não temos a pretensão de esgotar o assunto, mas acentuar sua importância.

A escuta teológico-litúrgica no Apocalipse de João leva-nos a justificar ainda mais o imperativo: “Escuta, Israel!”. O novo Israel, constituído por seguidores do Cristo Ressuscitado, é convocado com mais veemência a escutar as Escrituras e o ensinamento dos apóstolos. Sem o cumprimento desse primeiro mandamento, dificilmente se conseguirá pertencer a Cristo Senhor e por Ele dar a vida. Portanto, a linguagem simbólica do Apocalipse de João requer muita escuta, no sentido mais profundo que o termo possa ter.

Deus, por meio de linguagem simbólica, transmite-nos os seus segredos. É o que deixa transparecer o autor do Apocalipse. João, junto com a sua comunidade de fé, medita o que Deus lhe comunicou por meio de visões. Ele, ao lado de Deus que toma iniciativa de revelar Cristo, comunica à comunidade as palavras da profecia da forma que recebeu de Deus. A transmissão da Palavra profética

³²¹ MORGEN, M., As epístolas de João, p. 98.

³²² VANNI, H., Apocalipse, p. 90.

³²³ GUILLAUMONT, et al., Uma leitura do Apocalipse, p. 21.

acontece na assembleia litúrgica, com aqueles que estão dispostos a escutar. Essa assembleia é representada no livro de Apocalipse pela figura do leitor e do ouvinte que, com tremor e alegria, escuta a mensagem profética, a qual ilumina a vida e a história de cada um deles. Nesse sentido, o maior protagonista do Apocalipse é a assembleia litúrgica em ação, mas também cada fiel que revive individualmente a Palavra em sua meditação.³²⁴

Como narra o autor do Apocalipse, tanto o leitor das Escrituras quanto quem ouve as palavras de profecia são chamados “bem-aventurados”, mas com uma atenuante: é preciso “guardar o que nelas está escrito” (Ap 1,3). O autor não está falando de uma escuta passiva das Escrituras, por conseguinte de uma escuta ativa que leva a pessoa a uma conexão profunda com a Palavra de Deus. Nesse sentido, não resta alternativa à comunidade cristã a não ser acolher, guardar e praticar o que escuta, para ter felicidade, para tornar-se bem-aventurada.

O leitor tem de entender, discernir e decodificar o texto das Escrituras, mostrando interesse, compromisso e dedicando tempo para isso, pela grande responsabilidade diante do que está escutando,³²⁵ por ser o primeiro escutador. Quem leva a sério a leitura do texto fica obrigado a dar-lhe a mesma interpretação pretendida pelo escritor, excluindo outras interpretações.³²⁶

Bem-aventurados os que escutam! As bem-aventuranças do ouvir se opõem ao “diálogo dos surdos”, e o ato de ouvir pressupõe não apenas uma linguagem, mas interesses comuns. Como exemplo, cita dois exemplos das Escrituras: a torre de Babel (Gn 11,1-9) e Pentecostes (At 2,42-46). Em Babel, segundo ele, acontece um “diálogo de surdos”, pois, ainda que seja o mesmo idioma, não há códigos comuns de comunicação, o que gera divisão e ruptura entre o povo. Já em Pentecostes, acontece o contrário: uma multiplicidade de idiomas e um ponto comum de comunicação. A diversidade de línguas produz unidade.³²⁷ Nesse sentido, o escutador é bem-aventurado.

O autor do Apocalipse, antes de escrever sobre as sete igrejas que passavam por fortes momentos de tribulações e perseguições, fez uma profunda experiência de escuta da Palavra de Deus. Ele escreve: “No dia do Senhor entrei em espírito e

³²⁴ VANNI, H., Apocalipse, p. 90-92.

³²⁵ MAZZAROLO, I., O Apocalipse de São João, p. 53.

³²⁶ PRINGENT, P. L., Apocalise di S. Giovanni, p. 18.

³²⁷ MAZZAROLO, I., O Apocalipse de São João, p. 55.

ouvi atrás de mim uma voz forte como de trombeta” (Jo 1,10). João é um profeta que fala a uma comunidade de profetas e partilha a sua condição cristã de viver em Cristo Senhor.³²⁸ O “dia do Senhor”, no seu sentido mais completo, recorda a Páscoa de Cristo e o início da parusia final. João, privado do culto comunitário, é associado àquele cuja presença imediata excede todos os sinais litúrgicos. Ele, inicialmente, é surpreendido por uma voz desconhecida, que ressoa com uma força inaudita às suas costas.³²⁹

O autor do Apocalipse volta seus pensamentos e o coração às assembleias litúrgicas que se reuniam justamente no domingo para escutar a Palavra do Senhor e celebrar a ressurreição de Cristo. Então, é nesse contexto que João é tomado completamente pelo Espírito, o mesmo que o amparou e o animou a perseverar na vida cristã, e que agora o absorve e transforma suas faculdades cognitivas para escutar a Palavra do Cristo Senhor. Influenciado e favorecido por isso, ele escuta de tal modo as Escrituras que penetra o mistério do Cristo e de tudo que se refere a Ele, ao recordar sua longa experiência litúrgica.³³⁰

Ao longo de todo o livro do Apocalipse, o autor apresenta a si mesmo em apurada atitude de escuta e obediência à voz que fala sobre o que deve ou não escrever às sete igrejas. A voz forte que João escuta é angélica e recorda a antiga revelação veterotestamentária, mediada por anjos. A expressão “trombeta” pode ser uma alusão à revelação no monte Sinai, momento constitutivo da revelação Antiga da Palavra. Em relação à voz forte que ecoa no ouvido de João como “águas torrenciais” (Jo 1,15), ele a atribui a Jesus o caráter universal da sua revelação às sete igrejas, enquanto comunidade dos redimidos de toda a humanidade. A universalidade da revelação de Cristo, apresentada por João, contrasta com o particularismo da revelação antiga, reservada unicamente ao povo hebreu.³³¹

João, naquele momento, escreve às sete igrejas da Ásia para estimulá-las e exortá-las a voltar ao primeiro amor, que é Cristo. A não escuta de algumas dessas igrejas gera infidelidade a Cristo e reproduz a morte. Aqueles que escutam e praticam a Palavra de Cristo receberão como recompensa a coroa da vida, isto é, a salvação reservada aos eleitos. Esses eleitos, marcados por Cristo na frente,

³²⁸ GUILLAUMONT, A. et al., Uma leitura do Apocalipse, p. 27.

³²⁹ BRÜTSCH, C., La clarté de l'Apocalypse, p. 35-36.

³³⁰ VANNI, U., Apocalipse, p. 101.

³³¹ CORSINI, E., O Apocalipse de São João, p. 96-99.

receberam o selo batismal que os caracteriza definitivamente como vencedores. O cristão que aceita passar pela morte com Cristo participará do seu reinado sobre o mundo. Esse dom é dado por Cristo:³³² “Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas” (Ap 2,7.11.17.29; 3,6.13.22).

O próprio Senhor cria essa nova audiência, ao transmitir a mensagem na força do Espírito que vivifica as igrejas, e nenhuma comunidade pode dispensar a escuta. Nenhum monólogo interior, nenhum silêncio, nenhuma fidelidade à tradição pode substituir os ouvidos que são permanentemente elevados até o Espírito de Cristo. A unidade ecumênica dessa mensagem só pode surgir através da graça dessa comunidade de escuta. A promessa ao “vencedor” é dirigida a cada membro profundamente integrado a sua comunidade. Quem vive em comunhão com Cristo e não comunga com nenhuma ação anticristã contribui com a vitalidade da Igreja e conhecerá, com todo o povo de Deus, a saciedade eterna prometida àqueles que têm fome de justiça.³³³

A escuta do Espírito implica conversão. As comunidades cristãs são identificadas pela escuta das Escrituras e pela perseverança no ensinamento que recebem dos apóstolos. Os sinais de vida nessas comunidades são os frutos advindos de uma conversão permanente à pessoa de Cristo. O ponto culminante dessa conversão no Apocalipse se dá na escuta ativa do Espírito com relação às palavras da profecia. “Lembra-te daquilo que tens recebido e ouvido. Guarda-o! Arrepende-te” (Jo 3,3). Trata-se de um apelo insistente à conversão, a mudar verdadeiramente a mentalidade, a abrir a porta para Cristo que está batendo com seu amor insistente, implacável e discreto.³³⁴

O imperativo “Escuta, guarda e arrepende-te!” é uma exortação constante nas comunidades pós-pasciais do Apocalipse joanino. Ao apresentar Cristo como o vencedor da morte que deseja entrar na vida de cada pessoa, João reforça a convocação dos eleitos a escutar Cristo, que está à porta e bate: “Eis que estou à porta e bato. Se alguém ouvir a minha voz e abrir a porta, eu entrarei em sua casa e tomarei a refeição com ele, e ele comigo” (Ap 3,20). Esse é o versículo-chave e o mais comovedor das cartas escritas às sete igrejas asiáticas. Jesus procurou

³³² GUILLAUMONT et al., Uma leitura do Apocalipse, p. 29-30.

³³³ BRÜTSCH, C., La Clarté de l'Apocalypse, p. 58-59.

³³⁴ VANNI, U., Apocalipse, p. 113.

humildemente a sua pedra angular, que é, por assim dizer, o interior de cada pessoa. Ele está lá fora e quer entrar no coração do ser humano. Nenhuma porta é fechada quando o Rei chega. Ele não sacode o pó dos pés, mas espera com paciência. O amor sabe esperar.

O ser humano tem o hábito de fazer esperar porque é tíbio, falta-lhe a gentileza do afeto acolhedor e do amor concreto. Aquele que bate à porta não força a entrada, mas espera que sua voz seja ouvida na paciente espera. O mais importante em Ap 3,20 é o acolhimento da palavra de Cristo pela escuta. Essa acolhida gera abertura, representada pelo gesto da metáfora da porta. Cristo está batendo constantemente na porta do coração e da mente de cada pessoa e espera com paciência que seja aberta, mas essa é uma decisão pessoal.

É aos membros da comunidade dos eleitos, em solidariedade com os outros, que Jesus se dirige. Uma alusão clara à Ceia do Senhor celebrada intimamente com os amigos. A presença do Senhor Ressuscitado na vida do povo pela sua Palavra é o prelúdio da sua vinda final para toda a humanidade. Ap 3,20 tem o mesmo ponto de vista de Ap 1,17-18. Primeiro, o próprio João caiu, julgado, mas foi imediatamente ressuscitado pelo perdão divino. Depois veio a Igreja, representada pelas comunidades asiáticas, especialmente pela mais miserável, que passa pelo fogo do julgamento divino, mas ao mesmo tempo é invocada por sua graça. O Senhor, pronto a vomitar o morno, é também aquele que bate à porta do morno, pois veio, como é sabido, da fraqueza humana.³³⁵

A porta do céu aberta e a voz que João ouve como uma trombeta em sua visão (Jo 4,1) são sinal de esperança para os cristãos. Ele também vê e ouve a voz de numerosos anjos em volta do trono, dos seres vivos e dos Anciãos. Eles proclamavam com voz forte que o Cordeiro é digno de receber o poder, a riqueza, a sabedoria e a força, a honra, a glória e o louvor (Jo 5,11-12). Nessa grande liturgia, manifesta o poder e a força do Cordeiro, a sua realeza pelos séculos sem fim (Jo 5,13).

Outro dado importante a ser destacado é a abertura dos sete selos. O autor do Apocalipse destaca que viu o Cordeiro abrindo os selos e ouviu dos quatro seres vivos uma voz forte dizendo: “Vem!” (Jo 6,1.3.6.7). Os sete selos abertos revelam

³³⁵ BRÜTSCH, C., *La Clarté de l'Apocalypse*, p. 89.

a totalidade e a descortinação total do que estava oculto. Nessa visão, o autor contempla e rememora os ensinamentos de Jesus ao revelar o que estava oculto. O Cordeiro que o autor vê é Cristo, o qual atua com a autoridade dada pelo Pai sobre a História.³³⁶ Uma visão de esperança para os cristãos da primeira hora diante das dificuldades e tribulações. Ele é o Senhor vitorioso, que traz a salvação para toda a humanidade, e vencedor da morte, com quem todos vencerão.

Aquilo que João vê e ouve, em seu êxtase apocalíptico, demonstra sua experiência mística da escuta da Palavra. Os selos abertos nos fazem pensar na experiência missionária dos seguidores de Cristo. Cada vez que um selo é aberto, João compreende melhor o que significa escutar as palavras da profecia. Ao mesmo tempo, as comunidades que vivem a perseguição do Império Romano e do Templo são estimuladas a permanecer firmes na fé e na esperança, por meio da escuta da Palavra de Deus na reunião do dia do Senhor. A esperança dos cristãos está justamente na escuta do Cristo, vencedor da morte e instaurador de um “Novo Tempo”, isto é, “um novo céu e uma nova terra” (Ap 21,1), que é a visão da “Jerusalém celeste” (Ap 21,2).

A visão da liturgia celeste, reproduzida no Apocalipse, narra que uma multidão incontável de todas as tribos e nações, vestidas de branco e com palmas nas mãos, está diante do trono de Deus para louvá-lo e adorá-lo com um grande “Amém”. Prestam culto no seu santuário, dia e noite. O Cordeiro, que está no centro do trono, será o Pastor que as conduzirá à fonte das águas vivas e enxugará todas as suas lágrimas (Ap 7,1-17).

Apocalipse 7 é a visão global de todo o povo de Deus figurada na imagem dos 144 mil diante do Cordeiro. Essa é a imagem de todo Israel (Antigo e Novo) reconciliado com Deus,³³⁷ realizando o *Shemá Israel* na liturgia celeste. Ao redor do Cordeiro está a assembleia dos vitoriosos, que testemunharam a fé e deram a vida por Ele. Amaram com coração, alma e força, a ponto de alvejar as suas vestes no seu sangue. A escuta teológico-litúrgica, nesse contexto, introduz o cristão no mistério do Cristo a ponto de sua vida ser o que escuta do encontro com Cristo. Encharcado das Escrituras pela ação do Espírito Santo, o cristão é capaz de dar a vida por Cristo. Nesse sentido, a visão profética se concretiza.

³³⁶ MAZZAROLO, I., O Apocalipse, 100.

³³⁷ ELLUL, J., Apocalipse, p. 184-186.

A visão do livro aberto nas mãos do anjo (Ap 10,1-11) traduz a missão da escuta profética da Palavra, contida no livro que ele come. A experiência que João faz com a Palavra, ao comê-la, é mística e profética: mística porque o conduz à experiência do mistério de Cristo Senhor; profética porque o coloca em ação. Nesse sentido, a escuta da Palavra de Deus leva-nos à experiência da promessa (visão veterotestamentária) que o Senhor fez com seu povo e, ao mesmo tempo, ao cumprimento dessa promessa (visão neotestamentária) em Cristo Senhor.

No entanto, Deus continua realizando em cada um de seus seguidores o que cumpriu em Cristo Senhor. A conversão a Cristo nada mais é que fazer o que Ele fez: amar e dar a vida. Por esse viés compreendemos o binômio do doce e do amargo do livro na vida do escutador da Palavra. Isso pode parecer contraditório, mas é a experiência mais profunda que o cristão é capaz de ter no testemunho profético, que, se levada até as últimas consequências no anúncio profético, leva o escutador ao martírio.

O livro aberto são as profecias mais precisas que João recebe, e ele as constitui em mensagem a todos os povos, nações, línguas e reis. O rolo é doce na boca porque é uma alegria conhecer e poder dizer o sentido da história humana, mas, ao mesmo tempo, é amargo às entranhas, porque o conteúdo da revelação são os juízos vingadores que ele proferirá contra os habitantes da terra.³³⁸

Quem faz a experiência das Escrituras pode ter o prazer adocicado da escuta, na manducação da Palavra; porém, quando a compreende e adere à palavra da profecia, a digestão se torna amarga. É aí que está a compreensão litúrgica da Palavra e do rito na vida da Igreja. O rito é justamente a via para a compreensão da Palavra, que lhe desperta e lhe facilita o entendimento e a compreensão. Quanto mais limpo o rito, melhor a compreensão da Palavra. Nesse sentido, o rito conduz a assembleia dos eleitos à escuta devota e atenta da Palavra proclamada. Daí o sentido de que a fé vem da escuta da Palavra. Esta gera experiência mística e profética nos seguidores do Cristo Senhor.

Portanto, a Palavra de Deus escutada na liturgia das comunidades cristãs é sinal sacramental do mistério de Cristo, Verbo encarnado. A Escritura suscita a fé no coração daqueles que a escutam e acolhem com veneração.³³⁹ Assim, a Igreja,

³³⁸ FÉREZ, H. M., O Apocalipse de São João, p. 137.

³³⁹ PALUDO, F.; D'ANNIBALE, M. A., A Palavra de Deus na celebração, p. 163.

pela escuta e proclamação da Palavra de Deus, faz ressoar no coração e na mente de seus filhos a Palavra de vida eterna. A Escritura, gera na vida dos fiéis comprometimento com a pessoa de Cristo, provoca adesão e fidelidade, testemunho e experiência de fé. Enfim, pela escuta da Palavra de Deus celebrada nas comunidades pós-pascuais, os cristãos foram compreendendo o que significa o *Shemá Israel* e o *Fides ex auditu* paulino.

3.

A escuta litúrgica da Escritura à luz da *Sacrosanctum Concilium*

No capítulo anterior, tratamos da escuta no sentido antropológico e bíblico, sua importância nas relações humanas, mas também na relação com Deus a partir do dado da revelação. Vimos também, à luz das Escrituras, a importância da escuta da Palavra de Deus na constituição do povo da Aliança no Antigo e no Novo Testamento. Uma Aliança que só pôde ser selada a partir da compreensão da Lei do Senhor. Podemos dizer, em forma de metáfora, que o primeiro capítulo de nossa pesquisa é o “alicerce da casa em construção”, por meio da contextualização e fundamentação do nosso estado da questão, que é a teologia da escuta litúrgica enquanto *shemá Israel* e o *fides ex auditu paulino*, em vista da escuta teológico-litúrgica.

Já neste capítulo, vamos aprofundar o conceito de escuta litúrgica da Escritura levando em consideração o que dissertamos anteriormente. Nosso objetivo é a escuta litúrgica da Escritura na comunidade cristã católica, do rito romano, porque esse foi o objetivo do Concílio Ecumênico Vaticano II, no que toca à renovação litúrgica na Constituição *Sacrosanctum Concilium*.³⁴⁰

O grande resultado do Concílio Ecumênico Vaticano II se deve à caminhada do movimento litúrgico, ao lado de outros movimentos, tais como: bíblico, patrístico e ecumênico, entre outros. Todos estes movimentos colaboraram para que tivéssemos um Concílio profundamente pastoral. O Papa João XXIII, no discurso de abertura do Vaticano II, afirmou que o *punctum saliens* do Concílio não seria a discussão de um ou outro artigo da doutrina fundamental da Igreja, mas sim uma renovada, serena e tranquila adesão a todo o ensino da Igreja na sua integridade, como foi nos Atos Conciliares, desde Trento até o Vaticano I. Para o Papa João XXIII, o espírito cristão, católico e apostólico do mundo inteiro esperava um progresso na penetração doutrinal e na formação das consciências, em perfeita consonância com a fidelidade à doutrina autêntica, mas que também fosse estudada e exposta por meio de formas de indagação e formulação literária do pensamento moderno:

³⁴⁰ SC 3.

Uma coisa é o depósito da fé, as verdades que constituem o conteúdo doutrinário propriamente dito. Outra, o modo como são expressas, mantendo-se sempre o mesmo sentido e a mesma verdade. Deve-se dar grande importância a essa maneira de exprimi-la e buscá-la com toda a paciência necessária, mostrando em que se baseia uma expressão porventura nova, como e por que convém ao magistério hoje, especialmente por razões pastorais. [...] A Igreja Católica, ao levantar no Concílio o fanal da verdade religiosa, quer se mostrar mãe amantíssima de todos. Boa, paciente, cheia de misericórdia e de bondade, inclusive para com os filhos que dela se separaram.³⁴¹

O Papa Paulo VI, por sua vez, no discurso inaugural da segunda sessão do Concílio, reafirma o que o seu predecessor, João XXIII, havia dito sobre a centralidade da segunda sessão do Concílio, de que seria a respeito da própria Igreja, com objetivo de investigar a sua essência real e fundamental missão, múltipla e salvífica:

O Concílio Ecumênico pode ser considerado uma nova primavera, que desperta forças e virtudes imensas, até agora não manifestadas na Igreja. O objetivo declarado do Concílio é retomar normas canônicas e ritos litúrgicos restabelecendo-os em seu antigo vigor. [...] A renovação, pois, a que visa o Concílio, não é uma revolução na Igreja, nem uma ruptura com suas tradições, no que têm de mais vigoroso e venerável; pelo contrário, é uma tentativa de melhor respeitar a tradição, despindo-a de formas caducas e mentirosas, em favor de modos mais genuínos e fecundos de vivê-la.³⁴²

A mensagem de Paulo VI imprime e chancela o desejo de João XXIII, no sentido de que o Vaticano II fosse uma abertura para o mundo, sem desmerecer a histórica caminhada da Igreja, mas que alçasse voos mais altos, acompanhando os avanços da sociedade contemporânea, escutando os irmãos separados, e eminentemente de caráter pastoral. No que toca à liturgia, percebemos justamente o caráter pastoral, isto é, o bem espiritual do povo de Deus e a intensificação da vida cristã dos fiéis em Cristo.³⁴³

Nesse sentido, à luz da *Sacrosanctum Concilium*, pretendemos fazer neste capítulo o seguinte percurso: na primeira parte, retornaremos às fontes, revisitando alguns Padres da Igreja dos primeiros séculos do cristianismo, para falarmos da importância da Escritura nas reuniões dominicais dos cristãos e também os movimentos bíblico, litúrgico, patrístico e ecumênico, dando maior ênfase aos dois

³⁴¹ JOÃO XXIII, PP., Discurso *Gaudet Mater Ecclesia* na abertura solene do Concílio, p. 32.

³⁴² PAULO VI, PP., Discurso de abertura do segundo período do Concílio, p. 53.

³⁴³ SC 1.

primeiros, para dizer da importância do Vaticano II, de forma bem sucinta e objetiva; e na segunda parte, o nosso foco será a escuta da Palavra de Deus na liturgia, a partir da *Sacrosanctum Concilium*, levando em consideração a *Dei Verbum*.

3.1

O retorno às fontes

Queremos iniciar este item com uma pergunta: o que significou para o Concílio Ecumênico Vaticano II, no que se refere à reforma litúrgica, o retorno às fontes? A resposta será dada no decorrer deste capítulo. Mas outra questão conectada a esta pode ser levantada: por que falar, nesta tese, de retorno às fontes patrísticas e de movimentos que antecederam o Concílio? Retornar às fontes será muito importante para o que se propõe aqui: a teologia da escuta litúrgica. É evidente que, ao fundamentar a escuta bíblica, já retornamos às fontes primeiras do judaísmo e do cristianismo, ao contextualizarmos a razão da nossa fé em Cristo, Senhor. Mas aqui, de modo especial, trataremos da fonte patrística, isto é, da importância da escuta litúrgica da Palavra de Deus nas comunidades cristãs dos primeiros séculos do cristianismo. Evidentemente, nessa época, não existiam os rituais como temos hoje. A Escritura era o livro do culto e, ao redor dela, se evidenciava a escuta litúrgica. A fé celebrada era vivenciada no dia a dia, com simplicidade, alegria e fraternidade.

O dia do Senhor, por excelência, era o “primeiro da semana”, isto é, o “Grande Dia”, o mais importante para os cristãos, porque era o dia do encontro com o “Senhor Ressuscitado”. Os Padres da Igreja registraram em muitos de seus testemunhos como era a celebração litúrgica nos primórdios do cristianismo. As reuniões semanais em um primeiro momento primavam pela escuta da Escritura e, a partir dela, todos eram exortados à fé. As preces, louvores e ação de graças brotavam da escuta litúrgica da Escritura. O caráter orante nas reuniões do “primeiro dia da semana” vinha da palavra proclamada, compreendida pela pregação e vivida no dia a dia.

Os cristãos, bebendo da fonte da Escritura, recebiam o alimento necessário para crescer no conhecimento da pessoa de Jesus e para testemunhar com coragem a sua fé. Com isso, o conhecimento da Escritura e da doutrina dos apóstolos gerava nos cristãos uma identidade com a pessoa do Cristo. Podendo falar de configuração

com Cristo pela graça do batismo, quando acolhidos na comunidade cristã.³⁴⁴ Essa configuração com Cristo era nitidamente expressa e visível no modo de viver dos primeiros cristãos, de forma que eles conseguiam externar com simplicidade o amor que tinham uns pelos outros, causando a admiração dos não cristãos.³⁴⁵

O testemunho dos cristãos expressava justamente aquilo que eles compreendiam da Escritura e da doutrina dos apóstolos nas assembleias dominicais. A escuta litúrgica da Escritura, nesse contexto, traduz o ser cristão no dia a dia. Como já mencionamos, a escuta é uma ação ativa, interativa, empática, mediadora, obediente, silenciosa, resiliente, vivificante e edificante. Enquanto, o termo liturgia, proveniente do grego clássico *leitourgia*, em sua origem, indica obra, ação ou iniciativa assumida livremente em favor do povo.³⁴⁶

Nesse sentido, o significado do termo “escuta” e “liturgia” se complementam. Pois, quando falamos de escuta, referimo-nos à obra, à ação interior que se exterioriza por meio de gestos, palavras e silêncio. Desse modo, o retorno às fontes vai nos ajudar a compreender que o ato litúrgico da escuta da Escritura é o que dá vida à comunidade. Podemos até dizer que a escuta litúrgica da Escritura é um “remédio” tão salutar à comunidade cristã que, ao tomá-lo, ela revigora sua saúde espiritual a ponto de dar a vida por Cristo.

Para os Padres conciliares, o retorno às fontes patrísticas era imprescindível para a reforma litúrgica. Trazer para nossa pesquisa esse aspecto do retorno às fontes é muito importante. Haja vista, os ventos contrários que ainda hoje enfrentamos com relação à reforma litúrgica. Tais tenções, muitas vezes, impedem a ação do Espírito na Igreja. Uma vez que é na liturgia que se evidenciam de modo visível os “ventos contrários” ao Concílio. São ventos que bloqueiam os ouvidos da comunidade cristã e ofuscam o que se celebra no mistério pascal de Cristo. Olhar pelo retrovisor nos ajudará a rever a caminhada litúrgica da Igreja, impelindo-nos, pela ação Espírito, a nova injeção de ânimo em dias de “ventos contrários”.

A visita às fontes nos ajudará também a compreender melhor a caminhada do Concílio Ecumênico Vaticano II no que refere à liturgia. Já é do nosso

³⁴⁴ RICA 2; RBC 2; AG 36.

³⁴⁵ Tertuliano escreve que os primeiros cristãos levaram tão a sério as palavras do Senhor que os pagãos exclamavam admirados: “Vede como eles se amam!” (At 4,32) (TERTULIANO, Apologético, p. 206).

³⁴⁶ MARSILI, S., Liturgia, p. 639.

conhecimento que o Concílio teve por escopo intensificar a vida cristã na Igreja Católica, e seu objetivo era: atualizar as instituições naquilo que eram suscetíveis de mudanças; favorecer o que contribuía para a união dos fiéis em Cristo; e incentivar tudo que os levava a viver na Igreja. Tanto que o Concílio julgou dever se ocupar especialmente da liturgia, que precisava ser restaurada e estimulada.³⁴⁷

Contudo, para restaurar e estimular a liturgia, os Padres conciliares sentiram-se no dever de lembrar e estabelecer alguns princípios e normas para o rito romano.³⁴⁸ Um dos princípios que toca a escuta litúrgica da Palavra Deus é o da presença de Cristo na liturgia. O Concílio preceitua que é Cristo quem fala quando se lê a Escritura na Igreja. Ele está presente na palavra proclamada.³⁴⁹ Nesse sentido, podemos entender o destaque à importância da natureza da escuta litúrgica, a partir do encontro com Cristo Palavra, que convoca, reúne e fala à *ekklesia* dos fiéis.

Os cristãos são alimentados na fé pela escuta da Palavra de Deus na liturgia. Por isso, a centralidade da Escritura no culto litúrgico, pois ela é de suma importância na celebração litúrgica e desempenha papel primordial. Ela fornece as leituras que são proclamadas na liturgia e, a partir delas, acontece a homilia. Os salmos que inspiram sentimentos se prolongam nos hinos e orações, conferindo as mais diferentes ações. Não se pode negar o esforço e o cuidado dos Padres conciliares em conservar o suave e vivo gosto pela Escritura, e ainda o desejo sincero e corajoso de alimentar-se da fonte, caracterizada pela tradição dos ritos tanto do Oriente quanto do Ocidente.³⁵⁰ Essa sintonia testifica a comunhão da Igreja Católica expressa na liturgia renovada.

Segundo A. Beckhäuser, a liturgia, ao tornar presente o mistério de Cristo, se ocupa do mistério revelado e realizado na história da Salvação. Contudo, a liturgia não inventa esse mistério, mas o lê na Escritura. Daí a afirmação de que a liturgia do mistério de Cristo é toda escriturística e, ainda, que, quanto mais escriturística for a liturgia, mais expressivo será o mistério de Cristo.³⁵¹ Já C. Vagaggini afirma que a leitura litúrgica da Escritura é a catequese bíblica da Igreja. A ignorância dos fiéis a

³⁴⁷ SC 1.

³⁴⁸ SC 3.

³⁴⁹ SC 7.

³⁵⁰ SC 24.

³⁵¹ BECKHÄUSER, A., Os fundamentos da sagrada Liturgia, p. 144.

respeito do mistério de Cristo é o resultado da falta de uma catequese bíblica. Certamente, em grande parte, a ignorância litúrgica e a sua vivência resultam também da ignorância bíblica. Vagaggini afirma também que

o mencionado modo litúrgico de ler a Bíblia, que é o modo no qual foi lida por Cristo, pelos apóstolos, pela primeira catequese cristã, pelos Padres da Igreja, penetrou assim tão profundamente a mente dos fiéis antigos e medievais que a iconografia cristã antiga e medieval (em parte também no Renascimento) é incompreensível sem ela. Toca-se com as mãos a unidade entre teologia, liturgia, cultura e arte.³⁵²

Nessa esteira da teologia litúrgica da Escritura, pontuada por C. Vagaggini, também caminharam os Padres conciliares, com intuito de tornar claro o nexos entre palavra e rito. Como lemos na Constituição *Sacrosanctum Concilium*, os Padres conciliares viram a necessidade de restaurar o uso abundante, variado e bem distribuído das Escrituras nas celebrações litúrgicas.³⁵³ Segundo P. Argárate, pode-se dizer que o ganho fundamental da *Sacrosanctum Concilium* foi o de situar a liturgia no plano teológico, como fez a *Mediator Dei*, de Pio XII. Mas ele vai além ao fundamentar a dimensão teológica do mistério pascal de Cristo. O que leva a afirmar que a liturgia é a presencialidade ritual desse mistério.³⁵⁴

Para A. Bugnini, as ações litúrgicas devem ser mais que celebrações; devem ser a exaltação de Deus pela salvação operada por Cristo e atualizada pela Igreja no Espírito Santo. O centro do mistério celebrado na liturgia é Cristo. Ele está presente a sua Igreja, diletta esposa, a qual, por meio do esposo, presta culto ao Pai. Nesse sentido, o centro do mistério celebrado na liturgia se volta para a assembleia reunida ao redor do Cristo, a fim de escutar a sua Palavra e a ela responder de forma participativa, fazendo memória e dando graças ao Pai que nos “fez renascer para uma esperança viva” (1Pd 1,3).³⁵⁵

Quando afirmamos que os Padres conciliares retornaram às fontes, estamos dizendo que eles foram fiéis à Tradição patrística e enxergaram na história da salvação o mistério pascal. Desse mistério nasce a Igreja, sacramento dos que celebram a Páscoa de Cristo. Nesse sentido, o Concílio propõe a leitura da história da salvação a partir da chave litúrgica, em que o Filho enviado pelo Pai envia os

³⁵² VAGAGGINI, C., O sentido teológico da liturgia, p. 418.

³⁵³ SC 35.

³⁵⁴ ARGÁRATE, P., A Igreja celebra Jesus Cristo, 53.

³⁵⁵ BUGNINI, A., A reforma litúrgica, p. 65.

apóstolos, impelidos pelo Espírito Santo, para anunciar o Evangelho a toda criatura (Mc 16,15).³⁵⁶

Podemos constatar no Vaticano II, a partir da *Sacrosanctum Concilium* e da *Dei Verbum*, um grande esforço dos Padres conciliares para recuperar o que se havia perdido no decorrer de séculos. O acesso à Escritura e a sua compreensão eram primordiais para a vida da comunidade cristã primitiva. Todo o ensinamento dos apóstolos parte da Escritura, como também a prática da comunidade cristã, pois é a partir da compreensão da Palavra de Deus que o cristão é orientado a viver a fé em Cristo.

O uso abundante de textos da Escritura, distribuídos ao longo do Ano Litúrgico nas celebrações, é fruto de uma longa caminhada na história da Igreja Católica. Como veremos neste capítulo, para se chegar ao Vaticano II, não se pode desmerecer o caminho que a Igreja fez desde a sua origem. Daí a necessidade de reconhecer a importância dos movimentos bíblico, litúrgico, patrístico e ecumênico.

Esses movimentos surgiram em um contexto em que o mundo passava por mudanças extraordinárias, e a Igreja necessitava avançar também. Homens e mulheres, movidos pelo Espírito Santo, foram inspirados e impelidos a dar os primeiros passos. Cada um desses movimentos contribuiu para que a Palavra Deus pudesse ser escutada com a mesma intensidade com que fora nos primórdios do cristianismo, de forma ressignificada. O que não quer dizer que a Escritura não fosse lida nas celebrações litúrgicas ao longo dos séculos.

Na visão de P. Argárate, a catequese conciliar sobre a Palavra de Deus na liturgia e a restauração dos novos lecionários, estão entre os melhores ganhos da Constituição *Sacrosanctum Concilium*. Ele ressalta que o novo lecionário da missa foi inspirado na reforma dos lecionários de outras confissões cristãs,³⁵⁷ o que testemunha a ação ecumênica da Igreja; e, por mais lento que tenha sido o passo daquilo que nos une, que é o Cristo Palavra, trata-se de um significativo avanço.

Depois de contextualizar a importância do retorno às fontes patrísticas pelos Padres conciliares, será preciso visitar alguns testemunhos valiosos de alguns Padres da Igreja para nossos tempos. Testemunhos que sustentam e contribuem para a reflexão da teologia da escuta litúrgica. Sem esse olhar teológico dos Padres dos

³⁵⁶ ARGÁRATE, P., A Igreja celebra Jesus Cristo, 53-54.

³⁵⁷ ARGÁRATE, P., A Igreja celebra Jesus Cristo, 55.

primeiros séculos, nossa pesquisa ficaria sem as paredes da “casa em construção” que pretendemos levantar. Portanto, acessemos o *link* da escuta da Escritura nos primórdios do cristianismo.

3.1.1

A escuta litúrgica da Escritura nos primeiros séculos da era cristã

Nos primeiros séculos do cristianismo, encontramos testemunhos que comprovam a importância da escuta da Escritura e da doutrina dos apóstolos nas reuniões dominicais. As cartas dos apóstolos eram lidas nas comunidades cristãs para exortar os cristãos a viver na prática do amor fraterno. Paulo faz questão de que suas cartas sejam lidas em reuniões nas casas e comunidades, evidentemente, porque deseja que escute com assiduidade a Palavra de Deus.³⁵⁸

O que marca a vida cristã das comunidades primitivas são as reuniões do “primeiro dia da semana” (Mt 28,1; Mc 16,9; Lc 24,1; Jo 20,1; At 20,7),³⁵⁹ isto é, o encontro com o Cristo, o Senhor Ressuscitado. Os Padres da Igreja³⁶⁰ também documentam importantes testemunhos a respeito das reuniões dos cristãos. Eles narram que nessas reuniões a Escuta da Escritura e a sua explicação eram essenciais para a vida dos cristãos. A compreensão da Escritura fortalecia os cristãos na fé e estimulavam a praticá-la no dia a dia. Nesses encontros dominicais, todos os que tinham abraçado a fé em Cristo eram exortados quanto ao modo de proceder em sociedade:

Meu filho, lembra-te dia e noite daquele que anuncia a Palavra de Deus e honra-o como ao Senhor, pois onde a sua soberania é proclamada aí está presente o mestre. Procurarás cada dia a companhia dos santos, para encontrares apoio nas suas palavras. Não provocarás divisões: restabelecerás antes a paz entre aqueles que discutem. Julgarás com justiça e não farás acepção de pessoas na correção das faltas. Não ficarás a perguntar a ti próprio o que daí resultará ou não para ti.³⁶¹

³⁵⁸ O testemunho mais antigo sobre a importância da Escritura e o ensinamento dos apóstolos nas reuniões dominicais se encontra em 1Ts 5,27: “Rogo-vos insistentemente, pelo Senhor, que esta carta seja lida a todos os irmãos”. Um segundo testemunho importante se encontra em Cl 4,15-16: “Saudai, por mim, os irmãos de Laodiceia, especialmente Nínia e a igreja que se reúne em sua casa. E assim que esta carta for lida na vossa comunidade, fazei que seja lida também na igreja de Laodiceia”.

³⁵⁹ Também chamado de “dia do Senhor” (Ap 1,10).

³⁶⁰ Ressaltamos que não trabalharemos o pensamento de todos os Padres da Igreja, mas apenas os textos mais relevantes para nossa pesquisa.

³⁶¹ DIDAQUÉ, Instrução do Senhor aos gentios, p. 101-102.

Entendemos que o modo de proceder dos cristãos entre si era fruto da escuta da Escritura e do ensinamento recebido nas assembleias litúrgicas. Ao mesmo tempo, aquele que ensinava a Escritura tinha o respeito de todos, assim como se respeita o próprio Senhor. O modo de viver em sociedade deve ser na companhia dos santos, para se obter o apoio necessário para viver a Palavra de Cristo. Na verdade, os cristãos faziam a diferença no modo de viver em sociedade pela sua autenticidade e fidelidade à Escritura e à doutrina dos apóstolos, compreendida e celebrada na liturgia do “primeiro dia da semana”.

O “primeiro dia”, denominado pela expressão grega *kyriachè* (*heméra*) e pela expressão latina *dies dominicus*, revela bem o significado da liturgia dominical dos primeiros cristãos ao redor da Palavra do Senhor Ressuscitado. Tais expressões exprimem o verdadeiro sentido do “dia do *Kýrios*”, dia do Senhor vitorioso, dia memorial da ressurreição.³⁶² A Didaqué, por exemplo, chama o Domingo de “dia do Senhor”. Nessa reunião dominical era exigida a reconciliação dos cristãos e cada um se via na condição de viver em permanente estado de conversão pessoal e comunitária, sem a qual o culto divino perderia o seu sentido:

Reúnam-se no dia do Senhor para partir o pão e agradecer, depois de ter confessado os pecados, para que o sacrifício de vocês seja puro. Aquele que está de briga com seu companheiro não poderá se juntar a vocês antes de se ter reconciliado, para que o sacrifício que vocês oferecem não seja profanado [...] Reuni-vos com frequência, para buscar o que interessa às vossas almas, pois de nada vos servirá todo o tempo da vossa fé, se no último momento não vos tiverdes tornado perfeitos.³⁶³

A insistência para que os cristãos se reúnam com frequência, como está na Didaqué, leva-nos a pensar na sacramentalidade da assembleia cristã³⁶⁴ e a crer que a escuta litúrgica da Escritura era decisiva para a fé dos fiéis. Nessas assembleias dominicais, os vínculos entre os cristãos se fortaleciam enquanto corpo de Cristo e corpo eclesial.³⁶⁵ A ausência do cristão nas assembleias dominicais enfraquecia o seu crescimento na fé e aos poucos perdia a unidade com o corpo de Cristo, isto é, a Igreja. Os Padres da Igreja primavam por essa comunhão dos cristãos com Cristo

³⁶² BRANDOLINI, L., Domingo, p. 309.

³⁶³ DIDAQUÉ, Instrução do Senhor aos gentios, p. 106.

³⁶⁴ G. Cola explora de forma magistral a *ratio celebrans* dos Santos Padres: fé e teologia na assembleia e para a assembleia, em sua tese doutoral (COLA, G. C., O sacramento-assembleia, p. 52-67).

³⁶⁵ GIRAUDO, C., Redescobrimo a Eucaristia, p. 43-49.

e com a comunidade. A configuração dela com o corpo de Cristo iniciava-se pela escuta, compreensão e vivência da Escritura, em perfeita comunhão com a comunidade cristã. Nesse sentido, os cristãos, convocados pela Palavra, se colocavam à escuta da Escritura, enquanto o tempo permitisse, como afirma Justino de Roma:

No chamado dia do sol, reúnem-se num mesmo lugar todos os que moram nas cidades ou nos campos, e leem-se, na medida em que o tempo permite, as memórias dos apóstolos ou os escritos dos profetas. Quando o leitor termina, o presidente toma a palavra para fazer uma exortação, convidando os presentes a imitar tão belos ensinamentos. A seguir pomonos de pé e elevamos as nossas preces.³⁶⁶

Este fragmento do texto de Justino de Roma é uma preciosidade. Ele não só narra a celebração do “dia do sol” como também nos ajuda a compreender a centralidade da assembleia litúrgica celebrada no dia do Senhor. Podemos afirmar, portanto, com base no texto de Justino de Roma, que o tempo para a escuta da Escritura era longo, isto é, enquanto o tempo permitisse. Esse testemunho fundamenta a importância da escuta da Palavra de Deus na liturgia. A leitura abundante das Escrituras e o tempo dedicado à sua escuta era fundamental para a compreensão da Escritura e o ensinamento dos apóstolos. O encantamento pela pessoa de Cristo passa pela via da escuta da Escritura, pois é a partir dessa compreensão que se conhece e se compromete com Cristo.

O aspecto da exortação a imitar os belos exemplos daqueles que escutaram e acolheram a Palavra de Cristo e por ela deram a vida, comprova a importância e a natureza da homilia na *ekklesia* dos fiéis. Além de ser uma exortação à vida de fé, à comunhão fraterna, é também um convite à prática diária do que se escutou da Escritura. Nesse sentido, podemos dizer que a escuta litúrgica da Palavra de Deus é obra e ação de Cristo na vida da pessoa pela ação do Espírito Santo. O ensinamento da Escritura que não passa pela ação do Espírito não é um ensinamento cristão, pois é o Espírito que aquece e ilumina o coração e a mente dos cristãos para compreenderem o que se ouvem da Escritura. Sem o Espírito Santo fica difícil afirmar que existe cristianismo, uma vez que é ele quem conduz os seguidores de Jesus a viver a fé até o martírio, se preciso for.

³⁶⁶ JUSTINO DE ROMA, Apologia I, p. 148.

Tertuliano de Cartago tem um testemunho muito parecido com o de Justino de Roma, com relação à reunião dos cristãos para a escuta da Escritura. Tertuliano escreve que a reunião que os cristãos faziam era para assaltar Deus em suas orações, como um batalhão serrado. Essa violência, segundo ele, era agradável a Deus. Oravam pelos imperadores, pelos seus ministros e pelas autoridades, pelo estado presente no universo, pela paz no mundo e pelos tempos sem fim. Mas um dos motivos principais para a reunião dos cristãos era para escutar a Escritura:

Reunimo-nos para a leitura das Sagradas Escrituras, pois aquilo que se passa neste tempo leva-nos a buscar nelas luz para entender o futuro e compreender o passado, além disso, com essas santas palavras, alimentamos a nossa fé, elevamos a nossa esperança, fortalecemos a nossa confiança, estreitamos também a nossa disciplina e inculcamos os mandamentos. Em tais assembleias realizam-se também exortações, avisos e repreensões em nome de Deus. Entre nós julga-se com muito cuidado, pois temos a certeza de estar na presença de Deus. E seria um mau precedente para o juízo futuro, se algum de nós procedesse tão mal que viesse a ser afastado da comunhão na oração, das reuniões e de toda esta santa amizade.³⁶⁷

Nesse testemunho de Tertuliano vislumbra-se o real sentido da reunião semanal dos cristãos: a escuta da Escritura. Os cristãos, em contato com a Palavra de Deus, compreendiam o tempo presente e, à luz da Escritura, buscavam compreender o passado e entender o futuro. Pela escuta do testemunho dos profetas e apóstolos, os cristãos solidificavam a fé em Cristo vivendo o presente, que era marcado por perseguições, mas também pelo testemunho, até a morte, por amor a Jesus Cristo. A escuta litúrgica da Palavra de Deus os ajudava também a entender o futuro. Nesse aspecto, os cristãos têm diante de seus olhos o futuro escatológico: um “novo céu e nova terra” (Ap 21,1; Is 66,22).

Assim, em cada reunião, os cristãos eram robustecidos na fé pela Escritura. O conhecimento que eles adquiriam da Palavra de Deus e da pregação os alimentava na fé, elevava as suas esperanças e fortalecia a confiança em Cristo.³⁶⁸ Com isso, progrediam em uma disciplina exemplar pela compreensão e vivência dos mandamentos do Senhor. Aliás, como escreve Tertuliano, era nessas assembleias que se realizavam as exortações, os avisos e a repreensão em nome de Deus aos

³⁶⁷ TERTULIANO, Apologético, p. 210.

³⁶⁸ Em um texto antigo, Pseudo-Justino encontra a afirmativa de que a Palavra de Deus refletida, contada e escutada no canto tem força para repelir o inimigo e levar a pessoa a progredir nas virtudes que provêm dos cânticos piedosos (PSEUDO-JUSTINO, Perguntas e respostas aos ortodoxos, p. 153).

cristãos. Salientamos que tudo era feito com muito cuidado e prudência para que ninguém fosse afastado da comunidade e das santas amizades.

Clemente de Roma exorta os cristãos de Corinto a viverem como verdadeiros eleitos de Deus, guardando zelosamente a Palavra de Cristo no fundo de suas entranhas, para serem saciados do desejo de praticar o bem e espalhar a todos a abundante efusão do Espírito Santo. Além disso, estimula-os à sinceridade e à simplicidade para sustentarem a vida fraterna e manter a integridade. Segundo Clemente, os preceitos e as decisões do Senhor devem estar inscritos com largueza no coração da comunidade cristã, para que ela possa viver a santidade, e qualidades como justiça, paz, temor a Deus, humildade e obediência e, ainda, sustentar a fé dos cristãos em Cristo, trazendo-lhes felicidade. Em contrapartida, o contratemunho compromete fortemente a comunidade, deixando o coração dos cristãos tomado por paixões do mal, isto é, inveja injusta e ímpia, causando-lhes a morte no mundo.³⁶⁹

Igualmente, Clemente de Roma afirma que Deus ouve o coração dos simples e os convoca a escutá-lo. Em Cristo, pela ação do Espírito Santo, o Senhor ensina o seu temor, afasta do mal e ordena a praticar o bem. Os ouvidos do Senhor estão atentos às nossas súplicas. Ele escuta o clamor dos justos e os livra das tribulações; envolve de misericórdia o pecador que se converte das suas tribulações.³⁷⁰

Portanto, nota-se, pelo que se lê nos textos de Clemente de Roma, que a comunidade cristã de Corinto estava passando por muitas tribulações e perseguições, pois alguns tinham fracassado na fé e outros, por medo de serem perseguidos, não estavam vivendo o que haviam aprendido das Escrituras e da doutrina dos apóstolos, deixando de obedecer aos preceitos do Senhor. Por isso, ele exorta a comunidade ao arrependimento e à conversão, pois ela era contada entre os que pertenciam a Cristo e tinham sido salvos para a glória celeste. Desse modo, escutar a Sabedoria é fundamental para solidificar a fé em Cristo na obediência e na prática dos preceitos do Senhor.

Já Inácio de Antioquia escreve sobre a importância da escuta da Escritura na assembleia dos cristãos. Segundo ele, nas assembleias dominicais, os cristãos escutavam as Escrituras e alimentavam a sua fé em Cristo. Todo agradecimento e

³⁶⁹ CLEMENTE ROMANO, Primeira Carta de Clemente aos Coríntios, p. 23-26.29.32-33.37.39-40.

³⁷⁰ CLEMENTE DE ROMO. Primeira Carta de Clemente aos Coríntios, p. 40-41.

todo louvor brotavam de um coração aquecido pela escuta da Palavra de Deus. Afirma que, ainda, o cristão é reconhecido pelas suas boas obras e, ao mesmo tempo, pela perseverança na fé. Portanto o ensinamento deve ser coerente com o que se vive. Quando se fala daquilo que faz, é digno de reconhecimento. De fato, o único é aquele que disse e era, Jesus Cristo. Inácio Antioquia escreve ainda que

aquele que possui verdadeiramente a palavra de Jesus pode escutar também seu silêncio, a fim de ser perfeito, para realizar o que diz ou para ser conhecido pelo seu silêncio. Nada está escondido para o Senhor, mas até nossos segredos estão junto dele. Portanto, façamos tudo como se ele morasse dentro de nós, para sermos templos dele e ele próprio ser o nosso Deus dentro de nós, como o é de fato e como aparecerá diante de nossa face, se o amarmos justamente.³⁷¹

Aquele que possui a palavra de Jesus pode até escutar o seu silêncio. Esse “silêncio”, na perspectiva de Inácio de Antioquia, pode ser visto como um processo *kenótico* da pessoa que vive a sua fé em Cristo. E a melhor pregação do cristão será a prática do amor e da justiça. Com relação à obediência, ela acontece na *kênosis* da escuta da palavra de Cristo. Quanto mais o cristão esvazia-se de si mesmo, mais ele se enche de Cristo e mais obediente a Cristo se torna. Ele passa a ser a casa do próprio Deus. O amor a Cristo iluminará a sua face. Nesse sentido, a identificação e a configuração com Cristo é processual e de profundo silêncio *kenótico*. Quanto mais a comunidade permanecer firme no ensinamento do Senhor e na doutrina dos apóstolos, melhor será a sua caminhada na prática do bem.

São Jerônimo afirma que só se pode chegar a Cristo a partir da leitura e da compreensão da Sagrada Escritura. Ele escreve que, quando lê o Evangelho, enxerga os testemunhos da lei e dos profetas, compreende que falam de Cristo. Não rebaixa a lei nem os profetas, pelo contrário, os louva, porque estão proclamando o Cristo. Ele acrescenta que ao ler a lei e os profetas, não se detém neles, mas que, por meio deles, chega a Cristo.³⁷² Diz ainda que “aquele que não conhece as Escrituras, não conhece o poder de Deus nem a sua sabedoria. Ignorar as Escrituras é ignorar a Cristo”.³⁷³

³⁷¹ INÁCIO DE ANTIOQUIA, Cartas aos Efésios, p. 87.

³⁷² SÃO JERÔNIMO, Homilia 06, p. 16.

³⁷³ SÃO JERÔNIMO, Comentário ao profeta Isaías, p. 774.

Enquanto João Crisóstomo, apelidado de “boca de ouro” por causa de seus longos e profundos sermões,³⁷⁴ escreve citando o apóstolo Paulo, que se deveria acreditar pela audição, porque a fé vem do ouvido (Rm 10,17). Segundo João Crisóstomo, aqueles que escutam a Palavra que Deus transmitem e compreendem que ela é mais sublime do que os próprios milagres. Faz-se mister crer em Deus, que fala e opera milagres, e, igualmente, obedecer-lhe. De fato, as obras e os milagres provêm da Palavra de Deus.³⁷⁵

Já Cesário de Arles, em seus sermões, aconselha os jovens que estão com boa saúde a que se levantem e ofereçam seu lugar nas assembleias litúrgicas às pessoas que sofrem de qualquer enfermidade, a fim de poder escutar, de ouvidos atentos e coração sedento, o que se lê na Palavra de Deus.³⁷⁶ Para ele, a Palavra de Deus tem o mesmo valor do Corpo de Cristo e o mesmo cuidado que se tem ao comungar do corpo de Cristo deve se ter com a escuta da Escritura. Assim, escreve:

Faço-vos uma pergunta, irmãos e irmãs, dizei-me: o que tem mais valor, segundo vós, a Palavra de Deus ou o Corpo de Cristo? Se quiserdes responder com verdade, deveis certamente dizer que a Palavra de Deus não é menos valiosa que o Corpo de Cristo. Desse modo, que cuidado por nós pomos, quando nos dão o Corpo de Cristo, em não deixar que das nossas mãos caia por terra nenhuma das suas parcelas! De modo semelhante devemos ter idêntico cuidado a fim de não deixarmos escapar do nosso coração a Palavra de Deus que nos é dirigida, pensando ou falando doutra coisa; com efeito, aquele que escuta com negligência, permite que o corpo de Cristo caia por terra.³⁷⁷

O testemunho de Cesário de Arles, ao narrar o cuidado que devemos ter com a Escritura, corpo de Cristo, leva-nos a compreender a primazia da Escritura na liturgia da comunidade cristã. A Escritura alimenta e nutre os cristãos na fé. A parte principal da liturgia da Palavra é constituída pela proclamação da Sagrada Escritura.³⁷⁸ O Concílio Vaticano II, em sintonia com os Padres da Igreja, afirma que, quanto mais a Palavra de Deus for oferecida aos fiéis, maior acesso eles terão aos tesouros da Bíblia.³⁷⁹ É a Escritura que fornece as leituras que são explicadas na homilia.³⁸⁰

³⁷⁴ AQUINO, F., Conhecendo um pouco a vida de São João Crisóstomo, doutor da Igreja, p. 1.

³⁷⁵ SÃO JOÃO CRISÓSTOMO, Comentário às Cartas de São Paulo, p. 346-349.

³⁷⁶ CESÁRIO DE ARLES, Sermão 78,2, p. 1403.

³⁷⁷ CESÁRIO DE ARLES, Sermão 78,2, p. 1404.

³⁷⁸ IGMR 55.

³⁷⁹ SC 52.

³⁸⁰ DV 24.

Os preciosos testemunhos dos Padres da Igreja comprovam a seriedade no ensinamento da Escritura e a doutrina dos apóstolos nos primeiros séculos. Como já destacamos, desde a origem do cristianismo, a Escritura tem primazia na liturgia. O primeiro alimento a ser servido no rito da liturgia cristã católica é a Palavra, corpo de Cristo. Não é um aperitivo, mas um alimento substancioso e sólido,³⁸¹ porque é o próprio Cristo a alimentar os amigos com a sua Palavra. Por isso, a preocupação primeira para com os que desejam abraçar a fé cristã era iniciá-los na Escritura, como veremos a seguir. Sem o conhecimento da Palavra não era possível ser cristão.

3.1.1.1

A escuta da Escritura na preparação dos catecúmenos

A catequese mistagógica nos séculos III e IV era compreendida como processo de aprendizado global, o qual ajudava os neófitos a se tornarem discípulos de Cristo. A espiritualidade, a liturgia e a pedagogia se conectavam e dialogavam entre si. A mistagogia, nesse contexto, funcionava como chave de leitura para entender a catequese catecumenal nesses séculos.³⁸² Para E. Mazza, a mistagogia é a “teologia dos primeiros tempos” nas catequese batismais.³⁸³

A preparação dos candidatos e a iniciação à vida cristã nos primeiros séculos fundamentavam-se na escuta da Palavra de Deus. Não se fazia cristão por atacado, mas se tornava cristão por convicção. A preparação dos catecúmenos compreendia o conhecimento da Escritura e da doutrina dos apóstolos, e a pessoa era livre para fazer ou não a sua opção por Cristo. Aqueles que desejavam abraçar a fé em Cristo e pertencer à comunidade dos cristãos eram iniciados por meio de uma preparação intensa e consistente. Não se admitia ninguém à comunidade cristã se já não tivesse clareza de sua conversão e adesão à pessoa de Jesus Cristo. O imperativo *shemá Israel* (cf. Dt 6,4), como o primeiro mandamento para o antigo Israel, continua sendo também para o Novo Israel. A escuta e a compreensão da Palavra de Deus são essenciais para pertencer à comunidade dos discípulos de Jesus.

³⁸¹ Santo Efrém afirma que a Palavra de Deus é a árvore da vida, que oferece um fruto bendito. Quem dele come recebe o alimento espiritual (EFRÉM, Diácono, Comentário sobre o Diatéssaron, p. 440).

³⁸² COSTA, R. F., A mistagogia em Cirilo de Jerusalém, p. 15-16.

³⁸³ MAZZA, E., La Mistagogia, p. 6-7.

Os catecúmenos eram preparados por uma sólida catequese, com base na Escritura.³⁸⁴ Segundo Tertuliano, aqueles que tinham a função de batizar deviam saber que o batismo não se dava de qualquer maneira. Ele afirmava que os candidatos ao batismo precisavam conhecer primeiro a pessoa de Cristo, mediante a compreensão da Escritura, para não ser enganados por quem buscava o batismo sem a conversão. Justificava isso dizendo que, se compreendêssemos a importância do batismo, temeríamos mais a recepção apressada do que a protelada, e que a fé íntegra está segura da salvação. Quanto à preparação para o batismo, Tertuliano escreveu que os candidatos deviam invocar o nome de Deus com orações fervorosas, com jejuns, genuflexões e orações, além de confessar todos os pecados do passado.³⁸⁵

Hipólito de Roma segue uma metodologia semelhante no que se refere à preparação dos catecúmenos. Os candidatos ao batismo eram iniciados na fé cristã a partir da escuta da Escritura e da doutrina dos apóstolos. Contudo, antes de escutar a Palavra de Deus, deviam passar por um exame rigoroso de admissão ao catecumenato e só depois ser introduzidos à reunião dos cristãos para ouvir a Palavra de Deus:

Os que são trazidos, pela primeira vez, para ouvir a Palavra, sejam primeiramente levados à presença dos doutores, antes de o povo chegar, e pergunte-se-lhes o motivo pelo qual se aproximam da fé. Deem testemunho deles os que os trouxeram, para que se saiba se são capazes de ouvir a Palavra; sejam, também, interrogados sobre o seu estado de vida: se tem mulher, se é escravo. Se algum deles for escravo de um fiel, e o seu senhor lho permitir, ouça a Palavra; mas, se o senhor não der testemunho dele dizendo que é bom, seja recusado. Se o seu senhor for pagão, seja ensinado a agradar ao senhor, para evitar calúnias [...] Se alguém estiver possuído pelo Demônio, não ouça a Palavra da doutrina enquanto não for purificado.³⁸⁶

Hipólito apresenta a seriedade no acolhimento do catecúmeno e, ao mesmo tempo, a importância dada ao desejo do candidato à vida cristã. Não bastava querer ser cristão, mas era necessário apresentar o motivo pelo qual queria abraçar a fé cristã.³⁸⁷ Além do parecer do candidato, ressalta-se também o testemunho dos

³⁸⁴ A obra de Tertuliano sobre o Batismo é de grande importância para a história da liturgia da iniciação cristã, pois é o primeiro e único tratado antes do Concílio de Niceia.

³⁸⁵ TERTULIANO, O Batismo, p. 215-217.

³⁸⁶ HIPÓLITO DE ROMA, Entrada em catecumenado, p. 249.

³⁸⁷ Trata-se aqui de uma aceitação por parte do candidato, e não da inscrição para o Batismo.

introdutores. Estes confirmavam ou não se eles estariam aptos a escutar a Palavra de Deus e a doutrina dos apóstolos na reunião litúrgica da comunidade cristã.

No texto, Hipólito destaca a importância da formação bíblica dos catecúmenos. Na verdade, segundo ele, a compreensão da Escritura é que dá razão do querer ser de Cristo. Não é possível conhecer Cristo sem o conhecimento da Palavra de Deus. Portanto para poder assumir com liberdade o novo modo de viver em sociedade, por meio da conversão a Cristo, é necessária, *a priori*, a compreensão da Escritura. A opção por Cristo parte de uma decisão pessoal e livre. Não se torna cristão por obrigação, mas por amor livre a Cristo e a sua comunidade.

Ele apresenta, ainda, os pormenores sobre a admissão e a preparação dos catecúmenos. Depois de um rigoroso exame, iniciava-se o tempo da preparação de aproximadamente três anos, como escreve Hipólito: “Os catecúmenos ouvirão a Palavra, durante três anos. Portanto, se algum deles for zeloso e aplicá-la a si com empenho, não se julgará o tempo, mas apenas a sua conduta”.³⁸⁸

Desse modo, durante esse triênio os catecúmenos recebiam as instruções dos catequistas (chamados também de doutores) e, por fim, eram submetidos a um novo exame, para serem admitidos à preparação imediata do Batismo, da Confirmação e da Eucaristia. Nessa segunda etapa, já próxima dos sacramentos, eles eram admitidos (eleitos) a escutar o Evangelho e, no sábado santo, passavam a noite inteira em vigília, escutando sobre as Escrituras e as catequeses. Então, ao cantar do galo, fazia-se a oração sobre a água e em seguida realizava-se o Batismo, a Confirmação e finalmente a celebração eucarística com a participação dos neófitos.³⁸⁹

Os pormenores e detalhes das etapas concretas do catecumenato, apontados por Hipólito de Roma, nos permitem perceber a importância da Escritura na realidade da vida cristã primitiva. Toda a comunidade estava empenhada na preparação e no acompanhamento dos candidatos. A prolongada preparação permitia verificar se o comportamento deles era mesmo de conversão. Eles não eram admitidos a uma fé apenas interior, mas a um estilo de vida. Sendo que até a

³⁸⁸ HIPÓLITO DE ROMA, O catecumenado, p. 250.

³⁸⁹ NOCENT, A., Iniciação cristã, p. 595-596.

profissão devia ser condizente com a prática do evangelho, testemunhado diante de todos.³⁹⁰

Interessante destacar a prática da oração comunitária e individual na preparação dos catecúmenos: “Quando o doutor tiver acabado de dar a catequese, os catecúmenos vão rezar à parte, separados dos fiéis”.³⁹¹ Depois da leitura e da explicação da Palavra de Deus pelo catequista, cada candidato devia assumir como regra de vida os ensinamentos e se converter à Lei do Senhor. Nesse sentido, o Espírito Santo é quem transformava o coração de cada um. O gesto indicativo da ação do Espírito pode ser entendido pela imposição das mãos dos catequistas sobre os catecúmenos que estão sendo instruídos à Escritura.³⁹²

São Cirilo, bispo de Jerusalém, cuja atividade pastoral é testemunhada em seus sermões, com base na Escritura e na Tradição,³⁹³ foi também um grande catequista. Em suas catequeses pré-batismais, encontramos valiosos relatos sobre a preparação dos catecúmenos a partir da escuta das Escrituras. Quanto aos catecúmenos assim escreve:

És chamado catecúmeno: Quanto fora, foste envolvido por sons: ouvindo a esperança e não a vendo; ouvindo mistérios e não os compreendendo; ouvindo as Escrituras sem ver a sua profundidade. Já não ouves os sons fora, mas os mesmos ressoam no teu interior. Na verdade, o Espírito que habita em ti fará de tua alma uma morada divina. Quando ouves o que se escreveu sobre os mistérios, então entenderás o que ignoravas [...] Entraste para a luta. Suporta a corrida. Não tens outra ocasião como esta.³⁹⁴

A escuta dos sons no interior do catecúmeno, a qual Cirilo de Jerusalém menciona, faz-nos compreender o eco da Palavra de Deus ressoando na vida daqueles que se abrem à ação do Espírito Santo, cuja morada é o interior da pessoa humana. Os mistérios do qual ele fala é o mistério do próprio Cristo. Em outras palavras, Cirilo de Jerusalém, nas catequeses pré-batismais, exorta os catecúmenos a escutarem o que está na Escritura sobre Cristo (mistérios). Se assim o fizer entenderá o que ignorava. A compreensão dos mistérios mudará a vida dos catecúmenos na corrida e na luta por Cristo.

³⁹⁰ GIBIN, M., Introdução, p. 7-34.

³⁹¹ HIPÓLITO DE ROMA, O catecumenado, p. 250.

³⁹² GIBIN, M., Introdução, p. 7-34.

³⁹³ CCDDS, Liturgia das Horas, v. II, p. 1476.

³⁹⁴ CIRILO DE JERUSALÉM, Catequese preliminar, p. 535.

Nas catequese pré-batismais e mistagógicas, Cirilo de Jerusalém indica que tanto na celebração dos sacramentos quanto nas instruções, algumas vezes a palavra “mistagogia” pode significar a ação de salvação naquele que acolhe o mistério de Deus e de seu mediador.³⁹⁵

Após uma preliminar introdução às catequese pré-batismais, há mais dezoito homilias catequéticas que Cirilo de Jerusalém faz sobre a fé cristã, fundamentadas na Escritura e na Tradição, a partir de temas centrais da fé cristã, inclusive dos pormenores dos artigos do Credo. Ele fundamenta cada artigo do Credo na Escritura, no Antigo e no Novo Testamento. As catequese pré-batismais são precedidas de uma leitura bíblica, e os catecúmenos, ao receberem da Igreja o conhecimento da Escritura, recebem também o que devem crer:³⁹⁶

Discípulos do Novo Testamento, partícipes dos mistérios de Cristo, agora que apenas por chamado, logo mais também, pela graça, criai em vós um coração novo e um espírito novo, para que haja alegria entre os moradores do céu. Se, conforme o Evangelho, há alegria por causa de um único pecador que se converte, quanto mais a salvação de tantas almas.³⁹⁷

Os catecúmenos recebem de Cirilo os ensinamentos da fé cristã com a reverência de quem transmite os mistérios com fundamentos escriturísticos. Com um método bem parecido com os da escola de Alexandria, de Clemente e de Orígenes, Cirilo apresenta a teologia dos textos da Escritura aos catecúmenos com um exímio conteúdo doutrinário.³⁹⁸

Ele exorta os “iluminandos” a tomarem cuidado com as vãs filosofias fundamentadas em tradições humanas. Ao falar das Escrituras, afirma: “Tudo o que ensinam as Escrituras é divinamente inspirado do Antigo e Novo Testamento. Um é o Deus dos dois testamentos”.³⁹⁹ E exorta a escutar a leitura das verdades da fé e memorizá-las, pois, a seu tempo, seria oferecida a confirmação tirada das Divinas Escrituras acerca dos artigos da fé. E acrescenta:

Como a semente de mostarda em pequeno grão contém muitos ramos, assim também esta fé, em poucas palavras, compreende todo o conhecimento contido no Antigo e

³⁹⁵ COSTA, R. F., A mistagogia em Cirilo de Jerusalém, p. 17-18.

³⁹⁶ COSTA, R. F., A mistagogia em Cirilo de Jerusalém, p. 44-45.

³⁹⁷ CIRILO DE JERUSALÉM, Catequese I aos iluminandos, p. 537.

³⁹⁸ COSTA, R. F., A mistagogia em Cirilo de Jerusalém, p. 45-46.

³⁹⁹ CIRILO DE JERUSALÉM, Catequese IV aos iluminandos, p. 540-542.

Novo Testamento. Vede, irmãos, e mantende as tradições que agora recebeis e gravai-as em vosso coração.⁴⁰⁰

Nas catequese pré-batismais de Cirilo de Jerusalém, destaca-se, portanto, o processo de iniciação cristã com conteúdo doutrinal sólido e fecundidade pastoral. A centralidade de toda sua catequese está prioritariamente na Escritura, como pode ser comprovado por suas homilias. Verificamos, assim, que a sua metodologia catequética reúne a contemplação da mensagem da Escritura, a reverência ao mistério no qual os catecúmenos serão inseridos pelo Batismo e o convite a acolher com liberdade o mistério da Salvação na sua vida pessoal.⁴⁰¹

Quanto às catequese mistagógicas de Ambrósio de Milão, podemos encontrar nelas as mais importantes fontes para conhecer a metodologia ocidental de iniciação cristã no século IV, pois, com sua genuína metodologia catequética, torna-se a única testemunha sobre o assunto no Ocidente cristão dos séculos IV e V; diferentemente das abundantes descrições e interpretações dos Ritos de iniciação cristã encontrados no Oriente.⁴⁰²

O fio condutor na preparação dos catecúmenos era a Escritura, principalmente no que se refere ao ensino moral. Assim, a Palavra de Deus inicia o processo de configuração como alimento espiritual na vida daquele que se coloca pronto a abraçar a vida nova em Cristo. Após percorrer longo processo catecumenal, na noite da vigília pascal era celebrado o Batismo, a Confirmação e a Eucaristia. Cada ação ritual apresenta os elementos fundamentais da vida nova em Cristo. Os sacramentos da iniciação cristã configuram-se no único e mesmo mistério de Cristo. Aliás, Ambrósio e os demais Padres veem nesses sacramentos uma progressão conectiva com o mistério na sequência de um para o outro no ato celebrativo. O roteiro à iniciação cristã tinha seu ápice na Páscoa. Os neófitos, durante o tempo pascal, eram ajudados por Ambrósio a se dar conta da Salvação que receberam e da sua pertença à comunidade cristã. Além dos sinais externos, o que marcava esse tempo eram as catequese mistagógicas. Por meio delas os neófitos tinham condições de receber o alimento sólido da Escritura, isto é, os mistérios. Eles aprendiam com Ambrósio

⁴⁰⁰ CIRILO DE JERUSALÉM, *Catequese V aos iluminandos*, p. 543-544.

⁴⁰¹ COSTA, R. F., *A mistagogia em Cirilo de Jerusalém*, p. 51.

⁴⁰² BENEDITO, A. L., *A sacramentalidade da Palavra de Deus*, p.131.

que, por meio dos mistérios, Deus continuava realizando a sua obra salvadora e participavam desse processo.⁴⁰³

Ambrósio explica aos neófitos o sentido do gesto do *Éffeta*. Segundo ele, assim como, no Evangelho, Cristo toca os ouvidos e a boca de um surdo-mudo, e, ao dizer *Éffeta*, “Abre-te”, faz com que os ouvidos do ser humano se abram imediatamente e a língua se solte, e este comece a falar corretamente (cf. Mc 7,32-35), o sacerdote, ao tocar os ouvidos dos neófitos na liturgia do sábado santo, abre-lhes a escuta para a Palavra de Deus em seu sermão. Ambrósio chama esse gesto de “mistério da abertura”, porque abre os ouvidos para a Palavra de Deus e a boca para falar das maravilhas de Deus em sua vida:

O que fizemos sábado? A abertura: esses mistérios da abertura foram celebrados quando o sacerdote tocou os teus ouvidos [...] O que significa isso? No Evangelho, nosso senhor Jesus Cristo, ao lhe apresentarem um surdo mudo, tocou-lhes a seus ouvidos *Éffeta*. O termo é hebraico e, traduzido, significa abre-te. Portanto, o sacerdote tocou teus ouvidos para que teus se abrissem a Palavra e ao sermão do sacerdote. [...] Porque era mudo tocou-lhes a boca; como não podia falar sobre os sacramentos celestes, recebia assim a Palavra de Cristo.⁴⁰⁴

Portanto, Ambrósio, na catequese para os neófitos, ensina a partir da Escritura, a fim de que eles sigam o caminho dos patriarcas e obedeçam à palavra de Deus. Assim, renovados pelo Batismo, mantenham o gênero de vida que convém àqueles que foram purificados. Insiste em que os novos cristãos devem abrir os ouvidos e aspirar ao bom odor da vida eterna, que vem sobre eles pelo dom dos sacramentos. Celebrar os mistérios de abertura, para Ambrósio, é celebrar o mistério que Cristo celebrou no Evangelho. Ao tocar-lhe a boca, Cristo curava um mudo e, ao desbloquear-lhe os ouvidos, infundia-lhe o som da palavra,⁴⁰⁵ para que acolhesse a fé pela escuta das Sagradas Escrituras e da pregação.⁴⁰⁶

⁴⁰³ BENEDITO, A. L., A sacramentalidade da Palavra de Deus, p. 134.

⁴⁰⁴ SANTO AMBRÓSIO, Livro 1 – Sobre os sacramentos, p. 31.

⁴⁰⁵ SANTO AMBRÓSIO, Sobre os mistérios, p. 81.

⁴⁰⁶ O Ritual de Batismo de Crianças (RBC) conserva, como rito complementar, o gesto de tocar os ouvidos e a boca, acompanhado da seguinte oração: “O Senhor Jesus, que fez os surdos ouvir e os mudos falar, te conceda que possas logo ouvir sua Palavra e professar a fé para louvor e glória de Deus Pai. Amém” (RBC 159). Já no Ritual de Iniciação Cristã de Adultos (RICA), este gesto acontece no rito de acolhida dos catecúmenos. Eles são assinalados com o sinal da cruz nos sentidos da audição, acompanhado da seguinte fórmula orante: “Recebam nos ouvidos o sinal da cruz, para que vocês ouçam a voz do Senhor” (RICA 85).

Quanto à instrução dos catecúmenos, a pedido do diácono de Cartago, Santo Agostinho escreve que eles devem ser instruídos a partir da iniciação às Escrituras.⁴⁰⁷ E reitera que se tome tudo sumária e globalmente, escolhendo nos artigos bíblicos os fatos mais admiráveis, que se ouvem com prazer, para apresentá-los como em pergaminhos, desenrolando-os e explicando-os lentamente. Segundo Agostinho, o mais importante é oferecer aos catecúmenos uma revisão de vida e admiração do espírito.⁴⁰⁸

O caminho percorrido em alguns textos célebres dos Padres da Igreja reforça a compreensão que os Padres do Concílio Ecumênico Vaticano II tinham quando declararam a necessidade de retornar às fontes patrísticas para poder levar a cabo a reforma litúrgica. Mas não foi tão fácil assim. Houve uma longa caminhada para se chegar à reforma tão desejada. Para tanto, queremos ressaltar a importância de alguns movimentos (bíblico, litúrgico, patrístico e ecumênico) que foram de suma importância para o Vaticano II, principalmente no que se refere à escuta da Palavra de Deus na liturgia.

3.1.2 Os movimentos de renovação na Igreja

Na história da Igreja, sempre estiveram presentes os movimentos de renovação, como no Concílio de Jerusalém. O concílio aconteceu para harmonizar e resolver as tensões existentes entre os cristãos de origem judaica e os provenientes do paganismo. Não resta dúvida de que os concílios, posteriores, também aconteceram para resolver as tensões internas da Igreja e renovar a sua caminhada pastoral.

Aliás, desde o Concílio de Jerusalém até o Vaticano II, Escritura e liturgia sempre estiveram no centro das reflexões, em vista do diálogo e da comunhão eclesial. Nos altos e baixos da caminhada católica, muita coisa foi acontecendo. Nesse sentido, com as mudanças ocorridas no decorrer dos séculos, entraram na vida das comunidades cristãs elementos que lhes ofuscaram a centralidade do mistério pascal, que é Cristo. A própria iniciação à vida cristã, que era tão exigente nos primórdios do cristianismo, com uma sólida formação da Escritura e da vida litúrgica da comunidade, não era mais essencial. Assim, a pessoa não se tornava

⁴⁰⁷ SANTO AGOSTINHO, Instrução dos catecúmenos, p. 37-41.

⁴⁰⁸ SANTO AGOSTINHO, Instrução dos catecúmenos, p. 42-43.

cristão por convicção, mas por obrigação. Tudo o que aconteceu no decorrer dos séculos nos leva a pensar o que representaram os movimentos que surgiram a partir do século XVI.

A primeira preocupação com a vida litúrgica, no século XVI, nasceu com os monges camaldulenses Paulo Giustiniani e Pedro Querini. Eles criaram um *Libellus ad Leonem X*, com indicações importantes para a revitalização da liturgia na formação do povo. Nessa obra, eles apontam a necessidade de formação bíblica do clero e dos religiosos. Falam da adoção da língua vernácula na celebração litúrgica e da reorganização dos livros litúrgicos. Insistem também na eliminação de elementos espúrios e estimulam uma catequese que leve os fiéis a conhecer o sentido da liturgia. Com o evento do Concílio de Trento, as questões referentes à liturgia foram tratadas apenas sob o ponto de vista doutrinal e cultural. Tal Concílio denunciou os erros e condenou abusos do povo, em defesa da fé e da tradição litúrgica da Igreja. Para isso, valorizou a instrução litúrgica ao propor-lhe uma reforma geral, com programa pastoral. Foi confiada, então, à Sé apostólica e aos bispos essa tarefa, mas foram os Papas que principiaram tal reforma (1568-1614). A ideia era a de reformar os ritos litúrgicos a partir das normas antigas dos Padres da Igreja. Como as fontes patrísticas eram pouco conhecidas, a unidade do ritual da liturgia romana adquiriu dignidade e beleza, com ênfase no rubricismo que a regulava, deixando de acentuar a sua natureza. Assim, Trento não chega à verdadeira reforma litúrgica por falta de conhecimentos das fontes⁴⁰⁹ patrísticas e bíblicas.

Mais tarde surge o movimento patrístico, que foi muito importante para a reforma litúrgica do Concílio Ecumênico Vaticano II. Iniciado em meados do século XIX, na Europa, teve como grande desejo o retorno às “fontes” dos antigos escritores cristãos, os Padres da Igreja.⁴¹⁰ Esse movimento fomentou o desejo de aprofundar os estudos patrísticos e ao mesmo tempo a necessidade de conhecer as preciosas fontes do cristianismo na sua origem. Dois nomes se destacam nesse movimento: Henri de Lubac e Jean Daniélou, com a publicação da obra *Sources*

⁴⁰⁹ BECKHÄUSER, A., Os fundamentos da Sagrada Liturgia, p. 17-18.

⁴¹⁰ BECKHÄUSER, A., Os fundamentos da Sagrada Liturgia, p. 19.

Chrétiennes, a qual constitui um marco no processo de retorno às fontes patrísticas.⁴¹¹

Com a redescoberta dos Santos Padres por meio desse movimento, desenvolvido com mais força nos séculos XIX e XX, o saber teológico e a vida da Igreja se renovam. Aliás, o movimento patrístico fortalece os demais movimentos, dado que toda a reflexão de fé dos Padres da Igreja é fundamentalmente bíblica, litúrgica, cristológica, inculturada e, portanto, plural.⁴¹²

Já do movimento ecumênico iniciado por protestantes, por muitos anos a Igreja Católica manteve-se distante. Em 1928, o Papa Pio XI e o Santo Ofício proibiram que os católicos tomassem parte nessas iniciativas ecumênicas. Ressaltamos a iniciativa do clérigo anglicano Lewis Thomas Wattson, em 1908, de começar uma “Oitava de oração para a unidade dos cristãos”. Esse primeiro passo foi assumido, em 1935, pelo padre Paul Couturier, no Mosteiro de Chevetogne, na Bélgica, o qual se tornou um importante centro ecumênico. Nesse mosteiro, em 1926, começou a circular a qualificada revista ecumênica *Irénikon*.⁴¹³

Paulo VI, no discurso inaugural da segunda sessão do Concílio, ao se dirigir aos cristãos de outras confissões, afirmou que, no seio das comunidades separadas da confissão católica, evidenciam-se duas coisas: que a Igreja de Cristo é uma só e, por isso, deve ser única, e que essa misteriosa e visível união pode conseguir-se apenas na identidade da fé, na participação dos mesmos sacramentos e na harmonia orgânica de um único governo eclesiástico. Isso pode realizar-se dentro do respeito pela grande variedade de expressões linguísticas, formas rituais, tradições históricas, prerrogativas locais, correntes espirituais, instituições legítimas e atividades preferidas. Ainda segundo Paulo VI, o grande número de cristãos separados presentes no Concílio realça a ecumenicidade da Igreja. Para Paulo VI, esta unidade ecumênica, mesmo que embrionária, poderia ser total, universal. Ele conclui afirmando, que o Concílio é um convite de expectativa, de confiança em uma participação mais dilatada e mais fraterna de uma ecumenicidade autêntica.⁴¹⁴

Portanto, o movimento ecumênico tem por finalidade eliminar palavras, juízos e ações que não correspondam à condição de irmãos separados, que tornam

⁴¹¹ MATOS, H. C. J., Concílio Vaticano II, p. 23.

⁴¹² ANDREATA, C., Apontamentos sobre o contexto teológico do Vaticano II, p. 5-6.

⁴¹³ MATOS, H. C. J., Concílio Vaticano II, p. 24-25.

⁴¹⁴ PAULO VI, PP., Discurso na abertura do segundo período do Concílio, p. 56-58.

cada vez mais difícil uma relação de diálogo e de oração em comum, bem como o respeito doutrinal, reconhecendo as riquezas que existem em um espírito de conversão do coração.⁴¹⁵ Na abertura do coração para escutar o outro, constroem-se pontes, derrubam-se muros e facilita-se o diálogo, em vista do bem comum. O que nos aproxima é maior do que aquilo que nos separa.

Outros movimentos surgiram antes do Concílio Vaticano II e, de certa forma, contribuíram para a reforma litúrgica, tais como movimentos leigo, teológico, bíblico etc. Nesse sentido, para focar na temática escolhida, vamos enfatizar os movimentos bíblico e litúrgico, sem desmerecer os demais, porque incidem mais diretamente em nossa área de interesse.

3.1.2.1

O movimento bíblico

“No princípio era o Verbo e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus” (Jo 1,1). Esta afirmação do IV Evangelho deixa claro que o verbo (a Palavra) é Deus. Assim sendo, a Palavra sempre ocupou lugar central no cristianismo. Essa compreensão da centralidade da Palavra é atestada de modo inequívoco pelos primeiros apóstolos, como pode ser lido na citação seguinte: “Os Doze convocaram então a multidão dos discípulos e disseram: ‘Não é conveniente que abandonemos a Palavra de Deus para servir às mesas’” (At 6,2). Aqui se percebe a preocupação da comunidade cristã com a dimensão social, mas ao mesmo tempo verifica-se que esse apostolado caritativo de suma importância não tem força na dimensão social, e sim na Palavra que o promove. Não é um trabalho social apenas; trata-se antes de um ministério cuja força advém da Palavra. Os apóstolos entenderam essa realidade, tanto que priorizaram a Palavra: “Quanto a nós, permaneceremos assíduos à oração e ao ministério da Palavra” (At 6,4).

A Palavra é, portanto, desde os chamados tempos apostólicos, o centro da vida cristã. A Boa-Nova contida nesta Palavra deveria ser divulgada em todos os confins da terra, cumprindo a ordem do próprio Cristo Senhor: “Ide, portanto, e fazei com que todas as nações se tornem discípulos” (Mt 28,19). Em um primeiro momento, essa Palavra era transmitida oralmente.⁴¹⁶ Vários textos bíblicos deixam

⁴¹⁵ MOULINET, D., O Vaticano II, p. 89.

⁴¹⁶ POTESTÀ, G. L.; VIAN, G., História do Cristianismo, p. 21.

transparecer a força do testemunho oral dos apóstolos e de seus colaboradores (At 2,14; 3,12; 4,1; 4,20; 5,21; 6,7; 18,24-25; Rm 10,8; 1Cor 1,23; Cl 4,7-9; 1Jo 1,2).

A mensagem cristã já encontrou na sua origem muita resistência, em razão de a base de todo seu ensinamento se fundamentar na Palavra encarnada, o Cristo. A doutrina de que Deus se fez ser humano e morreu pregado em uma cruz para salvar a humanidade chocava a muitos: “Nós, porém, anunciamos Cristo crucificado, que para os judeus é escândalo, para os gentios é loucura” (1Cor 1,23). O mesmo ocorria com o ensinamento cristão que pregava um ideal de sociedade igualitária, onde todos teriam a mesma dignidade: “Não há judeu nem grego, não há escravo nem livre, não há homem nem mulher; pois todos vós sois um só em Cristo Jesus” (Gl 3,28). Ora, tal doutrina representava uma grave ameaça para o Império Romano, cuja economia se baseava em um sistema escravocrata. No seu auge econômico, a sociedade do Império Romano tinha dois terços de pessoas escravizadas.⁴¹⁷ Aqui se encontra a principal razão pela qual os cristãos eram perseguidos. O cristianismo representava (e ainda representa) uma ameaça ao poder imperial. A natureza de um império, como a palavra já sugere, é impositiva, imperiosa. Contudo, o cristianismo avançou com fé, coragem e testemunho. Em determinado momento a mensagem cristã foi redigida. Não bastava a oralidade. Era preciso escrever a mensagem e o testemunho de Jesus Cristo como forma de divulgar ainda mais sua Boa-Nova. O primeiro texto redigido daquilo que seria conhecido como Novo Testamento foi a Primeira Carta aos Tessalonicenses.⁴¹⁸

Depois dos escritos paulinos, vieram os outros textos do Novo Testamento, e a Bíblia dos cristãos estava completa. Contudo, a aceitação dos livros do Novo Testamento foi um processo longo e debatido. No século IV, o “cânon” bíblico conseguiu alcançar consistência.⁴¹⁹

O período conhecido como “patrística”, século III até início da Idade Média,⁴²⁰ tem como marca um grande florescer pastoral e teológico. A teologia desse período não tem um corpo de doutrina compactado e homogêneo,⁴²¹ até porque são vários temas e tratados que borbulham dentro de um caldeirão de ideias

⁴¹⁷ FERREIRA, J. A., Onésimo, p. 389.

⁴¹⁸ FERRY, B. M., Tessalonicenses, epístolas, p. 1307.

⁴¹⁹ POTESTÀ, G. L.; VIAN, G., História do Cristianismo, p. 41.

⁴²⁰ REALE, G.; ANTISERI, D., História da Filosofia 2, p. 29.

⁴²¹ FRANCISCO, M. J., O episcopado e outros ministérios nas origens da Igreja (séc. II-III), p. 67.

teológicas e filosóficas. Daí emergiram problemas relacionados à mensagem bíblica, ponto de partida para as mais variadas reflexões: a seleção dos textos bíblicos canônicos, a conciliação entre Antigo e Novo Testamento, a questão da teologia trinitária, isto, para citar alguns dos grandes temas discutidos. Nesse período também a filosofia foi um grande instrumento para dar base teórica à Revelação.⁴²² Formava-se, assim, uma teologia dos Padres, uma síntese da história da salvação, da criação à encarnação do Verbo. “Dizíamos que os Padres visaram elaborar uma cosmovisão cristã. Detectar uma ‘sabedoria’, de objeto universal, é, aliás, o fruto de toda reflexão feita sobre a fé – cujo conteúdo é a palavra de Deus reveladora de Seu desígnio sobre o mundo.”⁴²³

Com esta brevíssima reflexão, percebe-se que a Palavra de Deus nunca foi nem poderia ser um apêndice no contexto eclesial; na verdade, é o alimento e a força da Igreja,⁴²⁴ sua razão de ser. Os primeiros cristãos tinham essa consciência, como já citado. Até porque “a leitura da Escritura em um cenário litúrgico data da Igreja primitiva e foi em parte herdada pelos cristãos da prática judaica no serviço da sinagoga”.⁴²⁵ A Igreja, contudo, faz parte de um contexto social e histórico muito concreto e, como tal, é agente e paciente dessa realidade temporal. Dentro dessa realidade temporal da Igreja, nem sempre a Palavra foi bem entendida e vivida. Afinal, como dizia Santo Tomás de Aquino, “a graça pressupõe a natureza”.⁴²⁶ No presente caso, a graça, a Palavra de Deus, passa pelo desenrolar das ações humanas, uma natureza nem sempre aberta à graça. De tal modo que a Palavra de Deus no contexto eclesial encontrou momentos obscuros no sentido mais exato da palavra. Após a queda do Império Romano no Ocidente, em 476, a Igreja se solidificou em termos hierárquicos. Se, por um lado, a comunidade cristã se fortaleceu e expandiu seu poder temporal, por outro lado a dimensão espiritual não conseguiu acompanhar na mesma proporção. Vários fatores geraram uma situação eclesial muito distante daquela vivida nos primeiros séculos. O vácuo deixado pelo Império Romano no Ocidente criou um caos temporal, e a Igreja acabou assumindo essas preocupações temporais e se afastou muito do frescor original do Evangelho. Consequentemente,

⁴²² REALE, G.; ANTISERI, D., *História da Filosofia* 2, p. 27.

⁴²³ GOMES, C. F., *Antologia dos Santos Padres*, p. 11.

⁴²⁴ CEC 103.

⁴²⁵ FITZMYER, J. A., *A Bíblia na Igreja*, p. 105.

⁴²⁶ REALE, G.; ANTISERI, D., *História da Filosofia* 2, p. 246.

faltou a luz do discernimento sobre a importância e a centralidade da Palavra na vida da Igreja durante grande parte da Idade Média. É verdade que muitas pessoas nesse período foram verdadeiros faróis nos momentos mais sombrios. Contudo, a presente reflexão, mais do que admitir tais dificuldades com relação à Palavra de Deus na história do cristianismo, quer apresentar o empenho por parte da Igreja no que se refere à evangelização com base e centro nesta mesma Palavra, especialmente a partir do Concílio de Trento, já que vários fatores a partir do século XV e, sobretudo, no século XVI iriam criar um ambiente propício para que a Bíblia fosse mais difundida.

O primeiro fator nesse contexto de resgate e de divulgação da Palavra de Deus foi a imprensa. A Bíblia pôde então ser reproduzida. Por volta de 1455, Gutenberg apresenta sua famosa Bíblia.⁴²⁷ Com a possibilidade de fazer inúmeras cópias da Bíblia, fica claro que ela seria usada por um grupo cada vez maior de pessoas e não só por pessoas nobres ou do clero:

Se há poucos séculos a escrita e suas variações estavam limitadas à esfera privilegiada do campo religioso, neste momento, ao aliar-se com a imprensa ela permite aos leigos a formulação de críticas ao próprio clero, e a propagação dessas ideias entre as camadas populares mais humildes, inaugurando uma nova forma de instruir politicamente, possibilitando o questionamento, ou seja, o aprofundamento da crítica popular ao clero nos mais variados pontos da Europa.⁴²⁸

O segundo fator foi a Reforma Protestante, raiz de muitas transformações, como, por exemplo, a tradução dos textos bíblicos para o vernáculo, fato essencial para que a Palavra de Deus pudesse ser lida por mais pessoas. Essas traduções e, posteriormente, a impressão da Bíblia foram marcos revolucionários, pois abriram um novo leque de possibilidades no que se refere à leitura e à pesquisa bíblica. O mundo bíblico não seria mais o mesmo, conseqüentemente o cristianismo iria passar por intensas mudanças. Portanto, a Reforma Protestante, impulsionada pela nova técnica da tipografia, conseguiu divulgar suas ideias de modo bem eficiente, atingindo um grande grupo de pessoas que até então não tinham acesso à leitura:

É inegável que por meio da imprensa a Reforma pôde de imediato atacar as práticas católicas reprováveis em sua perspectiva, denunciando incansavelmente a

⁴²⁷ SANTOS, A. M., Gutenberg: a era da imprensa, p. 17.

⁴²⁸ FLORENTINO, L. F.; SILVA, H. L. C., Os reflexos da imprensa na Reforma Protestante e seus efeitos sobre a crítica popular europeia ao clero, p. 329.

imoralidade, principalmente a do alto clero, e que a grande circularidade destes trabalhos impressos, juntamente com a simplicidade de seus textos e gravuras geralmente satíricas, ajudou a fomentar um ambiente de intensa propagação das ideias reformadoras junto às classes mais desfavorecidas economicamente, ou seja, o povo.⁴²⁹

Nesse contexto de profundas mudanças do século XVI, a Igreja se sente na obrigação de reagir. A Bíblia tinha sido traduzida para outras línguas e em uma velocidade nunca vista até então, graças à nova tecnologia da impressão. A reação da Igreja aconteceu em forma de concílio: o Concílio de Trento (1545-1563). Nesse Concílio, percebe-se uma grande inquietação com respeito à Palavra de Deus. Todavia, a postura adotada em Trento foi de apologia em defesa dos valores tradicionais para assegurar a estabilidade da Bíblia. A Reforma Protestante havia criado vários questionamentos que pareciam abalar a tradição bíblica vigente até então. Em uma primeira olhada parece, portanto, que o Concílio de Trento não trouxe contribuições significativas no campo bíblico, já que a preocupação central era a manutenção da tradição. Não obstante esse viés adotado pelo Concílio, devido ao contexto da Reforma Protestante e a várias outras demandas, um fato é digno de ser mencionado no que se refere à Bíblia. Foi nesse Concílio que se confirmou de forma oficial, por parte da Igreja, o cânon bíblico com seus 72 livros.⁴³⁰ A tradução latina da Bíblia, chamada Vulgata, foi declarada autêntica e isenta de erros teológicos em relação às várias traduções que circulavam no período. De qualquer forma, pode-se dizer que Trento foi marcado por uma enorme inquietude eclesial, em razão do choque claro que havia entre a hierarquia da Igreja e seus fiéis:

Historicamente, o choque à Igreja vem da base e do vértice, e os dois movimentos são complementares: são o momento carismático e o jurídico. Carisma: inspiração que Deus produz diretamente nas pessoas e que tem como característica a espontaneidade e a íntima vitalidade. Existe o risco, porém, de cair em erros, ilusões e dificilmente se conserva a tensão primitiva, faltando-lhe estabilidade, continuidade, vasta difusão, podendo restar estéril e circunscrito. O aspecto jurídico-institucional muitas vezes se distancia da tensão própria da autêntica religiosidade, faz prevalecer a letra sobre o espírito e nem sempre sabe adequar-se às exigências do devir histórico. E, contudo, é necessário para dar eficiência e universalidade aos movimentos que nascem das bases, para encarnar num modo historicamente válido

⁴²⁹ FLORENTINO, L. F.; SILVA, H. L. C., Os reflexos da imprensa na Reforma Protestante e seus efeitos sobre a crítica popular europeia ao clero, p. 329.

⁴³⁰ BESEN, J. A., O Concílio de Trento no caminho da Igreja, p. 154.

os valores absolutos. É a síntese entre carisma e hierarquia, espírito e letra, iniciativa e obediência.⁴³¹

Se o Concílio de Trento optou por um discurso apologético em defesa da tradição, o contexto histórico cobrava reformas, inclusive no campo bíblico. Contudo, tais reformas e mudanças levariam muito tempo, e não aconteceram nem mesmo com o Concílio Vaticano I (1869). O Vaticano I apenas confirmou uma postura apologética da Igreja em relação à sua conduta, deixando claro logo de início seu entendimento de que o mundo estava errado e que a Igreja não tinha que mudar, mas curar os males do mundo. Antes do seu início, “Pio IX declarou que com o Concílio visava *approntare i necessari e salutari rimedi* para os males que recaíam sobre a Igreja. Apresentava a necessidade de colocar ‘remédios’ nos males do mundo”.⁴³² A preocupação deste Concílio foi de contrabalançar as perdas do poder temporal da Igreja; daí resulta a Constituição *Pastor Aeternus*, que tratou da infalibilidade pontifícia. Os assuntos que de fato iriam trazer novos ares à Igreja seriam tratados quase um século depois no Concílio Vaticano II.

Em 1958, assumiu o pontificado o Patriarca de Veneza Angelo Giuseppe Roncalli, adotando o nome de João XXIII. Era inicialmente considerado um Papa de transição,⁴³³ contudo, surpreendeu o mundo ao convocar um Concílio e, sobretudo, ao deixar claro que não queria que fosse dogmático, mas pastoral. Em suas próprias palavras, ele desejava um *aggiornamento* da Igreja. Desse modo, na fase preparatória para o Vaticano II já tinha ficado claro, após um pedido de sugestões para os bispos, os superiores de ordens religiosas, os responsáveis das congregações curiais e às faculdades de teologia, que um tema ansiado por todos era o da Sagrada Escritura.

A fase preparatória para o Concílio Vaticano II foi muito importante para o desenrolar de todos os trabalhos que viriam depois. Graças ao Cardeal Agostinho Bea, especialista em estudos bíblicos e em arqueologia, o tema bíblico ocupou lugar central no Concílio. A proposta de Bea foi que, a partir da Sagrada Escritura, se poderia fazer um concílio ecumênico capaz de dialogar com os não católicos que também tinham a Bíblia como ponto central da fé. Foi dura a batalha que Bea

⁴³¹ BESEN, J. A., O Concílio de Trento e a reforma católica, p. 281-282.

⁴³² SOUZA, N., O Concílio Vaticano I (1869-1870), p. 33.

⁴³³ BURIGANA, R.; PACOMIO, L., *Dei Verbum* per il 40° anniversario del Concilio Vaticano II, p. 17.

enfrentou, especialmente com o cardeal Ottaviani do Santo Ofício, que tinha uma proposta de continuidade do Vaticano I, ou seja, confirmar aquilo que Trento tinha decidido. Entretanto, desde Leão XIII, com a *Providentissimus Deus* (1893), já havia ficado claro que era preciso uma revisão das Sagradas Escrituras:

A respeito da atuação específica do papa Leão XIII podemos dizer que foi um verdadeiro “leão”, no sentido de coragem e bravura, quando propôs e ofereceu as condições necessárias para a Igreja aprofundar os estudos da Palavra de Deus. Em 1892 concedeu uma autorização à *École Biblique* para a realização de estudos críticos da Bíblia e a partir da *Providentissimus Deus* sendo a primeira autorização formal do magistério católico para o uso de métodos críticos nos estudos bíblicos. Com a carta apostólica *Vigilantiae studii*, de 30 de outubro de 1902, instituiu a Pontifícia Comissão Bíblica. Não podemos ter dúvidas de que o pontificado de Leão XIII foi fecundo, sobretudo em relação à Sagrada Escritura.⁴³⁴

De acordo com Osava, três documentos que antecederam o Vaticano II foram os responsáveis por criar um ambiente propício para um bom êxito das reflexões bíblicas e litúrgicas travadas pelos Padres conciliares. Além da *Providentissimus Deus* (1893) de Leão XIII, a *Spiritus Paraclitus* (1920) do Papa Bento XV e a *Divino Afflante Spiritu* (1943) de Pio XII foram de suma importância para a evolução da relação entre Bíblia e liturgia.⁴³⁵ De fato, a *Providentissimus Deus* de Leão XIII apontou um caminho de pesquisa e estudos para uma melhor compreensão dos textos bíblicos. Afirmou ainda que o uso da Sagrada Escritura deveria ser a alma de todas as ações da teologia, e para isso era preciso estudar as línguas orientais.⁴³⁶ Tais afirmações foram essenciais para encorajar o mundo católico na pesquisa de línguas antigas, fato importantíssimo para traduções mais exatas.

O Papa Bento XV deu também um grande impulso nos estudos bíblicos ao afirmar na *Spiritus Paraclitus* que um contato mais íntimo com as Sagradas Escrituras oferece vários frutos espirituais para a vida cristã. “Na *Spiritus Paraclitus* são citados vários trechos retirados da *Providentissimus Deus*. É um documento riquíssimo de citações do próprio Jerônimo a respeito do amor e estudos que são devidos à Sagrada Escritura.”⁴³⁷

⁴³⁴ OSAVA, M. M., Bíblia e liturgia, p. 110.

⁴³⁵ OSAVA, M. M., Bíblia e liturgia, p. 111.

⁴³⁶ RAMOS, L. M. S., A Encyclica *Providentissimus Deus* do Santo Padre Leão XIII sobre os estudos bíblicos, p. 31.35.

⁴³⁷ OSAVA, M. M., Bíblia e liturgia, p. 111.

Para celebrar o 50º aniversário da *Providentissimus Deus*, o Papa Pio XII promulgou em 1943 a *Divino Afflante Spiritu*, encíclica que trouxe grande renovação à pesquisa bíblica, pois, além de encorajar os estudiosos da Sagrada Escritura, levou em consideração as mais novas descobertas de cunho exegético para se construir um método científico na leitura e compreensão da Escritura:

Nesses cinquenta anos aumentaram as condições dos estudos bíblicos e ciências auxiliares; não há quem não o veja, mudaram consideravelmente. Assim, para não falar de outras coisas, quando nosso predecessor publicou a Encíclica *Providentissimus Deus*, apenas um ou outro lugar da Palestina se tinha começado a explorar com escavações orientadas nesse sentido. Agora tais explorações têm-se multiplicado enormemente e fazem-se com métodos mais rigorosos e arte aperfeiçoada pela experiência, de modo que os resultados são muito mais abundantes e certos. Quanta luz se tire de tais investigações para compreender melhor e mais perfeitamente os Livros santos, sabem-nos os doutos, sabem-no todos os que se dão a este gênero de estudos. Aumentam o valor destas explorações os monumentos escritos por vezes encontrados, que ajudam muito a conhecer as línguas, a literatura, a história, os costumes, os cultos daqueles antiquíssimos povos.⁴³⁸

As recomendações de Pio XII são claras e estão em harmonia com as recentes descobertas no mundo bíblico. Contudo, foram vários fatores precedentes que possibilitaram essa direção. O ponto de partida desses novos tempos, pode-se dizer, foi no pontificado de Leão XIII, que, além da *Providentissimus Deus*, autorizou a criação da *École Biblique* em Jerusalém, a primeira escola católica dedicada ao estudo crítico da Bíblia, e também da Pontifícia Comissão Bíblica, em 1902. Esses fatos foram decisivos para a renovação bíblica e litúrgica dentro da Igreja. E assim estava apontado o caminho para o Concílio Vaticano II.

No discurso de abertura, o Papa João XXIII já indicava como deveria ser o trabalho dos Padres conciliares, cujo objetivo seria um *aggiornamento* da Igreja, abandonando o pessimismo catastrófico das últimas décadas e encontrando uma forma de apresentar a mensagem do Evangelho de modo otimista e para todos os seres humanos. Esse foi o espírito do Concílio sonhado por João XXIII. De sorte que estava aberto um novo tempo na história da Igreja. E, se o Concílio Vaticano II conseguiu superar muitos obstáculos, foi porque se fundamentou no ensinamento de sábios e santos Papas predecessores desse momento tão esperado. Além disso,

⁴³⁸ DAS 11.

no que se refere aos estudos e à pesquisa bíblica, um documento do Vaticano II merece toda a atenção: a Constituição *Dei Verbum*.

Não sem razão que a *Dei Verbum* foi um dos últimos documentos a serem aprovados no Concílio Vaticano II. Nas palavras da própria Constituição temos a seguinte afirmação: “A Igreja sempre venerou as divinas Escrituras, da mesma forma como o próprio Corpo do Senhor, já que, principalmente na Sagrada Liturgia, sem cessar toma da mesa tanto da Palavra de Deus quanto do Corpo do Cristo o Pão da Vida, e o distribui aos fiéis”.⁴³⁹ Aqui se percebe com muita clareza a mesma dignidade e importância que o Concílio confere às duas mesas, a da Palavra e a da Eucaristia. E justamente por causa da importância da Palavra que a *Dei Verbum* também recomenda: “É preciso que o acesso à Sagrada Escritura seja amplamente aberto aos fiéis”.⁴⁴⁰ Até porque todas as ações da teologia têm por fundamento as Sagradas Escrituras, como pode ser lido nessa mesma constituição, fazendo memória da *Providentissimus Deus* de Leão XIII: “Por isso, o estudo das Sagradas Páginas seja como que a alma da Sagrada Teologia”.⁴⁴¹

De sorte que, com o advento do Concílio Vaticano II, foi resgatado um desejo antigo e necessário para a missão da Igreja: o estudo das Sagradas Escrituras. Conseqüentemente, o estudo bíblico proporciona à liturgia uma celebração mais sólida e viva: sólida porque fundada na Palavra, ou seja, em Deus mesmo; viva porque o Deus bíblico é um Deus presente, solidário e vive na ação da Igreja orante, pois Ele mesmo prometeu: “Pois onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, ali estou eu no meio deles” (Mt 18,20).

3.1.2.2

O movimento litúrgico

O fenômeno do movimento litúrgico dos nossos tempos é fruto de uma caminhada que vem desde a origem do cristianismo. Pelo que sabemos, sempre existiram movimentos de renovação da liturgia. Nada mais falsa que a opinião segundo a qual a liturgia dos quatro últimos séculos seria idêntica à da primeira Idade Média, à dos tempos patrísticos, à da primeira comunidade apostólica. Para esclarecer isso, é só recordar as passagens do aramaico de Jesus e dos

⁴³⁹ DV 21.

⁴⁴⁰ DV 22.

⁴⁴¹ DV 24.

protoapóstolos, passando pelo grego de Paulo para o latim de Roma do século IV; também as transformações da liturgia romana clássica para a liturgia romano-franco-germânica, como é apresentado, por exemplo, no Pontifical romano-germânico do século XI; e ainda a disposição da liturgia *secundum usum romanae curiae*, do século XIII, as reformas de Trento e de Pio V e, finalmente, os contínuos retoques da liturgia “tridentina” pelos próprios papas, ou na França, no período do Iluminismo etc.⁴⁴²

É de capital importância reconhecer que os movimentos bíblico e litúrgico caminharam lado a lado. Por isso, seria ilusório reconduzir os cristãos às fontes bíblicas sem reconduzir às fontes litúrgicas e vice-versa. Os promotores do movimento litúrgico compreenderam isso ao se empenhar em propor um renovado estudo da Escritura. Evidentemente que o estudo da Bíblia não realçará a função alimentadora da vida da Igreja se não superar a fase puramente fisiológica, histórica ou mesmo apologética, para elevar-se em toda questão ao plano da teologia bíblica integral. Poderá ser um grande passo para os cristãos se eles reencontrarem conaturalmente a Bíblia na liturgia e a liturgia na Bíblia, em direção a uma vida cristã mais intensa. Se assim o fizer, eles poderão reencontrar a chave de unidade entre Bíblia, liturgia e vida.⁴⁴³

Pergunta-se: qual foi o objetivo do movimento litúrgico? Para responder a essa questão devemos considerar que o movimento litúrgico reúne vastos ambientes na busca de uma renovação litúrgica. Em primeiro lugar, a renovação da própria vida espiritual, deixando-se atingir pela força da liturgia. Em segundo lugar, a liturgia em si, partindo de uma compreensão mais profunda do seu espírito e das leis íntimas que a regem.⁴⁴⁴ Lemos na Constituição *Sacrosanctum Concilium* que o “interesse pelo incremento e pela restauração da liturgia é sinal de disposições providenciais de Deus. É uma passagem do Espírito pela sua Igreja. Caracteriza e constitui o modo religioso de viver e de sentir, em nossa época”.⁴⁴⁵ Como afirma Pio XII, no discurso aos participantes do primeiro Congresso Internacional de Liturgia Pastoral,

⁴⁴² NEUNHEUSER, B., Movimento litúrgico, p. 787.

⁴⁴³ VAGAGGINI, C., O sentido teológico da liturgia, p. 432.

⁴⁴⁴ NEUNHEUSER, B., Movimento litúrgico, p. 787.

⁴⁴⁵ SC 43.

o movimento litúrgico apareceu como sinal das disposições providenciais de Deus a respeito do tempo presente, como passagem do Espírito Santo na sua Igreja, para aproximar os homens dos mistérios da fé e das riquezas da graça, que brotam dela, à participação ativa dos fiéis na vida litúrgica.⁴⁴⁶

Interessa-nos nesse discurso o realce à importância do movimento litúrgico. O que nos leva a pontuar no momento algumas tentativas de reforma litúrgica no período do Iluminismo. Na Contrarreforma, os teólogos católicos não trabalharam no enfrentamento à polêmica protestante, no que se refere às preocupações pastorais da participação comunitária dos fiéis na ação litúrgica, até porque a questão que estava em voga era a teologia da doutrina católica. O culto permaneceu como na Idade Média, como prerrogativa do clero e da hierarquia. Em contrapartida, no século XVIII, manifesta-se em diversos lugares um descontentamento geral com a situação real da liturgia e tentativas de renovação litúrgica vão surgindo. As orientações que permeavam a tentativa de uma renovação litúrgica eram em relação ao desejo de uma maior participação comunitária na celebração, uma liturgia com mais simplicidade que contribuísse para maior edificação dos fiéis. Mas essa tentativa não obteve êxito. A reforma litúrgica, projetada por Bento XIV (1740-1758), como arcebispo de Bolonha, no que se refere à revisão do calendário que, por princípio, eliminava quase todas as festas modernas, era muito radical; porém, quando ele se tornou papa, não a erradicou. Na França, as liturgias locais, das diversas dioceses, se multiplicavam de maneira anárquica ao longo do século XVIII. E elas não receberam o assentimento da Santa Sé.⁴⁴⁷

Entretanto, no período do Iluminismo, já podemos perceber com maior clareza que os primeiros programas e realizações de renovação litúrgica já existiam de maneira surpreendente e nítida.⁴⁴⁸ Apesar de pertencerem a uma época marcada pelo espírito iluminista, as reformas litúrgicas tentadas na Itália e na Alemanha devem ser consideradas cada uma em sua própria luz. A mais importante tentativa de reforma litúrgica feita na Itália é representada pelo decreto do Sínodo de Pistoia, de 1786. Infelizmente, esse Sínodo foi condenado pelo pronunciamento do Papa Pio VI, na Constituição Apostólica *Auctorem fidei* (1794).⁴⁴⁹

⁴⁴⁶ PIO XII, PP., Discours aux participants au Congrès International de Liturgie Pastorale, p. 1.

⁴⁴⁷ BASURKO, X., De Trento ao movimento litúrgico, p. 120.

⁴⁴⁸ NEUNHEUSER, B., Movimento litúrgico, p. 787-788.

⁴⁴⁹ NEUNHEUSER, B., As reformas litúrgicas do século IV ao Vaticano II, p. 270.

Os principais pontos da reforma litúrgica elencados no Sínodo de Pistoia eram: um só altar em cada templo, a participação ativa dos fiéis, isenção das taxas de missa, diminuição das procissões, músicas simples, ornamentação que não ofenda nem cause distração, reforma do breviário e do missal, um ritual que diminuísse o excessivo número de festas, leitura em um ano da Sagrada Escritura no ofício etc.⁴⁵⁰

Na visão de B. Neunheuser, a condenação do Concílio de Pistoia foi por motivações imprecisas e vagas, tanto do ponto de vista teológico quanto do pastoral. Com o passar do tempo, é possível um juízo mais objetivo sobre as intenções e realizações da reforma litúrgica tensionada pelo Sínodo de Pistoia. Como B. Neunheuser reconhece, ao lado de um falso Iluminismo não isento de tendências heréticas existia também um grupo de católicos provenientes das fileiras do clero e do laicato, movido por um conhecimento realista e leal dos males da época, que anelavam por mudança sem tocar no dogma, e com o propósito declarado de contribuir para a revalorização daquilo que era essencial na doutrina e na vida cristã. O que realmente desejavam era uma reforma na ciência teológica e na vida da Igreja.⁴⁵¹

Esses desafios do século XVIII provocaram uma forte reação no âmbito católico contra uma religião confinada aos limites da razão, proclamada pelo Iluminismo. Por isso, no século XIX, temos a reafirmação do princípio da revelação, do dogma, da tradição, e o respeito à hierarquia da Igreja. A devida valorização pela tradição se reflete na liturgia, no que toca ao gesto nas orações latinas, bem como o entusiasmo pela música gregoriana.⁴⁵²

Em um século fortemente marcado pelo período do romantismo, o movimento de renovação litúrgica começa a despontar na França e depois na Alemanha. Os precursores desse movimento surgem, sobretudo, nos mosteiros,⁴⁵³ e um nome que o marcou foi o do abade Próspero Guéranger. Ele irradiou seu amor pela liturgia nos mosteiros que fundou, e, em suas obras publicadas, difundiu a espiritualidade da liturgia entre os cristãos mais atentos e sensíveis.⁴⁵⁴

⁴⁵⁰ BASURKO, X., De Trento ao movimento litúrgico, p. 120.

⁴⁵¹ NEUNHEUSER, B., As reformas litúrgicas do século IV ao Vaticano II, p. 78.

⁴⁵² BASURKO, X., De Trento ao movimento litúrgico, p. 120.

⁴⁵³ ARGÁRATE, P., A Igreja celebra Jesus Cristo, p. 51.

⁴⁵⁴ BUGNINI, A., A reforma litúrgica, p. 39.

Os monges do mosteiro de Solesmes, animados pelo abade Guéranger, fizeram um trabalho sério de depuração do gosto e do estilo na música sacra, cuja tarefa era restaurar o canto gregoriano, entre outros. O esforço desse grupo era difundir princípios novos do canto eclesiástico, defender o canto gregoriano em latim e condenar a mistura do texto em língua vulgar.⁴⁵⁵

O movimento de renovação litúrgica nesse período ainda não propiciava a participação do povo na ação litúrgica. O culto cristão chegava a ser considerado uma realidade intangível e misteriosa, envolto pelo halo protetor de uma língua sagrada, o latim. Foi nesse contexto eclesial que Próspero Guéranger apareceu (1805-1875). Ele defendia o retorno incondicional aos livros autênticos da liturgia romana pura, estava convencido do valor insubstituível da tradição cristã e era partidário de uma explicação completa dos textos e das cerimônias do culto ao povo.⁴⁵⁶ Ao contrário, a Igreja enquanto instituição não mostrava a mesma força de assimilação crítica e criadora de épocas anteriores. Ihada, ela não conseguia ter unidade, senão contatos negativos com essas forças ascendentes. O resultado foi um cisma entre a Igreja e o mundo moderno, a apostasia da classe trabalhadora e o distanciamento cada vez maior, no seio da Igreja, entre as esferas hierárquicas e os fiéis mais presentes no mundo da ciência, do trabalho e da cultura.⁴⁵⁷

Enquanto ficavam para trás os objetivos de sobriedade e de racionalidade do Iluminismo, na área da liturgia Guéranger fundava em sua abadia um centro elitista para degustar a liturgia romana e as melodias gregorianas. Em contrapartida, Viollet-Duc (1814-1878) estudava e restaurava as catedrais românicas e góticas da Idade Média. Segundo ele, na atmosfera da tradição e do romantismo, foi-se incubando o conceito de uma liturgia intemporal e a-histórica, conceito cuja superação será uma das mais árduas tarefas do movimento litúrgico no alvorecer do século XX.⁴⁵⁸

Já em Beuron, na Alemanha, o movimento de renovação litúrgica ganha força com os irmãos monges Mauro e Plácido Wolter, os quais fundam o mosteiro de Beuron inspirados no mosteiro de Solesmes (França), embora tivessem raízes em terreno cultural diferente. Eles também estavam dispostos e determinados a restituir

⁴⁵⁵ ROUSSEAU, O., *Histoire du mouvement liturgique*, p. 151-166.

⁴⁵⁶ SCHMIDT, H. A., *Liturgie et langue vulgaire*, p. 188.

⁴⁵⁷ BASURKO, X., *De Trento ao movimento litúrgico*, p. 122.

⁴⁵⁸ BASURKO, X., *De Trento ao movimento litúrgico*, p. 122.

a liturgia, além da Regra, como ponto central na vida do mosteiro. Isso resultou em obras como *Elementa monastica e Psallite sapienter*, um comentário dos Salmos reunido em mais de um volume.⁴⁵⁹

Contudo, ainda que tanto em Beuron como em Solesmes houvesse admiração absoluta pelo caráter clássico da liturgia romana e vontade de mantê-la encerrada nos limites do mosteiro, com o intuito de que ela fosse vivida a ponto de determinar a vida ali, Mauro e Wolter afastam-se de certo modo das orientações do mosteiro de Solesmes no que diz respeito às atividades pastorais dos monges, pois não queriam que a vida monástica restringisse-se apenas ao coro, mas que penetrasse a vida no seu conjunto, impregnando-a toda de santidade. Portanto, todo o projeto de renovação litúrgica nessa época era mais do que uma preparação de terreno e semeadura para um período de incubação e de pré-história da liturgia. Tratava-se de uma linha rigidamente ascendente e admissível para a renovação litúrgica do Vaticano II.⁴⁶⁰

No Brasil, o movimento litúrgico deparou-se com uma grande dificuldade: a da religiosidade popular. Conhecendo a história do catolicismo no Brasil, sabemos que ela tem raízes profundas disseminadas na Idade Média. Elementos medievais da religiosidade popular, fincados na alma do católico brasileiro, passam a fazer parte do nosso catolicismo, gerando entraves para que o movimento litúrgico possa deslanchar.⁴⁶¹

Entretanto, nem por isso o movimento litúrgico deixou de ser implantado no Brasil, e seu marco inicial é a chegada da primeira comitiva de monges do mosteiro de Beuron (Alemanha), imbuídos do espírito do movimento litúrgico, para repovoar os mosteiros brasileiros, como na cidade do Recife.⁴⁶² A presença dos monges vindos da Europa em diversos mosteiros do Brasil, aos poucos, começa a introduzir o pensamento teológico-espiritual da liturgia nas inúmeras formações com leigos e leigas dentro e fora dos mosteiros. Nesse sentido, a própria celebração litúrgica nos mosteiros começa a passar por transformações.

⁴⁵⁹ NEUNHEUSER, B., Movimento litúrgico, p. 791.

⁴⁶⁰ NEUNHEUSER, B., Movimento litúrgico, p. 792.

⁴⁶¹ SILVA, J. A., Avanços e limites do movimento Litúrgico no Brasil, p. 45.

⁴⁶² SILVA, J. P., O movimento beneditino e a reforma litúrgica dos séculos XIX e XX, uma proposta para leitura, p. 1.

Antes de o movimento litúrgico ser implantado no Brasil e ganhar força, alguns lampejos desse movimento já circulavam por meio de notícias, exortações e legislações eclesiais, que demonstravam certa preocupação com a vida litúrgica da comunidade católica no Brasil. Com isso, o prelado brasileiro passou a fazer eco ao movimento litúrgico, reforçando a necessidade de promover a participação e a educação litúrgica dos fiéis, a fim de instruí-los sobre a importância da liturgia como fonte de vida cristã, alimento para a fé, força e vigor espiritual.

Apesar disso, o movimento litúrgico no Brasil só começou mesmo a partir de 1933, com a chegada do monge beneditino Dom Martinho Michler da Alemanha para o Mosteiro do Rio de Janeiro. Imbuído do espírito do movimento litúrgico europeu, ao chegar ao Brasil, começou a trabalhar o movimento em vista da renovação litúrgica, deslindando sua dimensão teológico-espiritual por meio de aulas ministradas para universitários, cursos de liturgia nas paróquias e dioceses, retiros etc.⁴⁶³

Nesse mesmo sentido, na Bahia, o beneditino Dom Beda Keckeisen, em 1930, inicia a tradução do Missal Romano para o português, a fim de que os fiéis conseguissem acompanhar a missa. Algo semelhante aconteceu em São Paulo, com a publicação de folhetos para acompanhamento da missa dominical, organizada pelo monge beneditino Dom Polycarpo Amstalden. Em Pernambuco, Dom Mário de Miranda, bispo de Garanhuns, em sua primeira carta pastoral, exorta veementemente a necessidade da restauração litúrgica; essa carta repercutiu em todo o Brasil, servindo como uma espécie de manual da Ação Católica. Enquanto no Rio de Janeiro, o beneditino Dom Hildebrando Martins produziu publicações de ordinários da missa e de outros subsídios para ajudar o povo a compreender e participar melhor da celebração eucarística, o abade beneditino Dom Tamaz Keller passou a defender e recuperar a prática da missa dialogada, ameaçada de proibição por ocasião do Concílio Plenário Brasileiro.⁴⁶⁴

Com tais iniciativas dos monges beneditinos no Brasil, o movimento litúrgico ganhou força: a liturgia apresentada para além das rubricas, mais do que alegorismo, era encantadora, e assim se começa a descobrir sua teologia. Também surge nesse momento o movimento monástico feminino em Belo Horizonte, guiado pela

⁴⁶³ SILVA, J. A., *Avanços e limites do movimento litúrgico no Brasil*, p. 53.

⁴⁶⁴ SILVA, J. A., *O movimento litúrgico no Brasil*, p. 51-73.

abadessa dona Luzia Ribeiro de Oliveira, que incentivava a participação dos fiéis na liturgia. Não podemos nos esquecer, ainda, de Dom Clemente Isnard, que fez o grande elo entre monaquismo brasileiro e movimento litúrgico, sendo chamado de pai e promotor da Reforma litúrgica do Concílio Vaticano II no Brasil.⁴⁶⁵

Com isso, o movimento litúrgico no Brasil cresceu e se espalhou por várias cidades, tendo como entusiasmados divulgadores os membros da Ação Católica, mediante semanas, encontros e estudos de liturgia para o povo católico nas paróquias. A diocese de Belo Horizonte foi a que melhor acolheu e aderiu ao movimento litúrgico, sob a liderança de Dom Cabral, assessorado por uma equipe de padres.

Também o que ajudou o movimento litúrgico a ganhar força no Brasil foram as várias publicações de livros estrangeiros traduzidos para o português, tais como: *A vida litúrgica*, de Lambert Beauduin; *O espírito da liturgia*, de Romano Guardini, entre tantos outros. Devemos considerar ainda que a encíclica *Mediator Dei*, de Pio XII, teve grande repercussão aqui no país, ao fortalecer os ideais em torno do movimento litúrgico, que ajudaram a compreender a liturgia como o centro e a fonte primeira da teologia e da espiritualidade cristã, em meio a tantas controvérsias.⁴⁶⁶

Dessa forma, podemos dizer que o interesse pelas questões litúrgicas reacende-se nas primeiras décadas do século XX e desemboca no movimento litúrgico.⁴⁶⁷ Nesse período, surge das mãos de Pio X uma diretriz segura e um impulso decisivo no que se refere à participação ativa dos fiéis na liturgia, indispensável ao verdadeiro espírito cristão da renovação interior da Igreja.⁴⁶⁸ Os primeiros e decisivos passos indicados no *moto proprio* de Pio X provêm do ambiente monástico de Maredsous e de Mont César (Lovaina).⁴⁶⁹ Nesse sentido, como afirma B. Neunheuser, podemos dizer que o movimento litúrgico passou por quatro períodos.⁴⁷⁰

No primeiro período do movimento litúrgico (1909-1914), como mencionamos acima, se destaca o Papa Pio X, com a publicação de alguns

⁴⁶⁵ SILVA, J. P., O movimento beneditino e a reforma litúrgica dos séculos XIX e XX, uma proposta para leitura, p. 1.

⁴⁶⁶ SILVA, J. A., Avanços e limites do movimento litúrgico no Brasil, p. 54.

⁴⁶⁷ FLORES, J. J., Introdução à teologia litúrgica, p. 81.

⁴⁶⁸ BUGNINI, A., A reforma litúrgica, p. 39.

⁴⁶⁹ FLORES, J. J., Introdução a teologia litúrgica, p. 82.

⁴⁷⁰ NEUNHEUSER, B., História da liturgia através das épocas culturais, p. 207-216.

documentos basilares e de capital importância para sustentar todo o processo do movimento litúrgico no início do século XX.⁴⁷¹ No entanto, o apelo de Pio X, no *Motu proprio Tra le sollecitudini*, sobre a “participação ativa” na liturgia, como fonte de vida cristã autêntica, era desconhecido por muitos. O seu valor foi descoberto mais tarde. O decreto de comunhão frequente também não conseguiu exercer influência no sentido formal, a não ser com o início do movimento litúrgico.

A revalorização do pensamento de Pio X e seu acolhimento se deu, de modo particular, na abadia de Mont César, pelo monge Dom Lambert Beauduin, pelo leigo G. Kurth e pelo cardeal D. Mercier. Nesse período, pela primeira vez o clero e um grande número de fiéis estavam de acordo com a ideia e o propósito de constituir uma vida genuinamente cristã por meio da liturgia celebrada com autenticidade. A produção literária dos primeiros anos foi enorme, além de cursos e semanas de liturgia.⁴⁷²

No segundo período (1914-1918 e 1939-1943), temos como marca importante o impulso original do movimento litúrgico dado na Bélgica. Na Alemanha, a abadessa Maria Laache dedica-se, em especial, à formação, no ambiente universitário, dos professores e do clero. Como consequência, realizam-se cursos, sobretudo na Semana Santa, para estudantes nas universidades.⁴⁷³

No que se refere ao aspecto pastoral, ressaltamos o aprofundamento da liturgia, principalmente no plano teológico, bíblico e patrístico. Multiplicaram-se, por toda parte, associações, jornais, semanas e congressos litúrgicos, no campo diocesano, nacional e internacional.⁴⁷⁴ Até que a Santa Sé começa apoiar e favorecer o movimento, assumindo-o sob a própria direção.⁴⁷⁵

Já no terceiro período (1943-1955), em plena Segunda Guerra Mundial, o interesse pela liturgia na França se concentra mais nos trabalhos científicos; isso até o início da Segunda Guerra, durante a qual é fundado o *Centre de Pastorale*

⁴⁷¹ Os documentos de Pio X, tais como: *Motu proprio Tra le sollecitudini*, sobre a música sacra (22 de novembro de 1903); o Decreto da Congregação do Concílio *Sacra Tridentina Synodus*, sobre a comunhão frequente e cotidiana (02 de dezembro de 1905); Constituição Apostólica *Divino Afflatu*, sobre a reforma do Saltério do Breviário Romano (1º de novembro de 1911); e o *Motu proprio Abhinc duos anos*, sobre a reforma do calendário e do Breviário (23 de outubro de 1913), são preciosísimos no contexto do movimento litúrgico.

⁴⁷² NEUNHEUSER, B., História da liturgia através das épocas culturais, p. 208.

⁴⁷³ NEUNHEUSER, B., História da liturgia através das épocas culturais, p. 209.

⁴⁷⁴ BUGNINI, A., A reforma litúrgica, p. 39.

⁴⁷⁵ Destacam-se aqui a Constituição Apostólica *Divini Cultus*, de Pio XI, em 1928, e a fundação do departamento histórico da Sagrada Congregação dos Ritos, em 1930, também por Pio XI.

Liturgique, com grandes publicações, como a revista *La Maison-Dieu* e a coleção *Lex Orandi*. Na Itália, o movimento caminhou, sobretudo, para questões ligadas aos aspectos pastorais de renovação da liturgia, dando origem ao Centro de Ação Litúrgica. A partir dele, inúmeras iniciativas surgiram, como, por exemplo, a formação para o clero e para os leigos. Nesse Centro de Ação litúrgica, trabalharam: os bispos D. Bernarenggi, de Bergamo, e D. Rossi, de Biella; o cardeal Lercaro; os abades Cannizzaro, Marsilli, Vagaggine; mons. Cattaneo e muitos outros. Foi um período de atividades férteis na Itália, que deixou sinais ainda mais sensíveis à renovação da liturgia.⁴⁷⁶

Já no quarto e último período do movimento litúrgico (1951-1959), destaca-se a Encíclica *Mediator Dei* de Pio XII. Esta, por sua vez, consagra o movimento litúrgico como movimento operante em toda a Igreja, dando-lhe um novo impulso, e potencializa os maiores congressos internacionais, tais como: Maria Laach, 1951; Mont-St. Odile, 1952; Lugano, 1953; Mont César, 1954; Congresso Mundial de Assis, 1956; Montserrat, 1958; Munique, 1960, juntamente com o Congresso Eucarístico.⁴⁷⁷

A liturgia nesse período adentra definitivamente pela via pastoral, retomando idealmente as origens. O que se segue entre os anos de 1951 e 1960 é a ascensão da pastoral litúrgica, pela formação de seus cânones, estrutura e leis. Ela suscitou também no mundo inteiro o interesse pela liturgia. Os pastores perceberam, nessa via litúrgica, o meio mais rápido para recuperar nos fiéis a prática da vida cristã. Há de considerar, ainda, um acontecimento excepcional que precedeu a *Mediator Dei*, que foi a nova versão latina dos Salmos, levada a sério, por ordem de Pio XII, pelo Pontifício Instituto Bíblico, em 1945. Esse trabalho se deve muito ao esforço do padre Agostinho Bea, reitor do Instituto. Foi ele quem amadureceu na mente do Papa a ideia da reforma de toda a liturgia; o saltério, segundo Bea, devia constituir a primeira pedra dessa reforma.⁴⁷⁸

A ideia ganhou consistência, e foi outorgada ao departamento histórico da Sagrada Congregação dos Ritos a missão de preparar um projeto-base que servisse de guia para a discussão sobre os vários problemas a serem tratados por uma

⁴⁷⁶ NEUNHEUSER, B., História da liturgia através das épocas culturais, p. 210-211.

⁴⁷⁷ NEUNHEUSER, B., História da liturgia através das épocas culturais, p. 212.

⁴⁷⁸ BUGNINI, A., A reforma litúrgica, p. 40.

comissão especial. Os trabalhos foram iniciados em outubro de 1946. Depois de dois anos, o resultado foi publicado pelo Departamento histórico: um *Positio*, de trezentos exemplares, intitulado *Memoria sulla riforma liturgica*, contendo 342 páginas. Dois pontos se destacam neste documento: o Ano Litúrgico e o Ofício Divino. Para uso da Comissão Especial, foram publicados quatro suplementos sobre a *Memoria*:⁴⁷⁹ graduação litúrgica; observações sobre a *Memoria*; o material histórico, hagiográfico e litúrgico para a reforma do calendário; o resultado e as deduções da consulta ao episcopado sobre a reforma do Breviário romano.⁴⁸⁰

Foi nomeada uma comissão para a reforma litúrgica (28 de maio de 1948), presidida pelo cardeal Clemente Micara, prefeito da Sagrada Congregação dos Ritos, e formada pelos seguintes membros: D. Alfonso Carinci (secretário-geral da Congregação); Pe. Ferdinando Antonelle, OFM (relator-geral da seção histórica); Pe. Joseph Löw, CSSR (vice-relator); Pe. Anselmo Abareda, OSB, (prefeito da Biblioteca Vaticana); Pe. Agostinho Bea (reitor do Pontifício Instituto Bíblico); Pe. Annibale Bugnini, CM (diretor da *Ephemerides liturgicae* e secretário da comissão). Essa comissão trabalhou incansavelmente durante doze anos em absoluto sigilo:

O sigilo foi tanto que a publicação do *Ordo sabbati Sancti instaurati*, nos primeiros dias de março de 1951, colheu de surpresa os próprios oficiais da Congregação dos Ritos. A comissão gozava da plena confiança do papa, o qual era mantido informado por Dom Montini e, mais ainda, semanalmente pelo padre Bea, confessor de Pio XII. Graça a essa intermediação pôde-se chegar a notáveis resultados também nos períodos nos quais a doença do papa impedia qualquer um de aproximar-se dele.⁴⁸¹

Os primeiros frutos do trabalho da comissão para a reforma litúrgica foram: a restauração da Vigília Pascal; a inovação da Semana Santa; a restauração do Ofício Divino; o Código das Rubricas para o restante da liturgia; a publicação da nova edição típica do Breviário e o Pontifical romano. O Pe. Joseph Löw trabalhou incansavelmente junto aos estudiosos na reforma litúrgica. Ele se destacou por sua notável inteligência, flexibilidade, versatilidade e capacidade de excogitar um leque de propostas e delas construir o modelo ideal de trabalho.

⁴⁷⁹ Aproximadamente, foram redigidos quarenta exemplares, a maior parte mimeografada para uso da comissão.

⁴⁸⁰ BUGNINI, A., A reforma litúrgica, p. 40-41.

⁴⁸¹ BUGNINI, A., A reforma litúrgica, p. 42.

Em síntese, o amplo magistério de Pio XII foi um grande avanço para chegar às constituições dogmáticas *Sacrosanctum Concilium* e *Dei Verbum*, do Vaticano II. Alguns aspectos importantes no seu magistério, no que se refere à liturgia, se destacam: a instrução sobre a formação do clero no Ofício Divino; a faculdade, em alguns casos específicos, de o sacerdote poder confirmar; publicação da Encíclica *Mediator Dei*; a multiplicação dos rituais bilíngues; a determinação de matéria e forma para os três graus da Ordem; a reforma da Vigília Pascal e do jejum eucarístico; a instrução das missas vespertinas e a reforma da Semana Santa (1955); a edição de lecionários bilíngues (1958); a publicação da Encíclica *Musicae sacrae disciplinae*.⁴⁸² Como se pode perceber, o movimento litúrgico, no pontificado de Pio XII, se solidificou, ganhou força e avançou.

Com relação à formação bíblica do povo para melhor participação na liturgia, como já mencionamos no item sobre o movimento bíblico, progressivamente foi ganhando força nos documentos do Magistério da Igreja. A Escritura no primeiro milênio era uma necessidade vital para uma pessoa abraçar a fé em Cristo e ingressar na comunidade cristã. No segundo milênio propriamente dito, a Escritura aos poucos foi ficando mais reservada aos clérigos. O povo se apegou às devoções e, também, aos poucos foi ficando sem o alimento da Palavra de Deus.

Dessa forma, a *Providentissimus Deus*, de Leão XIII, sobre os estudos bíblicos, inaugurou uma série de documentos do Magistério da Igreja dedicados à Palavra de Deus, abrangendo desde a importância da iniciação bíblica do povo até chegar à solene proclamação da Palavra de Deus na liturgia, com uma mesa abundante e farta da Escritura para os fiéis.

Além de estimular e recomendar o estudo da Escritura, Leão XIII aconselhava que a formação atendessem às circunstâncias que o tempo reclamava. Exortava todos, então, a conhecer a Escritura como fonte da revelação católica e a ser verdadeiros guardiões da Palavra de Deus. Segundo ele, toda a Escritura inspirada é útil para ensinar, repreender, corrigir, instruir na justiça, a fim de que o cristão seja perfeito nas boas obras.⁴⁸³ Nesse sentido, pedia ao pregador que fosse o primeiro estudioso e escutador da Escritura, para proclamá-la com a força do Espírito Santo e do Verbo encarnado, e, assim, produzir bons frutos. O contrário seria apenas discursos

⁴⁸² GOENAGA, J. A., O movimento litúrgico, p. 134.

⁴⁸³ PD 1-2.

humanos, áridos e frios que não inflamam o fogo da Palavra de Deus. Para o Papa Leão XIII, cabe ao pregador ser um assíduo estudioso, escutador e piedoso meditador da Escritura.⁴⁸⁴

Já Bento XV, na *Spiritus Paraclitus*, afirma que o amor pela Escritura e a sua assídua leitura permitem familiaridade com o texto sagrado.⁴⁸⁵ Além de exortar o amor e o estudo da Bíblia, ele estimula o clero e os fiéis ao zelo pela Escritura, e, ao recordar Leão XIII, afirma o dever de não se descuidar do estudo das letras sagradas, porque ela é alimento para a vida espiritual do sacerdote e dos fiéis.⁴⁸⁶

Pio XII, por sua vez, na *Divino Afflante Spiritu*, em perfeita sintonia com Leão XIII e Bento XV, recomenda o estudo, a pregação, a leitura e a meditação da Escritura, e afirma que a Bíblia é para instruir o fiel para a salvação, pela fé em Jesus Cristo (2Tm 3,15). De acordo com ele, ao sacerdote cabe, por ofício, o dever de procurar a salvação dos fiéis, depois de prudente estudo da Escritura; e, ao assimilar a Palavra de Deus por meio da oração e da meditação, distribua essa riqueza com o devido zelo nos sermões e homilias, expondo com clareza aos fiéis a Escritura, de modo que eles se afervorem a melhorar de vida e a concebam com veneração.⁴⁸⁷

Na Encíclica, também exorta os sacerdotes a fomentarem no povo católico o conhecimento e o amor pela Bíblia. Para isso, incentiva a distribuição, entre os fiéis, de exemplares da Escritura, de modo particular o Evangelho, para que as famílias a leiam todos os dias com piedade e devoção, e recomenda também, onde a liturgia consentir, o uso da Bíblia traduzida nas línguas modernas, com a aprovação da autoridade eclesiástica.⁴⁸⁸

Nesse sentido, ao estimular o estudo da Escritura, Pio XII reforça o pensamento de São Jerônimo, quando afirma que o desconhecimento da pessoa de Jesus Cristo é fruto da ignorância da Escritura. Portanto, fica claro que a formação bíblica do clero e do povo católico contribui e favorece a participação ativa e frutuosa na liturgia. Com isso, o movimento litúrgico, alinhado ao movimento

⁴⁸⁴ PD 3.

⁴⁸⁵ SP 15.

⁴⁸⁶ SP 24.

⁴⁸⁷ DAS 26.

⁴⁸⁸ DAS 26.

bíblico, encontra apoio e força no documento do Papa, primeiro com a encíclica *Divino Afflante Spiritu* e mais tarde com a encíclica *Mediator Dei*.

Podemos ler na *Mediator Dei* que a ação litúrgica inicia-se com a fundação da Igreja. Os cristãos eram assíduos aos ensinamentos dos apóstolos, à fração do pão e à oração. Dessa maneira, os pastores no mundo inteiro são convocados a reunir os fiéis para erguer um altar com intuito de oferecer sacrifícios de louvor, por meio dos ritos adaptados à santificação e à glorificação de Deus. Entre esses ritos estão: os sacramentos, como principais fontes de salvação; a celebração do louvor divino, em que os cristãos reunidos em oração são inspirados, pela graça dos salmos, hinos e cânticos espirituais, a louvar a Deus com o coração; escuta atenta da leitura da Lei, dos Profetas, do Evangelho e das epístolas apostólicas; e exortação prática da vida, a partir de seus acontecimentos principais, testemunhando com belos exemplos a Palavra de Deus.⁴⁸⁹

3.2

A escuta da Escritura na liturgia à luz da *Sacrosanctum Concilium*

Depois de um olhar pelo retrovisor da história, revisitando alguns Padres da Igreja, nos primeiros séculos do cristianismo, e, mesmo que de forma sucinta, passando pelos movimentos bíblico, litúrgico, patrístico e ecumênico, que tanto contribuíram para a renovação litúrgica do Rito Romano, vamos agora avançar mais um pouco na importância da escuta litúrgica da Escritura no Concílio Ecumênico Vaticano II, mais precisamente nas Constituições *Sacrosanctum Concilium* e *Dei Verbum*.

A Constituição Dogmática *Dei Verbum* foi uma das constituições que mais ocuparam a aula conciliar. Começou a ser discutida logo no início do Concílio, passou por várias etapas de redação e foi a última a ser aprovada, ou seja, foi muito bem elaborada.⁴⁹⁰ Promulgada em 18 de novembro de 1965, aparentemente se mostra como um pequeno texto, mas tem profunda densidade, sendo chamada de “alma” do Concílio,⁴⁹¹ “carta magna” da Palavra de Deus⁴⁹² e ainda como documento “fonte” do Vaticano II.⁴⁹³

⁴⁸⁹ MD 18.

⁴⁹⁰ CAPIZZI, N., *Dei Verbum*, p. 11-46.

⁴⁹¹ TESTARERRI, F., *La Parola viva*, p. 14.

⁴⁹² LATOURELLE, R., *Come Dio si rivela al mondo*, p. 5.

⁴⁹³ LATOURELLE, R., *Vaticano II*, p. 17.

A importância dessa constituição se deve, certamente, a dois fatores: primeiro, por seu processo de maturação ao longo do Concílio Vaticano II, como podemos constatar em relação às Constituições *Sacrosanctum Concilium*, *Lumen Gentium*, *Gaudium et Spes* e aos demais documentos elaborados pelo Concílio; em segundo lugar, porque é fruto de uma caminhada que precede o Concílio e que imprimiu um carimbo importante para o seu nascimento no Vaticano II, como podemos confirmar nos documentos do Magistério da Igreja: *Providentissimus Deus*, *Spiritus Paraclitus* e *Divino Afflante Spiritu*.⁴⁹⁴ O despertar da importância da Escritura na vida da Igreja, levando em consideração a formação do clero e dos fiéis e a ampliação de textos da Escritura na liturgia, se deve de modo particular ao movimento bíblico e litúrgico.

A Escritura é a pérola mais preciosa que orienta e percorre toda a constituição dogmática *Dei Verbum*. Ressaltamos de modo particular o próêmio – síntese de sua mensagem –, para nossa abordagem sobre a escuta litúrgica, *locus* privilegiado para a celebração da Palavra de Deus:

Este Sagrado Concílio, ouvindo religiosamente e proclamando com desassombro a Palavra de Deus, obedece ao dito de São João: “Nós vos anunciamos esta Vida eterna, que estava voltada para o Pai e que nos apareceu: o que vimos e ouvimos, vo-lo anunciamos para que estejais também em comunhão conosco. E a nossa comunhão é com o Pai e com o seu Filho Jesus Cristo” (1Jo 1,2-3).⁴⁹⁵

Consagrada com o nome *Dei Verbum*, “o Verbo de Deus”, essa constituição contém em si mesma a proposta a ser desdobrada em todos os capítulos do documento. Já no prelúdio do próêmio percebemos toda a dinâmica do projeto de Deus no que se refere ao dom da revelação. Os Padres conciliares, atentos à inspiração do Espírito Santo e obedientes à Palavra de Deus, se põem a escutá-la religiosamente e proclamam com coragem o que Deus, por meio dela, suscita em seus corações. O documento, no seu *incipit*, nos insere em uma assembleia atenta e enlevada à escuta da Escritura. Essa imagem expressa a sinodalidade da Igreja, representada pelos Padres conciliares e demais membros ao redor da Escritura. A Palavra de Deus, então, torna-se o centro de gravidade de uma Igreja sinodal, na

⁴⁹⁴ MATINEZ DE OLIVEIRA, F., A constituição dogmática *Dei Verbum* e o Concílio Vaticano II, p. 3-23.

⁴⁹⁵ DV 1.

qual a primazia é a escuta da Escritura, e por isso se dispõe a caminhar para anunciá-la com coragem.⁴⁹⁶

Portanto, a reunião sinodal do Concílio, unida pelo Espírito Santo, ao abrir-se à acolhida da revelação divina, coloca as pessoas em atitude de servidoras da Palavra de Deus por meio da escuta religiosa. Por esse viés, o Vaticano II realiza uma revolução na Igreja, distinta da concepção pré-conciliar, em que prevalecia a *ecclesia docens*, ou seja, a imagem piramidal pela qual a Igreja ensina e o povo obedece.⁴⁹⁷ Desse modo, a constituição dogmática *Dei Verbum*, a *ecclesia audiens*, é indispensável à formação e ao ensinamento da *ecclesia docens*. A Igreja, ao reconhecer o primado da Escritura, é chamada a estar a serviço dela.⁴⁹⁸

Para B. Cartati, a Igreja, por meio da escuta da Escritura e da graça sacramental, é mistério que visibiliza a vida do Pai, do Filho e do Espírito Santo em perfeita comunhão. Na comunhão trinitária, funda a nossa comunhão nas três fases da história salvífica do povo de Deus: no Antigo Testamento, mediante as várias economias dos patriarcas e profetas; no Novo Testamento, com a história de Jesus; e, por fim, na Igreja, enquanto comunidade de fé. Nesse sentido, todos nos encontramos nessa grande história da salvação.⁴⁹⁹

Como citado antes, o próêmio da *Dei Verbum* apresenta o texto da primeira epístola de João: “O que vimos e ouvimos, vo-lo anunciamos para que estejais também em comunhão conosco. E a nossa comunhão é com o Pai e com o seu Filho Jesus Cristo” (1Jo 1,3). Assim, com esse fundamento escriturístico, destaca a experiência de fé da comunidade primitiva e nos coloca diante de um precioso e dinâmico documento cheio de vivacidade, impregnado de uma carga querigmática, que, por sua vez, pode nos lançar ao contexto litúrgico da perícopes e nos familiarizar com as primeiras assembleias cristãs reunidas para escutar e acolher com fé a Palavra proclamada. Ressaltamos que a expressão “nós” da epístola de João fulgura uma Igreja querigmática assembleial que constrói a sua identidade no próprio ato de se congregar. Enxergamos esse “nós” marcado pela experiência cúltil-celebrativa do testemunho e do anúncio da manifestação de Deus.⁵⁰⁰

⁴⁹⁶ SANTANA, L. F. R., Bíblia e liturgia: da *Dei Verbum* à *Verbum Domini*, p. 247.

⁴⁹⁷ CALATI, B., Rivelazione e o tradizione: Il capitolo il dela *Dei Verbum*, p. 12.

⁴⁹⁸ SANTANA, L. F. R., Bíblia e liturgia, p. 248.

⁴⁹⁹ CALATI, B., Rivelazione e o tradizione: Il capitolo il dela *Dei Verbum*, p. 12.

⁵⁰⁰ SANTANA, L. F. R., Bíblia e liturgia, p. 248-249.

Além da autoridade da Escritura, o início do próêmio da *Dei Verbum* assinala e valoriza o magistério da Igreja, quando reafirma o que pretendeu propor os Concílios de Trento e do Vaticano I, no que diz respeito à genuína doutrina sobre a revelação Divina e a sua transmissão, para que, escutando o anúncio da salvação, o mundo inteiro creia, espere e ame.⁵⁰¹ Nesse sentido, o caminho a ser percorrido pelo Concílio não podia ser outro senão o da Escritura, pois, na revelação de Deus, alcança sua plenitude e sua mediação absoluta na Palavra feita carne, Jesus Cristo.⁵⁰²

Desse modo, com a afirmativa da primazia na escuta religiosa da Escritura, proclamada com confiança na abertura solene do Concílio, a *Dei Verbum* realça a importância da assembleia conciliar para um novo horizonte da Igreja, sem desmerecer a caminhada histórica sob o impulso do Espírito Santo. Com isso, levamos a compreender que a inspiração do Vaticano II encontra seu fundamento na escuta religiosa e permanente da Palavra de Deus. Uma vez que a Palavra se encarnou, tornou-se audível, visível, próxima e palpável. A partir desse acontecimento salvífico, a Palavra encarnada pode se tornar fonte da experiência e do testemunho do Ressuscitado.⁵⁰³

Essa primazia absoluta da escuta da Escritura, ressoada pela *ecclesia audiens, orans e docens* da comunidade joanina, portanto, é eco da transmissão vivida e testemunhada pelo povo de Israel, fundamento, coração, alma e força para a espiritualidade de Israel: “Escuta, Israel! O Senhor é nosso Deus, o Senhor é um” (Dt 6,4). Depois Jesus retoma essa ideia intencionalmente para reafirmar o maior mandamento da Lei (Mc 12,29).

Daí a importância de destacar o fio condutor que norteia esta pesquisa: o *shemá* litúrgico e o *fides ex auditu* paulino, uma vez que a escuta litúrgica da Palavra se expressa de modo significativo na ação ritual. Nesta via, experimentamos e testemunhamos o amor de Deus celebrado nas ações litúrgicas pelo *modus operandi* da escuta da Escritura. Uma hipótese que levantamos desde o início é sobre a importância da escuta litúrgica da Escritura para a tradição judaico-cristã. Vemos que, pelo *shemá* litúrgico da Escritura, tanto o povo judeu quanto o povo cristão

⁵⁰¹ DV 1.

⁵⁰² DV 2.

⁵⁰³ BIANCHI, E., *L'amore vince la morte*, p. 23-34.

criaram uma identidade própria de povo da Aliança, povo do Deus Único. Nesse sentido, Palavra e rito expressam de modo significativo a identidade católica na liturgia do Rito Romano. Hoje, graças ao espírito pastoral do Concílio Vaticano II, em qualquer lugar do planeta o sentimento de pertença a essa comunidade de fé católica pode ser identificado com a Palavra e o rito.

3.2.1

Escritura e liturgia

O movimento bíblico, aliado ao movimento litúrgico, foi o grande responsável por fazer com que a Igreja Católica ampliasse o uso da Escritura na liturgia. Para que esse sonho fosse concretizado, destacamos alguns documentos de fundamental importância para o processo da reforma litúrgica do Concílio Vaticano II, naquilo que se refere às Escrituras na liturgia. Nesse contexto, destacam-se as Encíclicas: *Providentissimus Deus* (Papa Leão XIII), *Spiritus Paraclitus* (Bento XV) e *Divino Afflante Spiritu* (Pio XII); e, para compor o “Pentateuco bíblico-litúrgico”, acrescentam-se as constituições do Concílio Ecumênico Vaticano II: *Sacrosanctum Concilium* e *Dei Verbum*. Nesse sentido, esse grande impulso aos estudos sobre a liturgia e a Escritura certamente brotou do próprio Espírito Santo e do vento soprado no século XIX (levando em consideração o ano de lançamento da *Providentissimus Deus*).⁵⁰⁴

O fervor com o qual a Igreja redescobriu na Escritura o fruto do movimento litúrgico e bíblico encontra seu ponto de ebulição na ação pastoral da Igreja. O *sensus cultus* pede sua integração ao *sensus Scripturae*. Caso se excluísse a Escritura da liturgia, todo esforço de conduzir os fiéis a uma *actuosa participatio* deixaria de existir. A pregação da Palavra de Deus tem a função de nos renovar profundamente, por meio dos recursos bíblicos e patrísticos.⁵⁰⁵

O caminho indicado magistralmente pelo cardeal Bea, no discurso de abertura do Congresso Litúrgico Internacional de Assis, em 1956, diz que o vínculo místico que existe na liturgia entre Escritura e o Pão da Vida implica a vida do ministro ordenado como ministro da Palavra e do sacramento. A Palavra de Deus deve, de certo modo, tornar-se carne e alma na vida do sacerdote. Dessa forma, embora o

⁵⁰⁴ TRIACCA, A. M., Bíblia e liturgia, p. 135.

⁵⁰⁵ MAGRASSI, M., Viver a Palavra, p. 43.

sacerdote celebre a Eucaristia com toda dignidade, se ele não distribuir aos fiéis o pão da Palavra de Deus, é um ministro pela metade.⁵⁰⁶

A Bíblia é o livro da Igreja. Os Santos Padres não concebiam a Bíblia fora do mistério eclesial. A Escritura fora do contexto eclesial é uma “letra” que mata. Contudo, quando proclamada, escutada e assumida com o fôlego da Igreja, ajuda-nos a superar os estreitos limites da nossa consciência e nos coloca em sintonia com o grande desígnio de Deus. A Igreja e somente ela, como comunidade dos convocados pelo Senhor, possui o Espírito Santo que falou por meio dos profetas. Assim, para ler e compreender a Escritura, devemos recorrer à Tradição da Igreja. Assistida pelo Santo Espírito, a Tradição pode nos restituir uma Palavra de vida e de esperança. Uma pergunta se faz necessária: como devemos ler a Bíblia? M. Magrassi responde que devemos lê-la com a Igreja, porque ela proclama, ensina com fé e testemunho de vida. Enfim, quando escutamos a Palavra de Deus na liturgia, palpita a vida total da Igreja.⁵⁰⁷

Na liturgia, a Igreja trata a Escritura como Palavra viva e sempre atual. Nela relê a sua história, enxerga refletida sua vida, escuta o que Deus tem a dizer hoje. Tudo isso está presente na liturgia, porque somente nela a Escritura é colocada na tradição viva da Igreja. Ela constitui o cenário mais autêntico da vida da Igreja na sua totalidade. Na celebração de cada ato litúrgico, a Igreja experiencia o mistério da salvação cumprido em Jesus Cristo e se prolonga pelos séculos. Ela atualiza o mistério celebrado e proporciona aos fiéis a compreensão e a experiência mais profunda com Cristo.⁵⁰⁸

Nos dias de hoje, esse vento continua soprando, pois não cessaram os esforços para aprofundar a relação entre liturgia e Sagrada Escritura. Diversos estudos realizados nessa área abordam problemas do tipo histórico-litúrgico, pastoral-litúrgico e teológico-litúrgico, em uma dimensão ascendente e descendente, quando a Palavra de Deus é celebrada.

O vocabulário adotado para expressar a realidade da Palavra de Deus é vasto nos documentos conciliares e anteriores: “revelação divina”, “Palavra de Deus”, “Sagrada Escritura”, “Antigo e Novo Testamento” etc. Assim como o mistério

⁵⁰⁶ BEA, A., *Valore pastorale della Parola di Dio nella liturgia*, p. 151-192.

⁵⁰⁷ MAGRASSI, M., *Viver a Palavra*, p. 57.

⁵⁰⁸ MAGRASSI, M., *Viver a Palavra*, p. 70.

pascal é o centro da vida da Igreja, a Escritura também ocupa o mesmo lugar, pois é também mistério: “No princípio era a Palavra, e a Palavra estava junto de Deus e a Palavra era Deus. [...] E a Palavra se fez carne e habitou entre nós” (Jo 1,1-14). A Igreja, assistida pelo Espírito Santo, escuta com amor a Palavra de Deus, compreende, guarda com cuidado, praticando e professando a fé que da Igreja recebeu:

O magistério não está acima da Palavra de Deus, mas sim ao seu serviço, ensinando apenas o que foi transmitido, enquanto, por mandato divino e com a assistência do Espírito Santo, ouve a Palavra de Deus com amor, a guarda com todo cuidado e a expõe fielmente, e neste depósito único da fé encontra tudo quanto propõe para se crer como divinamente revelado.⁵⁰⁹

A liturgia, ao se ocupar do mistério de Cristo e da Igreja, o lê e relê na Escritura. Portanto, a expressão “litúrgica do mistério de Cristo” é toda escriturística, especialmente na liturgia romana. A liturgia lê a Escritura com uma luz própria, que a constitui como a lei da interpretação. A lei interpretativa da Escritura na liturgia pode ser compreendida da seguinte forma: a liturgia lê a Escritura à luz do princípio supremo da unidade do mistério de Cristo, contida no Antigo e no Novo Testamento. Essa unidade orgânico-progressiva deve ser vista a partir do primado dos dois Testamentos, sem descartar as realidades escatológicas sobre a realidade da economia atual. Logo, todo o Antigo Testamento e as realidades de que fala preparam, anunciam e prefiguram a vinda histórica de Cristo, e se realizam continuamente na vida real, mística, litúrgica e extralitúrgica dos cristãos na Igreja, presente desde a ascensão até a parusia.⁵¹⁰

Tudo que se diz no Antigo Testamento pode ser entendido no Novo. Por essa via e princípio, o cristão na liturgia é guiado pela escuta da Escritura à interpretação do mistério de Cristo. Nesse sentido, a economia cristã prefigurada pela economia antiga prepara, possibilita e prefigura a economia escatológica futura. Esta é a chave para compreender o sentido das leis de interpretação da Escritura utilizado na liturgia. A Igreja, pela escuta litúrgica da Escritura, busca viver e colocar em prática o que aprendeu da Palavra de Deus. Seria ilusão reconduzir os cristãos à Escritura sem reconduzi-lo à liturgia e vice-versa. Contudo, não é exagerado dizer que,

⁵⁰⁹ DV 10.

⁵¹⁰ VAGAGGINI, C., O sentido teológico da liturgia, p. 393-395.

quando os cristãos reencontram conaturalmente a Escritura na liturgia e a liturgia na Escritura, um grande passo poderá ser dado em direção a uma vida cristã mais intensa, a partir da unidade entre Escritura, liturgia e vida.

A relação entre Escritura e liturgia é muito clara desde a época na qual o lugar do culto ainda era a sinagoga. Na sinagoga, a liturgia era fundamentalmente a escuta da leitura da Escritura e o canto dos Salmos.⁵¹¹ A Escritura na liturgia cristã se aplica adequadamente no plano histórico, expressa-se no culto sinagoga, mas a liturgia cristã reclamava para si o caráter de culto espiritual, cujo representante no judaísmo era a sinagoga.⁵¹²

A liturgia cristã, aos poucos, passou do aspecto histórico para a consideração teológica, aprofundando a relação entre Escritura e liturgia. Desse modo, podemos dizer que a relação entre Escritura e liturgia é muito mais que uma referência às origens. Ambas constituem o componente essencial para a salvação; se, por um lado, a Escritura é anúncio perene do plano salvífico, a liturgia é a sua realização ritual. Com o evento Cristo, a relação entre Antigo e Novo Testamento mudou, bem como a referência à sinagoga e ao culto hebraico; pode-se afirmar que a liturgia está para Escritura assim como a realidade de Cristo está para seu anúncio. Sendo assim, é indispensável à liturgia cristã a escuta da leitura da Escritura. Nessa reunião para a escuta litúrgica da Escritura, Cristo se faz presente e fala ao seu povo, e a Igreja o interpreta hermeneuticamente e aplica a Escritura à vida cristã. Assim, a Escritura na liturgia assume cada vez mais o papel de anúncio-proclamação de um acontecimento de salvação presente.⁵¹³

Nesse sentido, a Igreja, à qual a Palavra de Deus foi confiada, tem a responsabilidade de conservar e transmitir a verdade revelada por meio do anúncio no culto e do testemunho. Naquilo que diz respeito à interpretação autêntica da Palavra escrita ou transmitida, esse ofício foi confiado ao magistério da Igreja, cuja autoridade se exerce em nome de Jesus Cristo. No exercício de seu carisma, o Magistério da Igreja presta ao povo de Deus um serviço particular. A Igreja ensina a comunidade a manter sua identidade e fidelidade aos dados da revelação. O Concílio nos ensina que a Palavra de Deus é superior ao Magistério, de tal forma

⁵¹¹ FLORES, J. J., Introdução à teologia litúrgica, p. 335-336.

⁵¹² SALVATORE, M. et al. Liturgia, p. 101.

⁵¹³ FLORES, J. J., Introdução à teologia litúrgica, p. 336-337.

que “o Magistério não está acima da Palavra de Deus, mas a seu serviço, ensinando apenas o que foi transmitido”.⁵¹⁴ A Igreja, portanto, tem a missão de atualizar a Escritura, aplicando-a à realidade da vida das pessoas em cada época.⁵¹⁵

A religião cristã alimenta-se da Escritura e da pregação da Igreja. Deus, no seu imenso amor, encontra-se com seu povo reunido para conversar com ele e alimentá-lo por meio da proclamação e da escuta da Escritura. Sua Palavra sustenta e salva o seu povo; além de fornecer a solidez na fé, é fonte pura e perene da vida Espiritual.⁵¹⁶ A Palavra de Deus é viva e eficaz (Hb 4,12), tem o poder de edificar e de dar por herança a santificação de todos (At 20,32; 1Ts 2,13).

A edificação do povo de Deus na assembleia litúrgica acontece de modo expressivo nas seguintes dimensões: a) histórica: a assembleia litúrgica se reconhece como povo de Deus, que Cristo constituiu em unidade, incorporando-a a si no seu mistério pascal e regenerando-a com vida nova para torná-la participante da sua função sacerdotal, régia, profética; b) espiritual: a assembleia litúrgica torna-se o lugar privilegiado para a participação dos fiéis no sacerdócio de Cristo; c) escatológica: a assembleia litúrgica torna visível o cumprimento perfeito da ação cúlta, que se realizará plenamente no *eschaton*; e d) litúrgica: a assembleia convocada pela Palavra de Deus é chamada a anunciar a Escritura, reatualizando-a como memorial do Senhor.⁵¹⁷

As ações litúrgico-celebrativas estão encharcadas da Escritura, e ela, por sua vez, revela e dá sentido ao que é celebrado. Pela escuta da Palavra de Deus na liturgia, os fiéis são inseridos no mistério pascal de Cristo. Pela compreensão dos textos bíblicos proclamados na liturgia, os cristãos podem levar para seu dia a dia a mensagem que brota da perfeita conexão entre Escritura e liturgia.⁵¹⁸

Nessa perspectiva, podemos dizer que Igreja nasce da Palavra de Deus e na liturgia ela exercita e proclama a Escritura para levar à consecução dos fins para os quais a Palavra de Deus veio até nós. Portanto, tais afirmativas tornam compreensíveis os princípios interpretativos da proclamação da Palavra de Deus na

⁵¹⁴ DV 10.

⁵¹⁵ REIS, C. M. S., *Revelação e Bíblia*, p. 30-31.

⁵¹⁶ DV 21.

⁵¹⁷ TRIACCA, A. M., *Bíblia e liturgia*, p. 139.

⁵¹⁸ OSAVA, M. M., *Bíblia e Liturgia*, p. 120-121.

liturgia, isto é, o que a Palavra de Deus realiza na Igreja e as principais leis que se verificam na relação entre celebração litúrgica e Palavra de Deus.⁵¹⁹

Na Escritura, a palavra é o elemento mais importante, porque nela existe sempre um significado bem definido sobre a realidade que quer transmitir. A força que a palavra possui em si toma consistência ao ser pronunciada e, ao mesmo tempo, ela se revela e se dá a conhecer ao escutador que a compreende e a acolhe.

Nesse sentido, podemos dizer que, por um lado, a Palavra de Deus possui eficácia subjetiva, independentemente de qualquer entendimento subjetivo; porém, por outro, ela tem eficácia relativa às capacidades de percepção de quem a ouve. Quando a palavra se torna veículo para a revelação, a Palavra da Escritura é ordenada ao conhecimento e à acolhida do dado objetivo que Deus quer transmitir. Nas ações litúrgico-salvíficas, celebradas na Igreja, o dado objetivo e a eficácia objetiva da Palavra de Deus, além do entendimento subjetivo, são levados à explicitação.

Logo, a Palavra do Pai, ao entrar no tempo, dá origem histórica à Palavra de Deus e a transforma em um evento operante na história da salvação. Ela é o *mysterion* do Pai, que, por obra do Espírito Santo, age na história, fazendo-a tornar-se história da salvação. Contudo, o auge da realização da história da salvação se dá na páscoa de Cristo. A vida que brota de sua páscoa se irradia, penetrando no Corpo místico dele, que é a Igreja. A Palavra de Deus é confiada à Igreja, a fim de que, no tempo e no espaço, ela se transforme em história da salvação em ato. O mistério proclamado pela Palavra realiza-se na ação litúrgica.

Todavia, a Escritura posta na ação litúrgica é ordenada tanto para suscitar a fé, com o objetivo de tornar presente o “mistério” na vida do cristão, quanto para o cumprimento e a realização de tudo o que há de significado nela. Por isso, a Palavra de Deus proclamada na liturgia está diretamente relacionada com a realização e a atuação da história da salvação que acontece e nela se concretiza.⁵²⁰

Convém dizer que Escritura e liturgia estão tão conectadas que, “unidas entre si, constituem um único ato de culto”.⁵²¹ Assim, a proclamação da Escritura na

⁵¹⁹ TRIACCA, A. M., Bíblia e liturgia, p. 139.

⁵²⁰ TRIACCA, A. M., Bíblia e liturgia, p. 140.

⁵²¹ SC 56.

liturgia é mistério da salvação para a Igreja reunida em oração. A Escritura na liturgia se converte em oração, por isso ela tem a primazia na liturgia.⁵²²

Em vista do cumprimento da história da salvação, a Palavra de Deus na liturgia realiza o que ela significa no mistério pascal de Cristo, como obra da nossa redenção. Nesse sentido, podemos dizer que toda celebração litúrgica é realização do mistério pascal de Cristo e da obra de Cristo em nós. Portanto, tudo o que se realizou no evento salvífico de Cristo converge para a fé dos que nele creem e celebram em sua memória.⁵²³

Da escuta da Palavra de Deus na liturgia desponta a estreita relação entre celebração e missão. Uma atuação vibrante da Igreja no mundo depende do modo que ela escuta e celebra a Palavra. Essa verdade se refere tanto à Igreja como comunidade dos fiéis quanto para o cristão em particular. O cristão encontra sua vitalidade espiritual na Palavra proclamada na liturgia. A eficácia na missão dos cristãos ao longo da semana depende do alimento que recebeu da Escritura na celebração litúrgica. E, em cada ciclo litúrgico, ele retroalimenta a própria vida espiritual para cumprir sua missão no dia a dia. Daí a importância da realidade cúllica da Palavra.

A Igreja recorda a si mesma, na escuta litúrgica da Escritura, tudo o que o Espírito suscita para o bem das gerações cristãs. A proclamação da Palavra de Deus na liturgia é iluminada por uma luz própria. Confirmamos isso tanto no desenvolvimento da história eclesial, desde os apóstolos até os dias de hoje, quanto na evolução dos dogmas e da doutrina da Igreja Católica, bem como, ainda, na referência estabelecida entre os textos do Antigo e do Novo Testamento, em que a Igreja, na ação litúrgica, alimenta seus filhos e os estimula a viver na prática o que celebram na liturgia.

Na Palavra proclamada está o anúncio perene do plano divino da salvação. Cristo é a “realidade comunicada” na Escritura pela liturgia. Por isso a liturgia, por meio da experiência direta do mistério de Cristo, nos dá o conhecimento e a revelação do mesmo mistério, o qual jamais poderá ficar apenas no plano intelectual, mas deve sempre ser representado, com o aumento do conhecimento-revelação, mediante uma maior experiência íntima e existencial. Nesse sentido,

⁵²² FOSSA, I., *Bíblia y liturgia*, p. 238-239.

⁵²³ TRIACCA, A. M., *Bíblia e liturgia*, p. 140.

podemos dizer que a Escritura está para a liturgia assim como a liturgia está para a Escritura, e ambas estão imbuídas do mesmo mistério, que é o Cristo Senhor.

Na celebração litúrgica, Cristo é o centro da Palavra proclamada. Quem a proclama dá voz à Palavra para que, quando ouvida, seja vivificada. Naquele que escuta e acolhe a Palavra, o Espírito Santo opera vida nova. A cristocentricidade que a Palavra de Deus assume na ação litúrgica é força operante e vivificante. Nesse sentido, vale a máxima de São Jerônimo: “Ignorar a Escritura é ignorar Cristo”, podendo-se dizer ainda que ignorar Cristo é ignorar a Escritura, como também não celebrar Cristo é não celebrar a Escritura; porém, celebrar Cristo é celebrar a Escritura. Assim, Cristo é o eixo central da liturgia e da Escritura proclamada nas ações litúrgicas.

O Espírito Santo opera e faz ecoar no coração do cristão as maravilhas da Palavra de Deus; sob sua inspiração e com seu auxílio, a Escritura se torna fundamento da ação litúrgica, norma e apoio para toda a vida. O Espírito Santo não só previne, acompanha e estende a ação litúrgica, mas também sugere na mente e no coração de cada pessoa o que dever ser dito quando se proclama a Escritura a toda a assembleia reunida. Ele fortalece a unidade de todos, favorece a diversidade dos carismas e os valoriza em suas múltiplas funções.⁵²⁴

De fato, a liturgia e a Escritura contêm e proclamam, talvez, a parte mais importante e sem dúvida a mais viva, animada e penetrante do *depositum fidei*. Todavia, é o Espírito Santo que nos leva a compreender e celebrar a liturgia. Ele é a terra molhada da liturgia, o princípio e a vitalidade da mesma. Assim, para que compreendamos a Palavra de Deus que escutamos da liturgia, precisamos da ação do Espírito Santo.⁵²⁵

Com esse princípio vital e solene da ação do Espírito Santo, acontece a compreensão da Escritura, de acordo com a capacidade de cada fiel, em relação a sua experiência espiritual e a sua compreensão. Com isso, assegura-se que liturgia e Escritura celebrada são exegese viva do Espírito Santo e ação litúrgica simultânea, porque operam naquilo que realizam. Quando Deus envia a sua Palavra, espera que haja resposta da parte do ser humano. Portanto, o Espírito Santo age de tal forma na pessoa humana que o leva a responder de maneira eficaz àquilo que escutou da

⁵²⁴ OLM 9.

⁵²⁵ TRIACCA, A. M., *Lo Spirito Santo nella liturgia e nella vita della Chiesa*, p. 48-49.

Escritura proclamada na liturgia, para depois pôr em prática.⁵²⁶ Aliás, a Escritura celebrada sob a ação do Espírito Santo se torna sacramento, porque é comunhão com o corpo de Cristo.

Na Igreja, a Palavra de Deus é atualizada e vivificada, porque o *Verbum Dei* veio a este mundo para constituir entre os filhos dispersos a unidade de seu corpo, que é a Igreja. A assembleia litúrgica se constitui na qualidade de corpo eclesial e corpo de Cristo, pela força operante da Palavra proclamada, na qual Deus convoca, reúne e edifica o povo congregado. O querigma anunciado na liturgia faz de cada pessoa participante da ação litúrgica. Ao escutar a Escritura, o cristão aprofunda sua fé, compreende sua missão e acolhe com docilidade o que será anunciado e praticado no seu dia a dia. Na Palavra celebrada, fulgura Cristo Ressuscitado, presente no mundo. A lei da Palavra proclamada na liturgia só pode ser compreendida e interpretada em relação a Cristo e a Igreja que a celebra. Nesse aspecto, compreende-se que a expressão litúrgica do mistério de Cristo celebrado na liturgia centra-se na Escritura. A Igreja, na celebração litúrgica, encontra sua própria voz na proclamação da Palavra de Deus. Assim, ela cumpre e desempenha o seu ser profético.

No exercício de sua missão profética na liturgia, a Igreja, por meio da escuta orante da Escritura, anuncia o que ela crê e professa em máxima sintonia com a Tradição da Igreja. Na liturgia, a Igreja realça a epifania do princípio de edificação e de unificação dos diversos serviços e carismas com os quais e nos quais se articula a harmonia da atividade eclesial. Na liturgia, toda a assembleia se abre à Palavra anunciada e celebra o conteúdo dessa mesma Palavra, encarnando-a no hoje litúrgico para atingir plenamente o mistério salvífico.

3.2.2 Palavra e rito na escuta da Escritura

Na celebração litúrgica se atualiza o mistério da salvação por meio da unidade da palavra⁵²⁷ e do acontecimento. O rito sacramental conectado à Palavra de Deus se realiza não somente por gestos e objetos sagrados, mas, sobretudo, pela proclamação da Escritura. Só a Escritura pode expressar o conteúdo e a grandeza

⁵²⁶ TRIACA, A. M., *Lo Spirito Santo nella liturgia e nella vita della Chiesa*, p. 49.

⁵²⁷ Quando nos referirmos à palavra com “p” minúsculo, estamos falando da palavra humana, e à Palavra com “P” maiúsculo, dizemos respeito à Palavra de Deus, Palavra de Cristo etc.

daquilo que a ação sacramental torna presente. Na ação litúrgica são inseparáveis palavra e ação, profecia e memorial. A estrutura da Palavra e o rito constituem o núcleo de toda liturgia. Por isso, entendemos que estão integrados. Dessa forma, Palavra e rito sacramental constituem a textura de toda a liturgia cristã.⁵²⁸

A palavra humana é a expressão vocal dada ao nosso pensamento. Antes de ser voz em nossa boca, a palavra já existe em nosso pensamento. Ela é o primeiro processo pelo qual exprimimos nossa inteligência e por meio do qual comunicamos ao outro nosso pensamento. Para tanto, precisamos apenas da língua para falar e dos ouvidos de quem escuta. Contudo, lançamos mão de certos recursos, como o gesto e a música, para que nossa palavra também se torne perceptível. O canto amplia a palavra e faz desabrochar em música toda sonoridade nele contida, como o desabrochar da flor ao calor do sol. Espontaneamente, a tendência da palavra é tomar corpo, tornar-se visível, encarnar-se. Foi assim que a Palavra, o *Logos*, se fez carne e habitou entre nós (Jo 1,14). A Palavra se fez carne, tornou-se sinal que não fala apenas à inteligência humana, mas aos olhos. É Palavra visível e audível, capaz de ser tocada pelas mãos humanas. A Palavra é o elemento fundamental da liturgia, como em toda a história da salvação, e ocupa lugar primordial na celebração, mas também tende a encontrar continuidade e complementariedade nos sinais que chamamos de rito.⁵²⁹

Portanto, a palavra, como vimos, é em certo sentido sinal. Mas o rito, enquanto ação do sinal, pertence a outra ordem diferente de palavra. A palavra é aquilo que se diz e o rito é o que se faz. Enquanto a palavra fala, sobretudo, à inteligência e comunica uma noção ou ideia, o sinal dirige-se principalmente à sensibilidade, desperta afeto, amor e fala ao coração. O ser humano não compreende apenas com a inteligência, mas com todo o seu ser. A palavra e o rito, então, são duas maneiras de a pessoa humana se exprimir e se comunicar. Ambos se completam e se prolongam um no outro, do dizer ao fazer, do pensar ao agir, do ter na inteligência ao comungar com o coração. O rito completa a palavra. Do mesmo modo, na liturgia palavra e rito se completam e se integram como dois componentes

⁵²⁸ PALUDO, F.; D'ANNIBALE, M. A., A Palavra de Deus na celebração, p. 163-164.

⁵²⁹ FERREIRA, J., A Palavra e o rito, p. 63-64.

em um único corpo. Não podemos compreender a palavra sem o rito, nem o rito sem a palavra; ambos estão tão unidos entre si que um não existe sem o outro.⁵³⁰

A Palavra associada ao rito na celebração, e vice-versa, é ativa e interativa. O rito, por ser uma Palavra visível, não tira o mérito da máxima eficácia da proclamação sacramental da Palavra, que é evidente na Eucaristia como realidade atual na história da salvação. O próprio simbolismo do rito é Palavra, porque proclama o mistério salvífico com uma linguagem própria. Assim, podemos dizer que o rito possui sinal sugestivo e profundamente humano, que fala ao ser humano todo. O rito unido à Palavra obtém e expressa o seu poder simbólico e bíblico, e proclama por meio de símbolos o que a Escritura exprime com a palavra sonora. Dessa união surge uma única proclamação com profundo efeito pedagógico e, ousamos dizer, mistagógico. Então, podemos salientar que, em qualquer sacramento, fica difícil distinguir o rito da Palavra. A eficácia da proclamação da Palavra está nessa simbiose com o rito.⁵³¹

O nexos entre Palavra e rito é tão profundo e íntimo que cada escuta da proclamação da Escritura é voltada para o sacramento e deve levar a ele. Por isso, não se admite dicotomia entre Palavra e rito, Palavra e sacramento, rito e vida. Na verdade, o que celebramos no rito deve nos transportar para a vida.

A compreensão do sentido de “palavra e rito” nos ajuda a entender a Palavra de Deus na celebração litúrgica, porque nem sempre ela é expressa do mesmo modo, tampouco atinge o coração dos fiéis com a mesma eficácia. Contudo, sabemos que “Cristo presente na Escritura”⁵³² realiza o mistério da salvação, santifica os seres humanos e presta ao Pai o perfeito culto (Hb 4,12). E a presença de Cristo na Palavra proclamada encontra maior alcance no rito de honra ao evangeliário.⁵³³ Na economia da salvação, a Escritura recorda, prolonga e alcança seu pleno significado na liturgia, de modo que a celebração litúrgica se converta em uma contínua, plena e eficaz apresentação da Palavra de Deus. Dessa forma, a Escritura proposta continuamente na liturgia é sempre viva e eficaz pelo poder do Espírito Santo, e manifesta o ativo e eficaz amor do Pai entre os seres humanos.⁵³⁴

⁵³⁰ FERREIRA, J., A Palavra e o rito, p. 64-68.

⁵³¹ MAGRASSI, M., Viver a Palavra, p. 94-97.

⁵³² SC 7.

⁵³³ MAGRASSI, M., Viver a Palavra, p. 99.

⁵³⁴ OLM 4.

A escuta litúrgica da Palavra de Deus chega ao coração do povo de Deus por sua simplicidade; por isso, “o rito deve [...] ser claro e breve, evitar as repetições, estar ao alcance dos fiéis e não necessitar de muitas explicações”.⁵³⁵ Esta afirmação do Concílio ainda não foi bem compreendida, apesar do esforço das Comissões de liturgia nacionais, regionais e diocesanas. A simplicidade traz nobreza, beleza e leveza ao rito. Outro aspecto desafiante é a quantidade de enxertos feitos no rito, o que atrapalha e bloqueia a escuta ritual da Palavra de Deus, além de causar mal-estar na assembleia.

O ato de proclamar a Palavra de Deus é ritual e dinâmico por sua própria natureza. No rito da liturgia da Palavra, tornar-se evidente o nexos entre palavra e rito. Nesse sentido, entendemos por que o Concílio Vaticano II, na reforma litúrgica, insistiu na necessidade de restaurar o uso abundante, variado e bem distribuído da Sagrada Escritura nas celebrações litúrgicas. Isso para realçar a fidelidade à Escritura e à liturgia no ministério da pregação, lugar do anúncio das maravilhas de Deus na história da salvação e do mistério de Cristo presente, de maneira ativa, especialmente nas celebrações litúrgicas, e também a sintonia da catequese com a liturgia. O Concílio ainda incentiva a promoção de celebrações da Palavra de Deus nas vigílias das grandes festas, em certos dias da Quaresma e do Advento e nos domingos e dias santos, principalmente nos lugares em que não há sacerdotes.⁵³⁶

Nesse contexto vale recordar a expressão de Santo Ambrósio de que “a Palavra de Deus é a substância vital da nossa alma; ela alimenta, apascenta e governa; não existe outra coisa que possa fazer com que a alma do ser humano viva, a não ser a Palavra de Deus”.⁵³⁷ Portanto, a simplicidade do rito da Palavra de Deus conduz o cristão à escuta devota e atenta da Escritura. Na liturgia, os cristãos encontram lugar privilegiado para escutar a Escritura e alimentar sua fé em Cristo. Pela força do Espírito Santo, formam um só Corpo com Cristo e se edificam como povo de Deus.

⁵³⁵ SC 24.

⁵³⁶ SC 35.

⁵³⁷ AMBROGIO DI MILANO, *Commento al Salmo 118*, p. 279.

3.2.3 A relação entre Escritura e sacramento

Na liturgia, há uma íntima reciprocidade entre a Escritura e a ação sacramental. Essa reciprocidade já é evidente desde o momento em que Jesus envia os discípulos para a missão. A ordem de Jesus aos discípulos é para que eles saiam pelo mundo inteiro e proclamem o Evangelho a todos. Aqueles que crerem e forem batizados serão salvos (Mc 16,15). Com o anúncio do Evangelho e a adesão dos ouvintes, eles são levados ao Batismo, à fé em Cristo, à salvação. O ensinamento do Evangelho tem sua centralidade no mandamento de Cristo: fazer discípulos todos os povos, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo e ensinando-os a observar tudo o que Ele ordenou, com a garantia de estar presente com eles todos os dias, até o fim do mundo (Mt 28,19-20).

A ordem de Jesus ao enviar os discípulos em missão ajuda-nos a compreender que o anúncio das Escrituras é primordial para a pertença no discipulado de Cristo. A fé chega ao coração do ser humano pela via da escuta da Escritura. A compreensão da Palavra de Deus gera conversão, mudança de vida. Nesse sentido, podemos afirmar que o anúncio das Escrituras precede o sacramento; mais ainda, que a ação litúrgico-sacramental concentra em si palavra e ação, anúncio e testemunho, proclamação e expressão simbólica. A ação sacramental é palavra, pois também é memorial do mistério pascal do Senhor e anuncia a tríplice dimensão do mistério de Cristo. Ele está presente com sua força nos sacramentos, pois, quando batiza, é Ele próprio quem batiza.⁵³⁸

Sendo assim, a Palavra de Deus escutada na liturgia é sacramento, visto que ela potencializa na comunidade o mistério da Encarnação do Verbo e suscita a fé no coração da assembleia reunida, que a acolhe com veneração (Rm 10,17).⁵³⁹ A relação entre o rito sacramental e a Escritura está intimamente conectada, não há como separá-los na liturgia. Daí a necessidade do número abundante e bem distribuído das Escrituras nas celebrações litúrgicas.⁵⁴⁰ A pregação como parte da celebração litúrgica se fundamenta na Escritura e na própria liturgia, sendo anúncio

⁵³⁸ SC 7.

⁵³⁹ PALUDO, F.; D'ANNIBALE, M. A., *A Palavra de Deus na celebração*, p. 163.

⁵⁴⁰ SC 35,1.

das maravilhas de Deus na história da salvação e do mistério de Cristo, que está sempre presente de maneira ativa nas ações litúrgicas.⁵⁴¹

Quando falamos que a Palavra de Deus é sacramento, queremos dizer que é acontecimento salvífico na vida de quem a escuta e a acolhe com amor. Toda vez que a Igreja proclama com autoridade as Escrituras, ela suscita no coração de quem as escuta uma realidade ativa, isto é, sacramento. Quando falamos das Escrituras como “sacramento”, estamos nos referindo não ao termo técnico e restrito do setenário sacramental, mas sim ao sentido mais amplo, em que Cristo, como sacramento do Pai,⁵⁴² “constituiu seu corpo, que é a Igreja, como sacramento universal de salvação”.⁵⁴³ Levando em consideração a definição de Santo Agostinho, de que o “sacramento [é] como uma palavra que se vê”, habituou-se a definir a Palavra de Deus como “um sacramento que se ouve”:⁵⁴⁴

O corpo de Cristo não está mais realmente presente no sacramento adorável tanto quanto a verdade de Cristo está na pregação evangélica. No mistério da Eucaristia, as espécies que vedes são sinais, porém o que nelas está contido é o próprio Cristo; na Escritura, as palavras que ouvis são sinais, mas o pensamento que vos trazem é verdade mesma do Filho de Deus.⁵⁴⁵

A palavra que se lê nas Sagradas Escrituras não é senão um sinal da palavra do vocabulário humano; entretanto, por intervenção da fé e da clareza do Espírito Santo, por meio de tal sinal, entra-se misteriosamente em contato com Cristo, ao escutar sua Palavra. O caráter sacramental da Escritura revela-se no fato de que, por vezes, ela age manifestamente para além da compreensão da pessoa, que pode ser limitada e imperfeita; age quase por si mesma, *ex opere operato*. Nas palavras da Escritura, existe algo que atua além de toda explicação humana; existe uma desproporção evidente entre o sinal e a realidade por ela produzida, o que sugere, de fato, a ação dos sacramentos.⁵⁴⁶

O vínculo entre Escritura e sacramento, tanto na ação pastoral da Igreja como na investigação teológica, é fundamental para compreendermos a relação entre Palavra de Deus e ação sacramental. Neste aspecto, a liturgia da Palavra é um

⁵⁴¹ SC 35,2.

⁵⁴² CANTALAMESSA, R., O mistério da Palavra de Deus, p. 30-31.

⁵⁴³ LG 48.

⁵⁴⁴ CANTALAMESSA, R., O mistério da Palavra de Deus, p. 31.

⁵⁴⁵ BOSSUET, J., Oeuvre oratoires de Bossuet, p. 627.

⁵⁴⁶ CANTALAMESSA, R., O mistério da Palavra de Deus, p. 31-32.

elemento constitutivo da celebração dos sacramentos; e não representa apenas uma sucessão de leituras, que os fiéis escutam na proclamação da Escritura, mas comporta também um tempo de silêncio e de oração.⁵⁴⁷ Na prática pastoral, nem sempre o povo cristão está consciente desse estreito vínculo entre gesto e palavra. Nesse sentido, os sacerdotes e diáconos são exortados a evidenciar a unidade que Palavra e sacramento formam no ministério da Igreja, sobretudo quando administram os sacramentos.⁵⁴⁸

No passado, tentou-se estabelecer uma diferença entre cristão católico, como “Igreja do sacramento”, e cristão protestante, como “Igreja da Palavra”. Hoje nenhuma confissão cristã admite oposição entre essas duas realidades. Escritura e sacramentos já não são considerados elementos justapostos pelos quais a graça é comunicada. Eles se conectam reciprocamente. Nenhum sacramento pode ser concebido como meio eficaz de graça sem a Escritura, que anuncia de modo pessoal a salvação. Contudo, os sacramentos ampliam a eficácia da Escritura à dimensão corporal da pessoa humana.⁵⁴⁹

A doutrina cristã católica instrui que os sacramentos são eficazes por si mesmos, *ex opere operato*, pelo único fato de sua administração. O que não significa que sejam ações independentes de Deus, que tenham valor neles mesmos. O *ex opere operato* do sacramento enfatiza a ação soberana de Deus onipotente; a presença do Cristo não depende da pessoa humana e não é fruto do seu esforço nem de sua fé, porque é dom gratuito. Portanto, não significa uma ação mágica ou automatismo da matéria. O sacramento é ação única da força do próprio Deus.⁵⁵⁰

Na doutrina católica, os sacramentos se destinam à santificação dos seres humanos, à edificação do Corpo de Cristo e ao culto que se deve prestar a Deus. Para receber a graça dos sacramentos, supõem-se instrução e fé, as quais são alimentadas, fortalecidas e expressas por palavras e elementos rituais. Por esse motivo, são chamados de “sacramentos da fé”. A fé não só confere graça como também dispõe os fiéis a recebê-la frutuosa e a prestar o devido culto a Deus

⁵⁴⁷ PCB, A interpretação da Bíblia na Igreja, p. 149.

⁵⁴⁸ PCB, A interpretação da Bíblia na Igreja, p. 121.

⁵⁴⁹ TAMBURRINO, P., Ecumenismo, p. 323.

⁵⁵⁰ TAMBURRINO, P., Ecumenismo, p. 323.

e a exercer a caridade.⁵⁵¹ Nesse sentido, a teologia dos sacramentos se mostra mais atenta no sentido de ressaltar a íntima conexão entre Palavra, fé e sacramento.

A relação entre Palavra e gesto sacramental demonstra de forma litúrgica a ação de Deus na história, por meio do caráter performativo da Palavra. Na história da salvação não existe separação entre o dizer e o fazer de Deus; sua Palavra se mostra viva e eficaz, como significa o termo hebraico *dabar*, “palavra”. Da mesma forma, na liturgia, a Palavra realiza aquilo que diz. Quando o povo cristão é educado para descobrir esse caráter performativo da Palavra de Deus na liturgia, eles percebem o agir de Deus na história da salvação, na sua vida pessoal e na vida de cada membro da comunidade.⁵⁵²

A Igreja sempre venerou a Escritura, sobretudo na liturgia. Ela nunca deixou de tomá-la e distribuí-la aos fiéis, tanto da mesa da Palavra de Deus como do corpo de Cristo. Sempre considerou a Escritura como regra suprema da fé, por meio da qual se ouve a voz do Espírito Santo mediante as palavras dos profetas e dos apóstolos. Tanto a religião cristã quanto a pregação eclesial devem alimentar-se da Escritura. A oração também deve ser acompanhada da leitura da Escritura, para que o colóquio entre Deus e o seu povo seja um encontro amoroso do Senhor, que vem para conversar com os seus filhos. Pela escuta orante da Escritura, a Igreja recebe apoio e vigor, e seus filhos a solidez na fé. Ela é fonte pura e perene para a vida espiritual do cristão.⁵⁵³ Quando falamos com Deus, rezamos e a Deus ouvimos; assim acontece quando escutamos a Escritura: Deus fala conosco e dialogamos com Ele, escutando-o.

A Igreja, ao proclamar a Escritura na liturgia, anuncia o mesmo e único mistério de Cristo. A centralidade da Escritura e da celebração litúrgica é Cristo. Todos os que buscam a salvação e a vida bebem dessa fonte, que é o Cristo Senhor. Quanto mais se compreende a celebração litúrgica, mais importância se dá à Escritura. O que se afirma da liturgia pode-se dizer da Escritura, visto que ambas falam do mistério de Cristo e o perpetuam cada qual a seu modo.⁵⁵⁴

Quanto mais os fiéis participam da liturgia, mais se esforçam para escutar a proclamação da Palavra de Deus e para aderir ao próprio Cristo. Nesse sentido, a

⁵⁵¹ SC 59.

⁵⁵² DV 53.

⁵⁵³ DV 21.

⁵⁵⁴ OLM 5.

celebração litúrgica é uma realidade que gera vida. O que se celebra na liturgia se reflete na vida cotidiana e vice-versa.⁵⁵⁵ Portanto, a Igreja congregada pelo Espírito Santo, na celebração litúrgica,⁵⁵⁶ proclama a Escritura, e nela se reconhece como novo povo de Deus. Pelo Batismo e pela Confirmação no Espírito, a Igreja se converte em mensageira da Palavra de Deus, após os cristãos receberem a graça de escutar a Palavra, com o compromisso de anunciá-la na Igreja e no mundo, ao menos pelo testemunho de vida.⁵⁵⁷ A Escritura proclamada na liturgia não só se refere aos tempos atuais como também relê o passado e atinge o futuro, esclarecendo o que desejamos e esperamos para que, no meio das vicissitudes do mundo, nossos corações estejam firmemente postos onde está a verdadeira alegria.⁵⁵⁸

3.2.4

A escuta da Escritura na celebração eucarística

Apesar de termos dissertado acima sobre a escuta da Escritura nas celebrações dos sacramentos, queremos neste tópico dar ênfase à escuta da Escritura na celebração eucarística. Isso porque, na missa dominical, a presença dos fiéis é maior e mais significativa. Como sabemos, o domingo para o cristão não é apenas um preceito, mas é principalmente o Dia do Senhor por excelência, dia de os cristãos se reunirem para escutar a Escritura e darem graças a Deus, e também dia se encontrarem com o Senhor Ressuscitado e com os irmãos e irmãs.

Nesse sentido, a escuta da proclamação da Escritura na celebração eucarística é de suma importância para a vivência do mistério pascal celebrado. O Concílio Vaticano II, o magistério da Igreja e os vários documentos promulgados pós-Concílio, por diversas Congregações da Santa Sé, apontam inúmeros aspectos sobre o valor da Palavra de Deus e sobre a restauração e a ampliação do uso da Escritura em toda a celebração litúrgica. Aliás, na Introdução ao Elenco das Leituras da Missa, de 1969, propõem-se e ilustram-se alguns princípios de suma importância.

Os princípios provenientes do Vaticano II sobre a relação entre Sagrada Escritura e liturgia estão contidos especialmente nas constituições *Sacrosanctum*

⁵⁵⁵ SC 10.

⁵⁵⁶ MR, Oração Eucarística VIA, p. 842.

⁵⁵⁷ OLM 7.

⁵⁵⁸ MR, Oração do 21º Domingo do Tempo Comum, p. 365.

Concilium e Dei Verbum, mas não somente. O Concílio parte de um pressuposto chamado de “paralelismo existencial” entre mesa da Palavra e mesa Eucarística, em que o fiel é chamado a alimentar-se de ambas para nutrir sua vida espiritual. “Cristo está presente por sua Palavra, pois é ele quem fala quando se lê a Escritura na Igreja.”⁵⁵⁹ Cristo está presente tanto na mesa da palavra quanto na mesa eucarística. Quando se lê a Escritura na Igreja, o próprio Deus fala a seu povo reunido e Cristo, presente em sua palavra, anuncia o Evangelho.⁵⁶⁰ A liturgia da Palavra e a liturgia Eucarística estão tão unidas entre si que constituem um só ato de culto.⁵⁶¹

Merece destaque a veneração que a santa Igreja sempre devotou à Sagrada Escritura, como também ao próprio corpo do Senhor, sobretudo na liturgia. Ela sempre considerou e continua considerando a Sagrada Escritura, juntamente com a Tradição da Igreja, como regra suprema de sua fé. As Escrituras, inspiradas por Deus como são e escritas uma vez para sempre, continuam a dar imutavelmente aos fiéis a Palavra do próprio Deus e fazem ouvir a voz do Espírito Santo por meio dos profetas e apóstolos.

Os fiéis que participam de maneira admirável nas diferentes celebrações e nas mais variadas assembleias experimentam os múltiplos tesouros da única Palavra de Deus, seja no decorrer do Ano Litúrgico, seja na celebração dos sacramentos e sacramentais da Igreja, seja nas respostas de cada fiel à ação interna do Espírito Santo.⁵⁶²

A Escritura e o mistério eucarístico recebem da Igreja a mesma honra e veneração, embora com diferente culto. Impelida por Cristo, a Igreja nunca deixou de celebrar o mistério pascal, reunindo-se para ler e escutar a Escritura e realizar a obra da salvação.⁵⁶³ O povo de Deus congregado pela Palavra e, alimentado por ela, pela pregação dos sacerdotes crescem na fé. Assim, a Palavra da Salvação, caindo no coração do não crente, o desperta para a fé. Já os crentes que acolheram a Palavra da Salvação em seus corações são alimentados e fortalecidos na fé pela escuta da Escritura. Assim sendo, podemos dizer que a comunidade nasce e cresce pela escuta da Escritura; isto porque a fé surge da pregação e da pregação a Palavra de Cristo é

⁵⁵⁹ SC 7.

⁵⁶⁰ IGMR 29.

⁵⁶¹ SC 56.

⁵⁶² OLM 3.

⁵⁶³ OLM 10.

instrumento (Rm 10,17). Os sacerdotes, no anúncio do Evangelho, do qual são devedores, glorificam a Deus por sua conduta e alimentam a vida de fé dos cristãos. Daí que a pregação do Evangelho é necessária para o próprio ministério dos sacramentos, visto que são sacramentos da fé, a qual nasce da Palavra e dela se alimenta.⁵⁶⁴

A Palavra de Deus é a via para a Eucaristia, porque ela é o fundamento da esperança, pois, na provação, se anuncia a esperança sempre viva. Jesus, esperando contra toda esperança, triunfa sobre a morte e dá a sua vida para que a humanidade seja salva e viva. O Senhor Ressuscitado está sempre conosco, até o fim dos tempos (Mt 28,20). Ele nos deu o seu Espírito, e é ele quem nos conduz à verdade. A Escritura na celebração eucarística é caminho de esperança e a presença do Deus vivo ao nosso lado.⁵⁶⁵

A proclamação da Escritura na liturgia serve a um duplo objetivo, que é: mostrar a atualidade do mistério de Cristo e proporcionar aos fiéis a sua compreensão. E, para alcançá-lo, a liturgia investiga a formação do mistério de Cristo a partir do Antigo e do Novo Testamento, revisitando as memórias históricas, os anúncios proféticos, as exortações sapienciais, os salmos e os cânticos inspirados. Vê, lê e escuta tudo com profundidade, como uma longa profecia do mistério de Cristo. Mesmo com um esboço imperfeito da obra-prima que já possui *a priori*, celebra com alegria o que contempla do mistério. Por meio da economia antiga, contemplamos as maravilhas de Deus e reconhecemos a maturação progressiva da salvação, com um olhar atento e uma escuta devota do caminho percorrido pelo povo eleito até Cristo. O progresso de uma história que nos faz mergulhar nas maravilhas de Deus e na infidelidade do ser humano, desaguando no *eschaton*, no evento definitivo. Assim, o mistério de Deus se revela descortinando lentamente o véu do mistério e seu esplendor refletido no rosto humano de Cristo.⁵⁶⁶

A Igreja lá do alto, do coração do Redentor, onde encontra morada, de joelhos admira a sábia e amorosa pedagogia com que Deus guiou o ser humano pela mão ao encontro de seu Cristo. Ela descobre a importância de cada elemento em relação à meta para a qual tende a unidade do plano de Deus. Somente por essa via

⁵⁶⁴ PO 4.

⁵⁶⁵ BÉGUERIE, P.; BEZANÇON, J., A missa de Paulo VI, p. 61.

⁵⁶⁶ MAGRASSI, M.. Viver a Palavra, p. 70-71.

conseguiremos penetrar com eficácia no mistério da Palavra. A Igreja na liturgia participa da vida misteriosa do Ressuscitado, o que permite entrar em comunhão com seu pensamento. Impulsionada pelo Espírito Santo, ela lê na Escritura o que Cristo leu e ensina a Escritura como Cristo ensinou aos discípulos de Emaús (Lc 24,25-27).⁵⁶⁷

A Escritura na liturgia se realiza em um clima de profunda escuta, condição primordial para acolher a Palavra de Deus com fé e oração. Figura de uma Igreja orante, exatamente como a liturgia é na sua essência. Uma Igreja em ação ao redor do Senhor para escutar a sua Palavra e celebrar o seu mistério, carisma da liturgia da Igreja. A Palavra viva nos é distribuída na liturgia, quase colhida da boca do interlocutor presente, pois é Cristo quem fala quando se lê a Escritura na Igreja.⁵⁶⁸ A Palavra de Deus na liturgia alcança seu ponto mais alto porque escutamos Cristo Senhor, que nos interpela e exige de nós uma resposta coerente e consciente, pois a Escritura é o dizer e o fazer: *logos* e *ergon*, acontecimento e palavra intimamente unidos, iluminando-se mutuamente.⁵⁶⁹ A vida da Igreja é atualizada e projetada na Escritura, e a importância de cada texto bíblico cresce à medida que o plano da salvação progride em direção a seu fim último.⁵⁷⁰

Pela proclamação e escuta da Escritura na liturgia eucarística, Cristo entra, segundo a promessa, na vida de sua comunidade reunida que o espera, o invoca e suplica-lhe. Na proclamação da Palavra, Cristo é a Palavra viva do Pai; graças a esse *dabar*, o mundo vive, pois ele cria, acolhe e reconcilia a humanidade inteira com Deus Pai.⁵⁷¹ Nesse sentido, a reunião dos cristãos em nome do Senhor para a escuta e a acolhida da Palavra de Deus revela a fecundidade da vida comunitária. Pela escuta orante da Escritura, nossa vida se torna um perfeito louvor e ação de graças.⁵⁷²

Os fiéis, alimentados pela mesa da Palavra e da Eucaristia, crescem em sua espiritualidade.⁵⁷³ Na mesa da Palavra, a Igreja instrui os cristãos na fé pelo anúncio do Evangelho; e na mesa da Eucaristia os santifica plenamente, renovando a mesma

⁵⁶⁷ MAGRASSI, M., Viver a Palavra, p. 71.

⁵⁶⁸ SC 7.

⁵⁶⁹ DV 2.

⁵⁷⁰ MAGRASSI, M., Viver a Palavra, p. 71-72.

⁵⁷¹ BONHOEFFER, D., La parole de la prédication, p. 23.

⁵⁷² BÉGUERIE, P.; BEZANÇON, J., A missa de Paulo VI, p. 62.

⁵⁷³ SC 51.

aliança com o Senhor. Assim, pela escuta da Palavra, os cristãos se recordam da história da salvação, e, na Eucaristia, essa mesma história se expressa por meio de sinais sacramentais da liturgia. Daí podemos dizer que a Igreja, ao ler e anunciar a Escritura na liturgia, conduz os cristãos ao sacrifício da aliança, isto é, à Eucaristia. Com efeito, na celebração eucarística, tanto a mesa da Palavra quanto a mesa da Eucaristia constituem um só ato de culto,⁵⁷⁴ com o qual se oferece o sacrifício de louvor a Deus e a realização plena da redenção da humanidade.⁵⁷⁵

A abertura da mente e do coração para escutar e acolher a Palavra de Deus na celebração eucarística é necessária para que a escuta litúrgica aconteça. Assim, a Palavra de Deus, transmitida a nós pela Escritura, exige dos fiéis, reunidos em oração, conexão total com o mistério proclamado. Nesse sentido, a Escritura deixa de ser um escrito para tornar-se Palavra viva, pronunciada por Deus. Deus, pela boca do leitor, fala e interpela cada pessoa que escuta com fé a sua Palavra. O “Espírito Santo que falou pelos profetas”,⁵⁷⁶ inspirando os autores dos livros da Bíblia, faz com que a Palavra de Deus atue realmente nos corações humanos, com aquilo que faz ressoar aos ouvidos.⁵⁷⁷

A escuta litúrgica da Escritura, na celebração eucarística, exige de cada pessoa abertura do coração para acolher a Deus que fala. O Senhor fala, e nós o escutamos. Pela compreensão da Escritura somos conduzidos a praticá-la pelo testemunho de vida. A este propósito, a escuta litúrgica da Escritura é imprescindível. Às vezes não entendemos bem as leituras proclamadas na celebração eucarística, pelo fato de alguns textos serem um pouco difíceis; porém, Deus pode nos falar de muitos outros modos para que o compreendamos e o acolhamos com fé e amor. Nesse sentido, o silêncio interior e exterior é muito importante para nos ajudar a escutar e compreender a Palavra de Deus proclamada na liturgia.

A escuta da Palavra requer silêncio orante para que o diálogo de Deus com seu povo aconteça, e haja, então, participação ativa dos fiéis.⁵⁷⁸ Apesar dos desafios com a cultura do barulho, fomentar e educar-se para o silêncio na liturgia constitui

⁵⁷⁴ SC 56.

⁵⁷⁵ OLM 11.

⁵⁷⁶ Símbolo niceno-constantinopolitano.

⁵⁷⁷ FRANCISCO, PP., A Santa Missa, p. 41-42.

⁵⁷⁸ SC 30.

condição *sine qua non* para a escuta litúrgica da Escritura na celebração. A ausência do silêncio interior e exterior bloqueia nossos ouvidos à escuta da Palavra de Deus.⁵⁷⁹

A liturgia da Palavra celebrada sem pressa também favorece o recolhimento e a meditação dos fiéis. A pressa, além de provocar ruídos, causa distração. Com o auxílio do Espírito Santo, o diálogo entre Deus e o seu povo se realiza. Por isso, breves momentos de silêncio ajudam a assembleia reunida em oração a acolher interiormente a Palavra de Deus e a preparar interiormente uma resposta por meio da oração. Nesse sentido, breves momentos de silêncio antes de iniciar-se a liturgia da Palavra, após cada leitura proclamada e também depois da homilia favorecem o recolhimento, a acolhida da Palavra de Deus e o diálogo orante dos fiéis com o Senhor.⁵⁸⁰

Na história do cristianismo, os cristãos sempre tiveram e ainda têm necessidade de escutar Deus para ter uma vida espiritual mais sólida. Como narra o evangelista Mateus: “O homem não vive somente de pão, mas de toda palavra que sai da boca de Deus” (Mt 4,4). Por esse motivo, a mesa da Palavra, na celebração eucarística que o Senhor prepara para alimentar a nossa vida espiritual, é farta, abundante e amplamente haurida dos tesouros da Escritura,⁵⁸¹ tanto do Antigo quanto do Novo Testamento. Na proclamação da Escritura na liturgia, a Igreja anuncia o único e congruente mistério de Cristo durante os três ciclos dominicais, e à luz dos Evangelhos sinóticos acompanhamos ao longo do Ano Litúrgico a narrativa do mistério de Cristo proclamado na liturgia.⁵⁸² A Igreja Católica Apostólica Romana, espalhada no mundo inteiro, em perfeita comunhão com o Rito Romano, bebe da mesma fonte escriturística. Nesse aspecto podemos falar de um corpo eclesial único, que se manifesta no rito da Palavra de Deus, proclamado na celebração eucarística. Romper com essa estrutura ritual é desconfigurar a comunhão do corpo eclesial.

Aliás, na celebração eucarística, não é permitido suprimir nem abreviar as leituras bíblicas, tampouco os cânticos e salmos, e muito menos substituir por outras

⁵⁷⁹ TABORDA, F., O desafio de ser uma Igreja da Palavra, p. 1.

⁵⁸⁰ IGMR 45 e 56; OLM 28.

⁵⁸¹ SC 51.

⁵⁸² FRANCISCO, PP., A Santa Missa, p. 42.

leituras não bíblicas.⁵⁸³ Isso porque é pela própria Escritura que Deus continua se comunicando com a humanidade e por meio dela torna os cristãos mais dóceis ao Espírito Santo. Na docilidade do Espírito, os cristãos podem dar ao mundo o testemunho de sua fé em Cristo por seu próprio modo de viver o Evangelho no dia a dia.⁵⁸⁴

A proclamação e a escuta litúrgica das Escrituras na celebração eucarística exprimem e favorecem a comunhão eclesial da Igreja no mundo inteiro, de forma pessoal e comunitária. Assim, compreendemos por que algumas escolhas subjetivas, como a omissão de leituras ou a sua substituição por textos não bíblicos, são proibidas. A substituição dos textos da Escritura empobrece e compromete o diálogo entre Deus e o povo reunido em oração.⁵⁸⁵ Salientamos que a Palavra salvadora que escutamos na celebração litúrgica é a palavra revelada de Deus; norma que tem raízes na mais sólida Tradição da Igreja e é recordada também nos documentos do Magistério da Igreja.⁵⁸⁶

A eficácia da Escritura não diminui a necessidade de disposições objetivas. Ela está ligada à transformação que a Palavra opera naquele que a acolhe. A vida do escutador da Palavra é transformada à medida que ele se abre a ela. Deus, no seu infinito amor, é quem toma a iniciativa, mas não força. Pela fé, o fiel acolhe o dom oferecido. *Fides ex auditu, autem per Verbum Dei* (Rm 10,17). A escuta da Escritura abre a alma e estimula a acolher ao Senhor, participando do seu mistério, justamente por ser uma convocação atual no hoje sacramental.⁵⁸⁷

3.2.4.1

A proclamação da Escritura na liturgia da missa

A leitura bíblica dentro da celebração litúrgica é proclamação. Ela participa do caráter proclamativo, gênero bíblico da *berakouth*. É confissão e proclamação das maravilhas de Deus, acolhida alegre e reconhecimento do propósito de Deus e de suas intervenções na história da salvação. Também revela o prolongamento da

⁵⁸³ IGMR 57; SS 13.

⁵⁸⁴ OLM 12.

⁵⁸⁵ FRANCISCO, PP., A Santa Missa, p. 42-43.

⁵⁸⁶ ALDAZÁBAL, J., A mesa da Palavra I, p. 31.

⁵⁸⁷ MAGRASSI, M., Viver a Palavra, p. 110.

intervenção divina na celebração atual, onde encontra a sua última realização. Ao aceitar a Palavra, a fé aceita o plano divino e se abre à iniciativa atual.⁵⁸⁸

A Escritura proclamada na liturgia está além do texto lido e escrito. Na ativa proclamação-escuta da Palavra de Deus, a palavra anunciada estabelece uma relação íntima entre Deus que se revela e o ser humano que o acolhe. Nesta ótica, a Palavra interage com a pessoa humana em sua totalidade. Pela ação proclamativa da Escritura, Deus fala e age no hoje da comunidade reunida. A proclamação ritual da Palavra deixa de ser uma importante relíquia do passado para se aproximar do ser humano, tornando-o evento atual e agente de uma história viva.⁵⁸⁹

Na liturgia da missa, o que mais contribui para uma adequada comunicação da Palavra de Deus é a própria maneira de proclamar dos leitores: voz audível e clara e com conhecimento do que leem.⁵⁹⁰ Na verdade, a dignidade do ambão e o uso do lecionário carecem de leitores e salmistas bem preparados e ensaiados, inclusive tecnicamente, para exercer com dignidade o ministério da arte de proclamar a Escritura na liturgia. Isso cria um clima de silêncio orante e receptivo na escuta litúrgica da Escritura.⁵⁹¹

Leitores bem preparados e imbuídos do espírito da liturgia exercem esse ministério com devoção, esmero e ordenamento.⁵⁹² Para São Cipriano, não há nada que convenha mais à voz do leitor que confessou a Deus com uma gloriosa proclamação do que ressoar na celebração a Sagrada Escritura.⁵⁹³ A afirmativa de São Cipriano ajuda-nos a compreender esse tão nobre ministério na celebração litúrgica. Por isso, hoje, mais do que nunca, o povo exige, e com todo direito, que esse ministério seja exercido por leigos bem preparados e devidamente iniciados no desempenho correto de suas funções.⁵⁹⁴ Assim, o leitor, ao proclamar a leitura da

⁵⁸⁸ MAGRASSI, M., *Viver a Palavra*, p. 108.

⁵⁸⁹ DELLA PIETRA, na obra *La parola restituita: la ricchezza del liguaggio litúrgico*, desenvolve com profundidade a questão da escuta da Palavra de Deus na liturgia. Ele realça e valoriza a natureza dialogal da liturgia e destaca a proclamação da Escritura na liturgia como presença e ação de Deus no meio da comunidade. Segundo ele, é urgente a formação das pessoas para que tomem consciência da importância da Escritura na liturgia (DELLA PIETRA, L. *La parola restituita: la ricchezza del liguaggio litúrgico* Cinisello Balsamo: San Paolo, 2017).

⁵⁹⁰ OLM 13-14.

⁵⁹¹ FRANCISCO, PP., *A Santa Missa*, p. 43.

⁵⁹² SC 29.

⁵⁹³ CIPRIANO DE CARTAGO, Epístola 38, p. 159.

⁵⁹⁴ SC 29.

Escritura na liturgia, alimenta os fiéis na fé pela escuta da Palavra de Deus e contribui para que eles concebam no coração o suave e vivo afeto pela Escritura.⁵⁹⁵

Portanto, os leitores devem estar aptos para o exercício desse ministério e cuidadosamente preparados. Essa preparação supõe: iniciação à Sagrada Escritura e à liturgia, em vista de uma espiritualidade litúrgica mais sólida. A iniciação bíblica levará os leitores a compreender a Escritura no seu contexto próprio e a entender à luz da fé o núcleo central da mensagem revelada. Já a iniciação litúrgica, facilitará aos leitores certa percepção do sentido mistagógico da Escritura na liturgia da Palavra e sua relação com a liturgia eucarística. Nesse processo iniciático, não pode faltar a preparação técnica dos leitores, o que deve capacitá-los na arte de ler diante do povo, seja de viva voz, seja com a ajuda de instrumentos modernos para a amplificação do som.⁵⁹⁶

Por melhor que seja o funcionamento do microfone, este não pode substituir a clareza, a expressividade e o vigor que se requer de um leitor na proclamação da Escritura na liturgia. Às vezes não é fácil compreender e acolher o que Deus nos fala pela Escritura, mesmo havendo um exímio leitor. Imagine então um leitor despreparado para o exercício desse nobre ministério! Como vemos, o papel do leitor instituído para esse ofício é importantíssimo, pois ele contribui para que a Palavra de Deus escrita se faça Palavra viva à comunidade reunida.⁵⁹⁷

Nesse sentido, o Papa Francisco, ao legitimar a instituição do ministério de leitor para homens e mulheres – até então exclusivo aos homens, inclusive para os que se preparavam para o sacramento da Ordem –, afirma que

o Espírito do Senhor Jesus, fonte perene da vida e missão da Igreja, distribui aos membros do povo de Deus os dons que permitem a cada um, de modo diverso, contribuir para a edificação da Igreja e para o anúncio do Evangelho. Estes carismas, chamados ministérios, uma vez que são publicamente reconhecidos e instituídos pela Igreja, são postos à disposição da comunidade e da sua missão de forma estável.⁵⁹⁸

O Papa Francisco, ao afirmar que o ministério de leitor é um dom e que contribui para a edificação da Igreja no anúncio do Evangelho, leva-nos a pensar na dignidade desse ministério reconhecido e instituído pela Igreja para o serviço da

⁵⁹⁵ IGMR 101; SC 24.

⁵⁹⁶ OLM 55.

⁵⁹⁷ ALDAZÁBAL, J., *A mesa da Palavra I*, p. 32.

⁵⁹⁸ FRANCISCO, PP., Carta Apostólica sob forma de *Motu Proprio Spiritus Domini*, p. 9.

comunidade e de sua missão. Como já mencionamos anteriormente, a maior parte dos católicos que participam das celebrações eucarísticas nos finais de semana tem a oportunidade de escutar a Escritura na missa. Sendo assim, a liturgia da Palavra na celebração eucarística é, para os fiéis, uma oportunidade ímpar de escutar, compreender e meditar a Escritura.

A escuta e a compreensão da Escritura são indispensáveis para a vivência da fé cristã. Ela é luz que ilumina o nosso caminho e lâmpada para os nossos passos (Sl 119,105). O enfrentamento das provações que a vida nos apresenta no dia a dia só poderá ser superado pela escuta e pela compreensão da Palavra de Deus, pois é a Escritura que nos alimenta e nos ilumina na fé, na esperança e na caridade. Sem dúvida alguma, a Escritura proclamada na liturgia da missa ressoa em nossos corações com toda eficácia e força, potencializando-nos para a missão do Cristo no mundo.⁵⁹⁹

Para tanto, escutar a Escritura apenas com os ouvidos não é suficiente. A Palavra de Deus deve produzir frutos em nós. Contudo, para isso é necessário acolhê-la em nossa mente e em nosso coração. Assim como na parábola do semeador, o acolhimento da semente no terreno bom obteve excelentes resultados (Mc 4,14-20), também aos cristãos que generosamente acolhem e cultivam no coração a semente da Palavra de Deus e se deixam modelar por ela, o Espírito Santo, por sua força, lhes permitirá vivenciar tudo que compreenderam da Palavra proclamada na missa. Como afirma São Tiago: “Sede praticantes da Palavra, e não meros ouvintes, enganando-vos a vós mesmos” (Tg 1,22). Nesse sentido, a Palavra de Deus que escutamos na celebração eucarística deve fazer um percurso dentro de nós, passando pelos ouvidos, mente, coração, até chegar às mãos, isto é, às boas obras. Portanto, o ministério dos leitores é importantíssimo.⁶⁰⁰

Para que a Escritura ressoe com clareza na mente e no coração dos cristãos reunidos em oração, é necessário ter bons leitores instituídos para essa função na liturgia. O Concílio Vaticano II prescreveu que, nas celebrações litúrgicas, ministro ou fiel no desempenho de suas funções faça apenas o que lhe compete, segundo a natureza da liturgia e suas normas.⁶⁰¹ O Concílio destaca ainda a importância da

⁵⁹⁹ FRANCISCO, PP., A Santa Missa, p. 43.

⁶⁰⁰ FRANCISCO, PP., A Santa Missa, p. 43-44.

⁶⁰¹ SC 28.

ministerialidade da Igreja e exorta para sintonia dos ministérios a serviço da liturgia, inclusive, o ministério de leitor. A instituição do ministério de leitor, confiado a fiéis idôneos, homens ou mulheres, em virtude do sacerdócio batismal, contribui para a edificação da Igreja e o anúncio do Evangelho.⁶⁰²

A função de proclamar a Escritura na celebração eucarística e nos demais atos sagrados compete aos leitores instituídos, exceto o Evangelho. Eles também têm a missão de instruir o povo de Deus na fé, seja crianças ou adultos, preparando-os para os sacramentos. Além disso, na ausência de outros ministros, podem apresentar as intenções da oração universal dos fiéis, orientar a participação dos cristãos na liturgia e, na medida do possível, preparar outros fiéis para exercerem o ministério de leitor.⁶⁰³ Aliás, o leitor, antes de anunciar a Palavra de Deus aos outros, deve ser dócil ao Espírito Santo, recebendo-a de coração aberto e meditando-a continuamente, a fim de amá-la cada vez mais. O leitor, enfim, é chamado a manifestar Jesus Cristo pela sua vida.⁶⁰⁴

O leitor está a serviço da mesa da Palavra na liturgia. Essa contribuição ministerial encontra fundamento na tradição judaico-cristã, como podemos ler em Neemias 8,1-12, em Lucas 4,16-21 e em outros textos bíblicos. Também encontramos fundamentos em vários escritos dos Padres da Igreja nos primeiros séculos do cristianismo, inclusive de um possível rito de instituição para esse ministério, como testemunha Hipólito de Roma, no século III: “O leitor é instituído quando o bispo lhe entrega o livro, porque ele não recebe a imposição das mãos”.⁶⁰⁵

Aliás, no século II, Justino de Roma menciona a presença do leitor proclamando a Escritura para os cristãos reunidos em oração, no chamado “dia do sol”,⁶⁰⁶ isto é, na liturgia dominical dos cristãos. Já nas atas dos mártires, encontramos um mártir chamado Polião (Pólio), que exercia a função de primeiro leitor. Ao ser interrogado sobre o seu ofício na comunidade cristã pelo presidente Probos, Polião responde que é o de primeiro leitor da Escritura na reunião dos cristãos.⁶⁰⁷

⁶⁰² FRANCISCO, PP., Carta apostólica sob forma de *Motu Proprio Spiritus Domini*, p. 9.

⁶⁰³ PAULO VI, PP., Carta Apostólica *Ministeria Quaedam*, p. 577.

⁶⁰⁴ RO, p. 244-225.

⁶⁰⁵ HIPÓLITO DE ROMA, Instituições e nomeações, p. 248.

⁶⁰⁶ JUSTINO DE ROMA, Apologia I, p. 148.

⁶⁰⁷ ATAS DOS MÁRTIRES, Martírio de Polião, p. 172.

Portanto, depois de uma boa preparação dos candidatos ao ministério de leitor, são chamados pela Igreja e enviados por ela a serem proclamadores da Palavra, por meio do rito de instituição de leitor. Esse rito traz em si a profundidade e a riqueza mistagógica da função ministerial na Igreja. Após a homilia, os candidatos são chamados um a um pelo próprio nome. Cada um, de forma espontânea, responde ao chamado de Deus e da Igreja para estar a serviço da Palavra. Todos, com a sua resposta livre e espontânea, se propõem a servir o povo de Deus na liturgia. Para se chegar a esse sim, requer-se de cada um: despojamento, conversão, fé e amor à Escritura.

O sim ao convite de Deus e da Igreja responsabiliza e compromete o leitor a exercer com solicitude a missão de anunciar Cristo, por meio da escuta e do testemunho cristão. Por isso, o rito traz uma bênção própria sobre os que são instituídos no ministério. Na oração, a Igreja pede a Deus que abençoe os escolhidos para o ministério de leitor e conceda a eles a graça de meditar sem cessar a Palavra de Deus. Que eles possam impregnar-se da Escritura e anunciá-la com fidelidade aos irmãos. Após a oração, o leitor recebe o livro da Sagrada Escritura, seguido de uma exortação orante: “Recebe este livro da Sagrada Escritura e transmite com fidelidade a Palavra de Deus, para que ela frutifique cada vez mais no coração dos homens”. E o leitor responde: “Amém”.⁶⁰⁸

Como podemos verificar, o ministério de leitor é, antes de tudo, um ministério de escuta da Escritura. Antes de ler a Palavra é preciso primeiro escutá-la para depois proclamá-la com a unção do Espírito Santo. Como escutador assíduo da Escritura, ele recebe o alimento sólido para a sua vida de fé. Esse alimento lhe garante firmeza na fé e convicção no anúncio missionário, pois a Escritura, além de alimentar sua vida de fé, leva-o à prática de vida.

Sendo assim, o leitor é sempre essencial para o livro, e faz parte do seu ministério a leitura da Escritura. Por mais que falemos da importância e da necessidade da voz do leitor, jamais conseguiremos expressar o que realmente ela é para o múnus proclamativo da Palavra de Deus. O que podemos dizer é que a Escritura foi feita para ser lida em voz alta. Em hebraico, dizer “Escritura” significa, ao mesmo tempo, dizer “proclamada”, feita para ser lida em voz alta e escutada. A

⁶⁰⁸ RO, p. 225.

leitura litúrgica da Escritura expressa, na verdade, a passagem da escritura à oralidade. Isso é a Escritura revelada. Nesse sentido, a voz do leitor passa a pertencer de modo constitutivo ao texto. A tarefa do leitor, então, é fazer com que a sua voz seja serva da “voz escrita”; esta é a condição para que o texto fale e interroge quem o escuta.⁶⁰⁹ Para Paul Ricoeur,

não é uma voz vocal, se pode dizer, que sai para fora do corpo pelo sopro de vida: é só o análogo da voz em escritura, uma voz escrita. Uma voz sem boca, nem rosto, nem gesto, uma voz sem corpo. E, todavia, uma voz que interpela o leitor, o equivalente do vínculo que a voz viva tem com a palavra. No raro momento da bem-aventurada leitura, se torna legítimo dizer que ler não é ver, mas escutar.⁶¹⁰

A voz do leitor se apoia estritamente no texto escrito, impedindo-o de ocupar o lugar da Palavra de Deus. Sendo assim, a voz se submete ao que está escrito, da mesma forma como a voz de Jesus se submeteu ao texto de Isaías na sinagoga de Nazaré (Lc 4,16-21). Jesus, enquanto Palavra do Pai, fez-se obediente ao texto escrito, fez-se obediente a Moisés e a Elias, à Lei e aos Profetas, e, por meio deles, obedeceu incondicionalmente ao Pai. Portanto, a voz do leitor, que repercute na escuta da comunidade reunida, realça a necessidade do processo de leitura, de escuta, de interpretação e de atualização. Ao contrário, a Escritura seria letra morta.⁶¹¹

Na liturgia da Palavra, a voz do leitor, submetendo-se ao escrito, torna viva a Escritura. Proclamar na assembleia litúrgica a Palavra de Deus significa falar em nome do Senhor. E quando o Senhor fala, a comunidade é recriada pela sua Palavra. Esse ato criador só a Palavra pode realizar.⁶¹² A liturgia põe na boca da assembleia a profissão de fé, quando, ao final do texto bíblico, responde a uma só voz: “Graças a Deus”. Essa aclamação corresponde àquilo que o texto ressignifica e realiza na vida pessoal e comunitária dos fiéis. É a confirmação de que o que ouviram é a Palavra do Senhor. Deus falou ao coração da comunidade. Por isso, ela dá graças, porque ouviu a Palavra do Senhor.

Outro aspecto interessante a destacar é que, nos textos rabínicos, o leitor é exortado a ficar ereto, falar em voz alta, pronunciar de modo claro as palavras,

⁶⁰⁹ BOSELLI, G., O sentido espiritual da liturgia, p. 74-75.

⁶¹⁰ RICOEUR, P., Éloge de la decture et de l'écriture, p. 405.

⁶¹¹ BOSELLI, G., O sentido espiritual da liturgia, p. 75.

⁶¹² BIANCHI, E., La Parola costruisce la comunitá, p. 49.

vestir-se dignamente e, na véspera, preparar com cuidado a leitura, relendo-a muitas vezes.⁶¹³ Na esteira do ensinamento rabínico, a tradição cristã também tem muito cuidado para com a qualidade da leitura litúrgica, exigindo cuidado e preparo dos leitores nas celebrações. Como exemplo, citamos a regra de São Bento: “Não presuma cantar ou ler, a não ser quem pode desempenhar esse ofício, de modo que se edifiquem os ouvintes; e seja feito com humildade, gravidade e tremor por quem o abade tiver mandado”.⁶¹⁴ Já São João Paulo II escreve que, para proclamar a Escritura, não basta ter os textos bíblicos em uma língua compreensível, mas é necessário que a proclamação seja cuidadosamente preparada por uma escuta devota e silêncio meditativo, para que a Palavra de Deus toque a vida e a ilumine.⁶¹⁵

Todo o aspecto de caráter formativo, na dimensão bíblica, litúrgica, espiritual e técnica, para os candidatos ao ministério de leitor, vale também para o cantor do salmo. O salmista canta a Escritura, oração dialogada com a assembleia, em resposta ao que ouviu da Palavra que Deus acabou de dirigir à assembleia. Por isso, é muito interessante refletir sobre a escuta e o canto do salmo na liturgia.

3.2.4.2 Os Salmos na liturgia

A tradição judaico-cristã compreende que nos Salmos, Palavra revelada, existem textos de oração tanto pessoal quanto comunitária. Na oração sálmica está contida a obra-prima do Antigo Testamento, que alimenta e exprime a fé do povo em assembleia, como podemos constatar tanto nas festas em Jerusalém quanto nos sábados nas sinagogas. Trata-se de uma oração essencialmente pessoal e comunitária, a qual abrange toda a criação, recorda os acontecimentos salvíficos e se estende até a consumação da história. Além disso, rememora as promessas de Deus já realizadas e aguarda o Messias que as realizará de modo definitivo. A oração sálmica rezada e realizada em Cristo é essencial à vida da Igreja.⁶¹⁶

O diálogo sálmico na liturgia nasce da escuta ativa e reativa entre Deus que fala e a comunidade que responde. Podemos comparar os Salmos como uma chave

⁶¹³ STRACK. H. L.; BILLERBECK, P., *Kommentar zum Neuen Testament aus Talmud und Midrash*, p. 159.

⁶¹⁴ SÃO BENTO. Regra de São Bento, p. 63-64.

⁶¹⁵ MND 13.

⁶¹⁶ CEC 2585-2586; VIEIRA, L. C., *A performance nos Salmos dança dos corpos nos textos*, p. 31-34.

mestra a abrir a mente e o coração dos fiéis em oração, para acolher com docilidade a Escritura. São orações que refletem de forma integral a experiência da pessoa humana no diálogo com Deus. Algumas orações sálmicas são mais querigmáticas que outras, mas em quase todas existem elementos querigmáticos. No entanto, o potencial dos Salmos está no modo vivo como eles se apresentam para o diálogo entre Deus e os seres humanos.⁶¹⁷

Em se tratando de celebração litúrgica, o salmo se reveste das mais diversas formas de execução vocal ou coral, como também constitui outras formas de aproximação da Palavra inspirada, como a escuta, o diálogo, a repetição e o canto. M. Lutero, em 1528, escreveu que o coração do ser humano é como um navio em mar revolto, dirigido pelos ventos tempestuosos dos quatro cantos do mundo. Nessa tempestade, o ser humano sente-se atingido pelo temor e pela tristeza, em vista do desastre que está por vir. Entre o desgosto e a tristeza, respira uma brisa de esperança e de felicidade antecipada, por meio das bênçãos de Deus. As tempestades da vida nos educam a falar com coragem, a abrir o coração para sair tudo que está dentro dele: medo, tristeza, alegria etc. Os Salmos falam da Palavra de Deus e com Deus e conferem às palavras ardor e vivacidade. Por isso,

o saltério é um livro de todos os santos; e qualquer um de nós, em qualquer situação em que possa estar, encontra nos Salmos e em suas palavras algo que atinge diretamente o seu caso, e lhe serve muito bem, como se ele estivesse inserido na situação apresentada pelo Salmo, exatamente para seu benefício, de modo tal que nada melhor poderia fazer senão tomar para si o que o Salmo lhe oferece, nem encontrar ou desejar algo de melhor.⁶¹⁸

Na liturgia judaica, os cânticos e as procissões em honra do Senhor eram numerosos e faziam parte de diversos ritos. O Salmo 47 talvez expresse bem as descrições mais vivas da celebração litúrgica judaica, quando diz: “Povos todos, batei palmas, aclamai a Deus com um canto jubiloso” (Sl 47,2); assim como a exortação feita à comunidade em adoração: “Vinde, exultemos no Senhor, aclamemos o rochedo que nos salva” (Sl 95,1). O anúncio divino, presente nos Salmos, era pronunciado por alguém que pertencia ao templo, para despertar um sentimento de cuidado e atenção diante do Senhor. Era também uma advertência à

⁶¹⁷ MURPHY, R. E., Jó e os Salmos, p. 7.

⁶¹⁸ LUTHER, M., Word and Sacrament I, p. 255-256.

desobediência, característica do passado de Israel, refletida na liturgia, como expressam os Salmos 46,10 e 50. E a estrutura de alguns salmos expressa claramente do que se trata nas atividades litúrgicas.⁶¹⁹

Já na liturgia cristã, o salmo responsorial é um elemento constitutivo da liturgia da Palavra e de grande importância litúrgica e pastoral, por favorecer a meditação da Palavra de Deus.⁶²⁰ A escuta sálmica na liturgia ativa a mente e o coração dos cristãos reunidos em oração, para o louvor a Deus. A resposta sálmica do povo à Palavra de Deus escutada é a expressão mais solene de uma assembleia conectada ao mistério celebrado. Antes do canto ou da recitação do salmo, vem a escuta; esta não só ativa os sentidos dos cristãos como convoca à oração e os leva a interagir com o Senhor, que fala ao seu coração.

O salmo não é um arranjo musical ou peça a ser apresentada na liturgia, mas a resposta ao *dabar* de Deus pelos feitos maravilhosos na vida de cada escutador da Palavra; é resposta concebida pela Palavra escutada. Pode-se ainda dizer, de certa forma, que é a resposta ao *shemá Israel*, enquanto convocação do Senhor para escutar a sua Palavra e a ela amar e servir com todo o coração, alma e força (Dt 6,4-5). Esse diálogo entre Deus e o povo acontece por meio do louvor sálmico. Nesse diálogo litúrgico entre Deus e a assembleia reunida em oração, a escuta sálmica é primordial para se expressar com a voz aquilo que está no coração e na mente.

A plena eficácia da escuta sálmica na liturgia concentra-se nas melhores disposições interiores dos fiéis, de modo que o coração acompanhe a voz, cooperando com a graça que vem do alto.⁶²¹ São Bento, em sua Regra, ensina que, onde estivermos, Deus está presente (Pr 15,3), principalmente quando salmodiamos. Ao citar o salmista que diz: “Servi ao Senhor com temor e exultai diante dele com tremor” (Sl 2,11), ele exorta aos monges salmodiar com sabedoria, considerando estar na presença de Deus e de seus anjos, a fim de que a mente esteja em concordância com a voz.⁶²²

Santo Agostinho escreve que encontra descanso nos cânticos da Escritura, quando entoados com suavidade e arte, porque as melodias entram em seu coração e são acolhidas em seus pensamentos. Narra que, antes de sua conversão à fé cristã,

⁶¹⁹ MURPHY, R. E., Jó e os Salmos, p. 25-29.

⁶²⁰ OLM 19.

⁶²¹ SC 11.

⁶²² SÃO BENTO, Regra de São Bento, cap. 19.

se lembra de suas lágrimas derramadas enquanto ouvia os cânticos na igreja; e que, depois de convertido, se sente atraído não tanto pela música, mas pela letra dessas melodias, as quais, segundo ele, tinham de ser entoadas com voz límpida e modulação apropriada.⁶²³ Cita, então, Atanásio, bispo de Alexandria, que lia os Salmos com modulação de voz tão discreta que mais parecia uma recitação de um canto. Portanto, para ele, com o canto sálmico a alma é impelida a um fervor de piedade mais devoto e mais ardente, e os afetos interiores encontram na voz e no canto uma misteriosa e excitante correspondência e um novo modo de se expressar.

A escuta sálmica na liturgia, então, como bem testemunha Santo Agostinho, nos envolve de tal maneira que nos introduz no mistério celebrado. Abrasados pelo fogo do amor de Deus, passamos a louvar de modo espontâneo e em perfeita sintonia com o salmista. Como Maria cantou, nós também cantamos: “A minha alma engrandece o Senhor, e meu espírito exulta em Deus, meu Salvador, porque olhou para a condição humilde de sua serva” (Lc 1,46-48). Este elã da escuta sálmica é primordial para o diálogo com Deus.

Portanto, a função ministerial do salmista é de suma importância na liturgia, equiparando-se à dos leitores, por ser o salmo Palavra de Deus colocada em nossa boca para sua revelação. Por isso, o lugar teológico do canto sálmico é no ambão,⁶²⁴ lugar mistagógico-ministerial da *mensa verbi Dei* e do colóquio de Deus com seu povo. Dessa mesa sagrada nos é oferecido o Pão da Palavra de Deus.⁶²⁵

Na escuta sálmica, cantar que Deus olha para a condição humilde de seus servidores e os eleva é realmente um responsorial de elevação da alma da assembleia ao coração de Deus. Reunida em um só corpo, “como um só homem” (Ne 8,1), como que em êxtase espiritual, exulta em Deus, Salvador. Aliás, uma comunidade instruída sobre o modo de escutar a Palavra de Deus nos Salmos, e como transformá-los em oração da Igreja, se edifica.⁶²⁶

A localização do salmo após a primeira leitura, cantado ou recitado, dá o tom responsorial da assembleia em oração. A partir da reforma do Vaticano II, o louvor sálmico encontrou mais expressão e valor, em conexão, no sentido teológico, com

⁶²³ SANTO AGOSTINHO, Confissões, p. 307-309.

⁶²⁴ CNBB, Guia litúrgico-pastoral, 42.

⁶²⁵ VELOSO, J. P., O local de proclamação da Palavra como *Locus* ministerial, p. 172-173.

⁶²⁶ OLM 19.

a primeira leitura.⁶²⁷ O salmo como repetição lírica da Escritura revelada permite a meditação, a oração e a compreensão. Ele constitui um suporte na oração da Palavra de Deus sob a ação do Espírito Santo. É utilizado para acompanhar as diversas ações rituais, tais como: procissão, incensação, aspersão, comunhão etc. O texto serve-se como matéria verbal do canto, como antífona, versículo, sendo mais comum o extrato sálmico.⁶²⁸

Nesse sentido, os documentos da Igreja, como por exemplo *Laudis Canticum*, *Musicam Sacram*, entre outros, afirmam que a assembleia litúrgica, instruída no modo de escutar a Palavra de Deus, transmitida pelos Salmos, e em como convertê-los em oração da Igreja, entra em profunda comunhão com o mistério celebrado. No entanto, essa interação dialogal de Deus com o povo reunido em oração pode ser realizada mais facilmente quando acentuar o conhecimento mais profundo da teologia dos Salmos na liturgia cristã. Outro aspecto importante, além da teologia, é o sentido espiritual do canto sálmico na liturgia. Esses dois elementos, teologia e canto sálmico, contribuem para a participação ativa e consciente dos fiéis na liturgia. Uma formação sólida e acentuada na formação do povo de Deus pode ser muito oportuna nesse sentido.⁶²⁹

Na liturgia da missa, como prescreve o Cerimonial dos Bispos, o canto sálmico assume grande importância litúrgica e pastoral. Nesse sentido, o salmista exerce uma função ministerial muito importante. Além do mais, ele deve ser versado na arte de salmodiar e dotado de idoneidade espiritual, e seu modo de cantar seja tal que leve a assembleia dos fiéis a se sentir apoiada tanto pelo canto sálmico quanto pela meditação do texto.⁶³⁰

O salmo, de preferência, deve ser cantado, mas para isso há duas formas: responsorial e direta. Na primeira forma, a mais aconselhável, o salmista canta as estrofes e toda a assembleia participa com o refrão. Na segunda forma, a direta, o salmista canta sozinho e a assembleia escuta, ou então o cantor sálmico e os fiéis cantam juntos. O canto sálmico contribui muito para se compreender o sentido espiritual da Escritura e para meditá-lo profundamente. Assim, em cada cultura há a utilização de meios que favoreçam o canto da assembleia, especialmente os

⁶²⁷ MACEDO, A. A., O canto litúrgico, p. 15-16.

⁶²⁸ GELINEAU, J., O canto dos Salmos, p. 236.

⁶²⁹ SC 24, 90; OLM 19; IGLH 23 e 109; MS 33; LC 8.

⁶³⁰ CB 33.

previstos no “Ordinário das Leituras da Missa”, referentes às respostas para cada tempo litúrgico. Isso será de grande proveito para a escuta sálmica no diálogo orante da comunidade em oração.⁶³¹

Nessa mesma direção, segue o conselho do apóstolo Paulo à comunidade dos colossenses, ao afirmar que, quando se reunirem em assembleia, cantem juntos salmos, hinos e cânticos espirituais (Cl 3,16). O canto, nesse sentido, constitui um sinal de alegria ao coração (At 2,46). Como escreve Santo Agostinho: “Cantar é próprio de quem ama. A voz desse cantor é o fervor do amor santo”.⁶³² E, quando comenta o Salmo 72, ensina que, aquele que “canta o louvor, não apenas canta, mas também louva com alegria [...], mais ainda ama aquele a quem canta. Constitui uma pregação o louvor de quem confessa, e o cântico de quem ama desperta afeição”.⁶³³

Enfim, a escuta sálmica e responsorial na liturgia reflete envolvimento mistagógico de toda a assembleia no mistério cantado. Assim como o povo de Israel cantou as maravilhas de Deus realizadas em sua vida, nós também cantamos. No canto sálmico, escutamos a nossa voz interior de desespero e de esperança, de tristeza e de alegria, de louvor e de súplica, de fracasso, de misericórdia e de força. Resumindo, o salmo é uma oração de bênção e de louvor, pronunciada pelo povo de Deus em assembleia; é um aplauso vibrante dos corações atingidos pela Palavra. E todo o cosmo participa desse louvor. A voz melodiosa da Igreja canta sua profissão de fé. Assim, todo o povo em oração, aquecido pela Palavra escutada e cantada, se prepara para escutar o próprio Cristo, falando no Evangelho.

3.2.4.3

A escuta mistagógica na proclamação do Evangelho

O anúncio do Evangelho, acompanhado das leituras do Antigo e do Novo Testamento, constitui o ponto alto na liturgia da Palavra na celebração eucarística. Por isso, a devida e especial veneração à leitura do Evangelho⁶³⁴ se manifesta em toda a liturgia da Palavra, a começar pela procissão de entrada na missa. A elevação do livro pelo diácono na procissão de entrada, na celebração eucarística, faz-nos

⁶³¹ OLM 20-22; IGMR 61; CNBB, Doc. 43, 274; CNBB, Doc. 52, 73.

⁶³² SANTO AGOSTINHO, Sermões, sermão 336, p. 1.119.

⁶³³ SANTO AGOSTINHO, Comentários aos Salmos, p. 556.

⁶³⁴ IGMR 11.

recordar do gesto de Esdras, descrito em Neemias 8,1-12, quando ele eleva o livro da Lei, de forma que todo o povo veja a Escritura como símbolo que é; portanto, é o primeiro ato da liturgia na assembleia de Esdras. A liturgia cristã, por sua vez, em sua forma mais solene prevê duas elevações do evangeliário. A primeira, na procissão de entrada e, a segunda, na procissão para a proclamação do Evangelho.⁶³⁵

Quando se dispõe de um evangeliário na procissão de entrada da missa, levado processionalmente pelo diácono ou por um leitor, é conveniente que seja retirado do altar por um diácono ou, na sua ausência, por um sacerdote, e levado em procissão para o ambão, acompanhado por ministros que conduzem velas e incenso, ou outros sinais de veneração, conforme o costume. Em pé, os fiéis veneram o livro dos Evangelhos com suas aclamações ao Senhor. Contudo, antes de iniciar a procissão, o que preside coloca o incenso no turíbulo e abençoa o diácono que vai proclamar o Evangelho; não havendo diácono, o sacerdote inclina-se diante do altar, rezando em voz baixa: “Ó Deus todo-poderoso, purifica-me o coração e os lábios para que eu anuncie dignamente o vosso santo Evangelho”.⁶³⁶

O rito que se desenvolve antes de iniciar-se a procissão para o ambão, acompanhado de um canto de aclamação, coloca a assembleia de batizados em um gesto pascal, isto é, todos se levantam, porque é o Senhor Ressuscitado quem vai falar. O incenso realça nosso louvor aclamativo, envolve-nos no bom odor de Cristo (2Cor 2,14-16), e somos impregnados do perfume agradável do corpo do Senhor. Todos os que acolhem o Senhor pela escuta da Escritura espalham por onde passa o mais caro perfume, que é o próprio corpo de Cristo. O suave perfume nos envolve por inteiro e aguça a nossa audição.

A luz dos castiçais nesse cortejo nos coloca diante da luz do mundo. Cristo é a luz do mundo e quem o segue tem a luz da vida (Jo 8,12). Ele dissipa as trevas e traz um novo dia. Nossa visão é recuperada pela luz do próprio Cristo. Ele reluz em nós a sua luz e nós nos tornamos luz do mundo (Mt 5,14-16). Nesse caminho processional, toda a assembleia se encontra voltada para o Cristo Senhor, Palavra da salvação e de vida eterna. Mais uma vez, nossa audição é recuperada pela visão da luz de Cristo.

⁶³⁵ BOSELLI, G., O sentido espiritual da liturgia, p. 67.

⁶³⁶ OLM 17.

A oração do proclamador, antes de tomar em suas mãos o *panis verbi* para distribuir à Igreja em oração, o coloca em atitude de contrição diante do altar de Cristo. Ao rezar: “Purificai, Senhor, o meu coração”, ele suplica a purificação do coração, e nós recordamos a oração sálmica que diz: “Cria em mim um coração puro, ó Deus, e renova em minhas entranhas um espírito resoluto” (Sl 51/50,12). Já o apóstolo Tiago exorta a limpar as mãos e a purificar os corações para aproximar-se do Senhor (Tg 4,8). A oração pede também a purificação do coração e dos lábios para que o Evangelho seja anunciado dignamente. O profeta Isaías, por sua vez, ao ouvir o chamado do Senhor para a missão, exclama ser um ser humano de lábios impuros e habitar no meio de um povo de lábios impuros. Então, o Senhor, por meio de um dos serafins, com uma brasa viva retirada do altar, tocou os lábios do profeta, dizendo: “Tua culpa está sendo retida e seu pecado, perdoado” (Is 6,5-7). Enquanto o salmista reza: “Senhor, tu abrirás os meus lábios e a minha boca anunciará vosso louvor” (Sl 51/50,17).

Desse modo, na preparação para a escuta litúrgica do Evangelho, somos envolvidos pela mistagogia do rito que antecede a procissão. Nesse ínterim, toda a assembleia, em uma atitude pascal, é envolvida por esses gestos simbólicos, estimulados pelos sentidos a participar e a vivenciar o momento ritual, de forma plena, ativa, consciente e frutuosa.⁶³⁷

No Ordo do século VII, aparece a grande veneração para com o evangeliário: o diácono beijava o livro antes de tomá-lo do altar, dois acólitos acompanhavam a procissão com velas acesas e três subdiáconos incensavam o livro, enquanto o coro cantava o “Aleluia”, intercalado com versículos dos Salmos. Tudo para que houvesse a sensação da presença do Senhor no meio da Igreja orante. Para a fé católica, o evangeliário evoca a presença da pessoa do Cristo vivo. Hoje é imprescindível recuperar a experiência da presença viva do Ressuscitado, para alcançar o sentido da Palavra viva. Os cristãos dos primeiros séculos viveram essa experiência.⁶³⁸

No ambão, Cristo fala à comunidade reunida, por meio de quem proclama o Evangelho. Contudo, antes disso, ele saúda os fiéis, lê o título da leitura, faz o sinal da cruz na fronte, na boca e no peito, incensa o livro e, por fim, proclama o

⁶³⁷ SC 11, 14 e 30.

⁶³⁸ MAGRASSI, M., *Viver a Palavra*, p. 99.

Evangelho. Ao terminar, beija o livro, rezando secretamente:⁶³⁹ “Pelas palavras do santo Evangelho, sejam perdoados os nossos pecados”.⁶⁴⁰ Recomenda-se que o canto de saudação e o anúncio do Evangelho, com a conclusão “Palavra da Salvação”, sejam cantados, para que o povo possa aclamar do mesmo modo, mesmo quando o Evangelho tenha sido lido. Assim, exprime-se a importância da leitura do Evangelho, promovendo a fé dos escutadores.⁶⁴¹

A mistagogia do rito da procissão e da proclamação do Evangelho facilita a escuta da Palavra da Salvação para os fiéis. O gesto de elevação do evangeliário até o altar na procissão de entrada e, depois, do altar para o ambão, expressa o ponto alto da liturgia da Palavra na missa. Nesse sentido, o evangeliário erguido, passando em procissão no meio do povo, na entrada da missa e colocado sobre o altar, lugar primário, quase originário, que o evangeliário ocupa no interior da liturgia, expressa e fundamenta a teologia do Pão da Palavra, pelo qual os fiéis são alimentados ao escutar a Escritura.⁶⁴² Por meio dessa mistagogia, a Igreja reconhece e venera o livro dos Evangelhos com a mesma dignidade dos dons eucarísticos, tornando-se, assim, não só objeto do culto, como também objeto de culto.

Essa figura ritual mistagógica do evangeliário sobre o altar recorda o que lembrou o Concílio Vaticano II, ao afirmar que a Igreja sempre venerou a Escritura como também o próprio corpo do Senhor, sobretudo na liturgia.⁶⁴³

A segunda procissão com o evangeliário, no percurso do altar até o ambão, expressa o mistério de Cristo, tomado para alimentar o seu povo. Esse mesmo gesto está presente no pão e no vinho eucarístico quando é retirado do altar para alimentar os fiéis reunidos em oração. O gesto de retirar o evangeliário do altar tem a mesma finalidade de alimentar os fiéis da Palavra de Cristo. Aquele que comunga do pão e do vinho tem a vida eterna (Jo 6,54), mas também quem escuta a Palavra de Cristo possui a vida eterna (Jo 5,24). Assim, a escuta da Palavra de Cristo é alimento para a Igreja em oração.⁶⁴⁴

A retirada do evangeliário do altar é interpretada da seguinte forma por Guilherme Durando: “A razão pela qual se toma o livro do altar é porque os

⁶³⁹ OLM 17.

⁶⁴⁰ MR, Oração após a proclamação do Evangelho, p. 400.

⁶⁴¹ OLM 17.

⁶⁴² BOSELLI, G., O sentido espiritual da liturgia, p. 69.

⁶⁴³ DV 21.

⁶⁴⁴ BOSELLI, G., O sentido espiritual da liturgia, p. 69.

apóstolos receberam o Evangelho do altar quando, em sua pregação, anunciaram a paixão do Senhor”.⁶⁴⁵

O altar é o lugar do memorial do sacrifício da cruz. O evangeliário foi colocado ali no início da liturgia; depois, retirado para a proclamação no ambão, a fim de significar a escuta da Palavra de Cristo, a partir do mistério da cruz, porque, quando se anuncia o Evangelho, é a Palavra da cruz (1Cor 1,18) anunciada. Como afirma o apóstolo Paulo: “Nós pregamos Cristo Crucificado” (1Cor 1,23). Daí que a elevação do evangeliário e a sua ostensão diante da assembleia em oração já são anúncios do *Verbum crucis*, quando aquele que realiza a ação mistagógica na liturgia diz silenciosamente: *Ecce verbum crucis*, eco do antigo canto *Ecce lignum crucis*, cantado por três vezes na Sexta-Feira da Paixão. Portanto, a elevação da cruz e do evangeliário realizam de fato, no mesmo ato, a única Palavra, a “Palavra da cruz”.⁶⁴⁶

O Evangelho e a cruz são inseparáveis, como podemos perceber no pequeno gesto do sinal da cruz que aquele que anuncia o Evangelho faz sobre o evangeliário, e depois, junto com o povo, assinala a fronte, os lábios e o peito para significar o acesso da Palavra do Evangelho às faculdades fundamentais da pessoa: o intelecto, a linguagem e a vontade. “Lembrança do *sphraghís* batismal, esse gesto é incisão cruciforme do *verbum crucis* sobre a fronte, local da mente e da inteligência; sobre os lábios, espaço da voz e da palavra; sobre o coração, sede da vontade e dos afetos.”⁶⁴⁷ Para Guilherme Durando, o evangeliário é o livro do Crucificado que anunciamos, do ser humano da paz do qual recebemos a reconciliação.⁶⁴⁸ Santo Agostinho escreve que “nós nos alimentamos do fruto da cruz do Senhor, porque comemos o seu corpo”.⁶⁴⁹

Na celebração eucarística, quando nos alimentamos do corpo e do sangue do Senhor, a liturgia faz memória da relação íntima entre a Palavra e a Eucaristia, distribuindo para os fiéis um elemento síntese de toda a dinâmica celebrativa. Esse minúsculo elemento é a antífona de comunhão, é a *communio* na liturgia que nos ajuda a compreender que a Igreja Católica jamais desvinculou a *manducatio panis*

⁶⁴⁵ DURANDO, G., *Rationale divinatorum officiorum* IV, 24,5, p. 343.

⁶⁴⁶ BOSELLI, G., O sentido espiritual da liturgia, p. 69.

⁶⁴⁷ BOSELLI, G., O sentido espiritual da liturgia, p. 69.

⁶⁴⁸ DURANDO, G., *Rationale divinatorum officiorum* IV, 24,26, p. 217.

⁶⁴⁹ SANTO AGOSTINHO, Comentário aos Salmos, p. 1197.

da *manducatio verbi*. Esse fragmento da Escritura na antífona de comunhão é proclamado sobre o pão e o cálice eucarísticos, de modo que a Palavra partida e o pão partido formem uma única realidade, um sacramento do único mistério.⁶⁵⁰

A escuta de um versículo bíblico antes da *manducatio panis* recorda a unicidade da mesa do Cristo, Pão da Vida, que se doa em alimento aos fiéis em seu corpo escriturístico e eucarístico. Ao escutar a Escritura, o fiel alimenta-se do pão da Palavra e, comungando do pão eucarístico, entra em comunhão com a Palavra. Nesse sentido, o pão eucarístico tem sabor de fragmento do Evangelho. Assim, podemos afirmar que não há duas comunhões, uma com a Palavra e outra com o corpo do Senhor, mas a comunhão dos dons eucarísticos é, em si mesma, comunhão com o Evangelho, a fim de que a Eucaristia seja o corpo da Palavra. Dessa forma, a escuta da Palavra de Deus na liturgia não termina com o último versículo da Palavra proclamada, mas estende-se ao longo de toda a celebração eucarística.⁶⁵¹

O versículo bíblico proclamado antes da distribuição da comunhão eucarística é um apelo aos fiéis para não se alimentarem do corpo do Senhor sem antes escutar, aceitar e obedecer a sua Palavra, uma vez que a *manducatio panis* é simultaneamente *manducatio verbi*. O significado desse versículo da antífona de comunhão confirma que, para o cristão, a Palavra da salvação, escutada no Evangelho proclamado na liturgia, se realiza plenamente na comunhão eucarística. A Palavra de Deus na liturgia da missa tem seu vértice na comunhão do corpo e do sangue de Cristo. Portanto, o evangeliário no altar, onde o pão é partido, é o *telos*, o ponto de chegada do Evangelho escutado. Assim, podemos dizer que a obediência plena dos fiéis à Palavra do Senhor se confirma na comunhão com o sacrifício do altar. Dessa maneira, o gesto da fração do pão, com o sentido que ele contém, é o ato no qual a Palavra escutada se revela em plenitude para ser reconhecida.⁶⁵²

Aliás, a celebração eucarística, do início ao fim, está encharcada de Escritura. Nela está presente a teologia da nova e eterna Aliança. O mistério de Cristo, centrado nas Escrituras, é atualizado e proclamado na liturgia da Igreja. E o aprofundamento da Escritura fortalece em nós o mistério da fé.⁶⁵³

⁶⁵⁰ BOSELLI, G., O sentido espiritual da liturgia, p. 70-71.

⁶⁵¹ BOSELLI, G., O sentido espiritual da liturgia, p. 71.

⁶⁵² BOSELLI, G., O sentido espiritual da liturgia, p. 71.

⁶⁵³ HAHN, S.; HAHN, K., Todos os caminhos levam a Roma, p.118-119.160.

3.2.4.4

A homilia: suscita fé, alimenta a esperança e conduz à prática

A homilia é parte da liturgia da Palavra, indispensável para nutrir a vida cristã.⁶⁵⁴ Como parte integrante da liturgia, o Concílio Vaticano II recomenda vivamente a prática homilética nas missas dominicais, festas de preceitos e em todas as missas celebradas com a participação do povo.⁶⁵⁵

O termo “homilia”, do verbo grego *homileo*, aparece apenas nos escritos de Lucas (duas vezes em Lc 24,14-15 e duas em Atos 20,11 e 24,26⁶⁵⁶), para indicar não somente o ato de falar e consultar-se, como também o aspecto da relação social.⁶⁵⁷ Já o substantivo *homilia*, não utilizado no Novo Testamento, prenuncia relação, relacionamento, companhia, convivência.⁶⁵⁸ O verbo grego *homileo* pode, ainda, significar reunião ou conversa familiar.⁶⁵⁹ Esse termo assumiu o caráter de pregação com os padres gregos, a começar por Inácio de Antioquia.⁶⁶⁰

Portanto, partindo do pressuposto de que homilia é reunião, conversa em família, ato de se relacionar, pode-se dizer que a sua natureza, conforme ato religioso, é ação do mistério do Cristo. Ela constitui uma conversa com o mistério celebrado a partir da Escritura. Sua finalidade é confrontar o mistério celebrado com a vida da comunidade. A homilia corresponde ao que foi realizado aos pés do Monte Sinai com o povo de Israel: “Se realmente ouvirdes a minha voz e guardardes a minha aliança, sereis minha propriedade entre todos os povos” (Ex 19,5). Interpelado pela Palavra do Senhor, o povo responde: “Poremos em prática tudo o que o Senhor falou” (Ex 19,8). O pregador, nesse sentido, exerce a função dialogal entre Deus e o povo reunido. Ele desperta a fé, a esperança e a caridade no coração dos fiéis; suscita atitude de conversão, anima o povo, exorta-o e, se preciso for, o denuncia, apresentando a distância entre o ideal e a vida concreta.⁶⁶¹

⁶⁵⁴ IGMR 65.

⁶⁵⁵ SC 52; IGMR 65-66; OLM 24-27; SaCa 40.

⁶⁵⁶ INSTITUTE FOR NEW TESTAMENT Textual Research and the Computer Center of Münster University. Concordance to the *Novum Testamentum Graece*, p. 1.342.

⁶⁵⁷ LATTKE, M. *Homileo*, p. 589-591.

⁶⁵⁸ HAUFE, G., *Homilia*, p. 591-597.

⁶⁵⁹ OTTAVIANI, E., *Fundamentos e instrumentos para a realização de boas homilias*, p. 20; CNBB, Doc. 43, 275; CNBB, Doc. 52, 75; CNBB. *Guia litúrgico-pastoral*, p. 42.

⁶⁶⁰ BISCOTIN, C., *Pregar a Palavra*, p. 16.

⁶⁶¹ BECKÄUSER, A., *A liturgia da missa*, p. 59.

Como conhecedor do coração da comunidade, o homiliasta retoma o diálogo de Deus com seu povo e identifica onde está vivo e ardente o desejo de Deus, e também onde esse diálogo de amor foi sufocado e impedido de frutificar.⁶⁶²

A Igreja é mãe e conversa com os seus filhos, acreditando que eles têm confiança de que tudo o que ela ensina é para o bem de todos, porque se sentem amados. A boa mãe escuta as preocupações de seus filhos e aprende com eles. O espírito de amor que habita em uma família guia tanto a mãe como os filhos nos seus diálogos. Assim é a homilia.

O Espírito Santo que atua no povo de Deus inspira como escutar a fé do povo e como pregar em cada Eucaristia celebrada. Com isso, a pregação encontra no coração da cultura do povo a fonte de água viva tanto para saber o que dizer como para encontrar o modo apropriado para falar. Quando a comunidade se torna familiar, o coração se predispõe a escutar melhor e o tom da linguagem transmite coragem, inspiração, força e impulso.⁶⁶³

A homilia pode realizar maravilhas na vida das pessoas, uma vez que sua natureza é falar, ao coração dos fiéis, o que Deus colocou na mente, no coração e na boca do pregador pela ação do Espírito Santo. O homiliasta, como primeiro escutador da Escritura e do coração do povo, atualiza pela pregação o que Deus falou-lhe ao coração. Os efeitos da homilia na vida dos fiéis é fruto da ação do Espírito Santo. Santo Agostinho é um exemplo. Ele, ao escutar as homilias de Ambrósio, bispo de Milão, inicia seu processo de conversão à fé cristã católica.

Segundo o próprio Agostinho, ele não se esforçava em aprender o que Ambrósio pregava, apenas escutava. Contudo, em contrapartida, permanecia nele um fútil interesse de se aproximar do bispo de Milão. Ele gostava das suas pregações, e em seu espírito ressoavam justamente os ensinamentos que desprezava. Não era possível, para Agostinho, separar as duas coisas: o coração que se abria às palavras eloquentes de Ambrósio e a verdade que ele pregava. No início, ficou temeroso com tudo que ouvia, mas, depois de escutar as Escrituras e ir compreendendo os pontos que ele mesmo reprovava, começou a crer na força da Palavra contida na Lei e nos Profetas. Mesmo assim, ele ainda não sentia necessidade de abraçar a fé católica. No entanto, depois de algum tempo, começou

⁶⁶² EG 137.

⁶⁶³ EG 139.

a surgir uma dúvida com relação ao maniqueísmo, seita a qual ele pertencia, e tomou a decisão de abandoná-la. Foi então que resolveu continuar o catecumenato na Igreja católica.⁶⁶⁴

O homiliasta que prega a partir da experiência feita com Palavra abre seu coração para partilhar com a comunidade o que Deus fez em primeiro lugar na vida dele. O pregador, nesse sentido, é aquele que escutou o coração de Deus falar com ele e, ao mesmo tempo, foi *audiente* do coração da comunidade, escutando suas dores, alegrias, esperanças e conquistas. Na conversa com a família cristã reunida, distribui com abundância o alimento da Palavra de Deus. O anúncio querigmático deve ser isento das falácias humanas, mas cheio de vida e de esperança.

A proximidade cordial do homiliasta com os fiéis, o tom caloroso da sua voz, a mansidão na fala e a alegria nos gestos expressam a maternidade da Igreja no diálogo do Senhor com seu povo. Somos chamados a aprender constantemente com Jesus a arte de pregar. O diálogo homilético é muito mais que a comunicação de uma verdade. A verdade na homilia anda de mãos dadas com a beleza e o bem, isto é, a beleza das imagens utilizadas por Jesus para incentivar a prática do bem. A Escritura, antes de ser uma exigência, é um dom.⁶⁶⁵

Para o Papa Francisco, a homilia é o ponto de proximidade e de encontro do pastor com seu povo, e o pregador faz desse momento uma experiência intensa e feliz do Espírito, um encontro consolador com a Palavra, uma fonte constante de renovação e de crescimento. Ainda segundo o Papa, a homilia renova nossas forças e fundamenta nossas convicções de fé no Senhor, que deseja nos alcançar por meio do homiliasta.⁶⁶⁶

O Senhor atinge a vida humana pela pregação. Assim como foi com a saudação de Maria a Isabel: “Logo que ressoou aos meus ouvidos a tua saudação, a criança pulou de alegria no meu ventre” (Lc 1,44). E com os discípulos de Emaús: “Não estava ardendo o nosso coração quando ele nos falava pelo caminho e nos abria as Escrituras” (Lc 24,44). E também com o evangelista Marcos, que narra sobre as pessoas vindas de todos os cantos para escutar o ensinamento de Jesus, o qual conquistava o coração das pessoas. As multidões ficavam maravilhadas com a

⁶⁶⁴ SANTO AGOSTINHO, Confissões, p. 138-139.

⁶⁶⁵ EG 140-142.

⁶⁶⁶ EG 135.

pregação de Jesus e com a autoridade expressa em sua fala, a ponto de se interrogar e exclamar “Que é isso? Um ensinamento novo e com autoridade!” (Mc 27). O apóstolo Paulo afirma também que a fé vem da escuta da pregação da Palavra de Cristo (Rm 10,14-17).

Como se pode perceber, a fé chega ao coração das pessoas pela escuta da pregação das Escrituras. O Concílio afirma: “A homilia é a exposição dos mistérios sagrados e das normas da vida cristã, a partir dos textos sagrados, no decurso do Ano Litúrgico”.⁶⁶⁷ Portanto, a homilia foi revalorizada pelo Concílio Vaticano II como parte integrante da liturgia da Palavra, recuperando a vida das primeiras comunidades cristãs, sobretudo no primeiro milênio. O Concílio afirma também que a base da homilia é a Escritura e, a partir dela, ensinam-se os “mistérios da fé e a norma cristã”.⁶⁶⁸

O homiliasta, como pregador da Palavra, prolonga a Escritura para o cotidiano da comunidade, no hoje de sua história, em profunda ressonância com o tempo litúrgico e em conexão com a celebração litúrgica. Uma das características da homilia é a tonalidade espiritual e orante. Por essa via, exclui-se o tom moralizante e doutrinalista.⁶⁶⁹

Nesse contexto, a homilia constitui uma atualização da mensagem da Escritura, de tal maneira que os fiéis são conduzidos a descobrir a presença e a eficácia da Palavra em sua vida concreta. Assim sendo, o homiliasta convoca todo o povo, reunido em oração, para compreender o mistério de Cristo que se celebra; convida-os para a missão e os prepara para a profissão de fé, a oração dos fiéis e a oração eucarística. O objetivo do pregador é conduzir os fiéis para o coração da mensagem evangélica, apresentando Cristo como centro de cada pregação. Quanto mais familiaridade do pregador com a Escritura, por meio da meditação e da oração, mais ele cresce no sentido bíblico da fé e é mais interpelado pela Palavra de Deus que anuncia.⁶⁷⁰

A homilia nasce da inteligência e do coração do pregador. Sendo assim, quanto mais ele penetrar no texto bíblico, mais vai comunicá-lo aos fiéis. É um

⁶⁶⁷ SC 52.

⁶⁶⁸ BENEDITO, A. L., A sacramentalidade da Palavra de Deus, p. 98-102.

⁶⁶⁹ LIBÂNEO, J. B., Como saborear a celebração eucarística?, p. 51.

⁶⁷⁰ VD 59; CPC., Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros, p. 112-116.

trabalho construído por meio da intimidade com a perícopa. Pode-se dizer que é uma espécie de faro espiritual de conaturalidade com a revelação divina.⁶⁷¹

A pregação da Palavra de Deus é força para a salvação do crente (Rm 1,16). A Congregação para o Clero, no documento sobre o ministério do presbítero, afirma que o seu múnus pastoral resulta particularmente do ministério da pregação, porque, quanto mais servidor da Palavra for o homilista, mais será distribuída a sua eficácia salvífica. Por causa da familiaridade pessoal com a Escritura, o pregador é o primeiro crente na Palavra, com a consciência de que a palavra de seu ministério não é dele, mas do Senhor que o enviou.⁶⁷²

A homilia, segundo o Papa Francisco, implica coração ardente, iluminado pela integridade da revelação e pelo caminho que a Escritura percorreu no coração da Igreja e do povo fiel ao longo da história. A identidade cristã, fruto do abraço batismal que recebemos de Deus, faz-nos anelarmos, como filhos pródigos e prediletos em Maria, um abraço misericordioso do Pai, que nos espera na glória. O Papa conclui afirmando que “fazer com que o nosso povo se sinta, de certo modo, no meio destes dois abraços é a tarefa difícil, mas bela, de quem prega o Evangelho”.⁶⁷³

3.2.5 Como promover a escuta litúrgica da Escritura

O Concílio Ecumênico Vaticano II incentivou a promover celebrações da Palavra de Deus nas vigílias das grandes festas, em alguns dias da Quaresma e do Advento, nos domingos e dias santos, principalmente nos lugares em que não há sacerdotes. Essas celebrações podem ser presididas por diáconos ou por delegados do bispo.⁶⁷⁴ Os Padres conciliares reforçam que a distribuição abundante da Escritura aos fiéis favorece o acesso e a familiaridade com a Palavra de Deus. Por isso, quanto mais se aproveitar os espaços litúrgicos reservados a cada ano para a leitura abundante das Escrituras, melhor será a aproximação dos fiéis aos tesouros da Bíblia.⁶⁷⁵

⁶⁷¹ LIBÂNEO, J. B., Como saborear a celebração eucarística?, p. 55.

⁶⁷² CPC, O presbítero, p. 22-24.

⁶⁷³ EG 144.

⁶⁷⁴ SC 35,4.

⁶⁷⁵ SC 51.

Pela oração do Ofício Divino, a comunidade cristã, como membros do corpo místico de Cristo, por meio de hinos, cânticos, salmos, leituras da Escritura e preces, bebe da fonte cristalina do mistério de Cristo. Através dela, consagra e santifica o dia para obter os frutos espirituais da própria oração.⁶⁷⁶ O Concílio recomenda que a Liturgia das Horas, pelo menos uma das horas principais, seja celebrada com a participação do povo.⁶⁷⁷ A iniciativa da oração do Ofício Divino com os fiéis, além de ser um bem espiritual, é um ganho pastoral.⁶⁷⁸

A maior parte das comunidades cristãs católicas, inclusive no Brasil, está privada da celebração eucarística nos domingos e solenidades, devido à escassez de ministros ordenados. Pesquisa realizada no Brasil, entre os anos de 1989 e 1990, aponta que cerca de 70% das comunidades reuniam-se para celebrar os mistérios da fé ao redor da Palavra de Deus.⁶⁷⁹ Hoje, essa percentagem pode ter subido ainda mais, devido à queda no número de candidatos às ordens *sacras*. Essas comunidades alimentam a sua fé e revigoram as suas forças missionárias pela escuta litúrgica da Escritura na celebração dominical da Palavra, presidida por ministros(as) leigos(as).

No atual contexto eclesial, a celebração da Palavra de Deus, como ato litúrgico reconhecido e incentivado pela Igreja, é necessária. Ela torna-se mais significativa ainda se considerarmos a afeição das comunidades pela leitura e pela meditação da Escritura, da Liturgia das Horas, do Ofício Divino das Comunidades, e pela prática da *Lectio Divina*.⁶⁸⁰ Sendo assim, à luz da *Sacrosanctum Concilium*, podemos avançar um pouco mais na reflexão sobre algumas celebrações da Palavra de Deus fora da missa, e como essas celebrações podem favorecer a escuta litúrgica da Escritura. Contemplaremos a celebração dominical da Palavra de Deus, da Liturgia das Horas e a Leitura Orante, por incidirem mais diretamente neste tema e, ao mesmo tempo, por favorecer a participação dos fiéis de forma mais intensa na celebração eucarística.

⁶⁷⁶ SC 94.

⁶⁷⁷ SC 100.

⁶⁷⁸ LH 18.

⁶⁷⁹ ISNARD, C. J. C. Orientações para a celebração da Palavra de Deus, p. 5.

⁶⁸⁰ ISNARD, C. J. C., Orientações para a celebração da Palavra de Deus, p. 5-6.

3.2.5.1

Promover a celebração dominical da Palavra de Deus

A celebração dominical da Palavra de Deus, presidida por ministros(as) leigos(as), é uma realidade nas comunidades cristãs católicas, as quais alimentam ali a sua fé, pela escuta da Escritura. Essa celebração tem força sacramental e é uma verdadeira ação litúrgica. No domingo, quando nos reunimos para escutar a Palavra, Cristo se faz presente no meio de nós e nos convida a participar do seu mistério, mediante a escuta da proclamação da Escritura, a partilha da Palavra, cânticos e orações. A valorização da celebração dominical da Palavra enaltece a expressão mais perfeita de nossa fé, a Eucaristia. O que na verdade constitui a comunidade cristã, como célula viva da Igreja, é a Palavra e a Eucaristia, por ser a fonte e o centro da vida cristã.⁶⁸¹

Entre as diversas formas celebrativas que encontramos na tradição litúrgica, a celebração da Palavra de Deus é muito recomendada pela Igreja, pois ela é sacramento de unidade, alimenta a fé, a comunhão e o compromisso do povo de Deus. No território latino-americano, cresce a consciência da importância da celebração da Palavra.⁶⁸² Medellín, além de realçar o valor da celebração da Palavra, atenta para a relação com as outras celebrações sacramentais.⁶⁸³ Já Puebla salienta que as celebrações da Palavra, presididas por diáconos ou leigos(as), são ocasiões propícias para a evangelização.⁶⁸⁴ Enquanto o Documento de Aparecida afirma que as comunidades cristãs podem e devem viver o “Dia do Senhor”, alimentando o seu espírito ao participar da “celebração dominical da Palavra”; esta torna presente o mistério pascal no amor que congrega (1Jo 3,14), na Palavra que acolhe (Jo 5,24-25) e na oração comunitária (Mt 18,20). Por isso, os fiéis devem desejá-la.⁶⁸⁵

Nesse sentido, o Documento de Aparecida, aliado aos documentos de Medellín e Puebla, transita em perfeita sintonia com o Concílio Vaticano II, quando incentiva a promoção de celebrações da Palavra de Deus. A Igreja, agindo assim, reforça a importância da escuta litúrgica da Escritura e da Eucaristia, por ser a fonte

⁶⁸¹ PALUDO, F., A celebração da Palavra de Deus. p. 163.

⁶⁸² CNBB, Doc. 52, 1-2.

⁶⁸³ MEDELLÍN, 9 e 14. CNBB, Doc. 26, n. 229; CNBB, Doc. 52, 3.

⁶⁸⁴ PUEBLA, 944 e 946. CNBB., Doc. 52, 4.

⁶⁸⁵ DAp 253.

inesgotável e inextinguível da vocação cristã missionária. Com isso, entendemos a importância do preceito dominical, como desejo interior do cristão na participação ativa na reunião dominical. Daí então a compreensão de uma consistente “pastoral do domingo” para a evangelização do povo de Deus.⁶⁸⁶

O Papa Bento XVI, na Exortação Pós-sinodal *Verbum Domini*, salienta que os padres sinodais avivaram nos pastores a necessidade de difundir, nas dioceses, a celebração da Palavra de Deus, quando afirma que os momentos celebrativos da Palavra podem ser ocasiões privilegiadas de encontro com Cristo vivo. Tal prática deve trazer benefício proveitoso para os fiéis e ser considerada como dado importante para a pastoral litúrgica.⁶⁸⁷

Grande parte das comunidades cristãs, formada por pessoas simples, pobres e abertas à solidariedade, alimenta a sua vida de fé na celebração dominical da Palavra. De maneira bem espontânea, os cristãos se reúnem ao redor da Escritura unindo a sua vida à Palavra escutada; e ainda, de forma criativa, integram elementos da religiosidade popular e de sua cultura.⁶⁸⁸ A celebração da Palavra de Deus é uma das mais importantes formas de celebrar a fé, o que exige uma reflexão teológica profunda e uma atenção pastoral mais acentuada.⁶⁸⁹

Percebemos não só o incentivo da Igreja em promover a celebração da Palavra de Deus, como também a ênfase na importância da escuta da Escritura na celebração dominical da Palavra. Nesse sentido, os cristãos leigos(as) exercem o seu sacerdócio batismal por meio das mais variadas expressões rituais, celebram a Palavra de Deus e mantêm viva a consciência do Dia do Senhor. O sentido de pertença e comunhão eclesial se solidifica ainda mais. O ardor missionário e a busca da prática solidária entre irmãos e irmãs tornam-se mais fortes e consistentes. As comunidades amadurecem na fé pela Palavra de Deus escutada e rezada, pois a Escritura constitui o caminho seguro que anima os cristãos a desejar Cristo.⁶⁹⁰

A proclamação da Palavra de Deus é a realização de um ato eclesial, porque não a fazemos em nosso nome, mas em nome da Igreja reunida, enquanto comunidade missionária. Por isso, a Escritura não pode ser patrimônio de alguns

⁶⁸⁶ DAp 251-252.

⁶⁸⁷ VD 65.

⁶⁸⁸ CNBB, Doc. 43, 97; CNBB, Doc. 52, 5.

⁶⁸⁹ CNBB, Doc. 43, 93; CNBB, Doc. 52, 6.

⁶⁹⁰ PALUDO, F., A celebração da Palavra de Deus, p. 165-166.

privilegiados. Ela pertence ao povo de Deus, convocado para escutá-la e reconhecer-se nela. Desse modo, a Escritura é o livro do povo de Deus. Quanto mais o povo fiel escuta a Escritura e a compreende, mais o coração se abre para a conversão. O que era dispersão e divisão, passa a ser unidade, pois a finalidade da Palavra de Deus é a de unir os cristãos a fazer deles um só povo.⁶⁹¹ A ecumenicidade na escuta da Escritura torna-nos mais solidários e fortes na fé, na esperança e na caridade.

Além da celebração dominical da Palavra de Deus, outros momentos celebrativos da Palavra podem propiciar o encontro com Cristo, como os encontros catequéticos ligados à caminhada litúrgico-mistagógica na iniciação cristã de crianças, adolescentes, jovens e adultos. Os ambientes bem preparados para a escuta da Palavra favorecem a dinâmica catequética em vista da participação ativa na vida litúrgica da comunidade. Ressaltamos que os encontros catequéticos mistagógicos são ambientes privilegiados de iniciação à vida litúrgica da comunidade, a começar pela escuta litúrgica da Escritura.

As vigílias, como propõe o Concílio, são oportunidades ímpares para a vivência do mistério pascal celebrado ao redor da Palavra, com momentos de aprendizado orante em torno da Escritura. A comunidade vigilante ao redor da Palavra escuta Deus falar, dialoga com Ele e cresce na fé em Cristo. Nessas vigílias, o coração e a mente dos cristãos se convertem a Cristo por meio da mesa farta da Escritura. As vigílias têm como finalidade preparar os cristãos para viver com mais intensidade o desejo do encontro com Cristo, no Pão da Palavra e da Eucaristia, e de se configurar mais com a pessoa de Jesus Cristo, fazendo a diferença na prática de boas obras e na vivência do amor fraterno.

3.2.5.2

Promover a celebração da Liturgia das Horas na comunidade

O Concílio Vaticano II declara que Cristo, ao assumir a natureza humana, sumo e eterno sacerdote do Antigo e do Novo Testamento, introduziu na terra o hino que se canta no céu. Portanto, Jesus Cristo, quando assume nossa humanidade, nos associa ao seu próprio cântico de louvor. Ele exerce seu papel sacerdotal por

⁶⁹¹ AI 4.

meio de sua Igreja, que sem interrupção louva a Deus e reza pela salvação do mundo inteiro, de modo especial na Liturgia das Horas.⁶⁹²

O Concílio evidencia a natureza da Liturgia das Horas como oração de Cristo e da Igreja. O fundamento de todo louvor a Deus está expresso no exercício do sacerdócio de Cristo como mediador entre Deus e os seres humanos. Cristo realiza a mais íntima comunhão com Deus e a humanidade. Ele traz para dentro da criação a comunhão eterna da Trindade. Na Encarnação, Jesus associa a si toda a humanidade pelo cântico de louvor a Deus. A Igreja, por sua vez, continua realizando o múnus sacerdotal de Jesus, de mediação, santificação e glorificação a Deus, não só na Eucaristia e nos demais sacramentos, como também, particularmente, na celebração da Liturgia das Horas. Assim, a Igreja unida a Cristo louva a Deus sem cessar, intercedendo pela salvação do mundo inteiro.

A oração da Liturgia das Horas constitui uma ação litúrgica com caráter sacramental⁶⁹³ e foi organizada pela antiga tradição da Igreja como forma de louvar ininterruptamente a Deus, todo o tempo do dia e da noite. Todos os que se dedicam a esse admirável cântico de louvor são chamados de “voz da Esposa” que fala ao Esposo. A Igreja, Esposa de Cristo, unida ao corpo místico do Esposo, se dirige ao Pai por meio de Cristo.

O primeiro capítulo da Instrução Geral sobre a Liturgia das Horas apresenta a natureza teológica e o valor dessa oração celebrada na Igreja, e nos remete ao início das primeiras comunidades cristãs, para falar sobre a importância da oração e sua progressiva organização. Revela uma teologia centrada no Cristo orante, pois foi Ele quem nos deu o exemplo de oração, a qual, de certa maneira, é compartilhada com toda a humanidade, especialmente com a Igreja. Nesse sentido, ao consagrar todo o dia e toda a noite, pela celebração da Liturgia das Horas, a Igreja prolonga o louvor da Eucaristia e a comunidade exercita, em comunhão com Cristo, o seu sacerdócio entre Deus e a humanidade. Essa oração é fonte de santificação e, ao mesmo tempo, de louvor e súplica a Deus, bem como ápice das atividades pastorais. Nesse sentido, é muito importante para a Igreja em oração a perfeita sintonia entre o coração e a boca, a mente e a voz. A mente deve estar em concordância com a

⁶⁹² SC 83.

⁶⁹³ BECKHÄUSER, A., *Sacrosanctum Concilium*: texto e comentário, p. 108-109.

voz para poder rezar com dignidade, atenção e devoção.⁶⁹⁴ Daí a importância de toda a Igreja ser convocada à celebração da Liturgia das Horas.

Bento XVI, na *Verbum Domini*, afirma que a Liturgia das Horas constitui uma forma privilegiada da escuta da Palavra de Deus, porque põe os fiéis em contato com as Escrituras e a Tradição viva da Igreja. Ele destaca também a importância teológica e eclesial da oração das Horas, pela qual a Igreja exercita o múnus sacerdotal da sua Cabeça, que é Cristo, “oferecendo ininterruptamente” (1Ts 5,17) o sacrifício de louvor a Deus (Hb 13,15). Essa celebração das Horas é um perfeito diálogo da Igreja com Cristo, isto é, a voz da Esposa a falar ao Esposo, e, ao mesmo tempo, oração que o próprio Cristo, unido a seu corpo, eleva ao Pai.⁶⁹⁵

Por sua vez, todos os que celebram a Liturgia das Horas cumprem, por um lado, a missão da Igreja e, por outro, participam da mais elevada honra da Esposa de Cristo, porque, em nome da Igreja, diante do trono de Deus, louvam o Senhor. Desse modo, a Igreja também manifesta publicamente o protótipo do cristão de santificar todo o dia e a noite, ritmado pela escuta da Escritura e dos Salmos, de modo que toda a sua atividade encontre e se conecte no louvor a Deus.⁶⁹⁶

Na *Verbum Domini*, Bento XVI ainda encoraja as comunidades de vida consagrada a serem modelos na celebração das Horas, a fim de poderem constituir um belo exemplo de inspiração para a vida espiritual e pastoral de toda a Igreja. Segundo ele, é necessário imprimir nos fiéis o desejo de celebrar a Liturgia das Horas, especialmente as Laudes e Vésperas. Esse incentivo fará crescer no coração dos fiéis a familiaridade com a Escritura. Nesse sentido, ele recomenda que as paróquias e as comunidades de vida religiosa favoreçam essa oração com a participação dos fiéis.⁶⁹⁷

A CNBB, no documento 108, propõe que a celebração dominical possa ser realizada com a Liturgia das Horas, lembrando os primeiros cristãos que, conservando o costume hebraico de rezar várias vezes ao dia, especialmente pela manhã e à tarde, assim organizavam a sua vida de oração. Assim, o documento sugere que as leituras dominicais sejam inseridas no lugar da leitura breve.⁶⁹⁸

⁶⁹⁴ IGLH 1-33; ALDAZÁBAL, J., Instrução geral sobre a Liturgia das Horas e comentários, p. 27-28.

⁶⁹⁵ VD 62.

⁶⁹⁶ SC 85; VD 62.

⁶⁹⁷ VD 62.

⁶⁹⁸ CNBB, Doc. 108, 99-102.

Enfim, a celebração da Liturgia das Horas tem como centralidade o mistério pascal de Cristo e a escuta litúrgica da Escritura. Por isso, a promoção da celebração da Liturgia das Horas em nossas comunidades eclesiais e a iniciação dos fiéis nessa prática celebrativa transformarão nosso agir pastoral significativamente, e teremos comunidades cada vez mais vivas e conscientes de sua missão evangelizadora. A compreensão de *corpus ecclesia* será evidenciada no *Corpus Christi*. Para tanto, aliada a esse formato oracional, temos também a *Lectio Divina*, muito apreciada e incentivada pela Igreja, como veremos a seguir.

3.2.5.3

A escuta da Escritura alimentada pela *Lectio Divina*

A *Lectio Divina*, também conhecida como leitura orante da Palavra de Deus, é um exercício fecundo na vida dos cristãos e alimento sólido para a fé. Esse exercício é fundamental para todo fiel, porque alimenta sua vida espiritual e o prepara para o *querigma* missionário. Contudo, não é possível fazer a leitura orante da Escritura sem primeiro se colocar em atitude de escuta interior e exterior da Palavra. O ambiente interno e externo daquele que se predispõe a rezar a Escritura é preparado, por um fecundo silêncio, para acolher a ação do Espírito Santo. A dinâmica ativa e interativa do Espírito conduz o fiel ao mistério do *Logos*.

Pela ação do Espírito Santo, a escuta litúrgica é ativada de tal forma que a Palavra penetre na mente e no coração do orante, gerando nele os frutos das boas obras de Cristo. Não é uma ação dicotômica, mas sincrônica da leitura orante com a escuta litúrgica. A leitura oracional da Escritura é fundamental para a escuta litúrgica nas celebrações.⁶⁹⁹

A *Lectio Divina* é uma expressão antiquíssima na tradição espiritual da Igreja, consagrada no meio católico como “leitura divina”, “leitura espiritual”, ou ainda como “leitura orante da Bíblia”. Ela é alimento sólido para a vida espiritual cristã. Essa experiência surgiu por volta do ano 220, com monges católicos de regras monásticas dos santos: Pacômio, Agostinho, Basílio e Bento. A dedicação à *Lectio Divina*, na escuta orante da Escritura, sempre foi um tempo importante e o melhor momento do dia. A experiência monástica sempre se centrou na dimensão espiritual

⁶⁹⁹ VD 86.

bíblica e litúrgica; porém, a sistematização do método da leitura orante pode ser encontrada nos escritos do cartucho cisterciense do século XII, chamado Guigo.⁷⁰⁰

É difícil imaginar algo mais carregado de reminiscências que a *Lectio Divina*. Nela, pode-se dizer, se concentra o segredo mais fascinante da espiritualidade antiga, que é o de evocar de maneira fantástica a riqueza do contato vivo com a Escritura. O próprio termo já diz tudo: a leitura orante da Escritura tem por objetivo rezar a Palavra de Deus. Nesse sentido, a Escritura rezada expressa o diálogo de Deus com aquele que lê. Na leitura da Escritura, a primeira atitude do orante da Palavra é escutar a Deus. Nesse sentido, a Escritura é colocada diante de dois sujeitos: Deus e o ser humano. O “eu” humano e o “Tu” divino. Trata-se, então, de uma escuta que traduz em si a perfeita comunhão do humano com o divino. No contexto eclesial, a Palavra pode encontrar o lugar vital onde deve acontecer a escuta. Aliás, a Igreja concebe a Escritura como Palavra viva e atual que se prolonga de modo natural na missão eclesial. Como nos textos patrísticos, a Igreja, na sua missão *querigmática* levada a efeito, penetra no mistério da Palavra de Deus.⁷⁰¹

Bento XV, na *Spiritus Paraclitus*, afirma que devemos buscar na Escritura o precioso e sólido alimento para nossa vida espiritual com o intuito de percorrermos a *via* da perfeição, bem como meditar e nutrir-nos dela para indicar aos outros o caminho da salvação.⁷⁰² O método da *Lectio Divina* é um recurso muito importante para a abertura dos ouvidos, da mente e do coração à escuta da Escritura. Ele não só auxilia como também contribui para a eficácia da Palavra de Deus em nossa vida. A interpretação teológica da Escritura passa também pelo percurso da sua escuta devota e orante. Esse caminho é um meio eficaz para fazer calar a vaidade humana e abrir-se à ação silenciosa e fecunda do Espírito Santo.

Pio XII, na encíclica *Divino Afflante Spiritu*, afirma que o cristão, para elevar a mente a Deus, alimentar a alma e fomentar em si uma vida interior, necessita recorrer à interpretação mística da Escritura, pois, pela sua meditação, ele se santifica e se inflama do amor de Deus, como ser humano de fé. Nesse sentido, o conhecido princípio: “A lei de orar é a lei de crer” chancela a importância da *Lectio Divina* para a vida cristã. Portanto, a leitura e a escuta orante da Escritura podem

⁷⁰⁰ TEMPESTA, O. J., *A Lectio Divina*, p. 1.

⁷⁰¹ MAGRASSI, M., *Viver a Palavra*, p. 160-161.

⁷⁰² SP 25.

nos ajudar a chegar a uma fé sólida, além de ser útil à nossa vida espiritual e ao testemunho cristão, alimentando e fortalecendo nossa pregação. Sob a ação do Espírito Santo, a Escritura tem sentido próprio, sendo dotada de força divina e ornada de esplendor próprio. Nela brilha e resplandece o próprio Deus. O escutador, pelo itinerário da *Lectio Divina*, consegue mergulhar no mistério da Palavra revelada e interpretá-la com mais facilidade, e, assim, poderá ensinar com fidelidade os tesouros de sabedoria e prudência encerrados na Escritura.⁷⁰³

O Concílio Vaticano II, resgatando a antiquíssima tradição da Igreja, ratificou e promoveu a restauração da *Lectio Divina*.⁷⁰⁴ Além disso, exorta a todos os fiéis cristãos, especialmente os religiosos, a alcançar o bem supremo pela leitura frequente da Escritura.⁷⁰⁵ Quanto mais se conhece a Escritura, mais se conhece a pessoa de Jesus Cristo. Portanto, “ignorar a Escritura é ignorar a Cristo”.⁷⁰⁶ Os Padres conciliares recordam, ainda, que a Escritura deve ser acompanhada da oração para que o diálogo entre Deus e o ser humano seja possível. E ninguém se torne pregador sem antes ter um profundo contato orante com a Palavra de Deus. Do contrário, vai se tornar um pregador vão e superficial.⁷⁰⁷

Depois do Concílio Vaticano II, a experiência da *Lectio Divina* passa a ser mais valorizada e orientada para o estudo, a oração, a meditação e a contemplação da Escritura.⁷⁰⁸ Em vários documentos do Magistério da Igreja pós-conciliar, encontramos incentivo à leitura orante da Escritura como alimento espiritual dos cristãos.

Nesse sentido, a práxis da *Lectio Divina* pelos cristãos católicos pode se tornar um elemento fundamental para a compreensão da Escritura na escuta litúrgica, desde que ela esteja em sintonia com os textos bíblicos proclamados nas celebrações ao longo do Ano Litúrgico. Esse exercício milenar pode também se constituir em uma mistagogia permanente para os que desejam crescer na fé batismal, tornando-se uma práxis pastoral, como resposta ao desejo do Concílio Vaticano II.⁷⁰⁹ A Bíblia, como recorda o Vaticano II, é de primordial importância

⁷⁰³ DAS 16.

⁷⁰⁴ TEMPESTA, O. J., *A Lectio Divina*, p. 1.

⁷⁰⁵ DV 25.

⁷⁰⁶ SÃO JERÔNIMO, Comentário ao profeta Isaías, p. 774.

⁷⁰⁷ DV 25.

⁷⁰⁸ KAMILA, L., Quais são os passos da *Lectio Divina*?, p. 1.

⁷⁰⁹ SANTANA, L. F. R., *Bíblia e liturgia*, p. 526-528.

na celebração litúrgica, pois na liturgia o povo de Deus é favorecido a conservar o suave e vivo gosto pela Escritura.⁷¹⁰

A Igreja, enquanto assembleia orante, oferece a Deus suas mãos vazias e espera receber dele luz e salvação. Por isso ela, antes de oferecer, recebe; antes de falar, escuta. Nesse contexto, a Igreja porta-se diante do infinito amor de Deus como um vaso que deve ser preenchido pela Palavra. É onde a *Lectio Divina* entra, revelando a expressão orante de uma Igreja à escuta da Palavra. E, quando alguém lê a Escritura, é Deus quem fala; quando reza, entra em diálogo com Deus.

O *link* entre *Lectio Divina* e escuta litúrgica é muito importante. Sendo assim, podemos perguntar: qual é a contribuição da Leitura Orante da Escritura para a escuta litúrgica da Palavra de Deus? Essa resposta encontra-se em alguns documentos do Magistério da Igreja do pós-Concílio. A compreensão da sintonia entre a *Lectio Divina* e a escuta litúrgica está no conhecimento do método da leitura orante. Esse é o *link* mais importante que todo cristão é convidado a conhecer para acessar a escuta litúrgica da Escritura. Método tão necessário para o cristão que deseja beber da fonte mais cristalina do mistério do *Logos* de Deus.

O Sínodo sobre a Palavra de Deus na vida e na missão da Igreja insistiu várias vezes sobre a abordagem orante do texto sagrado como elemento fundamental da vida espiritual de todo fiel, nos diversos ministérios e estados de vida, com particular referência à *Lectio Divina*. A Escritura é a base de toda espiritualidade cristã autêntica, e o lugar privilegiado para sua leitura orante é a liturgia. A leitura orante da Escritura, pessoal e comunitária, deve ser vivida sempre em relação com a celebração litúrgica. Assim, ela prepara, acompanha e aprofunda o que a Igreja celebra com a proclamação e a escuta da Palavra no âmbito litúrgico.⁷¹¹

O Papa Francisco afirma que a *Lectio Divina* é uma modalidade concreta para escutar aquilo que o Senhor quer dizer na sua Palavra, pela transformação do Espírito. A leitura da Escritura em um clima orante permite iluminação e renovação da fé cristã.⁷¹² Na Escritura está a eficácia, a potência, o sustentáculo e o vigor da Igreja; e, para os filhos da Igreja, a solidez da fé, o alimento da alma e o manancial puro e perene da vida espiritual. A *Lectio Divina* permite ao fiel escutar a Palavra

⁷¹⁰ SC 24.

⁷¹¹ VD 86.

⁷¹² EG 152.

de Deus, fazer um encontro vital com ela, na leitura do texto bíblico como palavra viva que interpela, orienta e plasma a existência.⁷¹³

Nos documentos que prepararam e acompanharam o Sínodo sobre a Palavra de Deus, vários métodos foram apresentados para nos aproximarmos da profundidade da Escritura, mas nenhum deles deu-lhe maior atenção do que o método da *Lectio Divina*, que é capaz não só de desvendar ao fiel o tesouro da Palavra de Deus, como também de criar o encontro com Cristo, Palavra viva. Nesse aspecto, a relação entre leitura orante da Escritura e escuta litúrgica é perfeita.⁷¹⁴ Daí a importância do método da *Lectio Divina*, apresentado por Bento XVI na *Verbum Domini*, em cinco passos: *lectio, meditatio, oratio, contemplatio* e *actio*.

Pela *lectio*, o primeiro passo da Leitura Orante da Escritura, o fiel, antes de tudo, é convidado a se recolher em um ambiente que o coloque em atitude de profunda escuta, facilitando o diálogo oracional com Deus, que lhe fala, e contribuindo para que ele se abra à ação e à luz do Espírito Santo, acolhendo com alegria a escuta autêntica da voz do Senhor.⁷¹⁵ A *lectio* do texto suscita sempre uma interrogação sobre seu conteúdo: o que a Escritura diz em si?⁷¹⁶ A leitura espiritual de um texto bíblico deve partir do seu sentido literal,⁷¹⁷ a fim de não corrermos o risco de interpretações fundamentalistas e subjetivas. Ao perguntar o que o texto diz em si, nos predispomos a abrir nossos ouvidos para deixar a Escritura escorrer para dentro de nós como a chuva que desce do céu para fecundar a terra (Is 55,10-11). Esse *link* com a escuta litúrgica é perfeito, pois a leitura do texto em si, com sua escuta literal, permite adentrar no mistério de Deus sem distorcer a mensagem da *lectio*.

A *meditatio*, segundo passo da *Lectio Divina*, coloca a Palavra no ventre do orante, gerando, por sua vez, no interior do fiel uma oração de vida nova. A Palavra fecundada, ao gerar vida nova, penetra e ressoa nas fibras mais íntimas e profundas do coração e da mente humanos, estimulando as obras caritativas de Cristo. Esse processo só é possível a partir da degustação e da ruminação da Escritura: uma inclinação amorosa sobre o texto sagrado em clima meditativo, que leva à

⁷¹³ CANTALAMESSA, R., O mistério da Palavra de Deus, p. 93-94.

⁷¹⁴ VD 87.

⁷¹⁵ MAGRASSI, M., Viver a Palavra, p. 174.

⁷¹⁶ VD 87.

⁷¹⁷ EG 152.

compreensão do que ela alimenta. Desse modo, a Palavra passa a fazer parte da vida humana, modelando pensamentos, sentimentos e a própria vida.⁷¹⁸ Nessa etapa, a pergunta que se faz é: o que nos diz o texto bíblico? Essa questão é pessoal, mas também comunitária, porque nos sensibiliza com uma palavra pronunciada não apenas no passado, como também no presente, no hoje de nossa história.⁷¹⁹ O orante, na meditação da Escritura, apropria-se do conteúdo lido e o confronta consigo mesmo, com sua vida. Ali se depara com o seu *húmus* adâmico e, conduzido pela humildade e pela fé, descobre os movimentos que agitam seu coração e que podem ser discernidos. Trata-se de tornar a verdade escondida em luz, movimentando o pensamento, a imaginação, a emoção e o desejo de chegar às convicções de fé madura. Assim, a *meditatio* suscita a conversão da mente e do coração e fortalece a vontade de seguir a Cristo, mergulhando em seus mistérios.⁷²⁰

A *oratio*, o terceiro degrau da *Lectio Divina*, nos coloca em profunda intimidade com Deus. Ela produz em nós bons frutos, gerados por meio da Palavra. Pela intimidade com a Escritura, a partir do que lemos, escutamos, ruminamos e dialogamos, o Senhor ativa em nosso interior todo o seu amor. Dessa forma, a nossa oração é essencialmente uma Palavra devolvida a Deus, em forma de ação de graças, selada no nosso “amém”.⁷²¹ A pergunta que nos interessa neste terceiro passo é: o que dizer ao Senhor em resposta a sua Palavra? Essa questão modifica nosso modo de pedir, de interceder, de dar graças e de louvar a Deus.⁷²² Nossa oração, nesse sentido, se converte na Palavra que estamos escutando. A nossa mente e o nosso coração se envolvem pelo mistério de tal modo que o nosso pensamento se volta para o amado (Ct 1,7; 3,1-4). O coração é o lugar da busca e do encontro, na pobreza e na fé. Com a oração ocorre algo idêntico ao que nos acontece na liturgia: somos convocados pela Palavra para reunir o coração, recolher o nosso ser sob a ação do Espírito Santo, habitar na morada de Deus, que é o interior de cada pessoa, despertar a fé para estar na presença do Senhor, nos despir das máscaras e papéis, para voltar o coração a Deus, que nos ama, a fim de nos entregarmos a ele como uma oferenda agradável que necessita ser transformada.⁷²³

⁷¹⁸ MAGRASSI, M., Viver a Palavra, p. 174.

⁷¹⁹ VD 87.

⁷²⁰ CEC 2705-2708.

⁷²¹ MAGRASSI, M., Viver a Palavra, p. 174.

⁷²² VD 87.

⁷²³ CEC 2709-2711.

Dessa maneira, a oração mental é a expressão mais simples do mistério da prece. Ela é dom e graça, relação de aliança com o Senhor, comunhão na Trindade. Ao mesmo tempo, a oração mental é escuta da Palavra de Deus, uma escuta obediente na fé, acolhida incondicionalmente pelo servo e aderida amorosamente pelo Filho. Participamos do “sim” do Filho amado, que se tornou Servo de todos, e do *fiat* de sua humilde serva. Por isso, também, a oração mental é silêncio, símbolo do amor silencioso. As palavras na oração deixam de ser discursos para ser lenha que alimenta o fogo do amor. Nesse silêncio, o Pai nos entrega o seu Verbo, encarnado, sofredor, morto e ressuscitado. O Espírito filial nos torna participantes da oração de Jesus. Na medida em que participamos do mistério de Cristo, nossa oração se une a sua prece. Nesse sentido, a escuta litúrgica acontece dentro de um processo orante da Escritura.⁷²⁴

Por fim, pela *contemplatio*, o último passo da *Lectio Divina*, o fiel, tecido pela fecundidade da *lectio*, *meditatio* e *oratio*, se coloca na mais elevada oração cristã, a contemplação. Assim, é refletida fielmente a liturgia da Palavra no movimento da oração cristã.⁷²⁵ Nesse clímax contemplativo, a atenção a Cristo leva-nos à renúncia do eu interior e leva nosso olhar a se fixar no olhar de Jesus, entrecruzando-se. Assim, o olhar de Cristo nos cura, salva e ilumina os olhos do nosso coração; ensina-nos a ver na luz de sua verdade e de sua compaixão o amor por toda a humanidade. Pela contemplação do mistério do Cristo, nos é proporcionado o conhecimento íntimo do Senhor, para mais amá-lo e segui-lo.⁷²⁶

Durante a contemplação, assumimos como dom de Deus o seu próprio olhar ao julgar a realidade. E, ao mesmo tempo, nos interrogamos sobre qual é a conversão da mente, do coração e da vida que o Senhor nos pede. Nesse sentido, a *contemplatio* é uma convocação à renovação da mente, para conhecer a vontade de Deus mediante aquilo que é bom, agradável e perfeito (Rm 12,2). Ela tende a criar em nós uma visão sapiencial da realidade segundo Deus e a formar em nós a Palavra de Cristo (1Cor 2,16). A Escritura aparece como critério de discernimento por ser “viva e eficaz” (Hb 4,12). A *Lectio Divina* não conclui a sua dinâmica enquanto não chegar a *actio*, que impulsiona o cristão a doar-se aos outros na caridade.⁷²⁷

⁷²⁴ CEC 2713-2714.2716-2719.

⁷²⁵ MAGRASSI, M., Viver a Palavra, p. 174-175.

⁷²⁶ CEC 2715.

⁷²⁷ VD 87.

O percurso que fazemos no exercício espiritual da *Lectio Divina* nos coloca diante de uma mesa farta de alimento, que é a Escritura, o Corpo de Cristo. A cada passo dado na leitura orante da Palavra nos deparamos conosco e com Deus. Duas realidades se misturam e integram: a humanidade na divindade. O “eu” com o “Tu” entram em perfeito diálogo; um diálogo sem palavras, porque estamos à escuta da Palavra. E, no recolhimento interior e exterior, podemos escutar o grande e sublime silêncio do *Logos* de Deus repercutindo em nós.

Na liturgia, a escuta litúrgica da Palavra, conduzida pelo silêncio orante, faz um trajeto dentro de nós. Como um rio de água cristalina, a Palavra de Deus vai encharcando a nossa vida da ágape de Deus. À medida que a Palavra vai fazendo o seu percurso dentro de nós, ela vai purificando o nosso interior para viver e celebrar as alegrias do céu de forma antecipada,⁷²⁸ dentro e fora de nós.

Todo o nosso ser é envolvido pela Escritura revelada: ouvido, alma, coração, mente e força. Todo o corpo é abraçado carinhosamente pela Palavra, e por ela transformado. Deus encontra morada no coração humano e o humano encontra acolhimento no coração de Deus; assim, em perfeita comunhão com a Trindade, participa da morada do eterno. Nesse sentido, podemos dizer que a *Lectio Divina* e a escuta litúrgica interagem entre si em perfeita sintonia, cooperando para a salvação do ser humano todo.

⁷²⁸ SC 8.

4.

Perspectivas teológico-pastorais para a escuta litúrgica da Escritura

Neste capítulo trabalharemos alguns elementos, entre tantos outros, sob a perspectiva teológico-pastoral, em vista da escuta litúrgica da Escritura. Ao refletir sobre o tema “Igreja, casa da escuta da Palavra”, destacaremos a importância do templo físico e do templo humano como morada de Deus, lugar do encontro, da escuta, da acolhida e do envio à missão. O templo físico, enquanto lugar de reunião dos fiéis, tem por finalidade primeira, na sua arquitetura, orientar, educar e conduzir as pessoas à escuta da Palavra. Por isso, cada espaço do templo evoca encontro e escuta.

A pessoa humana é, por essência, a habitação da Palavra, mas também da escuta. Uma não existe sem a outra. E vem daí ainda a conexão entre Deus e o ser humano: escutar e falar; falar e escutar. O agir é fruto dessa interação. Contudo, para que isso aconteça na prática são necessários aprendizado, formação e, sobretudo por parte dos agentes pastorais, conversão pastoral, a fim de se conseguir avançar no pensamento de que a iniciação à vida cristã para a fé é um caminho processual de escuta constante; só assim se é possível testemunhar, como discípulo bom e fiel, o Cristo Senhor.

Portanto, a reflexão sobre a educação à escuta litúrgica da Escritura, tão necessária em nossos tempos e desenvolvida neste capítulo, nos ajuda a pensar na importância da iniciação das pessoas à vida cristã. Nesse quesito, salientamos que o primeiro pedagogo da escuta da Escritura na liturgia é o Espírito Santo, e os agentes pastorais são instrumentos da ação do Espírito. Por isso, precisam ser primeiro iniciados para depois iniciar os outros, pois pessoas bem iniciadas à vida cristã conseguirão celebrar de modo mistagógico a fé em Cristo.

O último item deste capítulo apresenta alguns elementos relevantes para nossos tempos, como a sensibilidade cósmica da escuta, a sinodalidade da Igreja e a escuta litúrgica da Palavra de Deus na pós-pandemia. Os caminhos apontados têm por finalidade nos ajudar a alargar nossa reflexão e missão no mundo de hoje, porque uma liturgia que não prima pela escuta não poderá conduzir as pessoas à vida e muito menos ser chamada de liturgia. Daí a importância da pastoral litúrgica da escuta. Desse modo, entendemos por que este capítulo inicia-se falando do

templo para, no final, refletir sobre a importância do cosmos como lugar da escuta do Criador e das criaturas em tempo de pandemia. Enfim, queremos, com tudo isso, expressar que uma Igreja da escuta revela sua sinodalidade de comunhão, participação e missão no mundo pela liturgia, a qual pode visibilizar a identidade da Igreja e sua missão.

4.1

Igreja: casa da escuta da Palavra

Antes falar da Igreja⁷²⁹ enquanto casa da escuta da Palavra, precisamos citar a natureza simbólica do templo. Isso porque o campo simbólico da ação litúrgica começa pelo templo, lugar comum da celebração. Esse lugar comporta e manifesta os elementos fundamentais da assembleia dos cristãos. Por isso, deve primar pela sobriedade e pela simplicidade; harmonizar a dignidade com a nobre beleza; expressar a simplicidade eloquente em um espaço adequado e organizado simbolicamente para a ação cultual; possibilitar, a partir do visível, audível e tangível, a condução ao mistério que celebramos.⁷³⁰

Para os cristãos, o templo é um dos lugares privilegiados de transcendência, chegando a ser a representação simbólica do céu aqui na terra, o que nos permite abrir os olhos para o céu e as portas para entrar e participar da realidade da Nova Jerusalém. O templo é “a casa de Deus e a porta do céu” (Gn 28,17) e, neste aspecto, tende a reproduzir na terra um modelo de transcendência celestial, adquirindo diversas estruturas com significados diferentes. Ele também pode ser entendido como um “cosmos ordenado” que representa, assume e consagra. Além disso, tanto nas sociedades tradicionais como, de certa maneira, nas sociedades modernas, o templo pode ser visto como *axis mundi*, por constituir uma ruptura homogênea do espaço, por representar uma abertura que possibilita a passagem de um espaço cósmico ao outro e por expressar indiferentemente uma comunicação de imagens referentes ao *axis mundi*; sem contar que, ao redor do eixo cósmico, ele pode alcançar o mundo.⁷³¹

⁷²⁹ Toda vez que nos referirmos à Igreja como templo humano ou instituição utilizaremos o (I) maiúsculo; e, quando nos referirmos à igreja como templo físico, utilizaremos o (i) minúsculo.

⁷³⁰ BOROBIÓ, D., A dimensão estética da liturgia, p. 39.

⁷³¹ ELIADE, M., O sagrado e o profano, p. 19-25.

Aliás, em uma compreensão judaico-cristã, o lugar onde Deus se encontra com o ser humano torna-se ambiente de epifania da escuta da Palavra, como podemos constatar na cena de Moisés no Sinai (Ex 19,2-15); de Elias no monte Horeb (1Rs 19,9-16); e de Jesus na montanha da transfiguração (Mt 17,1-8; Mc 9,2-8; Lc 9,28-36). Assim, o lugar do encontro com Deus, da escuta de sua Palavra, torna-se também o espaço da acolhida, do diálogo e do envio.

Além da montanha, como lugar do encontro com Deus, o templo é o lugar da habitação de Deus. O templo de Jerusalém, o lugar sagrado para os judeus, era considerado o ambiente de maior respeito e veneração que o ser humano podia assumir diante do transcendente. Para os cristãos, o templo é considerado também lugar sagrado, lugar da presença, do encontro, da adoração, do louvor e da glória de Deus. Segundo D. Borobio, os cristãos podem entender o templo judaico como identificador sublime do simbólico admirativo, concentrado na presença de Deus com seu povo, expresso ali de modo visível.⁷³²

Em Jesus, o conceito de templo é ressignificado, pois Ele mesmo se intitula como o verdadeiro templo, quando afirma para os judeus: “Destruí este templo e eu o levantarei em três dias” (Jo 2,19). Assim, pela encarnação, morte, ressurreição e envio do Espírito Santo em Pentecostes, realiza-se em Jesus a presença mais intensa de Deus neste mundo, como tenda que abriga a humanidade inteira. Jesus Cristo é o templo da habitação do Divino no meio de nós (Jo 1,4). Ele é a luz que ilumina o mundo (Jo 8,12), o caminho, a verdade e a vida, que leva ao Pai (Jo 14,6). Ele é a porta por onde a humanidade inteira pode entrar e sair em segurança (Jo 10,9). Assim, temos em Cristo uma habitação segura e um alimento forte que nos vivifica. Nesse sentido, o templo é o próprio Deus e o Cordeiro (Ap 21,22). Além do mais, podemos dizer que o mais importante agora é a edificação do templo espiritual formado de pedras vivas.⁷³³

Todo aquele que ama o Filho de Deus e guarda a sua Palavra, Deus o amará e, junto com o Filho, fará dele sua morada (Jo 14,23). Deus quis fazer sua morada na pessoa humana e torná-la a sua imagem. A tenda humana é a casa de Deus. Sua edificação se concretiza no amor a Cristo e seu alicerce se fundamenta na escuta da

⁷³² BOROBIO, D., A dimensão estética da liturgia, p. 43.

⁷³³ BECKHÄUSER, A., Os fundamentos da sagrada liturgia, p. 203-204.

sua Palavra. Portanto, templo na qualidade de habitação de Deus não se refere primeiramente ao edifício de tijolos, mas sim ao edifício humano em primeiro lugar.

Nesse sentido, fica clara a compreensão de que somos a “Igreja” de Deus. Essa passagem da Igreja, edifício humano, para a igreja casa de oração e lugar do culto cristão é importante para nossa compreensão pastoral da Igreja, como casa da escuta da Palavra de Deus. Isso porque, todos aqueles que acolhem Jesus Cristo como Senhor da sua vida, se tornam casa da Palavra de Deus, *domus Ecclesiae*.

Para J. Gelineau, é natural que a Igreja seja a imagem da comunidade que ela abriga, pois ela reflete tanto para os de dentro quanto para os de fora o retrato de uma Igreja em um determinado tempo e lugar. Nos primeiros séculos, os pagãos a distinguiam como casa dos cristãos. Na Idade Média, a igreja era o centro visível da comunidade humana religiosa, patrimônio da sociedade e da Igreja, símbolo de sua cultura e lugar por excelência das artes. Já na sociedade moderna, pluralista, essa visão da igreja herdada do passado muda seu significado para os de fora. Mas, para os cristãos, a igreja enquanto estrutura física sempre refletiu o ambiente de fé da assembleia cristã reunida.⁷³⁴

Dessa forma, podemos distinguir o termo “Igreja” da seguinte forma: Igreja, como corpo de Cristo, comunidade dos batizados, e igreja como estrutura física. Aliás, a exegese contemporânea teria encontrado sua preparação na *qahal*, na qual o povo de Deus reunido em assembleia para a escuta da Palavra ratifica a aliança e se propõe a obedecer e a praticar os mandamentos do Senhor. A igreja enquanto templo material, na qual a assembleia cristã se reúne para a oração, se transforma em elo com a sinagoga hebraica.⁷³⁵

Essas duas imagens de Igreja como corpo de Cristo e igreja templo físico não se contrapõem enquanto imagem, mas reforçam o sentido de Templo espiritual para a escuta da Palavra. Tanto a pessoa humana quanto o templo físico representam e manifestam o lugar da habitação de Deus. O templo humano e o templo físico simbolizam de forma visível a casa da escuta da Palavra de Deus, a morada do eterno. O apóstolo Paulo recorda à comunidade de Corinto que eles são a casa onde Deus habita (1Cor 3,16-17); e, quando escreve aos cristãos de Éfeso, afirma que Cristo habita o coração da pessoa de fé por meio do Espírito Santo (Ef 3,16-17).

⁷³⁴ GELINEAU, J., O lugar da assembleia, p. 125-126.

⁷³⁵ BOUYER, L., Architettura e liturgia, p. 14.

Daí, se o coração da pessoa humana é a casa de Cristo, logo, suas ações devem expressar os ensinamentos de Cristo. Por que um coração onde mora Cristo não pode fazer outra coisa senão aquilo que Cristo fez e mandou fazer. “Este é o meu mandamento: amai-vos uns aos outros, assim como eu vos amei” (Jo 15,12). E ainda, em outras passagens, Jesus afirma que é bem-aventurado quem escuta a Palavra de Deus e a guarda (Lc 11,28) e que sua Palavra precisa ser escutada e praticada (Mt 7,24).

4.1.1 Lugar do encontro, do culto e da mística

A igreja, templo físico, como casa da escuta da Palavra, pode ser também distinguida por suas funções e significações. Nela, encontramos-nos para prestar culto agradável a Deus. É próprio da função ritual-cultural exprimir o sinal do mistério celebrado. Os lugares de culto, por ser também a casa da escuta da Palavra, possuem funções significativas que devem ser observadas em três níveis: prático, sociopessoal e místico, como afirma J. Gelineau.⁷³⁶

Como lugar prático da ação litúrgico-celebrativa e casa da escuta da Palavra, a igreja é um espaço agradável para a realização de toda ação ritual prevista, e expressão visível do edifício vivo de Deus, formada por mãos humanas⁷³⁷ para a execução das ações sagradas⁷³⁸ e a ativa participação dos fiéis.⁷³⁹ Trata-se, por assim dizer, do ambiente da reunião cultural dos cristãos; espaço acolhedor e confortável que possibilita aos fiéis ver, escutar, cantar, aclamar, mover, rezar, referenciar, presidir, proclamar a Palavra de Deus, silenciar, participar da ceia do Senhor, do banho batismal etc.⁷⁴⁰ Nesse sentido, o ambiente arquitetônico da igreja para as ações litúrgicas deve cooperar para se celebrar a fé cristã e dizer por si só daquilo que ali é celebrado.⁷⁴¹

Com relação à praticidade do espaço litúrgico, vemos que, além do conforto e da comodidade, ele deve favorecer o pastoreio dos fiéis. Hoje, mais do que nunca, sentimos necessidade de ver nos templos cristãos um ambiente que nos conduza à

⁷³⁶ GELINEAU, J., O lugar da assembleia, p. 126.

⁷³⁷ RDIA, Capítulo I, p. 9.

⁷³⁸ IGMR 288.

⁷³⁹ SC 30 e 124.

⁷⁴⁰ GELINEAU, J., O lugar da assembleia, p. 126-127.

⁷⁴¹ JOHNSON, C.; JOHNSON, S., O espaço litúrgico da celebração, p. 20.

escuta da Palavra de Deus, porque as pessoas estão sedentas disso e, ao mesmo tempo, de sua compreensão.

O projeto arquitetônico é essencial nesse sentido, pois, além da beleza da arte sacra, ressaltamos a importância de boa acústica, iluminação, conforto para os fiéis participarem ativamente da ação litúrgica. Dessa forma, quanto mais despojado for o ambiente celebrativo, mais facilitará a concentração dos fiéis.

Aliás, quanto mais limpo de ruídos for o espaço litúrgico, mais facilidade os fiéis terão para se concentrar. Além de cooperar para a concentração dos cristãos na ação litúrgica, o ambiente litúrgico pode oferecer descanso, paz, saúde espiritual, mental e física para as pessoas em oração. Em sua praticidade, podemos dizer que o espaço sagrado oferta de modo singular uma ação pastoral que facilita a escuta da pessoa no diálogo com Deus.

Paralelamente, vemos que nas construções civis, com relação aos projetos arquitetônicos, há hoje uma grande preocupação dos investidores em organizar espaços de acolhida e conforto para seus clientes; percebemos isso na repaginação estética do ambiente. Os shoppings são um bom exemplo disso e ilustram bem o que queremos dizer de ambiente acolhedor e confortável. São projetados de tal forma que a pessoa, quando está ali, nem vê o tempo passar. Ali não existem relógios, porque o *chronos* causaria ruídos e aceleraria o tempo de permanência no espaço. O mais importante é proporcionar o prazer de consumo.

Nesses ambientes, então, tudo é pensado e projetado nos seus mínimos detalhes, como, por exemplo, a logística do espaço, a segurança, o nível social das pessoas, o que elas gostam de consumir etc. Para isso, contratam peritos das diversas áreas das ciências humanas para fazer pesquisas de campo sobre o comportamento dos futuros frequentadores do empreendimento. Depois de um estudo sério e pormenorizado, dá-se prosseguimento ao investimento.

A inauguração de uma obra comercial, como a de um shopping, é o termômetro de todo investimento. Cada espaço é pensado para alimentar o espírito consumista do cliente. Ali, nossos sentidos são instigados a consumir exageradamente os produtos da vitrine. J. Mo Sung, em entrevista ao jornal *Rede Brasil*, afirma que os centros comerciais assumiram um papel de “religiosidade”.

Se antes as pessoas iam à igreja para se purificar, hoje elas vão ao shopping para arejar a mente. Os shoppings se tornaram a catedral do mundo contemporâneo.⁷⁴²

Talvez possamos nos perguntar: qual a relação de um shopping com o templo religioso, enquanto lugar da escuta da Palavra de Deus? A analogia do espaço comercial com o espaço sagrado desperta nossa atenção não apenas para a praticidade do espaço celebrativo como também para sua finalidade. Uma proposta arquitetônica de uma igreja jamais poderá ser confundida com uma sala de reunião, centro de convenção, cinema ou shopping.⁷⁴³

A pergunta talvez não seja qual a relação do shopping com a igreja, mas sim qual é a finalidade da construção de uma igreja: casa da escuta da Palavra? Esta questão instiga-nos a pensar na essência do templo a ser construído, sua finalidade, logística, o interesse da comunidade, a sensibilidade religiosa do povo etc. Quando esses elementos não são levados em consideração, pode acontecer de se construir igrejas sem se construir comunidades de fé. Isso porque a finalidade prática de um projeto arquitetônico revela a expressão de fé da comunidade e a liturgia celebrada, pois a liturgia explica e condiciona o espaço, simultaneamente, simbólico e funcional.⁷⁴⁴

Escutar a sensibilidade religiosa do povo é muito importante. Portanto, vale recorrer a algumas áreas das ciências humanas, levando em consideração os aspectos antropológico, psicológico, social, cultural e religioso da comunidade. Nesse sentido, as ciências humanas, no que se refere à escuta concreta da religiosidade do povo, são importantes para a concretização do sonho das pessoas de erguer um edifício para celebrar seu culto e alimentar sua fé. Construir enormes igrejas, mesmo observando todas as normas de um espaço sagrado, sem levar em consideração as pedras vivas da comunidade, que são os fiéis, poderá representar um grande risco, isto é, o de não identificação com o espaço de culto.

O prático aqui seria, primeiramente, conhecer a comunidade de fé, escutar seus anseios, suas lutas, seus desafios, suas conquistas e seus sonhos, e depois, em um segundo momento, cogitar a possibilidade da construção do templo. Assim é possível criar um laço afetivo com a edificação física da casa da escuta da Palavra;

⁷⁴² MARETTI, E., Shopping é a verdadeira catedral do mundo contemporâneo, p. 1.

⁷⁴³ CNBB, Doc. Estudo 106, p.13.

⁷⁴⁴ CNBB, Doc. Estudo 106, p. 13.

edificar pessoas para construir igrejas. A construção da casa da Palavra, como templo humano, vem antes da construção do templo físico, com sua praticidade, para a celebração da liturgia.

Assim sendo, o espaço litúrgico celebrativo não será feito para facilitar a execução de ritos, mas para a vivência mistagógica do rito a partir da escuta da Palavra. Cada espaço do templo falará por si só e, ao mesmo tempo, conduzirá cada pessoa, por meio do silêncio, à escuta do mistério de Cristo celebrado. A coerência de um projeto arquitetônico de igreja, com a eclesiologia e a liturgia renovadas pelo Concílio Vaticano II, expressa a compreensão de mistério de comunhão do povo de Deus que peregrina para a Jerusalém celeste.⁷⁴⁵ Desse modo, a liturgia como ação salvadora de Jesus Cristo, pela ação Espírito Santo, é celebrada pela Igreja ministerialmente estruturada, por meio de sinais sensíveis.⁷⁴⁶

Nesse sentido, os fiéis conscientes de sua missão no mundo, na qualidade de promotores de uma cultura fidedigna a seus princípios cristãos, aprimorarão o apreço pela arte sacra na construção do templo físico e, ao mesmo tempo, compreenderão a importância desse espaço no exercício do pastoreio de Cristo. Para isso, têm de levar em consideração a nobre simplicidade arquitetônica do templo como manifestação da beleza de Deus.

Aliás, o Concílio Vaticano II afirma que a arte sacra é a expressão máxima da arte religiosa, e a sua natureza está direcionada à manifestação da beleza divina em forma humana. Assim, seu objetivo é conectar piedosamente a mente humana a Deus e favorecer sua conversão. Além disso, afirma ainda que a Igreja sempre favoreceu as artes liberais e os artistas pelos serviços prestados à sociedade, para que sejam dignos, decorosos e belos em tudo aquilo que é voltado ao serviço do culto divino, como sinais e símbolos das realidades do alto.⁷⁴⁷ Para Bento XVI, a natureza do templo cristão se define pela ação litúrgica, a qual implica a reunião dos fiéis, que são as pedras vivas do templo (1Pd 2,5).⁷⁴⁸

Quanto ao nível sociopessoal, a igreja como casa da escuta da Palavra expressa a imagem de uma comunidade de fé. O Decreto *Domus Ecclesiae*, da Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos, afirma que a

⁷⁴⁵ SC 6; LG 4,9,13; GS 40,43.

⁷⁴⁶ SC 7, 14; DV 21.

⁷⁴⁷ SC 122.

⁷⁴⁸ SaCa 41.

“casa de Deus” sempre foi um dos principais sinais da Igreja em si, a esposa de Cristo, que está presente no mundo e a caminho da Jerusalém Celeste.⁷⁴⁹ Cada espaço da igreja reflete e favorece para cada fiel o espírito de fraternidade, intimidade, respeito, admiração, recolhimento, alegria e liberdade. A pessoa que se encontra ali é estimulada a sentir-se mais próxima de si, dos outros e de Deus.⁷⁵⁰

A igreja, como ambiente sociopessoal, de certa forma promove o bem-estar das pessoas. Muitos fiéis relatam que, quando entram em determinadas igrejas, esquecem os problemas e conseguem escutar a Deus. Algumas chegam a afirmar que saem melhores do que quando chegaram, porque encontram paz, sentem o toque do amor de Deus e conseguem entrar em harmonia consigo mesmas. O silêncio e a harmonia do espaço as colocam face a face com Deus. Assim, é possível dizer que o ambiente sociopessoal conduz ao ambiente comunitário da fé cristã, colocando a pessoa diante de Deus e dos irmãos, e, ao mesmo tempo, harmoniza suas relações pessoais e interpessoais no dia a dia.

O nível sociopessoal da igreja favorece também a compreensão de Igreja “Corpo de Cristo” e igreja “Corpo Eclesial”. Como “Corpo de Cristo”, formamos um único corpo, expressamos uma imagem de comunhão com Cristo, cabeça de sua Igreja. Ele é o núcleo central, a pedra angular (At 4,11; Sl 118,22), que coloca em movimento todo o corpo, alimenta-o e conecta-o. Nenhum membro pode estar desconectado dele. Caso se desconecte, perde a comunhão e a sintonia com o corpo do Cristo total, integrado. O Corpo Eclesial não é diferente. O ambiente sociopessoal da igreja reflete e expressa a comunhão de um corpo integrado no exercício ministerial de uma comunidade fértil de dons e carismas. O ambiente eclesial da comunidade cristã está em função do bem-estar de todo o corpo eclesial movido pela ação do Espírito Santo.

Nesse sentido, segundo o apóstolo Paulo, não somos estrangeiros nem forasteiros, mas concidadãos dos santos e da família de Deus; e, edificados sobre os alicerces dos apóstolos e dos profetas, temos o próprio Cristo como pedra angular. Nele, toda construção é bem ajustada. À medida que ela vai crescendo, vai formando o templo santo no Senhor. Nele, todos somos edificados para ser morada de Deus no Espírito Santo (Ef 2,19-22).

⁷⁴⁹ DE 1.

⁷⁵⁰ GELINEAU, J., O lugar da assembleia, p. 127.

Já o aspecto místico da Igreja, casa da escuta da Palavra, é o lugar de encontro entre Deus, revelado em Cristo Jesus, e sua Igreja peregrina. Ela é portadora do mistério, símbolo da habitação de Deus entre os seres humanos, imagem salvífica da humanidade, memorial histórico da salvação, proclamação da nova Jerusalém, sacramento da nova criação em Cristo ressuscitado. Finalmente, lugar onde Deus santifica a pessoa pelos sacramentos, para que ela mesma consagre o mundo. Assim, a Igreja, no nível místico, é para toda pessoa de fé o lugar da celebração dos mistérios de Cristo.⁷⁵¹

As arquiteturas das igrejas cristãs são sinais materiais do templo espiritual, mas não esgotam o sentido do mistério que abrigam. Enquanto corpo místico, a Igreja é também uma realidade física, que necessita de um espaço para a comunidade reunir-se e expressar sua realidade primeira, que é a de elevar os corações ao alto. Sem contar que sua finalidade é reunir a comunidade ao redor do Cristo, cabeça de seu corpo, constituído de muitos membros. O objetivo central do templo é sempre o mesmo, nos transferir para uma realidade mística e funcional, divina e humana.⁷⁵²

Desse modo, os aspectos prático, sociopessoal e místico dos lugares de culto manifestam a beleza de Deus, pois a beleza harmoniza com a sobriedade e a nobre simplicidade. Na igreja, casa da escuta da Palavra, reluz a nobre beleza, mais do que a mera suntuosidade.⁷⁵³ Desse modo, a obra de arte do templo transmite sua autêntica verdade, manifestada pela harmonia que traz na sua função litúrgica. A sincronia do ambiente de culto aponta para o centro do mistério que é Cristo, do qual todos são servidores. As realidades humanas, espirituais e transcendentais do templo configuram e expressa a unidade do corpo místico de Cristo. Portanto, a edificação de um templo cristão expressa o ícone de uma comunidade de fé viva, moldada por uma mistagogia litúrgica, ao redor do Cristo Palavra, para a escuta litúrgica interativa. Assim, podemos falar da dimensão mistagógica da escuta da Palavra a partir do aspecto arquitetônico da igreja.

A construção do projeto arquitetônico do templo religioso tem como preocupação primeira o aspecto pastoral mistagógico. Retirar do projeto a dimensão

⁷⁵¹ GELINEAU, J., O lugar da assembleia, p. 127-128.

⁷⁵² CNBB, Doc. Estudo 106, p. 11.

⁷⁵³ SC 124.

teológico-pastoral mistagógica da escuta da Escritura pode causar ruído, atrapalhar o encontro pessoal com Cristo, que toda pessoa, mesmo sem uma consciência clara da fé, espera e quer encontrar em um templo destinado à oração. Portanto, além de se preocupar com a estrutura física, necessita também pensar no conforto das pessoas que estão em perfeitas condições físicas ou não.

O templo, em sua dimensão estrutural, é educativo. Ele pode ajudar a despertar o cuidado pastoral da comunidade de fé com a escuta da Escritura, quando inserir no projeto o acesso das pessoas com deficiência física. Em outras palavras, o espaço deve ser preparado para acolher a todos sem distinção e, ao mesmo tempo, cuidar para que todos possam escutar com alegria e entusiasmo a Palavra de Deus proclamada na liturgia. Portanto, é essencial encontrar no templo acolhida, respeito e consideração para com a deficiência de cada pessoa, seja visual, auditiva, seja outra qualquer. Enfim o templo, em sua estrutura física, tem a função de educar os fiéis para a escuta e para o acolhimento de todos, naquilo que se refere ao encontro com o Cristo vivo. Nesse sentido, o espaço deve ser pensado não só para a comunidade ter um espaço para se reunir como também para fazer o encontro com Deus. Para tanto, ela tem a missão de pensar em todos indistintamente.

4.1.2 A mistagogia da casa da Palavra

Os três níveis elencados acima, referentes aos aspectos prático, sociopessoal e místico, nos conduzem à dimensão mistagógica da casa da Palavra. Cada ambiente do templo expressa de modo visível o lugar da ação salvadora de Cristo. Sem contar que o espaço litúrgico, no sentido mistagógico, reproduz de modo visível a presença de Cristo Palavra e Pastor nos diversos ambientes do templo.

Talvez possamos perguntar: qual a relação mistagógica do templo com a escuta da Palavra de Deus? Ou ainda: por que “casa da Palavra”? Essas questões estão sendo respondidas desde o primeiro capítulo deste trabalho. Inicialmente nossa intenção, a partir da intuição da escuta litúrgica da Escritura, foi levar em consideração, também, a capacidade da pessoa humana de captar tudo que está a sua volta. Assim, a mente humana não só tem o poder de captar como também de se conectar ao espaço onde ela se encontra.

Dessa forma, os elementos simbólicos do templo inserem e conduzem a pessoa à escuta, ao acolhimento, ao encontro, à paz, ao descanso e à transcendência,

podendo até se dizer ser uma experiência cósmica. Aliás, para a pessoa cristã, o cosmos é o espaço de habitação e ao mesmo tempo de escuta e de encontro com Deus. Nesse espaço, a pessoa mantém ainda uma relação de diálogo com o Senhor, Deus do universo, criador do céu e da terra. Em Cristo, ela é inserida na nova e eterna aliança, que contempla toda a realidade cósmica, passado, presente e futuro. E é possível dizer que essa realidade é uma aliança com o Deus-comunidade e o Deus-amor, pois essa aliança visa ao projeto de amor e de comunidade cósmica.⁷⁵⁴

Além disso, é importante salientar que o cosmos está em perfeita interação com o templo. Por isso, para haver interação da pessoa com o espaço do templo, será necessária essa conexão com o cosmos. O ambiente mistagógico carece dessa conexão. O espaço da casa da Palavra, bem sincronizado e harmonizado com a finalidade a ele destinado, isto é, o ritual-cultural, facilita a concentração das pessoas e a sensação, mesmo que inconsciente, de acolhimento do Deus-amor no ambiente sagrado. A mistagogia do espaço litúrgico do templo, para a escuta da Palavra, pode fazer toda diferença na conexão das pessoas com o mistério. Nesse sentido, os diversos espaços litúrgicos da igreja têm o poder de conectar e de conduzir os fiéis ao mistério do Cristo Palavra.

Arrumar a casa da Palavra de forma mistagógica, para o encontro com Deus, é uma decisão consciente, madura e séria. Requer discernimento, porque implica a antecipação da realidade de um mundo novo, que é de escuta, acolhida, beleza, fraternidade, comunhão e graça, recolhimento e silêncio. É a realização de um sonho antecipado para a comunidade. Nesse caso, o caminho mais fácil para chegar à sublime beleza é o da simplicidade. A casa da Palavra, no sentido mistagógico, nos educa para o silêncio e para a escuta; um depende do outro. Pelo fato de o templo, casa da Palavra, expressar a verdade que ele anuncia, sem falsidade nem imitações, a verdade impressa nos materiais deve ser natural e não artificial, porque a casa da Palavra é um símbolo de Deus que habita entre os humanos e, ao mesmo tempo, é anúncio da nova Jerusalém celeste.⁷⁵⁵

Por esse motivo, é importante que a mistagogia da casa da Palavra expresse, por meio de formas, cores, luzes, sombras, texturas, sons, ventilação, materiais e localização das peças, sua função simbólica e mística. Assim, a beleza e a unidade

⁷⁵⁴ BUYSTE, I., Celebrando a aliança cósmica, p. 4.

⁷⁵⁵ MACHADO, R. C. A., O espaço da celebração, p. 9.

do lugar alimentarão a piedade e a devoção dos fiéis, sem contar que manifestarão neles a santidade dos mistérios celebrados. Isso porque a beleza do espaço é pedagógica e educa os fiéis para a escuta da Palavra. Daí a dedicação e o zelo pela organização e a arrumação do espaço para as ações litúrgicas. Para tanto, deve-se considerar a unidade simbólica e a dignidade de cada peça, que respeite a liturgia e o fiel no processo de formação do caráter cristão. Essa experiência pode se estender por toda a vida. O cuidado, a unidade e a beleza serão levados para as relações pessoais e interpessoais.⁷⁵⁶ A experiência da participação ativa na liturgia educa os fiéis⁷⁵⁷ e será refletida na participação deles na sociedade, na formação de cidadãos conscientes e responsáveis.⁷⁵⁸

A forma como o homem projeta o espaço reflete aquilo que ele é, e também o espaço como projeto humano, pode determinar a sua conduta.⁷⁵⁹ Às vezes, podemos pensar que são apenas as pessoas que ocupam um lugar no espaço da igreja, quando na verdade é o espaço sacro que ocupa as pessoas. A igreja, na qualidade de lugar da escuta mistagógica da Palavra, além de servir às necessidades materiais da assembleia, possui características próprias, que exprimem o sentido e o significado cristão eclesial, mediado por uma linguagem simbólica expressa pela arte do projeto arquitetônico. Ao mesmo tempo, o espaço mistagógico da igreja tem como objetivo ajudar as pessoas que ali entram a fazer uma experiência com o sagrado, com o transcendente, com o mistério pascal de Cristo, partindo do visível para o invisível.⁷⁶⁰

Do ponto de vista de A. Martini, a relação humano-transcendente é um caminho de vários desencontros, que merecem atenção. Ele elenca pelo menos três deles: (1) a domesticação do sagrado, que é quando o indivíduo se projeta como absoluto, passando a se considerar proprietário de um poder sem fim, a ponto de se desumanizar; fixa-se, então, em procedimentos mágicos, acreditando até ser capaz de instrumentalizar o transcendente em proveito próprio, por meio de rituais, imagem, escrituras; (2) o formalismo, que esvazia o significado original dos escritos, das imagens e dos rituais, conferindo-se um poder que não tem e

⁷⁵⁶ MACHADO, R. C. A., O espaço da celebração, p. 9.

⁷⁵⁷ SC 14.

⁷⁵⁸ MACHADO, R. C. A., O espaço da celebração, p. 10.

⁷⁵⁹ PASTRO, C., Teologia do Espaço, p. 5.

⁷⁶⁰ PARO, T. F., O espaço litúrgico como experiência mistagógica, p. 385.

coisificando os símbolos e a experiência religiosa; e (3) a racionalidade moderna, que se reserva o privilégio da razão, como fonte de conhecimento; considera a religião como um estado de consciência primitivo que tende a desaparecer naturalmente. Por causa disso, os procedimentos científicos foram considerados uma ameaça à fé.⁷⁶¹

Esses conflitos permanecem, segundo A. Martini, como desafios à cultura contemporânea. Como consequência, criam um universo fechado, no qual não há lugar para a transcendência, pois nele só há objetos. Com isso, estimula-se o consumismo, em que o ser humano acaba consumindo a si mesmo. Contudo, esses três equívocos, domesticação do sagrado, formalismo e racionalidade, apontam pistas para o homem moderno, pois a presença do Transcendente possibilita o reencontro da pessoa humana consigo mesma, na provisoriedade. Assim, o encontro com Deus passa pela identidade humana e, então, o provisório faz sua síntese com o Eterno.⁷⁶²

Quando afirmamos que a Igreja é a casa da Palavra, automaticamente dizemos que ela é também lugar do encontro com o mistério de Cristo. Portanto, um lugar mistagógico. Como espaço mistagógico, os cristãos, ao escutar a Escritura, entram em relação com a pessoa de Cristo, ou melhor, fazem seu encontro pessoal e comunitário com Cristo. Nesse sentido, os fiéis são conduzidos pedagogicamente para entrar em sintonia com o mistério de Cristo presente no templo e celebrado na liturgia.

Na igreja, os cristãos são conduzidos a fazer a experiência do encontro com a pessoa de Cristo, reconhecendo nEle o verdadeiro templo da Nova Aliança. O espaço da proclamação da Palavra transfigura o Cristo Ressuscitado, cabeça e membros, pois fazem memória do mistério do corpo de Cristo e do corpo eclesial. Os ritos vivenciados na ação litúrgica ativam e aprofundam a comunhão pessoal e espiritual em Cristo, com o Pai e com o Espírito Santo. No rito, as pessoas são conduzidas à experiência profunda com o mistério de Cristo oculto no coração de cada pessoa. A finalidade da igreja, como casa da Palavra, é a de favorecer a cada um a experiência de aliança com Deus, constituindo-o Igreja de Cristo e morada do Espírito Santo.

⁷⁶¹ MARTINI, A., O provisório e o transcendente, p. 35-36.

⁷⁶² MARTINI, A., O provisório e o transcendente, p. 36.

Os espaços mistagógicos da igreja, casa da Palavra, têm ainda por escopo transcender a pessoa de fé, mergulhá-la no mistério de Cristo, a partir do descortinar de algo que vai além do simbolismo expresso nos mais variados símbolos existentes no espaço. Cada objeto e detalhe desenhado devem ser inspirados, pensados, para remeter a pessoa não só ao mistério daquilo que não se explica, não se vê, como também à experiência e à escuta. Desse modo, as formas, traços, cores, sons, movimentos, gestos, materiais da pessoa de fé são essencialmente continuidades do mistério da encarnação.⁷⁶³

Nesse aspecto, a prece de dedicação da igreja nos apresenta uma profunda eclesiologia mística do lugar do culto cristão, quando ressalta que o intuito da consagração da nova igreja para os cristãos é a de torná-la casa de oração, de adoração, de instrução da Escritura e de alimento pelos sacramentos. O templo erguido por mãos humanas é a sombra do mistério da Igreja, que Cristo santificou com seu sangue para acolhê-la qual esposa gloriosa. Aliás, a Igreja é apresentada como Virgem esplêndida pela integridade da fé, Mãe fecunda pela virtude do Espírito. Por isso, ela é santa, eleita, feliz, sacrário de Deus com os homens, templo santo construído com pedras vivas sobre o fundamento dos apóstolos, tendo Cristo como sua pedra angular, visível a todos sobre o monte, perene e radiosa lâmpada do Cordeiro, de onde ressoa o delicioso cântico dos eleitos.⁷⁶⁴

Nessa prece de dedicação, pedimos, também, que o Senhor inunde a igreja e o altar com a santidade celeste; que o lugar seja santo e a mesa, constantemente preparada para o sacrifício de Cristo. Que as ondas da graça divina sepultem os delitos dos filhos, mortos para o pecado e renascidos para a vida eterna. Suplicamos que ao redor do altar os fiéis celebrem o memorial da Páscoa e se alimentem do banquete da Palavra e do corpo de Cristo. Que a voz da assembleia dos batizados ressoe como jubilosa oblação de louvor, unida ao coro dos anjos. E, ainda, que chegue ao coração de Deus a prece incessante pela salvação do mundo. Recordamos, também, que, na casa da Palavra, todos sejam revestidos da dignidade de filhos e filhas de Deus, até chegarem um dia, exultantes, à celeste Jerusalém.⁷⁶⁵

⁷⁶³ PASTRO, C., Teologia do espaço, p. 5.

⁷⁶⁴ RDIA, Capítulo III, p. 58-59.

⁷⁶⁵ RDIA, Capítulo III, p. 58.

Nesse contexto, queremos destacar, de modo especial, que a igreja é por excelência o lugar mistagógico da escuta da Palavra, como elencamos no texto acima. O povo cristão, convocado à escuta da Palavra, comunga de um sólido alimento para sua vida de fé. Por esse motivo, a Palavra proclamada na liturgia deve ecoar de tal forma no coração dos cristãos que revele o mistério de Cristo e opere em cada pessoa a salvação que espera. Assim, o templo bem edificado cumprirá seu papel de acolher cada Igreja viva, que são os batizados, e conduzi-los a Cristo, a Palavra encarnada. Daí importa a cada pessoa fazer a experiência de Cristo Palavra, Pastor e guia da comunidade cristã, em cada espaço do templo, como lugar do encontro com o mistério de Cristo.

4.1.2.1

O espaço externo

O templo reflete para os fiéis o que Jacó conseguiu entender da visão que teve em sonho sobre a casa de Deus. Jacó, após a visão em sonho, disse: “O Senhor está neste lugar e eu não sabia. Aqui é a casa de Deus e a porta do céu” (Gn 28,16-17). Este também é o sentimento do fiel cristão em relação ao templo, como habitação de Deus. Nesse caso, a estrutura física do templo traz em si a imagem da casa de Deus e da porta do céu. Ele é a expressão simbólica de Deus que habita entre os seres humanos e, ao mesmo tempo, é anúncio da Jerusalém celeste. Todo conjunto arquitetônico deve ser a expressão da beleza de Deus e a manifestação da santidade do Mistério nele celebrado.⁷⁶⁶

A pessoa humana é conduzida pela beleza e, para dar sentido à própria vida, tem como postura dois sentimentos: o do paraíso perdido, por isso o desejo de perfeição, felicidade e prazer; e o de experimentar ou até mesmo antecipar o paraíso para o aqui e agora. Trata-se do sentido de glória, de esplendor, de *shekináh*, próprio do ser religioso pessoal.⁷⁶⁷

Nesse sentido, o templo religioso conduz a pessoa a esse sentimento. O ser humano tem em si a necessidade da construção do templo. No capítulo 21 do livro do Apocalipse, visualizamos esse sentimento. O autor, em sua visão, afirma ter visto um novo céu e uma nova terra, a cidade santa, a nova Jerusalém (Ap 21,1-2). Afirma também ter escutado uma voz forte que saía do trono, dizendo que aquela

⁷⁶⁶ MACHADO, R. C. A., O local de celebração, p. 34.

⁷⁶⁷ PASTRO, C., O Deus da beleza, p. 14.

era a morada de Deus com as pessoas e que elas seriam seu povo, e Ele o Deus delas (Ap 21,3).

Para C. Pastro, a criação de um templo, como espaço sagrado, encontra no projeto arquitetônico, ou melhor, em sua arte, características próprias do cotidiano, como, plantas, animais, estrelas, água, gruta etc. Isso é algo característico em templos de todas as religiões.⁷⁶⁸ Com relação ao templo da Igreja católica propriamente dito, casa da Palavra e da iniciação à vida cristã, o edifício para o culto aparece como sinal da Igreja peregrina na terra e imagem da Igreja habitante nos céus. Por essa razão, o templo onde a comunidade se reúne para escutar a Palavra de Deus, rezar em comum, celebrar os sacramentos, de modo especial a Eucaristia, deve manifestar de alguma forma a imagem do povo de Deus reunido.⁷⁶⁹

O templo, além de ser a imagem da comunidade que abriga, é também a projeção espacial e a expressão imagética da comunidade. Isso porque, no templo, é refletida a fisionomia da comunidade, o jeito de ser Igreja em determinado tempo e lugar. Reproduz-se ali a ideia de pertencimento, de identidade. O templo não apenas é um abrigo físico como também representa a assembleia dos batizados; é a imagem visível e concreta de uma comunidade de fé reunida em torno da Palavra que é Cristo. Os fiéis reunidos para celebrar a fé são convocados a viver a fraternidade, a justiça, a alegria, a criatividade e a liberdade.⁷⁷⁰

Assim, o templo, na qualidade de casa da Palavra e da iniciação, cumpre sua função de, começando pela estrutura física, acolher, abrigar, formar e acompanhar os fiéis na fé. Nele, sagrado e beleza estão interligados, pois o sentido de sagrado é indispensável para a compreensão do porquê da beleza. Por fim, o templo é a expressão do sentimento conectado ao “totalmente outro”, Criador e criatura. Nesse caso, a linguagem do sagrado é simbólica. Aliás, a natureza é a primeira manifestação de Deus, mas ela não é Deus. A arte, por se ocupar do sagrado em seu espaço, é mantida e renovada por ele. A beleza, por sua vez, nada mais é do que encontrar a unidade plena do nosso ser. O verdadeiro sentido da vida passa pela beleza, *kalón*, que é a expressão da verdade, do amor (bem, bondade, justiça) e da beleza. Uma não age sem a outra.⁷⁷¹

⁷⁶⁸ PASTRO, C., O Deus da beleza, p. 14-15.

⁷⁶⁹ RDIA, Capítulo III, 1-3.

⁷⁷⁰ MACHADO, R. C. A., O local de celebração, p. 33-34.

⁷⁷¹ PASTRO, C., O Deus da beleza, p. 15-16.

Assim, a imagem física, além de expressar a beleza de Deus, aponta de forma simbólica o caminho do céu. Esta é uma das funções da linguagem do templo. Expressão não só da casa da Palavra como também do lugar da iniciação à escuta da Palavra. Ao mesmo tempo que o templo é o lugar da celebração, é também o lugar do testemunho da Palavra. O templo interpela a pessoa a viver e a testemunhar a Palavra no dia a dia, conduzindo a uma grande convocação: despertar na pessoa o desejo de conhecer seu interior e ser transformada por ele. O que se vê no externo do templo é atrativo para seu interior. Um convite instigante para experimentar o coração de Deus, seu amor, sua misericórdia e sua justiça. A mistagogia externa do templo é a expressão daquilo que ele é chamado a ser: Casa da Palavra e da iniciação.

4.1.2.2 O espaço interno

A beleza externa do templo, por si só, expressa o que há de mais belo em seu interior, onde os espaços mistagógicos revelam a presença da Palavra viva e, ao mesmo tempo, evidenciam o encontro de cada pessoa com Cristo. A caminhada em direção ao interior do templo é a via do mistério, um convite à experiência com a pessoa de Cristo, bom Pastor. O que se vê no interior do templo deve conduzir a pessoa a um encontro de elevação interior: desde a inclinação do corpo até a elevação dos olhos para o céu. O interior do templo tem a função de abraçar a pessoa e acolhê-la em sua situação concreta de vida, e, espontaneamente, ela é conduzida à experiência do silêncio para escutar o Mistério. Portanto, esta é a função do interior do templo, a de acolher a pessoa e conduzi-la a Cristo, Palavra.

A comunidade cristã, ao longo dos séculos, procurou traduzir a beleza de Deus nos seus lugares de reunião, nas suas construções, esmerando-se por realizar o que o salmista reza: “Senhor, eu amo a casa onde moras, o lugar onde reside a tua glória” (Sl 26,8).⁷⁷² Por isso, todo projeto arquitetônico do templo é plasmado pela Palavra. Sua função é a de revelar e conduzir à Palavra. Os engenheiros e arquitetos devem ter bom conhecimento da teologia do espaço litúrgico para poder elaborar projetos de Igreja. Isso equivale a uma boa fundamentação bíblica. Em outras palavras, nenhum templo pode ser projetado sem se levar em consideração sua

⁷⁷² FRADE, G., *Arquitetura sagrada no Brasil*, p. 11.

natureza teológica. Além disso, os templos devem estar apropriados às celebrações litúrgicas, para a participação ativa dos fiéis.⁷⁷³

O Concílio Vaticano II, ao falar sobre a formação dos artistas, afirma que os bispos, pessoalmente, auxiliados por sacerdotes preparados para tal ofício e que tenham aptidão para a arte, devem trabalhar junto com os artistas, ajudando-os a adquirir o espírito da arte e da liturgia sagradas. Além disso, incentiva e recomenda aos bispos criarem escolas ou academias de arte sacra para formar artistas, nas regiões em que for necessário. Nesse sentido, os artistas que quiserem servir à Igreja devem ter ciência de que imitam, de certa maneira, o Deus criador, e também que seu trabalho, como obra destinada ao culto, precisa contribuir para a edificação dos fiéis e para sua educação religiosa.⁷⁷⁴

Assim, o interior da igreja, além de exprimir a beleza do templo, tem a missão de educar os fiéis à escuta da Palavra e depois iniciá-los na fé da comunidade. Para tanto, é necessário, em primeiro lugar, garantir-lhe a leveza interior para os que nela buscam refúgio. A limpeza dos ruídos no templo, que bloqueiam a escuta do mistério, carece ser levada em consideração, pois o templo nada mais é que uma escola da escuta. Nele, a nobre beleza exclui a suntuosidade,⁷⁷⁵ porque Deus é beleza e simplicidade.

Para os projetos arquitetônicos de templos católicos, não existe um modelo único, uniforme. O que se orienta hoje, no sentido teológico-pastoral, é a unidade do conjunto arquitetônico, com seus mais variados formatos de templos, sem perder a unidade com o mistério que nele é celebrado. Nesse sentido, o templo, como espaço de educação à escuta da Palavra e iniciação à fé, cumprirá e expressará a sua função de serviço e de edificação eclesial.⁷⁷⁶

Com isso, alguns espaços no interior do templo merecem, de nossa parte, maior destaque, como, por exemplo, a nave, o presbitério, o altar, a sédia, o ambão, o batistério, a capela do santíssimo, mas sem perder a sincronia com o todo do templo. Tais destaques se devem por ser, esses ambientes, o lugar vital do encontro com Cristo, que convoca, acolhe, exorta, alimenta, reconcilia e envia. Na linguagem

⁷⁷³ SC 124.

⁷⁷⁴ SC 127.

⁷⁷⁵ SC 124.

⁷⁷⁶ ABRUZZINI, E., *Arquitetura*, p. 85.

simbólico-metafórica, podemos dizer que esses espaços são alguns dos órgãos vitais de todo o corpo do templo.

Cada ambiente, no interior da igreja, colabora com a transformação da vida interior de cada fiel. Pela liturgia, cada pessoa é transformada em templo santo do Senhor e morada espiritual de Deus (Ef 2,21-22). Assim, o encontro com Cristo, na liturgia, transforma, fortalece e impulsiona a testemunhar e anunciar ao mundo o Evangelho. Pelo testemunho, vive-se o que se anuncia, mas também se ensina, pela prática de vida, o sentido de ser Igreja como filhos(as) de Deus, ainda dispersos (Jo 11,52), em vista de se tornar um só rebanho, sob a condução de um único pastor (Jo 10,16).⁷⁷⁷

O interior da igreja é, portanto, por excelência, o lugar da Palavra, mas também é o ambiente da escuta dialogal com a Palavra. Assim, esse espaço pode, ainda, ser chamado de “escola da Palavra”, de modo que cada ambiente pedagogicamente eduque os fiéis para a escuta, para o encontro, para a acolhida e para o diálogo com a Palavra. A sincronia desse ambiente com o todo da igreja deve conduzir o fiel ao encontro com a Palavra viva, que é Cristo. Esse encontro nasce, cresce e se eleva com leveza. E quem proporciona tudo isso é a própria estrutura do espaço arquitetado para as ações litúrgicas. Com isso, o próprio espaço, como veremos, é um convite a educar-se à escuta da Palavra. Sendo assim, para falar da mistagogia do espaço, vamos nos ater à teologia do Concílio Vaticano II.

4.1.2.2.1

Nave

A nave é o lugar da assembleia dos batizados. Nela se reúnem todos os que foram convocados por Cristo para celebrar o mistério pascal. O sujeito da celebração é a Igreja, corpo místico de Cristo, reunida pela ação do Espírito Santo. A organização estrutural arquitetônica do espaço da assembleia pode ter repercussão na maneira de os fiéis se relacionarem com Deus, por lhes garantir e lhes favorecer acolhimento, envolvimento, comunhão e visibilidade da ação litúrgica. Além disso, a acessibilidade, a comodidade e a circulação interna do templo devem facilitar e contribuir para a escuta litúrgica da Palavra e a

⁷⁷⁷ SC 2.

participação ativa dos fiéis.⁷⁷⁸ Isso revela o cuidado pastoral da comunidade em oferecer, a todos os fiéis, condições básicas e necessárias para a experiência da escuta e do encontro com Cristo.

O que nos leva a entender que todo o conjunto arquitetônico da nave deve ser gestado a partir da imagem da assembleia, por ser ela a expressão do corpo de Cristo. O lugar da assembleia reunida torna visível a unidade do povo de Deus ao redor de Cristo. Assim sendo, a nave da igreja tem como função levar a assembleia a sentir-se abraçada por Cristo, pela evocação do mistério de comunhão. Nela não há espaço para um grupo de privilegiados, pois todos estão ali para a escuta da Palavra, que é Cristo, e a seu serviço.⁷⁷⁹

Como espaço mistagógico, a nave pode ser considerada a sala magna onde os discípulos se reúnem para escutar o ensinamento do Mestre. Ali eles aprendem a pedagogia do Mestre e se educam para a fé. Por isso, esse local deve favorecer a participação de todos sem distinção, o que requer um cuidado pastoral no que se refere a conforto físico, boa visibilidade, boa acústica e locomoção. Essa atenção e esse cuidado com o ambiente dos fiéis facilitam a escuta e o ensino da Palavra. Nesse ambiente, a assembleia é convidada a participar ativamente das celebrações litúrgicas, com espaço livre, sem qualquer tipo de barreira que a impeça de experimentar o mistério celebrado. Assim, a Igreja celebrante, unida àquele que preside, forma a imagem do corpo de Cristo; corpo integrado e bem articulado, de modo que favoreça e aproxime toda a assembleia do presbitério.⁷⁸⁰

4.1.2.2.2 Presbitério

O presbitério é a parte central do templo. Trata-se do espaço amplo para facilitar a visibilidade, a comunicação e a participação ativa dos fiéis, além de cooperar com o desenvolvimento cômodo e sóbrio das ações litúrgicas.⁷⁸¹ Nele, os ministros ordenados e os demais ministros exercem o seu ministério. Ele se distingue do corpo do templo por sua elevação, estrutura e ornamento,⁷⁸² mas não

⁷⁷⁸ CNBB, Orientações para projeto e construção de igrejas e disposição do espaço celebrativo, p. 22-23.

⁷⁷⁹ MACHADO, R. C. A., O local da celebração, p. 36.

⁷⁸⁰ MACHADO, R. C. A., O local da celebração, p. 36.

⁷⁸¹ CB 50.

⁷⁸² IGMR 295.

se desintegra do corpo eclesial. A unidade do presbitério com a nave deverá exprimir que o sacerdote e seus ministros formam com os fiéis o único povo dos batizados.⁷⁸³

Há uma sincronia do lugar da assembleia com o presbitério, expressando a unidade da estrutura arquitetônica com o corpo do templo; também, na dimensão teológico-litúrgica e pastoral, remete à linguagem mistagógica do corpo *Ecclesiae* com o corpo de Cristo. Para São Cipriano, a Igreja unida e reunida expressa a comunhão com o seu pastor,⁷⁸⁴ em uma comunhão unida à diversidade de carismas e ministérios, revelada visivelmente na liturgia. E é isso que dá identidade à Igreja dos fiéis em oração para escutar Cristo. A Igreja se realiza, de maneira mais plena, quando os fiéis participam ativamente da liturgia, sobretudo, quando se juntam a um único altar, onde o bispo, cercado de seu presbitério e ministros, preside a Eucaristia.⁷⁸⁵

A identidade da comunidade cristã se expressa também na arquitetura interna da casa da Palavra. Sua dimensão mistagógica transcende e transforma as pessoas, a ponto de se sentirem bem naquele ambiente. Isso porque o espaço reproduz justamente o que elas desejam encontrar em Deus. O ser humano traz em si o desejo de ser amado, acolhido, escutado, reconhecido e valorizado. Quando olha para o presbitério e se sente acolhido, sua vida é elevada como o incenso oferecido diante do altar. Ele passa, então, a ter a sensação de que a sua prece está sendo escutada por Deus. Isso revigora suas forças e o arrebatava com tamanha alegria que pode exclamar seu amor pela casa do Senhor (Sl 84,1-13).

Desse modo, o espaço do presbitério configura-se como o centro ministerial para a Eucaristia. Nele são colocados o altar, que ocupa o lugar central, o ambão para a proclamação da Escritura e a sédia daquele que conduz o rebanho de Cristo. Todo o percurso que conduz ao presbitério deve proporcionar a todos a experiência com o mistério de Cristo. Desde a sacristia até ao presbitério, todos são convocados a silenciar seu mundo exterior e interior para se conectar ao mistério Pascal de Cristo celebrado na liturgia.⁷⁸⁶

⁷⁸³ JOUNEL, P., Lugares da celebração, p. 704.

⁷⁸⁴ CIPRIANO DE CARTAGO, Carta 66,8.

⁷⁸⁵ JOUNEL, P., Lugares da celebração, p. 704.

⁷⁸⁶ ABRUZZINI, E., Arquitetura, p. 86.

4.1.2.2.3

Altar

No presbitério, o altar ocupa o lugar de maior destaque e relevância, por ser sinal do sacrifício de Cristo na cruz e da aliança definitiva. Ele é o centro da ação de graças realizado na Eucaristia⁷⁸⁷ e, em torno dele, a Igreja reunida para a celebração eucarística se conecta ao único mistério de Cristo, presente no altar do sacrifício e na mesa do Senhor. Isso porque o altar é sinal da presença do próprio Cristo no meio da assembleia dos fiéis, que é a vítima oferecida em sacrifício para a remissão dos pecados e pão do céu para alimento de todos.⁷⁸⁸

Para R. Gardini, o sacrifício consiste em fazer resplandecer a sublimidade de Deus no altar. Segundo ele, o fiel é convocado a adorar essa sublimidade divina não de forma egoísta, como posse, mas de modo que o transcenda para que Deus seja glorificado. Essa faculdade de sacrificar é o que há de profundo na alma, pois é no mais íntimo do homem que residem o sossego e a limpidez de onde é apresentada a oferenda a Deus. O sinal visível desse núcleo mais íntimo é o altar. Daí a razão de ocupar o espaço mais sagrado e elevado do templo. Assim, o altar exterior e o interior formam um único lugar de sacrifício cultural a Deus. Um é o coração da Igreja; o outro, o mais profundo, é o coração da pessoa humana, templo interior do qual o exterior é expressão e símbolo.⁷⁸⁹

Toda expressão artística do altar tem por finalidade primeira conduzir os fiéis para a experiência com Cristo, que se oferece em sacrifício e se doa em alimento. Compreender isso é experimentar o mistério presente no altar. E é por essa via que os fiéis fazem a experiência mistagógica da mesa do altar. Todos os sentidos se conectam no único mistério celebrado para escutar Cristo, presente no altar, e a Ele fazer a oferta de sua vida, como oferenda agradável a Deus.

4.1.2.2.4

Ambão

O ambão é o lugar da proclamação da Palavra de Deus; por isso, deve ser disposto no templo de maneira bem visível, para que todos os fiéis escutem com atenção a Palavra de Deus. Aconselha-se até que ele seja fixo e esteja em harmonia

⁷⁸⁷ IGMR 296.

⁷⁸⁸ RDIA, Capítulo IV, 48.

⁷⁸⁹ GARDINI, R., Os sinais sagrados, p. 52-53.

estética com o altar, de modo a representar o sentido da dupla mesa da Palavra e da Eucaristia, como sinal de um único mistério, Cristo.⁷⁹⁰ Representa, também, local de meditação e contemplação da Palavra do Senhor, pois é o Senhor quem fala ao seu povo reunido.⁷⁹¹

Portanto, além de ser o lugar onde ressoa a Palavra Deus, o ambão é espaço ministerial,⁷⁹² onde se revela o mistério de Cristo e se efetua a salvação na Igreja.⁷⁹³ Nele, os ministros, ordenados ou leigos e leigas, exercem verdadeiro ministério como servidores da Palavra. Os leitores(as), pelo ofício ministerial, são convocados a meditar sem cessar a Palavra de Deus e encharcar-se dela para proclamá-la com fidelidade aos irmãos(as). Dessa forma, a Palavra produzirá os frutos necessários no coração das pessoas.⁷⁹⁴ Os ministros ordenados, em especial, constituídos como mensageiros do Evangelho de Cristo, têm a missão de transformar em fé viva o que proclamam, ensinar o que creem e procurar testemunhar o que ensinam;⁷⁹⁵ e os bispos, como primeiros servidores da Palavra, exercem a nobre missão de anunciá-la com afínco e desejo de ensinar.⁷⁹⁶

Assim como o altar, o ambão é um ambiente de experiência profunda com o mistério de Cristo. Local visível e de fácil escuta, conduz a comunidade não só a se preparar para acolher a Palavra como também para escutá-la, converter-se e produzir frutos de boas obras. Isso porque olhar para esse espaço é olhar para Cristo. A escuta, o diálogo, o canto, o silêncio e o rito são mistagógicos, envolvendo a assembleia e transcendendo-a, ao transformar em fé viva o que se escutou da Palavra.

4.1.2.2.5 **Sédia**

A sédia é sinal da presença e da presidência do próprio Cristo. Localiza-se em um lugar visível no presbitério, para que aquele que preside a ação litúrgica possa

⁷⁹⁰ VD 68.

⁷⁹¹ IGMR 309.

⁷⁹² Para aprofundar a temática da ministerialidade que envolve o espaço do ambão, sugerimos ler VELOSO, J. P., O local da Proclamação da Palavra como *locus* ministerial: percurso histórico-litúrgico do ambão. In: ALB, Atualização Litúrgica 3. São Paulo: Paulus, 2020, p. 137-189.

⁷⁹³ RB 902; RDIA, capítulo II, 53.

⁷⁹⁴ RO, Instituição de leitores, 6-7.

⁷⁹⁵ RO, Rito de ordenação de um diácono, 238.

⁷⁹⁶ RO, Rito de ordenação de um bispo, 50.

estabelecer um diálogo fecundo e orante com a assembleia dos fiéis.⁷⁹⁷ A comunidade, enquanto corpo de Cristo, se conecta, então, a quem preside, imagem visível de Cristo, cabeça de sua Igreja.⁷⁹⁸ Da sédia, o que preside a assembleia dos fiéis exerce o múnus do bom Pastor, que veio para reunir em um só rebanho as ovelhas dispersas (Jo 10,16); assim, ele é servidor de Cristo na condução do rebanho. Sua missão é alimentar a fé das ovelhas e conduzi-las com segurança, para que pastores e ovelhas mereçam ser recebidos com alegria na casa eterna.⁷⁹⁹

Portanto, por sua função mistagógica, a sédia, em sua estrutura, requer o mesmo material e estilo artístico do altar, do ambão e do batistério, o que facilita perceber e compreender que a unidade entre eles são sinais do único Cristo.⁸⁰⁰ Essa sincronia se deve por serem lugares sacramentais do único Mistério pascal. Desse modo, sua dimensão teológico-litúrgica e pastoral pertence a Cristo, bom Pastor, do qual os que ali servem são embaixadores.⁸⁰¹ Aliás, a sédia é também considerada o lugar onde a Igreja exerce seu magistério, sobretudo na liturgia da Palavra, que é o de ensinar, santificar e governar.⁸⁰²

4.1.2.2.6 Batistério

Entre os espaços celebrativos mais importantes da igreja, destaca-se também o batistério, o lugar da fonte batismal. Nele acontece o primeiro sacramento da nova Aliança. O ser humano é iniciado no seguimento a Cristo na fé e recebe o Espírito de adoção filial (Rm 8,15).⁸⁰³ É espaço digno e dedicado exclusivamente para o rito do Batismo, onde renascem os cristãos pela água e pelo Espírito Santo. Pode estar situado em alguma capela dentro ou fora da igreja, ou em outra parte, visível aos fiéis, mas deve ser ampla, para que comporte o maior número de pessoas. Nele, após concluir o ciclo pascal, em um lugar de honra e distinção, conserva-se o círio, para que na celebração do Batismo as velas dos batizados possam ser acesas com facilidades.⁸⁰⁴

⁷⁹⁷ GATTI, V., *Arte*, p. 93.; IGMR 310.

⁷⁹⁸ MACHADO, R. C. A., *O espaço da celebração*, p. 16.

⁷⁹⁹ RB 886.

⁸⁰⁰ CNBB, *Orientações para projeto e construção de igrejas e disposição do espaço celebrativo*, p. 25.

⁸⁰¹ PASTRO, C., *O Deus da beleza*, p. 99.

⁸⁰² RO 4.; LG 25-27.

⁸⁰³ RB 832.

⁸⁰⁴ RB 25.

A oração de bênção da nova fonte batismal traduz a mistagogia desse espaço no templo, quando se recorda toda ação de Deus em favor de seu povo, desde a criação. O ambiente convida as pessoas que ali chegam a dar graças a Deus e a experimentar a fonte de salvação da Igreja. Nesse lugar, a porta da Igreja se abre para os que a porta do paraíso se fechou. O banho batismal é oferecido a quem se manchou da antiga culpa, transfigurando-o para uma candura nova. Pela torrente batismal, o pecado é lavado e novas virtudes germinam. Do lado aberto de Cristo, uma fonte de água viva jorra para matar a sede de vida eterna, e o luzeiro da fé se expande, consumindo as trevas do coração humano e revelando as coisas do céu.⁸⁰⁵

O batistério é também considerado o centro para a iniciação à vida cristã. Nesse lugar, a pessoa pede para ser recebida no seio da comunidade cristã, pelo sacramento do Batismo. Pede, também, para se tornar irmão de Cristo, filho do Pai, sinal pascal. Trata-se do lugar da vida nova, da alegria, do acolhimento e da receptividade, que conduz à Eucaristia. É a *ecclesia* que recebe e acolhe o novo irmão em uma celebração comunitária. No batistério, além da fonte batismal, conservam-se os catecúmenos e o crisma.⁸⁰⁶

Os renascidos dessa fonte se associam à morte de Cristo e ressurgem com Ele para a vida eterna. Chamados a cumprir, por suas obras, o que com a fé prometeram, os batizados manifestam com sua vida o que são por sua graça, pois o banho vital que receberam reflete a bondade paterna. Como discípulos que guardam fielmente a Palavra de Cristo, fazem ressoar a voz do Espírito Santo. E, enquanto peregrinos deste mundo para a cidadania da Jerusalém celeste, são testemunhas do Evangelho, cultores da justiça e anunciadores do Espírito de Cristo.⁸⁰⁷

4.1.2.2.7 Capela do Santíssimo

A capela do Santíssimo é o lugar do Cristo, Pão da vida. O espaço é tranquilo e acolhedor; nele se encontra apenas o tabernáculo, e nenhuma outra imagem aparece.⁸⁰⁸ Mediante a estrutura de cada Igreja e os costumes locais, o lugar de conservação das hóstias consagradas é o tabernáculo. Colocado em lugar de honra

⁸⁰⁵ RB 853.

⁸⁰⁶ ALBRUZZINI, E., *Arquitetura*, p. 86.

⁸⁰⁷ RB 853.

⁸⁰⁸ PASTRO, C., *O Deus da beleza*, p. 107.

da igreja, é suficientemente amplo, visível e decorado de modo a favorecer a adoração e a oração. Deve ser único, inamovível, construído de um material sólido e inviolável, não transparente, fechado de tal modo que evite a violação e a profanação. Conforme antiga tradição, mantém-se constantemente acesa uma lâmpada junto ao tabernáculo, para indicar a presença de Cristo no pão consagrado.⁸⁰⁹

Além disso, segundo a Instrução Geral ao Missal Romano, é mais conveniente que não haja tabernáculo onde se conserve a Santíssima Eucaristia, ficando fora do altar em que se celebra a missa, em virtude da sua dimensão simbólico-teológica. Com isso, é preferível que, a juízo do Bispo diocesano, coloque-se o tabernáculo no presbitério, mas fora do altar da celebração, na forma e no lugar mais convenientes, sem excluir o altar antigo que não mais é usado para a celebração. Pode-se também preparar uma capela apropriada para a adoração e oração privada dos fiéis, que esteja organicamente ligada com a Igreja e visível aos fiéis.⁸¹⁰

O espaço da capela do santíssimo é lugar de intimidade com Cristo, presente no pão consagrado. Como espaço mistagógico, deve estar perfeita a sintonia com o altar, sinal do pão repartido.⁸¹¹ Na oração proposta no ritual para a bênção do novo tabernáculo, a Igreja pede a Deus que abençoe os fiéis e o tabernáculo, preparado para guardar o sacramento do Corpo e Sangue de Cristo e, ainda, para que os fiéis possam adorá-lo e unir-se sempre mais ao mistério de sua redenção.⁸¹²

4.2

O ser humano: casa da Palavra

É importante pensar a pessoa humana como templo de Deus. Aliás, no início do cristianismo, os cristãos não construíam templos para se opor aos templos religiosos. Estavam convencidos de que o verdadeiro templo do Deus vivo consistia na assembleia reunida para a oração. A comunidade dos cristãos, local e universal, era constituída pelo corpo de Cristo, templo do Senhor (Jo 2,21).⁸¹³

⁸⁰⁹ IGMR 314-317.

⁸¹⁰ IGMR 315.

⁸¹¹ MACHADO, R. C. A., O local da celebração, p. 39.

⁸¹² RB 921.

⁸¹³ JOUNEL, P., Lugares de celebração, p. 695.

Podemos, então, nos perguntar: mas como relacionar o ser humano com a casa da Palavra, como habitação de Deus? Para responder a esta questão cabe recorrer, antes de tudo, a Escritura. O apóstolo Paulo afirma que o cristão é templo santo de Deus (1Cor 3,17) e o corpo humano, uma tenda provisória, a qual, quando for destruída, vai receber de Deus uma casa no céu, que não é construída por mãos humanas (2Cor 5,1). E quando se dirige aos cristãos de Éfeso, Paulo afirma que eles foram coedificados para ser casa de Deus (Ef 2,22). Claro que esta catequese paulina, primeiramente, tem como destinatários os batizados, por serem constituídos no rebanho de Cristo. O apóstolo Pedro utiliza a mesma linguagem para dizer que os cristãos são as pedras vivas empregadas na edificação da casa espiritual (1Pd 2,5).

À luz dos textos bíblicos fica mais fácil compreender por que os cristãos dos primeiros séculos não se preocuparam com a construção de templos específicos para o culto. Assim, uma sala doméstica ampla era suficiente para acolher a assembleia dos cristãos, a fim de escutar a leitura da Escritura, o ensinamento dos apóstolos e celebrar a ceia eucarística.⁸¹⁴

Mas pensar a pessoa humana como Igreja, casa da Palavra, é também pensar no ser humano em interação com os outros.⁸¹⁵ Os outros aqui têm a ver com a interação consigo mesmo, com o próximo, com o cosmos e com Deus. Essa capacidade de se relacionar e conectar-se com os outros nasce da relação pessoal e interpessoal. Quanto mais saudável for a relação pessoal, melhor será a interpessoal. Essa consciência é fundamental na comunidade dos cristãos.

A relação pessoal e a interpessoal incidem diretamente no ser religioso de cada pessoa. E o fator principal se dá na harmonia interior e equilibrada do comportamento humano em interação com os outros, colocando-se em sintonia com tudo que está a sua volta de forma integradora. Assim, o modo de a pessoa humana se relacionar com Deus pode se tornar mais consciente, convicto e saudável. A pessoa, então, passa a acolher com mais resiliência os desafios da vida e a celebrar cada conquista com mais alegria, e aprende a cuidar de si e dos outros com mais

⁸¹⁴ JOUNEL, P., Lugares de celebração, p. 695.

⁸¹⁵ Chamamos de “outros” tudo o que envolve a relação pessoal e interpessoal da pessoa humana, de forma integral, seja a relação consigo, com o próximo, com o cosmos ou com Deus.

amor. Essa é a celebração litúrgica da vida, que vem da escuta litúrgica no cotidiano de cada pessoa.⁸¹⁶

Mas a questão em evidência versa mesmo sobre a questão da pessoa humana como Igreja, casa da Palavra. Perguntamos então: qual a relação da pessoa humana como Igreja, casa da Palavra de Deus, com sua vida pessoal e interpessoal? A questão não requer uma resposta simples, nem é nossa intenção respondê-la de forma categórica. Até porque qualquer tentativa de resposta poderia fechar a questão; porém, o que podemos fazer são provocações que nos levem a compreender a pessoa humana como Igreja, casa da Palavra de Deus, de forma concreta. Algo que, a nosso ver, pode parecer muito abstrato, mas que tem incidência profunda na fé cristã de cada um.

Portanto, a questão propõe um discernimento hermenêutico da relação humana, cristã, com o corpo místico de Cristo. Cada pessoa desenvolve em si o potencial da palavra, seja oral, visual, seja escrita ou gestual. Desde nossa concepção fomos gerados para a palavra. O empoderamento da palavra humana é cheio de códigos que, ao longo da vida, vão sendo decifrados por meio da escuta. O campo neurolinguístico nos ajuda a compreender a importância do desenvolvimento cerebral da linguagem para a produção do conhecimento abstrato da língua falada, escrita ou assinalada.

A partir do momento que buscamos compreender a pessoa humana como ser da palavra, podemos também compreendê-la como ser da escuta. Até porque, sem relação e interação, a escuta não acontece. Aos olhos da fé, a pessoa humana pode ser considerada casa da Palavra de Deus. Mas como compreender a relação entre Palavra de Deus e palavra humana? Esta complexa questão já foi trabalhada no primeiro capítulo, e só poderá ser compreendida a partir da revelação cristã. Contudo, tal questão diz respeito não somente sobre o ser humano como Igreja, casa da Palavra de Deus, como também na qualidade de casa da palavra humana.

A pessoa humana é, por excelência, ser da escuta e da palavra; primeiro a escuta depois a palavra. A palavra vem da escuta, assim como a fé. Se cada pessoa guardar em sua vida o que aprendeu de alguém, por meio de uma palavra bendita, e ressignificá-la, ela guardará dentro de si a própria pessoa que proferiu a palavra.

⁸¹⁶ EG 24.

Desse modo, ela abrigará não só a palavra como também a própria a pessoa. Do mesmo modo acontece com a escuta da Palavra de Deus. Aquele que escuta Jesus e crê no Pai do céu possui a vida eterna (Jo 5,24), isto é, possui dentro de si o próprio Cristo, Palavra viva do Pai.

Contudo, aquele que ama Jesus e guarda sua palavra, Deus o amará. Então os dois, o Pai e o Filho, farão morada naquele que ama Jesus e guarda no coração sua palavra (Jo 14,23). A realização e a felicidade da pessoa humana estão em ser a morada da vida, isto é, da vida humana e da vida divina. E é isso que o cristão proclama e professa da Palavra revelada: “E a Palavra se fez carne e veio morar entre nós” (Jo 1,14).

Olhando pelo viés da revelação, podemos dizer que toda pessoa humana é considerada casa de Deus. O relato da criação narra a origem da vida a partir da Palavra, a *Dabar* de Deus. E Deus celebrou o nascimento de cada dia com prazer, porque Ele viu que tudo era muito bom. A palavra humana foi tomando forma a partir do momento em que o Criador insuflou no ser criado a sua *ruah*. Pelo sopro de Deus, o ser humano ganhou vida, ganhou a Palavra (Gn 2,7). Podemos, assim, deduzir que a pessoa humana não é apenas uma fotografia ou um desenho de Deus, como também a habitação do próprio Deus, pois foi Ele mesmo quem edificou a própria casa neste mundo para ser uma tenda peregrina. Do barro, o Senhor construiu seu santuário e o encheu de vida, sabedoria e luz.

Como recorda o salmista, foi o Senhor quem formou nossos rins e teceu-nos no ventre materno, quando éramos, em segredo, gerados. De modo admirável, Ele foi dando forma a este templo humano. Nossos ossos não eram invisíveis aos seus olhos, quando eram criados em segredo, tecidos nas entranhas da terra. Ainda sem forma, o Senhor nos viu e, em seu livro, todos os nossos dias registrou. No projeto do Senhor, o ser humano existe antes mesmo de nascer (Sl 139,13-16).

Assim, a pessoa humana foi tecida, como habitação divina, a partir da imagem e semelhança de Deus. Se cada templo que o homem constrói requer um minucioso desenho, Deus em seu projeto caprichou ainda mais. Portanto, nada deixou de ser contemplado, pois tudo na pessoa humana funciona em perfeita sintonia e sinfonia. Nenhum tecido do corpo humano pode ficar desconectado. Caso se desconecte, a escuta do mistério, que é a Palavra, pode sofrer interferência, e os ruídos podem causar a “microfonia” humana.

Olhar para esse aspecto espiritual do templo humano, tecido por Deus com cuidado, carinho e delicadeza, eleva a pessoa. Nesse quesito, o mais importante para o ser humano não é saber que foi Deus quem o criou, mas que Deus habita nele. O contrário pode ser apenas uma informação, o que já é um bom começo. O mais importante, portanto, é a experiência que a pessoa humana faz de Deus em sua vida. Essa experiência gera proximidade com Deus, e a experiência mais visível e palpável é a do amor ao próximo.

Dessa forma, a escuta interior da Palavra não exclui a escuta exterior, isto é, do cosmos, que revela e sinaliza a presença do Deus Amor. Compreender isso significa compreender também o que quer dizer ser hóspede da Palavra de Deus. Portanto, essa compreensão possibilita à pessoa humana mudar radicalmente a própria vida; e uma das mudanças é humanizar-se. A finalidade primeira da escuta é a humanização da própria pessoa, isto é, sua edificação humano-espiritual; depois, a de ser sinal de humanização no mundo. Deus fez isso com sua criatura: humanizou-a para divinizar. Este é o ponto mais importante na relação humano-divina e divino-humana.

Assim, a Palavra que estava junto de Deus e voltada para Deus, única e insubstituível, exprime perfeitamente todo o seu ser. Saindo de junto de Deus, a Palavra vem ao encontro da humanidade e, nesse caminho, como escreve M. Magrassi, passa por três etapas até chegar à encarnação: a do cosmos, a da profecia e da encarnação.⁸¹⁷ Esses três estágios da Palavra são um movimento dinâmico e decisivo da ação de Deus na história da humanidade. Ele sai para encontrar-se com a humanidade numa relação plena de amor.

O cosmos é a primeira etapa desse processo de saída e encontro. Ele, ao ser tocado e ordenado pela Palavra, é povoado pelas criaturas. As criaturas, por sua vez, respondendo ao apelo da Palavra, ocupam seu lugar na criação. “E Deus disse: ‘Haja a luz!’ E houve luz” (Gn 1,3). Nesse sentido, cada criatura traz em si a marca do Verbo, Palavra visível. A segunda etapa é a profética. Aqui a Palavra é dirigida ao homem de forma direta e pessoal. Com carisma profético, a Palavra entra na vida do ser humano, apanha-o e faz dele sua casa. A Palavra que saiu do seio da Trindade tocou a humanidade com uma força e uma dinamicidade irresistíveis, pois nela o

⁸¹⁷ MAGRASSI, M., *Viver a Palavra*, p. 163.

plano de salvação é proclamado e realizado. Ela suscita e interpreta os acontecimentos, impulsiona e avança gradualmente, até chegar a sua plena realização, a última etapa, isto é, a encarnação. Essa etapa é a do evento Cristo. Em Cristo, a Palavra definitivamente finca sua casa no meio da humanidade, pois Ele é a Palavra da vida, o discurso direto da Palavra do Pai. De seus lábios irrompem os fatos e os sinais de vida, a Palavra em plenitude, a salvação. Assim, a Igreja, enquanto comunidade de batizados, abriga essa Palavra viva e inalterada.⁸¹⁸

Dessa forma, o templo do Antigo Testamento é restaurado pelo novo templo, que é Cristo, no Novo Testamento. Enquanto o salmista reza: “Se o Senhor não construir a casa, em vão trabalham os que a constroem”, Jesus proclama: “Destruí este santuário, e eu o levantarei em três dias” (Jo 2,19). A casa construída pelo Senhor é a pessoa humana, lapidada e restaurada todo dia, até chegar à unificação da nova Jerusalém. Este templo o Senhor não abandona, por que Ele o fez para ser sua morada.

Como escreve o profeta Isaías, uma mãe pode até abandonar o filho que ela gerou, mas Deus jamais abandona a pessoa humana. Ele a tem gravada na planta de sua mão, e diante de seus olhos está a muralha do seu edifício (Is 49,15-16). E ainda diz o salmista: mesmo que um pai e uma mãe abandonem seu filho, o Senhor jamais abandonará o ser humano (Sl 127,10). Daí intuirmos que a pessoa humana, mesmo sem conhecer a Deus, já é amada por Ele, e o Senhor a habita. Sendo assim, se a pessoa humana é morada de Deus, como entender que é a partir do Batismo que ela passa a ser templo do Espírito Santo?

A tradição cristã considera o batizado como ser consagrado a Deus, como uma nova criatura (2Cor 2,17), adotada em Cristo por Deus (Gl 4,5-7), que participa de sua natureza divina (2Pd 1,4), como membro do corpo de Cristo (1Cor 6,15; 12,27) e cordeiro com ele (Rm 8,17) e como templo vivo do Espírito Santo (1Cor 6,19). O batizado é santificado e justificado pela Trindade, que o torna capaz de crer em Deus, esperar nele e de amá-lo por meio das virtudes teológicas. A ele é concedido o poder de viver e de agir sob a moção do Espírito Santo e de seus dons, e ainda de crescer no bem pelas virtudes morais. Desse modo, todo organismo da vida sobrenatural da pessoa cristã tem raiz no Batismo cristão.⁸¹⁹

⁸¹⁸ MAGRASSI, M., *Viver a Palavra*, p. 163-164.

⁸¹⁹ CEC 1265-1266.

O batizado pertence ao corpo eclesial, coedificado para constituir a habitação de Deus no Espírito (Ef 2,22), como membro do povo santo e do sacerdócio régio (2Pd 2,9). “O Batismo é, por conseguinte, um vínculo sacramental de unidade, unindo todos os que foram regenerados por Cristo. Mas o Batismo é o começo de um caminho que tende à consecução da plenitude da vida com Cristo.”⁸²⁰

Pelo Batismo, fomos consagrados a Deus e nos tornamos templos vivos do corpo de Cristo e casa itinerante da Palavra. Assim como a arca da Aliança representava para todo o povo de Israel a habitação de Deus, o ser humano também é considerado a arca da aliança da Palavra de Deus no mundo. Uma vez que Deus escutou o clamor do seu povo e desceu para libertá-lo, Ele mesmo, habitando o ser humano com sua presença, caminha com seu povo. E, pelo mistério da Encarnação, a Palavra assume para sempre essa tenda espiritual provisória para ser, no mundo, seu amor. Nesse sentido, quando a pessoa acolhe a Palavra do Senhor, ela deixa Deus habitar em sua própria vida.

J. Ratzinger, ao escrever sobre a pessoa humana como templo de pedras vivas, recorda o texto da primeira carta de Pedro (1Pd 2,1-10), pois o considera, provavelmente, com seu conteúdo que atravessa todo o Novo Testamento, a mais antiga catequese batismal de introdução da pessoa no cristianismo. Na catequese primitiva eram explicadas as exigências e tudo que acontece com a pessoa no processo do Batismo. Esse processo se dá no crescimento de cada pessoa incorporada a Cristo, a primeira pedra, rejeitada por Israel. Aliás, os dois textos de Isaias (28,16 e 8,14) foram assumidos na catequese da Igreja primitiva para aprofundar essa visão: tornar-se cristão significa inserir-se no edifício que é construído sobre a pedra descartada por Israel. Sobre essa pedra está a paixão e a glória da Igreja. Em última análise, a esperança é o sonho que está por traz de toda atividade humana da construção.⁸²¹

Quando a pessoa toma consciência de que é pedra viva na construção de um templo espiritual, de um sacerdócio santo, para oferecer sacrifício agradável a Deus por Cristo, tudo muda (1Pd 2,5). Como afirma o apóstolo Paulo: “Por causa dele perdi tudo. Considero tudo como lixo, a fim de ganhar a Cristo e ser encontrado unido a Ele. Esqueço o que ficou para traz e me lanço para o que está a minha frente,

⁸²⁰ UR 22.

⁸²¹ RATZINGER, J., Teologia da liturgia, p. 441-442.

em direção à meta: conquistar o prêmio do alto, isto é, Cristo” (Fl 3,8-9.13-14). Esse apóstolo tem a firme consciência de que o seu viver é Cristo e de que a sua vida, na carne, ele a vive na fé, crendo no amor do Filho de Deus, que o amou e se entregou por ele (Gl 2,20). Essa certeza de sua adesão a Cristo vem pela escuta da Palavra. A fé chega ao coração da pessoa pelos ouvidos (Rm 10,17). Quanto mais ela escuta a Palavra, mais a Palavra habita seu coração e a transforma.

Desse modo, podemos falar de uma experiência mística da Palavra. A partir do momento que a pessoa é iniciada à escuta da Palavra de Deus, escrita, sua vida vai sendo transformada. O coração esvazia-se daquilo que é insignificante e vai sendo preenchido com aquilo que o ressignifica, isto é, o Eterno. O templo interior da pessoa que escuta a Palavra se transforma de tal modo que sua vida passa a ser conduzida por aquilo que escuta, e os hábitos e costumes cotidianos vão sendo transformados pelo mistério celebrado em sua vida; e o meio onde vive passa ser mais belo, mais simples e mais humano. Essa é a liturgia da vida: Igreja itinerante transformando vidas. Não são as palavras que mudam a pessoa, mas o testemunho vivido a partir da Palavra anunciada a todos. Isso é que leva a pessoa a crer e a professar a fé em Cristo.

A construção da casa da escuta da Palavra é a comunidade dos batizados, corpo de Cristo. Essa comunidade é convidada a aprender com Jesus a mansidão e a humildade (Mt 11,29), a fraternidade e a justiça, a misericórdia e a caridade. Desse modo, a construção da Igreja, casa da Palavra, só será possível a partir da capacidade da pessoa de escutar a Palavra do Senhor e acolhê-la com amor na própria vida. Entretanto, cada pessoa de fé deverá permitir que a Palavra de Deus percorra todos os sentidos de sua vida, e ela se converta de corpo, mente e espírito.

Assim sendo, podemos dizer que a força que move a comunidade de fé é a escuta da Palavra, aliada à ação do Espírito Santo, pois é este que dá a vida à comunidade e põe em movimento a pessoa humana, em virtude do Evangelho. Daí, então, podemos dizer que a marca de que somos casa da Palavra é a vivência do mandamento deixado por Cristo: amar a Deus e ao próximo (Mc 12,29-31). O que Jesus ordena a sua casa, que são os membros de seu corpo, é fazer o mesmo que Ele fez: amar como ele amou (Jo 13,35). Esta é a imagem da Igreja, casa da Palavra.

Como afirmou Bento XVI, na abertura do Sínodo sobre a Palavra de Deus: é necessário colocar a Palavra de Deus no centro da nossa vida, acolher Cristo como

nosso único Redentor, como Reino de Deus em pessoa, para que a sua luz possa resplandecer em todos os âmbitos da humanidade. Segundo ele, o motivo é que a Igreja, na liturgia, como acentuou o Concílio Vaticano II, sempre venerou as Escrituras, distribuindo aos fiéis tanto a Palavra de Deus como o Corpo de Cristo.⁸²² Afirma ainda que um impulso espiritual deve acontecer pela crescente veneração da Palavra de Deus, que permanece para sempre.⁸²³ Assim, podemos avançar na reflexão teológica da escuta, pensando a pessoa cristã como quem hospeda a Palavra e, ao mesmo tempo, torna-se escutadora de seu hóspede.

4.2.1

Casa da Palavra e da escuta

A casa sempre foi o lugar privilegiado para Jesus ensinar e esclarecer as dúvidas dos discípulos (Mt 13,36) e, ao mesmo tempo, para o encontro, a escuta, a acolhida, o diálogo, a libertação etc. Ele entra na casa de Jairo e desperta sua filha de 12 anos, que era considerada morta (Mc 5,38-42); entra na casa de Simão e cura sua sogra (Lc 4,38-39); vai à casa de Marta e Maria para fazer uma visita (Lc 10,38-42); hospeda-se na casa de Zaqueu (Lc 19,5); celebra a Páscoa com os seus discípulos em uma casa, com a sala toda mobiliada (Lc 22,7-13). E inúmeros outros textos poderiam também ser citados para falar das diversas formas de presença de Jesus na casa.

Nas casas, Jesus curava, perdoava, sentava-se à mesa com os pecadores e comia com eles. Em seus ensinamentos, ajudava as pessoas a refletir a partir de temas mais simples aos mais complexos da vida cotidiana. E a todos ensinava e orientava como deveriam se comportar na comunidade (Mc 9,33-37; 10,10-12) e, ao mesmo tempo, sobre a importância de escutar a Escritura (Mt 13,16-17.43).

O encontro das pessoas com Jesus proporcionava-lhes alegria e esperança. Era um encontro de convocação à conversão e ao discipulado missionário. Bento XVI escreve que, “no início do ser cristão não há uma decisão ética ou uma grande ideia, mas um encontro com um acontecimento, com uma Pessoa que dá à vida um novo horizonte e, assim, o rumo decisivo”.⁸²⁴ E a Igreja, por sua vez, é a mediadora

⁸²² DV 21.

⁸²³ BENTO XVI, Abertura da XII Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos bispos, p. 4.

⁸²⁴ DCE 1.

desse encontro com Cristo, que se concretiza em cada tempo e lugar, em cada povo e cultura.⁸²⁵

A origem da fé está no encontro pessoal com Cristo, por meio da escuta da palavra. A fé cristã aderiu à essência da fé de Israel e deu a essa essência nova profundidade e amplitude. Com razão, o imperativo “escuta, Israel”, rezado pelo crente israelita, como núcleo de sua existência e amor exclusivos a Deus, transforma-se, por meio de Cristo, em um único mandamento: o amor a Deus e ao próximo (Mc 12,29-31). Assim, o mandamento do amor deixa de ser apenas um preceito para ser uma resposta ao dom do amor de Deus, que vem ao encontro de cada pessoa.⁸²⁶

Desse modo, a pessoa humana, a partir do momento que toma a iniciativa de fazer a experiência com Cristo vivo, abre as portas da sua vida para acolher a Palavra viva. Não é só um cômodo dessa casa humana que é aberto, mas todos os cômodos vão sendo tomados pela experiência com Cristo. Assim como Jesus entrou em tantas casas e participou da vida das pessoas, também hoje Cristo continua entrando na vida das pessoas, restaurando-a.

A figura humana que mais representa essa imagem da casa da Palavra e da escuta é Maria de Nazaré. Santo Agostinho afirma que Cristo quis nascer de uma virgem fecundada pelo Espírito Santo, que acolheu pela fé a Palavra de Deus. Ela concebeu Cristo pela fé, a fim de que Cristo, assumindo a natureza humana, restaurasse a vida do primeiro homem. No seio de Maria, nasce o novo homem, a nova humanidade, o novo céu e a nova terra. Dessa casa humana nasce o homem sem pecado, para vencer o pecado.⁸²⁷

Certa vez, enquanto Jesus ensinava, uma mulher gritou em alta voz: “Bem-aventurado o ventre que te gerou e os seios que te amamentaram” (Lc 11,27). E Jesus, respondendo à mulher, afirmou que bem-aventurados são todos os que escutam a Palavra de Deus e a guardam (Lc 11,28). Portanto, o que constitui a felicidade da pessoa humana é o contato com a Palavra, pois é esse contato que gera a conversão e a fidelidade no seguimento a Cristo. Jesus, ao afirmar que bem-aventurado é quem escuta e guarda a Palavra, quer dizer que a escuta e a prática da

⁸²⁵ CNBB, doc. 102,9.

⁸²⁶ DCE 1.

⁸²⁷ SANTO AGOSTINHO, A Virgem Maria, p. 48.

Palavra constituem o verdadeiro espaço da salvação. Portanto, o mais importante no encontro com Cristo não é apenas o privilégio de conhecê-lo nem até mesmo ter uma relação íntima com ele, como o ventre ou os seios da própria mãe, mas sobretudo, ter a comunhão de vida, o que implica escuta e testemunho nas boas obras.⁸²⁸

O fato de a pessoa cristã saber que é a residência de Deus não lhe dá o direito de se achar melhor que ninguém e muito menos pensar que não necessita de conversão, só por ter tido o privilégio de conhecer a pessoa de Jesus Cristo. Isso não basta. É preciso ir além de apenas conhecê-lo, pois o mais importante nesse contexto é a experiência que se vai fazendo com Ele na residência de sua vida, como casa da Palavra e da escuta.

Sendo assim, o diálogo da mulher anônima com Jesus, apresentado por Lucas, é uma admoestação à conversão de seus seguidores e, mais ainda, uma admoestação a uma Igreja constantemente tentada a considerar a libertação e a salvação como uma posse tranquila e estável. Dessa admoestação de Jesus, podemos intuir o que Jesus propõe para os que estão dispostos a acolhê-lo em sua vida. Nesse sentido, Jesus não recusa a bem-aventurança dirigida a sua mãe, mas faz um acréscimo: a verdadeira bem-aventurança é a do discípulo fiel e perseverante na escuta e na prática da Palavra. E Maria de Nazaré entra nessa dinâmica por ser quem primeiro acolheu e conservou a Palavra em seu coração (Lc 1,38; 2,19.51). Assim, a humildade é o ambiente ideal para prosseguir no caminho rumo à liberdade, inaugurado pelos gestos de Jesus.⁸²⁹

Daí dizer que a pessoa humana é a casa da Palavra significa então dizer que ela é, por excelência, a habitação de Deus. Entretanto, o mais importante para a pessoa que abriga a Palavra em sua vida é realizar o que essa Palavra ressignifica para ela. Por isso, requer de cada pessoa um processo de conversão dinâmico e constante em sua vida, porque leva tempo para ela compreender e amadurecer uma decisão madura e consciente de seguir Cristo. E é aí que entra a escuta; sem escuta é impossível existir conversão.

Nesse sentido, o ser humano, além de ser a casa da Palavra, é também a sede da escuta, pois a Palavra só toma corpo quando é compreendida pela pessoa que a

⁸²⁸ MAZZAROLO, I., Lucas, p. 173.

⁸²⁹ FABRIS, R., O Evangelho de Lucas, p. 133.

escuta. Essa capacidade de escuta requer de cada um aprendizado, a fim de aprender a escutar para discernir o que o Senhor comunica. É uma relação de vida interior, como a relação de Jesus com Maria, irmã de Marta e Lázaro. Jesus entra na casa de Maria e, ao entrar em sua vida, gera um acontecimento novo, no sentido de escolher uma única pessoa e ser a melhor parte escolhida. A relação de escuta entre Maria e Jesus só foi possível porque houve abertura de ambos. Jesus, como modelo da escuta perfeita do Pai, e Maria, como o humano que se abre a um mandamento novo: “Escuta, Israel!”. Por isso, Maria inaugura um novo papel para a mulher: o de ficar aos pés do Mestre como uma discípula.⁸³⁰

A atividade de Maria é a figura de toda pessoa cristã que, como Igreja, casa da Palavra e da escuta, é também o lugar do encontro com Cristo na liturgia. Onde duas ou mais pessoas se reúnem, Cristo se faz presente no meio delas,⁸³¹ pois constituem o âmbito privilegiado da Palavra de Deus no presente de nossa vida. Por meio da liturgia, Deus fala a seu povo, no hoje de sua história, e esse povo o escuta e responde a sua Palavra. Dessa forma, toda ação litúrgica, por sua natureza, está impregnada da Escritura.⁸³² A liturgia não subsiste sem a Escritura, e vice-versa, bem como busca inspiração na Escritura para tornar viva e eficaz a capacidade de significar e ressignificar as ações e sinais rituais.⁸³³ Nesse sentido que o Concílio Vaticano II afirma que Cristo está presente na Escritura, na Palavra anunciada na liturgia, e, ao mesmo tempo, é Cristo quem fala à Igreja reunida, quando se proclamam os textos bíblicos.⁸³⁴

A cena apresentada na literatura lucana da presença de Jesus, Palavra de vida, na casa Maria, irmã de Marta, retrata o encontro de Jesus com cada pessoa de fé. O coração de Maria se tornou lugar do encontro com Cristo. O que se verifica nessa narrativa é o que Jesus desperta em Maria: atitude. Ele postula uma tarefa para construção e coesão da Igreja, enquanto pessoa de fé. Essa é a missão da Igreja: escutar a Palavra. Aqui não se trata de uma escuta ociosa, de passatempo ou contemplativa, mas uma escuta tão feliz que desperta atitude, prática de vida (Lc 8,21). Isso porque, escutar a Palavra de Cristo, é uma condição proposta por Jesus

⁸³⁰ FABRIS, R., O Evangelho de Lucas, p. 127.

⁸³¹ SC 7.

⁸³² VD 52.

⁸³³ SC 24.

⁸³⁴ SC 7.

para que a diaconia não se torne fogo de palha pela necessidade de autogratificação, mas sim um despertar missionário, ou seja, um relacionamento pessoal e fiel para com a pessoa de Jesus Cristo, que antecipa a plena e definitiva comunhão de vida.⁸³⁵

Portanto, podemos dizer que o que se expressa no templo físico da igreja é justamente o que é celebrado no interior de cada pessoa. Essa é a liturgia da fonte, onde Palavra e escuta saciam a fome e matam a sede, pois é na vida de cada pessoa, casa da Palavra e da escuta, que acontece a mais solene liturgia, por se expressar ali a alegria do encontro com Cristo por meio da Palavra escutada.

Nesse sentido, J. Corbon afirma que a primeira coisa que pode acontecer na escuta da Palavra é o movimento de amor que o Pai nos oferece. Desse movimento, nasce o despertar da fé, que consiste na ação do Espírito Santo, por ser Ele o Precursor, o revelador da Palavra encarnada. Assim, o mesmo Cristo presente na assembleia reunida toca o coração de cada pessoa diretamente, chama e conduz para o Pai. Essa é a liturgia que a comunidade cristã celebra.⁸³⁶

Na liturgia, a Escritura não se exprime sempre do mesmo modo, nem penetra nos corações dos fiéis com a mesma eficácia.⁸³⁷ Ela está sempre renovando a vida da pessoa humana, porque a Escritura, na economia da salvação, alcança seu pleno significado nas ações litúrgicas. Dessa forma, a celebração litúrgica se converte de modo perene, pleno e eficaz na escuta, no anúncio e no testemunho da Escritura.⁸³⁸ Aliás, a escuta da Escritura na liturgia torna permanentemente viva e eficaz (Hb 4,12) a Palavra de Deus, pela força do Espírito Santo, operando o amor do Pai que não cessa de agir em favor da humanidade.⁸³⁹

Não resta dúvida de que a Igreja, como casa da Palavra e da escuta, sempre se mostrou consciente de que, na liturgia, a Escritura é acompanhada pela ação do Espírito Santo, que opera na vida da pessoa de fé. Graças ao Espírito Santo, a Palavra de Deus se torna fundamento da ação litúrgica. Essa ação sugere, a cada pessoa, intimidade com a Escritura, proclamada na liturgia. O que é dito a uma pessoa é proclamado a toda a comunidade dos fiéis, congregados pela Palavra. Isso

⁸³⁵ FABRIS, R., O Evangelho de Lucas, p. 127.

⁸³⁶ CORBON, J., A liturgia da fonte, p. 112.

⁸³⁷ OLM 4; IGMR 96.

⁸³⁸ OLM 4.

⁸³⁹ VD 52; OLM 4.

reforça a unidade de todo o corpo eclesial, favorece a diversidade dos carismas e valoriza a ação da multiforme graça do Espírito.⁸⁴⁰

Por isso, a Igreja, na qualidade de casa da Palavra, pedagogicamente ao longo do ano litúrgico, proclama e escuta a Escritura, seja na celebração eucarística nos outros sacramentos, nos sacramentais, na liturgia dominical da Palavra, seja na Liturgia das Horas. A Igreja nunca deixou de escutar a Escritura, apresentando uma abundância de textos bíblicos, como podemos constatar ao longo do tempo, particularmente na celebração eucarística e na Liturgia das Horas. E, no centro de tudo, refulge o mistério pascal de Cristo, atualizado sacramentalmente.⁸⁴¹

Desse modo, a Igreja, como casa da Palavra e da escuta, continua fielmente na liturgia o mesmo sistema que usou Cristo na sinagoga de Nazaré. Ele, ao proclamar e interpretar a Escritura, exortou todos a aprofundar o que ouviram da profecia de Isaías partindo do “hoje” de seu acontecimento pessoal (Lc 4,16).⁸⁴² Sendo assim, Cristo continua hoje a incendiar o coração de seus interlocutores, como fez com os discípulos a caminho de Emaús (Lc 24,25-35.44-49).

Aliás, Cristo não só aquece o coração de seus interlocutores como também habita o coração de cada pessoa. Como residente no coração humano, Cristo, por meio da ação do Espírito Santo, atualiza a Escritura na vida de cada um que se coloca em condição de escuta. Como afirma Bento XVI, “só quem se coloca primeiro à escuta da Palavra é que pode depois tornar-se seu anunciador”.⁸⁴³ Em outras palavras, só quem se faz casa da Palavra é que pode tornar-se anunciador dela. Portanto, para tornar-se casa da Palavra, necessariamente, necessita se colocar em atitude de escuta e acolhimento.

Assim, a Palavra de Deus, para produzir frutos no coração das pessoas, requer a ação do Espírito Santo, por ser este quem ilumina, inspira, anima e produz os frutos de conversão na vida do cristão. Além disso, acompanha e atua em toda a ação litúrgica e, ainda, sugere ao coração tudo aquilo que não é dito na Escritura. Aliás, o Espírito é quem consolida a unidade e fomenta a diversidade de carismas e a multiplicidade de atuações para toda a comunidade dos fiéis.⁸⁴⁴

⁸⁴⁰ OLM 9; VD 52.

⁸⁴¹ VD 52.

⁸⁴² OLM 3.

⁸⁴³ VD 51.

⁸⁴⁴ OLM 9.

A Igreja nasce, cresce e se constrói pela escuta da Escritura, e pela ação do Espírito Santo compreende os prodígios que Deus realizou e realiza, de modo concreto, na liturgia celebrada e testemunhada. Enquanto casa da Palavra e da escuta, a Igreja instrui e alimenta os fiéis na fé, porque a Escritura que a Igreja lê e anuncia na liturgia é alimento salutar para a pessoa que professa sua fé em Cristo. Pelo ensinamento da Escritura, o fiel é conduzido pela Igreja ao sacrifício da aliança e ao banquete da Eucaristia. Desse modo, a escuta da Escritura na liturgia constitui um só ato de culto,⁸⁴⁵ com o qual se oferece a Deus o sacrifício de louvor.⁸⁴⁶

Por tudo isso, a pessoa humana, como hábitat da Palavra viva, é convocada a um processo constante e permanente de iniciação à vida cristã da comunidade. Esse processo dará a cada um a consciência não só de que é a casa de Deus como também, junto com a assembleia dos fiéis, está integrado ao corpo de Cristo. Hoje, mais do que nunca, se confirma que a grande maioria dos batizados não foi iniciada à fé da comunidade. Esse processo requer da Igreja uma atenção cada vez maior para a conversão à escuta pastoral da Palavra. É o que vamos ver a seguir.

4.2.2

Casa da conversão

A Igreja, como casa da Palavra e da escuta, é convocada permanentemente à conversão. Como templo da Palavra viva, essa necessidade de conversão é ainda maior, aliás, Jesus inicia sua missão convocando todos à conversão: “Arrependei-vos e crede no Evangelho” (Mc 1,14; Mt 4,17). Converter-se para crer. Essa convocação pode servir para tornar mais clara a compreensão de continuidade entre o anúncio de Jesus e o da comunidade cristã. A temática da proximidade do Reino de Deus tem ressonância com a proclamação inicial feita na Galileia. No contexto vivido por Jesus, a espera do reino era alimentada pela fé nas promessas de Deus. Isaías já proclamava que Deus iria intervir na história da humanidade de modo eficaz e libertar os exilados, salvando-os (Is 52,7).⁸⁴⁷

A paz, a alegria e a salvação que o mensageiro de Deus vem trazer caracterizam a explosão do Reino de Deus na história, o qual se torna próximo na Palavra e na ação de Jesus e está ao alcance de todos como possibilidade real. Esse

⁸⁴⁵ SC 56.

⁸⁴⁶ OLM 10.

⁸⁴⁷ FABRIS, R., O Evangelho de Marcos, p. 436.

Reino que Jesus vem instaurar é de libertação, justiça, paz e alegria. Com isso apresenta um Deus próximo do ser humano, que se preocupa com ele. Mas o ser humano, para tomar parte nesse Reino, precisa ter atitude: decidir mudar, converter-se, ter coragem de se arriscar na vida mediante a oferta anunciada, isto é, crer no Evangelho. Isso significa ruptura com o passado e, ao mesmo tempo, abertura para um novo futuro oferecido por Deus. Nesse anúncio concentra-se toda seriedade e urgência da Palavra de Deus, ressoada nos anúncios proféticos. Convém dizer que esse novo anúncio apresenta a concretude do Reino de Deus, instaurado na pessoa de Jesus, o Cristo.⁸⁴⁸

O Reino de Deus, que é o próprio Cristo, o novo mundo, fez-se acontecimento; veio ao encontro da pessoa humana e a impeliu a uma profunda mudança de vida. O imperativo “Mudai de vida” ou “Convertei-vos” impõe uma abertura de vida total da pessoa a Cristo, arrancando de si tudo aquilo que pertence ao mundo velho e antecipando nas suas escolhas e ações a novidade do Reino. Isso significa retirar a poeira do passado e viver o futuro anunciado por Cristo, fazendo germinar na vida o mundo novo do Reino de Deus.⁸⁴⁹

Nesse sentido, conversão à Palavra é um imperativo para qualquer pessoa que queira acolher Cristo em sua vida. Hoje, mais ainda, recai sobre a Igreja, comunidade dos fiéis, a necessidade de uma profunda conversão à escuta pastoral da Escritura. Pertencer à comunidade de Cristo significa ruptura com tudo aquilo que impede de segui-lo, e, mais ainda, decisão madura e corajosa para acolher e viver sua Palavra. Essa atitude de conversão à pessoa de Cristo tem implicações profundas nas ações litúrgicas. Basta lembrar a oração ensinada por Ele, em que a comunidade dos fiéis suplica constantemente: “Pai, santificado seja o teu nome; venha o teu Reino” (Lc 11,2).

Em 2007, a Conferência do Episcopado Latino-Americano e do Caribe convocou toda a Igreja a uma profunda conversão pastoral e renovação missionária. Nenhum membro da Igreja devia se isentar de entrar decisivamente nesse processo de renovação missionária. De acordo com o documento de Aparecida, a conversão pessoal é que faz germinar a capacidade de atuação no serviço de instauração do Reino da vida. Todos, bispos, presbíteros, diáconos permanentes, consagrados e

⁸⁴⁸ FABRIS, R., O Evangelho de Marcos, p. 436-437.

⁸⁴⁹ BARBAGLIO, G., O Evangelho de Mateus, p. 100.

consagradas, leigos e leigas, são chamados a assumir permanentemente uma atitude de conversão pastoral. Todavia, essa conversão implica escutar com atenção e discernir o que o Espírito Santo está dizendo à Igreja (Ap 2,29), hoje, por meio dos sinais dos tempos.⁸⁵⁰

Sendo assim, a Igreja, enquanto comunidade dos batizados, em sua ação pastoral é convocada, também, a considerar o contexto histórico e sociocultural em que vive. A escuta dessa realidade histórica e sociocultural é que ajudará a Igreja a perceber os desafios para poder superá-los com coragem e discernimento. A fonte a alimentar esse processo de escuta à conversão pastoral será sempre a liturgia, pelo fato de ser ela fonte e cume de toda ação pastoral da missão da Igreja.⁸⁵¹ Dela brota a fidelidade ao Espírito Santo, que impulsiona, dirige e renova as reformas espirituais e pastorais da Igreja. Dessa maneira, a conversão da Igreja à escuta litúrgica da Escritura no âmbito pastoral é um apelo a todos os batizados, começando pelos pastores, que são os primeiros a promover uma vida de comunhão espiritual e de participação eclesial.⁸⁵²

A conversão à escuta litúrgico-pastoral da Escritura é um princípio educativo da Igreja na iniciação e na formação cristã de seus membros. Nesse caso, a fidelidade da Igreja à escuta da Escritura é imprescindível para que ela corresponda às expectativas do mundo de hoje. A Igreja, como mãe e mestra, é impulsionada a ser, antes de tudo, casa e escola de comunhão, lugar da conversão pessoal e comunitária. Isso significa que, antes de a Igreja programar iniciativas concretas, cabe a ela estimular primeiramente uma espiritualidade de comunhão, de modo que tenha como princípio educativo a pessoa humana e, em um segundo momento, o humano cristão. Assim, todo o corpo eclesial terá o coração voltado para o mistério da Trindade, visibilizado na Palavra encarnada.⁸⁵³

Essa espiritualidade de comunhão tem por finalidade capacitar a pessoa cristã para viver a configuração com o Corpo místico de Cristo. Dessa forma, os cristãos aprenderão a partilhar suas alegrias e seus sofrimentos, intuir anseios e a oferecer o remédio para as necessidades do próximo, além de amizades verdadeiras e profundas. A espiritualidade de comunhão ajuda a enxergar o que há de melhor no

⁸⁵⁰ DAp 365-366.

⁸⁵¹ SC 10.

⁸⁵² DAp 367.

⁸⁵³ DAP 368.

outro, para poder acolhê-lo, valorizá-lo como dom de Deus e, como verdadeiros cireneus, ajudá-lo a carregar seus fardos (Gl 6,2), rejeitando as tentações egoístas. Sem essa caminhada espiritual, de pouco servirão instrumentos externos de comunhão, pois se revelariam mais como máscaras de comunhão do que como vias para sua expressão de conversão e crescimento na comunhão.⁸⁵⁴

A espiritualidade de comunhão está aliada, ainda, à conversão sincera no campo da ação pastoral da Igreja. Para tanto, cabe acima de tudo o desejo profundo de educar-se para a escuta da Palavra. Não existe espiritualidade de comunhão sem a escuta da Escritura, uma vez que é na liturgia que o corpo de Cristo manifesta sua mais plena e significativa comunhão eclesial. Em torno do Cristo, a Palavra do Pai, todos integrados a ele, como verdadeiros servidores, dinamizam, pela ação do Espírito Santo, a missão evangelizadora da Igreja no mundo.⁸⁵⁵ Desse modo, a escuta litúrgica da Escritura é imprescindível para a espiritualidade de comunhão, em vista de uma conversão pastoral.

A convocação a uma verdadeira conversão pastoral, no sentido mais amplo e integral da palavra, exige que tenhamos a coragem de ir além de uma pastoral de conservação para uma pastoral decididamente missionária.⁸⁵⁶ Como afirma o papa Francisco, todas as comunidades devem se esforçar para atuar e avançar no caminho de uma conversão pastoral missionária, para não deixar as coisas como estão.⁸⁵⁷ Não serve mais uma simples administração, mas é necessário constituir um estado permanente de missão.⁸⁵⁸

Na Carta Encíclica *Ecclesia Suam*, Paulo VI convocou a Igreja inteira para refletir sobre a consciência de si mesma e aprender a conhecer a própria vocação, a fim de oferecer ao mundo sua mensagem de fraternidade e de salvação. A Igreja deve experimentar Cristo em si mesma para oferecer ao mundo o precioso tesouro que ela tem. A Igreja humanizada sai em busca de seus membros para extrair tesouros de cultura, para sofrer com eles suas fragilidades e para trabalhar pelo bem da humanidade.⁸⁵⁹

⁸⁵⁴ NMI 43.

⁸⁵⁵ SC 24.

⁸⁵⁶ DAp 370 e 551.

⁸⁵⁷ EG 25.

⁸⁵⁸ DAp 201.

⁸⁵⁹ ES 10.

Em vista disso, nasce na Igreja a necessidade generosa e quase impaciente de renovação, isto é, de reconhecer seus defeitos que a consciência denuncia e rejeita, e emendá-los. Esse modelo de conversão eclesial está aberto à reforma de si mesmo por fidelidade a Cristo.⁸⁶⁰

Não há outra via de aprendizado para uma espiritualidade de comunhão em vista de uma conversão pastoral senão a da escuta humano-cristã. Esse processo requer uma intimidade profunda com a Escritura por meio da escuta silenciosa e orante. Apesar dos avanços significativos no que tange à leitura da Escritura na Igreja, com relação ao ampliado e significativo número de textos bíblicos na liturgia, crescem também o número de pessoas que buscam rezar a Escritura a partir da Liturgia das Horas e da *Lectio Divina*. A expansão dos círculos e grupos de reflexão bíblica se fortaleceu a partir do Concílio Vaticano II; não temos dúvida disso. Muitos leigos e leigas, com a ajuda de preciosos estudos teológicos e bíblicos, têm mergulhado no conhecimento das Escrituras. E as ações evangelizadoras e pastorais da Igreja têm-se revitalizado pela escuta atenta da Palavra de Deus. No entanto, torna-se mais necessário, ainda, estimular e incentivar a escuta da Palavra de Deus, utilizando as novas ferramentas do mundo digital. Tais iniciativas fortalecerão ainda mais um encontro vital com a Palavra viva, que interpela, orienta e plasma a existência humana.⁸⁶¹ Nesse aspecto, educar para a escuta litúrgica da Palavra de Deus deve ser uma atitude de conversão.

Uma comunidade educada a escutar a Escritura persevera no ensinamento da Igreja e testemunha a comunhão fraterna celebrada na Eucaristia, bem como é assídua na oração, partilha o pão com os necessitados e faz a refeição com alegria e simplicidade do coração (At 2,42-47). Nesse aspecto, a convocação a uma conversão à escuta da Escritura na liturgia se faz necessária.

Segundo o papa Francisco, é urgente que a Igreja, como comunidade de convertidos, saia para oferecer a todos a vida de Jesus Cristo. O momento em que a sociedade vive hoje deve inquietar e preocupar a consciência de toda a Igreja, mediante a crise de muitos irmãos que perderam o ânimo de viver a fé e a consolação da amizade com Jesus Cristo. Sem a acolhida da comunidade cristã, sem um horizonte de sentido e de vida, se perderão no caminho. Para o papa Francisco,

⁸⁶⁰ EG 26.

⁸⁶¹ NMI 39.

maior do que o medo de errar deve ser o medo de se fechar em estruturas que oferecem falsa segurança; enquanto há uma multidão faminta, Jesus insiste: “Vós mesmos, dai-lhes de comer” (Mc 6,36).⁸⁶²

Essa inquietação deve motivar a Igreja a entrar em comunhão com as diversas formas de cultura, para enriquecimento recíproco tanto da Igreja quanto das culturas. Assim, “a Igreja contribui e favorece a cultura humana e civil, conduzindo o homem à liberdade interior, inclusive pela liturgia”.⁸⁶³ Dessa forma, o encontro fecundo e envolvente entre o Evangelho e a cultura dirige a um progresso consistente. Se, por um lado, a escuta da Palavra encarna-se na história da humanidade, renovando-a,⁸⁶⁴ por outro, a Igreja pode ser enriquecida com a evolução humano social,⁸⁶⁵ de maneira a aprofundar a missão que Cristo confiou à Igreja, para expressá-la cada dia melhor no tempo em que se vive.⁸⁶⁶

Hoje, no campo da conversão pastoral, em relação à escuta litúrgica da Escritura, é imperativo, para uma profunda espiritualidade cristã, a conversão ecológica no campo pessoal e comunitário. O modo como se ensina o Evangelho, hoje, pode imprimir uma consciência de fé que brota da espiritualidade ecológica. Nesse caso, os cristãos têm como consequência mudanças no modo de pensar, agir e viver.

A crise ecológica já é um apelo à conversão interior da humanidade, que comporta deixá-la emergir na relação com o mundo a sua volta, pois a conversão ecológica nos leva a compreender que somos vocacionados a cuidar da obra de Deus como parte essencial da existência humana. Essa conversão requer ainda uma mudança duradoura no campo comunitário.⁸⁶⁷

Para tanto são necessárias várias atitudes, tais como: gratidão, gratuidade e consciência amorosa, a ponto de formar com outros seres do universo uma comunhão universal. Essa conversão enriquece e torna a pessoa convicta de sua fé. Portanto, a grande convocação a ser feita à Igreja dos fiéis é a de que a dimensão da sua conversão se estenda a todas as criaturas e ao mundo a sua volta, suscitando,

⁸⁶² EG 49.

⁸⁶³ GS 58.

⁸⁶⁴ CC 4.

⁸⁶⁵ GS 44.

⁸⁶⁶ CC 4.

⁸⁶⁷ LS 216-219.

também, a fraternidade sublime com a criação inteira, como fez São Francisco de Assis.⁸⁶⁸

Nesse percurso de conversão à escuta litúrgica da Escritura, urge na comunidade cristã a realização de uma opção missionária que consista em uma mudança radical nos costumes, estilos, horários e linguagem. Sendo assim, a Igreja necessita de uma renovação inadiável em sua estrutura eclesial, que proporcione mais à evangelização que à autopreservação. Essa conversão, de reforma das estruturas, exige que todas as comunidades cristãs sejam mais missionárias, com pastorais mais comunicativas e abertas a todas as suas instâncias e com agentes pastorais em permanente atitude de saída.⁸⁶⁹

Com isso, a presença eclesial da paróquia gera escuta da Escritura, crescimento da vida cristã, diálogo, anúncio, caridade, adoração e celebração. Pela conversão à escuta litúrgica da Escritura, a Igreja cresce no incentivo e na formação de seus membros para serem agentes da evangelização. Essa missão chama todos à comunhão e à integração de uma pastoral mais orgânica na Igreja particular, pois essa integração e comunhão criam vínculos.⁸⁷⁰

Ainda no âmbito da conversão, os bispos brasileiros constatam que perdura na Igreja um clima pouco acolhedor, com acentuadas atitudes burocráticas que acabam facilitando que os batizados não se sintam pertencentes à Igreja,⁸⁷¹ e também predomina administração de sacramentos sem evangelização.⁸⁷² O problema se acentua ainda mais nas atividades mal vividas, sem aquela motivação adequada que imprima uma ação espiritual desejável e sólida. Trata-se de um desânimo pastoral sustentado por projetos irrealizáveis. Desafiados pela ânsia de buscar resultados imediatos, muitos agentes de pastoral não toleram o aparente fracasso, uma crítica ou uma cruz. Por isso, manifestam uma psicologia do túmulo que transforma os fiéis em múmias de museu. Desiludidos com a Igreja e consigo mesmos, apegam-se a uma tristeza melosa que se apodera do coração. Tudo isso destrói o dinamismo apostólico. Em razão disso, o papa Francisco exorta os cristãos a não deixarem roubar a alegria da Evangelização.⁸⁷³

⁸⁶⁸ LS 220-221.

⁸⁶⁹ EG 27.

⁸⁷⁰ EG 28-29.

⁸⁷¹ CNBB, Doc. 100, 48.

⁸⁷² CNBB, Doc. 62, 28.

⁸⁷³ EG 82.

Uma comunidade cristã convertida à escuta litúrgica da Escritura compreenderá melhor sua missão de discípula de Cristo. Movida pela Palavra escutada e celebrada na liturgia, sentir-se-á impulsionada a assistir os enfermos, as pessoas enlutadas, deprimidas e dependentes químicas, e fará um atendimento mais ampliado às famílias, às pessoas em situação de rua, às populações indígenas, quilombolas, às vítimas da miséria e da violência urbanas. A conversão à escuta litúrgica da Escritura fomentará a mística do discípulo missionário.⁸⁷⁴

Toda conversão supõe transformação integral e remete a uma renovada conversão a Jesus Cristo, isto é, uma conversão pessoal e comunitária. Isso sugere um encontro pessoal com Cristo, capaz de mudar completamente a vida da pessoa humana. Essa postura exige uma constante conversão da Igreja e requer de todos os fiéis uma nova mentalidade. Com isso, não pode faltar na Igreja a capacidade de redescobrir as entranhas de misericórdia, pois a conversão pessoal e pastoral estão interligadas e fundamentam-se na experiência da misericórdia de Deus vivida de modo pessoal e comunitário. Com isso, é fundamental, também, que sejam transformadas as estruturas externas da conversão interior. Pela conversão interior e exterior, os cristãos são chamados a formar e a integrar o corpo místico de Cristo.⁸⁷⁵

Mediante tantas transformações, a Igreja é convocada a ter um olhar não apenas geográfico do seu campo de missão, como também para o contexto em que cada pessoa vive a própria história, porque é nesse território existencial que a Igreja encontra seu desafio. Por isso, muitas vezes os fiéis não conseguem compreender a estrutura de Igreja apresentada, por estar apegada a um passado que não existe mais. Urge uma conversão de escuta dessa realidade para se ter uma inspiração audaciosa de um futuro promissor.⁸⁷⁶

Essa conversão de escuta da realidade existencial de cada pessoa exige nova mentalidade e propostas pastorais que vislumbrem o todo da realidade e não apenas parte dela. Isso proporcionará a todas as pessoas fecunda escuta litúrgica da Escritura e vida sacramental mais consciente.⁸⁷⁷ Além disso, os fiéis, como membros dessa comunidade de fé, pertencentes ao corpo eclesial no qual se

⁸⁷⁴ CNBB, Doc. 100, 49; EG 28.

⁸⁷⁵ CNBB, Doc. 100, 51-60.

⁸⁷⁶ CC 16.

⁸⁷⁷ Cfl 25.

articulam, contribuirão para ampliar a experiência cristã com um grupo muito maior de pessoas, pois a comunidade cristã é o contexto humano no qual se realiza a missão da Igreja, se celebram os sacramentos e se experimenta a caridade. Tal comunidade é chamada, ainda, a ser sinal vivo da proximidade com Cristo, na relação fraterna projetada pelas novas formas de pobreza.⁸⁷⁸

A conversão exige também identificar perspectivas que permitam a mudança na vida paroquial da comunidade, em sua missionariedade. Essa conversão pastoral paroquial é a porta do coração que se abre para que o anúncio da Palavra de Deus toque a vida das pessoas. Isso no âmbito sacramental e testemunhal da caridade fraterna, pois a comunidade cresce e se conforma ao mistério que acredita: o protagonismo da Palavra de Deus desde a origem do cristianismo. Tal verdade alimenta e nutre os discípulos de Cristo e os faz testemunhas dele nas diversas condições de vida, porque ela contém a força profética que torna viva e eficaz a fé cristã. Daí a necessidade de educar à escuta da Escritura e a sua meditação. Esse aprendizado, por diversos meios, facilita a comunicação clara e compreensível do testemunho querigmático e sempre novo da Igreja.⁸⁷⁹

A Igreja, desafiada a uma conversão permanente, é encorajada a enxergar os limites das práticas atuais em vista de uma ousadia missionária, capaz de atender às necessidades de novos tempos e se renovar constantemente pelo anúncio do querigma.⁸⁸⁰ A liturgia, como fonte e cume da vida e missão da Igreja,⁸⁸¹ principalmente na celebração do mistério eucarístico, constitui a comunidade substancialmente à comunidade paroquial. Por meio dessa comunidade paroquial de convertidos, os cristãos tomam consciência do significado do próprio nome e de sua convocação para o louvor, para a súplica, para a intercessão e para a ação de graças. Assim, pela Eucaristia celebrada, os fiéis acolhem o Cristo crucificado e ressuscitado pelo anúncio de todo o mistério da salvação.⁸⁸²

Portanto, todo processo de conversão requer abertura para iniciar um caminho novo, a qual trará rupturas e aventura para a pessoa que deseja fazer a experiência pessoal e comunitária da fé cristã. Como já mencionamos, o caminho principal é o

⁸⁷⁸ CC 18-19.

⁸⁷⁹ EG 164-165. 174.

⁸⁸⁰ CNBB, Doc. 100, 61.

⁸⁸¹ SC 10; LG 11.

⁸⁸² CC 22.

da escuta da Escritura, que conduz a pessoa à experiência da fé cristã celebrada na liturgia. Nesse sentido, importa salientar, mais uma vez, a Igreja como casa da iniciação à experiência da fé cristã.⁸⁸³

4.2.3

Casa da iniciação à vida cristã

Hoje, não é possível pensar uma Igreja, como casa da Palavra, sem pensar na iniciação cristã de seus membros. Apesar da importância da iniciação à vida cristã dos fiéis, grande parte das pessoas que assumem certa liderança na comunidade ainda não foi iniciada na fé. Tem boa vontade, mas não está imbuída do ser cristão, e muito menos convicta de pertencer à comunidade dos discípulos de Cristo.

A Igreja tem, então, a nobre missão de iniciar seus membros à vida cristã, pois, por uma casa de família fraternal e acolhedora, necessita por vocação conduzir os batizados e crismados à consciência de pertença ao povo de Deus. Alimentados com uma boa doutrina do pão da Palavra e da Eucaristia, os fiéis poderão ser reenviados para sua missão apostólica em todos os setores da sociedade como testemunhas do Cristo vivo.⁸⁸⁴

Contudo, um desafio pastoral aparente pode ser constatado, isto é, de uma comunidade de batizados sem a iniciação à vida cristã, que tem reflexo direto na escuta litúrgica da Escritura na comunidade cristã. Como escreve A. Beckhäuser, a maior parte dos batizados, em sua prática religiosa e cultural, não está centrada em Jesus Cristo, no seu mistério pascal com suas exigências, e o Deus cultuado não é o da Trindade, cheio de bondade e de misericórdia. Esses desafios estão condicionados aos resultados de uma evangelização deficiente no pleno anúncio do Evangelho e do culto cristão.⁸⁸⁵

Podemos dizer também que, por causa da deficiência na iniciação das pessoas à fé cristã e por faltar acompanhamento na formação permanente dos batizados, acentua-se outro agravante: o de batizados menos eclesiais. Falta-lhes a consciência de uma comunhão eclesial e a prática comunitária da fé cristã, características do individualismo, do subjetivismo e de um senso atrofiado do bem comum nos dias atuais, como marcas de batizados cada vez menos eclesiais. E isso gera deficiência

⁸⁸³ CALANDRO, E. A., Processo de iniciação à vida cristã e resiliência, p. 89-102.

⁸⁸⁴ CT 67.

⁸⁸⁵ BECKHÄUSER, A., Os fundamentos da sagrada liturgia, p. 46-47; PUEBLA 456.

na dimensão eclesial, em sua prática religiosa e cultural. O que se vê é uma Igreja de muitos batizados ocasionais, que buscam a proteção, a bênção e a salvação. A sensação que se tem é de uma Igreja distante, com um clericalismo crescente, e de batizados que não se sentem Igreja, corpo místico de Cristo, povo de Deus reunido no mistério da Trindade.⁸⁸⁶

A. Beckhäuser apresenta ainda uma estatística dos batizados católicos no Brasil, que não é muito diferente dos outros países da América Latina. Segundo esse autor, mais de 20% dos católicos manifestam-se adeptos de outras confissões, 75% entram na lista dos católicos ocasionais e apenas 5% podem ser considerados católicos ativos na comunidade. Nesse sentido, muitos se declaram católicos, mas na prática são pouco cristãos. Aliás, um número bem pequeno de cristãos católicos são agentes de pastoral e exercem o ministério evangelizador em favor das massas na Igreja. O retrato atual dos batizados é o de que vivem na periferia da fé.⁸⁸⁷

O jornal *Folha de São Paulo* publicou em janeiro de 2020 uma pesquisa Datafolha que apontava que 50% dos brasileiros são católicos, 31% são evangélicos e 10% não têm religião.⁸⁸⁸ No mesmo mês e ano, outra pesquisa feita por um pesquisador do IBGE apontou que, em 2022, o número de católicos pode ser menor que 50% e que em 2050 os católicos no Brasil talvez deixem de ser maioria.⁸⁸⁹

Preocupados com a ação evangelizadora no Brasil, a CNBB vem refletindo sobre a situação religiosa do povo brasileiro, marcada por uma profunda “mudança de época”.⁸⁹⁰ O cenário que os bispos apresentam nas Diretrizes da Ação Evangelizadora no Brasil é bastante desafiador. Afirmam ver alastrar no campo religioso uma mentalidade individualista e pontuam que as pessoas escolhem sua religião em um contexto pluralista. Ao aderirem a uma religião, a tendência delas é escolher crenças, ritos e normas que as agradem subjetivamente, ou até mesmo como um refúgio de adesão parcial, com raso sentimento de pertença institucional. Às vezes, procuram construir uma espécie de mosaico da sua religião pessoal, com fragmentos de doutrinas e práticas de várias religiões. Constata também um aumento crescente dos que se recusam a aderir a qualquer instituição religiosa, mas

⁸⁸⁶ BECKHÄUSER, A., Os fundamentos da sagrada liturgia, p. 46-47; CNBB, Doc.87, p. 42-45.

⁸⁸⁷ BECKHÄUSER, A., Os fundamentos da sagrada liturgia, p. 47-48.

⁸⁸⁸ G1. 50% dos brasileiros são católicos, 31% evangélicos e 10% não tem religião, p. 1.

⁸⁸⁹ BOLLOUSSIÉ, A. V., Evangélicos podem desbancar católicos no Brasil em pouco mais de uma década, p. 1.

⁸⁹⁰ CNBB, Doc. 94, 19-20; CNBB, Doc. 87, 13-21.

afirmam crer em Deus, e de outros que, atraídos pelas práticas exotéricas, baseadas em falsas doutrinas, afastam-se da fé cristã.⁸⁹¹

O Documento de Aparecida também analisa os enormes desafios da Igreja da América Latina e do Caribe, os quais estão marcados pelas grandes mudanças na sociedade, que afetam profundamente a vida humana e que, diferentemente de outras épocas, têm hoje alcance global. Um fator determinante dessa realidade é a ciência tecnológica, que tem o poder de manipular geneticamente a vida humana e a capacidade de criar redes de comunicação em tempo real, encurtando as distâncias.⁸⁹² Quanto a essa globalização, a CNBB alerta que ela não é apenas geográfica, mas atinge a todos os setores da vida humana no planeta.

Dessa forma, o que se percebe é uma forte tendência de inversão de sentido da experiência religiosa. A religião não é pensada nem vivida como forma de reconhecimento, adoração, entrega ao Criador, obediência à fé, serviço a Deus e vivência comunitária, mas sim de maneira utilitarista, oferecendo bem-estar interior, terapia, cura, sucesso na vida e nos negócios. Nasce também uma procura pela religião midiática, ou seja, a religião do espetáculo para entretenimento dos fiéis, o que aumenta as tensões entre aqueles que querem uma religião com práticas na esfera privada, baseada em uma sociedade laicista, que crítica a Igreja em matéria de moral e presença na vida social.⁸⁹³

Nesse sentido, o cenário da sociedade atual é ambíguo, marcado por luzes e sombras. Algumas características desta época se destacam como positivas, como a emancipação do sujeito, a pluralidade, o avanço de novas tecnologias que permitem cuidar melhor da vida, entre tantas outras. Contudo, por outro lado, constatamos alguns desafios como a globalização, o secularismo, o relativismo, a liquidez, o indiferentismo etc. Com isso, a Igreja enfrenta uma grande tempestade que incide diretamente na sua missão evangelizadora de integrar a fé no interior de cada cultura. Isso porque as profundas transformações da sociedade atual geram uma crise ética, com a relativização do sentido de pecado.⁸⁹⁴

Esses desafios, portanto, interferem na escuta litúrgica da Escritura, devido à falta da iniciação dos fiéis à vida cristã. No início do cristianismo, a catequese de

⁸⁹¹ CNBB, Doc. 87, 38.

⁸⁹² DAp 33-34.

⁸⁹³ CNBB, Doc. 87, 39.

⁸⁹⁴ CNBB, Doc. 109, 27.

iniciação cristã era essencialmente mistagógica.⁸⁹⁵ Jesus, ao convocar discípulos e discípulas, acolheu, instruiu, compreendeu e valorizou principalmente as pessoas marginalizadas, e transformou a vida delas, pois aos poucos foram compreendendo que a salvação acontece na vida cotidiana, de forma concreta, na relação pessoal e interpessoal. A partir do encontro pessoal com Jesus, a vida da pessoa é transformada. Libertada de toda escravidão, ela nasce para uma nova realidade e, assim, é exortada a viver um mandamento novo (Jo 13,34), uma nova aliança (Lc 22,20). Isso se deve à entrega pessoal de Jesus na cruz, tendo em vista a ressurreição para continuar permanecendo com a humanidade inteira. “Eis que estou convosco todos os dias até o fim dos tempos” (Mt 28,20).⁸⁹⁶

Hoje se corre o risco de entender a iniciação cristã com “instrução” ou “doutrinação”. A iniciação tem outro método, que é o acolhimento, a escuta e o encontro. Por isso, a expressão “casa da iniciação” é muito sugestiva. Em casa, a pessoa é inserida em um ambiente familiar e, à medida que vai crescendo a convivência, automaticamente é introduzida no conhecimento, nos hábitos, no comportamento, no modo de pensar e de viver daquela família. Ela, então, vai expressar no seu cotidiano o jeito da sua família.⁸⁹⁷

Isso não se aprende com aulas ou cursos. O aprendizado acontece mesmo é na convivência em família, por meio dos valores explicitados. Nesse sentido, a iniciação visa criar um processo de integração dos novos membros na comunidade cristã, o que é característico da origem do cristianismo. Começando pela escuta da Escritura, os iniciantes eram conduzidos e incentivados aplicar na própria vida uma disciplina adequada àquele tempo, com critérios evangélicos e hábitos cristãos.⁸⁹⁸

Sendo assim, a iniciação cristã é um processo gradativo no seio da comunidade dos fiéis, pelo qual os iniciantes vão refletindo sobre o mistério pascal de Cristo, renovando a própria conversão, e são induzidos a obedecer com generosidade aos apelos do Espírito Santo.⁸⁹⁹ A fé é um processo que conduz cada pessoa à maturação cristã, levando-a a mergulhar sua vida no Reino de Deus e a viver a vida do Reino. Muitas pessoas são impulsionadas por necessidades, desejos

⁸⁹⁵ NOCENT, A., Iniciação cristã, p. 593.

⁸⁹⁶ CNBB, Doc. 107, 40.

⁸⁹⁷ BUSCH, J. A. M., Iniciação cristã de adultos hoje, p. 13.

⁸⁹⁸ BUSCH, J. A. M., Iniciação cristã de adultos hoje, p. 13-14.

⁸⁹⁹ RICA 4.

ou projetos tão secundários que não as fascinam. O Reino de Deus, ao contrário, constitui o conteúdo principal da pregação neotestamentária, com uma grande convocação à conversão. Dessa forma, a iniciação à vida cristã visa contribuir para que as pessoas cheguem ao processo de maturação da fé. E a função da Igreja, como casa da iniciação, é semelhante à do “pai de família, que tira do seu tesouro coisas novas e velhas” (Mt 13,52).⁹⁰⁰

Sabendo da importância da iniciação dos fiéis à vida cristã, a Igreja, como casa que acolhe, educa e envia, sente que é urgente e necessária a iniciação de todos à fé cristã. Quanto mais iniciados forem os cristãos, mais conscientes de sua fé eles serão. Além disso, encontrarão forças para enfrentar sem medo as correntes contrárias ao Evangelho. O pluralismo presente em todas as esferas da sociedade nos obriga a pensar de forma diferente, porque nossos interlocutores mudaram o seu modo de ser, pensar e agir. Por isso, a Igreja é chamada a responder a esses desafios contemporâneos, pois as “alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens e mulheres de hoje, sobretudo dos pobres, [...] são também as dos discípulos de Cristo. Não há realidade alguma verdadeiramente humana que não encontre eco no seu coração”.⁹⁰¹

A Igreja é convocada pelo próprio Cristo: a sair em missão, porque sua intimidade com Ele é itinerante e a forma de comunhão, missionária; a escutar a todos para torná-los participantes do processo de comunhão missionária, principalmente na organização eclesial; e a servir, mesmo sabendo de suas limitação, fazendo-se “fraco com os fracos” (1Cor 9,22), ainda que corra o risco de se sujar com a lama do caminho.⁹⁰²

Isso exige atenção aos sinais de novos tempos e processo de escuta aos clamores do povo, pois a complexa realidade do mundo contemporâneo revela que a experiência de fé cristã se encontra em um estado de recomeço. Isso significa despir-se de um modelo eclesial que não atende mais às periferias geográficas e existenciais da pessoa humana, para ajustar a um modelo de saída missionária, que encontra, acolhe, acompanha, frutifica e celebra.⁹⁰³ Para tanto, requer de todo o corpo eclesial um olhar mais amplo à iniciação para a vida cristã, levando em

⁹⁰⁰ BUSCH, J. A. M., *Iniciação cristã de adultos hoje*, p. 15-16.

⁹⁰¹ GS 1.

⁹⁰² EG 19-49.

⁹⁰³ EG 20-23.

consideração que a iniciação cristã atende não somente às crianças no processo de evangelização como também todos os fiéis, que devem ser ajudados a redescobrir o valor de sua identidade cristã como a mais alta dignidade neste mundo.⁹⁰⁴

Assim, a comunidade dos fiéis é sujeito no processo de iniciação à vida cristã, porque a iniciação ao discipulado de Cristo se dá pela comunidade e na comunidade.⁹⁰⁵ Desse modo, a comunidade inteira deve sentir necessidade de se envolver nesse processo, por ser ela a casa da iniciação à vida cristã⁹⁰⁶ e, também, o pilar da Palavra. Como no início do cristianismo, os cristãos hoje se reúnem para escutar a Escritura e ser iluminados por ela no discernimento para uma nova experiência com Deus. Atualmente, o que se espera do aspirante à fé cristã é a conversão à pessoa de Cristo, por meio da escuta da Escritura, pois o encontro com Cristo, Palavra viva, é um caminho de conversão constante.⁹⁰⁷

A formação das pessoas à iniciação para a vida cristã deve ser assumida pela Igreja com convicção, coragem e criatividade. Sem o elã missionário da Igreja, dificilmente a vida comunitária será renovada e despertada para a missão. Nesse sentido, serão necessárias atitudes novas na ação pastoral evangelizadora,⁹⁰⁸ porque a Escritura e a iniciação à vida cristã estão intimamente ligadas e uma não acontece sem a outra.⁹⁰⁹ Entretanto, para que o processo de iniciação cristã produza frutos, os agentes necessitam de uma acentuada formação permanente, estando conscientes de sua fé e convictos das etapas de tal processo, tais como: o querigma, o catecumenato, a purificação-iluminação e a mistagogia. Esse itinerário, fundamentado na Escritura e na liturgia, educa para a escuta da Palavra de Deus, a oração pessoal⁹¹⁰ e o compromisso comunitário e social.⁹¹¹

Dessa forma, o encontro com a Palavra muda a vida das pessoas e dá sentido ao protagonismo cristão. A Escritura corrige posturas e leva o fiel a se comportar diferentemente na sociedade, em que seu modo de pensar e agir se assemelha ao de Jesus Cristo. Portanto, o critério que norteia todo o discernimento, em vista da

⁹⁰⁴ NUCAP. Paróquia, casa da iniciação a vida cristã, p. 9-11.

⁹⁰⁵ CNBB, Doc. 107, 106.

⁹⁰⁶ CNBB, Doc. 107, 50.75.

⁹⁰⁷ SaCa 19.

⁹⁰⁸ DAp 294; CNBB, Doc. 107, 69.

⁹⁰⁹ CNBB, Doc. 102, 47.

⁹¹⁰ CNBB, Doc. 107, 66.

⁹¹¹ CNBB, Doc. 109, 90.

vivência cristã, passa a ser o Evangelho.⁹¹² E essas mudanças tocam profundamente a vida litúrgica da comunidade cristã, porque a liturgia celebra a fé vivida, ou seja, ela reza o que professa e professa o que reza em sua vida pessoal e comunitária.

4.2.4 Casa do testemunho

A pessoa humana, pela sua adesão a Cristo, se torna casa do testemunho. Ela reencontra um caminho novo na sua história de vida, sob a marca da ressurreição. Jesus, depois de convocar discípulos para segui-lo, os preparou para ser testemunhas dele no mundo: “Recebereis a força do Espírito Santo que virá sobre vós e sereis minhas testemunhas [...] até os confins da terra” (At 1,8). Contudo, eles não estarão sozinhos, pois receberão a força do Espírito Santo, não para dominá-los, mas para torná-los testemunhas de Cristo. Assim, os discípulos foram envolvidos pelo axioma programático de Jesus: a força do Espírito, o testemunho, a abertura a todas as nações. Esses três elementos do axioma programático de Jesus Cristo ressuscitado é essencial para a experiência da Igreja como casa do testemunho.⁹¹³

O termo “testemunha” é um elemento fundamental para o campo teológico na literatura lucana. Ele qualifica a função autorizada dos primeiros enviados para iniciar a experiência missionária da Igreja. Desse modo, o testemunho da ressurreição de Jesus torna-se o centro dos grandes discursos em Atos dos Apóstolos: “Nós todos somos testemunhas” (At 2,32; 3,15; 10,41).⁹¹⁴

Os discípulos possuem o *sensus fidei* inspirado pela Escritura e revelado pela Palavra encarnada. É essa verdade que conduz os cristãos, sob a condução do Espírito Santo, para dar testemunho de sua fé na Igreja e no mundo, desde Pentecostes até os dias de hoje. O relato da primeira comunidade cristã de Jerusalém apresenta quatro elementos básicos do testemunho cristão: perseverança, comunhão fraterna, fração do pão e orações (At 2,42). O testemunho assíduo da comunidade em procurar observar esses elementos básicos da fé é que os mantinha fiéis a Jesus Cristo. A fé é uma resposta à doutrina autêntica dos apóstolos sobre o ensinamento

⁹¹² CNBB, Doc. 109, 90.

⁹¹³ FABRIS, R. Os Atos dos Apóstolos, p. 51.

⁹¹⁴ FABRIS, R. Os Atos dos Apóstolos, p. 51-52.

de Jesus (Lc1,1-4). A comunhão recíproca atrai fiéis, renova o encontro com o Senhor na fração do pão e alimenta na oração.⁹¹⁵

A grande novidade dos iniciados à vida cristã é a de ser testemunhas de Jesus Cristo, pois, os que fazem a experiência com a pessoa do Cristo ressuscitado e se convertem, são envolvidos pela força do Espírito, a fim de testemunhá-lo ao mundo, a ponto de dar a vida a Ele. Foi o que fizeram os apóstolos Pedro, quando afirmou: “Eu darei a minha vida por ti” (Jo 13,37), e Paulo, ao professar: “Eu vivo, mas não eu: é Cristo que vive em mim” (Gl 2,20). Essa clareza de pertença a Cristo se faz necessária para todo aquele que quer decidir-se pela vida em Cristo.

Paulo VI, na Exortação apostólica *Evangelii Nuntiandi*, escreveu que o autêntico testemunho de vida cristã, em uma profunda comunhão de vida com Deus e inteiramente dedicada ao próximo, é o primeiro meio de testemunho evangelizador. Segundo ele, as pessoas do nosso tempo escutam melhor as testemunhas do que os mestres, e, se escutam os mestres, é porque são testemunhas. Assim, o testemunho vivido na fidelidade ao Senhor, na pobreza, no desapego, na liberdade diante dos poderes de mundo e na santidade, é que vai evangelizar o mundo.⁹¹⁶

A comunidade cristã, como casa do testemunho, convocada a viver no amor a Deus e ao próximo, é chamada também a ser testemunha do amor. “Desse modo, serão conhecidos como discípulos de Cristo, se tiverdes como centro da vida o amor para com o próximo” (Jo 13,35). O programa de vida testemunhal dos cristãos está centrado na relação com Deus e com o próximo; assim, também ressalta o testemunho de comunhão que se encarna e manifesta a essência do mistério da Igreja, pois a comunhão é fruto do amor que brota do coração do Pai e é derramado sobre todos os fiéis por meio do Espírito que Jesus prometeu oferecer (Rm 5,5).⁹¹⁷ A Igreja manifesta essa comunhão de amor como sinal e instrumento da unidade com Deus e com a humanidade inteira.⁹¹⁸

Em tempos de profundas crises, seja no campo social, político, econômico, cultural, religioso etc., a Igreja, casa do testemunho, continuará enfrentando muitos desafios, mas todos serão superados no amor, e, se faltar o amor, tudo será inútil,

⁹¹⁵ SF 13-16.

⁹¹⁶ EN 41.

⁹¹⁷ NMI 42.

⁹¹⁸ LG 1.

como nos recorda Paulo, no hino do amor: “Ainda que tivesse tudo, mas se não possuísse o amor, nada lhe serviria” (1Cor 13,2).⁹¹⁹ O amor é o coração da Igreja, como intuiu Santa Teresinha:

Compreendi que a Igreja tem um coração, e que esse coração ardia de amor; compreendi que só o amor levava os membros da Igreja a agir, e que, se o amor viesse a extinguir-se, os apóstolos não anunciariam mais o Evangelho, os mártires negar-se-iam a derramar o sangue. [...] Compreendi que o amor abrangia todas as vocações, que o amor era tudo.⁹²⁰

Esse amor é o Filho amado do Pai, que impulsiona cada pessoa de fé a procurar os pobres e acolhê-los de tal forma que se sintam em casa, na comunidade cristã. O acolhimento ao pobre é o meio mais eficaz para evangelizar. O amor é o Evangelho vivo, realizado pela caridade e pelo testemunho da pobreza cristã. Sem esse anúncio-testemunho do amor, corre-se o risco de não ser compreendido. A prática das boas obras garante força à caridade das palavras.⁹²¹

A pessoa cristã, como casa do testemunho, mesmo sendo frágil, limitada e pecadora, é chamada a ser sal da terra e luz do mundo. Contudo, para desempenhar bem essa missão, carece alimentar e renovar permanentemente a fé em Cristo, pelo pão Palavra e da Eucaristia. É missão da Igreja ser sal da terra e luz no mundo, pois, pelo Batismo, foram incorporados ao corpo de Cristo, luz que brilha nas trevas (Jo 1,5), e quem o segue tem a luz da vida (Jo 8,12).

Cada pessoa cristã ilumina e tempera com o testemunho da alegria do Evangelho os ambientes onde está inserida: seja na família, seja na condição de marido ou esposa, seja como filho, seja como pai ou mãe, seja no trabalho, seja na profissão, seja nos negócios, seja no lazer, seja em relação às amizades, seja em relação aos programas de diversão etc. Em tudo, o mais importante são os critérios de vida iluminados pelo Evangelho de Cristo,⁹²² que impulsionam o cristão a ser casa do testemunho.

Portanto, esses elementos dão credibilidade ao testemunho de vida do cristão, como agente de transformação na sociedade, sendo o Evangelho de Cristo encarnado em cada pessoa para iluminar e dar sabor à missionariedade da Igreja.

⁹¹⁹ NMI 43.

⁹²⁰ TERESA DO MENINO JESUS, Obras completas, 213.

⁹²¹ NMI 50.

⁹²² BUSCH, J. A. M., Iniciação à vida cristã de adultos hoje, p. 67-68.

Quando a Palavra de Deus escutada percorre a vida do cristão, começando pelos sentidos, chegando à mente, ao coração, até à prática das boas obras, isto é, às mãos⁹²³ que o levam a acolher o próximo, a caminhar com ele, a escutá-lo e a usar de misericórdia para com ele (Lc 10,37), cumpre-se o mandamento do amor.

Desse modo, o cristão pode afirmar que, pelo seu testemunho de fé e amor a Cristo, consegue vivenciar o imperativo que é norma máxima de sua vida, quando chamado a ser testemunha de Cristo: “Escuta, Israel!” (Dt 6,4). O testemunho de comunhão eclesial no interior da comunidade cristã abre-se, por natureza, ao serviço universal, que se frutifica de modo concreto no compromisso do amor ativo a cada pessoa humana. Esse jeito de ser Igreja qualifica todo programa pastoral da comunidade, pois tudo que se fizer ao irmão que sofre, faz-se a Cristo (Mt 25,35-36). A fidelidade a Cristo é comprovada pela alegria de viver o Evangelho.⁹²⁴

A identidade mais profunda da vocação da Igreja é evangelizar. Como escreveu João Paulo II na Exortação Apostólica *Christifideles Laici*, a situação da Igreja no mundo exige, acima de tudo, que a Palavra de Cristo seja escutada com prontidão e generosidade. Para tanto, por força da consagração batismal, os fiéis, pelo múnus profético de Cristo, estão plenamente comprometidos nessa missão da Igreja. Por isso, não devem ter medo de abrir, escancarar as portas para Cristo, acolhê-lo no espaço da própria humanidade, pois Cristo conhece a dor humana, o que está dentro de cada pessoa, no mais íntimo do coração. Portanto, escutar Cristo é fundamental para a vida cristã. Só Ele tem a Palavra de vida eterna (Jo 6,68). O testemunho cristão será a síntese do Evangelho vivido cotidianamente, na profunda adesão a Cristo.⁹²⁵

Com o desejo profundo de intensificar a vida cristã, o Concílio Vaticano II, com o engenhoso trabalho de renovação litúrgica, procurou favorecer e contribuir com a união dos fiéis em Cristo na vida da Igreja. Como obra da redenção, a liturgia ajuda os fiéis a expressarem em seu testemunho de vida o que ensina aos outros sobre o mistério de Cristo. Pela liturgia, a pessoa cristã, todos os dias, vai se transformando internamente em templo vivo de Deus e, assim, ganha força para

⁹²³ FRANCISCO, PP., A santa missa, p. 44.

⁹²⁴ NMI 49.

⁹²⁵ CfL 33-34.

anunciar e testemunhar Cristo no mundo, a fim de que todos sejam reunidos em um só rebanho, sob a condução de um único pastor (Jo 10,16).⁹²⁶

Tendo em vista que o campo de missão da Igreja é imenso e complexo, cabe aos cristãos de hoje uma renovada modalidade de comunicação da Palavra de Deus, a partir da fé testemunhada; porém, sem perder de vista que o Espírito Santo é o primeiro agente de toda ação missionária e que jamais deixará a Igreja desamparada. Para tanto, é exigido de cada pessoa de fé abertura do coração, capacidade para dialogar, reciprocidade nas relações, sensibilidade para conhecer os sinais do bem e da presença de Deus em cada um. Desse modo, os cristãos compartilham com todos o testemunho da alegria do Evangelho, porque o testemunho se exprime no diálogo respeitoso, que oportuniza e propicia o anúncio do Evangelho.⁹²⁷

Paulo VI, na *Evangelii Nuntiandi*, escreveu que o testemunho da pessoa cristã acontece antes de qualquer anúncio do Evangelho. Aliás, quando um ou mais cristãos, na comunidade humana, compreendem e acolhem o próximo, vivem em perfeita comunhão de vida com as pessoas, manifestam solidariedade em tudo aquilo que é nobre e bom, irradiam de forma simples e espontânea sua fé. Portanto, por seu testemunho de vida, afloram no coração das pessoas perguntas indeclináveis. Com isso, o testemunho constitui, de forma antecipada, a proclamação silenciosa e eficaz do Evangelho. Esse é o primeiro gesto de evangelização.⁹²⁸

Com relação às rápidas mudanças culturais, as exigências no campo da Evangelização requerem dos cristãos atenção redobrada, no que se refere ao anúncio do Evangelho. Nesse sentido, uma linguagem que permite acolher a novidade permanente da doutrina cristã é o conhecimento do Evangelho, pois não existe fé sem a cruz, nem adesão a Cristo sem o conhecimento do Evangelho. Dessa forma, importa rememorar que cada ensinamento da doutrina cristã desperta em toda pessoa adesão do coração a Cristo, proximidade, amor e testemunho.⁹²⁹

Nesse aspecto, o cristão, como casa do testemunho, pode evangelizar sem precisar usar do recurso das palavras, pois ele abriga em si a Palavra e dá

⁹²⁶ SC 1-2.

⁹²⁷ DC 33.

⁹²⁸ EN 21.

⁹²⁹ EG 41-42.

testemunho da Palavra por suas boas ações. Aliás, todo ensinamento, para ser sólido e eficaz, é precedido pelo testemunho, pois o testemunho do amor a Deus e ao próximo gera encantamento e desejo de adesão à pessoa de Cristo e a sua proposta. O cristão convicto de sua fé sente necessidade de conhecer e compreender, cada dia, a Escritura, para dela dar testemunho, pois, quanto mais a conhece, mais encantado por Cristo fica. Assim, compreende por que a Igreja é a pedagoga da fé e porque, também, é a primeira mestra em educar a si e aos outros para a escuta e o testemunho da pessoa de Jesus Cristo.

O papa Francisco recorda que as motivações para um renovado impulso missionário no testemunho do Evangelho estão também na oração e no trabalho. Segundo ele, uma mística sem um vigoroso compromisso social e pastoral, ou um discurso social e pastoral sem uma mística que transforme o coração, não serve.⁹³⁰ Já João Paulo II afirma que toda vertente ético-social é imprescindível para o testemunho cristão. Desse modo, o cristão deve rejeitar todo tipo de espiritualidade intimista e individualista que não se coadune com as exigências da caridade, da encarnação e com a tensão escatológica do cristianismo.⁹³¹

O Concílio Vaticano II lembra ainda que o cristão tem consciência de que as ações da inteligência e da capacidade humana não anulam o poder de Deus, pois, quanto maior o poder humano, maior responsabilidade dos cristãos e da comunidade no que se refere ao testemunho. Portanto, a mensagem cristã em nada contradiz a construção do mundo e muito menos cria obstáculos para as boas obras. Ao contrário, a mensagem cristã acentua o compromisso dos seres humanos de desenvolver os talentos que possuem.⁹³²

O papa Francisco recorda a salutar alegria e a coragem dos cristãos em anunciar e testemunhar o Evangelho no decorrer da história com resistência ativa. Ao mesmo tempo ele lembra que nunca foi fácil para os cristãos anunciar e testemunhar a Boa-Nova de Cristo. Se, nos primeiros séculos, o Império Romano não favorecia o anúncio do Evangelho e menos ainda a luta pela justiça e pela defesa da dignidade humana, hoje, esses desafios continuam de modo diferente. A fraqueza do ser humano sempre esteve presente na história da humanidade, como

⁹³⁰ EG 262.

⁹³¹ NMI 52.

⁹³² GS 34; AAS 54, p. 822-823.

sua busca doentia por beneficiar a si mesmo, seu cômodo egoísmo e sua libertinagem que ameaça a todos. Os cristãos de hoje, portanto, são convocados a aprender, com o heroísmo dos Santos, a enfrentar os desafios dos tempos atuais.⁹³³

Nesse contexto, a ordem de Jesus continua sendo um imperativo para os cristãos hodiernos: “Ide pelo mundo inteiro e proclamai o Evangelho a toda criatura!”. O “ide” de Jesus está sempre motivando o desinstalar-se para uma Igreja itinerante, em constante saída missionária, com a mesma alegria e coragem dos enviados da primeira hora, para ser testemunhas de Cristo a todos. A sociedade atual tem necessidade de testemunhos de quem vive o Evangelho de Cristo, pois o testemunho é o primeiro passo para a mensagem da Palavra cair em terreno fértil e produzir frutos.

As pessoas apaixonadas por Cristo são chamadas por Ele a dar testemunho do Evangelho em qualquer ambiente, com a própria vida, iluminadas para ser luz do mundo e sal da terra, a fim de saborear e dar sabor à Palavra de Deus anunciada.⁹³⁴ Nesse sentido, o Evangelho, mais que uma pregação, é um exemplo de vida, um anúncio convertido em testemunho. O que não significa que a palavra deva ser silenciada. As coisas boas precisam ser ditas, anunciadas com coragem, mesmo que enfrentem correntes contrárias ao Evangelho de Cristo. Com isso, o coração dos cristãos deve estar impulsionado de forma irresistível a anunciar o Cristo vivo. Para esse anúncio, não há fronteiras nem limites, é para todos. Essa mensagem deve chegar a todos os ambientes, inclusive os das periferias existenciais. Isso requer coragem, pois Deus deseja que todos sintam o calor da sua misericórdia e de seu amor.⁹³⁵

Assim, a pessoa cristã necessita ter como meta uma forma de testemunho de vida que dê sabor ao Evangelho. Nessa meta está o amor sem fronteiras geográficas e de espaço; uma vida fraterna aberta a todos, que permita reconhecer, valorizar a todos sem distinção. Um coração sem fronteiras supera as distâncias e favorece o encontro, o diálogo e a escuta.⁹³⁶ Só assim poderemos falar de uma educação à escuta litúrgica da Escritura em uma comunidade em estado permanente de missão.

⁹³³ EG 236.

⁹³⁴ RB 84-85.

⁹³⁵ ChV 175-178.

⁹³⁶ FT 1-2.

4.3 Educar-se à escuta litúrgica da Escritura

O imperativo “escuta”, nas relações pessoais e interpessoais, é fundamental para o bem viver de cada pessoa humana. Sem contar que, no âmbito da fé, a escuta é um princípio normativo básico para o amor a Deus e ao próximo (Mc 12,29-32; Dt 6,4-5). Daí a necessidade de se reeducar a escuta. Nesse sentido, vale ressaltar o que M. Buber escreve, quando fala do mundo das relações, as quais, segundo ele, acontecem em três níveis: o primeiro é o da vida com a natureza, que se realiza na penumbra, aquém da linguagem; o segundo, o da vida com os seres humanos, a relação com o tu; e o terceiro nível é o da vida com os seres espirituais. Neste, a relação é a que, envolta em um mistério, se revela silenciosamente, gerando linguagem. E o ser humano pode proferir com todo seu ser a palavra-princípio, sem precisar dos lábios.⁹³⁷

Nesse sentido, Buber apresenta um conceito ontológico da relação humana na dimensão antropológica do inter-humano, quando fala da relação “eu e tu”. O que ele fala não é uma simples descrição fenomenológica do ser humano ou de sua palavra no mundo, mas uma ontologia da relação. Aliás, ao intuir e conceituar a relação dos seres humanos entre si e com Deus ele nos ajuda a compreender o quanto é importante o educar-se à escuta, tanto no âmbito humano quanto na compreensão da Escritura. Aí está a necessidade de se educar a escuta de si para a escuta do outro. Esse processo de aprendizado da escuta possibilitará uma experiência profunda com a Escritura, celebrada na liturgia.

Hoje, o imperativo “Escutai!”⁹³⁸ é tão exigente quanto no passado, pois essa convocação à escuta continua ecoando na mente e no coração de cada pessoa. Em tempo de crise pandêmica da Covid-19, a necessidade de se educar à escuta acentuou-se ainda mais. A dor provocada pela pandemia atingiu a humanidade com inúmeras feridas. As pessoas começaram a sentir necessidade de se encontrar com o outro para poder falar e ser escutada na sua dor. Com isso, em âmbito pastoral, a Igreja foi interpelada a escutar, a acolher e a consolar as pessoas na sua dor. Aliás, a busca pelo conhecimento inicia-se pela escuta, assim como todo diálogo e toda

⁹³⁷ BUBER, M., *Eu e tu*, p. 53.

⁹³⁸ IHU. “Escutai”. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/613294-escutai-esse-sera-o-tema-da-mensagem-do-papa-francisco-para-o-56-dia-mundial-das-comunicacoes>>. Acesso em: 01 out. 2021.

interação nascem da escuta. No campo pastoral, tanto iniciados quanto iniciadores da Escritura carecemos reeducar a escuta. Jesus nos interpela a prestar atenção no modo como escutamos (Lc 8,18), porque, para escutar de verdade, necessitamos de coragem, coração livre, aberto e sem preconceitos.

4.3.1

O Espírito Santo: pedagogo da escuta bíblica

- O discurso de despedida de Jesus na literatura joanina discorre sobre a função do Espírito Santo como pedagogo da escuta. “O Espírito Santo que o Pai enviará em meu nome, ele vos ensinará tudo e vos recordará tudo o que os tenho dito” (Jo 14,26). Este versículo destaca o tempo de Jesus e o tempo da Igreja. Esses dois tempos dependem profundamente um do outro.

O Espírito Santo é enviado com a missão de ensinar e recordar todo ensinamento de Jesus. Dessa forma, o Espírito Santo, como pedagogo, recorda aos seguidores de Jesus tudo o que está na Escritura. Essa recordação não é uma memória repetitiva, mas uma compreensão nova, que terá sempre como objeto a morte-ressurreição de Jesus. Sem a ação do Espírito Santo, os discípulos jamais entenderão as Escrituras. O ensinamento e a recordação da Palavra de Jesus levarão os discípulos à experiência de fé em Cristo na vivência testemunhal da Igreja pós-pascal. Essa compreensão acontece na abertura à ação do Espírito Santo e no seguimento.⁹³⁹

Jesus, ao afirmar que é o Espírito Santo quem vai ensinar (*didáskein*) e recordar (*hypomimnéskein*) seu ensinamento, indica a íntima relação entre ambos. Assim, a função do ensinamento do Espírito Santo é a de revelar a pessoa de Cristo, atualizando e rememorando, junto à Igreja, quem é Jesus e o que ele realizou. O ensinamento do Espírito é o de Cristo. Da mesma forma que o ensinamento de Jesus deriva do Pai, o ensinamento do Espírito se refere a Jesus. Além disso, podemos afirmar que a ação e a instrução do Espírito estão conectadas de tal modo com a revelação de Jesus que um não contradiz o outro. Com isso, a função pedagógica do Espírito Santo na Igreja é a de garantir, atualizar e prolongar até o fim dos tempos a missão que Jesus recebeu do Pai.⁹⁴⁰

⁹³⁹ MAGGIONI, B., O Evangelho de João, p. 426.

⁹⁴⁰ SANTANA, L. F., Liturgia no Espírito Santo, p. 159-161.

À luz da literatura joanina, a missão de ensinar e a de recordar podem ser compreendidas quando colocadas uma em relação à outra, o que justifica pedagogicamente ensinar e realizar o que Jesus ensinou e realizou. Desse modo, o Espírito Santo, presente no coração da Igreja, atualiza e proclama a morte do Senhor até que ele venha (1Cor 11,26).⁹⁴¹ Como rezamos após a narrativa da consagração do pão e do vinho: “Anunciamos, Senhor, a vossa morte e proclamamos a vossa ressurreição. Vinde, Senhor Jesus!”.⁹⁴²

O Espírito santo é a anamnese vivificante no coração da Igreja, revelando aos discípulos o significado do conteúdo do ensinamento de Jesus, sempre que se reúnem para fazer memória dessa revelação. E, em virtude da ação memorial, os fiéis, toda vez que obedecem à lei de Jesus: “Fazei isto em memória de mim” (Lc 22,19) saboreiam, pela fé, a realidade da presença de Jesus sempre viva e atual. Assim, o Espírito Santo recorda e aponta para o mistério pascal de Cristo atualizado na vida dos fiéis. Ele age como hermeneuta da Igreja à medida que vai interpretando os efeitos da salvação pascal nas diversas etapas da história da salvação: morte-ressurreição-glorificação de Jesus.⁹⁴³

Mas qual a relação entre a escuta litúrgica da Escritura e o Espírito Santo? Para que a escuta da Escritura produza frutos na mente e no coração dos fiéis, requer-se necessariamente a ação do Espírito Santo. Sua ação precede, acompanha e segue toda ação litúrgica, mas também sugere⁹⁴⁴ ao coração de cada fiel tudo que na proclamação da Escritura foi dito para a comunidade de fé. Assim, consolida a unidade dos fiéis, fomenta a diversidade de dons e carismas e a multiplicidade de serviços.⁹⁴⁵

É impossível uma compreensão autêntica da revelação cristã da Escritura sem a ação do Espírito Santo. A comunicação que Deus faz de si mesmo exige constantemente a relação entre o Filho e o Espírito Santo.⁹⁴⁶ A esse propósito, existe a necessidade de despertar nos fiéis a consciência da função do Espírito Santo na ação litúrgica e no aprofundamento dos mistérios divinos, pois Ele é o primeiro

⁹⁴¹ SANTANA, L. F., Liturgia no Espírito Santo, p. 162.

⁹⁴² Oração Eucarística I, p. 473.

⁹⁴³ SANTANA, L. F., Liturgia no Espírito Santo, p. 162-163.

⁹⁴⁴ DV 8.

⁹⁴⁵ OLM 9.

⁹⁴⁶ DV 15.

dom concedido à pessoa de fé⁹⁴⁷ atuante já na criação (Gn 1,2). Para compreender a atuação do Espírito Santo na história da salvação, requer de cada iniciante à fé cristã abertura dos ouvidos, da mente e do coração para acolher o Espírito Santo, dom de Deus. Dessa acolhida da ação do Espírito brotam o conhecimento e a compreensão da Escritura, os quais, aliás, ajudam as pessoas de fé a entender a função do Espírito na Igreja.

Como recorda Bento VI na Exortação Apostólica *Sacramentum Caritatis* e na *Verbum Domini*, é pela ação do Espírito que Jesus foi concebido no ventre de Maria (Mt 1,18; Lc 1,35), iniciou sua vida pública, agiu, proferiu e exultou (Lc 10,21) e ofereceu a Si mesmo ao Pai como vítima sem mancha (Hb 9,14). Jesus também enviou o Espírito Santo sobre os discípulos (Jo 16,7), capacitando-os para a própria missão (Jo 20,21-22), pois, como Espírito da Verdade (Jo 16,13), vai lhes ensinar e recordar tudo o que Jesus disse (Jo 14,26), impelindo-os à missão de anunciar o Evangelho no mundo inteiro.⁹⁴⁸ Graças à ação do Espírito Santo, Cristo continua presente e ativo na sua Igreja.⁹⁴⁹

Desse modo, a Palavra de Deus comunicada à pessoa humana é fruto da inspiração do Espírito Santo,⁹⁵⁰ graças à qual a Escritura testemunha Deus e seu plano de salvação, não como palavra humana, mas como Palavra de Deus. Isso garante o caráter sagrado dos textos bíblicos.⁹⁵¹ Aliás, a Escritura deve ser interpretada no mesmo Espírito que a inspirou, ao ser escrita, sem desprezar seu conteúdo e sua unidade, tendo em vista sempre a sintonia com a Tradição viva da Igreja e a analogia da fé. Assim, a Palavra de Deus dita em linguagem humana parece palavras humanas, como o Verbo do Pai, que, assumindo a condição humana, se assemelhou à pessoa humana.⁹⁵²

O Espírito Santo, portanto, como pedagogo da escuta e inspirador dos autores da Escritura, continua ensinando e recordando o ensinamento de Cristo. Ele prossegue sustentando e revelando a Igreja na missão de anunciar o Evangelho, desde seu derramamento sobre a comunidade pós-pascal no cenáculo. Desse modo,

⁹⁴⁷ MR. Oração Eucarística IV, p. 490.

⁹⁴⁸ SaCa 12; VD 15.

⁹⁴⁹ SaCa 12.

⁹⁵⁰ DV 11.

⁹⁵¹ LIMA, M. L. C., A Palavra de Deus em palavras humanas, p. 70. 91.

⁹⁵² DV 12-13.

a obra salvífica de Jesus e do Espírito Santo não se separam, mas constituem a única economia da salvação.⁹⁵³

Na escuta litúrgica da Escritura, o Espírito Santo, além de pedagogo, é o iluminador por excelência da Palavra do Pai no Filho. O Espírito, prometido por Jesus e derramado sobre todas as pessoas reunidas no cenáculo, as encoraja e as revigora na missão de anunciar Jesus ao mundo (At 2,1-36). O impulso missionário e testemunhal dos seguidores de Jesus acontece pela força e pela ação do Espírito. Sua força santificadora é vital para os cristãos de ontem, de hoje e do futuro. Por sua ação santificadora purifica⁹⁵⁴ a mente e o coração das pessoas de fé, no sentido de ajudá-las a compreender o que significa “escuta, Israel” (Dt 6,4), pois, como afirma o apóstolo Paulo, a fé vem pela escuta (Rm 10,17).

O Espírito Santo, como pedagogo da escuta, suscita no coração dos fiéis o testemunho da Palavra de Cristo, movimentando sua vida na prática das boas obras. O sal que dá sabor e preserva contra as ciladas corruptas do inimigo e a luz que ilumina o mundo são oferecidos pelo Espírito de Cristo.⁹⁵⁵ Ele é consolo que acalenta e alivia a alma, fogo que acende no íntimo dos fiéis. Sem essa luz, os cristãos nada podem, porque é o Espírito Santo que purifica os corações, rega a aridez do espírito humano, cura o doente, dobra a dureza, guia na escuridão e, no frio, aquece as pessoas de fé; dele, procedem os dons que a Igreja espera e deseja. Por isso, a Igreja suplica ao Espírito de Deus que envie do céu um raio de luz, os dons, uma santa morte e a alegria eterna.⁹⁵⁶

Assim, o Espírito Santo conduz a Igreja e a cada um de seus membros com sua força. O que Jesus proclamou na sinagoga de Nazaré estende-se a toda a Igreja. “O Espírito do Senhor está sobre mim, pois ele me ungiu” (Lc 4,18). A unção é a consagração para a missão. Essa ação é do Espírito que o Pai prometeu (Jo 15,26; Lc 24,49; At 1,8; 2,33). A promessa de Deus se cumpre em Jesus. Nele, toda a humanidade é restaurada. E Jesus fez o mesmo com seus discípulos: soprou sobre eles o Espírito Santo, ungiendo-os e consagrando-os com o mesmo poder que o Pai lhe confiou: “Recebei o Espírito Santo” (Jo 20,22). Jesus abarrotou a vida dos discípulos, isto é, da sua Igreja, com o sopro do seu Espírito. Repletos do Espírito

⁹⁵³ VD 15.

⁹⁵⁴ PROD’HOMME, F., Espírito de Deus, p. 476-477.

⁹⁵⁵ FRANCISCO, PP., Os sacramentos e os dons do Espírito Santo, p. 40.

⁹⁵⁶ Sequência do Espírito Santo.

Santo, proclamavam a todos as maravilhas de Deus por meio do testemunho e da pregação (At 2,1-11).⁹⁵⁷

A Igreja, na qualidade de casa da escuta da Palavra, continua pedindo incessantemente a Deus que todas as nações se unam no louvor de vosso nome. Ela implora o brilho e o fulgor do dom do Espírito Santo. Suplica, ainda que Deus acenda nela a chama da caridade para revelar ao mundo o mistério da salvação, sem perder o ardor do Espírito Santo derramado sobre os apóstolos.⁹⁵⁸ A Igreja tem consciência de que é o Espírito Santo quem a santifica, ensina e recorda os ensinamentos de Cristo.

Por isso, continua rogando a Deus que derrame com largueza os dons do seu Espírito e realize no coração dos fiéis as mesmas maravilhas que fez no início da pregação do Evangelho, concedendo-os a graça de compreender o mistério do sacrifício pascal de Cristo. E, ainda, que enriqueça a Igreja com os dons do céu, conservando-a na graça para crescer nos dons do Espírito Santo e na eterna redenção.⁹⁵⁹

Assim, desde o início da Igreja, o Espírito Santo é quem dá a todos os povos a graça de conhecer a Deus, pois é Ele quem une a todos em uma só fé,⁹⁶⁰ esperança e caridade. Daí compreendermos a importância do Espírito Santo na vida da Igreja e no coração dos fiéis, quando se refere à escuta litúrgica da Escritura. Caso se exclua a ação eficaz do Espírito Santo na vida dos fiéis, a Palavra do Senhor vai se tornar incompreensível, porque a Palavra de Deus chega até à pessoa cristã por meio do Espírito Santo, no corpo da Escritura e no corpo eucarístico.⁹⁶¹ Jerônimo escreve que, para interpretar a Escritura, teremos sempre necessidade da ajuda do Espírito Santo.⁹⁶² Enquanto Irineu de Lyon recorda que,

onde está a Igreja, aí está o Espírito de Deus, e onde está o Espírito de Deus ali está a Igreja e toda a graça. E o Espírito é Verdade. Por isso, os que se afastam dele e não se alimentam para a vida aos seios da Mãe, não recebem nada da fonte puríssima que procede do corpo de Cristo, mas cavam para si buracos na terra como cisternas fendidas e bebem a água pútrida de lamaçal.⁹⁶³

⁹⁵⁷ FRANCISCO, PP., Os sacramentos e os dons do Espírito Santo, p. 41.

⁹⁵⁸ MR, Orações da missa da vigília de Pentecostes, p. 317.

⁹⁵⁹ MR, Orações da missa do dia de Pentecostes, p. 318.

⁹⁶⁰ MR, Prefácio da missa de Pentecostes, p. 319.

⁹⁶¹ VD 16.

⁹⁶² JERÔNIMO, Comentário ao profeta Miqueias, livro I. 1,10.

⁹⁶³ IRINEU DE LYON, Contra as heresias, livro III 24,1.

O que Irineu de Lyon escreveu sobre a ação do Espírito de Deus na vida da Igreja desperta-nos para uma sólida iniciação teológica sobre o Espírito Santo, em vista de uma proposta pastoral de iniciação à fé cristã. Sem essa iniciação, os fiéis continuarão tendo dificuldades em compreender a ação do Espírito como dom de Deus na vida da Igreja. Aliás, a ausência de uma sólida iniciação à teologia sobre o Espírito Santo pode comprometer a ação pastoral da Igreja. Além do mais, poderá ainda levar as pessoas a desenvolver uma piedade devocional, à “imagem” do Espírito Santo, a ponto de tê-lo como um “santo” importante junto de Deus a interceder por nós. Com isso, a compreensão de que o Espírito Santo é o próprio Espírito de Deus concedido à humanidade, como dom, fica comprometida.

A devoção ao Espírito Santo compromete a própria fé da Igreja, quando professa: “Creio no Espírito Santo, Senhor que dá a vida e procede do Pai e do Filho; e com o Pai e o Filho é adorado e glorificado”,⁹⁶⁴ pois o conhecimento de Deus acontece pelo seu Espírito (1Cor 2,11). Como já mencionamos, o Espírito é quem nos faz escutar a Palavra de Deus, como também é Ele a nos revelar Cristo.⁹⁶⁵ O Espírito ensina e recorda a Palavra de Cristo. Desse modo, justifica chamá-Lo de pedagogo da escuta da Escritura na liturgia.

4.3.2 Iniciação bíblico-litúrgica

Desde a origem do cristianismo, ninguém se tornava cristão sem antes conhecer a Escritura. Segundo São Jerônimo, a pessoa que conhece a Escritura conhece também o poder de Deus e sua sabedoria. Assim, ignorar a Escritura significa ignorar Cristo.⁹⁶⁶ A Igreja sempre se preocupou em alimentar os fiéis com uma mesa farta da Escritura. Mesmo diante de tantos percalços no decorrer da história do cristianismo, até à chegada do Concílio Vaticano II, podemos notar que a Escritura, mesmo ofuscada, estava no centro da vida cristã.

A iniciação dos fiéis à escuta da Escritura constitui a base fundamental para a adesão de cada pessoa a Cristo. Contudo, para que essa adesão aconteça, requer-se necessariamente um caminho processual de iniciação à Escritura, o qual sempre foi valorizado pela Igreja, de modo especial na liturgia, pois ela nunca deixou de

⁹⁶⁴ Símbolo niceno-constantinopolitano.

⁹⁶⁵ CEC 687.

⁹⁶⁶ JERÔNIMO, Comentário ao profeta Isaías, p. 774.

cultuá-la e distribuí-la aos fiéis, e sempre a considerou regra suprema de sua fé. Por isso, tanto a religião cristã quanto a pregação devem ser alimentadas e dirigidas pela Escritura.⁹⁶⁷

João Paulo II, por ocasião da celebração do 40º aniversário da *Sacrosanctum Concilium*, em sua Carta apostólica *Spiritus et Sponsa*, exortou toda a Igreja a um exame de consciência com relação à liturgia vivida como fonte e cume da vida eclesial. Nessa carta ele faz as seguintes interrogações: a liturgia é vivida como fonte e ápice da vida eclesial, segundo o ensinamento da *Sacrosanctum Concilium*? A redescoberta do valor da Escritura, dado pela reforma litúrgica, tem encontrado indicação positiva em nossas celebrações? Segundo o Papa, a base dessas questões deve nos levar a um aprofundamento de plena fidelidade à Escritura e à Tradição, autorizado e interpretado de modo especial pelo Vaticano II e confirmado sucessivamente pelo Magistério.⁹⁶⁸

Nesse aspecto, mais do que nunca, é essencial fomentar nos fiéis uma formação consistente da Escritura, para que possam fartar-se do mais saboroso alimento na liturgia, que é a Palavra e a Eucaristia.⁹⁶⁹ Esse processo formativo favorecerá uma participação mais plena, consciente, ativa e proveitosa deles nas celebrações litúrgicas,⁹⁷⁰ além de confirmar o que o Concílio Vaticano II incentiva e exorta na constituição dogmática *Dei Verbum*: “É preciso que os fiéis tenham amplo acesso à Escritura”.⁹⁷¹ Quanto mais instruídos pela Escritura os fiéis estiverem, mais imbuídos de amor estarão pela Palavra de Deus, impulsionando-os a propagar a mensagem da salvação.⁹⁷²

Daí a urgência em iniciar as pessoas à escuta da Escritura, pois não basta saber que um dos grandes desafios pastorais na Igreja, hoje, é o desconhecimento da Escritura; é preciso também iniciativas que motivem as pessoas a conhecer melhor a Bíblia, a fim de que participem ativamente na escuta da Palavra de Deus, proclamada na liturgia.

Portanto, diante da urgente necessidade de iniciar as pessoas à Escritura, algumas questões carecem de profundas reflexões para se dar passos seguros nesse

⁹⁶⁷ DV 21.

⁹⁶⁸ SS 6-7.

⁹⁶⁹ SS 7.

⁹⁷⁰ SC 14.

⁹⁷¹ DV 22.

⁹⁷² CNBB, Doc. 109, 148.

sentido. Antes de tudo, importa considerar que o desconhecimento das pessoas sobre a Palavra de Deus pode acontecer porque elas nunca encontraram alguém que lhes apresentasse esse tesouro. Pode ser também porque não tiveram condições de adquirir a Bíblia. Todavia, o que chama a atenção nesse processo de iniciação à Escritura é que, entre tantas categorias humanas, encontramos situações que requerem especial cuidado pastoral, que implica uma atenção apurada para com as pessoas não alfabetizadas e com deficiência; estas não podem ser esquecidas nem descartadas dessa iniciação.⁹⁷³

Nesse sentido, como Igreja, somos interpelados a dar atenção e oportunidade de acesso ao conhecimento da Escritura a todos, sem distinção; porém, para que isso aconteça, primeiro precisamos providenciar a Bíblia para as pessoas, principalmente àquelas que não têm condições financeiras, e, depois, preparar na comunidade um ambiente adequado que lhes facilite o acesso à interação e ao conhecimento da Palavra de Deus, utilizando, para isso, iniciativas que lhes incentivem e lhes favoreçam a alfabetização, até mesmo utilizando os sistemas Libras e Braile.⁹⁷⁴

Quando a Escritura ocupa o centro da vida cristã da comunidade, as pastorais se renovam e as pessoas passam a ser protagonistas da mensagem do Evangelho com mais convicção. A Escritura, como a alma da Teologia, também deve ser alimento que sustenta o ministério da pregação, a catequese e a homília.⁹⁷⁵ Entretanto, para que esse alimento seja saboroso e sólido, requer-se dos envolvidos um contato íntimo com a Escritura, isto é, sua leitura orante, diária e frequente, e seu estudo por parte de todos que estão à frente dos diversos ministérios na comunidade.⁹⁷⁶

Esse contato íntimo com a Escritura impulsiona os anunciadores do Evangelho a ser praticantes da Palavra e não meros ouvintes (Tg 1,22). Agostinho de Hipona, em um de seus inúmeros sermões, exortava a comunidade cristã de sua época a não se enganar escutando a Escritura sem a intenção de praticá-la. Segundo

⁹⁷³ CNBB, estudos 109, 39.

⁹⁷⁴ CNBB, estudos 109, 40.

⁹⁷⁵ DV 24.

⁹⁷⁶ DV 25.

ele, se escutar a Escritura é bom, melhor ainda é praticá-la. Sem prontidão para escutá-la, a pessoa negligencia a sua escuta e não se edifica como cristão.⁹⁷⁷

Seguindo a visão de Agostinho, vemos que, para praticar a Escritura, é preciso uma compreensão profunda da Palavra de Deus. Daí a necessidade de pessoas iniciadas ajudarem na formação de quem quer conhecer e compreender a Escritura. É grande a carência de conhecimento da Bíblia, e isso pode ser notado não somente naqueles que estão inseridos na dinâmica pastoral da comunidade como também nos que foram batizados, mas não evangelizados; sem contar aqueles que nunca foram iniciados na Escritura.

A fé vem pela escuta da Escritura (Rm 10,17) e, como processo, vai se desenvolvendo em cada cristão, mesmo exposto aos inúmeros desafios da vida; daí ele é convidado a enfrentar com novas dinâmicas a vocação cristã. Com isso, surge a necessidade de uma iniciação bíblica que atenda às diferentes exigências contemporâneas, no que se refere à idade dos sujeitos e ao seu estado de vida. Para tanto, uma atenção especial deve ser dada aos elementos antropológico-evolutivos e teológico-pastorais, sem desconsiderar o aspecto das ciências da educação. Pedagogicamente, nesse quesito, é preciso considerar o devido respeito por toda etapa da vida humana.⁹⁷⁸

4.3.1.1 Na Igreja doméstica e paroquial

Assim, respeitando de maneira pedagógica as etapas da vida humana e inspirados no Diretório para a Catequese do Pontifício Conselho para a Promoção da Nova Evangelização, podemos dizer que os lugares de iniciação à escuta da Escritura são bastante amplos, tanto no âmbito familiar quanto paroquial. A família, Igreja doméstica, torna-se ambiente prioritário no contexto familiar de iniciação à escuta da Escritura, sendo vista do seguinte modo: iniciação bíblica na família, com a família e da família. E, no âmbito paroquial, essa iniciação pode ser uma realidade na formação de jovens e adultos que se preparam para o matrimônio, com casais jovens, com pais e padrinhos de Batismo, com pais e filhos que fazem o caminho de iniciação à vida cristã. Pode também ser uma iniciação intergeracional que contemple gerações diferentes, dentro de uma família ou comunidade, nos passos

⁹⁷⁷ AGOSTINHO, Sermão, 179,8.

⁹⁷⁸ DC 224-225.

do ano litúrgico. Sem contar ainda que essa iniciação pode acontecer nos grupos de casais e nos grupos de famílias como protagonistas do testemunho matrimonial.⁹⁷⁹

A iniciação à Escritura na família pode ser experienciada de maneira simples e espontânea, por ser o lugar primário do anúncio da fé. Isso porque é nesse hábitat natural que a pessoa desperta para Deus, dá os primeiros passos na vida de oração, aprende valores, desperta a consciência moral e o senso do amor humano cristão e aprende a dar o testemunho da sua fé em Cristo. O lar cristão constitui o Evangelho vivo, e o casal participa do mistério da unidade e do amor fecundo de Cristo e de sua Igreja. O protagonismo da família cristã é fruto da compreensão da missão dada por Cristo, aprendida na Escritura.⁹⁸⁰

A iniciação bíblica com a família acontece quando a Igreja, família das famílias, anuncia o Evangelho, fazendo ressoar sempre o primeiro anúncio, o mais belo, mais atraente e mais necessário para toda ação evangelizadora.⁹⁸¹ Além do mais, a catequese bíblica com as famílias é caracterizada por um estilo de humilde compreensão do anúncio concreto do Evangelho. Com isso, a Igreja promove vínculos com as famílias, fazendo-as experimentar a alegria do Evangelho, enchendo-lhes o coração e a vida inteira, pois em Cristo a pessoa humana é libertada do pecado, da tristeza, do vazio interior e do isolamento.⁹⁸² Conscientemente, passa pelo itinerário querigmático, porque é diante da família e no meio dela que o primeiro anúncio deve ressoar.

Quanto à formação bíblica da família, como possuidora da dimensão missionária, participa da missão evangelizadora da Igreja como sujeito da educação de seus filhos na fé,⁹⁸³ além de contribuir para a edificação da comunidade cristã e dar testemunho do Evangelho na sociedade. Essa missão da família deve acontecer em profunda comunhão e harmonia com a comunidade eclesial.⁹⁸⁴ Assim, a formação bíblica da família será uma contribuição específica que as famílias cristãs, com sua própria sensibilidade, fazem para os diversos itinerários de fé que a comunidade propõe.⁹⁸⁵

⁹⁷⁹ DC 227-232.

⁹⁸⁰ DC 227-228.

⁹⁸¹ AL 58; EG 35.164; DC 230.

⁹⁸² AL 200; EG 1.

⁹⁸³ DC 231; AL 289.

⁹⁸⁴ FC 53.

⁹⁸⁵ DC 231.

Mas no âmbito paroquial, essa iniciação bíblica pode acontecer em todas as pastorais, movimentos e outras frentes de ação missionária da comunidade. Contudo, mediante uma constante conversão pastoral, será importante a escuta sensível dos novos contextos familiares para uma profícua formação bíblica. Mediante tantos desafios que emperram o anúncio do Evangelho, podemos contar com a força do Espírito que impulsiona e clareia novos horizontes.

Com isso, aparecem novos métodos que favorecem o ensino e a compreensão da Escritura, aliados à iniciação da vida litúrgica. Muitos subsídios de apoio, para os iniciadores à vida cristã, retomam a importância de fazer discípulos para Cristo, iniciando pessoas na Escritura e na liturgia, com encontros catequéticos celebrativos desde o ventre materno até à mais tenra idade.⁹⁸⁶

Uma experiência que tem sido muito interessante é a catequese com pais gestantes. Um dos objetivos desse trabalho é estimular e fortalecer a experiência comunitária da fé celebrada. Essa catequese de iniciação à fé cristã que começa com o ventre materno está em perfeita sintonia com a liturgia, que é celebração do mistério da vida. Esse projeto iniciou-se em 2009, com pequenas práticas com pais gestantes, a partir das canções de Ghislaine Cantini.⁹⁸⁷

Mais tarde foi publicado o livro “Celebrando a vida: catequese com o ventre materno”, que tem a finalidade de ajudar a família a iniciar um itinerário de educação da fé a partir do ventre materno, priorizando a dimensão celebrativa nos encontros com pais gestantes. E a proposta dos encontros é que sejam práticas orantes de petição e gratidão pelo dom da vida, em que haja conhecimento e vivência da fé cristã, fortalecimento de laços fraternos entre as famílias e a comunidade e a intensificação da fé dos pais e de padrinhos. Junto com o livro, há um CD de canções de ninar para ajudar nos encontros.⁹⁸⁸

Esse itinerário com gestantes tem sido importante para desenvolver, na pessoa, mesmo antes de seu nascimento, o prazer de escutar a Escritura,

⁹⁸⁶ E. Calandro e J. S. Ledo publicaram, em 2015, pela editora Scala, subsídios que contemplam as diversas etapas da vida humana, como: Celebrando a catequese com o ventre materno: itinerário com gestantes (2015); Catequese com crianças: itinerário I e II; Catequese com adolescentes e jovens: itinerário I e II; Catequese com adultos: itinerário I e II. Outra coleção dos mesmos autores, publicada pela editora Paulus, é a da psicopedagogia catequética, com reflexões e vivências conforme as idades para a catequese com crianças, adolescentes e jovens, e também com pessoas idosas. Essa coleção e os subsídios poderão ajudar muito a iniciação bíblico-litúrgica das pessoas.

⁹⁸⁷ CALANDRO, E.; LEDO, J. S., Celebrando a vida, p. 6.

⁹⁸⁸ CALANDRO, E.; LEDO, J. S., Celebrando a vida, p. 6-7.

principalmente quando é musicada. Ao mesmo tempo, é uma catequese celebrativa que proporciona ao bebê afeto, acolhida, cura e perdão. O cérebro humano possui estruturas específicas para processar ondas sonoras de natureza musical. Com isso, o cérebro infantil precisa ser estimulado desde muito cedo para facilitar seu desenvolvimento. Não existe uma idade para iniciar os estímulos sonoros. O desenvolvimento neurofisiológico auditivo no feto humano é bem precoce. Já na vigésima primeira semana, o sentido da audição humana está preparado para ouvir alguns sons, do corpo da mãe gestante, e até mesmo externos, de certa intensidade, como a voz humana. Daí a importância de conversar com a criança no ventre materno.⁹⁸⁹

Há algumas décadas obstetras vêm trabalhando a ideia do “parto humanizado” com gestantes.⁹⁹⁰ O mais interessante é que esse tipo de parto acontece por meio de um itinerário que percorre todo o processo de gestação dos pais gestantes. Aí está a importância da espiritualidade a partir do parto humanizado. E a catequese celebrativa com pais gestantes tem também essa preocupação de prepará-los para o nascimento da criança para o mundo e para Deus. Acompanhar e celebrar com os pais o mistério da vida, nesse momento, é muito importante e essencial para a vivência da fé cristã. Aliás, a escuta da Escritura é ponto central desses encontros.⁹⁹¹ Com isso, a criança, ainda na barriga da mãe, já vive uma experiência profunda de encontro com Cristo, ao receber o salutar alimento da Palavra de Deus⁹⁹² pela escuta da Escritura e dos salmos, das músicas

⁹⁸⁹ CALANDRO, E.; LEDO, J. S., *Celebrando a vida*, p. 9.

⁹⁹⁰ O termo “humanizar” na assistência ao parto é utilizado há décadas aqui no Brasil. O pai da obstetrícia brasileira, Fernando Magalhães, empregou este termo no início da década de 1920, e Jorge de Rezende, por volta da segunda metade do século. Ambos eram defensores da assistência humanizada nos partos. No cenário internacional de obstetrícia médica, entre tantos, destaca-se o norte-americano Joseph Delee (DINIZ, C. S. G., *Humanização da assistência ao parto no Brasil*, p. 628. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/csc/a/JQVbGPcVFfy8PdNkYgJ6ssQ/?lang=pt&format=pdf>>. Acesso em: 30 set. 2021).

⁹⁹¹ CALANDRO, E.; LEDO, J. S., *Celebrando a vida*, p. 13-15.

⁹⁹² São onze encontros, e cada um traz uma temática bíblica: “Se vier conosco, compartilharemos com você todas as coisas boas que o Senhor nos der” (Nm 10,32); “A criação geme em dores de parto” (Rm 8,22); “Alegra-te, cheia de graça, o Senhor está contigo!” (Lc 1,28); “Quero ficar em sua casa hoje” (Lc 19,5); “Não tenhas medo, Maria, porque encontrastes graça diante de Deus” (Lc 1,30); “Eis que conceberás e darás à luz um filho, a quem porás o nome de Jesus” (Lc 1,31); “Quando Isabel ouviu a saudação de Maria, a criança pulou no seu ventre” (Lc 1,41); “Ouça, meu filho, a instrução de seu pai e não despreze o ensino de sua mãe (Pr 1,8); “Bendito é o fruto do teu ventre” (Lc 1,42); “Quando o bebê nasce, ela esquece a angústia, por causa da alegria de um ser humano ter vindo ao mundo” (Jo 16,21); “Batizando-as em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo” (Mt 28,19) (CALANDRO, E.; LEDO, J. S., *Celebrando a vida*, p. 74).

espirituais. Sente-se, então, acolhida, amada e esperada com alegria por todos, inclusive pela comunidade cristã.

Portanto, a catequese celebrada com o ventre materno, além de gerar saúde física e espiritual para a criança e um sentimento de pertença à comunidade cristã, proporciona a todas as pessoas, no campo pastoral, motivação e esperança, vivacidade da fé e alegria por fazer parte do discipulado de Cristo. Assim, sem demagogia, pode-se vislumbrar aí uma assembleia totalmente ministerial, pois uma comunidade iniciada na fé pela escuta da Escritura, celebrada desde o ventre materno até à mais tenra idade, só poderá ter uma finalidade: produzir cristãos mais conscientes e abertos à escuta e à prática da Palavra de Deus celebrada na liturgia.

Assim sendo, a catequese com o ventre materno é outro meio de estimular a catequese celebrada em família, Igreja doméstica. Pais iniciados na vida cristã são também pais iniciadores. Essa é a dinâmica evangelizadora de uma Igreja em saída.⁹⁹³ Contudo, como já lembramos anteriormente, temos muitos batizados, mas um número muito pequeno de batizados evangelizados. Com isso, cabe a nós, como Igreja, uma verdadeira conversão pastoral e coragem para iniciar os não iniciados à vida cristã. Desse modo, há necessidade de uma catequese que incentive os pais na sua missão de educadores da fé de suas crianças, a qual deve ser oferecida pela Igreja, por meio de um acompanhamento processual e permanente de formação à vida cristã.

Pessoas batizadas e evangelizadas, sem dúvida, serão também iniciadoras. Com isso, os jovens, na celebração do sacramento do Matrimônio, entenderão o que significa acolher com amor os filhos e filhas que Deus lhes confiar e educá-los na lei de Cristo e da Igreja.⁹⁹⁴ Conscientes desse propósito, quando forem agraciados por Deus com filhos, compreenderão o que significa pedir à Igreja o Batismo para suas crianças. Além do mais, manifestarão publicamente, com mais convicção, a disposição de ajudar os filhos a crescer na fé, a observar os mandamentos e a se ver como comunidade dos seguidores de Jesus. Todavia, os pais não estão sozinhos nessa missão, porque escolherão padrinhos iniciados na fé que se prontificarão a

⁹⁹³ EG 20.

⁹⁹⁴ RM 94.

colaborar com eles, e há também a assembleia cristã reunida na celebração do Batismo, que se predispõe a ser uma comunidade de fé e de amor para as crianças.⁹⁹⁵

Talvez possamos pensar que é muita utopia o que expusemos acima, comparado à realidade em que vivemos hoje, com suas complexidades pastorais, por exemplo: as polarizações nas comunidades e o pouco tempo que as pessoas têm para fazer o itinerário de escuta da Escritura nas vivências celebrativas da iniciação à vida cristã; sem contar que a maioria dos irmãos e irmãs que atuam na comunidade, provenientes de seminários, casas religiosas e até mesmo do clero, também não é iniciada na vida cristã da comunidade.

Nesse sentido, o Diretório para Catequese apresenta os novos desafios encontrados nos diversos contextos familiares, hoje, mas também exorta o cuidado, o respeito e a solicitude pastoral por parte Igreja para acompanhar os filhos e filhas marcados pelo amor ferido, a fim de devolver-lhes a confiança e a esperança.⁹⁹⁶ Por isso, iniciar pessoas à Escritura e à liturgia será muito importante para a vivência comunitária da fé. Assim, será necessário um trabalho corajoso de acompanhamento na fé e de introdução à vida da comunidade de pessoas em situações chamadas irregulares, o que implica uma tomada de decisão muito séria em relação a cada uma, mediante o projeto que Deus tem para ela.⁹⁹⁷

Desse modo, a proximidade, a escuta e a compreensão da Igreja sobre cada um serão essenciais nesse processo de iniciação à Palavra de Deus e à liturgia. O que parece impossível pode ser possível com a renovação das paróquias mediante uma conversão pastoral de inspiração catecumenal.⁹⁹⁸ Nesse sentido, cada pessoa poderá ser acompanhada pela Igreja nas diversas fases de sua vida, por meio de encontros vivenciais iniciáticos com crianças ainda no ventre materno até idosos, sem excluir nenhuma situação em que pessoa se encontra.⁹⁹⁹

Portanto, o testemunho de fé e de amor da comunidade para com as crianças chancela e compromete a missão de acompanhar e auxiliar os pais na educação da

⁹⁹⁵ RBC 110-114.

⁹⁹⁶ DC 234.

⁹⁹⁷ EG 160.

⁹⁹⁸ João F. Reinert, em seu livro *Inspiração catecumenal e conversão pastoral*, mais precisamente nos capítulos 4 a 6, desenvolve bem essa temática da conversão pastoral, contextualizando os desafios e apontando possíveis caminhos para uma renovada iniciação à vida cristã (REINERT, J. F. *Inspiração catecumenal e conversão pastoral*, p. 67-138).

⁹⁹⁹ DC 235-282.

fé das crianças. Todas as pessoas batizadas, chamadas à maturidade da fé, devem ter por direito uma catequese adequada. Assim, a missão da Igreja é corresponder de modo satisfatório a essa catequese. O anúncio do Evangelho se destina concretamente a cada pessoa inserida em um contexto particular e marcado de diversas formas: psicológica, social, cultural e religiosamente, mas todas e cada uma dessas pessoas estão compreendidas no mistério da redenção.¹⁰⁰⁰

4.3.1.2 Dos pastores e fiéis

O Concílio Vaticano II afirma que, nos seminários e nas casas religiosas, os clérigos devem receber sólida formação litúrgica da vida espiritual, mediante uma adequada compreensão iniciática dos ritos, de modo a participar deles plena e ativamente, imbuídos do espírito da liturgia, por meio de ações litúrgicas. Nesse sentido, devem ser educados a observar as leis litúrgicas a ponto de estarem profundamente marcados pelo espírito da liturgia. Do mesmo modo, os sacerdotes são chamados a receber um suporte de formação permanente, necessário para que celebrem a liturgia entendendo o que estão fazendo, de modo a vivê-la em profunda comunhão com os fiéis.¹⁰⁰¹

Por ocasião do vigésimo quinto aniversário do Concílio Vaticano II, o papa João Paulo II escreveu uma Carta Apostólica a todos os bispos e padres, com orientações litúrgicas, para melhor compreenderem a reforma litúrgica e a colocarem em prática. Nessa carta, o Papa apresenta o urgente empreendimento de uma educação intensiva que ajude todos a descobrir as riquezas contidas na liturgia. Isso porque a liturgia da Igreja é algo que extrapola a reforma litúrgica.¹⁰⁰²

Os fiéis são convocados, então, a participar da liturgia interior e exterior, de acordo com sua idade, condição, gênero de vida e grau de cultura religiosa. Para tanto, os pastores necessitam atuar com paciência na formação deles, conduzindo-os por meio de palavras e atitudes.¹⁰⁰³ Aliás, a dignidade da celebração litúrgica exige que ministros e fiéis desempenhem suas funções de acordo com a natureza da liturgia e de suas normas. Além disso, acólitos, leitores, comentadores e cantores,

¹⁰⁰⁰ RH 13.

¹⁰⁰¹ SC 17-18.

¹⁰⁰² VQA 14; DCe 9.

¹⁰⁰³ SC 19.

desde cedo, devem estar imbuídos do espírito da liturgia e ser iniciados devidamente no correto desempenho de seu ministério. Pelo ofício do ministério litúrgico, todos, no serviço à liturgia, têm de desempenhar com devoção e ordem seu ministério, como exige o povo de Deus, com todo direito.¹⁰⁰⁴

João Paulo II retoma o Concílio para falar da urgência da formação litúrgica dos pastores e dos fiéis. Segundo ele, a missão mais urgente e necessária da Igreja é a da formação bíblica e litúrgica deles, e, enquanto os pastores não estiverem imbuídos do espírito da liturgia e dela não se tornarem mestres, dificilmente se poderá esperar uma participação plena e ativa do povo nas ações litúrgicas.¹⁰⁰⁵ Esse trabalho exige esforço mútuo, pois é uma empreitada grande, que deve iniciar-se nos seminários e nas casas de formação religiosa e continuar ao longo da vida dos sacerdotes, religiosos e religiosas. Da mesma forma, essa formação inicial e contínua deve ser dada aos leigos e leigas,¹⁰⁰⁶ pois a liturgia não é algo desencarnado do tempo e da história, mas está sujeita aos novos desafios que aparecem ou são revestidos de nova importância,¹⁰⁰⁷ que carecem ser trabalhados para a santificação dos fiéis e a glorificação de Deus.¹⁰⁰⁸

Além da iniciação litúrgica, o Concílio Vaticano II afirma que as pessoas precisam ter amplo acesso à Palavra de Deus. E, por causa de sua importância, a Bíblia necessita de uma esmerada tradução para melhor compreensão das pessoas. Por isso, é essencial iniciar os fiéis no estudo tanto das Escrituras quanto também dos Padres da Igreja e da liturgia. Fiéis bem preparados e iniciados poderão oferecer aos outros o saboroso alimento da Escritura e inflamar o coração das pessoas no amor de Deus.¹⁰⁰⁹ Conscientes de que a maior parte das pessoas só tem contato com a Escritura na liturgia, acentuamos mais ainda a necessidade da iniciação bíblica, que ajudará as pessoas a conservarem o suave e vivo gosto pela Palavra de Deus.¹⁰¹⁰

Nesse sentido, toda a comunidade deve ser despertada para uma conversão pastoral, por meio de uma boa formação bíblico-litúrgica. O interesse das pessoas pela Escritura e pela liturgia fortalecerá a consciência da ministerialidade da Igreja.

¹⁰⁰⁴ SC 28-29.

¹⁰⁰⁵ VQA 15; SC 14.

¹⁰⁰⁶ VQA 15; SC 19.

¹⁰⁰⁷ VQA 17.

¹⁰⁰⁸ SC 9.

¹⁰⁰⁹ DV 23.

¹⁰¹⁰ SC 24.

Além do mais, a probabilidade do despertar de carismas e ministérios será grande, e as dificuldades enfrentadas hoje, com relação ao comprometimento dos fiéis nas diversas frentes de trabalho, poderão ser supridas com mais facilidade. Sem contar que todos os que servem na liturgia o farão imbuídos da Palavra de Deus e da liturgia, além de desejarem se preparar bem para servir o povo de Deus com alegria nas ações litúrgicas.

Bento XVI, na Exortação Apostólica pós-sinodal *Verbum Domini*, escreve que todos os que exercem o ministério de leitor na liturgia devem receber uma cuidadosa formação bíblica, litúrgica e técnica.¹⁰¹¹ O acento na pessoa do leitor, nesse momento, se deve à importância da imagem sacramental do proclamador da Palavra. Com isso, porém, não estamos desmerecendo os demais ministérios, pois o que se diz dos leitores vale também para os demais ministérios.

Mas qual é o objetivo dessa formação para os leitores? A formação bíblica tem como objetivo prepará-los para o ministério do leitorado. Essa preparação ajudará quem for instituído ao ministério do leitorado a compreender melhor o contexto da Escritura e a identificar a centralidade do anúncio da revelação divina à luz da fé. Já a formação litúrgica favorecerá a compreensão e o sentido da Escritura na liturgia, o que, além de facilitar a percepção do sentido da estrutura da liturgia da Palavra, esclarecerá a relação entre liturgia da Palavra e liturgia eucarística. A formação bíblica e litúrgica das pessoas que serão instituídas no ministério do leitorado tem por finalidade a preparação espiritual, enquanto a formação técnica ajudará os leitores a se tornar cada vez mais idôneos na arte de ler em público tanto com voz natural quanto com a ajuda de instrumentos de amplificação sonora.¹⁰¹²

Nesse sentido, quanto mais a Escritura for conhecida e compreendida pelos que exercem o ministério do leitorado na liturgia, melhor será a compreensão da assembleia sobre a Palavra proclamada. Sem contar que a atuação dos fiéis no mundo, como testemunhas do Evangelho, será transformada pela Palavra de Deus. Com isso, podem aparecer novas exigências no campo pastoral, tais como: a fidelidade e a autenticidade na tradução dos textos bíblicos; o modo de proclamar a Escritura na liturgia; as disposições interiores dos que estão a serviço da Palavra na

¹⁰¹¹ VD 58.

¹⁰¹² OLM 55; VD 58; SC 29.

assembleia litúrgica; a preparação cuidadosa da homilia; o esforço dos fiéis em participar da mesa salutar da Palavra; o gosto pela oração sálmica e o desejo de encontro com Cristo, como os discípulos de Emaús, em torno da mesa da Palavra e do Pão.¹⁰¹³

O papa Francisco afirma que uma liturgia que se separa do culto espiritual corre o risco de se desvirtuar, de perder sua originalidade cristã e de decair em um sentimento sacral genérico, quase mágico e esteticista. A liturgia, como obra de Cristo, impele-nos a nos revestirmos dos mesmos sentimentos de Cristo. Assim sendo, será necessário continuar o caminho indicado pelos Padres conciliares no Vaticano II, visto que a *Sacrosanctum Concilium* ainda não foi assimilada e compreendida de forma consciente e completa por parte dos batizados e das comunidades eclesiais. Portanto, é necessário um compromisso sólido e orgânico de iniciação e formação litúrgica dos fiéis, do clero e das pessoas consagradas.¹⁰¹⁴

Com tudo isso, somos estimulados a olhar com esperança para um futuro promissor em vista de uma Igreja educada à escuta da Palavra de Deus e iniciada à vida cristã. A liturgia, mesmo desafiada por situações novas e complexas do mundo contemporâneo secularizado e polarizado, é chamada a enfrentar com coragem e esperança esses desafios. Contudo, na liturgia sobressai a necessidade de uma renovada espiritualidade,¹⁰¹⁵ pois as pessoas anseiam pelo encontro com o Deus vivo e a liturgia pode oferecer uma resposta eficaz para isso. Desse modo, cabe aos pastores fazer com que o sentido do mistério penetre na consciência das pessoas, a ponto de voltarem a descobrir a prática da arte mistagógica, tão vivida pelos Padres da Igreja nos primeiros séculos.¹⁰¹⁶

Entretanto, isso exigirá da pastoral litúrgica a formação de todos na comunidade, com a promoção de celebrações do mistério pascal bem preparadas, ativas, frutuosas e proveitosas. Para tanto, cabe atentar para as diversas categorias de pessoas, como já mencionamos: crianças, adolescentes, jovens, adultos, idosos e pessoas com deficiência. Todos são chamados a se sentir bem acolhidos nas

¹⁰¹³ VQA 8; DC 10.

¹⁰¹⁴ FRANCISCO, PP., Mensagem aos participantes do simpósio pelo cinquentenário da promulgação da Constituição *Sacrosanctum Concilium*, p. 1-2.

¹⁰¹⁵ SS 11.

¹⁰¹⁶ VQA 81.

assembleias litúrgicas, para poderem respirar a atmosfera da primeira comunidade dos cristãos (At 2,42).¹⁰¹⁷

Isso exigirá educação ao silêncio para uma profunda escuta do mistério celebrado. A experiência do silêncio¹⁰¹⁸ no interior da Igreja é muito importante, pois contribui para que as pessoas acolham em seus corações a plena ressonância da voz do Espírito Santo¹⁰¹⁹ e unam a oração pessoal à Palavra de Deus e à voz pública da Igreja.¹⁰²⁰ Em nossa sociedade, cada vez mais acelerada, desorientada pelo barulho e perda por aquilo que é finito, urge redescobrir o valor do silêncio. Nesse quesito, fora do culto cristão, propagam-se práticas de meditação para facilitar o recolhimento das pessoas e trazer-lhes bem-estar.

Além da educação ao silêncio, é necessário educar-se à oração da Escritura. Para isso, compete à pastoral litúrgica inculcar nas pessoas o gosto pela oração a partir da Palavra de Deus, o que requer uma audaciosa prática pedagógica de educação para a escuta da Escritura na liturgia. Assim, a liturgia deve ser o lugar propício para favorecer o silêncio e a oração bíblica. A oração da pessoa de fé brota do coração silencioso. Portanto, a pedagogia da Igreja deve ser ousada no que se refere à experiência orante da Escritura, tanto pela *Lectio Divina* quanto pela Liturgia das Horas ou celebração dominical da Palavra de Deus. Seja individual, seja comunitária,¹⁰²¹ essa prática pertence a todo o Corpo da Igreja e é alimento para a vida espiritual das pessoas.¹⁰²² A educação à oração da Escritura é imprescindível para a formação cristã de todos, de modo especial na promoção da vida litúrgica da Igreja.¹⁰²³

O contato com a Escritura na liturgia e na *Lectio Divina* revigora a vida dos ministros ordenados, dos consagrados e consagradas e de todo o povo. Esse contato assíduo com a Palavra de Deus reacende um ardor renovado na vida da Igreja. O Espírito Santo, pedagogo do ensinamento de Jesus, é que impulsiona as pessoas de fé a fazer discípulos para Jesus todas as nações, pelo Batismo, e ensiná-las a obedecer aos mandamentos (Mt 28,19-20). Assim, a renovada pastoral da Igreja,

¹⁰¹⁷ SS 12.

¹⁰¹⁸ SC 30.

¹⁰¹⁹ SS 13.

¹⁰²⁰ IGLH 22.

¹⁰²¹ SC 90.

¹⁰²² SC 12-13.

¹⁰²³ SS 15.

capaz de gerar comunidades fervorosas e promotoras da caridade fraterna, passa pela renovada conversão pastoral de seus ministros. Uma conversão tal que os torna comprometidos em sustentar as pessoas com o alimento da Escritura.¹⁰²⁴

A Igreja, ao incentivar uma praxe de inspiração catecumenal, é instigada a retornar uma prática de iniciação cristã aplicada em todas as fases da vida humana. Dessa prática, surge uma geração nova marcada pela compreensão e pela valorização da Escritura na própria vida. Quanto mais acesso à Escritura, melhor o conhecimento das pessoas sobre a verdade revelada. Com isso, há uma mudança de mentalidade: de uma pastoral meramente sacramental passa-se para uma pastoral envolvida com a vida missionária da Igreja. Isso porque sua finalidade é a de sempre revigorar o assíduo contato com a Escritura, pelo serviço de animação bíblica, grupos de reflexão, círculos bíblicos etc.¹⁰²⁵ Nesse ínterim, o desafio da pastoral da Igreja é o de recuperar para as pessoas cristãs o sentido de que a Escritura é alimento de salvação e vida, além de ser também a mediação do encontro e da comunhão de Cristo cabeça com seu corpo redimido.¹⁰²⁶

Daí a Igreja, com a missão de iniciar todos os seus membros à Escritura e à liturgia, é conclamada a incutir na mente e no coração das pessoas a máxima importância da Palavra de Deus celebrada. Pela liturgia, a Escritura nutre a esperança das pessoas e desperta suas consciências para sua missão no mundo. Além de franquear a possibilidade de rezar a Escritura, a Igreja celebra e cultua a Palavra de Deus. A Escritura, lida, rezada, meditada, contemplada e celebrada, enriquece a Igreja com os sinais de Deus.¹⁰²⁷

Dessa forma, quanto mais a Igreja avançar na formação bíblico-litúrgica dos pastores e das pessoas batizadas, melhor será a participação da assembleia nas celebrações litúrgicas. Os belos projetos e planejamentos paroquiais de formação bíblico-litúrgica necessitam ser executados nas comunidades. É urgente essa passagem do teórico-prático para o vivencial-celebrativo da Escritura. Aí está o caminho de uma pastoral inteiramente convertida à renovação da mente e do coração. Não resta dúvida de que esse caminho é um dos que conduzem a uma

¹⁰²⁴ FERNANDES, L. A., *Da Dei Verbum à Verbum Domini*, p. 51-52.

¹⁰²⁵ FERNANDES, L. A., *Da Dei Verbum à Verbum Domini*, p. 52-53.

¹⁰²⁶ RETAMALES, S. S., *A animação bíblica pastoral*, p. 20.

¹⁰²⁷ SANTANA, L. F. R., *A Palavra de Deus na celebração litúrgica*, p. 95.

sólida prática de vida missionário da Igreja, a ponto de colocá-la fora de sua zona de conforto e segurança.

Como escreve o papa Francisco: “Prefiro uma Igreja acidentada, ferida e enlameada por ter saído pelas estradas, a uma Igreja enferma pelo fechamento e a comodidade de se agarrar às próprias seguranças”.¹⁰²⁸ Com relação a essa questão, o Papa nos ajuda a compreender que a Igreja não deve ser o centro das atenções. Muito pelo contrário, a compreensão da Escritura e da liturgia deve inquietar a consciência de cada pessoa cristã a não ter paz enquanto houver irmãos sem a força da fé, a consolação da amizade com Cristo e sem acolhida por perderem o sentido da vida.¹⁰²⁹ Uma Igreja educada à Escritura e à liturgia é dinâmica, peregrina, acolhedora e humana.

4.3.1.3 Experiências mistagógicas

A educação à escuta litúrgica da Escritura requer, antes de tudo, experiência profunda com Cristo. Essa experiência passa pela mistagogia da Escritura celebrada nos encontros de iniciação à vida cristã das pessoas, nas suas várias etapas da vida. Como exposto, uma iniciação que começa no ventre até chegar à pessoa idosa, independentemente de sua condição social, abrange a todos de forma inclusiva e integral.¹⁰³⁰

Mas como vivenciar as experiências mistagógicas da Escritura na comunidade de fé? Como já citamos, as pessoas que estão na linha de frente da comunidade necessitam passar pela experiência do processo de iniciação à vida cristã e estar convencida de que esse modelo pastoral com inspiração catecumenal funciona e é urgente na atualidade. A Comissão Episcopal Pastoral para a Animação Bíblico-Catequética da CNBB afirma que a iniciação à vida cristã não esgota a preparação do Batismo, da Crisma e da Eucaristia, mas reforça e fortalece a adesão das pessoas ao discipulado de Cristo quantas vezes for necessária.¹⁰³¹

¹⁰²⁸ EG 49.

¹⁰²⁹ EG 49.

¹⁰³⁰ J. Reinert desenvolve a ideia de que a relação entre paróquia e iniciação cristã é urgente. Ele apresenta uma interdependência entre a renovação paroquial e a mistagogia catecumenal. Na sua tese doutoral, ele descreve a importância das etapas da iluminação/purificação, da mistagogia, da conversão mistagógica paroquial, do processo de experiência mistagógica, da mistagogia da Escritura, de pastorais mistagógicas e liturgias mistagógicas (REINERT, J. F., *Paróquia e iniciação cristã*, p. 264-276).

¹⁰³¹ CEPABC, *Itinerário catequético*, p. 55.

Diante das inúmeras mudanças de nosso tempo, o anúncio do Evangelho deve ser escutado e explicitado cotidianamente, para que as pessoas possam conhecer Jesus e encantar-se por Ele. A via para que a pessoa possa fazer sua opção pelo seguimento a Jesus Cristo passa pela iniciação à vida cristã.¹⁰³² Nesse sentido, o questionamento feito, sobre a vivência mistagógica da Escritura na vida litúrgica da comunidade, necessita seguir alguns passos para alcançar seu objetivo.

O primeiro passo a ser dado é a tomada de consciência de que esse processo vai ajudar a completar a iniciação à vida cristã das crianças e que a escuta da Escritura dos que não são batizados vai ajudá-los a fazer a opção pela fé em Cristo.¹⁰³³ O segundo passo é a comunidade toda assumir a missão da iniciação de seus membros à vida cristã,¹⁰³⁴ o que exige a criação de uma comissão de iniciação à vida cristã e sua preparação para que o trabalho seja desenvolvido em uma dinâmica de comunhão.¹⁰³⁵ O terceiro passo são os ministérios constituídos na comunidade. Todos os que exercem ministérios laicais ou ordenados participam desse processo, mesmo estando em instâncias diferentes, assim como toda comunidade é responsável pela iniciação à vida cristã, pelo anúncio e pelo testemunho da Escritura.¹⁰³⁶ E o último passo é o da dimensão festiva no itinerário de educação à escuta da Escritura, a qual é vivenciada pelas várias celebrações, desde a acolhida, inscrição no processo iniciático, momentos rituais festivos, até chegar à celebração dos sacramentos.¹⁰³⁷

Esses passos são importantíssimos para a experiência mistagógica da escuta da Palavra de Deus na liturgia. Ressaltamos que nossa atenção será dada apenas ao último passo, por ser o que toca diretamente a temática desse item, que é o da celebração mistagógica da Escritura. Aliás, o anúncio querigmático está em perfeita sintonia com a pedagogia mistagógica. Assim como a Escritura é o elemento fundamental na missão querigmática da Igreja, a mistagogia enaltece o gesto sacramental da Palavra celebrada. Os gestos de acolhimento e acompanhamento dos iniciantes à vida cristã tornam-se mais visíveis a partir da Escritura, pois o

¹⁰³² CNBB, Doc. 94, 38-40.

¹⁰³³ CEPABC, Itinerário catequético, p. 56.

¹⁰³⁴ CEPABC, Itinerário catequético, p. 57.

¹⁰³⁵ CNBB, Doc. 107, 146-148.

¹⁰³⁶ CEPABC, Itinerário catequético, p. 59.

¹⁰³⁷ CEPABC, Itinerário catequético, p. 66-69.

caráter mistagógico sugere ao iniciante à fé cristã o desejo de viver o mistério de Cristo em sua própria vida.¹⁰³⁸

A mistagogia da iniciação bíblica das pessoas à vida cristã incide progressivamente na experiência formativa de toda a comunidade a uma renovada valorização dos sinais litúrgicos da iniciação cristã. Apesar do esforço da Igreja em implantar a iniciação à vida cristã de seus membros inspirada no catecumenato, grande parte das comunidades cristãs ainda não foi interpelada pela necessidade de uma renovação mistagógica que exerça frentes de trabalho a partir do discernimento de cada comunidade. Os encontros de iniciação são lugares do anúncio da Escritura, e a Bíblia é o centro de toda iniciação mistagógica. Por isso, o ambiente dos encontros de formação precisa ser adequado e bem preparado, mas também os responsáveis pelos encontros de iniciação devem ser motivados e apresentar uma linguagem simbólica atraente, eloquente e de integração de todas as pessoas envolvidas na caminhada de escuta e resposta à Escritura. Isso porque o anúncio da Escritura exige, tanto de quem anuncia quanto de quem o recebe, discernimento, renúncia, decisão e seguimento à pessoa de Cristo.¹⁰³⁹

O Vaticano II possibilitou à Igreja inspirar-se na experiência do cristianismo primitivo, com o retorno às fontes. Com isso, a liturgia recupera a centralidade do mistério pascal de Cristo e restaura o catecumenato como caminho para o discipulado. Esse modelo mistagógico com inspiração catecumenal não é fácil. Trata-se de um processo de conversão de mentalidade pastoral da Igreja para que a iniciação da escuta da Escritura seja vivencial, celebrativa e orante.¹⁰⁴⁰ Assim, Escritura e Tradição fecundam e harmonizam a transmissão da fé cristã, tornando-se vias mistagógicas para que as pessoas conheçam e participem da caminhada do povo de Deus.¹⁰⁴¹

A mistagogia como experiência iniciática da fé, nutrida pela Escritura e pela Tradição, conduz a pessoa à vida cristã. Essa pedagogia leva a pessoa a escutar e a acolher a Palavra de Deus de forma tão impactante que é atraída para um horizonte mais amplo. E um dos pontos importantes dessa experiência mistagógica é a do testemunho de vida. A Escritura e a experiência da Igreja nos primeiros séculos

¹⁰³⁸ CARVALHO, H. R.; GIL, P. C., Iniciação à vida cristã e pedagogia catecumenal, p. 52.

¹⁰³⁹ EG 166.

¹⁰⁴⁰ CARVALHO, H. R.; GIL, P. C., Iniciação à vida cristã e pedagogia catecumenal, p. 52-53.

¹⁰⁴¹ COSTA, R. F., Mistagogia hoje, p. 116.

demonstram que a fé é fruto de uma vivência que nasce da Revelação e conduz ao testemunho de vida.¹⁰⁴² Pela fé e pelo testemunho a Escritura continua ressoando pelo mundo inteiro e, pela força do Espírito Santo, alcança os caminhos da história. Como podemos verificar, então, a teologia dos Padres da Igreja se desenvolveu e alcançou o mundo pela Escritura e pela Tradição, e ambas intimamente ligadas e conexas.¹⁰⁴³

Com isso, a recordação da fé revelada na Escritura e na Tradição, no que se refere ao conhecimento do testemunho dos primeiros cristãos, estimula as pessoas cristãs de hoje a tomar consciência de sua fé e de sua missão no dia a dia. Evidentemente que os Padres da Igreja tinham claro que a Escritura é, por excelência, a lei de Deus, como norma fundamental para se viver a fé professada, celebrada, vivida e testemunhada.¹⁰⁴⁴

Da Escritura e das fontes patrísticas originam-se os fundamentos essenciais para a experiência mistagógica na comunidade cristã. Os agentes, iniciadores da Escritura e da liturgia, são pedagogos e mistagogos do mistério pascal, acompanhando os iniciantes e alimentando neles a disposição para optarem pelo discipulado de Cristo de maneira livre. A função do mistagogo, aqui, é a de conduzir e orientar a pessoa para o encontro com Cristo,¹⁰⁴⁵ dentro do processo de conhecimento da Escritura, da doutrina dos apóstolos e da vivência comunitária dos sacramentos.

A dinâmica processual do acompanhamento das pessoas na vida cristã requer do agente iniciador, alteridade no diálogo. A alteridade levará as pessoas a confiar, a entregar-se e a respeitar o agente. Sem contar que o aprofundamento dos iniciantes à experiência com Cristo poderá ser mais convicto e sólido. Esse acompanhamento mistagógico é decisivo para o crescimento e a maturidade de cada iniciante no encontro com Cristo, tanto no campo pessoal quanto comunitário. O tempo da mistagogia não é cronológico, mas sim processual, *kairótico*; tempo necessário para que cada um possa fazer sua experiência com Cristo e, com coerência contínua, aprofundar esse mistério em sua vida. Com isso, o acompanhamento exige dos agentes, introdutores da Escritura e da liturgia, responsabilidade e prudência no

¹⁰⁴² FORTE, B., A teologia como companhia, memória e profecia, p. 58.

¹⁰⁴³ FORTE, B., A teologia como companhia, memória e profecia, p. 88.

¹⁰⁴⁴ COSTA, R. F., Mistagogia hoje, p. 116.

¹⁰⁴⁵ VASQUEZ, U. M., A orientação espiritual, p. 11.

acolhimento, a fim de que os iniciantes amadureçam no processo de conversão e de participação na vida da comunidade.¹⁰⁴⁶

A experiência mistagógica bíblico-litúrgica facilita a relação das pessoas com o mistério pascal e com o Reino instaurado por Jesus, pois a fé cristã, para ser bem vivida, deve ter como centro a pessoa de Jesus Cristo. Essa clareza é necessária a todos os iniciantes à fé cristã para poderem viver o mistério pascal de Cristo na comunhão fraterna e na Palavra proclamada e testemunhada.¹⁰⁴⁷ A mistagogia acontece pela ação do Espírito Santo, que introduz cada pessoa no mistério de Deus (1Cor 2,11). E a pessoa iniciante na fé cristã é impulsionada pela força do Espírito a viver o seguimento de Jesus Cristo, que a encaminha para o Pai. Ninguém vai ao Pai se não estiver no caminho com Jesus, porque Ele é o caminho, a verdade e a vida (Jo 14,6).¹⁰⁴⁸ Portanto, o Espírito Santo e a Escritura têm o poder de impactar as pessoas com uma alegria contagiante e levá-las a escutar, a crer em Jesus Cristo, como Senhor e salvador de sua vida e a seguir seus passos.¹⁰⁴⁹

O mistagogo, no caso aqui o agente, iniciador ou introdutor, conduz as pessoas que iniciam sua caminhada de fé cristã na experiência do mistério escutado, acolhido, experienciado, celebrado e testemunhado. Contudo, ele está consciente de que o primeiro mistagogo é Jesus, que praticou o que ensinou e é o educador e mestre, por excelência, dos seres humanos dos novos tempos.¹⁰⁵⁰ Assim, logo nos primeiros passos, os iniciantes na fé cristã necessitam ser ajudados com atenção e amizade pela comunidade, pelos padrinhos e pelos pastores. No tempo pascal, os iniciados à fé ocupam lugar especial na assembleia litúrgica e participam atentamente da missa com seus padrinhos.¹⁰⁵¹

O tempo da mistagogia, de forma celebrativa, acontece em todo o tempo da Páscoa e é sumamente importante para os recém-batizados. Esse tempo é muito propício para que a comunidade acolha, acompanhe e dê a segurança necessária aos que iniciam sua caminhada com Cristo, seja pela meditação do Evangelho, seja, pela participação na liturgia, seja pela prática da caridade. A comunidade ajuda os iniciados na vida cristã a progredir no conhecimento do mistério pascal. Pela prática

¹⁰⁴⁶ COSTA, R. F., *Mistagogia hoje*, p. 141-143.

¹⁰⁴⁷ BUYST, I.; SILVA, J. A. *O mistério celebrado*, p. 115-116.

¹⁰⁴⁸ TABORDA, F., *O memorial da Páscoa do Senhor*, p. 111.

¹⁰⁴⁹ DAp. 279.

¹⁰⁵⁰ DAp. 279.

¹⁰⁵¹ RICA 235-236.

vivencial do Evangelho, as pessoas iniciadas vão compreendendo e aprofundando o mistério de sua fé e, ao mesmo tempo, vão colocando em prática o mistério que celebram.¹⁰⁵²

Nesse contexto, observamos a importância da liturgia na educação da fé das pessoas e na vivência ritual que acompanha as várias etapas da vida humana, até o culminar da celebração festiva dos sacramentos e do prolongando do processo mistagógico. Ao aprofundar o mistério de Cristo, cada pessoa, no período de sua formação, é pedagogicamente iniciada por meio da celebração dos sacramentos à vida cristã, podendo, com isso, compreender a importância da Palavra e da Eucaristia em sua vida.¹⁰⁵³

Assim, a Páscoa dominical e semanal, considerando que o domingo é o dia do Senhor por excelência, será compreendida como central na vida da comunidade eclesial, o que não isenta a percepção dos desafios de nosso tempo, como a vivência mais consciente da fé cristã celebrada. Com isso, acentua-se ainda mais a necessidade de se resgatar a iniciação mistagógica bíblico-litúrgica, pois uma evangelização que se inicia a partir de Cristo pelo impulso do Espírito Santo não pode beber de outra fonte senão a da liturgia.¹⁰⁵⁴ Todavia, antes de ter acesso à liturgia, a pessoa precisa ser conduzida à fé e se converter, e isso acontece por meio da escuta da Palavra de Deus (Rm 10,14-15).¹⁰⁵⁵ Dessa forma, o retorno às fontes patrísticas, no que se refere à experiência mistagógica da fé, será compreendido como uma necessidade inspiradora na formação do discipulado de Cristo.¹⁰⁵⁶

Exemplos de que esse processo de iniciação à vida cristã com inspiração catecumenal funciona podem ser vistos nas comunidades que estão se convertendo a esse método pastoral mistagógico.¹⁰⁵⁷ O mais interessante é que a iniciação à vida

¹⁰⁵² BUYST, I.; SILVA, J. A. O mistério celebrado, p. 24 e 26.

¹⁰⁵³ BARROS, H. V.; QUEGE, M. L. F., liturgia e catequese, p. 88.

¹⁰⁵⁴ BARROS, H. V.; QUEGE, M. L. F., liturgia e catequese, p. 88-89.

¹⁰⁵⁵ SC 9.

¹⁰⁵⁶ BARROS, H. V.; QUEGE, M. L. F., Liturgia e catequese, p. 89.

¹⁰⁵⁷ Uma comprovação dessa experiência pode ser encontrada na tese doutoral de E. Calandro, defendida em 2019, na PUC-Rio. No capítulo IV de sua tese, mais precisamente nas páginas 267 a 403, o autor partilha uma experiência de fé como promotora de resiliência em adultos, na paróquia Nossa Senhora dos Navegantes, em Diadema, São Paulo. Seu trabalho possui grande relevância nesse aspecto, porque parte de uma pesquisa metodológica e investigativa de campo, com um grupo específico que fundamenta seu trabalho. Com isso, ele desenvolve uma reflexão consistente sobre a hermenêutica das categorias e subcategorias do tempo da purificação e da iluminação, e também do tempo da mistagogia. Além disso, traça um itinerário da iniciação à vida cristã e da promoção da resiliência; do cultivo de uma espiritualidade cristã; de uma vida centrada na Escritura e na

cristã com inspiração catecumenal envolve todas as forças vivas da comunidade. Isso demonstra a relevância desse processo de iniciação em uma Igreja convocada ao discipulado e à missão. Por isso, a necessidade de toda a Igreja assumir a corresponsabilidade de acolher, ajudar, acompanhar e inserir os iniciantes à fé na vida eclesial, por meio de uma experiência mistagógica. Entretanto, essa experiência requer, antes de tudo, uma conversão pastoral de toda a comunidade de fé.

Assim sendo, esse itinerário é capaz de aproximar as pastorais, movimentos e grupos em um diálogo proveitoso, a ponto de promover uma sólida pastoral de conjunto. O primeiro resultado poderá ser visibilizado na reaproximação da catequese com a liturgia, na qual os encontros de catequese se tornam vivência celebrativa da fé, com o comprometimento e a inserção dos iniciantes na dinâmica missionária da Igreja e da comunidade. Quando os iniciantes são acolhidos pelas forças vivas da comunidade, eles são estimulados a se envolver na dinâmica pastoral da Igreja, escolhendo a pastoral, movimento ou grupo que se sentem vocacionados a servir. Isso é uma das finalidades desse formato pastoral, tão urgente e necessário nos dias de hoje. Apesar dos desafios, “há urgência de começarmos a dar passos para, de fato, sermos uma Igreja unida em sua grande diversidade”¹⁰⁵⁸ e pluralidade. Para tanto, será preciso avanços significativos no que se refere à escuta na pastoral litúrgica.

4.4 **Perspectivas para a pastoral litúrgica**

Nesse último item vamos ressaltar de modo especial alguns elementos importantes para a pastoral litúrgica, o que não significa que outros meios não são necessários. Preferimos destacar apenas três: a sensibilidade cósmica da escuta, a sinodalidade da escuta e a escuta litúrgica na pós-pandemia. Esses três pontos serão trabalhados a seguir, mas antes uma reflexão essencial no que tange à missão da Igreja no mundo.

participação nas celebrações litúrgicas (CALANDRO, E. A. Processos de iniciação à vida cristã e resiliência, p. 268-406).

¹⁰⁵⁸ PARO, T. F., Catequese e liturgia na iniciação cristã, p.116-117; CALANDRO, E. A., Processos de iniciação à vida cristã e resiliência, p. 143-160.

A pastoral litúrgica, de modo especial, tem por missão contribuir e favorecer a participação das pessoas na liturgia e em sua vida diária. Interessar-se pela valorização da liturgia na sua ação pastoral é sinal providencial de Deus e do Espírito Santo na Igreja, pois, ao fazermos isso, estaremos priorizando e constituindo o modo de viver e de sentir a fé em nossos tempos.¹⁰⁵⁹ Essa meta sempre foi incentivada e estimulada pelo Concílio Vaticano II.

Nesse sentido, toda promoção litúrgica “já é em si uma ação pastoral na sua dimensão comunitária e ministerial, catequética, missionária, ecumênica e transformadora que ela possui”.¹⁰⁶⁰ Sabemos que a liturgia não esgota toda a ação da Igreja, mas pode promover e desencadear o dinamismo de todas as forças vivas pastorais. Isso pelo fato de a liturgia ser fonte e cume da atividade eclesial.¹⁰⁶¹

Assim, a grande tarefa da pastoral litúrgica, na práxis da escuta da Escritura, é dinamizar o processo de educação das pessoas à vida cristã, a ponto de favorecê-las não só no modo de celebrar a fé como também de viver a fé pelo testemunho de vida no mundo. Para isso, requer-se do ser humano uma aguçada sensibilidade cósmica para entender sua missão cristã no mundo, a partir da liturgia celebrada e testemunhada.

4.4.1 Sensibilidade cósmica da escuta

“Sensibilidade” é um termo derivado do latim, *sensibilis*, que pode significar tanto aquilo que é percebido pelos sentidos quanto a capacidade de sentir emoção, afeição, inclinação, predisposição (*sensus*), ou até mesmo opinião, forma de pensar, ponto de vista, senso comum, prudência, juízo, ideia expressa em palavras ou não.¹⁰⁶² Já o termo “cosmos”, de origem grega, *kósmos*, institui o universo como ordem, sistema bem ordenado, organizado, em oposição ao caos e à desordem; e também pode significar “ordem”, “construção”.¹⁰⁶³

A partir da terminologia “sensibilidade” e “cosmos”, podemos entender que a sensibilidade cósmica é, por assim dizer, a capacidade que o ser humano possui de desenvolver, em si, o ato de sentir e perceber as sensações e reações ao seu redor.

¹⁰⁵⁹ SC 43.

¹⁰⁶⁰ CNBB, Doc. 43, 186.

¹⁰⁶¹ SC 9-10.

¹⁰⁶² REZENDE, A. M.; BINACHET, S. B., Dicionário do latim essencial, p. 382-383.

¹⁰⁶³ Cosmos. Infopédia, p. 1.

Essas sensações podem ser positivas ou negativas, despertando dor, alegria, compaixão e empatia; podem ainda demonstrar aptidão para o aprendizado, além de reagir a qualquer contato do ambiente ao seu redor.¹⁰⁶⁴

Uma contribuição interessante para se pensar a sensibilidade cósmica, a partir das realidades sensíveis a nossa volta, vem de X. Zumbire, quando escreve que “a realidade das qualidades sensíveis parece estar em contradição, sobretudo, com a ciência moderna [...]. Com efeito, se desaparecessem dos *cosmos* os animais dotados de sentido visual, teriam desaparecido *eo ipso* do *cosmos* todas as cores”.¹⁰⁶⁵ Nesse sentido, entendemos a sensibilidade humana relacionada ao cosmos como capacidade de a pessoa interagir com o cosmos por meio da percepção de reações cósmicas. Isso pode acontecer pela escuta em seu sentido integral. Dessa forma, a escuta cósmica pode acontecer a partir da sensibilidade humana, levando a pessoa a adentrar no mistério da criação de forma consciente, ativa, empática, participativa, interativa e conectiva.

Nesse sentido, podemos entender o cosmos, em sentido cristão, como a habitação da criação de Deus. E todos os seres que habitam o cosmos necessitam de cuidados. Portanto, somos interpelados, a partir da sensibilidade cósmica, a escutar o grito cosmos, que implora por socorro. O lugar comum a todos os seres está diluindo-se por causa da ambição humana, e é a sensibilidade do ser humano com relação a isso é que vai proporcionar a capacidade de escutá-lo no seu pedido de socorro. Por isso, podemos falar de escuta cósmica pela sensibilidade humana.

A visão cristã, com relação ao cosmos, coloca o ser humano diante de um lugar comum a todos os viventes, pois o cosmos hospeda uma presença a qual o ser humano não consegue mensurar, mas pode se conectar e estabelecer diálogo com habitantes comuns. Nele vislumbra-se a presentificação do Criador. Assim, por meio da sensibilidade cósmica, o ser humano consegue escutar o Criador e contemplar suas obras. A imagem cósmica da ação do Criador gera uma relação de escuta, diálogo e louvor ao Deus da criação. O cântico dos três jovens na fornalha ardente, na profecia de Daniel, evidencia claramente o louvor do cosmos a Deus: “Bendizei ao Senhor as obras do Senhor” (Dn 3,57; Sl 103,22).

¹⁰⁶⁴ DICIO. Dicionário online de português – Sensibilidade, p. 1.

¹⁰⁶⁵ ZUBIRI, X., Inteligência e realidade, p. 123.

Nesse sentido, tanto a Tradição cristã como as tradições espirituais, entre as quais as indígenas e as afrodescendentes, elegem as criaturas ao mistério da vida. A criação, ao ser envolvida pela ação de Jesus Cristo, revela o Pai e dá a todos o seu Espírito. Pelo envio e pela ação do Espírito Santo na obra da criação, Jesus estabelece uma nova e eterna aliança com todo o cosmos: passado, presente e futuro. Uma aliança do Deus comunhão e comunicação com toda a realidade cósmica. E a liturgia expressa essa realidade de aliança de Deus com o cosmos e dela está a serviço.¹⁰⁶⁶

João Paulo II, na Encíclica *Dominum et Vivificantem*, afirma que a origem primeira da salvação dada por Deus se identifica com o próprio mistério da criação, como pode ser lido nas primeiras palavras do livro do Gênesis: “No princípio Deus criou o céu e a terra. A terra era sem forma e vazia, e sobre o abismo havia trevas, e o espírito de Deus pairava sobre as águas” (Gn 1,1-2). Essa passagem bíblica da criação abriga não só a convocação à existência do próprio ser do cosmos, como dom, como, também, a presença do Espírito de Deus na criação. Na criação está implícito o ato iniciático da comunicação salvífica de Deus às coisas criadas como diz o texto seguinte, ao se referir ao ser humano como imagem e semelhança de Deus: “Façamos um ser humano, à nossa imagem, segundo nossa semelhança” (Gn 1,26). A expressão “façamos”, no plural, para se referir à ação do Criador de criar o ser humano, pode insinuar, de alguma forma, o mistério trinitário? Para João Paulo II, a pessoa de fé que foi iniciada ao mistério da revelação pode descobrir seu reflexo também nessas palavras. Mas o conteúdo do texto do Gênesis nos permite enxergar na criação do ser humano o princípio originário do dom salvífico de Deus, a partir do termo “imagem e semelhança” de si mesmo, por Ele concedida à pessoa humana.¹⁰⁶⁷

O cardeal Joseph Ratzinger, citando Mahatma Gandhi, escreveu que existem três espaços vitais no cosmos: o mar, a terra e o céu. No mar, os peixes que nele vivem se calam; sobre a terra, os animais que nela habitam gritam; mas, as aves que têm o céu como seu hábitat, cantam. Segundo Ratzinger, é natural o mar calar-se, a terra gritar e o céu cantar. Enquanto isso, o ser humano participa dessas três realidades: carrega em si a profundidade do mar, a carga da terra e a envergadura

¹⁰⁶⁶ BUYST, I., Celebrando a aliança cósmica, p. 4.

¹⁰⁶⁷ DVi 12.

do céu. Por isso, são do ser humano estas três propriedades: calar, gritar e cantar. E acrescenta, ainda, que à pessoa humana desprovida da transcendência sobra somente gritar, porque quer ser apenas terra e procura converter o céu e a profundidade do mar em sua terra.¹⁰⁶⁸

Nesse sentido, a natureza da liturgia, da comunhão dos santos, devolve-lhe a sua integridade, educa-lhe, de novo, o calar e o cantar, alargando-lhe as profundezas do mar e ensinando-lhe a voar, que é natural aos anjos. Então, com o coração elevado, o ser humano é capaz novamente de fazer ressoar seu canto reprimido. Pode-se dizer, aliás, que a liturgia é reconhecida pelo fato de libertar a pessoa do agir comum e devolver-lhe a profundidade e a altura, o silêncio e o canto. Assim, reconhece-se, de fato, que a liturgia é cósmica, pois ela canta com os anjos, cala com a profundidade do universo e redime com a terra.¹⁰⁶⁹

Por outro lado, a preocupação com a “casa comum”, motivada pelo papa Francisco, expressa nitidamente a convocação à sensibilidade cósmica da escuta, ou melhor, sensibilidade para escutar o grito de socorro do cosmos. Mas o que é sensibilidade cósmica? Para compreender o apelo de todo o cosmos que sofre com a interferência destruidora dos seres humanos, o Papa convoca a humanidade inteira a cuidar da “casa comum” de todos os seres humanos. Nesse sentido, proteger a casa comum implica a união de toda a família humana na busca de um desenvolvimento sustentável e integral deste hábitat natural de todos, porque as pessoas podem e têm a capacidade de colaborar na construção da casa comum.¹⁰⁷⁰ Por isso, o papa Francisco convida todos ao urgente e renovado diálogo sobre a construção do futuro do planeta.¹⁰⁷¹

Essa compreensão da sensibilidade cósmica da escuta leva-nos a refletir sobre o que o autor do Eclesiástico escreveu: “Como são desejáveis todas as suas obras, até a menor centelha que posso contemplar” (Eclo 42,22). E, em outra passagem: “Por muito que digamos, ainda nos faltarão palavras [...] eis, pois o resumo dos discursos; ele é tudo! Glorificando-o, de que seremos ainda capazes? Pois ele é grande, acima de todas as suas obras” (Eclo 43,27-28). Estes versículos resumem o

¹⁰⁶⁸ RATZINGER, J., Teologia da liturgia, p. 544.

¹⁰⁶⁹ RATZINGER, J., Teologia da liturgia, p. 544.

¹⁰⁷⁰ LS 13.

¹⁰⁷¹ LS 14.

canto de louvor em todos os tempos e sob todos os céus que se ascendem ao Criador e revelam a imensidão e o esplendor de suas obras.¹⁰⁷²

João Paulo II, na Audiência Geral de 2 de agosto de 2002, afirma que a Escritura revelada insere-se no amplo modo experiencial de sentido religioso da oração da humanidade, pondo nela o selo divino. Segundo ele, a Escritura, ao comunicar o mistério da Trindade, faz-nos compreender e captar na própria criação, além do vestígio do Pai, a fonte de todo o ser: o Filho e o Espírito Santo. É o que nos mostra citando passagens do salmista bíblico: “Pela palavra do Senhor foram feitos os céus; pelo sopro de sua boca, as forças celestes todas” (Sl 33,6); “Os céus proclamam a glória de Deus, e o firmamento anuncia as obras de suas mãos. O dia transmite ao dia a mensagem e a noite dá conhecimento a outra noite. Por toda a terra ecoa o seu som, e sua mensagem alcança os confins do mundo” (Sl 19,2-5). Nesse sentido, o ouvido da alma carece estar limpo dos ruídos para sentir e perceber a voz divina que ressoa no universo. Aliás, Deus se manifesta no despontar do sol e no calar da noite, e a natureza aparece, de certo modo, como o “livro de Deus”.¹⁰⁷³

Na liturgia, no decorrer do ano litúrgico, a Igreja lê e interpreta a Escritura. Vê nela sua coparticipação na evolução cósmica ao longo da história e recorda sua origem, de onde veio e para onde vai. Na origem: a criação do céu, da terra e de tudo o que habita o universo. No final: a casa de Deus com seu povo, na eterna aliança, na festa nupcial, em um novo céu e em uma nova terra. E nesse meio tempo, ao longo da história a caminhada é lenta, dolorosa e difícil, recordando-se dia após dia o convite, as cláusulas da aliança, a lembrança e a confirmação do compromisso assumido. Os salmos, os cânticos bíblicos e outros favorecem a escuta e a resposta no diálogo amoroso entre os parceiros da aliança.¹⁰⁷⁴

O ser humano como povo da aliança, é a voz do universo, e, enraizado no cosmos, é convocado a expressar sua admiração, seu louvor, sua gratidão e, ao mesmo tempo, a clamar com toda força cósmica, por meio de salmos, cânticos, hinos, ação de graças, e súplicas.¹⁰⁷⁵ Nesse sentido, podemos dizer que o objetivo do culto e da criação, em seu conjunto, é o mesmo: a divinização, a liberdade do mundo e o amor. Assim, até à dimensão cósmica, aparece a dimensão histórica, pois

¹⁰⁷² JOÃO PAULO II, A escuta da Palavra e do Espírito na revelação cósmica, 1.

¹⁰⁷³ JOÃO PAULO II, A escuta da Palavra e do Espírito na revelação cósmica, 3.

¹⁰⁷⁴ BUYST, I., Celebrando a aliança cósmica, p. 4.

¹⁰⁷⁵ BUYST, I., Celebrando a aliança cósmica, p. 4.

o cosmos, em movimento constante, de um ponto de partida a uma meta desejada, está sempre em perfeita sintonia com a história.¹⁰⁷⁶

Segundo J. Ratzinger, existe uma distinção entre o círculo cósmico e o círculo histórico. O histórico, com seu dom de liberdade, tem como centro de si o existir divino, sem se separar do cósmico. Assim, mesmo diferentes, tanto o círculo cósmico quanto o histórico permanecem dentro de um círculo único do existir. Nesse sentido, a liturgia cristã histórica é inseparável e inconfundível da cósmica, e é por isso que ela subsiste com toda sua grandeza. A novidade da realidade cristã é que ela não repudia a pesquisa histórica das religiões naturais, mas acolhe em si todos os elementos das religiões naturais, de modo a manter uma ligação com elas.¹⁰⁷⁷

Na liturgia estão presentes os elementos cósmicos da natureza, porque ela está incorporada no universo material, o qual presenteia a matéria com sua linguagem, conectando entre si os diferentes mistérios da fé: criação, encarnação, redenção e santificação.¹⁰⁷⁸ A liturgia, então, celebra as maravilhas da criação de Deus no cosmos, expressas pelo louvor das criaturas, esse louvor se converte em prece ao criador. A pessoa humana, portanto, entre todas as criaturas, ocupa um lugar especial, pois é ela quem convoca toda a criação para louvar ao Criador. Ela é a voz das criaturas, como revela o cântico de Daniel: “Bendizei ao Senhor todas as obras do Senhor” (Dn 3,57). Assim, toda a criação é acolhida na aliança.¹⁰⁷⁹

A liturgia celebra também a salvação gerada pela Páscoa de Cristo, como rezamos na festa de Cristo, Rei do Universo: “Deus eterno e todo-poderoso, que se dispusestes a restaurar todas as coisas no vosso amado Filho, Rei do universo, fazei que todas as criaturas, libertas da escravidão e servindo a vossa majestade, vos glorifiquem eternamente”.¹⁰⁸⁰ Assim, Cristo ocupa o centro da nova criação; Ele reina sobre a história humana e o universo. Aliás, a liturgia manifesta a inquietude em vista do mundo futuro, consciente de que “toda a criação, até o presente, está gemendo como que em dores de parto” (Rm 8,22).¹⁰⁸¹

¹⁰⁷⁶ RATZINGER, J., Introdução ao espírito da liturgia, p. 24-25.

¹⁰⁷⁷ RATZINGER, J., Introdução ao espírito da liturgia, p. 29-30.

¹⁰⁷⁸ BUCCIOL, A., Liturgia, vida, Igreja, p. 95.

¹⁰⁷⁹ QUELLEC, JY., Celebrare nella creazione, p. 80-86.

¹⁰⁸⁰ MR, Oração da coleta: festa de Cristo Rei, p. 384.

¹⁰⁸¹ BUCCIOL, A., Liturgia, vida, Igreja, p. 95-96.

A sensibilidade cósmica da escuta pode levar o ser humano não apenas a tomar consciência das dimensões de espaço: alto e baixo, céus e terra e dos pontos cardeais, como também levá-lo a compreender, pela sensibilidade cósmica, a importância dos elementos da natureza na liturgia: terra, ar, água e fogo, além dos elementos minerais e vegetais, haja vista que a dimensão simbólica de luzes e trevas está muito presente na liturgia.¹⁰⁸²

O papa Francisco, na Encíclica *Laudato Si'*, diz que “os sacramentos constituem um modo privilegiado em que a natureza é assumida por Deus e transformada em mediação da vida sobrenatural. Através do culto somos convidados a abraçar o mundo em um plano diferente”.¹⁰⁸³ Isso porque a força simbólica da água, do fogo, da terra, do ar, do óleo, do vinho, do pão e das cores assume e incorpora o louvor a Deus. Ainda segundo o Papa, na experiência cristã, as criaturas do universo material assumem seu sentido verdadeiro na Palavra encarnada, porque Jesus Cristo incorporou em si parte do universo material. Com isso, Ele mesmo introduziu o germen de transformação definitiva.¹⁰⁸⁴

Já o papa João Paulo II, na Carta *Oriente Lumen*, escreveu que o cristianismo acolhe a corporeidade e a valoriza plenamente no ato litúrgico, pois na liturgia o corpo humano manifesta sua íntima natureza de templo do Espírito Santo, a ponto de entrar em comunhão com o Senhor Jesus, salvador do mundo. Isso não significa uma exaltação absoluta de tudo aquilo que é físico, pelo fato de o pecado ter introduzido a desarmonia do ser humano. Contudo, é pela liturgia que acontece a revelação do corpo, como nos é mostrado na cena do monte Tabor: Cristo revela seu corpo glorioso de modo reluzente para mostrar o desejo do Pai para toda a humanidade.¹⁰⁸⁵

Nesse sentido, todo o cosmos é convocado a dar ação de graças pela sua unificação a Cristo Senhor. Isso exprime um ensinamento equilibrado e admirável sobre a dignidade, o respeito e a finalidade da criação e do corpo da pessoa humana, sem dualismo nem culto do prazer como fim em si mesmo. Mas o que João Paulo II acentua é que o corpo humano é o lugar plenamente luminoso da graça de Deus. E conclui que “a liturgia revela o caminho para o equilíbrio do homem novo e

¹⁰⁸² BUCCIOL, A., Liturgia, vida, Igreja, p. 96-97.

¹⁰⁸³ LS 235.

¹⁰⁸⁴ LS 235.

¹⁰⁸⁵ OL 11.

convida ao respeito pela potencialidade eucarística do mundo criado: ele está destinado a ser assumido na Eucaristia do Senhor, na sua Páscoa presente no sacrifício do altar”.¹⁰⁸⁶

Portanto, a Igreja, em sua ação pastoral, é convocada também, a partir da conversão à sensibilidade cósmica da escuta, a se educar para o louvor a Deus, com o compromisso de agente cuidador do hábitat comum. Com isso, a escuta litúrgica da Escritura é de convocação à comunhão, à participação e à missão no cuidado da casa comum, onde a harmonia e o bem-estar dos habitantes têm primazia. Sendo assim, a finalidade primeira da liturgia é conduzir as pessoas a praticar o que se celebrou na fé. O “ide” de Jesus continua sempre como envio à prática de vida fraterna no cuidado com o cosmos, expressão da sinodalidade da Igreja: comunhão, participação e missão.

4.4.2 Sinodalidade da escuta da Escritura na liturgia

Tendo em vista que *synodos* significa “grupo de viajantes”, “conjunto de pessoas ou peregrinos a caminho”, como podemos constatar em Lc 2,44, e, por outro lado, que o verbo *synodeo* pode ser compreendido como “ir com”, “caminhar juntos” e “acompanhar”,¹⁰⁸⁷ portanto, a terminologia “sínodo” (*syn-hodos*), no contexto eclesial, é entendida como “concílio”.

O termo “sínodo” pode ser compreendido também como assembleia de representantes legítimos do povo de Deus, naquilo que se refere a questões de matéria teológica, disciplinar e jurídica. Nesse caso, sinodalidade implica unidade, comunhão eclesial. Assim, a sinodalidade da Igreja tem como base o caminhar juntos, em um mesmo ritmo, em uma mesma sintonia. E a Igreja, como comunidade de pessoas batizadas e comprometidas com Cristo na sua missão, perfaz um caminho de escuta e de comunhão em virtude de sua vocação. Nesse sentido, a sinodalidade se apresenta como um caminhar contínuo da comunidade cristã, seja local, seja universal.¹⁰⁸⁸

A partir da compreensão etimológica do termo “sínodo”, podemos falar sobre a sinodalidade da escuta da Escritura na liturgia. Isso porque a Igreja, como Casa

¹⁰⁸⁶ OL 11.

¹⁰⁸⁷ CORECCO, E., Sinodalitá, p. 1466.

¹⁰⁸⁸ BEINERT, W., Sínodo, p. 1670.

da Palavra, da escuta e da iniciação à vida cristã, só poderá expressar sua forma de viver a fé no seguimento a Cristo com uma consciência sinodal. Sem essa consciência não haverá um caminhar junto da comunidade dos iniciados à fé. Aliás, essa concepção sinodal da Igreja requer conversão de seus membros, para que seja uma realidade eclesial. Caso contrário, só existirá na teoria.

Com o Concílio Vaticano II, o desejo de se ter uma Igreja sinodal se acentuou ainda mais, e, de modo particular, veio com maior força ainda no magistério do papa Francisco. Não é possível uma comunidade de batizados e confirmados viver uma experiência comunitária líquida, fragmentada, polarizada, que contraria sua fé em Cristo, principalmente naquilo que é a essência de sua vocação e missão. A conversão ao espírito sinodal da Igreja está justamente naquilo que é o essencial da sua dinamicidade missionária, isto é, missão, comunhão e participação.

O papa Francisco, ao recordar o Vaticano II, sublinha que a Igreja experimenta sempre a necessidade e a beleza de uma caminhada de comunhão. Mesmo vivendo em uma sociedade marcada pela diversidade e pela polaridade, o “caminhar juntos” deve ser o trajeto que a Igreja precisa percorrer. As exigências atuais da sociedade estimulam as comunidades cristãs a reforçar sua ação pastoral interna e externa, isto é, em todas as suas áreas de missão. A sinodalidade, portanto, é o caminho que Deus e as pessoas esperam da Igreja neste terceiro milênio.¹⁰⁸⁹

Aliás, a identidade sinodal da Igreja se manifesta na comunhão, participação e missão. O papa Francisco, então, ao convocar um sínodo sobre a sinodalidade da Igreja, convida toda a comunidade cristã: bispos, presbíteros, diáconos, religiosos e religiosas, leigos e leigas, para o encontro com Cristo, na dinâmica do Espírito Santo, a fim de escutar e discernir rumos novos à Igreja. Esse encontro acontece no encontro com Cristo vivo na Escritura. Portanto, o caminho sinodal, como afirma Mons. Coda, é uma ação que significa para a Igreja o que ela é: povo de Deus a caminho, uma sinfonia de diversidades que convergem na unidade para estar a serviço no mundo.¹⁰⁹⁰

O papa Francisco afirma ainda que a comunhão expressa a natureza da Igreja e, ao mesmo tempo, o que ela recebeu, que é a missão de anunciar e instaurar o

¹⁰⁸⁹ FRANCISCO, PP, *Dicorso in occasione della Commemorazione del 50.mo anniversario dell’Istituzione del sínodo dei vescovi*, p. 1138-1139.

¹⁰⁹⁰ COLAGRANDE, F.; JAGURABA, B., *Sínodo*, p. 1.

Reino de Cristo e de Deus em todos os povos e nações. Esse caminho sinodal da Igreja tem como protagonista o Espírito Santo. Sem a ação do Espírito é impossível haver comunhão, participação e missão da Igreja no mundo, pois a dinâmica da Igreja se dá no encontro sinodal com Cristo na Escritura, na escuta e na proximidade.¹⁰⁹¹ Todavia, para que isso aconteça, a Igreja necessita de uma renovação sinodal e de revitalização de suas estruturas, levando em consideração a iniciação de uma espiritualidade de comunhão, de escuta e de diálogo, de discernimento e de profetismo, de ecumenismo e de serviço, na construção fraterna do *éthos* social, de modo solidário e inclusivo. Toda essa renovação e revitalização consiste na fidelidade da vocação da Igreja a sua missão,¹⁰⁹² que a cada dia é convocada a uma constante conversão pastoral e missionária; conversão essa que consiste em uma renovação de mentalidade, atitudes e práticas pastorais que conduzam sempre à fidelidade a sua vocação e missão.¹⁰⁹³

Portanto, uma Igreja sinodal é aquela que se abre à ação do Espírito para poder caminhar juntos (pastores e fiéis), no mesmo ritmo e sintonia de comunhão, participação e missão. A Igreja sinodal, como casa da escuta, se abre à colhida do outro, favorece seus membros a uma pausa restauradora de suas atividades, possibilita a participação e o envolvimento de todos. Nessa dinâmica, escutar a voz do Espírito na adoração e na oração é fundamental. Por fim, uma Igreja sinodal aprende com Cristo seu jeito de ser próxima, a ter compaixão e ternura pela pessoa humana.¹⁰⁹⁴

Na liturgia, a sinodalidade da Igreja, reunida em assembleia para a escuta da Escritura, torna-se ainda mais expressiva, pois a reunião da comunidade ao redor do Cristo Palavra realça a identidade sinodal de comunhão e missão da Igreja. Além do mais, é Cristo quem convoca as pessoas para se constituírem em assembleia litúrgica, quem fala à comunidade reunida, e é Ele a Palavra viva a penetrar a mente e o coração de cada pessoa de fé. Sua Palavra é viva e eficaz (Hb 4,12).

Todos que estão inseridos na comunidade dos discípulos de Cristo, no exercício de seus ministérios, são convocados a escutar a Sua voz para poder discernir o caminho que desejam seguir (At 5,19-12; 8,26.29.39; 12,6-17; 13,1-3;

¹⁰⁹¹ FRANCISCO, PP., Discurso: momento de reflexão para o início do percurso sinodal, p. 1.

¹⁰⁹² UR 6.

¹⁰⁹³ EG 25-33.

¹⁰⁹⁴ FRANCISCO, PP., Discurso: momento de reflexão para o início do percurso sinodal, p. 1.

16,6-7.9-10; 20,22).¹⁰⁹⁵ O imperativo: “Escuta, Israel!” continua ecoando na mente e no coração das pessoas. Aliás, é a escuta que leva cada um a fazer sua opção pelo caminho que deseja trilhar. Essa escuta é ativa e interativa, acolhedora e dialógica, obediente e testemunhal. O escutador, movido pela ação do Espírito Santo, responde corajosamente à voz do Senhor, que convoca a estar com Ele na sua missão.

Na assembleia litúrgica, essa convocação é constante, desde o Sinai até os dias de hoje. E em cada ação litúrgica é o Senhor quem nos reúne no amor de Cristo para escutá-lo, por meio da Escritura.¹⁰⁹⁶ Essa reunião é sempre uma convocação sinodal de aliança com o Senhor da vida, pois todas as vezes que nos reunimos ao redor do Senhor para escutá-lo, alimentamo-nos com sua Palavra e participamos de seu mistério. Na verdade, tomamos parte da Páscoa de Cristo, abrindo-nos à participação de Cristo na nossa Páscoa. Essa interação do humano com o divino conduz à sinodalidade da Igreja, expressão mais viva da comunhão do Cristo com a sua comunidade reunida; e, na celebração eucarística, é a fonte da expressão viva da espiritualidade de comunhão pelo fato de exprimir os elementos fundamentais da vida cristã, no que se refere ao *affectus sinodalis*.¹⁰⁹⁷

A escuta da Escritura na liturgia, de modo especial na celebração eucarística, pode ser considerada uma das expressões de mais alta elevação para a tomada de decisão da comunidade pela pessoa Cristo. Na liturgia, a escuta da Escritura e a acolhida da sua mensagem iluminam o caminho dos fiéis. Eles aprendem a escutar a voz de Deus meditando sua Palavra, especialmente o Evangelho, a acolher os irmãos e irmãs, de modo especial os mais pobres, e, no exercício de seu ministério pastoral, partem o pão da Palavra unido ao pão eucarístico, participando da vida da comunidade no anúncio e no testemunho do Evangelho. Nesse sentido, antes da escuta do outro, escuta-se a Palavra de Deus.¹⁰⁹⁸ Sem a escuta da Palavra de Deus, é impossível o seguimento e o serviço a Cristo.

Para Comblin, o Evangelho suscita a sabedoria da arte de viver, o modo de estar e atuar em sociedade e também de se relacionar com os outros. Segundo ele, a Palavra de Deus transforma, de modo especial, as pessoas em suas relações, as

¹⁰⁹⁵ CTI, A sinodalidade na vida e na missão da Igreja, 19.

¹⁰⁹⁶ MR, Ritos iniciais, p. 390.

¹⁰⁹⁷ CTI, Sinodalidade na vida e na missão da Igreja, 109.

¹⁰⁹⁸ CTI, Sinodalidade na vida e missão da Igreja, 109c.

quais vão adquirindo, com o passar do tempo, um novo tipo de comportamento. O relacionamento com os outros vai mudando e o modo de encarar o mundo também se modifica. A transformação interior dos sujeitos traz em si a mudança nas realidades externas, porém em perfeita vinculação com as mudanças que as pessoas sofreram. Se porventura as pessoas deixarem de atuar em virtude da fé que vem pela escuta da Palavra de Deus, não existirá uma sociedade cristã civilizada.¹⁰⁹⁹

A. Grün afirma que, quando uma pessoa escuta a Palavra de Deus com os ouvidos do coração, a Palavra pode manifestar nela o coração do próprio Deus, ressoando seu mistério.¹¹⁰⁰ Quem se reúne em uma assembleia litúrgica para escutar a Escritura é convocado por Cristo a viver a sua Palavra. Cada pessoa que ali se alimenta da Palavra de Deus experimenta a sinodalidade da Igreja em sua missão, quando ela mesma, no seu dia a dia, testemunha sua fé em Cristo, por meio de gestos e palavras. A alegria em poder ajudar e servir o próximo em suas necessidades rejuvenesce a vida do cristão, podendo causar-lhe até mesmo a melhora da saúde física, pois a Palavra de Cristo é libertadora, converte, purifica, suscita o dom da vocação e gera alegria.¹¹⁰¹

A identidade sinodal da Igreja, expressa na escuta da Palavra de Deus na liturgia, fundamenta e impulsiona os cristãos a anunciar a Boa-Nova ao mundo, a partir da transformação que essa Palavra faz na vida de cada um. É uma transformação interior que torna nova a humanidade, pois Deus é capaz de transformar em “novas todas as coisas” (Ap 21,5).¹¹⁰² O alvo da evangelização é a mudança interior pela Escritura. Nesse sentido, a ação de Deus acontece na história concreta de cada pessoa e se manifesta de modo mais claro pela escuta e compreensão da Escritura. Com isso, o ser humano, no conhecimento da promessa de Deus, descrita na Bíblia, consegue dar passos significativos na vida.¹¹⁰³

Mas esse caminho não é percorrido sozinho; cada pessoa, ao ser iniciada na vida cristã da comunidade, é também convocada a percorrer a estrada sinodal da Igreja junto com todo o corpo eclesial, expressão da sua sinodalidade. Um caminho feito junto, no mesmo ritmo, com o coração a pulsar no mesmo ritmo e sintonia.

¹⁰⁹⁹ COMBLIN, J., A força da Palavra, p. 65.

¹¹⁰⁰ GRÜN, A., Se quiser experimentar Deus, p. 128.

¹¹⁰¹ CHIARA, L. A Palavra, p. 41-57.

¹¹⁰² EN 18.

¹¹⁰³ TEIXEIRA, D. M. S., O serviço da escuta à luz da Palavra de Deus, p. 71.

Nesse trajeto, Cristo está próximo de cada caminhante, fortalecendo-o e alimentando-o na fé, na esperança e na caridade, pois Cristo prometeu estar com os discípulos todos os dias, até o fim do mundo (Mt 28,20).

Como afirma o Concílio Vaticano II, Cristo está sempre presente na caminhada sinodal da sua Igreja, de modo especial nas ações litúrgicas. E essa presença se dá no sacrifício eucarístico, na pessoa do ministro, nos sacramentos, na palavra proclamada, na assembleia reunida para rezar e salmodiar. Em qualquer lugar em que duas ou três pessoas estiverem reunidas em nome de Cristo, Ele se faz presente no meio delas (Mt 18,20). Nesse sentido, a liturgia, como obra de Cristo sacerdote e da Igreja, seu corpo místico, é uma ação tal que sua eficácia não se compara a nenhuma outra ação da Igreja.¹¹⁰⁴

Ao afirmar que Cristo está presente na sua Igreja, de modo especial nas ações litúrgicas, podemos dizer que o rosto sinodal da Igreja também se expressa nas ações litúrgicas. Apesar de a liturgia não esgotar toda a ação da Igreja, porque, antes de a pessoa abraçar a fé em Cristo pelo rito sacramental da liturgia, ela necessita fazer o processo de conversão, o qual se dá na iniciação à Escritura, ao *fides ex auditu* (Rm 10,17).¹¹⁰⁵ Com isso, na liturgia da Palavra, a sinodalidade da Igreja pode ser nitidamente expressa pelo encontro com Cristo, pela escuta de sua Palavra, pela conversão pessoal e comunitária e pela comunhão e participação da missão de Cristo no mundo.

Na liturgia, os cristãos se reúnem ao redor da Escritura para se encontrar com o Cristo Palavra. Nenhum outro encontro pode substituir o encontro com Cristo na liturgia, porque só Ele tem “palavras de vida eterna” (Jo 6,68) e é “Caminho, Verdade e Vida” (Jo 14,6), a palavra da salvação. A arte do encontro com Cristo na liturgia é sinal da sinodalidade da Igreja reunida por Cristo, com Cristo e em Cristo. As pessoas se reúnem para se encontrar com Cristo e com os irmãos.

Segundo o papa Francisco, o Evangelho está encastelado de encontros com Cristo, que reanimam e curam. E a atitude de Jesus é a de estar sempre a serviço da pessoa que se encontra com Ele para escutar. O encontro com Cristo favorece o encontro com o próximo e permite reservar tempo à oração e à adoração. Cada encontro com o Senhor na liturgia da Palavra provoca abertura, coragem e

¹¹⁰⁴ SC 7.

¹¹⁰⁵ SC 8.

disponibilidade para ser interpelado por Ele na história do próximo. Nessa dinâmica, está também o Espírito Santo para iluminar e ajudar a compreender o ensinamento de Cristo. Esse encontro transforma a vida das pessoas, muda tudo, a ponto de se tornarem verdadeiras com Ele e com o próximo, sem formalismo, fingimento ou maquiagem. Essa é a sinodalidade da Igreja: encontrar, escutar, para caminhar juntos.¹¹⁰⁶

O encontro com Cristo conduz à escuta; o encontro sincero nasce da escuta. Cristo é o primeiro a pôr-se à escuta: escuta com o coração, permite à pessoa contar sua história livremente; a ajuda a compreender seus mandamentos, como fez com o homem rico (Lc 18,18-30). E a atitude da assembleia reunida para escutar a Palavra de Deus na liturgia é uma expressão belíssima da sinodalidade da Igreja, pois permite a conexão entre Cristo e os irmãos. Escutar os ensinamentos de Cristo é uma oportunidade ímpar, é algo extraordinário, a quem quer que seja.¹¹⁰⁷ Essa oportunidade não pode ser retirada de ninguém, como disse Jesus a sua amiga Marta, com relação a sua irmã Maria, que o escutava (Lc 10,38-42).

A experiência de caminhar juntos no seguimento de Cristo, em perfeita obediência ao Espírito Santo, acontece de dois modos: uma pela experiência comunitária da escuta da Escritura, por meio da meditação, e a outra pela experiência da ação do Espírito Santo, que impulsiona a missão.¹¹⁰⁸

A educação à escuta da Escritura na liturgia é essencial para a vivência sinodal das pessoas reunidas em torno da Palavra, e, alinhado a isso, está também o aprender a silenciar. Sem silêncio não há escuta. O ser humano tem necessidade do silêncio para poder se concentrar, conectar-se consigo mesmo, com o outro, com o cosmos e com Deus. A educação ao silêncio e à escuta facilita a comunhão, a participação e a missão da Igreja, além de expressar a identidade sinodal da comunidade reunida para escutar a Palavra de Deus. Assim, com o coração e a mente desbloqueados para escutar Cristo, tudo se renova na vida do cristão, e essa renovação tem implicações profundas na dimensão pessoal e comunitária.

Outro elemento muito importante na sinodalidade da escuta da Palavra é o discernimento pessoal e comunitário em torno da Palavra. O encontro e a escuta

¹¹⁰⁶ FRANCISCO, PP., Homilia da Celebração Eucarística para a abertura do sínodo sobre a sinodalidade, p. 1.; SGSB, *Vademecum*, p. 13.

¹¹⁰⁷ SGSB, *Vademecum*, p. 13.

¹¹⁰⁸ DP, Para uma Igreja sinodal, 16.

direcionam para essa dimensão existencial. E quem se propõe a esse encontro com Cristo Palavra, ao abrir o coração e a mente para escutá-lo, é automaticamente conduzido ao discernimento de vida. Isso porque a experiência sinodal da Escritura na liturgia, por natureza, é um caminho de discernimento espiritual, eclesial, que se faz na adoração e na oração. Tanto a adoração quanto a oração nascem do íntimo contato com a Palavra de Deus escutada, porque a Palavra de Deus é viva, eficaz, penetra no âmago da pessoa humana e leva-a a discernir os sentimentos e as intenções do coração (Hb 4,12).¹¹⁰⁹

Portanto, a escuta da Escritura abre para o discernimento e ilumina a realidade onde se está inserido. Esse acontecimento sinodal ao redor da Palavra na liturgia é um acontecimento kairótico, um processo de cura e de libertação conduzido pela ação do Espírito Santo, pois é Ele quem nos conduz e surpreende na dinâmica do encontro, da escuta recíproca e do discernimento. Nesse encontro sinodal com a Palavra na liturgia, Cristo é o primeiro a tomar a iniciativa de se encontrar, escutar e acolher cada pessoa.¹¹¹⁰ Esse é o ensinamento que Cristo deixa para os seus seguidores: o de fazer acontecer no mundo a mesma coisa que Ele fez e ensinou; portanto, será necessária sensibilidade para a escuta.

4.4.3 A escuta litúrgica na pós-pandemia

Desde o momento em que a população mundial foi surpreendida pela pandemia da Covid-19, um silêncio violento e um vazio angustiante tomaram conta de tudo, repentinamente. As pessoas foram assombradas por uma tempestade impensável e devoradora. E conviver com essa doença não tem sido fácil, devido à interrupção de tantas vidas humanas e ao aumento da desigualdade social, porque as pessoas que vivem na pobreza e na extrema pobreza estão sendo as mais afetadas;¹¹¹¹ além disso, ainda que muitos tenham se curado, ficaram marcados por vários tipos de sequelas.

¹¹⁰⁹ FRANCISCO, PP., Homilia da Celebração Eucarística para a abertura do sínodo sobre a sinodalidade, p. 1.

¹¹¹⁰ FRANCISCO, PP., Homilia da Celebração Eucarística para a abertura do sínodo sobre a sinodalidade, p. 1.; SGSB, *Vademecum*, p. 13.

¹¹¹¹ CELAM, Documento para o caminho em direção à assembleia eclesial da América Latina e do Caribe, p. 7.

E ainda permanece uma incógnita do que virá após a pandemia. A ciência está investigando o comportamento e a qualidade de vida das pessoas para os próximos anos e, ao mesmo tempo, tem refletido sobre o risco de novas ameaças e o impacto de um “novo normal” no cotidiano.¹¹¹²

A Igreja, a partir da ciência teológica, tem muito a contribuir com as outras áreas das ciências humanas, sobretudo na dimensão da saúde espiritual. Nesse ponto, quanto mais as pessoas compreenderem a Escritura, melhor será a superação do medo e da insegurança gerados neste tempo pandêmico, pois tal compreensão as ajudará a ter esperança e a enfrentar com mais coragem e ousadia o futuro que está por vir. Além disso, poderão entender com mais clareza a ação de Deus na história, e que Ele nunca abandona o ser humano, criado a sua imagem e semelhança.

Portanto, como dissemos repetidamente até aqui, esse maior conhecimento da Escritura se dá pela liturgia,¹¹¹³ porque é nas celebrações litúrgicas que grande parte dos fiéis se encontra para escutar e compreender a Palavra de Deus e participar de maneira ativa, consciente e frutuosa¹¹¹⁴ da dinâmica de uma Igreja em saída, que “primeireia”, envolve, acompanha, frutifica e festeja cada conquista.¹¹¹⁵ Sendo assim, quanto mais as pessoas forem iniciadas na Escritura, melhor será a compreensão delas sobre o mistério pascal de Cristo celebrado na liturgia.¹¹¹⁶

A oração litúrgica presidida pelo papa Francisco no dia 27 de março de 2020, na Praça de São Pedro, testemunha o quanto a Palavra de Deus rezada, celebrada, partilhada e testemunhada está sendo importante para a superação da crise pandêmica causada pela Covid-19. Seu caminhar solitário naquela manhã chuvosa revelou o cuidado desse pastor com o ser humano, deixando claro que não abandonaria seu rebanho diante de tamanha catástrofe. Recordou que naquele mesmo barco estava toda a humanidade, frágil e desorientada, e que ninguém estava sozinho diante dessa inesperada e violenta doença.¹¹¹⁷ Então, além de recordar ao mundo inteiro que a pandemia era uma realidade comum a todos, o Papa exortou toda a humanidade a remar junta, com mútuo encorajamento: “Entendemos que não

¹¹¹² PUCRS, Vida pós-pandemia, p. 1.

¹¹¹³ OLM 3.

¹¹¹⁴ SC 14.

¹¹¹⁵ EG 24.

¹¹¹⁶ VD 52.

¹¹¹⁷ FRANCISCO, PP., Momento extraordinário de oração em tempo de pandemia, p. 1.

podemos continuar caminhando cada qual por conta própria, mas precisamos caminhar juntos, sem medo, porque o Senhor está conosco e cuida de nós”.¹¹¹⁸ E também o texto bíblico (Mc 4,35-41) que proclamou nesse mesmo dia alcançou o coração mais longínquo e motivou cada pessoa a se unir para superar o medo que tomava conta de todos. Sendo assim, a mensagem do papa Francisco, expressando sua preocupação com o rebanho de Cristo e usando a força que vem da Palavra de Deus, surpreendeu o mundo com seu afago cuidadoso e consciente do que estava por vir.

Com isso, podemos intuir também que a escuta da Palavra de Deus na liturgia germina esperança e desperta espírito de cuidado para com o outro. Nesse sentido, a pandemia fez perceber o quanto as pessoas foram despertadas a cuidar de si e do outro. Mesmo nas igrejas, quantos se aproximaram para prestar serviços, seja na doação de cestas básicas, seja no atendimento psicológico, seja ainda no apoio aos idosos em suas necessidades básicas, entre outras atividades! E na igreja, quantas pessoas se dedicaram à higienização do espaço celebrativo, à compra de álcool em gel, de máscaras, a manter o distanciamento dos assentos, ao cuidado com objetos utilizados na celebração! Tudo isso nasce de uma consciência de fé despertada pela Escritura. “Vai e faça o mesmo, usando de misericórdia para com o próximo” (Lc 10,37).

Por outro lado, a pandemia nos fez pensar também o quanto se tornam necessárias propostas pastorais de formação iniciática e permanente à Escritura e à liturgia, por sua importância à formação das pessoas. Com isso, duas coisas poderão acontecer pós-pandemia: avanços ou retrocessos. Avanços no sentido de proporcionar em cada um de nós conversão pastoral, mudança de mentalidade mais acentuada de comunhão, participação e missão eclesial. E retrocessos se o espírito eclesial de comunhão, participação e missão tiver sido diminuído, fracassado. Como disse o secretário da CNBB, dom Joel Portela, “se nós não aprendermos na pandemia alguma coisa [...], não terá valido a pena passar por tudo que passamos”.¹¹¹⁹

¹¹¹⁸ FRANCISCO, PP., Momento extraordinário de oração em tempo de pandemia, p. 1.

¹¹¹⁹ *Live* com Dom Joel Amado Portela, no dia 11 de outubro de 2021, promovida pela Faculdade Jesuíta de Belo Horizonte-MG, pelo canal do Youtube: “Tecendo redes: assembleia eclesial da América Latina e do Caribe”.

A percepção que temos é de que essa pandemia está despertando um reavivamento de comunhão, participação e missão na vida da Igreja. O que nos leva a crer que o advento do pós-pandemia exigirá de toda a Igreja uma motivação pastoral mais consistente, dinâmica e permanente. O papa Francisco, na mensagem que encaminhou à assembleia eclesial latino-americana e do Caribe, afirmou que o espírito de comunhão, participação e missão da Igreja acontece junto com o povo de Deus, que é “sinal de uma Igreja sem exclusão”.¹¹²⁰ Esse é o caminho que toda a Igreja é chamada a percorrer, junto com todos.

Nesse sentido, em meio a tantas polarizações, que se acentuaram neste tempo pandêmico, podemos levantar a seguinte questão: a pandemia tem ajudado a nos educar para a escuta litúrgica da Escritura, a ponto de nos converter à dinâmica do cuidado para com os que estão sofrendo com as sequelas da doença e com a dor da separação de seus entes queridos? Pois toda ação de escuta litúrgica da Escritura conduz à prática de vida, inclusive a do amor ao próximo. Como afirma o apóstolo Tiago: “Sede praticantes da Palavra e não meros ouvintes” (Tg 1,22). Pela prática se vivencia o *shemá* Israel, no amor a Deus e ao próximo (Dt 6,4; Mc 12,29-31). O cuidado para com o próximo expressa o amor a Deus.

A experiência cristã das virtudes teologais: fé, esperança e caridade, se sustenta pela escuta da Escritura. Sem a compreensão da Escritura, dificilmente o cristão consegue viver as virtudes teologais e caminhar em meio às adversidades da vida. Foi isso que o papa Francisco fez quando rezou pelo mundo inteiro, aterrorizado pela Covid-19.¹¹²¹

Enquanto isso, as igrejas no mundo inteiro foram obrigadas a fechar as portas para evitar aglomeração e a proliferação do vírus. A grande motivação era a de ficar em casa e proteger-se. Com a radical interrupção da participação dos fiéis nas celebrações litúrgicas, a Igreja foi obrigada a encontrar alternativas para estar em contato com os fiéis. Nesse sentido, as redes sociais foram fundamentais para manter o contato com os paroquianos e ajudá-los a continuar firmes na fé pela escuta da Escritura na liturgia, de forma *online*. Isso colaborou para que muitos cristãos mudassem sua mentalidade com relação à internet. Aqueles que a tinham

¹¹²⁰ FRANCISCO, PP., Mensagem para a Assembleia Eclesial da América Latina e do Caribe, p. 1.

¹¹²¹ FRANCISCO, PP., Momento extraordinário de oração em tempo de pandemia, p. 1.

como adversária da fé, passaram a considerá-la uma aliada para alimentar a fé e a esperança das pessoas pela escuta e pela meditação da Escritura na liturgia.

A celebração litúrgica com transmissão nas mídias sociais aumentou assustadoramente. Mesmo de forma amadora e insegura, a Igreja teve de se reinventar e renovar seu modo de viver e celebrar a fé. As pessoas puderam acompanhar e até mesmo vivenciar a semana santa com suas procissões, festas dos padroeiros, eventos comunitários e pastorais pelas redes sociais. A Palavra de Deus continuou sendo viva e eficaz.

Desse modo, os grupos nas redes sociais foram se mobilizando e interagindo, e as plataformas digitais começaram a ser vistas como aliadas nesse processo de escuta e anúncio do Evangelho. As transmissões ao vivo conectaram as pessoas a sua comunidade paroquial. Entretanto, ao lado dessa proximidade dos fiéis com a comunidade, foram surgindo determinados tipos de criatividade carentes de fundamentação teológica.¹¹²²

Com isso, foram aparecendo também boas iniciativas que vêm ajudando as famílias cristãs a viver a experiência da liturgia doméstica, como, por exemplo, a celebração dominical da Palavra em família. A comissão de liturgia da CNBB, o Apostolado litúrgico e a Rede Celebra prepararam subsídios e disponibilizaram gratuitamente os textos das celebrações, inclusive da Liturgia das Horas. E a Santa Sé, por meio de decreto da Congregação do Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos, passou orientações, em tempos de Covid-19, indicando o modo de celebrar o Domingo de Ramos e o Tríduo Pascal, acrescentando à Oração Universal da Sexta-feira da Paixão uma intenção especial para este momento.¹¹²³

Não há como retroceder nem inverter tal modelo de evangelização, pois este novo areópago carece ser explorado pela Igreja para poder levar a mensagem de vida e esperança à humanidade inteira. Muitas pessoas passaram a ler, meditar e rezar a Escritura motivadas pelas redes sociais. Com o avanço das vacinas, percebemos que o sistema paroquial vem sendo estimulado a viver o sistema híbrido no processo de iniciação, formação permanente e anúncio do Evangelho. As mídias digitais fazem parte da vida das pessoas e hoje, portanto, são ferramentas essenciais para a evangelização.

¹¹²² PERON, E., Celebrando no templo de suas casas: um povo sacerdotal, p. 5.

¹¹²³ PERON, E., Celebrando no templo de suas casas: um povo sacerdotal, p. 5.

Aliás, as plataformas digitais têm sido um suporte necessário para manter o funcionamento dos círculos bíblicos, da leitura orante da Escritura, da celebração litúrgica da Palavra de Deus, dos grupos, movimentos e pastorais. E, apesar de não ser uma realidade para todos, mesmo assim o ambiente digital vem ganhando força na Igreja, pois tem sido lugar de experiência com a Escritura na liturgia.

A presença da Igreja católica nas plataformas digitais tem ajudado as pessoas a celebrar a fé, enquanto Igreja doméstica. E ainda está fazendo com que as famílias mantenham o contato com a comunidade paroquial. Com isso, muitos têm sido ajudados a superar seu luto, além de se sentirem acolhidos, amparados e cuidados pela Igreja, seja por meio de uma mensagem no *WhatsApp*, por uma ligação, seja até mesmo por um encontro nas plataformas digitais.

Com isso, a Igreja vem sendo despertada a ocupar os ambientes digitais, com a missão de continuar semeando a Palavra de Deus e promovendo a vida. O que não a isenta dos desafios, que são ventos contrários à força do bem, nessa cultura digital. Esses desafios são estimulantes para a Igreja se preparar melhor para utilizar com mais competência e eficiência as novas ferramentas das mídias digitais.

Desse modo, a Igreja passa a olhar para os meios de comunicação não apenas como ambientes do mal como também locais propícios para espalhar as sementes da Palavra de Deus. Hoje, então, a Igreja é convocada a assumir os meios de comunicação como geradores de uma nova cultura e de um importante instrumento para a evangelização. Mas um dos grandes desafios pastorais que ela enfrenta, no que se refere ao anúncio do Evangelho, é que tem de se preocupar muito com “o que dizer” e pouco com “o como” comunicar a Palavra de Deus.¹¹²⁴

A Igreja carece ainda compreender que a cultura digital é um ambiente que se manifesta de forma interligada: *off-line*, da comunicação corpo a corpo, do sentir, do tocar, do abraçar, do beijar o próximo; e *on-line*, formada por *bytes*, mas não menos real e plena de vida que a *off-line*. A compreensão desse novo ambiente significa acolhimento da cultura digital, sem renunciar a princípios morais e éticos, mas sendo uma possibilidade de apresentá-los a essa nova cultura, com a missão de evangelizar.¹¹²⁵ Quando a Igreja distribui o alimento da Palavra de Deus na rede social, ela promove a cultura do bem. A mídia é hoje o ambiente de todos os povos,

¹¹²⁴ ZANON, D., Igreja e comunicação: uma aproximação histórica, p. 14.

¹¹²⁵ ZANON, D., Igreja e comunicação: uma aproximação histórica, p. 14.

com o espírito de cooperação e corresponsabilidade com os serviços públicos.¹¹²⁶ Isso, porém, não substitui o presencial, porque a celebração litúrgica presencial é dado de fé, enquanto a virtual é instrumental. Precisamos, portanto, na pós-pandemia, recuperar o valor do presencial das pessoas na dinâmica eclesial.

Para o papa Bento XVI, as novas tecnologias são novos espaços de relações em que se deve promover uma cultura de respeito, de diálogo e de amizade,¹¹²⁷ pois o mundo digital oferta um vasto e melindroso campo pastoral para os sacerdotes. Como instrumento, a era digital pode oferecer aos padres o contato mais direto com as comunidades eclesiais e estabelecer de forma mais frequente diálogos abrangentes, incisivos e úteis para o exercício de seu ministério.¹¹²⁸ Nesse sentido, as novas tecnologias estão mudando não só nosso modo de comunicar como também a própria comunicação em si mesma, como transformação cultural. Com isso surge uma nova maneira de aprender e pensar, de estabelecer relações e de construir comunhão.¹¹²⁹ Apesar dos desafios, hoje, no mundo digital, com as *fake news*, a Igreja é incentivada a assumir esses novos espaços nas redes sociais, como portal propício para anunciar a verdade e a fé.¹¹³⁰

Na cultura digital, para anunciar a Palavra de Deus, carece ousadia para enfrentar os desafios, porque não é tanto como saber utilizar essas novas tecnologias, mas como tornar presente a evangelização no ambiente digital.¹¹³¹ Entretanto, sabemos que grande parte das pessoas tem dificuldade de utilizar essas novas tecnologias; mesmo assim, estão aprendendo a interagir no meio digital. Até pessoas que não tiveram a oportunidade de ser alfabetizadas, estão interagindo nessas novas plataformas. A geração mais jovem, então, tem mais facilidade ainda, por isso é mais audaciosa. Nesse sentido, os mais novos têm-se tornado presa fácil dos agenciadores do mal.

O processo de virtualização na pandemia trouxe transformações para a vida das pessoas e para dinâmica pastoral. Foi quando se começou a explorar mais os meios digitais, e, com isso, a presença da Igreja nas redes sociais ganhou destaque. As mais variadas mídias de inspiração católica começaram a se destacar, com

¹¹²⁶ PCCS, *Ética nas comunicações sociais*, 20.

¹¹²⁷ BENTO XVI, PP., *Mensagem para 45º dia mundial das comunicações sociais*, p. 1.

¹¹²⁸ BENTO XVI, PP., *Mensagem para 44º dia mundial das comunicações sociais*, p. 1.

¹¹²⁹ BENTO XVI, PP., *Mensagem para 45º dia mundial das comunicações sociais*, p. 1.

¹¹³⁰ BENTO XVI, PP., *Mensagem para 47º dia mundial das comunicações sociais*, p. 1.

¹¹³¹ DC 371.

produção de programas, *lives* e outros modos de orientação para a animação bíblica, com testemunhos, indicação de materiais acessíveis e guias para leitura orante,¹¹³² Ofício Divino, celebração dos sacramentos ou sacramentais etc. Aliás, essa aceleração no uso das mídias digitais convoca a Igreja para uma acelerada conversão pessoal e comunitária de sua ação pastoral.

Assim, entendemos que na pós-pandemia as ações pastorais não poderão ser pensadas sem os recursos das novas tecnologias digitais. Será urgente avançarmos no modo de pensar a era digital. Para que esse avanço aconteça, requer-se: a) integrar as novas tecnologias, como recurso instrumental, a nossa ação pastoral; b) verificar o que é realmente relevante para o anúncio do Evangelho nesse areópago digital; c) formar e capacitar os agentes de pastoral para utilizar com competência as mídias digitais, com olhar crítico, bom senso e discernimento sobre o impacto das redes sociais na vida e na fé das pessoas; d) reformar os métodos de ação evangelizadora, em consideração à comunicação da verdade e da fé, para melhor desenvolver as ações pastorais no novo ambiente digital.¹¹³³ Isso tudo pede mudança de mentalidade, como afirma o apóstolo Paulo: “Não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos, pela renovação da mente, para que possais distinguir o que é da vontade de Deus, a saber, o que é bom, o que lhe agrada, o que é perfeito” (Rm 12,2).

Com isso, a Igreja não se pode isentar de sua missão perante esta crise, tanto de pandemia quanto de valores éticos, morais e de humanidade. Ela continua precisando se educar à escuta da Palavra de Deus, para ser exemplo de comunidade samaritana que acolhe e cuida. Os momentos celebrativos devem ser conduzidos a essa finalidade, que é a de acolher e cuidar do próximo. Como afirma o Concílio Vaticano II, a liturgia é a fonte e o cume de toda ação eclesial.¹¹³⁴ Como fonte e cume, a Igreja é geradora de vida, pois se alimenta da Escritura para tornar viva e eficaz (Hb 4,12) sua ação evangelizadora no mundo, promovendo a vida e a dignidade das pessoas.

Portanto, não resta dúvida de que a pós-pandemia exigirá da Igreja uma renovada e constante conversão pastoral. E, para que isso aconteça, ela deverá ser

¹¹³² CNBB, Doc. Estudo 114, 265-266.

¹¹³³ SILVA. A. A., Catequese digital, p. 12.

¹¹³⁴ SC 10.

a primeira a buscar uma intimidade profunda com a Escritura, a fim de poder ser, no mundo digitalizado, mistagoga da fé. Será necessário também encantamento pela escuta do próximo; escutar melhor o outro e falar apenas o necessário. No ambiente digital exige-se muito a capacidade para escutar, para discernir os verdadeiros anseios dos que habitam ali. Assim, a fim de alargar a consciência para uma pastoral transversal, de maneira harmônica com todo o corpo eclesial, a Igreja é conclamada a valorizar cada vez mais os gestos de partilha e de solidariedade no meio eclesial, apoiando e promovendo as pastorais sociais, como forma de potencializar a prática do Evangelho celebrado na liturgia vivida.¹¹³⁵

Enfim, o aprendizado neste tempo de pandemia instiga-nos a renovar nossos métodos pastorais e as formas de anunciar a Palavra de Deus. O estímulo à inserção da Igreja no ambiente digital tem sido uma necessidade para alcançar as pessoas ausentes de nosso convívio eclesial. E já sentimos que é impossível, na pós-pandemia, manter uma pastoral que nos impede de ir ao encontro do outro, inclusive no ambiente digital. Urge a construção de um método pastoral híbrido, que dê sustento e fortaleça o vínculo eclesial *off-line* e *online*, pois é por meio da escuta litúrgica da Escritura que alimentamos nossa fé, nossa esperança e nosso amor a Deus e ao próximo.

¹¹³⁵ TULLIUS, M., A esperança como perspectiva pastoral para a comunicação, p. 38.

5. Conclusão

A via que ora finalizamos traz o resultado de inúmeras possibilidades interpretativas, acomodações novas entre definições e assinalações pastorais, que esforcaremos, a seguir, para reunir, assentar e articular como conclusão. Discorrendo sobre tema tão fértil, a teologia da escuta litúrgica da Escritura, percebemos sua vasta possibilidade de visões científicas, desde as ciências humanas, passando pela sociedade, até as inúmeras abordagens teológicas, o que não poderia ser diferente. Na verdade, isso pode indicar, a princípio, um objeto entre tantos outros, com delimitações precisas de interesses e argumentos a serem esmiuçados. Contudo, no decorrer da pesquisa, muitas implicações e perspectivas temáticas foram aparecendo, até ao ponto de deslindarmos no rol da “escuta” um verdadeiro eixo transversal.

Isso se verifica, por exemplo, na relação social e na experiência religiosa que os seres humanos podem discorrer e perscrutar a partir da escuta cultural como fenômeno antropológico-cultural. A fenomenologia, no aspecto religioso-comunitário, resultará em códigos comunicativos empregados na escuta litúrgica da Escritura e na relevância social do acontecimento celebrativo durante a vivência comunitária da fé, no dia a dia de cada pessoa cristã. No sentido teológico-cristão, a mesma relação será lida no contexto da revelação divina e da comunicação salvífica, que têm como eixo de leitura a comunhão, a participação e a missão. A predisposição do ser humano para se encontrar, escutar e se relacionar o introduz na liberdade do amor a Deus e ao próximo, podendo, assim, potencializar suas capacidades essenciais, um dos marcos mais importantes da identificação entre Deus e a humanidade. Tal fato constitui um forte veículo de comunicação, em que o ser humano acolhe pela “escuta” o projeto salvífico de vida em comunhão e, ao mesmo tempo, responde à Palavra de Deus, deixando-se atrair por ela, pela convocação divina.

Nesse sentido, a grande inquietação que levantamos como hipótese, e que nos provocou no transcorrer deste trabalho, foi: se a Escritura tem absoluta primazia na celebração cultural, por que se constatam tantas dificuldades em se escutar e compreender a Palavra de Deus nas celebrações litúrgicas? E qual a decorrência disso para o processo de iniciação e maturação dos cristãos no que concerne à

experiência de fé e do seu conseqüente testemunho? Essas inquietações e indagações continuam ainda mais fortes, porque nos provocaram uma reflexão teológica tão profunda a ponto de não pensarmos em outra coisa senão em nos inclinarmos diante do Senhor e suplicar a Ele a graça da conversão da mente e do coração. O cenário que procuramos nos questiona como Igreja sinodal, de comunhão, participação e missão.

Isso nos impele, portanto, a partir da trajetória de dois milênios de cristianismo, a continuar refletindo a partir das provocações do Concílio Ecumênico Vaticano II, sobretudo nas constituições *Sacrosanctum Concilium* e *Dei Verbum*. Nelas encontramos o cenário eclesial e a urgência de considerar a importância da escuta e, ao mesmo tempo, da resposta à Palavra Deus na liturgia e na vida, como discorreremos ao longo do trabalho.

Aliás, nossa pesquisa conduziu-nos a níveis profundos de assimilação e interpretação teológico-sistemática. E queremos considerá-las aqui por meio de algumas chaves de leitura que concebemos a partir do conceito antropológico-teológico da escuta sob a ótica histórico-salvífica. As chaves de leitura são apenas pistas indicativas para a aplicação do conteúdo apresentado tanto no contexto da escuta da Escritura na liturgia, e em sua vivência testemunhal no dia a dia, quanto na iniciação à vida cristã das pessoas, além da iniciação e da formação permanente dos que exercem ministérios na comunidade, mas que também atuam nas diversas frentes de trabalhos pastorais. Atiremo-nos, portanto, a essa delicada e urgente tarefa.

Inicialmente, importa-nos dizer que a escuta litúrgica da Escritura, na qualidade de convocação, a todo o povo de Deus, ao amor e à fidelidade a Deus, pela obediência aos seus mandamentos, coloca-nos diante de um projeto de vida que cria, redime, salva a humanidade e o cosmos. O cenário apresentado não é fragmentado; ao contrário, trata-se de um projeto de integração e relação comunicacional que conecta com a história humano-salvífica um Deus uno e trino, de comunhão, comunicação e participação. Deus não só interage como também participa da história do ser humano.

Toda ação de Deus foi escutada e celebrada. Percebemos, então, que o agir de Deus desperta convocação e motivação interior, vital e social para encontro e agregação. Esse mecanismo encontra sua síntese na efetiva construção da

convocação de Deus a toda a humanidade para deixar-se interpelar pela sua Palavra. Essa atração acontece pela escuta litúrgica da Escritura. A assembleia litúrgica reunida para a escuta da Palavra de Deus sinaliza o ecocosmos, isto é, o eco das maravilhas da Palavra de Deus ressoando em todo o cosmos, e, ao mesmo tempo, transparece a beleza do Deus criador e ordenador de todas as coisas. Todo o cosmos desponta como manifestação do próprio plano de Deus ao ser conhecido, desejado, importunado e construído por todos nós que fazemos parte de tudo o que nele existe. No cosmos manifesta-se o intenso amor de Deus pelas criaturas.

Deus é o primeiro a escutar o grito e o gemido do ser humano. Ele vê, escuta, toma a iniciativa, desce para socorrê-lo e o livra da morte. Ele é o Deus salvador. Como pontuamos no transcórre da reflexão sobre a “escuta”, escutar é um imperativo para toda a humanidade, no sentido de silenciar, conectar, compreender, obedecer, viver e praticar. A escuta acaba sendo o primeiro mandamento para toda pessoa cristã. A comunidade cristã convocada para escutar a Palavra de Deus realça a identidade do projeto de Deus expresso na atitude de cada pessoa de fé no mundo, pois a Palavra de Deus tem o poder de projetar e de criar, e o Espírito Santo encerra, comunica e impulsiona cada pessoa a experienciar a Palavra e praticá-la no dia a dia.

A pessoa humana, ao tomar consciência da verdade revelada pela escuta da Escritura na liturgia, empodera-se de tal vigor pelo mistério que nela se revela a ponto de viver com maior ardor e responsabilidade a missão que lhe foi confiada. Desse modo, o projeto de Deus vai se desenvolvendo e crescendo em cada pessoa que se coloca diante do Senhor para escutar sua Palavra. Ao redor da Palavra, cada pessoa, formando um único corpo unido a Cristo Cabeça, faz seu encontro com o mistério celebrado por meio da escuta. Com essa atitude, de modo espontâneo, cada um se recolhe para escutar, acolher e viver, na prática, a vontade de Deus.

Para tanto, a chave de leitura para a compreensão da teologia da escuta litúrgica, em primeiro lugar, vem da compreensão da etimologia de “escuta”, tanto no campo antropológico quanto teológico, e depois pela compreensão do sentido da escuta humana e divina. Essa compreensão leva-nos não só a querer entrar na escola da escuta como também de ser pessoa da escuta. Como seres de escuta, tudo ao nosso redor vai tomando um tom diferente, porque o ecoar da Palavra começa a ressoar de modo mais livre e com menos ruídos nos ouvidos do coração, da mente

e da alma humana. Assim, a fidelidade ao mandamento do amor a Deus e ao próximo vai se tornando uma realidade viva em cada pessoa cristã. Só podemos falar de escuta litúrgica da Palavra de Deus na experiência ritual e vivencial se antes estabelecermos um diálogo convergente entre as ciências teológicas e as demais áreas das ciências humanas. Isso porque é nesse diálogo convergente que se estabelecem as chaves de leitura para a compreensão da necessidade de nos educar hoje à escuta, tanto no ambiente social como no religioso.

Na escola da escuta somos todos discípulos. Quando educados à escuta, nos humanizamos e nos colocamos na condição do outro que eu mesmo sou. Assim, a escuta da Palavra de Deus na liturgia não possui outra finalidade senão nos humanizar e salvar. Como seres humanizados e salvos pela graça de Deus, tornamo-nos instrumentos de salvação para os outros e para o cosmos. Portanto, a compreensão da escuta litúrgica da Escritura, enquanto experiência e vivência da fé celebrada, ultrapassa o campo específico da liturgia, da reflexão sobre os sacramentos ou da teologia do culto. Ela encaminha a um vasto horizonte da teologia, compreendida como discernimento da Palavra de Deus revelada, e a sua comunicação à pessoa humana, em vista da salvação. Educar a escuta litúrgica da Escritura significa, antes de tudo, educar à escuta de si, do outro, do cosmos e de Deus. Essa empreitada deve tocar toda a Igreja, comunidade dos batizados, começando pelos que têm a função do magistério, do ensino, da catequese ou do testemunho da fé. É um ministério que é de todos tanto em grau como na competência que cada pessoa ocupa na comunidade.

Entretanto, o contexto eclesial nos aponta a acolher uma nova postura na missão da Igreja: a conversão pastoral. Somos convocados a uma conversão pastoral a partir da escuta sinodal que nos impele a caminhar juntos, com a riqueza da diversidade de dons e carismas da vida eclesial. Os que pensam diferente podem nos ajudar no discernimento da Palavra de Deus e no testemunho de comunhão. Assim, a unidade nos conduz àquilo que é essencial à vida comunitária e à caridade fraterna, que é a centralidade da vida cristã. Isso contribui para a superação dos desafios com relação à intolerância religiosa, ao preconceito, à exclusão e à violência psicológica religiosa. A conversão pastoral à escuta, além de gerar comunhão, gera participação ativa e consciente de pertencimento a uma comunidade de fé; e ainda gera identidade e comprometimento na missão.

Nesse quesito, a conversão pastoral, no que se refere à teologia da escuta litúrgica, requer primeiramente de todos os batizados iniciação à escuta da Escritura e da liturgia, pois uma sólida iniciação bíblico-litúrgica nos levará a mergulhar no mistério pascal de Cristo e a um testemunho coerente no mundo. O momento atual exige de toda a Igreja novas atitudes com relação à nova evangelização. A mudança de época inquieta-nos a aprofundar nossa fé a partir de uma sincera conversão pastoral.

Temos de ser conscientes de que, como Igreja, somos casa da Palavra e da escuta. E esse binômio, Palavra e escuta, nos conduz a outro binômio: Palavra e rito. Ambos necessitam de iniciação. Quando se aprende a escutar a Palavra, ela se torna rito em nossa vida. O rito é justamente o que a Palavra provoca enquanto ação na vida das pessoas, desde atitudes mais simples até às mais complexas e profundas. Nessa casa, templo humano que alberga o divino, quanto mais aberta e acolhedora da Palavra encarnada, mais humana e salvífica ela será, pois o templo humano, imbuído da Palavra de Deus, torna-se também anunciador da Palavra pelo testemunho de sua vida no mundo.

Também como chave de leitura para a teologia da escuta litúrgica da Escritura, nossa pesquisa vem nos confirmar ainda mais a importância da escuta de modo integral para podermos experienciar neste mundo, como peregrinos da Jerusalém celeste, não apenas a sinodalidade da escuta expressa na liturgia como também a experiência cósmica da escuta da Escritura na liturgia, visibilizada de modo especial na celebração litúrgica.

Assim, pudemos aprender em tempos de pandemia que não somos seres feitos para viver sozinhos, mas sim em comunidade. A escuta nunca foi tão necessária como está sendo para nós hoje. Aprendemos que, apesar de viver em um mundo hiperconectado, nunca estivemos tão desconectados dos elementos essenciais a nossa existência humano-afetiva. Estamos todos carentes do aprendizado da escuta. Parece que apenas sabemos falar, porque ao mesmo tempo sentimos que nos tornamos insensíveis a nos escutar e a escutar o outro. Mergulhados no nosso mundo ruidoso, bloqueamo-nos à escuta. Isso repercute de modo especial na liturgia, pois nela expressamos o que está abrigado em nós.

Portanto, a sensação que tivemos ao finalizar esta pesquisa é a de que não sabemos escutar. E o que conseguimos aprender para transcrever no decorrer deste

trabalho – ainda que tão pequeno mediante o mistério que nos envolve e deseja sussurrar em nossos ouvidos, como o imperativo, tão caro à tradição judaico-cristã: *Shemá Israel!* – é que a iniciação bíblico-litúrgica e mistagógica e a formação permanente de todos os membros da Igreja devem aprofundar e alimentar a vida de fé.

Vislumbramos, então, com esperança, a escuta constante da Palavra de Deus na liturgia e a sua vivência testemunhal no dia a dia. Na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, o papa Francisco escreve que a Igreja em saída é a comunidade de discípulos missionários que “primeiram”, que se envolvem, que acompanham, que frutificam e festejam. E o que se pode pensar também para a liturgia de uma Igreja em saída é que “primeireie” a escuta litúrgica da Escritura.¹¹³⁶

“Primeirear” a escuta litúrgica da Escritura em uma Igreja em saída, em primeiro lugar, é sinal de uma liturgia viva. A assembleia litúrgica, ao escutar a Escritura, faz como o Senhor, que tomou a iniciativa de amar (cf. 1Jo 4,10). Nesse sentido, a escuta da Escritura na liturgia nos interpela e nos convoca a tomarmos a iniciativa de sair sem medo ao encontro do próximo, inclusive dos afastados, até chegarmos às encruzilhadas e periferias existenciais. Isso porque, aquele que “primeireia”, vive o inesgotável desejo de oferecer misericórdia, fruto da experiência da infinita misericórdia do Pai que emana da liturgia.

Em segundo lugar, o “primeirear” da escuta litúrgica é sinal de uma comunidade cristã que se envolve. Assim como Jesus lavou os pés de seus discípulos, a comunidade cristã é motivada a fazer o mesmo. O Senhor envolveu-se e nos envolveu; pondo-se de joelhos, serviu o próximo. Com esse gesto, Jesus nos ensinou a fazer o mesmo para sermos felizes (cf. Jo 13,17). As palavras acompanham os gestos e as obras da comunidade cristã missionária, a qual, com essas iniciativas em sua vida diária, encurta as distâncias, inclinando-se, se for necessário, até à humilhação e assumindo a vida humana, ao tocar a carne sofredora de Cristo por meio do povo. As pessoas que evangelizam contraem, assim, o “cheiro das ovelhas”, e estas escutam sua voz.¹¹³⁷

Em terceiro lugar, o “primeirear” da escuta litúrgica é sinal de uma Igreja que acompanha e estimula a comunidade cristã na sua ação evangelizadora, levando-a:

¹¹³⁶ EG 24.

¹¹³⁷ EG 24.

a assistir a humanidade em todos os seus processos, por mais difíceis e demorados que sejam; a conhecer as longas esperas e a aceitação apostólica; e a evangelizar com paciência, evitando que se detenha a considerar as próprias limitações.¹¹³⁸

Em penúltimo lugar, o “primeirear” da escuta litúrgica, em uma Igreja em constante saída, é sinal de uma comunidade fiel ao dom do Senhor que frutifica. A comunidade evangelizadora conserva-se atenta aos frutos, porque o Senhor a quer fecunda para fazer com que a sua Palavra se encarne e dê frutos de vida nova, apesar de suas imperfeições e defeitos. A pessoa que segue e escuta a Palavra de Deus sabe oferecer a vida inteira e acolher, se for preciso, o martírio como testemunho de Jesus Cristo. Assim, o Senhor espera que a Palavra seja acolhida pelo ser humano e manifeste nele sua força renovadora.¹¹³⁹

Por fim, o “primeirear” da escuta litúrgica é sinal de uma Igreja que evangeliza e sabe festejar cada pequena conquista na evangelização. E, no ensejo de fazer avançar o bem, a evangelização torna-se beleza na liturgia, pois a Igreja evangeliza e se evangeliza com a beleza da liturgia, que é também celebração da atividade evangelizadora e fonte de um renovado impulso para se doar com alegria.¹¹⁴⁰

Em suma, neste trabalho foram propostas algumas chaves de leitura, entre tantas, para ajudar na compreensão da importância da teologia da escuta litúrgica da Escritura na experiência da fé celebrada e testemunhada nestes tempos líquidos e polarizados, com o objetivo de estimular a iniciação bíblico-litúrgica e mistagógica de todos os batizados. Nesse sentido, a necessidade de se educar à escuta será de extrema importância para esse processo de transformação de uma Igreja sinodal de comunhão, participação e missão. E o caminho a ser percorrido está aberto para a continuidade da pesquisa. Para isso, quem tem ouvidos escute o que o Espírito diz à Igreja (cf. Ap 2,7) e mergulhe profundamente no mistério pascal de Cristo, como testemunha fiel de seu amor à humanidade.

¹¹³⁸ EG 24.

¹¹³⁹ EG 24.

¹¹⁴⁰ EG 24.

Referências bibliográficas

- ABREU, C. N. A pessoa do terapeuta e o processo de mudança em psicoterapia. In: ABREU, C. N. et al. (Orgs.). **Psicoterapias cognitiva e construtivista: novas fronteiras da prática clínica**. Porto Alegre: Artmed, 2012. p. 325-335.
- ABRUZZINI, E. Arquitetura. In: SARTORE, D.; TRIACCA, A. M. (Orgs.) **Dicionário de liturgia**. São Paulo: Paulus, 1992. p. 80-87.
- AGOSTINHO. **A Virgem Maria: cem textos marianos com comentários**. São Paulo: Paulus, 1996.
- AGOSTINHO. **Comentário aos Salmos: salmos 51-100**. São Paulo: Paulus, 1997. v. 9/2.
- AGOSTINHO. **Confissões**. São Paulo: Paulus, 1997. v. 10.
- AGOSTINHO. **Instrução dos catecúmenos: teoria e prática da catequese**. Petrópolis: Vozes, 2005.
- AGOSTINHO. Sermões. In: CORDEIRO, J. M. G. (Org.). **Antologia litúrgica: textos litúrgicos, patrísticos, e canônicos do primeiro milênio**. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2015. p. 993-1126.
- AITKEN, K. *Shemá*. In: VANGEMEREN, W. (Org.). **Novo Dicionário Internacional de Teologia e Exegese do Antigo Testamento**. São Paulo: Cultura Cristã, 2011. p. 174-180.
- ALDAZÁBAL, J. **A mesa da Palavra: elenco das leituras da missa – Texto e comentário**. São Paulo: Paulinas, 2007. v. 1.
- ALDAZÁBAL, J. **Instrução geral sobre a Liturgia das Horas e comentários**. São Paulo: Paulinas, 2010.
- ALVES, R. **O amor que acende a lua**. Campinas: Papiros, 2011.
- AMADO, J. P. **Live: tecendo redes. Assembleia eclesial da América Latina e Caribe**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=-70GuA7bVNU>>. Acesso em: 31 out. 2021.
- AMBROGIO DI MILANO. **Comento al Salmo 118**. Roma: Città Nuova, 1987. v. 1.
- AMBRÓSIO. **Examerão: os seis dias da criação**. São Paulo: Paulus, 2009.
- AMBRÓSIO. **Explicação do símbolo: sobre os sacramentos; sobre os mistérios; sobre a penitência**. São Paulo: Paulus, 1996.
- AMBRÓSIO. **Os sacramentos e os mistérios: iniciação cristã na Igreja primitiva**. Petrópolis: Vozes, 2016.
- ANDREATA, C. Apontamentos sobre o contexto teológico do Vaticano II. **Instituto Humanitas Unisinos**, v. 401, ano XII, p. 5-6, set. 2012. Disponível em: <<http://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/4607-cleusa-andreata>>. Acesso em: 22 dez. 2020.
- ANNOLI, L. **Psicologia della comunicazione**. Bologna: Il Mulino, 2002.

AQUINO, F. **Conhecendo um pouco a vida de São João Crisóstomo, doutor da Igreja.** Cleófas, Lorena, 13 set. 2018. p. 1. Disponível em: <<https://cleofas.com.br/conhecendo-um-pouco-da-vida-de-sao-joao-crisostomo-doutor-da-igreja/>>. Acesso em: 09 dez. 2020.

ARENS, A. *Die Psalmen im Gottesdienst des Alten Bundes.* Trier: Paulinus-Verlag, 1961.

ARGÁRATE, P. **A Igreja celebra Jesus Cristo:** introdução à celebração litúrgica. São Paulo: Paulinas, 1997.

ATAS DOS MÁRTIRES. Martírio de Polião, 1. In: CORDEIRO, J. M. G. (Org.). **Antologia litúrgica:** textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2015. p. 170-172.

AUGÉ, M. **Liturgia:** história, celebração, teologia e espiritualidade. São Paulo: Ave-Maria, 1998.

BALZ, H.; SCHNEIDER, G. *Dizionario Esetico del Nuovo Testamento.* Brescia: Paideia, 1995.

BARBAGLIO, G. **As Cartas de Paulo.** São Paulo: Loyola, 1991. v. 2.

BARBAGLIO, G. O Evangelho de Mateus. In: BARBAGLIO, G.; FABRIS, R.; MAGGIONI, B. (Orgs.). **Os Evangelhos.** São Paulo: Loyola, 1990. v. 1, p. 33-420.

BARROS, H. V.; QUEGE, M. L. P. **Liturgia e catequese:** uma relação a ser conquistada. Goiânia: Scala, 2020.

BASURKO, X. De Trento ao movimento litúrgico (1545-1909). In: BOROBIO, D. (Org.). **A celebração na Igreja:** liturgia e sacramentologia fundamental. São Paulo: Loyola, 1990. v. 1, p. 112-125.

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida.** Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BAUMAN, Z.; MAURO, E. **Babel:** entre a incerteza e a esperança. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

BEA, A. *Valore pastorale della Parola di Dio nella liturgia.* **Revista Litúrgica**, n. 55, p. 151-192, 1968.

BECKHÄUSER, A. **A liturgia da missa:** teologia e espiritualidade da Eucaristia. Petrópolis: Vozes, 2012.

BECKHÄUSER, A. **Os fundamentos da Sagrada Liturgia.** Petrópolis: Vozes, 2004.

BECKHÄUSER, A. *Sacrosanctum Concilium:* texto e comentário. São Paulo: Paulinas, 2012.

BECQUET, G. et al. **A Carta de Tiago.** São Paulo: Paulinas, 1991.

BÉGUERIE, P.; BEZANÇON, J. **A missa de Paulo VI:** retorno ao coração da Tradição. São Paulo: Paulus, 2016.

BEINERT, W. Sínodo. In: LACOSTE, J. (Org.). **Dicionário crítico de teologia.** São Paulo: Paulinas/Loyola, 2014. p. 1670-1672.

BENEDITO, A. L. **A sacramentalidade da Palavra de Deus: uma aproximação entre a mistagogia de Ambrósio de Milão e a constituição *Sacrosanctum Concilium***. 2019. Rio de Janeiro, 2019. 150p. Tese. Faculdade de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

BENTO XV, PP. **Carta Encíclica *Spiritus Paraclitus***. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/benedict-xv/es/encyclicals/documents/hf_ben-xv_enc_15091920_spiritus-paraclitus.html>. Acesso em: 05 fev. 2021.

BENTO XVI, PP. Carta Apostólica sob forma de ***Motu Proprio Porta Fidei***. São Paulo: Paulinas, 2012.

BENTO XVI, PP. Carta Encíclica ***Deus Caritas Est***: sobre o amor cristão. São Paulo: Loyola/Paulus, 2006.

BENTO XVI, PP. **Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Sacramentum Caritatis***: sobre a Eucaristia, fonte e ápice da vida e da missão da Igreja. São Paulo: Paulinas, 2007.

BENTO XVI, PP. **Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Verbum Domini***: sobre a Palavra de Deus na vida e na missão da Igreja. São Paulo: Paulinas, 2010.

BENTO XVI, PP. **Mensagem para o 43º Dia Mundial das Comunicações**. Novas tecnologias, novas relações: promover uma cultura de respeito, de diálogo e de amizade. Vaticano, 19 maio 2009. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/communications/documents/hf_ben-xvi_mes_20090124_43rd-world-communications-day.html>. Acesso em: 31 jul. 2020.

BENTO XVI, PP. **Mensagem para o 47º Dia Mundial das Comunicações Sociais**. Redes sociais: portais de verdade e de fé, novos espaços de evangelização. Vaticano, 12 maio 2013. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/communications/documents/hf_ben-xvi_mes_20130124_47th-world-communications-day.html>. Acesso em: 31 jul. 2020.

BENTO XVI, PP. **Silêncio e palavra**: caminho de evangelização. São Paulo: Paulus, 2012.

BENTO XVI. **Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Verbum Domini***: sobre a Palavra de Deus na vida e na missão da Igreja. São Paulo: Paulinas, 2010.

BENTO XVI. **Homilia de abertura da XII Assembleia Geral do Sínodo dos Bispos**. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2008/documents/hf_ben-xvi_hom_20081005_apertura-sinodo.html>. Acesso em: 10 maio 2021.

BENTO XVI. **Mensagem para 44º Dia Mundial das Comunicações Sociais**. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/communications/documents/hf_ben-xvi_mes_20100124_44th-world-communications-day.html>. Acesso em: 24 jun. 2021.

BENTO XVI. **Mensagem para 45º Dia Mundial das Comunicações Sociais**. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/communications/documents/hf_ben-xvi_mes_20110124_45th-world-communications-day.html>.

xvi/pt/messages/communications/documents/hf_ben-xvi_mes_20110124_45th-world-communications-day.html>. Acesso em: 24 jun. 2021.

BENTO. **Regra de São Bento**. Rio de Janeiro: Lumen Christi, 2012.

BESEN, J. A. O Concílio de Trento e a reforma católica. **Encontros Teológicos**, v. 31, n. 2, p. 279-294, maio/ago. 2016.

BEUTLER, J. **Evangelho segundo João**: comentário. São Paulo: Loyola, 2015.

BIANCHI, E. *L'amore vince la morte: commento esegetico spirituale alle lettere di Giovanni*. Torino: San Paolo, 2008.

BIANCHI, E. *La Parola costruisce la comunità*. Bose: Qiqajon, 1993.

BIANCHI, E. *Lexico della vita interiore: le parole della spiritualità*. Milano: Bur Biblioteca Univ. Rizzoli, 2004.

BIBLEWORKS 10. Norfolk, VA: BibleWorks/LLC, 2015.

BÍBLIA de Jerusalém. Nova ed. rev. e ampl. 2ª Impr. São Paulo: Paulus, 2003.

BÍBLIA HEBRAICA. Stuttgartensia. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1997.

BÍBLIA PASTORAL. São Paulo: Paulus, 2002.

BÍBLIA SACRADA. Tradução oficial da CNBB. Brasília: Edições CNBB, 2019.

BÍBLIA SEPTUAGINTA. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1979.

BISCONTIN, C. **Pregar a Palavra**: a ciência e a arte da pregação. Brasília: CNBB, 2017.

BOLLOUSSIER, A. V. Evangélicos podem desbancar católicos no Brasil em pouco mais de uma década. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 14 jan. 2020. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/01/evangelicos-podem-desbancar-catolicos-no-brasil-em-pouco-mais-de-uma-decada.shtml>>. Acesso em: 14 maio 2021.

BONHOEFFER, D. *La parole de la prédication*. Genève: Labor et Fides, 1992.

BOROBIO, D. **A dimensão estética da liturgia**: arte sagrada e espaços para a celebração. São Paulo, 2010.

BORTOLINI, J. **Como ler a Carta aos Romanos**: o Evangelho é a força de Deus que salva. São Paulo: Paulus, 1997.

BOSELLI, G. **O sentido espiritual da liturgia**. Brasília: Edições CNBB, 2014.

BOSSUET, J. *Oeuvres oratoires de Bossuet*. Paris: Desclée de Brouwer, 1927. v. 3.

BOUYER, L. *Architettura e liturgia*. Magnano: Qiqajon, 1994.

BOVON, F. **El evangelio según San Lucas** Salamanca: Sígueme, 1983. v. 1.

BOYER, O. **Mateus**: o Evangelho do Rei. Rio de Janeiro: Emprevan, 1969.

BRANDOLINI, L. Domingo. In: SARTORE, D.; TRIACCA, A. (Orgs.). **Dicionário de Liturgia**. São Paulo: Paulus, 1992. p. 305-318.

- BRIEND, J. Palavra de Deus. In: LACOSTE, J. (Org.). **Dicionário Crítico de Teologia**. São Paulo: Loyola/Paulinas, 2014. p. 1328-1334.
- BROSSE, J. *Inventaire des sens*. Paris: Grasset, 1965.
- BRÜTSCH, C. *La Clarté de L'Apocalypse*. Genève: Labor et Fides, 1966.
- BUBER, M. **Eu e tu**. São Paulo: Centauro, 2006.
- BUCCIOL, A. **Liturgia, vida da Igreja**. Brasília: CNBB, 2020.
- BUCCIOL, A. **Tua Palavra é a luz da vida: para bem proclamar a Palavra de Deus**. Brasília: Edições CNBB, 2020.
- BUGNINI, A. **A reforma litúrgica**. São Paulo: Paulus/Paulinas/Loyola, 2018.
- BURIGANA, R.; PACOMIO, L. *Dei Verbum per il 40° anniversario del Concilio Vaticano II*. Casale Monferrato: Piemme, 2002.
- BUSCH, J. A. M. **Iniciação cristã de adultos hoje: processo vivenciado na pastoral urbana**. São Paulo: Paulus, 1983.
- BUYST I.; SILVA, J. A. **O mistério celebrado: memória e compromisso**. São Paulo: Paulinas, 2003.
- BUYST, I. Celebrando a aliança cósmica. **Revista de liturgia**, ano 37, n. 219, p. 4-7, maio/jun. 2010.
- CALANDRO, E. A. **Processo de iniciação à vida cristã e resiliência: um estudo teológico-pastoral sobre a catequese com adultos na Paróquia Nossa Senhora dos Navegantes (Diadema/SP)**. Rio de Janeiro, 2021. 476p. Tese. Faculdade de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.
- CALANDRO, E. LEDO, J. S. **Celebrando a vida: catequese com o ventre materno**. Goiânia: Scala, 2015.
- CALANDRO, E.; LEDO, J. S. **Catequese com adolescentes e jovens: livro do catequista**. Goiânia: Scala, 2015. v. 2
- CALANDRO, E.; LEDO, J. S. **Catequese com adultos: livro do catequista**. Goiânia: Scala, 2015. v. 2.
- CALANDRO, E.; LEDO, J. S. **Catequese com crianças: livro do catequista**. Goiânia: Scala, 2015. v. 1.
- CALANDRO, E.; LEDO, J. S. **Catequese com crianças: livro do catequista**. Goiânia: Scala, 2015. v. 2.
- CALANDRO, E.; LEDO, J. S. **Psicopedagogia catequética: reflexões e vivências para a catequese, conforme as idades**. São Paulo: Paulus, 2010. v. 1.
- CALANDRO, E.; LEDO, J. S. **Psicopedagogia catequética: reflexões e vivências para a catequese conforme as idades**. São Paulo: Paulus, 2010. v. 2
- CALANDRO, E.; LEDO, J. S. **Psicopedagogia catequética: reflexões e vivências para a catequese conforme as idades**. São Paulo: Paulus, 2011. v. 3.

- CALANDRO, E.; LEDO, J. S. **Psicopedagogia catequética**: reflexões e vivências para a catequese conforme as idades. São Paulo: Paulus, 2012. v. 4.
- CALANDRO, E.; LEDO, J. S. **Querigma com adolescentes e jovens**: livro para a comunidade, introdutor, catequizando e catequista. Goiânia: Scala, 2015. v. 1.
- CALANDRO, E.; LEDO, J. S. **Querigma com adultos**: livro para a comunidade, introdutor, catequizando e catequista. Goiânia: Scala, 2015. v. 1.
- CALATI, B. Rivelazione e o tradizione: Il capitolo il dela *Dei Verbum*. In: CALATI, B. et al. (Orgs.). *Un documento dimenticato*: la *Dei Verbum*. Reggio Emilia: San Lorenzo, 1992. p. 10-18.
- CANTALAMESSA, R. **O mistério da Palavra de Deus**. São Paulo: Canção Nova, 2014.
- CAPIZZI, N. *Dei Verbum*: storia, commento recezione. Roma: Studium, 2015.
- CARREZ, M. et al. **As Cartas de Paulo, Tiago, Pedro e Judas**. São Paulo: Paulinas, 1987.
- CARVALHO, H. R.; GIL, P. C. **Iniciação à vida cristã e pedagogia catecumenal**. São Paulo: Paulus, 2019.
- CASTELLAZZI, V. L. **Ascoltarsi, ascoltare**: le vie dell'incontro e del dialogo. Roma: Edizione Magi, 2011.
- CASTELLS, M. **Communication Power**. Oxford: Copyrighted Material, 2013.
- CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. São Paulo: Loyola, 2000.
- CELAM. **Conclusões de Medellín**: II Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano. São Paulo: Paulinas, 1987.
- CELAM. **Documento de Aparecida**: texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. Aparecida, 2007. Brasília: Edições CNBB; São Paulo: Paulinas/Paulus. 2008.
- CELAM. **Documento de Aparecida**: texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. Brasília: Edições CNBB; São Paulo: Paulus/ Paulinas, 2008.
- CELAM. **Documento para o caminho em direção à assembleia eclesial da América Latina e Caribe**. Disponível em: <<https://assembleaeclesial.lat/wp-content/uploads/2021/04/documento-para-o-caminho-portugues.pdf>>. Acesso em: 31 out. 2021.
- CELAM. **Evangelização no presente e no futuro da América Latina**: conclusões da Conferência de Puebla. São Paulo: Paulinas, 1979.
- CEPABC. **Itinerário catequético**: iniciação à vida cristã – Um processo de inspiração catecumenal. Brasília: Edições CNBB, 2019.
- CERFAUX, L. **O cristão na teologia de São Paulo**. São Paulo: Paulinas, 1976.

CERQUEIRA, T. C. S.; SOUSA, E. M. Escuta sensível. O que é? Escuta sensível em diferentes contextos laborais. In: CERQUEIRA, T. C. S. (Org.). **(Con)Textos em escuta sensível**. Brasília: Thesaurus, 2011. p. 15-52.

CESÁRIO DE ARLES. Sermão 78,2. In: CORDEIRO, J. M. G. (Org.). **Antologia Litúrgica**: textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2015. p. 1368-1411.

CHIARA, L. **A Palavra**. São Paulo: Cidade Nova, 1975.

CIPRIANO DE CARTAGO. Cartas. In: CORDEIRO, J. M. G. (Org.) **Antologia litúrgica**: textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2015. p. 308-341.

CIPRIANO DE CARTAGO. Epístola 38. In: **Obras completas**. São Paulo: Paulus, 2020. v. 35/2.

CIRILO DE JERUSALÉM. Catequeses. In: CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. **Liturgia das Horas**. São Paulo: Vozes/Paulinas/Paulus/Ave-Maria, 2000. v. 2, p. 1476-1478.

CIRILO DE JERUSALÉM. Catequeses pré-batismas. In: CORDEIRO, J. M. G. (Org.). **Antologia litúrgica**: textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2015. p. 535-551.

CLEMENTE ROMANO. Primeira Carta de Clemente aos Coríntios. In: PADRES APOSTÓLICOS. São Paulo: Paulus, 1995. v. 1.

CNBB. **Animação da vida litúrgica no Brasil**. São Paulo: Paulinas, 2006. (Doc. 43).

CNBB. **Catequese renovada**: orientações e conteúdos. São Paulo Paulinas, 1998. (Doc. 26).

CNBB. **Comunidades de comunidades**: uma nova paróquia. A conversão Pastoral da Paróquia. São Paulo: Paulinas, 2014. (Doc. 100).

CNBB. **Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil**: 2008-2010. São Paulo: Paulinas, 2008. (Doc. 87).

CNBB. **Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil**: 2011-2015. São Paulo: Paulinas, 2011. (Doc. 94).

CNBB. **Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil**: 2015-2019. São Paulo: Paulinas, 2015. (Doc. 102).

CNBB. **Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil**: 2019-2023. Brasília: Edições CNBB, 2019. (Doc. 109).

CNBB. **E a Palavra habitou entre nós (Jo 1,14)**: Animação Bíblica da Pastoral a partir das comunidades eclesiais missionárias. Brasília: Edições CNBB, 2021. (Estudo 114).

CNBB. **Guia litúrgico-pastoral**. Brasília: Edições CNBB, 2017.

CNBB. **Iniciação à vida cristã**: itinerário para formar discípulos missionários. Brasília: Edições CNBB, 2017. (Doc. 107).

CNBB. **Iniciação à vida cristã**: um processo de inspiração catecumenal. Brasília: CNBB, 2014. (Estudos 97).

CNBB. **Ministério e celebração da Palavra**. Brasília: Edições CNBB, 2019. (Doc. 108).

CNBB. Missão e ministérios dos cristãos leigos e leigas. São Paulo: Paulinas, 2010. (Doc. 62).

CNBB. Orientações para projeto e construção de igrejas e disposição do espaço celebrativo. Brasília: Edições CNBB, 2013. (Estudo 106).

CÓDIGO de Direito Canônico. São Paulo: Loyola, 1983.

COLA, G. C. **O sacramento-assembleia**: teologia mistagógica da comunidade celebrante. Petrópolis: Vozes; Rio de Janeiro: Ed. PUC, 2021.

COLAGRANDE, F.; JAGURABA, M. **Sínodo**: acontecimento mais importante depois do Concílio. Disponível em: <<https://www.vaticannews.va/pt/vaticano/news/2021-10/sinodo-sinodalidade-coda-entrevista-papa-francisco.html>>. Acesso em: 14 out. 2021.

COMBLIN, J. **A força da Palavra**. Petrópolis: Vozes, 1986.

COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL. **O Sensus Fidei na Igreja**. São Paulo: Paulinas, 2015.

COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL. **Sinodalidade na vida e na missão da Igreja**. Brasília: Edições CNBB, 2018.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. **Constituição Dogmática Dei Verbum**: sobre a revelação divina. São Paulo: Paulinas, 2011.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. **Constituição Dogmática Sacrosanctum Concilium**: sobre a sagrada liturgia. São Paulo: Paulinas, 2011.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Decreto *Ad gentes* sobre a atividade missionária da Igreja. In: VATICANO II. **Mensagens, discursos e documentos**. São Paulo: Paulinas, 2007.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Decreto *Presbyterorum Ordinis*. In: VATICANO II. **Mensagens, discursos e documentos**. São Paulo: Paulinas, 2007. p. 400-439.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Decreto *Unitatis Redintegratio* sobre o ecumenismo. In: VATICANO II. **Mensagens, discursos e documentos**. São Paulo: Paulinas, 2007. p. 259-276.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. **Constituição dogmática Lumen Gentium** sobre a Igreja. In: VATICANO II. **Mensagens, discursos e documentos**. São Paulo: Paulinas, 2007. p. 185-344.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. **Constituição Pastoral Gaudium et Spes**. In: VATICANO II. **Mensagens, discursos e documentos**. São Paulo: Paulinas, 2007. p. 470-1644.

CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. **Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros.** São Paulo: Paulinas, 2013.

CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. **Instrução:** a conversão pastoral da comunidade paroquial a serviço da missão evangelizadora da Igreja. Brasília: Edições CNBB, 2020.

CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. **O presbítero:** mestre da Palavra, ministro dos sacramentos e guia da comunidade em vista do terceiro milênio. São Paulo: Paulinas, 1999.

CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. **Cerimonial dos Bispos.** São Paulo: Paulus, 2004.

CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. **Decreto *Domus Ecclesiae*.** Disponível em: <<https://santandrea.teatinos.org/pt/bem-vindos/domus-ecclesiae/>>. Acesso em: 14 abr. 2021.

CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. **Instrução Geral do Missal Romano e Introdução ao Lecionário.** Brasília: Edições CNBB, 2016.

CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. **Lecionário Dominical ABC:** sequência do Espírito Santo. São Paulo: Paulus, 1994.

CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. **Missal Romano.** São Paulo: Paulus, 1997.

CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. **Ritual de Ordenações.** São Paulo: Paulus, 2002.

CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. **Ritual da Dedicção de Igreja e de altar.** São Paulo: Paulinas, 1984.

CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. **Ritual da Iniciação Cristã de Adultos.** São Paulo: Paulus, 2002.

CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. **Ritual de Batismo de crianças.** São Paulo: Paulus, 1999.

CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. **Ritual de bênçãos.** São Paulo: Paulus, 1990.

CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. **Ritual do Matrimônio.** São Paulo: Paulus, 1993.

CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. **Instrução Geral sobre a Liturgia das Horas.** Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2014.

CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. **Missal Romano.** São Paulo: Paulus, 1992.

- CONZELMANN, H. *El centro del tiempo: la teología de Lucas*. Madrid: Fax, 1974.
- COOGAN, M. D. Josué. In: BROWN, R. E. et al. (Orgs.). **Novo comentário bíblico São Jerônimo**: Antigo Testamento. São Paulo: Academia Cristã /Paulus, 2007. p. 252-294.
- CORBON, J. **A fonte da liturgia**. São Paulo: Paulinas, 2016.
- CORBON, J. **A liturgia da fonte**. São Paulo: Paulinas, 2016.
- CORECCO, E. *Sinodalità*. In: BARBAFLIO, G., DIANICH, S. *Nuovo dizionario di teologia*. Cinisello Balsamo: Paoline, 1985. p. 1466-1467.
- CORSINI, E. **O Apocalipse de São João**: grande comentário bíblico. São Paulo: Paulinas, 1984.
- COSTA, R. F. **A mistagogia em Cirilo de Jerusalém**. São Paulo: Paulus, 2015.
- COSTA, R. F. **Mistagogia hoje**: o resgate da experiência mistagógica dos primeiros séculos da Igreja para a evangelização e catequeses atuais. São Paulo: Paulus, 2014.
- COTHENET, E. **As epístolas de Pedro**. São Paulo: Paulinas, 1986.
- CROCETTI, G. **Josué, Juízes, Rute**. São Paulo: Paulinas, 1985.
- CUVA, A. Assembleia. In: SARTORE, D.; TRIACCA, A. (Orgs.). **Dicionário de Liturgia**. São Paulo: Paulus, 2009. p. 94-104.
- DANGELO, J. G.; FATTINI, C. A. **Anatomia humana básica**. Rio de Janeiro: Atheneu, 2015.
- DATTLER, F. **A Igreja dos primórdios**: comentário dos Atos dos Apóstolos. Juiz de Fora: Esdeva Empresa, 1975.
- DAVIDSON, R. Ideologia da Aliança no Israel Antigo. In: CLEMENTS, R. E. (Org.). **O mundo do Antigo Israel**. São Paulo: Paulus, 1995. p. 327-335.
- DE ZAN, R. **Os múltiplos tesouros da única Palavra**: introdução ao lecionário e à leitura litúrgica da Bíblia. Petrópolis: Vozes, 2015.
- DEISS, L. **A Palavra de Deus celebrada**: teologia da celebração da Palavra de Deus. Petrópolis: Vozes, 1998.
- DELLA PIETRA, L. **La parola restituita**: la ricchezza del linguaggio litúrgico. Cinisello Balsamo: San Paolo, 2017.
- DEMARCHI, J. Técnicas de conciliação e mediação. In: GRINOVER, A. A. et al. (Orgs.). **Mediação e gerenciamento de processos**. São Paulo: Atlas, 2007. p. 56-67.
- DICIO. Dicionário *online* de português. **Sensibilidade**. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/sensibilidade/>>. Acesso em: 02 nov. 2021.
- DIDAQUÉ. Instrução do Senhor aos gentios. In: CORDEIRO, J. M. G. (Org.). **Antologia litúrgica**: textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2015. p. 100-107.
- DÍEZ, F. M. **Teologia da comunicação**. São Paulo: Paulinas, 1997.

- DINIZ, C. S. G. **Humanização da assistência ao parto no Brasil**: os muitos sentidos de um movimento. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/csc/a/JQVbGPcVFfy8PdNkYgJ6ssQ/?lang=pt&format=pdf>>. Acesso em: 29 set. 2021.
- DOCUMENTO PREPARATÓRIO. **Para uma Igreja sinodal**: comunhão, participação e missão. Disponível em: <<https://www.vaticannews.va/pt/vaticano/news/2021-09/texto-lido-em-portugues.html>>. Acesso em: 14 out. 2021.
- DUNN, J. D. G. **A teologia do apóstolo Paulo**. São Paulo: Paulus, 2003.
- DUPONT, J. **Estudos sobre os Atos dos Apóstolos**. São Paulo: Paulinas, 1974.
- DURANDO, G. *Rationale divinatorum officiorum* IV, 24,5. Turnholt: Brepols, 1995.
- EFRÉM, Diácono. Comentário sobre o Diatéssaron, 1,19. In: CORDEIRO, J. M. G. (Org.). **Antologia litúrgica**: textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2015. p. 440-442.
- ELIADE, M. **O sagrado e o profano**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- ELLUL, J. **Apocalipse**: arquitetura em movimento. São Paulo: Paulinas, 1979.
- FABRIS, R. O evangelho de Lucas. In: FABRIS, R.; MAGGIONI, B. (Orgs.). **Os Evangelhos**. São Paulo: Loyola, 1995. v. 2, p. 9-247.
- FABRIS, R. O evangelho de Marcos. In: BARBAGLIO, G.; FABRIS, R.; MAGGIONI, B. (Orgs.). **Os Evangelhos**. São Paulo: Loyola, 1990. v. 1, p. 421-621.
- FABRIS, R. **Os Atos dos Apóstolos**. São Paulo: Loyola, 1991.
- FACHADA, M. O. **Psicologia das relações interpessoais**. Lisboa: Rumo, 1991.
- FALCONE, E. Empatia. In: ABREU, C. N. et al. (Orgs.). **Psicoterapias cognitiva e construtivista**: novas fronteiras da prática clínica. Porto Alegre: Artmed, 2012. p. 275-287.
- FARIAS, J. F. A releitura do Deuteronômio nos Evangelhos. In: KONINGS, J.; SILVANO, Z. A. (Orgs.). **Deuteronômio**: “Escuta, Israel!”. São Paulo: Paulinas, 2020. p. 187-230.
- FÉRER, H. M. **O Apocalipse de São João**. São Paulo: Paulinas, 1968.
- FERNANDES, L. A. Da *Dei Verbum* à *Verbum Domini*. In: DÔNDICI, G. (Org.). **Fecundados pela Palavra**: comentários à Exortação Apostólica *Verbum Domini*. Rio de Janeiro: PUC- Rio; São Paulo: Paulus, 2014. p. 13-68.
- FERNANDES, L. A.; GRENZE, M. **Evangelho segundo Marcos**. São Paulo: Paulinas, 2012.
- FERNANDES, L. A.; GRENZER, M. **Êxodo 15,22–18,27**. São Paulo: Paulinas, 2011.
- FERREIRA, J. A. **A Palavra e o rito** (PDF), p. 63-80. Disponível em: <https://www.liturgia.pt/anodafe/FERREIRA_Jose_A_palavra_e_o_rito.pdf>. Acesso em: 29 jan. 2021.
- FERREIRA, J. A. Onésimo: um personagem silencioso no bilhete a Filêmon? **Horizonte**, v. 14, n. 42, p. 377-401, abr./jun. 2016.

FERRY, B.-M. Tessalonicenses, epístolas. In: BOGAERT P. M. et al. (Orgs.). **Dicionário Enciclopédico da Bíblia**. São Paulo: Paulus/Loyola/Paulinas; Santo André: Academia Cristã, 2013. p. 1307-1310.

FITZMYER, J. A. **A Bíblia na Igreja**. São Paulo: Loyola, 1997.

FITZMYER, J. A. Carta aos Romanos. In: BROWN, R. E. et al. E. (Orgs.). **Novo comentário bíblico São Jerônimo**: Novo Testamento e artigos sistemáticos. Santo André: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2011. p. 515-591.

FLORENTINO, L. F.; SILVA, H. L. C. Os reflexos da imprensa na Reforma Protestante e seus efeitos sobre a crítica popular europeia ao clero. **Trilhas da História**, v. 8, n. 15, p. 321-333, jul./dez. 2018.

FLORES, J. J. **Introdução à teologia litúrgica**. São Paulo: Paulinas, 2006.

FORTE, B. **À escuta do outro**: filosofia e revelação. São Paulo: Paulinas, 2003.

FOSSA, I. Biblia y liturgia. **Fhase**, v. 44, n. 261, p. 237-250, may/jun. 2004.

FRADE, G. **Arquitetura Sagrada no Brasil**: sua evolução até as vésperas do Concílio Vaticano II. São Paulo: Loyola, 2007.

FRANCISCO, PP. **A santa missa**. São Paulo: Paulus, 2018.

FRANCISCO, PP. **A teologia depois da *Veritatis Gaudium* no contexto do mediterrâneo**. Vaticano, 21 jun. 2019, p. 1. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/june/documents/papa-francesco_20190621_teologia-napoli.html>. Acesso: 23 jul. 2020.

FRANCISCO, PP. Carta Apostólica sob forma de ***Motu Proprio Aperuit Illis***, com a qual institui o Domingo da Palavra de Deus. Brasília: Edições CNBB, 2019.

FRANCISCO, PP. **Carta apostólica sob forma de *Motu Proprio Spiritus Domini***: sobre a modificação do Cân. 230 §1 do Código de Direito Canônico, acerca do acesso das pessoas do sexo feminino ao ministério instituído, do leitorado e do acolitado. Brasília: Edições CNBB, 2021.

FRANCISCO, PP. **Carta Encíclica *Fratelli Tutti***: sobre a fraternidade e a amizade social. São Paulo: Paulus, 2020.

FRANCISCO, PP. **Carta Encíclica *Laudato Si'***: sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: Paulus/Loyola, 2015.

FRANCISCO, PP. **Discurso aos voluntários do *Telefono amico***. Itália. Vaticano, 11 mar. 2017. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2017/march/documents/papa-francesco_20170311_volontari-telefono-amico.html>. Acesso em: 31 jul. 2020.

FRANCISCO, PP. Discurso in casione dela Commemorazione del 50.mo anniversario dell'Istituzione del sinodo dei Vescovi: Acta Apóstolicae Sedes. ***Città del Vaticano***, v. 107. p. 1138-1150, 2015.

FRANCISCO, PP. Discurso: momento de reflexão para o início do percurso sinodal. Disponível em: <<https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches>>

/2021/october/documents/20211009-apertura-camminosinodale.html>. Acesso em: 14 de out. 2021.

FRANCISCO, PP. Eu não temo as bruxas, mas as fofocas: mesmo aquelas do Vaticano. **IHU**, São Leopoldo, 15 mar. 2017, p. 1. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/565764-eu-nao-temo-as-bruxas-mas-as-fofocas-mesmo-aquelas-do-vaticano>>. Acesso em: 14 jul. 2020.

FRANCISCO, PP. **Exortação Apostólica *Christus Vivit***: para os jovens e para todo o povo de Deus. São Paulo: Paulus, 2019.

FRANCISCO, PP. **Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium***: sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulinas, 2013.

FRANCISCO, PP. **Exortação apostólica pós-sinodal *Amoris Laetitia***: sobre o amor na família. São Paulo: Paulus, 2016.

FRANCISCO, PP. **Homilia da Celebração Eucarística para a abertura do sínodo sobre a sinodalidade**. Disponível em: <<https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2021/documents/20211010-omelia-sinodovescovi.html>>. Acesso em: 14 out. 2021.

FRANCISCO, PP. **Mensagem aos participantes no simpósio pelo cinquentenário da promulgação da Constituição *Sacrosanctum Concilium***. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2014/documents/papa-francesco_20140218_messaggio-simposio-sacrosanctum-concilium.html>. Acesso em: 05 out. 2021.

FRANCISCO, PP. **Mensagem para 53º Dia mundial das comunicações somos membros uns dos outros (Ef 4,25)**: das comunidades de redes sociais às comunidades humanas. Vaticano, 24 jan. 2019. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/document/s/papa-francesco_20190124_messaggio-comunicazioni-sociali.html>. Acesso em: 23 jul. 2020.

FRANCISCO, PP. **Mensagem para a Assembleia Eclesial da América Latina e do Caribe**. Disponível em: <<https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2021-01/mensagem-papa-assembleia-celam-trujillo.html>>. Acesso em: 31 out. 2021.

FRANCISCO, PP. **Momento extraordinário de oração em tempo de pandemia**. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2020/documents/papafrancesco_20200327_omelia-epidemia.html. Acesso em: 30 jun. 2021.

FRANCISCO, PP. Os sacramentos e os dons do Espírito Santo. São Paulo: Paulus, 2019.

GATTI, V. Arte. In: SARTORE, D.; TRIACCA, A. M. (Orgs.) **Dicionário de Liturgia**. São Paulo: Paulus, 1992. p. 87-94.

GAUCHAZH COMPORTAMENTO. Nas redes sociais fala-se muito, mas pouco se escuta. Entrevista com Pamela Rutledge. **GZH Comportamento**, Rio Grande do Sul, 19 dez. 2015. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/comportamento/noticia/2015/12/pamela-rutledge-nas-redes-sociais-fala-se-muito-mas-pouco-se-escuta-4934382.html>>. Acesso em: 31 jul. 2020.

GELINEAU, J. A celebração da Aliança. In: BRAGA, C. et al. (Orgs.). **Em vossas assembleias**: sentido e prática da celebração litúrgica. São Paulo: Paulinas, 1975. p. 39-44.

GELINEAU, J. O canto dos Salmos. In: GELINEAU, J. et al. (Orgs.). **Em vossas assembleias**. São Paulo: Paulinas, 1975. p. 235-239.

GELINEAU, J. O lugar da assembleia. In: GELINEAU, J. et al. (Orgs.). **Em vossas assembleias**: sentido e prática da celebração litúrgica. São Paulo: Paulinas, 1975. p. 123-140.

GEORGE, A. *A l'écute de la parole de Dieu*. França: Les Équipes enseignantes et Les Editions du Cerf, 1965.

GIABBANI, A. Escuta. In: BORRIELLO, L. et al. (Orgs.). **Dicionário de Mística**. São Paulo: Loyola/Paulus, 2003. p. 370-371.

GIBIN, M. Introdução. In: HIPÓLITO DE ROMA. **Tradição Apostólica**. Petrópolis: Vozes, 1981. p. 9-42.

GIMENEZ, C. P. C.; TABORDA, A. B. S. A escuta ativa e alteridade como pressupostos para a liberação do perdão pela mediação. **Em Tempo**, v. 16, n. 1, p. 206-222, 2017. Disponível em: <<https://revista.univem.edu.br/emtempo/article/view/2418>>. Acesso em: 30 jul. 2020.

GIRAUDO, C. **Redescobrimo a Eucaristia**. São Paulo: Loyola, 2014.

GLOBO.COM. **50% dos brasileiros são católicos, 31% evangélicos e 10% não têm religião diz Datafolha**. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/01/13/50percent-dos-brasileiros-sao-catolicos-31percent-evangelicos-e-10percent-nao-tem-religiao-diz-datafolha.ghtml>>. Acesso em: 14 de maio 2021.

GOENAGA, J. A. O movimento litúrgico. In: BOROBIO, D. (Org.). **A celebração na Igreja**: liturgia sacramentologia fundamental. São Paulo: Loyola, 1990. v. 1, p. 126-135.

GOLEMAN, D. *Intelligenza emotiva: Cos'è. Perché può renderci felici*. Milano: Bur, 2009.

GOMES, A. A.; MELCHIORI, L. E. **A teoria do apego no contexto da produção científica contemporânea**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.

GOMES, C. F. **Antologia dos Santos Padres**. São Paulo: Paulinas, 1979.

GOSTINHO. Sermão 179,8. In: CORDEIRO, J. M. G. (Org.). **Antologia litúrgica**: textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2015. p. 1026-1027.

GRENZER, M. **O projeto do Êxodo**. São Paulo: Paulinas, 2007.

GRÜN, A. **Se quiser experimentar Deus**. Petrópolis: Vozes, 2003.

GRUNDMANN, W. *Das Evangelium nach Lukas*. Berlin: Evangelische Verlagsanstalt GmbH, 1974.

GUARDINI, R. **Sinais sagrados**. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2017.

- GUILLAUMONT, A. et al. **Uma leitura do Apocalipse**. São Paulo: Paulinas, 1983.
- GUYTON, A. C.; HALL, J. E. **Tratado de fisiologia médica**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.
- HAHN, S.; HAHN, K. **Todos os caminhos levam a Roma: o nosso percurso até o catolicismo**. Lorena: Editora Cléofas, 2014.
- HAUFE, G. Homilia. In: BALZ, H; SCHNEIDE, G. (Orgs.). *Dizionario exegetico del Nuovo Testamento*. Brescia: Paideia, 1998. p. 591-597, v. 2.
- HEAR IT. **O ouvido interno**. Disponível em: <<https://www.hear-it.org/pt/O-ouvido-interno->>. Acesso em: 24 jul. 2020.
- HENRI, P. *Les aveugles et la société*. Paris: PUF, 1995.
- HIPÓLITO DE ROMA. Entrada no catecumenato. In: CORDEIRO, J. M. G. (Org.). **Antologia litúrgica: textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio**. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2015. p. 249-250.
- HIPÓLITO DE ROMA. Instituições e nomeações. In: CORDEIRO, J. M. G. (Org.). **Antologia litúrgica: textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio**. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2015. p. 248-249.
- HIPÓLITO DE ROMA. O catecumenato. In: CORDEIRO, J. M. G. (Org.). **Antologia litúrgica: textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio**. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2015. p. 250-251.
- IHU. **“Escutai!” Esse será o tema da mensagem do Papa Francisco, para o 56º Dia Mundial das Comunicações**. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/613294-escutai-esse-sera-o-tema-da-mensagem-do-papa-francisco-para-o-56-dia-mundial-das-comunicacoes>>. Acesso em: 01 out. 2021.
- INÁCIO DE ANTIOQUIA. Carta aos Efésios. In: PADRES APOSTÓLICOS. São Paulo: Paulus, 1995, v. 1, p. 81-89.
- INFOPÉDIA. **Cosmos**. Porto: Porto Editora. Disponível em: <[https://www.infopedia.pt/\\$cosmos](https://www.infopedia.pt/$cosmos)>. Acesso em: 05 nov. 2021.
- INSTITUTE FOR NEW TESTAMENT. Textual Research and the Computer Center of Münster University. **Concordance to the *Novum Testamentum Graece*: of Nestle-Aland, 26th edition, and to the Greek New Testament**. 3rd edition. Berlim/Nova York: Walter De Gruyter, 1987.
- IRINEU DE LEÃO. **Contra as heresias**. São Paulo: Paulus, 1995.
- ISNARD, C. J. C. Introdução. In: CNBB. **Orientações para a celebração da Palavra de Deus**. Brasília: CNBB, 1994. (Doc. 52).
- JAMES, J. G. *The Ecological Approach to Visual Perception*. Nova York: Psychology Press, 1986.
- JERÔNIMO. Comentário ao Profeta Isaías. In: CORDEIRO, J. M. G. (Org.). **Antologia litúrgica: textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do Primeiro milênio**. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2015. p. 774-775.

JERÔNIMO. Comentário ao profeta Miquéias, livro I. 1,10. In: CORDEIRO, J. M. G. (Org.) **Antologia litúrgica**: textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2015. p. 774-785.

JERÔNIMO. Homilia 6. In: BUYST, I. **A Palavra de Deus na liturgia**. São Paulo: Paulinas, 2009. p. 16.

JOÃO CRISÓSTOMO. **Comentário às Cartas de São Paulo**: homilias sobre a Carta aos Romanos; comentários sobre a Carta aos Gálatas; homilias sobre a Carta aos Efésios. São Paulo: Paulus, 2010. v. 1.

JOÃO PAULO II, PP. **Audiência Geral**: a escuta da Palavra e do Espírito na revelação cósmica. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/audiences/2000/documents/hf_jp-ii_aud_20000802.html>. Acesso em: 03 nov. 2021.

JOÃO PAULO II, PP. **Carta apostólica *Mane Nobiscum Domine***: para o ano da Eucaristia. São Paulo: Paulinas, 2005.

JOÃO PAULO II, PP. **Carta apostólica *Novo Millennio Ineunte***. São Paulo: Paulinas, 2001.

JOÃO PAULO II, PP. **Carta Apostólica *Oriente Lumen***. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_letters/1995/documents/hf_jp-ii_apl_19950502_orientale-lumen.html>. Acesso em: 09 nov. 2021.

JOÃO PAULO II, PP. **Carta Apostólica *Spiritus et Sponsa no XXV aniversário da Constituição Sacrosanctum Concilium sobre a sagrada liturgia***. Vaticano 04 dez. 2003. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_letters/2003/documents/hf_jp-ii_apl_20031204_sacra-liturgia.html. Acesso em: 03 ago. 2020.

JOÃO PAULO II, PP. **Carta Encíclica *Redemptor Hominis***: aos veneráveis irmãos no episcopado, aos sacerdotes e às famílias religiosas, aos filhos e filhas da Igreja e a todos os homens de boa vontade no início do seu ministério pontifical. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_04031979_redemptor-hominis.html>. Acesso em: 30 set. 2021.

JOÃO PAULO II, PP. **Exortação apostólica *Catechesi Tradendae***. São Paulo: Paulinas, 1982.

JOÃO PAULO II, PP. **Exortação apostólica *Christifideles Laici***: vocação e missão dos leigos na Igreja e no mundo. São Paulo: Paulinas, 2011.

JOÃO PAULO II, PP. **Exortação apostólica *Familiaris Consortio***: sobre a função da família cristã no mundo de hoje. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_19811122_familiaris-consortio.html>. Acesso em: 30 set. 2021.

JOÃO PAULO II, PP. **Exortação apostólica *Vicesimus Quintus Annus***: pelo aniversário da Constituição *Sacrosanctum Concilium* sobre a sagrada liturgia. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/es/apost_letters/1988/documents/hf_jp-ii_apl_19881204_vicesimus-quintus-annus.html>. Acesso em: 29 set. 2021.

JOÃO XXIII, PP. Discurso *Gaudet Mater Ecclesia* na abertura solene do Concílio. In: VATICANO II. **Mensagens, discursos, documentos**. São Paulo: Paulinas, 2007. p. 27-38.

JOHNSON, C.; JOHNSON, S. **O espaço litúrgico da celebração**: guia litúrgico prático para a reforma das igrejas no espírito do Concílio Vaticano II. São Paulo: Loyola, 2006.

JOUNEL, P. Lugares da celebração. In: SARTORE, D.; TRIACCA, A. M. (Orgs.) **Dicionário de Liturgia**. São Paulo: Paulus, 1992. p. 694-706.

JUNIOR, N. B. **A era da iconofagia**: reflexões sobre imagem, comunicação, mídia e cultura. São Paulo: Paulus, 2014.

JUSTINO DE ROMA. Apologia I. In: CORDEIRO, J. M. G. (Org.). **Antologia litúrgica**: textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do Primeiro milênio. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2015. p. 145-149.

KAMILA, L. **Quais são os passos da Lectio Divina?** Jovens conectados. Brasília, 21 fev. 2019. Disponível em: <<https://jovensconectados.org.br/quais-sao-os-passos-da-lectio-divina.html>>. Acesso em: 08 fev. 2021.

KARRIS, R. J. O Evangelho segundo Lucas. In: BROWN, R. E. et al. (Orgs.). **Novo comentário bíblico – São Jerônimo**: Novo Testamento e artigos sistemáticos. Santo André: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2011. p. 217-308.

KONINGS, J. **Evangelho segundo João**: amor e fidelidade. Petrópolis: Vozes; São Leopoldo: Sinodal, 2000.

KONINGS, J. Opção por Jesus: 21º Domingo do Tempo comum. **Revista Vida Pastoral**, ano 59, n. 322, p. 62-64, jul./ago. 2018.

KONINGS, J.; SILVANO, Z. A. Deuteronomio: primeiro acesso. In: KONINGS, J.; SILVANO, Z. A. (Orgs.). **Deuteronomio**: “Escuta, Israel!”. São Paulo: Paulinas, 2020. p. 13-23.

LANCELLOTTI, A. **Comentário ao evangelho de São Mateus**. Petrópolis: Vozes, 1980.

LATOURELLE, R. *Come Dio si rivela ao mondo*. Assisi: Cittadella, 2000.

LATOURELLE, R. **Vaticano II**: bilancio e prospettive, venticinque anni dopo. Assisi: Cittadella, 1987.

LATTKE, M. *Homileo*. In: BALZ, H.; SCHNEIDE, G. (Orgs.). **Dizionario exegetico del Nuovo Testamento II**. Brescia: Paideia, 1998. p. 589-591.

LE BRETON, D. **Antropologia dos sentidos**. Petrópolis: Vozes, 2016.

LEAHY, T. W. Epístola de Tiago. In: BROWN, R. E. et al. (Orgs.). **Novo comentário bíblico – São Jerônimo**: Novo Testamento e artigos sistemáticos. São Paulo: Academia Cristã/Paulus, 2011. p. 667-681.

LEÃO XIII, PP. **Carta Encíclica Providentissimus Deus**. Roma, 18 nov. 1893. Disponível em: <<http://www.vatican.va/content/leo-xiii/es/encyclicals>>

/documents/hf_1-xiii_enc_18111893_providentissimus-deus.html>. Acesso em: 05 fev. 2021.

LÉON-DUFOUR, X. **Leitura do Evangelho segundo João II**. São Paulo: Loyola, 1996.

LIBÂNEO, J. B. **Como saborear a celebração eucarística?** São Paulo: Paulus, 2008.

LIMA, M. L. C. **A Palavra de Deus em palavras humanas: para ler e compreender a Escritura**. São Paulo: Paulinas, 2020.

LOPES, F. G. **O Deuterônimo: uma lei pregada**. São Paulo: Paulinas, 1992.

LOPES, G. **Dei Verbum: texto e comentário**. São Paulo: Paulinas, 2012.

LUTHER, M. **Word and Sacrament I**. Philadelphia: Fortress, 1960.

MACEDO, A. A. O canto litúrgico. **O Recado**, n. 225, p. 15-17, jan./fev. 2010.

MACHADO, R. C. A. **O espaço da celebração: mesa, ambão e outras peças**. São Paulo: Paulinas, 2008.

MACHADO, R. C. A. **O local de celebração: arquitetura e liturgia**. São Paulo: Paulinas, 2001.

MAGGIONI, B. O Evangelho de João. In: FABRIS R.; MAGGIONI, B. (Orgs.). **Os Evangelhos**. São Paulo: Loyola, 1992. v. 2, p. 249-543.

MAGRASSI, M. **Viver a Palavra**. São Paulo: Paulinas, 1983.

MARETTI, E. Shopping é a verdadeira catedral do mundo contemporâneo. **Rede Brasil Atual**, São Paulo, 02 jul. 2016. Disponível em: <<https://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/2016/07/shopping-e-a-verdadeira-catedral-do-mundo-contemporaneo-diz-professor-5875/>>. Acesso: 27 abr. 2021.

MARGUERAT, D. **A primeira história do cristianismo: os Atos dos Apóstolos**. São Paulo: Loyola/Paulus, 2003.

MÁRQUEZ-FERNÁNDEZ, A. B. **Pensar com os sentimentos: razão, escuta, diálogo, corpo e liberdade**. Nova Petrópolis: Nova Harmonia/Única, 2014.

MARSILI, S. A liturgia. In: NEUNHEUSER, B. et al. (Orgs.). **A liturgia: momento histórico da salvação**. São Paulo: Paulinas, 1987. v. 1, p. 95-115.

MARSILI, S. Liturgia. In: SARTORE, D.; TRIACCA, A. M. (Orgs.). **Dicionário de Liturgia**. São Paulo: Paulus, 1992. p. 638-651.

MARTINI, A. O provisório e o transcendente. In: MARTINI, A. et al. (Orgs.). **O humano, lugar do sagrado**. São Paulo: Olho d'Água, 1995.

MATEOS, J.; BARRETO, J. **O evangelho de São João**. São Paulo: Paulinas, 1989.

MATINEZ DE OLIVEIRA, F. A constituição dogmática *Dei Verbum* e o Concílio Vaticano II. **IHU**, v. 12, ano 12, n. 112, p. 3-23. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/images/stories/cadernos/teopublica/102_cadernosteologiapublica>. Acesso em: 01 fev. 2021.

- MATOS, H. C. J. **Concílio Vaticano II: história, herança, inspiração**. Belo Horizonte: O Lutador, 2012.
- MAZZA, E. *La mistagogia: una teologia della liturgia in epoca patristica*. Roma: CLV, 1988.
- MAZZAROLO, I. **A Eucaristia: memorial da Nova Aliança**. São Paulo: Paulus, 2006.
- MAZZAROLO, I. **As três cartas de São João: exegese e comentário**. Rio de Janeiro: Mazzarolo Editor, 2010.
- MAZZAROLO, I. **Atos dos Apóstolos ou Evangelho do Espírito Santo**. Rio de Janeiro: Mazzarolo Editor, 2014.
- MAZZAROLO, I. **Carta de Paulo aos Gálatas: da libertação da Lei à filiação em Jesus Cristo**. Rio de Janeiro: Mazzarolo Editor, 2013.
- MAZZAROLO, I. **Carta de Paulo aos Romanos: educar para a maturidade e o amor**. Rio de Janeiro: Mazzarolo Editor, 2006.
- MAZZAROLO, I. **Evangelho de Marcos: estar ou não com Jesus**. Rio de Janeiro: Mazzarolo Editor, 2012.
- MAZZAROLO, I. **Evangelho de São Mateus**. Rio de Janeiro: Mazzarolo Editor, 2005.
- MAZZAROLO, I. **Lucas: a antropologia da salvação**. Rio de Janeiro: Mazzarolo Editor, 2013.
- MAZZAROLO, I. **Lucas: a antropologia da salvação**. Rio de Janeiro: Mazzarolo, 2013.
- MAZZAROLO, I. **O Apocalipse de São João: esoterismo, profecia ou resistência?** Rio de Janeiro: Isidoro Mazzarolo, 2016.
- MAZZAROLO, I. **O clamor dos profetas ao Deus da justiça e misericórdia**. Rio de Janeiro: Mazzarolo, 2007.
- MAZZAROLO, I. **Primeira e segunda carta a Timóteo e Tito**. Rio de Janeiro: Mazzarolo, 2014.
- MCKENZIE, J. L. Aliança. In: MCKENZIE, J. L. (Org.). **Dicionário Bíblico**. São Paulo: Paulus, 1983. p. 24-27.
- MCKENZIE, J. L. Siquém. In: MCKENZIE, J. L. (Org.). **Dicionário Bíblico**. São Paulo: Paulus, 1983. p. 890-892.
- MELDAU, D. C. **Ouvido**. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/audicao/ouvido>>. Acesso em: 30 mar. 2020.
- MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- MILLER, J. D. Effects of noise on people (IV). In: CARTERETTE, E.; FRIEDMAN, M. *Handbook of Perception*. Nova York: Hearing, 1978.
- MIRANDA, E. E. **Corpo, território do Sagrado**. São Paulo: Loyola, 2007.

MONLOUBOU, L; DU BUIT, F. M. Ouvir. **Dicionário Bíblico Universal**. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Santuário, 1997.

MORGEN, M. **As epístolas de João**. São Paulo: Paulinas, 1991.

MOULINET, D. **O Vaticano II**: contando aos que não o vivenciaram. São Paulo: Paulus, 2012.

MURA, G. **Pensare la parola**: per una filosofia dell'incontro. Roma: Urbaniana University Press, 2001.

MURONI, P. A. La mistagogia ritrovata. L'esperienza della mistagogia nella recezione del RICA. In: GIRARDI, L. (Org.). **La mistagogia**: attualità di una antica risorsa. Roma: CLV/Edizioni Liturgiche, 2014. p. 70-85.

MURPHY, R. E. **Jó e os Salmos**: encontro e confronto com Deus. São Paulo: Paulinas, 1985.

NAZINI, G. **A arte da escuta no serviço pastoral**: escutar significa amar. Uberlândia: A Partilha, 2015.

NEUNHEUSER, B. As reformas litúrgicas do século IV ao Vaticano II. In: MARSILI, S. et. al. (Orgs.). **Panorama histórico geral da liturgia**. São Paulo: Paulinas, 1986. v. 2, p. 247-28.

NEUNHEUSER, B. História da liturgia através das épocas culturais. São Paulo: Loyola, 2007.

NEUNHEUSER, B. Movimento litúrgico. In: SARTORE, D.; TRIACCA, A. M. (Orgs.). **Dicionário de Liturgia**. São Paulo: Paulus, 1992. p. 787-799.

NICCACI, A.; BATTAGLIA, O. **Comentário ao evangelho de São João**. Petrópolis: Vozes, 1981.

NICHOLS, R. **Listening**: is a 10 Part Skill. Chicago: Enterprise Publications, 1957.

NICHOLS, R. **The Struggle to Be Human**. Atlanta, Geórgia, 17 fev. 1980. Disponível em: <<https://www.listen.org/resources/Nichols%20Struggle%20to%20be%20Human.pdf>>. Acesso em: 31 jul. 2020.

NOCENT, A. Iniciação cristã. In: SARTORE, D.; TRIACCA, A. M. (Orgs.). **Dicionário de Liturgia**. São Paulo: Paulus, 1992. p. 593-606.

NUCAP. **Paróquia, casa da iniciação à vida cristã**: a partir do documento 107 da CNBB. São Paulo: Paulinas, 2017.

OLIVO, J. R. **A resiliência de Jó**. Estados Unidos da América: CreateSpace, 2018.

OSAVA, M. M. Bíblia e liturgia: da *Providentissimus Deus* à *Evangelii Gaudium*. **PqTeo**, v. 4, n. 2, p. 107-122, jul./dez. 2019.

OTTAVIANI, E. Fundamentos e instrumentos para a realização de boas homilias. In: CORAZZA, H.; OTTAVIANI, E.; DE JESUS, L. N. (Orgs.). **Homilia**: espaço para comunicar a esperança. São Paulo: Paulinas, 2017. p. 17-67.

PADRES CONCILIARES. **Mensagem enviada à humanidade no início do Concílio Vaticano II**: AAS 54 (1962), p. 822-823, out. 1962. Disponível em:

<<https://www.vatican.va/archive/aas/documents/AAS-54-1962-ocr.pdf>>. Acesso em: 03 out. 2021.

PALUDO, F. A celebração da Palavra de Deus. In: CELAM. **A celebração do mistério pascal**: outras expressões celebrativas do mistério pascal e a liturgia na vida da Igreja. São Paulo: Paulus, 2007. v. 4, p. 155-186.

PALUDO, F.; D'ANNIBALE, M. A. A Palavra de Deus na celebração. In: CELAM. **A celebração do mistério pascal**: fundamentos teológicos e elementos constitutivos. São Paulo: Paulus, 2005. v. 2, p. 143-191.

PARO, T. F. **Catequese e liturgia na iniciação cristã**: o que é e como fazer. Petrópolis: Vozes, 2018.

PARO, T. F. O espaço litúrgico como experiência mistagógica. **Teocomunicação**, v. 44, n. 3, p. 381-395, set./dez. 2014.

PASQUALETTI, F. *Suono*. In: LEVER, F. et al. (Orgs). **La comunicazione**: il dizionario di scienze e tecniche. Rivoli (TO): Elledici; Roma: Las RaiEri, 2002. p. 1105-1108.

PASTRO, C. **Teologia do espaço**. São Paulo: Grafa, 2006.

PAULO VI, PP. **Carta Encíclica *Ecclesiam Suam***: sobre os caminhos da Igreja. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/encyclicals/documents/hf_p-vi_enc_06081964_ecclesiam.html>. Acesso em: 06 set. 2021.

PAULO VI, PP. Constitutio Apostolica *Laudis Canticum*. In: CORDEIRO, J. M. G. (Org.). **Enquirídio dos Documentos da Reforma Litúrgica**. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2014. p. 464-469.

PAULO VI, PP. Discurso na abertura do segundo período do Concílio. IN: VATICANO II. **Mensagens, discursos, documentos**. São Paulo: Paulinas, 2007. p. 45-60.

PAULO VI, PP. **Exortação apostólica *Evangelii Nuntiandi* ao episcopado, ao clero, aos fiéis de toda a Igreja**: sobre a evangelização no mundo contemporâneo. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost_exhortations/documents/hf_p-vi_exh_19751208_evangelii-nuntiandi.html>. Acesso em: 20 ago. 2021.

PAULO VI, PP. *Ministeria Quaedam*. In: CORDEIRO, J. M. G. (Org.). **Antologia litúrgica**: textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2014. p. 575-579.

PAULUCCI, B. P. **Fisiologia da audição** (PDF). Disponível em: <https://forl.org.br/Content/pdf/seminarios/seminario_28.pdf>. Acesso em: 30 jul. 2020.

PEREIRA, K. H. **Manual de orientação**: transtorno do processamento auditivo. Florianópolis: Dioesc, 2014.

PEREIRA, L. D.; SCHOCHAT, E. **Processamento auditivo central**: manual de avaliação. São Paulo: Lovise, 1997.

PERKINS, P. As epístolas joaninas. In: BROWN, R. E. et al. (Orgs.). **Novo comentário bíblico – São Jerônimo**: Novo Testamento e artigos sistemáticos. São Paulo: Academia Cristã/Paulus, 2011. p. 816-834.

PERON, E. Celebrando no templo de suas casas: um povo sacerdotal. **Revista de Liturgia**, ano 47, n. 279, p. 5-8, maio/jun. 2020.

PIKAZA, J. **A teologia de Mateus**. São Paulo: Paulinas, 1978.

PINTO, T. O. Som e música: questões de uma antropologia sonora. **Revista de Antropologia**, v. 44, n. 1, p. 222-286, ago. 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-7701200100010007>. Acesso em: 26 jul. 2020>.

PIO XII, PP. **Carta Encíclica *Divino Afflante Spiritu***. Roma, 30 set. 1943. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/pius-xii/pt/encyclicals/documents/hf_p-xii_enc_30091943_divino-afflante-spiritu.html>. Acesso em: 05 fev. 2021.

PIO XII, PP. **Carta Encíclica *Mediator Dei***: sobre a Sagrada Liturgia. Roma, 20 nov. 1947. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/pius-xii/pt/encyclicals/documents/hf_p-xii_enc_20111947_mediator-dei.html>. Acesso em: 25 jan. 2021.

PIO XII, PP. ***Discours aux participants au Congrès International de Liturgie Pastorale***. Vaticano, 22 set. 1956. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/pius-xii/fr/speeches/1956/documents/hf_p-xii_spe_19560922_liturgia-pastorale.html>. Acesso em: 10 dez. 2020.

PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. **A interpretação da Bíblia na Igreja**. São Paulo: Paulinas, 1999.

PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO. **Diretório para a Catequese**. Brasília: Edições CNBB, 2020.

PONTIFÍCIO CONSELHO PARA AS COMUNICAÇÕES SOCIAIS. **Ética nas comunicações sociais**. São Paulo: Paulinas, 2000.

PORTER, L. E. Lucas. In: BRUCE, E. F. (Org.). **Comentário bíblico NVI**: Antigo e Novo Testamentos. São Paulo: Vida, 2008. p. 1637-1701.

POTESTÀ, G. L.; VIAN, G. **História do cristianismo**. São Paulo: Loyola, 2013.

PRADO, A. Vivemos tempos líquidos: nada é para durar. **ISTOÉ**, n. 2681, p. 1, jun. 2006. Brasil. Disponível em: <[https://istoe.com.br/102755_VIVEMOS+TEMPOS+LIQUIDOS+NADA+E+PARA+DURAR+>](https://istoe.com.br/102755_VIVEMOS+TEMPOS+LIQUIDOS+NADA+E+PARA+DURAR+/)>. Acesso em: 31 jul. 2020.

PRIGENT, P. ***L'Apocalipse di S. Giovanni***. Roma: Borla, 1985.

PROD'HOMME, F. O Espírito de Deus. In: CENTRO DE INFORMÁTICA E BÍBLIA. **Dicionário Enciclopédico da Bíblia**. São Paulo: Loyola/Paulinas/Paulus, 2013.

PUJOL, R.; CUNHA, N. T. Cérebro auditivo. **NeurOreille**, 01 fev. 2020. Disponível em: <<http://www.cochlea.eu/po/cerebro-auditivo>>. Acesso em: 25 de jul. 2020.

QUELLEC, J-Y. Celebrare nella creazione. In: GÉLINEAU, L. (Org.). **Assemblea Santa**: manuale di liturgia pastorale. Bolonha: EDB, 1991. p. 80-86.

RAHNER, K. O ouvinte da Palavra. In. RAHNER, K. **Curso fundamental da fé**. São Paulo: Paulus, 1989. p. 37-59.

RAMOS, B. D.; ALVAREZ, A. M.; SANCHEZ, M. L. Neurologia e processamento auditivo: novos paradigmas. *Docplayer*, Rio de Janeiro, 11 out. 2011. Disponível em: <<https://docplayer.com.br/4849564-Neuroaudiologia-e-processamento-auditivo-novos-paradigmas.html>>. Acesso em: 24 jul. 2020.

RAMOS, L. M. S. A Encyclica *Providentissimus Deus* do Santo Padre Leão XIII sobre os estudos bíblicos. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1903.

RATZINGER, J. **Introdução ao espírito da liturgia**. São Paulo: Loyola, 2015.

RATZINGER, J. **Teologia da liturgia**: o fundamento sacramental da existência cristã. Brasília: Edições CNBB, 2019.

REALE, G.; ANTISERI, D. **História da Filosofia**: Patrística e Escolástica. São Paulo: Paulus, 2005. v. 2.

REINERT, J. F. Inspiração catecumenal e conversão pastoral. São Paulo: Paulus, 2018.

REINERT, J. F. **Paróquia e iniciação cristã**: uma relação urgente. A interdependência entre renovação paroquial e mistagogia catecumenal. Rio de Janeiro, 2014. 299p. Tese. Faculdade de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

REIS, C. M. S. **Revelação e Bíblia**: o significado da Palavra de Deus na Igreja. Mariana: [s.ed.], 2005.

RENGSTORF, K. H. *Nuovo Testamento*: Il Vangelo secondo Lucas. Brescia: Paideia, 1980.

RETAMALES, S. S. **A Animação Bíblica Pastoral**: sua identidade e missão. São Paulo: Paulus, 2011.

REZENDE, A. M.; BINACHET, S. B. **Dicionário do latim essencial**. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

REZENDE, R. C. **Córtex cerebral**. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/biologia/cortex-cerebral/>>. Acesso em: 24 jul. 2020.

RICOEUR, P. *Éloge de la lecture et de l'écriture*. Montpellier: Études Theologiques et Religieuses, 1989.

RIUS-CAMPS, J. **O evangelho de Lucas**: o êxodo do homem livre. São Paulo: Paulus, 1995.

RODRIGUES, F. C. F. Da compaixão nasce a missão. **Vida Pastoral**, ano 61, n. 333, p. 56-59, maio/jun. 2020.

RODRIGUEZ, R. M. M. La escucha desde la psicoterapia. **Revista CLAR**, ano XLVIII, n. 1, enero/marzo 2010.

ROGERS, C. R. **Un modo di essere**. Milano: Giunti Editore, 2012.

ROUSSEAU, O. **Histoire du mouvement liturgique**: esquisse historique depuis le début du XIX siècle jusqu'au pontificat de Pie X. Paris: Les éditions du Cerf, 1945.

RUSCONI, C. **Dicionário do grego do Novo Testamento**. São Paulo: Paulus, 2003.

RUSSO, I. C. P; DOS SANTOS, T. M. M. **A prática da audiologia clínica**. São Paulo: Cortez, 1993.

SACRADA CONGREGAÇÃO DOS RITOS. *Musicam Sacram*. In: CORDEIRO, J. M. G. (Org.). **Enquirídio dos Documentos da Reforma Litúrgica**. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2014. p. 185-198.

SALES, L. M. M. **Mediare**: um guia prático para mediadores. Rio de Janeiro: GZ, 2010.

SANTANA, L. F. R. A Palavra de Deus na celebração litúrgica. In: DÔNDICI, G. (Org.). **Fecundados pela Palavra**: comentários à Exortação Apostólica *Verbum Domini*. Rio de Janeiro: PUC-Rio; São Paulo: Paulus, 2014. p. 81-96.

SANTANA, L. F. R. Bíblia e liturgia. **Atualidade Teológica**, v. 45, p. 510-530, set./dez. 2013.

SANTANA, L. F. R. Bíblia e liturgia: da *Dei Verbum* à *Verbum Domini*. **Atualidade Teológica**, v. 21, n. 56, p. 243-263, maio/ago. 2017.

SANTANA, L. F. R. **Liturgia no Espírito**: o culto cristão como experiência do Espírito Santo na fé e na vida. Rio de Janeiro: PUC-Rio; São Paulo: Reflexão, 2015.

SANTE, C. **Liturgia judaica**: fontes, estrutura, orações e festas. São Paulo: Paulus, 2004.

SANTOS, A. M. Gutenberg: a era da imprensa. **Percepções**, v. 1, n. 1, p. 14-23, jan./jun. 2012.

SCHÖKEL, L. A. **Dicionário Bíblico Hebraico-Português**. São Paulo: Paulus, 1997.

SCHÖKEL, L. A. **A palavra inspirada**: a Bíblia à luz da ciência da linguagem. São Paulo: Loyola, 1992.

SCHÖKEL, L. A.; DIAZ, J. L. **Profetas**: Isaías e Jeremias. São Paulo: Paulinas, 1988. v. 1.

SECRETARIA GERAL DO SÍNODO DOS BISPOS. **Vademecum para o sínodo sobre a sinodalidade**: manual oficial de auscultação e discernimento nas Igrejas locais. Vaticano: SGSB, 2021.

SENRA, R. A clínica nos EUA onde milionários “desconectam” filhos viciados em celulares e internet. **BBC/BRASIL**, Brasil, 16 fev. 2018. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-43070574>>. Acesso em: 31 jul. 2020.

SILVA, A. A. Catequese digital: por onde começar? *Insights* para pensar a catequese em tempos digitais e de pandemia. **Revista Vida Pastoral**, ano, 62, n. 340, p. 16-23, jul./ago. 2021.

SILVA, C. M. D. O impulso bíblico no Concílio: a Bíblia na Igreja depois da *Dei Verbum*. **Teocomunicação**, v. 36, n. 151, mar. 2006, p. 25-53. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/teo/article/view/1669>>. Acesso em: 31 jul. 2020.

SILVA, H. A. Verdade, conhecimento e emoção nas abordagens cognitivas. In: ABREL, C. N. et al. (Orgs.). **Psicoterapias cognitiva e construtivista: novas fronteiras da prática clínica**. Porto Alegre: Artmed, 2012. p. 21-33.

SILVA, J. A. Avanços e limites do movimento litúrgico no Brasil. In: CNBB. **Raízes históricas e teológicas da Sacrosanctum Concilium**. Brasília: CNBB, 2013. p. 45-68.

SILVA, J. A. **O movimento litúrgico no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1983.

SILVA, J. P. **O movimento beneditino e a reforma litúrgica dos séculos XIX e XX: uma proposta para leitura**. Disponível em: <<http://centrodeliturgia.com.br/nihil-operi-dei-praeponatur-rb-433/>>. Acesso em: 21 jan. 2021.

SIMÕES, E. A. Q.; TIEDEMANN, K. B. **Psicologia da percepção**. São Paulo: EPU, 1985.

SIVATTE, R. Un Dios con entrañas de misericordia que escucha el clamor de su Pueblo. **Revista Latinoamericana de Teología**, ano XVI, n. 46, p. 31-58, enero/abril 1999.

SKA, J. L. **O canteiro do Pentateuco**. São Paulo: Paulinas, 2016.

SKRZYPCZAK, O. **Esdras e Neemias**. Rio de Janeiro: Agir, 1958.

SLOYAN, G. S. **O evangelho de Marcos**. São Paulo: Paulinas, 1979.

SOUZA, N. O Concílio Vaticano I (1869-1870): uma fisionomia da Assembleia. **Cultura Teológica**, n. 25, ano VI, p. 31-39, out./dez. 1998.

SPADARO, A. **Web 2.0: redes sociais**. São Paulo: Paulinas, 2013.

STANLEY, D. M. **Evangelho de Mateus**. São Paulo: Paulinas, 1975.

STORNIOLO, I. **Como ler o livro do Deuterônômio: escolher a vida ou a morte**. São Paulo: Paulus, 2007.

STRACK, H. L.; BILLERBEY, P. **Kommentar zum Neuen Testament aus Talmud und Midrasch**. München: Beck, 1979. v. IV/I.

STUHLMUELLER, C. **Evangelho de Lucas**. São Paulo: Paulinas, 1975.

TABORDA, F. O desafio de ser uma Igreja da Palavra. **Observatório da Evangelização**, Belo Horizonte, PUC Minas, 09 jul. 2019. Disponível em: <<https://observatoriodaevangelizacao.wordpress.com/2019/07/09/o-desafio-de-ser-uma-igreja-da-palavra-por-francisco-taborda/>>. Acesso em: 28 jan. 2021.

TABORDA, F. **O memorial da Páscoa do Senhor: ensaios litúrgico-teológicos sobre a Eucaristia**. São Paulo: Loyola, 2009.

TAMBURRINO, P. Ecumenismo. In: SATORE D.; TRIACCA, A. M. (Orgs.). **Dicionário de Liturgia**. São Paulo: Paulus, 1992. p. 318-332.

TEIXEIRA, D. M. S. **O serviço de escuta à luz da Palavra de Deus: desafios pastorais**. Aparecida: Santuário, 2008.

TEMPESTA, O. J. *A Lectio Divina*. CNBB, Brasília, 19 maio 2010. Disponível em: <<https://www.cnbb.org.br/a-lectio-divina/>>. Acesso em: 08 fev. 2021.

TERESA DO MENINO JESUS. **Obras completas**. São Paulo: Loyola, 2001.

TERTULIANO. Apologético. In: CORDEIRO, J. M. G. (Org.). **Antologia litúrgica: textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do Primeiro milênio**. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2015. p. 203-208.

TERTULIANO. O Batismo. In: CORDEIRO, J. L. (Org.). **Antologia litúrgica: textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio**. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2015. p. 211-217.

TESTAFERRI, F. *La Parola viva*. Assisi: Cittadella, 2009.

TRIACCA, A. M. Bíblia e liturgia. In: SATORE D.; TRIACCA, A. M. (Orgs.). **Dicionário de Liturgia**. São Paulo: Paulus, 1992. p. 135-151.

TRIACCA, A. M. *Lo Spirito Santo nella liturgia e nella vita della Chiesa*. Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2011.

TROLL, J. **Produção e utilização de material didático sobre a fisiologia da audição e neurofisiologia**. Botucatu, 2009. 45p. Conclusão de curso. Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Campus de Botucatu. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/121626/troll_j_tcc_botib.pdf?squence=1>. Acesso em: 23 jul. 2020.

TULLIUS, Marcus. A esperança como perspectiva pastoral para a comunicação. **Revista Vida Pastoral**, ano, 62, n. 340, p. 32-38, jul./ago. 2021.

TURNER, G. **Silêncio interior: a chave para encontrar equilíbrio e a espiritualidade**. Petrópolis: Vozes, 2016.

VAGAGGINI, C. **O sentido teológico da liturgia**. São Paulo: Loyola, 2009.

VALENTE, G. R. A. Dez fatos e mistérios em torno de Ludwig van Beethoven. **DW**, Brasil, 17 dez. 2020. Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/dez-fatos-e-mist%C3%A9rios-em-torno-de-ludwig-van-beethoven/a-19066682>>. Acesso em: 30 jul. 2020.

VANNI, H. **Apocalipse**. São Paulo: Paulinas, 1984.

VARELLA, D. **Orelha externa**. Disponível em: <<https://drauziovarella.uol.com.br/corpo-humano/orelha-externa/>>. Acesso em: 23 jul. 2020.

VASCONCELOS, C. E. **Mediação de conflitos e práticas restaurativas: modelos, processo, ética e aplicação**. São Paulo: Método, 2008.

VASQUES, U. M. **A orientação espiritual: mistagogia e teografia**. São Paulo: Loyola, 2001.

VAZ, H. C. L. **Experiência mística e filosofia na tradição ocidental**. São Paulo: Loyola, 2015.

VELOSO, J. P. O local da proclamação da Palavra como *locus* ministerial: percurso histórico-litúrgico do ambão. In: ASSOCIAÇÃO DOS LITURGISTAS DO BRASIL. **Atualização litúrgica 3**. São Paulo: Paulus, 2020. p. 137-189.

VELOSO, J. P. O local de proclamação da Palavra como *Locus* ministerial: percurso histórico-litúrgico do ambão. In: ASSOCIAÇÃO DOS LITURGISTAS DO BRASIL. **Atualização Litúrgica 3**. São Paulo: Paulus, 2020. p. 137-190.

VEZZULLA, J. C. A mediação para uma análise da abordagem dos conflitos à luz dos direitos humanos: o acesso à justiça e o respeito à dignidade humana. In: SILVA, L. A. M. G. (Org.). **Mediação de conflitos**. São Paulo: Atlas, 2013. p. 63-93.

VIDA PÓS-PANDEMIA: o que esperar do futuro? Confira o que os pesquisadores têm a dizer. PUC-RS. Disponível em: <<https://www.pucrs.br/blog/vida-pos-pandemia-o-que-esperar-do-futuro/>>. Acesso em: 31 out. 2021.

VIEIRA, L. C. **A performance nos Salmos**: dança dos corpos nos textos. Belo Horizonte, 2011, 150p. Dissertação. Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais.

WARAT, L. A. **Surfando na pororoca**: o ofício do mediador. Florianópolis: Fundação Boiteux, 2004.

WILLIAMS, H. A. **Anatomias**: uma história cultural do corpo humano. Rio de Janeiro: Record, 2016.

WULF, C. **Traité d'anthropologie historique**. Paris: L'Hamttan, 2002.

YARDEN, D. A. **Diccionario Hebreo Español**. Tel-Aviv: Editorial Achiasaf LTDA, 1976.

ZANON, D. Igreja e comunicação: uma aproximação histórica. **Revista Vida Pastoral**, ano, 62, n. 340, p. 6-15, jul./ago. 2021.

ZARATIN, T. N. **Comunicação verbal. Educação vocal**: o teatro, fonte e apoio. São Paulo: Paulus, 2010.

ZUMBIRI, X. **Inteligência e realidade**. São Paulo: Realizações, 2011.